NOÇÕES

DE

GRAMMATICA PORTUGUEZA

DE ACCORDO COM O PROGRAMMA OFFICIAL

Para os exames geraes de preparatorios do corrente anno

PELOS PROFESSORES

Manoel *Pacheco da Silva Junior*

E

Lameira de Andrade

> Ainda quando a grammatica historica só désse em resultado tornar as grammaticas ordinarias mais logicas e mais simples, já não prestava pequeno serviço.

RIO DE JANEIRO

J. G. DE AZEVEDO – Editor

33 RUA DA URUGUAYANA 33

1887

Tinhamos emprehendido escrever uma grammatica completa da lingua portugueza, rompendo em lucta a tradição, e faziamos fundamento de entregal-a em breve á publicidade. O novo programma para os exames geraes de preparatorios, porem, veio fazer-nos mudar do proposito. E' que muitos dos pontos nelle exigidos para os exames de portuguez não se encontrando nas grammaticas que por ahi correm impressas, e os alumnos não tendo fontes onde possam haurir a instrucção de que carecem, resolvemos vir ainda uma vez em auxilio da mocidade estudiosa.

Não apresentamos este trabalho como merecedor de gabos de excellente, nem no intuito de nos revelarmos professores de sciencia jubilada. O tempo urgia; bosquejamos apenas o assumpto.

Nem sempre o nosso parecer coincidiu com a indicação do programma official; seguimos todavia, para maior segurança dos viajantes noveis, o roteiro apresentado pelo governo.

A unica difficuldade, e não pequena, com que tivemos de pleitear, foi a *dosagem.*

Acertadamente escreveu o illustre pedagogista Alberto Brandão:

> A grande difficuldade com que vão arcar os professores é a *dosagem,* porquanto, como disse Michel Bréal, não ha methodo mais perigoso do que o historico, quando mal applicado, e os autores do livro a apparecer têm de pôr de parte a vaidade natural aos que muito estudam para formularem um livro modesto e comprehendido pelos que começam a estudar.
>
> E isso, parece, ficará de accôrdo com os organisadores do programma, que devem saber que muitos dos pontos exigidos só poderiam ser tratados em theses, não de exames de preparatorios, mas de concurso no imperial collegio.

Seguindo esse conselho de mestre, fizemos o que deviamos; se o nosso trabalho, porem, não agradar a alguns, escrevam elles um outro — a maior aproveitamento dos estudantes —, e mostrem o que sabem e o que podem.

NOTA. — A materia que o alumno é obrigado a encerebrar vae impressa em typo maior; as notas encasadas no texto, e as que vão embaixo da pagina são destinadas aos que mais desejam aprender.

Entendemos dever forrar-nos á tarefa de nos occuparmos de definições e outras cousas elementares, que o alumno já deve conhecer desde a escola primaria.

PRIMEIRA LIÇÃO

Observações geraes sobre o que se entende por grammatica geral, grammatica historica ou comparativa, descriptiva, ou expositiva.— Objecto da grammatica e divisão do seu sentido.— Phonologia: os sons e as lettras; classificação dos sons e das lettras; vogaes; grupos vocalicos; consoantes, grupos consonantes; syllabas, grupos syllabicos; vocabulo; – notações lexicas.

1.— GRAMMATICA GERAL é o estudo dos factos e das leis da linguagem em toda a sua extensão.

E' o conjuncto dos processos communs a muitas linguas comparadas.

O fim, pois, da grammatica geral é coordenar as *semelhanças* e *divergencias* dos varios processos oraes, seguidos no maior numero das linguas conhecidas, para a expressão dos sentimentos e das idéas, estabelecendo ao mesmo tempo regras geraes, principios fundamentaes, leis communs e positivas.

Nesta accepção a grammatica geral é propriamente o estudo da linguagem *(glottologia)*, isto é, o estudo dos meios extraordinariamente numerosos pelos quaes o genero humano, na diversidade das raças e na successão dos tempos, exprimiu o pensamento.

No dominio da grammatica geral ha duas orientações:—a tendencia exclusivamente *logica*, que impõe *a priori* uma theoria do pensamento a todas as modalidades linguisticas; e a tendencia exclusivamente *morphica*, que procura explicar o sentido pela structura, o *interno* pelo *externo*.

Quando exclusivas, systematicas, ciumentas, essas orientações tornam-se viciosas; pois cumpre não esquecer que a palavra compõe-se de dous factores invariaveis — o physiologico e o psycologico, a *idéa* e a *fórma*. Para perfeita constituição da glottologia é pois de mister a intima combinação dos dous processos.

2.— Grammatica historica ou comparativa.—É a que emprega a *historia* e a *comparação* como instrumentos verificadores da linguagem.

Só ella nos ensina a dissecação scientifica dos vocabulos; permitte remontar ao passado obscuro, muito além do ponto em que param a lenda e a tradição; pode reconstituir a fórma typica das palavras desfiguradas ou gastas pelas migrações e pelos seculos. Assim, por exemplo, se quizessemos estudar o vocabulo *pomba*, a historia nos indicaria a origem no latim *palumba*, e—como todas as evoluções na vida humana foram lentas e graduaes—as fórmas intermediarias *paumba*, *paomba*, *poomba* (docs. do Sec. XIII); fr. *colombe*, *palombe;* hesp. *columba paloma;* it. *colomba*, *palombo*. [1]

---

[1] Em lat. *columba*, gen. gall.; *palumba (=palumbes, palumbus)*=pombo trocaz. Em port. temos o adj. *columbino* e *colombino*.

3. — GRAMMATICA DESCRIPTIVA OU EXPOSITIVA.— E' a codificação empyrica, a exposição analytica dos factos da linguagem.

Não investiga as *causas* nem explica as *leis*; seu fim é apenas classificar, definir, e exemplificar os materiaes linguisticos.

Este methodo grammatical, posto estude mui incompletamente a linguagem, é todavia de grande utilidade por sua clareza didactica, e ainda accrescentado pelos muitos respigos de *provas cumulativas.*

4. — O OBJECTO DA GRAMMATICA PORTUGUEZA, é pois o estudo geral, descriptivo, historico, comparativo e coordinativo ,mas tão sómente no dominio da lingua portugueza, dos factos da linguagem e das leis que os regem.

5. — Divide-se em *lexycologia* e *syntaxe.*

A *lexycologia* estuda a palavra individualmente, e subdivide-se em *phonologia* ou estudo dos sons (que comprehende —*phonetica*, *prosodia* e *orthographia*), *morphologia* ou estudo das fórmas, e *semiologia* ou estudo do sentido das palavras e da sua variabilidade.

A *syntaxe* trata da palavra collectiva, isto é, da *phrase* e da *proposição,* e divide-se em *grammatical* e *litteraria.*

A primeira é a theoria da coordenação e subordinação das palavras em suas relações de pura expressão formal do pensamento; a segunda é a theoria artistica da palavra em suas relações com a esthetica

do pensamento. D'esta nos occuparemos no ponto 46 *(estylistica).* [1]

6. — PHONOLOGIA é o estudo dos sons em geral.

Phonetica é a parte da grammatica que estuda as modificações, permutas e transformações dos sons.

A *phonetica portugueza*, pois, tem por fim o estudo historico de cada uma das lettras do nosso alphabeto, das permutas que soffreram na passagem do latim para a nossa lingua, e ainda o das modificações por que passaram até a fixação das fórmas vocabularias.

Base dos estudos grammaticaes, philologicos e glottologicos; esteio da etymologia scientifica, é ainda a phonetica que nos ministra as fórmas intermediarias hypotheticas, mas verificaveis, de tão subida utilidade para os estudos comparativos.

Não obstante, as leis phoneticas não são absolutas e rigorosamente fataes; representam apenas tendencias desenvolvidas da linguagem.

7. — SONS E LETTRAS. O som é um phenomeno natural que se produz em todas as suas variedades, mas subordinado a condições organicas; e o alphabeto natural é hoje perfeitamente explicado pela anatomia e pela physiologia, e ainda pela physica.

Podemos pois definir o som — producto do apparelho phonico.

---

[1] Esta divisão da grammatica é a mais vasta e geral. Outra, que tambem aceitamos, e mais determinada, é a seguinte — *phonologia, lexicologia, morphologia, morphologia analytica, syntaxe.*

Lettras são as representações graphicas dos sons. A' sua disposição methodica, bem como á dos sons, dá-se o nome de *alphabeto*.

Um systema alphabetico, deve estender-se do *a* aberto aos sons mudos e completamente fechados. São esses —diz Whitney— os seus limites naturaes e necessarios, e só os gráos intermediarios podem dividir-se em classes.

8. — Ha tres cathegorias de sons ou lettras, correspondentes a tres ordens de modificações do apparelho vocal — *vogaes*, *consoantes momentaneas*, *consoantes continuas*.

A divisão geral dos sons em *vogaes* e *consoantes*, basea-se: 1º, no esforço que se emprega para superar o obstaculo opposto á emissão do som; 2º, na natureza especial dos orgãos que constituem esse obstaculo, D'ahi ainda a divisão das consoantes em *continuas* (*vibrantes*, *liquidas*, *aspirantes*); *instantaneas* ou *explosivas*, *nasaes*, *chiantes*, e — *gutturaes*, *palataes*, *dentaes* e *labiaes*.

9. — As *vogaes*, são produzidas pelo larynge, posto que modificadas no som pelas differentes posições da lingua e dos labios. Cada uma dessas modificações do som origina uma *voz* ou *vogal* differente.

A cavidade bocal forma um canal igualmente largo ou dilata-lhe o segmento anterior estreitando o posterior: dá-se o primeiro caso para as vogaes *a*, *o*, *u*, o segundo para *e*, e *i*. Na emissão desses sons (*vogaes puras*), os orificios das cavidades nasaes fecham-se pela elevação da aboboda palatina: o contrario produz as *nasaes*. (Burnt. Kün. Phys.).

As vogaes fundamentaes, typicas são — *a*, *e*, *u*: *i* e *o* representam sons puros, porém intermediarios.

A nasalisação vocalica em portuguez, posto fosse vulgar no celta e no francez, não deve ser attribuida a estas influencias senão á da lingua romana.[1]

O *y* entre duas consoantes origina-se de um *ypsilon* grego, ainda mesmo nas palavras importadas pelo latim.

Entre vogaes equivale a um *i* ou *y* latino, ou é de intercalação euphonica. Serve ainda, no fim da palavra principalmente, para alongar a vogal (*aly*, *hy*, etc.)

No latim o *ypsilon* era representado nas mais antigas inscripções por *u* ou por *i*; e nos nossos primeiros documentos equivalia a *i* e *j* (*mayo*, *mayor*, *peyor*, etc.).

E' final em algumas palavras de origem estrangeira (*bey*, *dey*, *jockey*), e neste caso representa signal etymologico; e ainda nos nomes locaes derivados da lingua indigena (*Catumby*, *Andarahy*).

10. — As vogaes podem ser duplas ou compostas (de uma forte e uma fraca). A estes grupos vocalicos dá-se o nome de diphthongo; consistem na emissão de duas vozes constituindo um som unico, e dividem-se em *oraes* e *nasaes*: *ae*, (ai), *au*, (ao), *ei*, *eu* (eo,) *oe* (oi), *ou*, *ui*, e *ãe*, *ã* (an), *ão*, *õe*, *uim*.

O diphthongo é sempre consequencia de reforço ou abrandamento.

Chama-se *semi-diphthongos* aos grupos *ea*, *ia*, *ie*, *ua*, *ue uo*, e a razão salta aos olhos — as duas vogaes

[1] V. Pacheco Junior — *Revista Brazileira*. 1º vol. 122.

posto não se possam separar soam todavia distinctamente (*tenue, continuo*).

Alguns grammaticos,— entre os quaes Diez— consideram triphthongos portuguezes os grupos — *uae, uei:— iguaes, averigueis.*

Os monophthongos (*ai,=e, ei=i,* etc) só se conservaram no portuguez em relações etymologicas (*Eneas = Æneas, co-evo = ævum,* etc.)

11. — A theoria que explica a funcção das vogaes e as suas permutas na formação e derivação das palavras, chama-se *vocalismo.*

As alterações phoneticas mais são devidas á natureza das vogaes, cujas intimas relações physiologicas são manifestas na sua gradação e degradação, [1] e que — como ponderou Bopp—obedecem a uma escala de peso relativo.

12. — A *consoante* é um *ruido,* e não um *som.* Simples ruidos ou vibrações, não podem ser pronunciados senão com auxilio de uma vogal, e d'ahi lhes veio a denominação (*cum sonare*).

Uma corrente de ar passando por um tubo, fresta ou aresta, produz um som. Si o som é produzido por uma vibração regular e rythmica, chama-se *som musical* ou simplesmente *som*; se a vibração é irregular, isto é, se as suas ondulações successivas são intervalladas irregularmente, o tympano recebe a impressão de um simples *ruido*, e não de um *som.*

Os orgãos de respiração, pela inspiração e expiração, podem produzir muitos *sons* e *ruidos.*

Os orgãos necessarios para a producção da voz e pronuncia são os pulmões—os bronchios, a trachéa, o larynge (que comprehende as cordas vocaes, as fossas nasaes, e finalmente a boca lingua, labios, dentes).

---

[1] Caso curioso de reforço vocalico, á maneira do *guna* sansk., é a forma dialectal de Beira —*ai aula, ai augua*, etc.

O ar expellido pelos pulmões, passa dos bronchios para a trachéa, e chega á glotte : não podendo romper facilmente por esta fenda, é impellido com força pelo sopro contra as cordas vocaes inferiores, que entram em vibração. O ar torna-se então *sonoro.*"

13. — O *h* é simples signal etymologico ;—*hora, horto*... = lat. *hora, hortum; hydrogenco,* (gr. *hudros*), *Homero ;* notação de dierese ou resolução vocalica — *sahi, ahi.*

Parece que esta lettra era aspirada nos primeiros annos da formação da lingua, á semelhança do latim.

Deixando de soar, deixou tambem de ser representada graphicamente (*omen. onrra,* etc.); mais tarde, porem, os latinistas introduziram de novo esse signal na escripta e d'elle abusaram os escriptores dos seculos XIV e XV—*he, hir, hum, ho, he,* (verbo e conjuncção) *husofructo, hinsidias, hestromento, higualdaçom,* etc. E ainda hoje escrevemos *nenhum* por *nem um.*

Em muitos casos, porem, parece que seu fim era indicar o alongamento da vogal (*mheu sabhia,* etc.)

14. — As consoantes são *simples* — *b, c, d, f,* etc.: ou *compostas:* — *ch, lh, nh, ph,* etc. Ao *lh* e *nh* dá-se o nome de *molhadas.*

Ás combinações *bl, br, pl, pr, gl, gr,* etc. —accordadas, em geral, á euphonia latina, — chamam os grammaticos — *grupos consonantaes.* (V. ponto 3).

Á theoria explicativa da historia das funcções e permutas das consoantes denomina-se *consonantismo.*

A geminação das lettras só se dá no dominio das consoantes : 1.º por transmissão etymologica ou uso tradiccional—*cavallo* =

caballus; 2.º pelo reforço do *a* prosthetico regional: — *arrebentar;* 3.º por assimilação, nos compostos (directa ou indirectamente): — *arraigar, attrahir.*

Nos escriptos antigos empregavam a geminação vocalica para indicar a tonicidade ou transparencia etymologica (Sec. XII-XVI): — *avoo, poboo, diaboo, seem, Vaasco, Meem...; leer, seede, creede, aajes, soom, jáa, cruu, meesmo, meestre, door...* (Sec. XIII).[1]

A substituição d'esta graphia por vogal accentuada data do seculo XV em Ruy de Pina, e desapparece com Damião de Góes. As mesmas tendencias se observam na geminação das consoantes (reforço, alongamento exterior, etc.) nos mesmos seculos *onrras, ssa, rrios, mensse, tall, capitollo, ffillos, ffalsos, fforom* (Sec. XIII-XV)... ao passo que, quando etymologica, raro se encontra nos primeiros documentos da lingua (*abate, vosa* — seculo XII —, *apelido, aly* — seculo XIII —, etc.)

A geminação *ll* representava na mesma época a molhada *lh* (*barallar, moller, concello...*), *nn* = *nh.*

A maioria d'estes factos representa o periodo syneretico da orthographia.

15.— Syllabas, grupos syllabicos, vocabulo.— *As syllabas* representam os sons elementares do vocabulo: são as suas articulações ou juncturas.

Podemos ainda definir a syllaba — todo e qualquer som produzido por uma unica emissão de voz.[2]

Vocabulo é uma forma expoente de uma idéa ou sentimento.[3]

A formação das syllabas e dos grupos syllabicos depende principalmente da affinidade physiologica dos sons e sua correspondencia,[4] e de habitos euphonicos regionaes, subordinados quasi invariavelmente á lei ou ao principio de *menor acção.*

---

[1] Canc. Vat., Ined. d'Alle., L. Cons., etc.

[2] E como a voz é a emissão dos sons vocaes, segue-se que não póde haver syllaba sem vogal.

[3] Por excusado não nos referimos á sua constituição em *monosyllabos, dissyllabos,* etc.

[4] Ayer — Gramm.

Assim por exemplo, as combinações syllabicas — *cz*, *gn*, *pth* iniciaes, são transcripções de vocabulos não vernaculos, isto é, na sua formação desviaram-se das leis harmonicas do syllabismo portuguez. A verdadeira integridade ou unidade syllabica é quasi sempre consequencia do principio de menor esforço a que ácima nos referimos.

Phonica e morphologicamente os vocabulos são —homonymos (homophonos ou homographos) e paronymos; semiologicamente são mononymos, polynomynos, synonymos e antonymos. (V. lições 6ª e 12.ª).

16.— Notações lexicas.—São signaes graphicos que servem para exprimir a natureza, predominancia, contracção ou suppressão de vozes livres, e ainda para a representação abreviada das palavras.

São de tres especies—*phonicas*, *etymologicas* e *tachygraphicas*.

a) Á primeira especie pertencem os accentos *agudo*, *circumflexo*, a *dierese*, o *asterisco*, a *cedilha*, e o *til* ou accento nasal, etc.

O accento agudo indica não somente a tonicidade da syllaba, senão tambem uma contracção—*á* = *aa* = lat. ad-*illam*.

A *dierese* representa uma resolução vocalica, ou emprega-se em certas palavras para indicar que as duas vogaes não formam diphthongo (*ataüde*, *alaüde*) [1]

O *circumflexo* indica ensurdecimento vocalico (*sêde* = *siti*), e contracção (têm = *teem* = lat. tenent).

A *cedilha* é de origem hespanhola. O seu emprego data do seculo XIII, posto que nem sempre a empregassem os escriptores (*Guncaro*), que outras vezes d'ella se serviam pleonasticamente (*Gondiçalves*).

O *til* representa sempre uma nasal, e até as primeiras decadas do seculo XVI era empregado como notação abreviadora (*cõ* = com, *pẽdẽça* = *pendença* = *penitencia*). Ainda hoje escreve-se *q̄*, = *que*, etc. [2]

---

[1] E' este o meio graphico aconselhado por A. Garrett; geralmente, porem, emprega-se o accento agudo, e antigamente representavam-no por um *h* (*alahude*).

[2] *H* = *til* (*macho* = mão, *cristaho* = christão,...) F. da Guarda, Ined. Port. Nestes ultimos — doc. 409 — o *til* não é representado: *maao*, *sayoes*.

b) Os accentos *etymologicos* são o apostropho e a diastase.

O ultimo emprega-se em palavras formadas por juxtaposição; mas hoje o seu emprego é muito menos vulgar porque nos juxtapostos os elementos componentes vêm sempre claros e distinctos. Serve tambem, como signal formativo, para separar as syllabas da palavra.

c) Os accentos *tachygraphos* são as abreviaturas, usadas geralmente em fórmas onomasticas, de titulos honorificos e pronominaes.

Exemplifiquemos:

Sec. VIII	— *Test.*	=	testis
XII	— *conf.*		confirmo
	— *dña.*		dona
	— *F.*		firma
XIV	— *aq̃.*		aqui
	— *daq̃.*		d'aqui
	— *q̃sera.*		quisera
	— *s.*		saber
XV	— *d*[s].		Deus
	— *S*[r].		senhor
	— *V'*		vós
XVI	— *Bartoli.*		Bartolomeu
	— *Frez̃.*		Fernandes
	— *Glz̃.*		Gonçalves
	— *R.*		Réo
	— *V. A.*		Vossa Alteza

XVI	— *F (fr)*	= Frei
	— *VE*	Vossa Excellencia
	— *V. M.*	Vossa Mercê
	— *V. P.*	Vossa Paternidade
	— *V. R*	Vossa Reverencia
	— *V. S.*	Vossa Senhoria
	— *Chro.*	Christo
	— *JHS*	Jesus
XVIII	— *uer.*	mulher
	— *uto.*	muito
	— *Rdo.*	Reverendo
	— *Rmo.*	Reverendissimo
	— *Sor*	Senhor
	— *Sna*	Senhora

Sec. XIX *Att.*^{o}, *B.*^{el}, *Cr.*^{o}, *Dig.*^{mo}, *ex.* (exemplo), *Sñr.*, *P. S.* (post. escriptum), *p. e. f.* (por especial favor), *o. d. c.* (offerece, dedica e consagra), etc.

Todas essas notações são convencionaes.

SEGUNDA LIÇÃO

ACCENTO E QUANTIDADE

1. — *Accento* (lat. *accentus, ab-accinendo* = grego *prosodia*) é a influencia ou regra que determina a elevação ou ensurdecimento da syllaba.

E' a alma da palavra, como o definiu Diomedes; a viva emoção do sentimento que acompanha o discurso, o mediador entre o pensamento e a fórma, — na phrase de Humboldt.

2. — Ha quatro especies de accentos: *tonico*, *grammatical* ou *logico*, *oratorio* ou *phraseologico*, e *provinciano* ou *local*.

a) O accento tonico (gr. *tonos*) é a elevação da voz na pronuncia de uma syllaba para tornal-a mais saliente.

E' uma força conservadora, diz o professor Díez, que resiste em todo o dominio da linguagem á corrente

da degeneração phonetica, e por isso é a *alma*, o *centro de gravidade* da palavra.

Como em geral nos idiomas congeneres, o estudo do accento tonico é de summa importancia no portuguez [1] pois que na formação da lingua foi grande a sua influencia, a qual se manifesta:

1º na persistencia do accento, principalmente no vocabulario de fundo popular:

ángelus...anjo (arch. *angeo*)—Angelo
clavicula..cavilha, cravelha,—clavicula
parabola..palavra,—parabola
viaticum..viagem,—viatico
acuc'la....agulha

A deslocação do accento tonico dá-se sempre por circumstancias apreciaveis, taes como—influencia erudita (ainda que em muito menor proporção que em francez), o imparisyllabismo latino, a composição, a enclise, as derivações dialectaes:

pólypus...............polypo (polvo)
plátea................platéa (praça)
cáthedra..............cadeira
rénego................renego
éxplico...............explico
pústula...............bostélla

[1] Sobre a deslocação do accento tonico nas palavras de origem latina, é muito para ser comultado o que escreveu o Dr: Alfredo Gomes.

cómpater..............compadre
Hignes...............Ignez
Didocus..............Diogo
tímor................temor
etc. etc.

O accento latino estava subordinado á quantidade: d'ahi a influencia da penultima longa, sobre a qual elle recahia (*cantórem, amáre... rígidus, porticus...*)

Em muitissimos casos a deslocação do accento remonta ao latim vulgar (*ficatum* — figado, *currere, scribere, gémere, construere, rúmpere, facere, convertere, regere*, etc.. = *correr, escrever, gemer, construir*, etc.).

Estes verbos proparoxytonos em *ere* tinham uma fórma concurrente oxytona em *ire* — *curríri, scribíre*, etc. donde se derivaram as fórmas verbaes portuguezas, accentuadas na ultima pela quéda regular da vogal final.

2.— Na derivação. Os suffixos originarios atonos tornam-se tonicos em vocabulos de nova formação:

cristal-ino = lat. cristalum + inus
primaz-ia = primarium

3.— Na analogia—*imbécil, dúctil, textil.*

4.— Na obliteração dos casos, ou melhor no consequente desapparecimento das syllabas atonas:

lição......................lectionem
lei........................legem
face.......................facem

E as syllabas finaes eram sempre atonas.

5.— Na homonymia. Muitas vezes o accento distingue as fórmas homonymicas, que deixam consequentemente de ser homophonas: *ultímo último, vínculo vincúlo.*

6.— Na poesia. A obliteração e assonancia só produzem verdadeiros effeitos metricos, quando as lettras ou syllabas são accentuadas (*tants ternes tanto mando*—S. Res. Misc.—; *as que foram terra acima tiveram melhor atina...*; *deram á rainha o filho e á escrava deram a filha ; mal se levanta a rainha, vae-se ter com a cativa...* —Th. Br. *Anth.*) ; e o mesmo se dá com a rima, que consiste exclusivamente na homophonia de syllabas tonicas.[1]

Em regra, no portuguez, o accento cahe: 1°, na ultima se a palavra termina por vogal livre nasal, diphthongo ou consoante: *coração, irmã, bacalháo,* etc.[2]; ou nas vogaes *i* e *u: frenesi, bahu*[3]; 2°, na penultima syllaba se a palavra termina em vogal pura: *rosa, peito,...* ou nos diphthongos *ea, eo, ia, ie, io, ua, uo,— níveo, série, mágua*; 3°, na antepenultima, quando no latim era essa a syllaba accentuada: *magnifico, carnivoro, artificio*[4], *celeberrimo* (e todos os superlativos organicos), ou ainda nos substantivos terminados por certas desinencias gregas: *misanthropo, hydrocéphalo, homonymo, diaphano, monotono,* etc.

---

[1] G. Paris— *Acc.* 107.

[2] Excep. *martyr, homem, virgem,* etc; e principalmente nas palavras de origem não latina— *ambar, aljofar,...* e em voz livre nasal— *iman, orphão, orphã.*

[3] Excep. *quasi, tribu.*

[4] Estes adjectivos seguem a regra latina por motivo das desinencias, que são: *aco, aro, cola, fero, fluo, frago, fugo, geno, gero, ico, ido, imo, iplo, loquo, nubo, paro, pede, pelo, sono, ubo, uplo, volo, vomo, voro.*

D'ahi a divisão das palavras em *oxytonas* ou agudas, *paroxytonas* ou graves, e *proparoxytonas* ou esdruxulas.[1]

Os factos contrarios a este systema são devidos á influencia da enclise, cujo caracter principal é atonisar as palavras: *annuncia-se-lhes, mandando-se-lhes.*[2]

2.—Como em latim, os vocabulos polysyllabos tinham um accento secundario, que muitas vezes se confundia com o tonico nos dissyllabicos. Cahia na primeira syllaba de cada palavra ou syllaba inicial, e era representado por uma elevação de voz menos forte que sobre a tonica. Em portuguez póde o accento secundario cahir na primeira syllaba, na segunda, e sobre a terceira, isto é de accordo com os vocabulos primitivos: *símplesmênte, cortêzanía, valorôsissimo.*

Em portuguez nota-se mais geralmente o accento secundario nos compostos e derivados: *quebra-nozes, setecentos, constitucionalmente*, etc.

Neste caso os elementos da palavra conservam seu valor individual e significativo, o que— como acertadamente pondera um grammatico moderno— basta para explicar o facto.

3.— Esta herança dos dous accentos latinos constitue em todo o dominio romano um facto de maxima importancia.

---

[1] Em latim as palavras eram somente paroxytonas e proparoxytonas.

[2] Sobre a origem e o historico da enclise, vide —Lameira de Andrade, Vestigios da declinação latina, pags. 56, 57 — 1886.

Dando mais duração ou consistencia ás syllabas, provocava ao mesmo tempo o ensurdecimento ou a quéda das atonas que lhe estavam proximas. No portuguez, como no francez, a predominancia da tonica mais cresceu de ponto, dando em resultado muitas fórmas atrophiadas ou contractas.

Este phenomeno já era conhecido do latim popular e mesmo classico: *tab'la* portuguez *tabula* (tabua ; mas que deu *table* em francez), *temp'lum*, *sec'lum*, etc.

Para conservar o accento na mesma syllaba, foi o portuguez obrigado muitas vezes a essas contracções dos vocabulos latinos, supprimindo as vogaes breves que no latim seguiam a syllaba accentuada, — e d'essa apocope resultou o termos syllabas finaes accentuadas, desconhecidas dos Latinos. [1]

4.—Geralmente o accento tonico cahe na penultima, principalmente nos dissyllabos, se essa syllaba era longa em latim.

Esta tendencia já manifesta na linguagem dos Romanos para pronunciarem a syllaba final com accento grave, tem modificado forçosamente a prosodia de varias palavras. Assim por exemplo: o portuguez accentua as palavras compostas importadas do latim, como se fossem simples (*renégo*, *compádre*, etc.), e, por extensão, as compostas de outras já portuguezas.[2]

5.— Cahe na antepenultima, como em latim, quando a syllaba no vocabulo originario fôr breve: *rígido*, *portico*, *tímido*.

---

[1] Pacheco Junior. —PROSODIA— *Quantidade e accento.*—Ph., pg. 116.

[2] Idem.

O portuguez regeita a pronuncia das palavras em que todas as syllabas são breves, o que era usual entre os Latinos. Todavia conservamos algumas amostras: *mínimo*, *tímido*, *mórbido*,... [1]

6.—Nos proparoxytonos é de notar a syncope da vogal latina da antepenultima syllaba, o que constitue em portuguez principio importante na formação da lingua.

7.—Em geral, o accento persiste nos vocabulos importados directamente do grego (*geographia*, *cosmographia*....); mas são accentuados na antepenultima, por analogia, os que nos vieram por intermedio do latim (*astrónomo*, *apóstropho*, etc.)

8. — O accento secundario é tambem resultado de variações prosodicas dialectaes, e neste caso chama-se accento provinciano, ou sotaque provincial.[2]

São intonações de voz particulares, devidas ás influencias mesologicas muitas vezes de difficil apreciação, e que muito desvalorisam o accento tonico (*ó homem*, *Máceió*, *mólhér*....)

9. — O *accento oratorio* é do dominio da rhetorica. Provem do sentido que se dá a uma palavra ou phrase: não tem relação alguma com os elementos materiaes syllabicos.

Na contextura phraseologica são de notar as relações de dependencia entre este accento e o tonico.

---

1 Pacheco Junior — 73, 75.

2 *Sotaque* é propriamente — um dito ou apodo vulgar: hoje, porém, é empregado extensivamente para significar o accento particular a uma provincia, a peculiar modulação, etc.

Dá-se-lhe tambem a denominação de pathetico, oracional ou phraseologico.

Influenciou muitas vezes na formação dos vocabulos, como veremos em outro logar.

Ha ainda outro accento a que se póde chamar *mimico*. Origem das duplas de sentido, como, por exemolo, nas variadas modulações das particulas *ah! oh! ai! ui!*— que podem exprimir espanto, admiração, dôr, alegria, e reprehensão, enojo, etc., muito deve elle influenciar na accentuação. Modificando os sons, produz tambem outros accidentes, por tal fórma postos em seguimento, que podem ser considerados —*phenomenos reflexos da phonação.*

QUANTIDADE

Em latim, a quantidade era a alma do accento; em portuguez ella perdeu, porém, a sua força primitiva, e o accento — por sua persistencia ainda mais influenciou sobre aquella modalidade.

E' esta tão vaga em portuguez, que em geral os grammaticos só consideram longa a syllaba tonica.

Damos em seguida as regras, que todavia nos parecem mais seguras sobre a quantidade no nosso idioma: [1]

1.ª— E' longa a vogal tonica em posição, principalmente quando nasal —*pintura.*

Ha excepções, mas cumpre observar conservamos a quantidade latina sempre que ella é resultado da quéda de uma vogal *(fé, fée = fides)* ou da intercalação de uma consoante (*lembrar*).

Uma vogal em posição póde alongar-se em diphthongos. (Vide terceiro ponto).

---

[1] Estas regras são excerptadas da *Prosodia* de Pacheco Junior, (*Phon.*)

2.ª—E' longa a vogal accentuada quando se acha entre uma consoante e uma vogal:—*area* (arena).

E' consequencia da contracção dos vocabulos pela quéda da consoante média ou da syllaba de derivação e da flexão.

3.ª— E' longa a vogal nas terminações do singular em *s* ou *z*:—*feliz, dirás*; nas do plural em *aes oes, eis, es*:— *sóes, futeis, deuses.*

4.ª— Ainda é longa quando vem antes de um *m* ou *n* seguidos de uma consoante inicial: — *gambia*, *dansa.*

5.ª— Tambem é longa quando se acha na penultima syllaba antes de *s, z,* e *r.*

6.ª— E' longa toda a syllaba contracta:—*mesmo, pôr, vêr, seta, crença*... = meesmo, poer, veer, seeta, creença, credencia, etc.

7.ª— Os diphthongos são geralmente longos.

8.ª— Em regra, a vogal alonga-se antes das consoantes dobradas, principalmente *rr,* e *lh, nh.*

9.ª As vogaes atonas, principalmente quando seguem a syllaba tonica, são geralmente breves, e é esta a causa de frequente simplificação dos diphthongos latinos no portuguez.

A vogal final é, em regra, breve.

A longa accentuada do radical abrevia-se muitas vezes quando se lhe ajunta um suffixo ou uma flexão, que deslocam o accento.

A quantidade, elemento material, devia necessariamente enfraquecer-se e variar, já pelas idyosincrasias do fallar do povo, já pela tendencia para a contracção.

Estas mesmas causas se observam na lingua latina e explicam a obliteração da quantidade na lingua fallada, e tambem a abreviação do *o* final dos espondeos na epocha de Augusto, do *t* final longo dos verbos, etc. (*Cornelio* por *Cornelius*, *dedro* por *dederunt*, etc.), breves accentuadas consideradas longas nos hymnos de S. Ambrosio, os herametros de Commadianos sem a quantidade; o metro jambico de 12 syllabas accentuadas na 4ª e 10ª, origem do endecassyllabo italiano, e do decassyllabo francez da idade média. E' claro pois—conclue Reinach (*Phil. Class*)—que desde os Romanos a accentuação vencêra a quantidade.

TERCEIRA LIÇÃO

Origem das lettras portuguezas; leis que presidem á permuta das lettras; importancia d'estas transformações phonicas no processo de derivação das palavras.

ORIGEM DAS LETTRAS PORTUGUEZAS

a) VOGAES

A. — Em regra, representa: 1º, um A latino livre, atono, inicial, médio ou final; tonico seguido de liquida; em posição (principalmente antes de *l*, *r*, *s*, ou nasal): *asno* (asinus), *saude* (salutem), *porta* (porta), *barba* (barba), *campo* (campum); 2º, um E latino: *ebano* (ebenus), *rainha* (regina; port. arch.–reinha); 3º, um I originario em posição: *balança* (bilancem), *maravilha* (mirabilia); 4º, um O: *lagosta* (locusta),

dama (domina); 5º, um U: *trancar* (truncare), ant. *esbalho* = esbulho.

E. — Origina-se: 1º, de um E latino, livre, atono, inicial, médio ou final; em posição (principalmente depois de guttural), ou ainda de um E accentuado: *egreja* (ecclesia), *legume* (legumem), *regua* (regula); 2º, de um A atono ou tonico, livre ou em posição: *alegre* (alacris); 3º, de um I longo ou breve: *cercar* (circare), *receber* (recipere); 4º, de um O: *frente* (frontem); 5º, de Œ e Æ: *feno* (fœnum), *cebolla* (cæpulla).

I. — Deriva: 1º, de um I latino longo, atono ou tonico (principalmente na penultima syllaba): *liquido* (liquidus), *espinha* (espina); 2º, de um E longo, breve, ou accentuado: *rim* (ren), *isca* (esca); 3ª, de um AE: *cimento* (cæmentum).

O. — Tira origem: 1º, em um O latino tonico ou atono, livre ou em posição: *amor* (amorem): 2º, em um U inicial ou médio, livre ou em posição: *onda* (unda), *governar* (gubernare); 3º, em um A em posição: *fome* (fames), *ceroto* (ceratum); 4º, no diphthongo latino AU: *pobre* (pauper), *orelha* (auricula).

O ó aberto deriva-se de um O tonico ou de um U: *sórte* (sortem), *gróta* (gruta).

U. — Representa: 1º, um U latino, longo ou breve, accentuado (na penultima syllaba): *agudo* (acutus); 2º, um U atono em posição: *rugir* (rugire); 3º, um O: *tudo* (totus), *testimunho* (testimonium).

Y. — Corresponde ao *ypsilon* grego, ainda quando nas palavras importadas pelo latim: *analyse*, *lyra*, etc.

Deriva tambem de um I ou J latino, quando entre vogaes (Troya), ant. *mayo, peyor.*

As permutas e transformações das vogaes podem reduzir-se aos dous factos de alongamento e abrandamento.

As suas modificações podem ser devidas á influencia de outras vogaes ou á das consoantes, á accentuação, e tambem em composição á assimilação, dissimilação e contracção.

b) DIPHTHONGOS

Os nossos diphthongos provêm:

1º de um diphthongo originario: *autor* (autorem), *pouco* (paucum);

2º da quéda de uma consoante: *vaidade* (va-n-itatem), *meio* (me-d-ius);

3º de um A latino em posição antes de L: *outro* (alterum);

4º da attracção ou transposição da vogal: *aipo* (apium), *feira* (feria);

5º do alongamento da vogal: *dou* (do), *estou* (sto), *noute, noite* (noctem), *muito*, arch. *munto* (multum), *freio* (frenum). [1]

---

[1] Não admitto vocalisação das consoantes, posto todos os philologos se esteiem nessa theoria. A quéda da consoante trouxe o inevitavel alongamento da vogal, que a principio era representada por um *nasal* ou pela reduplicação da vogal. Qualquer que seja o grupo *pt, ct, lt,* etc., (*preceito* — preceptus, *direito* — directus, etc.) deu-se sempre a quéda da 1ª consoante e o alongamento da vogal precedente. — Pacheco Junior (*Grammatica historica.*)

Ui só é diphthongo nasal em *mui*, *muito*, que soam *muin muinto.*

Os diphthongos nasaes (*am*, *an*, *ão*, *ãe*, *õe*) derivam-se das desinencias latinas *anus*, *onem* : *christãos* (lat. *christianus*, p. arch. *christiano*, ainda hoje conservado como nome proprio), *benção* (benedictionem); *arun*, ...

As modificações das vogaes em posição dependem maiormente, não de sua tonacidade ou atonicidade, mas da natureza da primeira consoante que se lhe segue. Assim, por exemplo: si fôr *l*, a vogal diphthonga-se em *ou* (*outro*—alterum), ou simplifica-se *scopro*—scalprum); si fôr guttural, esta cahe, e a vogal diphthonga-se por alongamento (*feito*—factum, *direito* —directum). E o mesmo acontece ao *p* no grupo *pt*, etc.: —*preceito* — preceptus [1]

As modificações das vogaes reduzem-se pois aos dous factos de alongamento e abrandamento; as suas permutas e sorte dependem, não sómente da sua natureza, quantidade e accentuação. — a cujas regras latinas, o portuguez na sua formação foi sempre adstricto—, senão tambem da natureza dos elementos (vogaes e consoantes) que as cercam. E já nos referimos á preponderancia de uns sons sobre outros, á sua mutua reacção.

E' esta a causa de serem menos persistentes as vogaes livres que as em posição.

Em muitos casos as transformações indicadas pela phonetica nada mais são do que differenças graphicas, cumprindo advertir que os nossos primeiros escriptores mais se regulavam na orthograhia pela pronunciação. Assim é, por exemplo, que, parece-nos, o diphthongo lat. *au* soava *ou* (*oi*, *o*) quando se lhe seguia consoante,

---

[1] Esta minha opinião foi publicada em 1871; os professores Fausto Barreto, Alfredo Gomes e outros aceitaram-n'a; em uma obra deste anno, impressa na Europa por Brunot, é este tambem da minha opinião.—*Pacheco Junior.*

e a próva temos em que todos os povos romanos nas palavras populares aprendidas de outiva, representaram o diphthongo latino sonicamente por *ou* e *o* (*aurum*, ouro, or, oro, etc.)

c) CONSOANTES

Todas as consoantes portuguezas vieram do latim.

B — Em geral representa: 1º, um *b* originario inicial ou medio:— *bom* (bonus), *diabo* (diabolus); 2º, um *v*:— *bexiga* (vessica); 3º, de um *p*:— *lobo* (lupus), *cabello* (capillo).

Temos um exemplo em que o *b* origina-se de um *f* — *ábrego* — africus; mas por intermedio de uma fórma em *v*.

C — Guttural ou forte (*K*), provém de um *c* duro latino ou da sua equivalente *qu*, — inicial ou médio:— *corpo* (corpus), *nunca* (nunquam); ou ainda de *cc* lat.

C — brando origina-se: 1º, de um C brando do latim da decadencia :—*céo* (cœlum), *cidade* (l. p. *citatem* = civ-i-tatem); 2º, de um Q (*qu*) :—*cinco* (quinque)[1]; 3º, de um X :—*tecer* (texere); 4º de SS:—*ruço* (russus); 5º, da combinação TI seguida de vogal :— *graça* (gratia), *nação* (nationem).

Os grupos *t-ia*, *t-ie*, *t-io*, *t-iu*, cumpre advertir, soavam já no latim *ci* e *tz*; nos antigos monumentos até o Sec. de Augusto concorrem aquellas fórmas parallelas ás em *ci*, *ssi*, *si*, (*eciam*, *altercasione*.)[2]

Nos seculos V, VI e VII, os Romanos pronunciavam *z* por *t*.

---

[1] Cp. francez— i *cinq;* it. *cinque*, hesp. *cinco*.

[2] Dahi o som brando em todas as linguas neo-latinas,—fr. *nation;* it. *nazione;* hesp. *nacion*, etc.

D — Deriva: 1°, de um D primitivo (inicial ou medio):—*dedo* (digitus), *surdo* (surdum); 2°, de um T medio, abrandamento este muito frequente nos vocabulos de origem popular:—*todo, tudo* (totus), *vida* (vita).

F —Esta consoante representa: 1°, um F ou PH, originario: — *frasco* (flasca), *cofre*, (cóphinus); 2.°, um V: —*fisgar* (viscare); 3°, o KHE arabe (= *j* aspirado): — *alforges* (alkhordj).

A transformação do *f* em *v*, e *vice-versa*, foi mui frequente na provincia hispanica depois do dominio arabe.

G —Provém: 1°, de um G forte ou brando primitivo (principalmente inicial):—*gosto* (gustus), *negro* (niger); 2.°, de um C forte: — *pagar* (pacare), *lagrima* (lacrima); 3.°, de um Q:—*aguia* (aquila) *guitarra* (ar. quitarra): 4.°, de um V: — *gastar* (vastare); 5°, de um W germanico:—*tregua* (triwa) *guante* (wantus)[1]; 6°, de um gamma grego: — *glotte* (glottis).

O G brando origina-se:—1°, de um G brando primitivo:—*gemer* (gemere); 2°, de um C brando— muito frequente no seculo XVI:—*aduger* (adducere); 3°, de um Z: — *gengibre* (zinziber), ant. *prigon* (presionem).

---

[1] Lat. pop. *wantos*. Lê-se nas actas Sanct,—*chiroteas quaes vulgo* wantos *vocant*.

H — Representa: 1.º, um H latino: — *herva* (herba); 2º, um F latino: — arch. harto, ahinco (= fartus; afinco, de afico); 3º, a aspiração grega.

Não é modificação phonica; mas, propriamente fallando, uma simples notação graphica e etymologica.

J — Deriva-se: 1º, de um J e G brando latinos; 2º, de um Z ou S: — *gargarejar* (gargarisare), arch. *cajom*, *cajão* (occasionem); 3º de um HI (I): — *Jacintho* (Hiacinthus); 4º, de um S, seguido de I: *beijo* (basium), *cerveja* (cervisia); 5º, de um D, seguido de I: — *jornal* (diurnalis), *hoje* (hodie); 6º, do *dijim* arabe: — *jarra* (dijarra, dijarres); *julepe* (djulab).

Representa o abrandamento do *dj*, cujo som ainda persiste em alguns angulos de Portugal e em S. Paulo (no linguajar caipira): — *djá*, *djogo*, *dgente*, e ainda no galleziano, provençal e italiano.

A permuta do *d* pelo *g* brando ou *j* já era usual no latim do seculo IX; e o *dj* representa um verdadeiro som romanico.

K — Representa, ainda que inorthologicamente, o *chi* grego: — *Kisto* (chistos), *killogramma* (*chilo* e *gramma*).

L — Provém: 1º, de um L originario — inicial, mêdio ou final: — *lettra* (littera), *pello* (pillus), *sol* (sol); 2º, de um R: — *palavra* (parabola)[1]; 3º de um N: — arch. *lomear* (nominare), *alimal*,[2] *Bolonha* (Bononia), etc.

---

1 Docs. Secos. XIII e XIV — *parava*, *peravaa*, *perabola*.

2 Estas e outras amostras ainda perduram na linguagem inculta de Portugal.

Em *julgar* (juzgar) do lat. *jud* (i) *care* não foi, —parece-nos—, o D que se coverteu em L port., mas sim este que se intercallou por motivo euphonico, depois da quéda do dental.

Em *lembrar* o L não representa um *m* latino, pois não deriva directamente de *memorare*, mas da fórma intermediaria port. *nembrar*.

M — Tem por origem: 1º, um M typico inicial, medio ou final:—*morte* (mortem), homem (ho*m*ine*m*); 2º, um N, principalmente final:—*bem* (ben-e), *bom* (bon-us); 3º, um B em *mormo* (morbum); 4º, representa, ainda que raro, um C final latino:—*nem* (nec), *sim* (sic).

Não somos hoje accordes com os que acreditam na permuta do *c* lat. por um *m* port. Acreditamos que a nasal foi introduzida tão sómente para o alongamento vocalico, tanto mais que o *c* final não soava na pronuncia.

N — Origina se: 1º, de um N inicial, medio ou final:—*nariz* (l. b. nares), *ruina* (idem), *joven* (juven-is), *hysson* (v. asiatica); 2º, de um M inicial ou medio:—*nespera* (mesphilum), *contar* (comp'tare); 3º, de um L:—*nivel* (libella, p. ant. *livel*, olivel), *mortandade* (mortalitatem).

P — Tira origem: em um P inicial ou medio (geralmente protegido por uma outra consoante, *r*, *l*, ou *p*):—*pae* (pater) . . .; 2º, em um F:—*soprar* (sufflare); 3º, em um B:—*alparca* (ant. abarca ou alabarca = arabe *albagat*).

Q — Provém de um Q originario ou de um C forte.

R — Origina-se: 1º, de um R inicial, medio ou final:— *rainha* (regina), *direito* (directus), *par* (par);

2º, de um L:—*obrigar (obligare:* port. arch. e ant.—*oblidar, obligar);* 3º, de um X—*sarar* (sanare).

S — Deriva-se: 1º, de um S originario:— *só* (solus), *casa* (l. p. casa); 2º, de um C brando latino:— *visinho* (vicinus), *amizade* (amicitatem).

SS — Esta consoante dupla origina-se de SS ou X:— *leissar* per *leixar* (Sec. XIV), ou ainda de uma assimilação — *assás* (ad satis).

T — Origina-se de um T inicial ou medio: 1º, *tempo* (tempus), *estado* (status).

V — Vem: 1º, de um V originario inicial ou medio: — *verdade* (veritatem); *calvo* (calvus); 2º, de um B *cavallo* (caballus), *haver* (habere); 3º, de um F:— *ourives* (aurifex); de um P, *povo* (populus), *escova* (scopa).

Estas ultimas, em geral, passaram pelas fórmas intermediarias em B:—*poblo, poblança, poboaçom, poblador.* (Sec. XII e XIII). E nisto cumpre attentar.

X — Origina-se: 1º, de um *s, sc, cs* ou *ss* lat.: — *bexiga* (vessica), *enxugar* (ecsucare); 2º, da chiante arabe SCH — *oxalá* (inshallah), *xaqueca* ou *enchaqueca* (schaqueca).

Z — Representa: 1º, S latino ou C brando: — *prazer* (placere), *juizo* (judicium), *fazer* (facere); 2º, um QU: — *cozer* (coquere); 3º, a combinação latina TI:— *razão* (rationem), *dureza* (duritia);[1] 4º, as terminações latinas *ace, ice, oce* — que tambem eram

---

[1] Porque, já vimos, TI soava *ç*.

as portuguezas — *feliz* (felice), *fèroz* (feroce); 5º, um *x* (*noz* = nox, *voz* = vox)?...

Estes ultimos podem derivar do nome lat.; mas geralmente todos consideram-os moldados no accus. — *vocem*, etc. Não vemos razão para rejeitar-se o nom. (Vide — Pacheco Junior. — *Phonologia*).

d) CH, LH, NH

CH — Os Romanos desconheciam o nosso *ch* com o som de *x*, e que os nossos maiores, pronunciavam *tsche*, como ainda hoje os da Beira, Minho, S. Paulo, os Provençaes, Gallegos, Italianos, etc. É som romano, genuino, que passou para a Inglaterra por influencia franceza (*Charles*, *cherry*).

Os Beirões dizem, e mui corretamenta, *tchapéo*, *tchá*, etc.

É difficil precisar com acerto as varias relações etymologicas d'esta lettra complexa. Deriva-se, porem, em geral: 1º, dos grupos latinos CL, PL, FL: — *chamar* (clamare), *chorar* (plorare), *chamma* (flamma) [1]; 2º, do c forte latino (seguido de *a* ou *i*): — *charrua* (carruca), *marchante (mercantem)*.

Ch duro = K, sem o som chiante, deriva-se do latim: — *christão*, *monarchia*; do *chi* grego: — *chiromania*; do *chet* hebraico: — *cherubim*.

---

[1] Em docs. do sec. XII, como p, ex. no *Foral de Evora*, encontra-se *aflar* — achar, etc.

Algumas vezes a palavra latina dá-nos duas formas divergentes, uma que conserva o C duro, outra que o transforma em CH chiante :— *capa, chapa.*

Já era frequente nas inscripções da Republica o emprego do *ch* por *c* antes das vogaes e dos diphthongos ; e esta orthographia, que reviveu na epoca imperial, era a vulgar nos tempos de Augusto :— *chenturiones, choronae*, etc.

Nos nossos docs. antigos encontram-se as fórmas *charidade, charo*, etc., ao passo que—*gamar* ou *jamar* por *chamar* (clamare), e ainda *acado* por *achado* (doc. de 1418), etc.

O CH parece ser um abrandamento de DJ.

LH — Esta consoante dupla provém: 1º, dos grupos latinos BL, CL, GL, PL, TL :—*ralhar* (rab-u-lare), *orelha* (auric-u-la), *coalhar* (coag-u-lare), *escolho* (escop-u-lus) ; 2º, das combinações latinas *le, li:* — *palha* (palea), *batalha* (battualia).

Neste segundo caso é clara a funcção do H, que se limita a representar o I palatal latino, indicando ao mesmo tempo a atonicidade da vogal :—*Batalha, palha, mulher*, etc., soam perfeitamente —*batália, palia, mulier.* [1]

Esta molhada corresponde etymologicamente ao LL hesp , mas o modo de represental-a graphicamente foi tomado do provençal. Nos seculos XIV e XV, porem, representavam-na indifferentemente por LL ou L : — *filo* e *fillo, melor* e *mellor, migala* e *migalla*, etc., sendo de notar que nos primeiros documentos da linguas essas palavras eram escriptas sem o elemento consonantico (*moyer, meor*), como ainda se pronuncía em S. Paulo e em certos logares de Minas Geraes (*fio* = filho, *muié* = mulher, *têa* = telha, teiado, *mio* = milho, etc.) [2]

Em nosso parecer, esta molhada — exclusiva das linguas néo-latinas — não se deriva do celtico.

A's vezes o *h* representa signal etymologico, e não se molha com o *h* — *gentilhomem.*

---

[1] Era o processo seguido no seculo XIV (*cambhar, sabha*), á maneira do ombriano e provençal. Os Bretões, os Celtas, os Bascos e os Iberos tambem possuem esta molhada.

[2] E esta é a pronuncia provençalesca e parisiense do *ll* (= lh).
Para maior explanação sobre as molhadas *LH* e *NH;* V. Pacheco Junior — *Revista Brazileira.*

NH — Apparece na lingua desde o seculo XIII, e a sua adopção foi consequencia logica do emprego do *lh*.

Deriva-se: 1º, de NN originario: — *grunhir* (grunnire); 2º, de um N simples: — *caminho* (caminus), *vinho* (vinus); 3º, de um N seguido de um E palatal: — *aranha* (aranea), *vinha* (vinea); 4º, dos grupos GN lat.: — *anho* (agnus), *desdenhar* (desdignari); 5º, de um MN ou N (no port. ant.): — *danho* = damno.

Este som era commum ao ibero e celtico; as linguas néo-latinas, porem, herdaram-no directamente do latim, pois que, — certo —, os Romanos pronunciavam *gn* = *nh*, e não como hoje o fazemos, dando som forte ao G (*ag nus*, *mag-nus*). E é prova da nossa asseveração o ter aquelle grupo latino passado para as linguas néo-latinas, com o mesmo som (*nh*) que conservam em todas as palavras de fundo popular.

No seculo XVI ainda *magno* soava *manho*: e d'essa pronuncia temos vestigio em *tamanho* (= tão manho, tão magno).

Nos primeiros documentos da nossa lingua, esta molhada era representada pelas mesmas lettras latinas (*gn*): — *pegnorar*, *segnor*, etc., ou por *nn*.

Os elementos *g* e *n* soam separados somente nos vocabulos de creação artificial ou origem erudita (*estag-nado*, *ig-neo*).

Em *anhelo*, *anhelar*, *anhelito*, e nos vocabulos formados de derivados latinos com o prefixo *in*, o *h* não se molha com o *n* (*inhabil*), etc. [1]

---

[1] Para estudo mais desenvolvido, e maior copia de exemplos — cons. Pacheco Junior — *Phonologia*, *Gramm. historica*, *Revista Brasileira*, 2º vol.

2.—As permutas das vogaes e suas transformações, como já vimos, podem reduzir-se aos dous factos de alongamento e abrandamento.

Os sons vocalicos tambem se transformam pela influencia das consoantes.

A fusão de duas vogaes differentes é sempre precedida pela assimilação.

3.—Do facto de poderem as consoantes ser fortes ou brandas, resultaram as leis seguintes a que estão ellas sujeitas nas permutas :

1ª As permutas dão-se geralmente entre consoantes da mesma ordem ou homorganicas, isto é, um *b* latino pode dar um *b* portuguez, um *v*, mesmo um *p* ou *f*, mas nunca um *g* ou *s*.

2ª Deve-se attender, e muito, á classe das lettras (forte ou branda). A tendencia é sempre para o abrandamento; e por isso o *p* latino, que é labial forte, muda-se frequentemente em *b* ou *v* no portuguez, ao passo que *b* e *v* latinos raro se permutam em *p* ou *f*.

3ª Póde dar-se a permuta de uma branda pela forte homorganica ; estas transformações, porem, são rarissimas e só se fazem gradualmente.

4.—A importancia d'estas transformações phonicas resalta do que dissemos acima. Pouco acrescentaremos.

Adoptando o vocabulario do latim *popular*, as linguas néo-latinas conservaram-se adstrictas a leis instinctivas, fataes (mesologicas e ethnographicas), e ao proprio genio do fallar nativo ; mas tambem sempre

subordinadas a outra lei incoercivel, — a do menor esforço.

D'ahi, a queda dos sons, no principio, no meio, no fim das palavras; a intercalação de sons euphonicos; a permuta dos sons homorganicos; a preponderancia ou reacção dos varios sons entre si, d'onde a assimilação e a dissimilação; as metatheses, etc. D'ahi ainda o atrophiamento das fórmas populares, ao passo que as de creação erudita encostam-se ao typo latino ou grego, differindo ás vezes tão somente nas desinencias. É facil pois assertar a camada a que pertence o vocabulo.

A's vezes acontece que o vocabulo popular antes de se fixar, passou por uma ou mais fórmas intermediarias. Assim, por exemplo: — *povo*, *papel* e *lembrar* não nos vieram directamente de *populus*, *papyrus* e *memorare*, mas pelas fórmas intermediarias *poblo* e *poboo*, *papillo*, *nembrar*, etc. *Natura non facit saltus.*

5.— A analyse phonetica do vocabulo póde pois facilmente fazer-nos remontar á sua origem, á sua forma completa, descobrir-lhe as intermediarias, conhecer pela estructura a epoca do seu imperio, etc., e achar a explicação de todas as transformações phoneticas porque passaram os elementos constituidos do typo originario.

6.—Tomemos para exemplo a palavra *mesmo*, que se deriva do latim *metipsimus*, contracção de *metipsissimus* = *impsimusmet*. Só a analyse phonetica nos explica essa transformação: 1º, indicando-nos a

fórma latina regularmente contracta *metips'mus* (queda da vogal breve); 2.°, a assimilação das consoantes *ps* em *s*, já mui frequente no latim; 3.°, o abrandamento do T. De todas essas transformações resultou a fórma archaica portugueza *medessmo*, que se contrahiu regularmente em *medês* e *meesmo* (Sec. XV), d'onde *mesmo* (Sec. XVI).

7.—Mas se a phonetica é a base da etymologia, não é comtudo a unica condição necessaria para se dar no ponto da verdade.

È força applicar essas transformações particulares ás leis geraes; cumpre que as estudemos á luz da historia e da comparação.

QUARTA LIÇÃO

METAPLASMOS [1]

1. — Dá-se este nome a certas modificações accidentaes no systema phonetico, de maior importancia — talvez — que as regulares, e devidas á combinação dos elementos phonicos da palavra, ou ás varias influencias do meio.

2. — Estas alterações são em numero de seis; a saber: *substituição, addição, subtracção, fusão, abrandamento, reforço.*

1.º SUBSTITUIÇÃO

3. — È uma simples permuta de lettras, devida ás tendencias ou ás necessidades phoneticas de um povo.

---

[1] Do grego *metaplásmos*, do v. *metaplásso*, transformar.
Esta lição é extrahida da *phonologia* de Pacheco Junior (cap. IV).

Esta modificação depende da relação ou affinidade, mais ou menos estreita, entre as lettras na sua formação physiologica, correspondente aos orgãos vocaes que as pronunciam.

Dá-se a substituição por — *transformação, dissimilação, assimilação, e transposição.*

a) TRANRFORMAÇÃO. — Temos por excusado accrescentar mais nada ao que já dissemos sobre as leis das permutas das vogaes e equivalencias das consoantes.

Notemos todavia:

1.° A permuta do B em V e vice-versa, tão frequente em todas as linguas romanas, e já vulgar na linguagem popular de Roma desde o II seculo da éra christã, parece ser devida a ter o B, — principalmente no dialecto latino de Africa —, o som do grupo DV (*Bellum* soava *dvellum*, etc.)

2.° O C já tinha o som da sibillante branda antes de E e I no latim vulgar da decadencia; o G antes d'essas vogaes, — e na mesma época—, soava como a chiante palatal J; a transformação do D quando seguido de *ia*, *ie*, *io*, *iu*, remonta ao II seculo; o valor phonetico da dental branda T antes d'esses grupos vocalicos já era o da guttural branda C (*ti* = *ci*) desde o V seculo p. C; a permuta do D latino em Z portuguez acha explicação no antigo som da dental (= *ds*).

3.° A transformação de certos sons explosivos em sibilantes palataes nas linguas néo-latinas, indicam apenas mais um valor phonetico da linguagem popular de Roma. (V. lição 3ª)

b) DISSIMILAÇÃO. — Dá-se quando os dous sons se repellem ou reagem: — *Marselha* (*Masselha*).

c) ASSIMILAÇÃO.—E' a attracção phonetica de dous sons; a preponderancia de um sobre o outro: — *fallar* (fab-u-lari), *pessoa* (persona), *esse* (ipse).

Póde ser completa ou incompleta.

Toda consoante dobrada é consequencia de uma assimilação.

d) TRANSPOSIÇÃO. — Esta mudança de logar da lettra ou syllaba, dá-se de tres differentes modos : por *metathese, hyperthese, anastrophe.*

1º Por *metathese* [1] quando a transposição é na mesma syllaba: — *pobre* (pauper), *paul* (palus).

As liquidas são as consoantes mais sujeitas a esta transposição.

Nos escriptos antigos (Secs. XII a XVI) são em numero mais crescido as fórmas metathesicas:— *osmar* sommar, *sturmento, fremoso, frol,* etc., muitas das quaes ainda persistem na linguagem do povo (*preguntar, presistir, cravão,* etc.)

2º Por *hyperthese,* quando a mudança se effectúa entre lettras de syllabas diversas:—*beiço* (basium), *aceiro* (l. b. acerium).

Nos escriptos dos autores antigos, principalmente dos secs. XV e XVI, encontram-se muitos exemplos hyperthesicos, alguns dos quaes ainda são conservados na linguagem plebéa :—*prove* (pobre), *fadairo, contrayro,* etc.

3º Chama-se *anastrophe* [2] á inversão quasi que total das lettras da palavra typica: *chinella* (l. b. planelli), *ladainha* (lat. litania) [3]

Dá-se tambem o nome de *anastrophe* á inversão das palavras; *eil-o alli, eis alli elle;* e á erronea deslocação do accento tonico — *pégada, bigámo.*

---

[1] Gr. *metathesis,* transposição. Tambem se póde dar a de uma syllaba.

[2] Gr. *anastrophe,* reviramento, volta.

[3] Temos tambem *litania,* ant. *lidania.*

2º ADDIÇÃO

4.— As lettras acrescentadas ás palavras primitivas podem ser *prothesicas*, *epenthesicas* e *epithesicas*, isto é, iniciaes, medias e finaes.

a) PROTHESE (gr. *prothesis*, apposição). — É, em geral, consequencia da lei euphonica, e d'este augmento temos muitas amostras no portuguez: *aconselhar*, *acredor*, *escrever*, etc. [1]

No latim da decadencia, nas inscripções africanas e nas christãs de Roma, etc.. são innumeros os exemplos da prothese do *e* ou *i*.

De uso mais frequente nos escriptores antigos, — maiormente a do A,— ainda é ella muito vulgar na linguagem do povo: *amostrar*, *alanterna*, *avoar*, *aparar* (p. parar), etc. . . .

O portuguez, bem como o hespanhol, regeitou o *s* impuro. Todavia nos documentos anteriores ao Sec. XV são muitas as fórmas nominaes e verbaes escriptas sem o E prothesico: *scala*, *scondudo*, etc , e ainda posteriormente. Os vocabulos que em portuguez começam por um *s* impuro, são de origem erudita (*sphenoide*, *sternon*, etc.), aos quaes já vão todavia vencendo na lucta as fórmas, com *e* prothesico. [2]

b) EPENTHESE (gr. *epenthesis*, inserção). — Tem por fim tornar mais euphonica a palavra, facilitar a sua pronunciação, ou reforçar-lhe o som: *humilde* (humilis), *hombro* (humerus), *estrella* (stella).

No portuguez antigo a epenthese tambem era muito mais vulgar que no moderno: *hondrar*, *meana*, *includir prasmar*, etc.

---

[1] Cumpre tambem notar a prothese regional,

[2] Addição ou replicação.

São epentheticas as vogaes *a, e, i,* e as consoantes *b, p, v, d, h, l, r, n, s.*

São exemplos d'esta intercalação euphonica, as fórmas — *amaram-no, disseram-nos,* etc. [1]

c) Epithese (gr. *epithesis).*— Essa modificação é rarissima em portuguez. A addição de terminações para formar derivados não constitue propriamente epithese ou augmento paragogico *(entom, èntonces, entonce, martyre).*

As fórmas *esterile, felice, produze,* etc. — anteriores a João de Barros — não são exemplos epithesicos, mas tão somente fórmas mais encostadas aos typos latinos.

3º SUBTRACÇÃO

5.—O abrandamento é muitas vezes a causa d'este phenomeno phonetico, que póde effectuar-se de tres modos differentes — por *apherese, syncope* e *apocope.*

a) Apherese (gr. *aphairesis,* subtracção) é a subtracção da vogal ou syllaba inicial : *botica* (apotheca), *diamante* (adamantem), *bispo* (episcopus), *onça* (lonza).

Esta modificação é tambem instinctiva, e sempre motivada pela lei do menor esforço.

É muito frequente nos nomes proprios — *Zé, Lota, Chico, Tonico, Nico,* etc, que muitas vezes mais tarde soffrem a reduplicação — *Zezé, Lolota,* etc.

---

[1] Dá-se tambem o nome de *diastole* (gr. *diastole* de *diastello* a dilatar) ao alongamento particular da vogal ou syllaba breve pel, addição de uma consoante.

b) SYNCOPE (gr. *sygkope*, corte, de *syn*, com: *coptô*, corto). — É o desapparecimento, a queda, da vogal ou syllaba breve, quando precede immediatamente a tonica: *asno* (asinus), *pregar* (predicare).

As consoantes podem tambem ser syncopadas, e d'ellas mais frequentemente — *b*, *g*, *v*, *n* e *l*, *d*, *p*, *r*, *s*: *frio* (frigido), *eu* (ego), *rio* (rivus), *cruel* (crudel), *rosto* (rostrum).

Estas alterações phoneticas, já vulgares na linguagem de Roma (*frigdo* p. *frigido*, *mesa* p. *mensa*, etc.), são devidas, em regra, á tendencia popular para abreviar as palavras.

A suppressão de syllabas medias, para maior rapidez ou suavidade na pronuncia, deu-nos ás vezes vocabulos muito apartados dos typos primitivos: *funil* (fundibulum), *quaresma* (quadragesima), *mister* (ministerio), *doma*, Sec. XIV (hebdomada), *anco* (= angulo, em J. de Barros), *encréo* (= incredulo), etc.

c) APOCOPE (gr. *apokope; apo*, fóra de *koptô*, córto). — E' a suppressão de lettras ou syllabas finaes: *mui*, *gran*.

Esta alteração phonetica, por ventura a mais importante, é consequencia do clima, cuja influencia não podia deixar de ser immensa nos systemas phoneticos dos diversos povos.

1 — Das consoantes finaes latinas, que eram essencialmente *m*, *r*, *s*, *t*, só as duas primeiras persistiram no portuguez: as outras (*l*, *z*....) originaram-se da quéda das vogaes atonas da ultima syllaba, que tornaram finaes consoantes médias latinas.

2 — Em latim, já o *m* final das flexões nominaes, e verbaes da 1ª pess. sing. do Ind. e do opt. activo, bem como o *m*, *s*, *t* e *d*, cahiam geralmente, do tempo dos Graceos ao de Augusto e no latim popular da decadencia: *filio* p. *filius*, *ello* p. *illud*, *es* p *est*, etc.

4º FUSÃO

6.— Esta modificação phonetica póde dar-se não só entre as lettras, senão tambem entre syllabas.

Póde ser *completa* ou *incompleta*, *perfeita* ou *imperfeita*.

7. — É *completa* quando ha contracção do vocabulo, isto é, quando se omittem lettras ou syllabas medias: *semana* (sept-i-mana) ; *incompleta* (por *synizese*), quando pronunciamos duas vozes simples e livres como se ellas formassem grupo vocalico ou diphthongo: *Deus*.

8.— A fusão é perfeita: 1º, por *synalepha*, quer supprimindo a vogal final antes de vogal inicial da palavra seguinte (*est'outro*, *minh'alma*), quer omittindo a inicial d'esta ultima; 2º, por *syneresis*, [1] que consiste em formar de duas vogaes uma unica longa (*pôr* = *poer* = lat. *ponere*), ou reunir, diphthongando-as, duas syllabas sem que soffram alteração: *or-phe-u*, *or-pheo*; 3º, pela *crase*, [2] quando se contrahe em uma syllaba longa a final de uma palavra e a inicial da seguinte (*áquelle*), etc.

5º ABRANDAMENTO

9.— Já no correr d'estes dous ultimos capitulos deixámos indicados muitos exemplos (*vida* = vita)....

1 gr. *synairesis*, contracção.
2 gr. *krasis*, mistura.

Cumpre notar: 1.°, é esta a primeira modificação phonetica em relação á quantidade; 2.°, que a ella deve-se muitas vezes a quéda das lettras; 3.°, que o abrandamento é consequencia natural da influencia climaterica, principalmente o das vogaes finaes.

6º REFORÇO

10.— Sob esta denominação comprehende-se a prolação ou alongamento dos sons, que póde dar-se por *epenthese*, *prothese* e *paragoge*. [1]

[1] Para maior desenvolvimento do ponto V.—Pacheco Junior —*Est. da ling. vern.*— metaplasmos.

QUINTA LIÇÃO

Dos systemas orthographicos; causas da sua irregularidade

1.— São tres os systemas orthographicos —*phonetico* ou *sonico*, *etymologico*, e *mixto* ou *usual*.

2.— A primeira orthographia devia necessariamente ser phonetica, isto é, devia consistir na representação graphica dos sons, infiltrados pelo ouvido.

E a lingua portugueza foi fallada muito tempo antes de ser escripta, o que tambem explica as varias modificações porque passaram os vocabulos.

3.— A todas as incorrecções e innovações dos povos ignorantes, oppoz-se a corrente erudita que luctou pela tradição da orthographia latina.

D'esta luta sahiu mais vezes vencedor o uso tradicional. No Sec. XVI ainda era muito irregular a orthographia; mas a influencia classica, já manifesta

no seculo anterior, era impedimento a que a orthographia acompanhasse as vicissitudes phoneticas do vocabulo.

Por fim, os eruditos começaram systematicamente a vasar as fórmas portuguezas em moldes latinos, posto que substituindo as lettras latinas pelas correspondentes no portuguez (*senhor—segnor*, *poblo—povo*, *outro—altro*, etc.); [1] restabelecendo algumas que já haviam desapparecido (*contar—computar*, *anco—angulo*, etc.); supprimindo algumas erradamente intercaladas pelo povo (*amiguo*, *loguo*, *cuigo*, etc)

E no seculo XV o capricho dos traductores, ainda mais apartou a lingua da sua evolução natural. Os eruditos em tudo mais se encostaram á autoridade latina; foi a cultura litteraria, que introduziu crescido nnmero de vocabulos importados immediatamente de autores latinos, e apenas modificados na terminação.

4.— A orthographia *etymologica*, e que consiste em escrever o vocabulo com as mesmas lettras da palavra originaria (com excepção das flexões e terminações), mais tem occorrido aos homens eminentes, e d'elles mais tem sido preconisada que a *phonetica*.

Da erudição etymologica, porem, ha resultado erros de fórmas por enganos de origem (*charo*, *ho*, etc)

5.— A pronuncia, variando de epoca para epoca, de provincia para provincia, de cidade para cidade,

---

[1] Como já dissemos na Intr. á Gramm. hist. : são de mera convenção as relações entre o signal escripto e a palavra que o representa.

ás vezes de aldêa para aldêa, e mesmo de escriptor para escriptor, " é escabroso problema tentar accordar a escripta com a pronuncia. "

Cada terra ou provincia, julgando ser ahi onde a lingua correctamente se falla, não se subordinará ás locuções que considera peiores que os seus dizeres, e até *estrangeiradas*.

Onde pois o juiz cuja competencia nesse pleito não fosse sempre desconhecida?

6.— As lettras que os neographos desterram por ociosas, não são inuteis — servem para attestar a origem do vocabulo, a sua evolução, a camada a que pertence, etc. Esse desterro de lettras daria em resultado numero crescente de homonymos, o que seria um mal.

7.— Si a orthographia acompanhasse a pronuncia nas suas frequentes modificações, difficil seria entender-se um escriptor que nos houvesse precedido um ou dous seculos; si fosse sinceramente etymologica, sel-o-hia outrosim ridicula e pedantesca.

8.— Deve-se pois preferir por sobre todas, a orthographia *mixta*, a que hoje estamos subordinados.

As palavras de origem popular, que foram aprendidas de outiva, escrevem-se phoneticamente; as de fundo erudito, importadas dos escriptores latinos ou gregos, devem ser representadas com as suas relações etymologicas (*frio—frigido*, *respeito—respectivo*, *suor—sudorifico*, etc.).

E assim fica extremada a linha divisoria, que separa o lexico popular do erudito.

7.—A variabilidade da pronuncia, quer por motivo organico, quer ainda pelo accordar das fórmas derivadas por influencia popular ás que lhe serviam de typos, foi consequencia natural da irregularidade orthographica, ainda manifesta nos escriptores do sec. XVI, e ás vezes no mesmo escriptor.

8.—Nesse seculo imperavam as fórmas *despois*, *fruito*, *enxuito*, *inico*, *antre*, *sojugado*, *chuiva*, *coresma*, *abobeda*, *estamago*, *piadoso*, *calidade*, *pranta*, *contrairo*, *pubrica*, *giolho*, *cudar*, *devação*, *teveras*, *resão*, *ingrez*, *frol*, *craro*, etc., porque mais persistia na phonetica a permuta do *b* pelo *v* e vice versa, a do *l* pelo *r*, a quéda do *d* medio ou a troca do *o* pelo *u*, do *e* pelo *i* (*pidir*, *firir*, *disculpar*, etc.), o *qu* soava *c* duro, etc.

Não havia ainda então regras fixas, mas somente *habitos graphicos*, essencialmente variaveis segundo as epocas, as provincias e ainda os escriptores. [1]

8.—São d'esse seculo tambem as fórmas *tracto*, *acto*, etc., porque soavam *ato*, *trato*, mas que nas epocas anteriores eram pronunciadas *auto*, *trauto*, etc. As alterações phonicas deram-nos do sec. XIII ao XV as fórmas participaes em *ede*, *udo*, *ido*; a mudança da terminação *om* em *am* e *ão* etc.

---

[1] Com. J. F. Castilho—*Orthographia;* Boscoli—id.; Pacheco Junior—A *Reforma* de orthographia, 1879, e neste ponto, como em outros, a *gramm. port.* do distincto professor Julio Ribeiro, trabalho que consideramos de grande valor, posto as nossas opiniões em alguns pontos não coincidam.

9.— Em remate.— A irregularidade da orthographia acha explicação nos processos especiaes, regidos quasi sempre pela euphonia, que, conforme o clima, usanças, costumes, gráo de civilisação e movimentos politicos, vasam o elemento material da palavra em novo molde. Acontece muitas vezes que a pronuncia verberada em uma epoca é mais tarde a corrente, no emtanto que a até então tida por certa, é considerada erronea e reprovada. [1]

E essa vacillação perdura até que se fixam as regras unicas de escrever os vocabulos, " ainda quando diversissimo seja o modo de proferil-os. "

1 Freire, p. ex.: condemna *celeuma*, *chusma*, *resposta*, *pestanejar*, *estomago*, etc., e dá como correctas as fórmas *celeusma*, *churma*, *pstanear*, *reposta*, *estamago*, *anteado*, etc. . . .

SEXTA LIÇÃO

Morphologia: estructura da palavra; raiz; thema, terminação; affixos.— Do sentido das palavras deduzido dos elementos morphicos que as constituem: desenvolvimento de sentidos novos das palavras.

1.— Morphologia é a parte da grammatica que estuda a fórma das palavras, sua flexão e classificação. E' — por outras palavras — a theoria da formação dos vocabulos.

2.— A analyse de qualquer palavra, revela-nos o elemento essencial e irreductivel, contendo a idéa principal,— a raiz; e varios elementos accessorios que a modificam — os affixos.

A raiz é, consequentemente, parte commum a todas as palavras de uma mesma familia.

3.— A reunião da raiz aos affixos é que constitue a palavra no estado actual.

4.— Os affixos distinguem-se em *prefixos* e *suffixos* (fixos *antes* ou *depois*): são elementos determinantes ou modificadores. (V. Lições 17 e 18).

5.— As raizes não representam a fórma da linguagem primitiva, simples, rudimentar, o seu periodo embryonario, emfim ; mas a consequencia de diversos attritos e atrophiamentos vocabulares, devidos á força natural de *cohesão* no organismo da phrase.

A hypothese de um periodo rhematico, isto é, em que a linguagem só constava de palavras-raizes, posto satisfaça a importante lei da evolução (do *simples* para o *complexo*, do *homogeneo* para o *heterogeneo*) não é todavia verificavel. E o estudo das primeiras camadas da linguagem nos descobre crescido numero de factos contradictorios.

Devemos pois considerar essa theoria, simples *postulado* de philologia metaphysica, mas não scientifica ; aceital-a tão sómente como instrumento logico para a analyse do mechanismo grammatical.

As theorias da escola allemã — entre cujos propugnadores tanto se sobrelevou o professor Max Muller — têm sido controvertidas modernamente com argumentos do mais alto valor.

A palavra— espelho do pensamento e do sentido— não podia ter existido antes da phrase, que implica um juizo mental, a limitação de uma idéa por outra. E a linguagem é a expressão exterior do pensamento consciente (Sayce — *Pr. of comp. phil.*)

Logo, a raiz não podia ser de natureza *vaga* e indefinita ; os primeiros vagidos da linguagem " não podiam ser identicos ao residuo da analyse dos sons phoneticos. "

Devem ser consideradas restos obtidos pela selecção de um numero infinito de palavras-phrases primitivas. O seu monosyllabismo explica-se pelo producto da alteração phonetica ; e a tendencia da linguagem foi sempre a usura e a contracção, o menor esforço ou acção. [1]

---

[1] Sayce — Pott.— *La div. des races humaines.*

Não se deve attribuir ás raizes significação vaga, geral, abstracta, porque essa theoria esteia-se no principio falso da precedencia do geral ao particular. (Id.) Mais. As raizes nem sempre foram monosylabicas : no chinez actual encontram-se ainda raizes dissylabicas ; no accadiano dos monumentos cuneiformes de Babylonia, nas investigações do *Ba-ntu* da Africa Austral, descobrem-se tambem raizes polyssylabicas em numero cemdobrado (*Edkins Bleek*, Layce.)

6.— Thema ou radical é a palavra já apta para receber a desinencia de flexão — *nominal* ou *verbal*, isto é, o seu desenvolvimento flexional. E' pois uma semi-flexão.

Podemos ainda definil-o: raiz + suffixo, sem categoria grammatical definida, mas promptos para recebel-a.

Os themas são — *nominaes* e *verbaes*; e, segundo as fórmas e accidentes das raizes,— *reduplicativos* (*gar-gar-ej-ar*), *epenthesicos* (*homemzarrão*); quanto á energia de derivação — *activos* (*pedra*, *terra*...) e *inactivos* (trevas...).

7.— Os verbos apresentam varios themas: um puro, que serve de fundamento (*thema geral*); outros d'elles provenientes, chamados *especiaes*. No verbo *amar*, *ama* é o thema geral; *amar*, porém, é o thema especial do imperfeito do indicativo.

8.— Terminação ou desinencia é a ultima parte da palavra; a que encerra a idéa accessoria que se quer juntar á fundamental.

E' o elemento flexional, que do mesmo passo modifica as fórmas e indica as varias funcções que a idéa incluida no *thema* representa no discurso.

As desinencias, caracterisando os casos, generos, numeros, pessoas, tempos e modos, são factores grammaticaes que dão ás fórmas — variabilidade e vida. (V. Lições 16 e 17).

Devemos notar mais, 1° que a mesma raiz pode ter diversa significação, e fórmas diversas a mesma significação; 2° que ha palavras que de todo perderam a raiz: — gr. *eu* = *ecn* = *es-cu* = port. *ei-mi*; fr. *doit* = lat. *habere* = *dehibet*.

9.— A estas desinencias chamam os grammaticos —*de flexão;* ás que servem para formar derivados,— *de derivação.*

Não se deve confundir a *terminação* (suffixo de desinencia ou flexional) com o suffixo *thematico*, que figura entre a raiz ou o primeiro thema e a desinencia.

10.—Analysemos agora algumas palavras, distinguindo a parte essencial, dos elementos modificadores que concorreram para a sua formação. Vejamos como, eliminando-os, chegamos ao elemento fundamental,— a raiz.

Em *impermeavel*, se tirarmos os prefixos *im* e *per*, e o suffixo *vel* (= suf. lat. comp. *b-ili*), signal dos adj., e emfim o suffixo verbal *a*, a palavra reduz-se á syllaba *me*, que encerra a idéa fundamental — *passar, escoar;* em *respeitavel*, na qual facilmente se distingue o verbo *respeitar* e a terminação *vel*, se eliminarmos o prefixo *re*, teremos *speitar* = frequentativo *spectare*, que remonta ao verbo simples lat. *specere* (= ver, olhar), formado da terminação movel *e-re* e da parte invariavel — *spec*, que se encontra em todas as linguas indo-européas.

Em *historicamente*, supprimindo a terminação *mente* (que já se encontra no latim com sentido de animo, disposição (*bona mente*), a palavra reduz-se a um adjectivo derivado do correspondente latino (*historica*), e si d'elle eliminarmos o suffixo *ca*, teremos *historia*,— palavra latina formada do grego *histor* e do suffixo fem, *ia*, indicador de nomes abstractos e correspondente ao sankrito *yâ*, e ao grego *iă*. *Histor*, é porém corrupção de *'istor*, fórma que se decompõe em *'is* e *tor*, representando o segundo elemento (*tor*) o nom. sing. do suffixo derivativo *tar* — latim *dâtor*, sansk. *dâ-tar*, grego *do-ter*, (— o que dá), e serve para formar nomes de agentes e instrumentos (*leitor*, *escriptor*, ect.)

Na raiz attributiva *'is*, o *s* representa uma modificação phonetica; a permuta de um *d* primitivo. E esta analyse conduz-nos á raiz *id* — sansk. *veda*, grego *o'ida*, fórma simples do perf. da raiz *vid* — saber.[1]

Ainda devemos notar a vogal chamada de *ligação*. Intercalada entre a consoante da raiz e o suffixo ou entre o suffixo e a terminação, não faz parte integrante da raiz ou do thema, nem da desinencia; é apenas de intercalação euphonica.

11. — Nas linguas modernas, analyticas, é de pouca importancia o estudo das raizes e fórmas thematicas, ao envez das linguas syntheticas como o sanskrito, grego e latim.

No portuguez, em consequencia dos varios elementos historicos,[2] é difficil a determinação sincera e criteriosa de todas as raizes, e ás vezes por ventura impossivel. Só se póde determinar com segurança, as gregas e latinas, as germanicas e algumas celticas:

a) Latinas:— = *duc* = conduzir, *fer* (for) = levar, *frag* = quebrar, *mod* (med) = julgar, apreciar, regular.........

b) Gregas:— *arch* — ser o primeiro, *cop* — cortar, *gno* — conhecer (sansk. *gnā*), *sech* — ler (sansk. *sah*), *ther* — aquecer (sansk. *ghar*).........

12. — As raizes distinguem-se em *typicas* e *onomatopicas*. A escola allemã, porem, divide-as em duas grandes classes:— *attributivas*, que exprimem noções de relações, e *demonstrativas*, que designam os seres e suas modificações.

E como os seres só podem ser conhecidos por suas qualidades sensiveis ou manifestações activas, as

[1] Bopp. — *Vergl. Graum.*

[2] Latim, grego, celtico, germanico, phenicio, arabe, hebraico, africano, tupy, etc,

raizes demonstrativas dividem se em *quantitativas, predicativas, nominantes, objectivas, ideaes* e *verbaes*, ao passo que as attributivas distinguem-se em *demonstrativas, indicativas, subjectivas, formaes* e *pronominaes*.

Na impossibilidade de remontar sempre á fórma mais simples, admittem os glottologos as seguintes combinações:

1.º— Vogal: *i* — ir.
2.º— vogal + consoante: *ad* — comer.
3.º— consoante + vogal: *da* — dar.
4.º— cons. + vogal + cons.: *cad* — cahir.
5.º— vogal + grupo cons.: *arc* — afastar.
6.º— grupo de duas consoantes + vogal: *sta* — estar em pé *plu* .. correr, escoar-se.
7.º— grupo de duas consoantes + vogal + consoante: *spect* — olhar, *spas* — olhar.
8.º— cons. + vogal + grupo de duas consoantes: *vert* — girar.
9.º— grupo de duas consoantes + vogal + grupo de duas cons.: *sparg* — espalhar, *spand* — tremer.

13. No portuguez, coexistem — e mui naturalmente — raizes cagnatas das linguas grega e latina:

Grego		Latim	
raiz *ag*......	paragoge	raiz *ag*......	agente
aug.....	auxesis	*aug*.....	augmento
gen.....	genesis	*gen*.....	general
gno.....	gnosis	*gno*.....	ignorante
etc.		etc.	

14.— Coexistem outrosim no portuguez fórmas correspondentes de prefixos e suffixos gregos e latinos:

Grego	Latim
an..............................	*in* (neg)
anti..............................	*ante*
apo..............................	*ab*
dia..............................	*dis*
etc.	etc.
icos..............................	*icus*
on..............................	*cus*

15.— Quanto á vogal de ligação, devemos advertir que ella ás vezes varía nos compostos latinos e gregos :—*aer-o-nauta* (gr.) *aer-i-forme* (lat.)

16. — Do sentido das palavras deduzido dos elementos morphicos que as constituem.— Do que levamos dito resalta que podemos deduzil-o— da identidade radical (*espelho especie*),[1] o que constitue uma especie de *synonymia latente*, ou da especialisação de affixos, como *a* e *in* privativos (*atonia, injusto*), *per* e *pre* sup. (*perlucido, preclaro*), os expoentes augmentativos e diminutivos (*caixão, caixinha, espadim, quintalete, homunculo*), o suffixo adverbial *mente*.

Quando as palavras são formadas pelo processo reduplicativo, podemos tambem dos seus elementos morphicos deduzir-lhes o sentido :— *ruge-ruge, bule-bule.*

17. — Desenvolvimento de sentidos novos nas palavras.— O lexico, como as fórmas grammaticaes e a pronunciação, varía de epoca para epoca. O povo não se contenta com exprimir o pensamento e as idéas novas ; é-lhe força apresental-os animados e revestidos em variadas cores ; não lhe basta pois o processo de importação de vocabulos novos de origem estrangeira, nem o da formação portugueza propriamente dita

[1] Vide *Lição.* 12

Segundo a escola Heyseana, se deduziria o sentido dos vocabulos do symbolismo directo dos sons elementares : assim, por ex., da lettra *m*, *mudo* = *mutum*, *murmurio* = *murmur*, etc.

V. Lam. de Andrade — *Philologia moderna e a origem da linguagem* (Vulgarisador 18).

(V. Lições 17 a 24); aquella tendencia natural e expontanea da sua vida intellectual leva-o (sob a acção da analogia) a alterar, renovar, e accrescer o lexico pelo processo modificador do sentido das palavras.

O principio da analogia deve ser attribuido em parte ao instincto natural da imitação, e em parte á lei do menor esforço. A multiplicidade dos sentidos de uma mesma palavra, é pois resultante da necessidade ou desejo de adquirir novas idéas sem trabalho de inventar ou formar palavras novas.

E' grande a influencia da analogia—falsa ou verdadeira—na linguagem. Revela-se nos phenomenos de alteração phonetica, accentuação, pronuncia; na alteração das relações grammaticaes, das regras syntaxicas, da significação das palavras; na mudança insensivel da fórma exterior, e caracter de vocabulario.

18. — Todas as mudanças de sentido fundam-se na comparação e analogia; mas dos objectos materiaes, dos idéaes sensiveis, é que os homens passaram ás abstractos.

Foi a analogia que deu origem ao que vulgarmente se chama figuras de palavras (*tropos* — Vide Lição 46): *pé* da cadeira; a *perna* do compasso; a *cabeça* da comarca, da revolução, o *olho* da enchada... o *bronze* = sino, o *ferro* = punhal, etc., um *havana*, *um Terra nova*, *cognac*, *bordeaux*, etc. [1]

---

[1] *Investir* era pôr nas vestes, *perplexo* o que está emaranhado, etc., *trivial* o que se encontra ao atravessar a rua, etc.

Metaphora, catachrese, metonymico, synecdoque, metalefre, etc.

19.—A influencia d'essa lei é sempre obvia directa ou indirectamente. Assim : — *cor* = lat. *cor* (coração), tinha nos seculos XIII — XVI o sentido de *desejo, vontade, grado* (*boa cor, cor de rir*) e conservou se na accepção de *memoria* (*de cór*; Cp. fr. *par cœur*, ing. *by heart*, hesp. *de cor* — Obs. *cor* = coração) ; ... *cabo* = lat. *caput* (cabeça) teve varias extensões de sentido, — de fim, termo, limite (Sec. XII), [1] fazendas, riquezas, capital (Sec. VIII), [2] logar, parte (Sec XIV); *mulato* até o sec. XVI, significava macho asneiro ; *manceba* era mulher nova, até o sec. XV; depois veio a ter sentido de *meretriz* (pelas fórmas de transição *manceba mundanaria* — *solteira* — F. Lopes); *coco* que significava originariamente o fructo do coqueiro, designava no sec. XVI um abantesma, um papão (J. de B. Dec) ; [3] *donzella* até o sec. XVI era uma dama do paço, solteira ; hoje — mulher solteira, mas virgem, ainda que maior de 25 annos (Leão *Chr. Af. V*) ; *corja*, antigamente collecção de 20 (de roupa, louça, etc.), hoje — agrupamento indeterminado de individuos malandrinos, canalhas ; *fintar*, era lançar finta, tributo (*Ord.*; *Bern.* Floresta), hoje—*enganar*, etc.

20. — As palavras soffrem, no dobar dos annos, tres mudanças principaes no tocante ao sentido: 1.°, a

---

[1] Donde *ir ás do cabo.* — Ao cabo de dous dias, da rua, etc. *Cabo* = cauda.

[2] Donde — *cada um de seu cabo* (por si).

[3] Idem no hespanhol. *Rom.* N. 41, pag. 119.

que depende da associação de idéas e do sentido novo que ella desenvolve, da especialisação, emfim; 2.º, a que é determinada pelo sentimento encomiastico ou degradativo; 3.º, a que acompanha a evolução syntaxica da linguagem.

O professor Whitney, reduz as perpetuas mudanças de sentido das palavras a dous processos — o de *especialisação do geral* e o de *especialisação do particular.*

21. — Estudemos agora as principaes causas particulares das varias applicações de sentido nas palavras;

a) *Generalisação do particular.* O sentido de particular torna-se geral; *Alpes* desde o seculo XI empregava-se para indicar qualquer monte ou collina; *oraculo* era qualquer oratorio ou pequeno templo; *Belchior* chamava-se o primeiro adelo estabelecido, no Rio de Janeiro, e esse nome, por uma extensão menos natural, veiu a significar todos os que compram e vendem roupas e trastes usados.

b) *Especialisação do geral.* O sentido do vocabulo restringe-se. — *Britar* significava arrombar ou quebrar qualquer cousa,[1] e hoje só se emprega no sentido de quebrar pedras; *criação* designava nos antigos docs. — todas as fazendas, bens, propriedades

---

[1] Britar as portas, um olho, a lança; as leis, os foraes, etc. (Nob., Ord. Alf., Chr. D. J. I., Galvão *Chr.*, etc.) — *Escumunhom nom* brita *osso* (dito do povo — Ord. Aff.)

(fructos, rebanhos...) e bem assim a patria, os criados de El-Rei, etc. ; hoje o seu sentido limita-se (alem do acto de criar—crear—já originario) ao da criação ou propagação de animaes domesticos ; *botica*, que era qualquer loja pequena, agora só é usado tão somente na accepção de pharmacia ; *guisar* era empregado no sentido de guiar, ajudar, dispor, ordenar, preparar,[1] e hoje só se usa no de preparar a comida.

c) *Mudança de numero.*— Algumas palavras mudam de significação quando no plural. Ex.: *bem* (o que é bom, honesto, vantajoso, conveniente) e *bens* (riqueza, propriedade); *honra* (estimação, culto, apreço que acompanha a virtude e o saber, boa fama, credito) e *honras* (terras,—sec. XIV; e publicas demonstrações de respeito) ; *fumaça* (vapor que se desprende dos corpos em combustão) e *fumaças* (tolo desvanecimento, parva jactancia), *ferro* e *ferros*, *prata* e *pratas*, *gloria* e *glorias*, etc. . . . Dá-se quasi sempre mudança de applicação nos pluraes emphaticos.

d) Mudança de genero.— O femenino dá mais extensão ao sentido da palavra : *fructo fructa*, *lenho lenha*, *ramo rama*, *grito grita*.

e) Do abstracto para o concrecto e *vice-versa* (por falsas ou verdadeiras analogias: —ou tomando o effeito pela causa, a causa pelo effeito, a parte pelo todo e

---

[1] Ined. d'Alc., Ord. Aff, Vieira (guisar o engan o = fazer en gano).

Calamidade, *pessoa*, *cynismo*, etc., já nos vieram do latim com a significação corrente.

o todo pela parte). *Mundo, corrente, terra*, etc., são amostras da materialisação das idéas.

f) M. de sentido passivo para o activo, e *vice-versa, do objectivo para subjectivo.— Hospede* era originariamente o homem que dava pousada ou agasalho, dono de estalagem; depois— pessoa a quem se dá hospedagem. E só nesta accepção é hoje usada.

g) M. por encarecimento.— A palavra, depois de certo tempo, toma sentido mais nobre ou elevado. Ex.: *méco* significava devasso, adultero, e hoje, mas em linguagem vulgar, tem o sentido de esperto.

h) M. por degradação ou *remoque.— Manceba* era mulher nova até o seculo XV; depois— moça de servir; hoje, só no sentido de concubina. *Manceba do mundo* = meretriz (Lobo, *Côrte na Aldeia*). —*Patife* significava moço de ceira ou ribeirinho, hoje— um maroto, bregeiro; *mariola* era o homem de fretes, que se aluga para carregar, e actualmente um dissoluto, etc.; *tratante* applicava-se ás pessoas que tratavam ou negociavam[1], hoje só se emprega á má parte, isto é, com relação ao individuo que faz negocios com tretas e dolos.

Muitos augmentativos já são hoje considerados ironicos ou pejorativos: — *sabichão, santarrão, poetáço*...., e synonymos de — ignorante, hypocrita, máo poeta...

---

[1] *Tratar* = negociar em alguma mercadoria.

i) *Derivação divergente* ou *degeneração phonetica*. E' tambem um phenomeno semeiologico. *Comparar* = lat. *comparare*, que significa adquirir alguma cousa por dinheiro. Cp. — *Comparar* e *comprar*, *esmar* e *estimar*, *acto* e *auto*, *bolha bolla bulla*.

j) *Inversão da ordem dos factores na composição.* — Cp:— *homem rico* e *rico homem*, *gentil homem* e *homem gentil* (arch. pej = *rico omaz*. Canc. Vat.)

Esta mudança é muito commum nos toponymicos — *Villa Nova* = nova villa, *Penha Longa* = longa penha.

k) *Origem historica.*— *Assanino* = arabe *hachachi* ou *hachichi* (lat. baixo — *heissesin*, *assassi*, *assassini*, etc.— D. C. *Gloss.*) O vocabulo arabe deriva de *hachich*, bebida inebriante que papel importante representou na fanatisação dos terriveis sectarios Ismaelinos ou Bathenianos.[1] — *Arminho*, *musselina*, *cachemira*, um *havana*, o *gruyère*, o *paraty*, o *champagne*, um *terra nova*, etc., lembram as localidades d'onde procedem esses productos; *amphitryão*, *tartufo*, etc., trazem á memoria personagens que de feito existiram ou foram creados pela imaginação dos escriptores. *Amphitryão* (comedia de Plauto, e vulgarisada por

---

[1] E' esta a verdadeira etymologia, provada por Sylv. de Sacy (*R. de l'A. des Inscript. et belles lettres*), Defrémery (*J. asiatique*), Davic., etc.

Dozy (*Gloss.*) é de opinião que port. não importou o vocobulo directamente do arabe, mas por intermedio do francez ou do italiano.

Mas as fórmas acima citadas do b. lat. ?

Molière) significa hoje aquelle que á sua mesa reune convidados, e ainda o ricaço e poderoso cujo egoismo obriga á lisonja e adulação; *Tartufo* é uma creação de Molière, e representa o typo da corrupção embiocada sob exterioridades de santo, o typo emfim do hypocrita. E todos esses nomes tornaram-se proverbiaes (Attila, Nero, Calligula, etc.), como no dominio da toleima são populares os de *Calino*, e os nossos *Manuel de Souza* e *Conego Philippe*.

Exemplo de mudança de sentido pela origem historica, temos ainda no neologismo *bond*, no sentido de ferro-carril urbano. Estes neologismos por mudança de sentido derivam de ou correspondem a um facto historico; e com effeito a inauguração desses vehiculos publicos coincidiu com a emissão dos *bonds* (obrigações do Thesouro, vales).

l) *Falsa etymologia* ou *esquecimento etymologico*: — Hortelã *pimenta* (p. *mentha*), *respondo* = reponho e *resposta* = reposta (no jogo do voltarete), *braço* e *cutello* p. *baraço* e *cutello*, *comer a dous carrinhos* p. *comer a dous carrilhos*, *sarabanda* p. *zeribanda*.

m) *Limitação regional* ou *dialectal*.— As palavras ás vezes mudam de sentido da metropole para a colonia, de provincia para provincia, etc. Estas mudanças constituem os *brazileirismos*, *americanismos*, *provincialismos*... Ex.: *Babado* em Portugal = cheio de baba, no Brazil — id., e *fólhos de vestido*; *capoeira* em Port. = gaiola para guardar aves, no Brazil—id.,

e *matagal de arvoredos tenues, ave, individuos que atacam com a cabeça e os pés,* etc.; *muqueca* em Port. é termo de agricultura, e no Brazil —guisado de peixe e camarão; *calunga* (voz africana) na Bahia significa ratinho,[1] em Pernambuco — *boneco de páo,* no Rio de Janeiro — companheiro, parceiro (só em linguagem plebéa, dial. brazil. afr.)

n) *Ellipse de palavras:* — *cada que* (= cada vez que, Sec. XIII), *estou que* (= estou crente em que.)

o) Reforço negativo. — Já era mui frequente no latim classico. Ex.: *nem mica, nem sombra, nem um pingo.*[2]

p) Por mudança de categoria grammatical: — *babado* (part.) e *babado* (subst.), *pendulo* (subst.) e *pendulo* (adj.), *official* (adj.) e *official* (subst.)

q) Por mudança de categoria mental: — *lustro* (periodo de cinco annos), *olympiada* (periodo de quatro annos), *feira* (que ficou sendo a denominação de 5 dias de semana.)

r) Por mudança de accentuação ou *deslocação da tonica:* — *nível* e *nivél* (livel, olivel.) *Nivel* é a pronuncia *hoje* corrente para exprimir um plano horizontal: *nivél* é o instrumento que serve para se reconhecer a horizontalidade de um plano.

---

[1] Murganho, que no Rio de Janeiro chama-se *camondongo.*
[2] V. Lam. de Andrade.— Da *negação intensiva,* 1886.

1.— D'esses empregos metaphoricos eram os nossos maiores muito mais ricos do que nós, como veremos quando tratarmos da negação.

Ainda poderiamos adduzir, talvez, mais uma causa para a modificação do sentido das palavras — a influencia do gesto, como por ex.: nestas phrases populares que ouvimos todos os dias e cujo sentido só é completo pelo gesto — *por esta* (sc. cruz), *nem isto*, etc.

2.— Na evolução semeiologica das palavras é tambem de notar a lei da inferencia logica, que constitue a modalidade fundamental do raciocinio, a trajectoria do particular para o geral, voltando de novo o sentido ao particular, onde se fixa por fim.

Ex.: *Amor* = lat. *amorem*, passou do sentido de affeição, amisade, a significar — *mercê*, *beneficio* (sec. XIII), voltando ao sentido primitivo unicamente.

3 *Sentimento* — a principio sensação, percepção interna dos objectos pelos sentidos, teve tambem a significação de *opinião*, *voto*, *parecer*; sensibilidade physica e moral; aptidão para receber as impressões; intelligencia, discernimento, consciencia intima; perfeito conhecimento e segura observação; magoa, queixa, pezar; máo cheiro, principio de podridão; abalo (S. de edificio, etc.); e hoje ainda a de tendencia, predisposição para alguma cousa — *sentimento* de *honra*, de *probidade*. Por este exemplo vê-se quanto uma palavra póde apresentar novos aspectos, dilatar as raias da sua significação.

24. —A's vezes, pois, o sentido figurado prevalece e tanto se vulgarisa, que o sentido proprio se perde; outras, as varias applicações de sentido desenvolvem-se juntamente, e acabam por fazer-nos esquecer a relação que as liga. Assim p. ex.:— *Tabefe* não mais lembra a idéa de leite com assucar e ovos; *garganta* de serra ou de montanha, já parece palavra distincta de *garganta*, parte anterior do pescoço, etc....

A ultima phase da variabilidade signifieativa da palavra é a perda do proprio sentido (*ca*, *la*,...)

25.— Esta importante elaboração não se limitou ao vocabulario e ao esquecimento das etymologias;

estende-se mesmamente ás construcções, ás locuções e phrases. E a este facto já nos referimos.

São verdadeiros *idiotismos de sentido*, que constituem uma das riquezas de todas as linguas, e dos populares passam aos escriptos classicos. Ex.:—*estar de asa cahida, fazer gato sapato de alguem, ter dous dedos de..., dar em droga, perder as estribeiras, vêr-se em calças pardas, metter-se em camizas de onze varas, chegar a roupa ao couro....*[1]

26. — Nos dizeres, apodos e proverbios populares é que taes mudanças de applicações mais são frequentes:— *Quem quer bolota trepa na arvore, cada um chega a brasa á sua sardinha, não se apanham trutas a bragas enxutas.....*

Estes factos mostram claramente a reacção da phrase sobre o valor individual dos vocabulos. As palavras (como acabamos de ver nos varios exemplos) comprehendem muitas relações—mais ou menos simples, mais ou menos naturaes—, certa caracterisação de virtualidade para todas as equivalencias possiveis, " certo poder de symbolismo vago."

E' nessas tendencias expontaneas e fecundas dos povos que se descobre o laço artificial e de convenção, que torna a palavra pensamento, representando-o outrosim sob multiplas fórmas objectivas.

---

1 *Cav. de Oliv.* vol. 1.°, etc.

SETIMA LIÇÃO

Da classificação das palavras.— Do substantivo e suas especies

1.— Entende-se por *classificação das palavras*, a distribuição das palavras em suas varias especies ou partes do discurso.

Outros definem a *classificação*— conjuncto das idéas coordenadas por *generos* e *especies*.

A classificação das palavras em classes correspondentes aos grupos de idéas de que se compõe o pensamento, chama-se TAXIONOMIA.

2.— E' antiquissima a theoria das *partes do discurso* ou *da oração*.

O portuguez classifica as palavras, quanto á sua *significação*, em oito especies: *substantivo*, *adjectivo*, *pronome*, *verbo*, *adverbio*, *preposição*, *conjuncção* e *interjeição*, si a não considerarmos fórma rudimentar, instinctiva, não exprimindo—como as outras palavras—idéas, ou relações (Lição nona).

Thomson (*Laws of thought*) classifica as palavras em—substantivos, adjectivos e preposições. Beeker classifica-as em duas

categorias — *palavras nocionaes*, que exprimem noções, isto é, idéas de seres ou acções formadas no espirito — substantivo adjectivo, verbo, adverbio de modo, tempo e logar; e *palavras relacionaes*, que não exprimem noção ou idéa, mas indicam meramente a relação entre duas palavras nocionaes, ou entre uma nocional e a pessoa que falla — verbos auxiliares, artigos, pronomes, numeraes, preposições, conjuncções, e os adverbios chamados de relação.

E' difficil—diz Ticknor—applicar os principios de classificação a palavas particulares; ellas podem mudar de classe em certo periodo da historia da linguagem, e ainda pertencer a differentes classes em uma mesma epoca historica.

3. — Tocante ás suas *funcções naturaes*, dividem-se as palavras em:

a) Nominativas, ideaes (dependentes e independentes). São as que servem para distinguir os seres, as substancias reaes ou abstractas; as qualidades e acções, os diversos estados das pessoas e cousas, todas as manifestações da vida (*nome* e *verbo*).

b) Connectivas ou *relativas*. São as que exprimem as numerosas relações de tempo, logar, numero, quantidade, causa, effeito, etc. (*preposição* e *conjuncção*).

O *adverbio* participa de ambas as classes. Por sua natureza especial é adjectivo e particula a vezes; marca a transição das palavras de flexão para as invariaveis.

4. — Quanto á *fórma*, estas cathegorias de palavras dividem-se em *variaveis* e *invariaveis*. Pertencem ás primeiras os dous grandes factores da linguagem—o nome e o verbo; [1] ás segundas, as particulas

[1] Sob o termo generico de *nome*, comprehende-se o substantivo, adjectivo e pronome.

— destroços organicos ou organismos inferiores — muitas d'ellas sem mais existencia independente.

5. — Conhecidos os elementos que, classificados segundo as suas funcções ou relação com a proposição, formam as partes do discurso, passamos agora a tratar de cada um d'elles separadamente mas, nesta e nas quatro lições seguintes, apenas sob o ponto de vista taxionomico.

Do substantivo e suas especies

6. — Uma palavra pode, só por si, com todos os verbos finitos, ser sujeito de uma proposição; e com o verbo *ser* tornar-se predicado:— *O homem* morre (suj.), tambem és *homem* (pred.).

Ora, a palavra que designa pessoa, logar ou cousa—segundo a idéa da sua natureza, por suas qualidades distinctivas—é um *substantivo*:—*Pedro, Tijuca, livro, virtude.*

7.— O substantivo exprime estrictamente o que *subsiste*, isto é, o que constitue a base, o fundamento de accidentes ou attributos, e por isso pode ser considerado independente, e viver só por si.

E' o nome de um *objecto de pensamento*, percebido pelos sentidos ou comprehendido. Ora, o nome de tudo quanto existe ou é concebido existir é um substantivo.

8.— O substantivo, pois, exprime a idéa de um sêr vivo ou de um objecto, uma concepção ou idéa.

9.— O substantivo pode convir a todos os seres ou cousas da mesma especie, ou designar apenas uma cousa individualmente, uma pessoa determinada: — *rio, cão... Amazonas, Mario.*

D'ahi a sua divisão em *proprios* e *communs* ou *appellativos.*

10.— O nome commum é o nome da *especie;* o nome proprio, o do *individuo.*

O nome *provincia,* por ex., significa— divisão territorial pertencente a um Estado: é o nome da *especie,* o nome *commum.*

A palavra *Pernambuco* designa uma provincia particular do Brasil, distincta de todas as outras: é o nome do *individuo* isolado, é o nome *proprio.*

Os substantivos, pois, designam os seres como individuos, especies e generos. O *individuo* é o sêr considerado isoladamente; a *especie* — a reunião de muitos seres, de muitas cousas (individuos) distinctas das outras do mesmo genero, por caracteres distinctivos: o *genero* é a reunião de muitas especies.

11.— Nos nomes communs e proprios é muito de notar — a *comprehensão da idéa* e a *extensão da significação.*

Por *extensão* entende-se o numero maior ou menor de individuos ou objectos comprehendidos na significação; *comprehensão* é o numero maior ou menor de attributos comprehendidos em uma idéa geral.

E —como judiciosamente pondera Ayer— a comprehensão de uma palavra está na razão inversa da sua extensão, e reciprocamente.

Quanto mais geral fôr o nome, tanto maior será a sua extensão e menor a comprehensão. Os nomes proprios de individuos são pois os que teem menos extensão e mais comprehensão (Gram. comp.).

E' pois de summa importancia grammatical a distincção entre as pessoas e cousas, não só para a theoria da formação, mas tambem —e acrescentado— para o emprego das fórmas pronominaes (*que*, *quem*, *alguem*, *outro*, *outrem*).

12. Os nomes proprios foram originariamente *communs*; são verdadeiros substantivos *significativos*. *Maria* = soberana, *Ursula* = pequena ursa, *Claudina* = mulher que coxêa (claudica), *Theophilo* = amante de Deus, *Portugal* = Porto de Cale (Portus Cale), *Itapuca* = pedra furada, *Marco* = nascido no mez de Março, *Dorothea* = dom de Deus, etc.

E ainda temos muitos exemplos do caracter appellativo ou significativo dos nomes proprios: — *Rosa*, *Clara*, *Prudencia*, *Felicidade*, *Ventura*, *Silva*, *Amoroso*, *Pereira*, *Limoeiro*, *Botafogo*, *Rio Verde*, *Aguas Claras*....[1]

1.° Entre os nomes proprios de pessoas, distinguem-se o *prenome* ou *nome de baptismo*, o *nome* ou *nome de familia*, o *sobre nome* e ainda o *cognome*. Muitos sobrenomes são hoje *prenomes*. (Cicero, Cesar, Scipião, etc.)

Entre os Romanos o nome (*nomen gentis*, *nomina gentilitia*) correspondia ao patronymico dos Gregos. Todos esses nomes são propriamente adjectivos.

2.° A lettra inicial dos nomes proprios é sempre maiuscula.

---

[1] V. Pacheco da Silva Junior.— *Historia dos nomes proprios* (portuguezes). Sobre os nomes de origem tupy, Cons. Martius. *Gloss.*, etc.

13. Alguns nomes communs são considerados proprios, quando empregados de modo peculiar, individual, restrictivo: — o *Senhor*, a *Egreja*.

14. Os proprios tornam-se communs pela mudança de applicação, desenvolvimento do sentido: *Calepino*, *damasco*, *cachemira* (V. Lição 6ª); e ainda —no parecer de alguns grammaticos— quando estão no plural: os *Mirandas*, as *Emilias*.

15. Os substantivos appellativos subdividem-se em *concretos*, *abstractos*, *collectivos*, *verbaes*.

a) São *concretos* os que significam seres de existencia verdadeira ou supposta: seres reaes cujo sentido nos faz conhecer-lhes as propriedades: o *livro*, o *amigo*.

Exprimem uma acção, qualidade, condição ou propriedade, dependente da substancia que lhes é inherente.

b) *Abstractos* são os que exprimem uma qualidade, condição ou propriedade, considerada independente da substancia (cousa) a que se acha geralmente ligada:— *belleza*, *amizade*, *justiça*. Aqui, p. ex.: não consideramos *quem* tem belleza, nem *quem* é amigo.

Exprimem uma idéa de acção, condição ou qualidade, só existente no espirito, que a *personifica*, separando-a *(por abstracção)* do individuo a que pertence.

Os nomes abstractos de *acção* derivam de verbos por meio dos suffixos — *ão*, *agem*, *ura*, *mento*,... os de *qualidade* formam-se

geralmente de adjectivos com os suffixos—*ade*, *eza*, *iça*... (V. Lição 18.ª).

c) *Collectivos.* São os substantivos que, posto na fórma do singular, indicam agrupamento de individuos da mesma especie:—*armada*, *esquadra*, *rebanho*, *pellotão*, *manada*, *corja*, *anno*...

Representam todavia uma cousa unica; encerram um caso de *plural implicito*; constituem uma *deflexão* ou *flexão interna*, somente no sentido. (V. Lição 12ª).

O nome collectivo póde ser *geral* ou *partitivo*, conforme indica a totalidade da collecção ou tão somente uma parte indeterminada:—o *exercito*, A *esquadra*... UMA *cafila*, UM *armento*, UMA *quantidade*, UMA *multidão*.

O *partitivo* póde subdividir-se em *determinado* e *indeterminado*, segundo indicar ou não uma quantidade certa, exacta:—*uma recova*, *um concilio*,... *duzia*, *milheiro*.

d) *Verbaes.* São certas partes dos verbos empregadas substantivadamente—*castigo*, *jantar*.

O Infinito é em todas as linguas, uma verdadeira fórma nominal.

16.—Ainda temos mais:

a) *S. Correlativos.* São os substantivos communs considerados em relação reciproca:—*Pai* e *filho*, *Rei* e *Subdito*.

b) *Materiaes.* São os que exprimem cousas que não despertam idéa de individualidade, mas tão somente uma noção de aggregação:— *leite*, *agua*.

17. — Todas as palavras, e até mesmo as proposições, podem ser empregadas substantivadamente.

A formação de subst. abstractos de adjectivos ou antes o uso de adjectivos como subst. abstractos, é feição caracteristica de muitas linguas, ás quaes dão força mui peculiar, pois que taes nomes não podem ser substituidos exactamente por uma periphrase. Gr. *tò Kalòn*, all. *das Schöne, o bello.* Estas fórmas abstractas portuguezas constituem vestigio do adjectivo neutro.

18. — Sob o ponto de vista da FÓRMA, ainda os substantivos dividem-se em *simples* e *compostos, primitivos* e *derivados.*

a) *Simples: —mesa, papel.*

b) *Compostos.* São os formados de duas ou tres palavras simples:

1°—Subst.	+ subst........	*arco-iris*
2°—Subst.	+ adj..........	*agua-ardente*
3°—Verbo	+ subst........	*saca-rolhas, papa-moscas*
4°—Prep.	+ subst........	*sub-delegado*
5°—Subst.	+ prep. + subst.	*chefe de turma*
6°—Verbo	+ verbo........	*ruge-ruge*
7°—Verbo	+ adv..........	*falla mansinho*
8°—tres palavras differentes...		*mal me quer, fidalgo* (filho de algo)

c) *Primitivos* :—*arvore, pedra, barca....*

d) *Derivados:— arvoredo, arvorejar; pedreiro, pedranceira, pedregulho; barcaça, barqueiro,..*

Para maior dilucidação d'este paragrapho — V. Lições 17 e 18. (*composição* e *derivação*).

18. — Os substantivos communs ainda podem ser *augmentativos* e *diminutivos:— homemzarrão, quintalete; epicenos* òu *promiscuos: sabiá, anta.* (V. Lição 13ª *Flexão dos nomes, genero,* etc.)

19. — Os substantivos *patronymicos* eram na origem simples adjectivos indicadores da filiação. São propriamente adjectivos, mas pertencem hoje á classe dos substantivos adjectivos:—Ex.: *Sanches, Vasques, Gonçalves, Alvares,...* = descendente de *Sancho, Vasco, Gonçalo, Alvaro....*

Em latim esses adjectivos terminavam em—*ius*.

Historicamente o subst.—com ocategoria grammatical—succedeu ao adjectivo e precedeu ao verbo.

Militam a favor da primeira hypothese as seguintes provas:

1º No sanskrito antigo encontram-se subst. nos gráos comparativo e superlativo, mudando de sentido pela simples fórma de genero:

2º Certa tendencia instinctiva do adjectivo, que perdendo o seu valor qualificativo originario veio a significar exclusivamente o *objecto;*

3º Especialisação de suffixos, como se vê em latim com o subst. instrumentaes.[1]

A segunda hypothese esteia-se nos dous factos seguintes:

1.º— Na introducção de fórmas nominaes na conjugação (infinito, supino, gerundio, participio);

2.º— Na existencia dos nomes abstractos em *io* no latim ante classico, regendo accus.:—*Quid tibi hanc curatio est* (Plauto).[2]

---

[1] Bréal, Bopp.—*Gr. comp.*
[2] Idem.

OITAVA LIÇÃO

Da classificação das palavras.— Do adjectivo e suas especies

1.— Vide LIÇÃO SETIMA

2.— *Adjectivo* (lat. *adiectivum*, de *ad-icere*, por a par, que ajunta) é o nome que se junta ao substantivo para qualifical-o ou determinal-o. Designa as propriedades de um sêr ou de um objecto, de uma pessoa ou idéa; serve para aclarar a comprehensão da idéa expressa pelo substantivo. Ex.: Homem *sabio*, *sete* livros, *esta* penna.

3.— O adjectivo não póde por si só ser sujeito da proposição, mas com o verbo *ser*, póde formar o predicado: *Deus* é justo, o *homem* é mortal.

Antigamente o adj. não era parte distincta da oração, mas simples substantivo commum.

" E de feito, os nomes appellativos mais indicam qualidade que substancia. "

A classificação moderna, porém, fundamenta-se em que o adjectivo vem sempre ligado a um substantivo ou pronome, na qualidade de attributo ou predicado.

Desde que não preenche essas funcções, o adj. é considerado substantivo ou pronome.

4.— Os adjectivos qualificam em geral os substantivos, sem os quaes não formam sentido completo, ou são empregados substantivadamente:— gr. *ho sophos*, lat. *sapiens, o sabio.*

O adjectivo attributivo póde tornar-se um substantivo (*chão, frio*); o circumstancial, um pronome (*o, este, aquelle.*)

5.— Os adjectivos classificam-se segundo a sua *significação* e *fórma.*

Quanto á SIGNIFICAÇÃO, dividem-se em *qualificativos* (attributivos ou descriptivos), e em *determinativos* (circumstanciaes ou definitos.) Aquelles exprimem uma qualidade ou condição; estes definem, limitam, a significação do nome a que se ajunta.

Alguns grammaticos hodiernos rejeitam a moderna classificação dos adjectivos em determinativos e qualificativos, apoiados nas duas seguintes ponderações:—1.°, que todos os adjectivos ajuntando-se aos nomes para determinar-lhes ou restringir-lhes a significação á idéa da especie particular, são forçosamente *determinativos;* 2.°, que tal classificação obriga a considerar, ora na classe do adjectivo, ora na cathegoria do pronome, certas palavras da mesma natureza, posto não exerçam as mesmas funcções no discurso (*meu, qual....*)

6.— Essas duas categorias subdividem-se do modo seguinte:

Possessivos, são os adjectivos pronominaes que exprimem idéa de posse:— *meu, teu, seu, nosso, vosso,*

Demonstrativos, são os que indicam pessoa ou cousa, com idéa de logar ou tempo:— *este, esse, aquelle...*

Conjunctivos, são os que conjunctam clausulas:— *que, qual, cujo.*

Quantitativos, são os que determinam todos os individuos de uma classe, ou parte d'ella, e por isso dividem-se em *universaes* ou *geraes* e *partitivos.*

Aquelles subdividem-se em *collectivos (todo, nenhum)* e *distributivos* (*cada, cada um*); os partitivos podem ser *definidos* (*um, dous...*) e *indefinidos* (*algum, certo, pouco...*)

7.— Os determinativos quantitativos ou nomes de numero, determinam as pessoas ou cousas quanto ao *numero* e á *quantidade;* e como essa funcção póde ser geral ou restricta, precisa, d'ahi a subdivisão em *indefinidos* e *definidos.*

Os indefinidos assignalam um *numero* ou uma *quantidade indeterminada: algum, certo, muitos...*(unidade e pluralidade); *cada, nenhum, todos...* (totalidade e universalidade.)

1.º Empregados absolutamente, *qualquer, todos, cada, nenhum,* teem valor pronominal.

2.º— Os nomes collectivos partitivos pouco differem *pelo sentido* dos nomes de numero indefinido; mas quanto *á fórma*, distinguem-se em que só os collectivos geraes ou partitivos—como todos os substantivos –são sempre determinados pelo articular ou seus equivalentes. A mesma palavra póde ser collectivo geral com articular *o*, partitivo com o det. indef. *um*, nome de numero indefinido sem determinante. (V. Cons. Ayer—*noms de nombre indefinis*).

8.—Os nomes de numero definidos exprimem um numero *determinado.* Dividem-se em numeraes *cardinaes* e *ordinaes*: aquelles representam os numeros formadores de qualquer numeração — *um, dous,*

vinte, etc.; estes, são verdadeiros adjectivos que exprimem a *ordem*, — *primeiro, quinto, vigesimo...*)

Os *Multiplicativos* são os nomes de numeros que denotam as vezes que uma cousa é multiplicada: —*duplo, triplo, centuplo...*

9.— Alguns numeraes mudam de categoria grammatical, pelo esquecimento etymologico:— *quartel* = trimestre, *corja* = collecção de 20 objectos, *dizima* = a dizima parte, decima, *quaderno*, etc.

10. — Os possessivos, demonstrativos, relativos e quantitativos ou nomes de numero,—fazendo ás vezes as funcções de adjectivos e as de pronome, são considerados—*adjectivos pronominaes*.

11. — O *artigo* é um verdadeiro adjectivo determinativo, quer individualise o nome que se lhe segue, quer designe uma especie—geral ou particular. (V. Lição, 26).

Tirou origem na necessidade que tem o povo de nomear claramente as cousas de vida commum, de individualisar a significação do nome.

Sobre a origem do artigo como categoria grammatical, é erronea a hypothese de consideral-o resultante da obliteração do sentido vivo das raizes indicativas ou relacionaes. De feito, o zend, o sanskrito, o grego ani homerico, e o latim classico, conservam mais clara a consciencia dos elementos de relação; mas as linguas semiticas — que mais conservam a significação primitiva, concreta e material de seus typos radicaes (Renan) — possuiam o artigo, e desde o mais remoto periodo historico.

12. — As qualidades pódem ser *physicas* ou *materiaes*:—alto, baixo, quente, frio; e *moraes*:—diligente, preguiçoso, alegre.

13. — Podem mais ser *essenciaes* e *accidentaes*, conforme indicam propriedades essencialmente caracteristicas da pessoa ou cousa, ou não:—*Branca neve, o cavallo é quadrupede*, são propriedades essenciaes; *chapéo alto, cavallo náfego*, são propriedades accidentaes.

Aos primeiros denominam alguns grammaticos—*explicativos;* aos segundos—*restrictivos.*

Tambem são considerados adj. accidentaes ou restrictivos, os subst. que modificam outros:—*Rei navegador.*

14. — Quanto á FÓRMA, os adjectivos dividem-se em *primitivos* e *derivados*:—*rico, furioso; simples* e *compostos:—verde, auri-verde.*

15. — Aos *derivados* pertencem os *patrios, gentilicos* e *verbaes.*

Patrios são os que indicam a naturalidade de um ser ou de uma cousa:—*Bahiano, Maranhense.*

Gentilicos, os que indícam a nacionalidade:—*Brazileiro, Inglez.*

Verbaes, os que tiram origem em um verbo:—*amante, pedinte, fallador.* (V. L. *derivação*).

16. — Ha uma outra classificação dos adjectivos tambem em duas classes: 1º, dos que *fixam a attenção na qualidade ou propriedade* que descrevem, quer esta propriedade seja objecto de sentido physico (*certo, alto*), quer de percepções mentaes e affeições (*caro, verdadeiro*); 2º, dos que se referem manifesta e distinctamente a algum primitivo (*ferreo, pedregoso*).

Aos da primeira classe, chamam. .adj. *qualificativos*; aos de segunda, adj. de *relação*.

17. — O adjectivo é uma simples differenciação do substantivo. Prova-o a sua syntaxe. (V. Lição 6ª *in fine*).

NONA LIÇÃO

Da classificação das palavras.— Do pronome e suas especies

1.— Vide Lição setima.

2.— Conforme a etymologia, o *pronome* é uma palavra que substitue o nome.

O substantivo exprime uma *idéa*, designa as pessoas ou cousas por suas qualidades distinctivas, caracteristicas, naturaes. O pronome, porem, exprime apenas uma *relação*, isto é, designa as pessoas ou cousas por sua relação oracional.

3.— Os pronomes dividem-se em duas grandes classes :— Pronomes *substantivos* e *adjectivos*.

a) Os pronomes são *substantivos* — quando excercem as funcções de substantivo, isto é, quando ocupam o logar do sujeito, objecto, etc. :— Elle (o professor) *deu*-lhe (ao alumno) *um livro*.

b) Pronomes *adjectivos* são os que determinam o substantivo juntando-lhe uma relação de posse ou indicação :—Este (quadro) *é de Pedro*, isto é, o quadro

indicado pela pessoa que falla: O TEU (escripto) *é de mais valor.*

O pronome adjectivo, pois, limita tambem de algum modo o substantivo, com uma idéa de espaço ou distancia: AQUELLE (autor) *é mais classico que* ESTE.

4.— Os pronomes substantivos dividem-se em *pessoaes* e *indefinidos.*

a) Os *pessoaes* designam a pessoa que falla, a com quem se falla, e a pessoa ou cousa de que se falla (*fallante, interlocutor, assumpto.*)

São consequentemente de tres classes: 1.ª pessoa — *eu, nós;* 2.ª,— *tu, vós;* 3.ª, *elle, ella; elles, ellas* (*o, a, os, as:*— *Tinha essa obra, mas já* A *dei.*)

São estes os verdadeiros pronomes. A sua origem foi posterior ao plural, e a idéa do pronome sujeito foi a ultima a formar-se.

Os pronomes pessoaes — diz Sayce — tiveram origem no periodo epithetico, e provavelmente sensivel como a dos nomes de numeros. Eram a principio — como refere Bleeck — substantivos com a significação de *senhor, reverencia, criado*, etc., Cp. port. *Fulano* ou *Fuão, Beltrano, Sicrano* (=elle, alguem) o *Degas* (= eu), etc.

Amostra mais evidente desse facto na lingua portugueza, temos na palavra *você,* fórma atrophiada de *vosmecê,* contracção de *vossemecê* ou *vocemecê,* que representa a transformação do titulo honorifico *Vossa Mercê* em um simples signal unitario. A palavra *voce* desterrou quasi que completamente da linguagem popular o pronome *vós,*[1] conservando todavia as suas

[1] *Vós* ainda é empregado em alguns pontos de Portugal e Brazil na linguagem familiar.

prerogativas de *reverencia, ceremonial* (3ª pessoa), e é hoje um verdadeiro pronome.[1]

Foi tambem o que succedeu em Hespanha com a differença que o *pronomen reverentiæ* —*Usted*, tambem se applica a pessoas de respeito e com quem não privamos.

a) Os *indefinidos* são tambem essencialmente pronominaes, isto é, não podem ser construidos com substantivos claros: — *alguem, ninguem, se, outrem, tudo, nada ; fulano, sicrano, beltrano* (= elle.)

Os substantivos *homem* e *gente* são empregados na linguagem popular de Portugal e Brazil, como verdadeiros pronomes: aquelle, desde o seculo XV (D. Duarte, Ferreira, Sá de Miranda, etc.); este, mais modernamente: Cp.: fr. *on ;* all. *mann ;* ing. *man* e *people* (alem de *one* e *they*).[2]

5.— Os pronomes adjectivos dividem-se em *demonstrativos, distributivos* e *conjunctivos* ou *relativos* (interrogativos).— (V. Lição oitava).

Os demonstrativos *isso, isto, aquillo*, são, porem, essencialmente pronominaes, e neste caso acham-se outrosim os conjunctivos— *que, quem, quem quer que*, o *que quer que*.

6.— Os conjunctivos referem-se a alguma cousa já expressa em outra proposição, mas cuja determinação elles mais tornam precisa.

São *interrogativos* quando perguntam a relação demonstrativa. Nas phrases interrogativas, e ainda

---

[1] Pacheco Junior.— *Questões grammaticaes*, 1886.
[2] V. Pacheco Junior.— *Rev. Braz.*, 1882.

nas interjectivas, o pronome *que* é adjectivo: — *Que flor é essa?* — *Que menino!*

Os pronomes relativos foram primitivamente demonstrativos, e ainda no chinez o relativo *so* = logar. (Philippi, Schoff — *gram.* ap. Sayce *Pr.*)

O pronome é pois uma *differenciação logica* do nome. A sua origem repousa na dupla modalidade psycologica do *subjectivo* e do *objectivo*, distincção caracteristica de todas as fórmas da *vida consciente.*

Os pronomes e os nomes de numeros constituem " o traço de união entre a grammatica e o vocabulario "; os primeiros ensaios "da passagem do abstracto para o concreto."

A origem dos pronomes pessoaes, ou melhor a fixação e limitação da sua funcção, que mais se especialisou com o apparecimento do verbo, perde-se no genesis da historia da linguagem."

1 Em algumas linguas em que o mechanismo pronominal é imperfeito, occorrem á necessidade por meio do gesto ou de certas intonaçõcs de voz. (Wilson, etc.)

DECIMA LIÇÃO

Classificação das palavras.— Do verbo e suas especies

1.— Vide LIÇÃO SETIMA.

2.— *Verbo* é a palavra que exprime uma acção, uma affirmação. [1]

Sem asserção não póde haver communicação de pensamento.

Mas quanto á noção de tempo (periodo de acção — passado, presente ou futuro), devemos advertir: 1.° que na maior parte das linguas os verbos teem fórmas que excluem aquella noção, como por ex., o infinito; 2.° que as proprias fórmas grammaticalmente expressivas de tempo, são — em proposições geraes — empregadas aoristicamente, ou sem referencia a tempo. Quando dizemos — *os passaros voam,* não affirmamos que elles voam *agora*, que já *voaram*, ou que *hão de* voar; mas simplesmente que o poder de voar é delles attributo em todos os tempos.

O emprego do presente pelo futuro é ainda uma prova da nossa asseveração. Nas phrases *vou amanhã*, *je vais demain*, *I go*, ou *am going to morrow*, *Ich gehe morgen*, etc, os adverbios *amanhã*, *demain*, *to morrow*, *morgen*, e não os verbos *vou, je vais*, *go*, *gehe*, é que representam verdadeiramente as palavras de tempo (Mars-*Lect).*

Chamar ao verbo *palavra de tempo* com os Allemães (*Zeitwort)*, é pois denominal-o por um incidente, e não por um caracteristico essencial; por uma propriedade occasional, e não universal.

---

[1] Todos os verbos exprimem uma noção de actividade, considerada nas relações da pessoa, tempo e modo. Os apparentemente inactivos já exprimiram uma acção originariamente.

3.— Consta de dous elementos — um *material* (a acção enunciada), e o *formal* (a affirmação ou copula logica.) A acção é indicada pelo *thema*, a affirmação pela *desinencia*.

4.— Por sua natureza, o verbo lembra o substantivo e o adjectivo. Os gerundios, os participios e os infinitos são fórmas nominaes.

5.— A analyse do verbo descobre tambem tres circumstancias distinctas:— a *significação*, o *modo de significar*, e a *funcção*. [1]

a) *Significação*. E' o sentido originario da palavra, expresso pelo radical. Em *amar*, a idéa primitiva é *amor*, indicada no thema *am*.

b) *Modo de significar*. São os *tempos*, *modos* e *vozes*, que determinam rigorosamente a idéa contida no radical.

c) *Funcção*. E' a faculdade de poder o verbo exprimir a ligação relacional entre o sujeito e o attributo. Em *amamos*, a idéa de *amor* é attribuida ao sujeito *nós*.

6.— As funcções do verbo estão pois sujeitas a quatro modificações — de *pessoa*, *numero*, *tempo* e *modo*.

7.— Os verbos dividem-se em duas grandes classes:— *nocionaes* (transitivos e intransitivos) e *relacionaes* (auxiliares.)

---

[1] Ay— *Gramm. comp.*

8.— Quanto á sua significação tambem podemos dividil-os:

a) Segundo a natureza do sujeito; em *pessoaes* e *unipessoaes.*

b) Segundo a natureza da acção, os PESSOAES — em *transitivos* e *intransitivos.* [1]

c) Segundo a natureza da affirmação, os TRANSITIVOS — em *activos, passivos, neutros* e *reflexos.*

9.— Verbo *unipessoal* é aquelle que não tem expresso o seu sujeito logico:— *trovejar, chover.* Só se emprega na 3ª. pessoa do singular, e constitue só por si uma proposição, cujo sujeito é a idéa de uma acção ou de um phenomeno natural expresso pelo verbo.

E' de algum modo um nome com terminação verbal, e que se conjuga (Egger.)

No sentido figurado tornam-se, porém, pessoaes:— *choveram empenhos, Deus choverá sobre os máos pennas, tormentos* (H. P. 352), *em nossas almas choves certas e altas doutrinas,* Cam. *O* de 8); *troveja o orador, relampague a estes olhos a verdade.* (Esc. da Verd.).

10.— Os *transitivos* ou *objectivos* designam acções passantes do sujeito para um objecto. A sua idéa é *incompleta* sem a noção complementar de um objecto.

Pertencem a esta classe os chamados *causativos,* que se podem periphrasear com auxilio de certos verbos:— *trabalho* e *economia* augmentam a *fazenda* (= fazem augmentar.)

---

[1] Esta classificação tem por fundamento a natureza do predicado incluido no verbo.

11.— Os verbos *intransitivos* ou *subjectivos* affirmam acções limitadas aos sujeitos que as fazem : — *dormir*, *chorar*, *morrer*, *cahir*. A sua idéa é *completa* sem a noção complementar de um objecto.

Por sua natureza não podem ser conjugados na fórma passiva.

As acções dos verbos intransitivos, ás vezes, mais exprimem modos de ser ou estado, e por isso muitos definem o verbo — palavra que exprime acção ou *estado*.

Todavia ha muitos verbos intransitivos indicadores de movimento — *correr*, *andar*; mas as idéas nelles contidas não representam os objectos de que são predicados as qualidades — *andante*, *corrente*, como exercitando uma acção sobre outro objecto.

12.— Entre os verbos intransitivos são de notar os *inchoativos*, que exprimem principio de acção ou uma acção successiva (passagem de um para outro estado) :— *empallidecer*, *envelhecer*.

13.— A classificação em transitivos e intransitivos não é absoluta, que muitissimos verbos transitivos são empregados intransitivamente e vice-versa.

14.— A relação existente entre o sujeito e o predicado, póde ser activa ou passiva, isto é, o sujeito póde fazer ou soffrer a acção expressa pelo verbo. D'ahi os verbos *activos* e *passivos*.

15.— *Reflexos*, são os verbos pronominaes cuja acção recahe na mesma pessoa que a pratíca :— *elle* feriu-*se*, *arrependeu-se*.

São uma consequencia da voz *reflexa* ou *media*, em que o sujeito é ao mesmo tempo activo e passivo. Constituem pois fórmas intermediarias entre a voz

activa e passiva, e conjugam-se com um pronome objectivo da mesma pessoa do sujeito.

Distinguem-se em reflexivos *intransitivos* e *transitivos*.[1]

Os intransitivos subdvidem-se em *essenciaes* e *accidentaes*, conforme são reflexos na fórma e no sentido (e neste caso o pronome reflexivo é emphatico) ou transitivos apenas na fórma:—*arrepender-se; refugiar-se.*

Refugiar sem o pronome indica idéa causativa:— *elles* refugiaram *os escravos.*

Os *accidentalmente* reflexivos são de muito menor importancia. Não recahe no agente a acção por elles exercida, o pronome reflexivo tem apenas sentido intransitivo:—*enganar-se, deleitar-se, exercitar-se, enfadar-se, enferrujar-se, admirar-se*, etc.

1.° Alguns verbos neutros podem empregar-se como verbos reflexos improprios para exprimirem a reacção do sujeito (pessoa) sobre si mesmo:— *elles riram-se, eu* me *parece* (Garrett, etc.)
O pron. neste caso é compl. indirecto (dativo.)
2.° A fórma reflexiva ou média foi que deu origem á nova fórma passiva dos verbos — *espalhou-se uma noticia, queimaram-se predios.* (V. Licções 16.ª e 27.ª).

16.— Os verbos reflexos (activos ou neutros) exprimem muitas vezes uma acção reciproca entre dous ou mais sujeitos:— *elles fallaram-se, nós nos batemos.*

---

[1] Quasi todos os verbos reflexos são transitivos (adjectivos) que na fórma reflexa, exprimem uma idéa intransitiva ou conservam sua significação transitiva. D'ahi a distincção em verbos reflexivos *intransitivos* (propriamente ditos), e reflexivos *transitivos* (verbos transitivos empregados como reflexivos).

A estes verbos é que geralmente chamam os grammaticos — *reciprocos*.

17.— Os verbos *auxiliares* são os elementos formadores dos tempos compostos, da voz passiva, dos verbos periphrasticos e frequentativos.

Egger define-os — verbos que, privados de uma parte do seu sentido proprio e desviado da sua primitiva funcção, tornam-se elementos de uma locução complexa.

Podemos classifical-os em tres categorias:

1.ª dos que se combinam com os participios presentes (activos) e passados (passivos):—*estou fallando, sou estimado.*

2.ª com infinitos:— *hei de fallar, tenho de fallar.*

3.ª com infinito e participios:— *has de ter fallado.*

Representam um exemplo notavel do processo analytico.

O poder auxiliante desses verbos é apenas uma modificação do poder originario, que elles teem ou tinham quando não auxiliares.

A verdade é que o espirito não mais se recorda do sentido primitivo dos verbos *ser, ter, tornar-se*, etc. (*sou amado*, ing. *I shall go*, all. *Ich werde gehen* — litt. *eu torno-me ir*); " subordina-os ao participio passado ou ao infinito para com elles exprimirem um unico juizo. "

Os auxiliares são verbos relacionaes. Só exprimem o *tempo* ou *modalidade* e a voz *passiva* dos verbos nocionaes, que então se chamam— *principaes*.

Os auxiliares e o principal fazem, na composição, a mesma funcção que a inflexão nas linguas classicas.

SEMI-AUXILIARES — São certos verbos que só teem caracter de auxiliares nas fórmas verbaes em que elles apenas conservam parte da sua significação propria :— *toruar, ir, dever, vir*. . .

18.— Os verbos ainda podem ser classificados segundo a sua natureza em *concretos* e *abstractos*, *terminativos*, *frequentativos* e *periphrasticos*.

a) Os *concretos* exprimem uma idéa de acção : — *ler*, *matar*. Tanto póde formar a copula como o predicado de uma proposição.

b) Os *abstractos* exprimem uma simples relação da proposição. Só podem formar-lhe a copula, e nunca o predicado.

Ainda temos mais :

a) Os *terminativos*, que são os verbos cujo predicado requer um termo indirecto de acção :—DAR *esmola* AOS *pobres*. Os terminativos podem ser transitivos ou intransitivos.

b) *Frequentativos*, aquelles cujo participio imperfeito juntam-se aos tempos do mesmo verbo ou de outro, afim de indicarem com mais colorido a acção expressa pelo predicado :— *vir vindo*, *vou indo*, *andar cahindo*.

c) Verbos *periphrasticos* são as locuções complexas formadas dos tempos dos verbos *haver* e *ter* e do infinito do verbo principal, ligados pela preposição *de:* — *tu tens de escrever* (v. p. obrigatorio), *havemos de estudar* (v. p. promittente.)

19.— Sob o ponto de vista da *fórma*, os verbos dividem-se em *primitivos* e *derivados* (beber,

beberricar), *simples* e *compostos* (dizer, contradizer), *defectivos*, *regulares* e *irregulares*.

Defectivos quando carecem de fórmas:— *jazer*, *feder*.

São *regulares* (fortes) ou *irregulares* (fracos) conforme seguem o paradigma da conjugação a que pertencem ou d'ella se afastam: —*temer*, *valer*.[1]

20.— Damos em seguida a tabella da classificação geral:

1.º Segundo a natureza........	concreto.	
	abstracto.	
2.º Segundo as funcções........	transitivo.	
	intransitivo.	
	auxiliar.	
3.º Segundo o modo de significar	activo.	
	passivo.	
4.º Segundo a origem ou fórma	primitivo.	
	derivado.	
	simples.	
	composto.	
	defectivo.	
	regular.	
	irregular.	
5.º Segundo a significação.....	inchoativo....	*envelhecer*, *adormecer*.
	imitativo	*grugulejar*, *coaxar*, *troar*, *ribombar*.
	frequentativo .	*ir indo*, *estar andando*.
	iterativo......	*latejar*, *saltitar*.
	periphrastico..	*ter de*.
	terminativo...	*dar a*.
	pronominal...	Reflexivo.
		Reciproco.

[1] Vide Lições 16ª e 27ª

Verbo = palavra. O chinez chama aos verbos — *palavras vivas*, aos nomes — *palavras mortas*.

E, de feito. O verbo é o termo essencial da proposição, a palavra por excellencia, o elemento vital do discurso, " o verdadeiro signal do juizo. " " Onde ha um verbo ha um juizo e uma proposição; sempre que elle falta, ha apenas noções isoladas, idéas sem ligação — ou pelo menos incompletas. "

E' de creação muito mais moderna que o nome, e o seu desenvolvimento flexional é de origem mais recente que as flexões nominaes.

DECIMA SEGUNDA LIÇÃO

Classificação das palavras.— Das palavras invariaveis

1.— VIDE SETIMA LIÇÃO.

2.— Estudemos agora a taxionomia das palavra-invariaveis.[1]

1.º ADVERBIO

3.— *Adverbio* (lat. *adverbium = ad verbum*) é uma palavra que se junta ao verbo, e ainda a um adjectivo ou outro adverbio, para (exprimindo as circumstancias da acção) determinar-lhes ou modificar-lhes a significação:—*Pedro estuda* ATURADAMENTE, *ella canta* MUITO *bem, e é* MUITO *bella.*

4.— Ainda podemos juntal-os ao substantivo commum: — *Gonçalves Dias era* VERDADEIRAMENTE *poeta.* E' uma prova de que no substantivo *domina a idéa de uma ou mais qualidades.*

---

[1] Nas lições 20.ª e 28.ª occupar-nos-hemos da sua formação e etymologia. — Escrevemos adstrictos ás indicações do novo programma official para os exames geraes de preparatorios: cada *lição* corresponde exatamente a um *ponto.*

5.— O adverbio corresponde a uma preposição com seu complemento; pode ser considerado complemento de um adjectivo.

Especie de qualificativo por sua origem e funcção,[1] encosta-se mais que as outras partículas ás palavras flexionaes, e admitte gráos de comparação e fórmas diminutivas: — *Elle procede* muito (mais, menos, tão) *nobremente; falar* baixinho.

Exprime todas as circumstancias em que se dá a acção— de logar e de tempo, quantidade e modo, certeza, duvida e negação. Em todos esses casos, elle qualifica o verbo como o adjectivo qualifica o nome. (Vide Lição decima).

6. — Os adverbios dividem-se, quanto á FÓRMA ou origem, em *essenciaes* ou propriamente ditos, *accidentaes*, e *compostos* ou *locuções adverbiaes*.

1º São *essenciaes* os que figuram sempre como adverbios. Podem ser *simples*, formados —em regra— de adverbios latinos—*onde* (unde), *sempre* (semper), *tão* (tam), *já* (jam), *menos* (minus), . . . ; ou *compostos*, cujos elementos já de todo se fundiram no portuguez — *alli* (*a li* = l. illic), *agora* (ac-hora), *assás* (ad satis). . .

Os *compostos* são formados de adverbios latinos reforçados por uma preposição.

2º Os *accidentaes* são palavras de outra categoria grammatical (substantivo, e adjectivo na fórma

---

[1] E são muitas as relações entre o adverbio e o adjectivo, que ás vezes até permutam de categoria.

masculina), mas empregadas adverbialmente:—*forte, certo, alto; bem, tarde,* ....

3º As *locuções adverbiaes* formam-se de duas ou mais palavras (substantivo ou adjectivo) precedidas geralmente de uma preposição (*a, de, em, por, sobre*):—em *vão*, de *balde*, ás *cegas*, de *chofre*, por *fas* e por *nefas*, sobre*modo*.

7.— Sob o ponto de vista da SIGNIFICAÇÃO, os adverbios classificam-se do modo seguinte, conforme a circumstancia que exprimem:

1º Adverbios de TEMPO:— *hoje, agora, já, actualmente* (presente); *hontem, já, outr'ora, antigamente* (passado); *amanhã, em breve* (futuro).

Quando, antes, depois, (relativo); *sempre, nunca, algumas vezes* (absoluto); *muitas vezes, raramente,* (frequencia).

Responde á pergunta—*quando?*

2º De LOGAR:— *aqui, alli, ahi, acolá, onde, cá, lá, algures, alem, perto, longe, proximamente*.....

Responde ás perguntas — *onde? d'onde? aonde?*

3º De ORDEM:— *primeiramente, ultimamente, antes, depois, entre.*

4º De QUANTIDADE ou INTENSIDADE:—*assás, apenas, muito, pouco, mais, menos, abundantemente*....

Responde ás perguntas—*quanto? quantas vezes?*

5º De MODO.— Chamam-se adverbios de modo — alem da maior parte dos acabados em *mente*—:

a) os de QUALIDADE:— *bem, mal, prudentemente.*

b) de DESIGNAÇÃO:— *eis.*

c) de EXCLUSÃO :— *só, sómente, apenas, siquer.*
d) de CONCLUSÃO logica :— *consequentemente.*
e) de AFFIRMAÇÃO :—*sim, certamente.*
f) de DUVIDA :— *talvez, quiçá, acaso, não.*[1]
g) de INTERROGAÇÃO :— *porque, como, quando...*
h) de NEGAÇÃO :— *não, nunca, jamais.*

As negativas subdividem-se em— *simples* e *intensivas* (reforçadas.)

Simples— não, nada, nunca... As *intensivas* são resultado do principio da emphase:— *não quero não ; não-nem ; nenhum-nem ; nunca jamais ; não ter mais de ;* etc... (Vide Lições 20.ª, 28.ª, e 37.ª)[2]

8.— Os adverbios de modo, derivados de adjectivos, exprimem *idéas ;* todos os mais são meras palavras de relação.

9.— Alguns adverbios pertencem a duas ou mais das cinco classes supr acitadas. *Antes*, por ex., refere-se a tempo ou logar; *remotamente*, a tempo, logar, modo, etc.

Em conclusão :

1.º— Não ha negar a natureza nominal do adverbio. E' uma fórma invariavel da flexão nominal ; representa uma *migração vocabular ;* deriva de adjectivos, substantivos, pronomes, numeraes e verbos.

Posto que parte subordinada na phrase, ainda conserva ás vezes, e em differentes connexões, sentido proprio (*subito* — adj., adv.)

2.º—A natureza nominal do adverbio ainda é clara no facto de poderem alguns representar um predicado (*fallar* ALTO.) Latham chama a esses adverbios — *catego-rematicos* (ing. *That's verily ;* fr. ant.— *comment es tu si nobrement.*)

---

[1] A particula *não* nem sempre tem força negativa como veremos nas Lições 28.ª e 37.ª.

[2] Sobre a *negação* int. cons. Lameira de Andrade (monographia.)

3.°— Como os adjectivos correspondentes, os adverbios de tempo e os de logar exprimem verdadeiras circumstancias, que nada mais são do que a qualidade accessoria ou accidental da acção.
4.°— O adverbio póde tambem, em alguns casos, representar uma conjuncção (*adverbios conjunctivos.*)
5.°— Uma preposição sem complemento torna-se adverbio : — *elle marchou* CONTRA *o inimigo* (prep.), *elle fallou* CONTRA (adv.)

Como escreveu o grammatico — *omnis pars orationes migrat in adverbium.*

2º — PREPOSIÇÃO

10.— *Preposição* é uma particula invariavel que serve para ligar duas palavras (subst. ou pronome a substantivo, pronome, adjectivo ou verbo) com o fim de indicar-lhes a mutua relação.

A palavra *preposição* = lat. *præpositio*, isto é, palavra que se colloca antes do nome a que se refere. Esta definição era erronea, e não indicava a natureza interna da preposição, pois que em latim ella nem sempre precedia o nome ou verbo. (*Tenus* colloca-se depois do ablativo ; *cum*, depois de *me*, *te*, *se*, *nobis*, *vobis*, *qui*.) No portuguez, porem, sempre a preposição é precedente.
Os grammaticos gregos classificam as preposições com as conjuncções, sob o nome de *connectivas* (sundesmos.)

11.— Sob o ponto de vista da FORMA OU ORIGEM, as preposições classificam-se em *essenciaes* (propriamente ditas), *accidentaes*, e *compostas* ou *locuções prepositivas*.

1º— As essenciaes são palavras *simples* ou como taes consideradas (pela fusão dos elementos componentes) :— *a*, *antes*, *com*, *contra*, *em*, *entre*, *per*, *por*, *sem*, *sob*... *após*, *para*, *desde*, *até*...

As nossas preposições simples são de origem directa latina, e conservam as fórmas e relações originarias. (V. Lição 28.ª)

Muitas derivam-se de antigos adverbios ou são formadas de duas preposições simples ou de uma preposição (*a*, *de*, *em*, *por*) com um adverbio, substantivo, participios :— de*ante*, per*ante*, de*fronte* ; *apezar*, *excepto*, *salvo*, *tocante*, *concernente*... (V. Lição 18.ª)

2º— *Accidentaes.* São as palavras (substantivos, adjectivos, participios), que, posto de categoria differente, empregam-se todavia com força prepositiva : — *segundo*, *durante*, *consoante*, *salvo*, *visto*, *excepto.*

3º— *Locução prepositiva.* Forma-se, em geral, de adjectivos ou substantivos seguidos de preposição *(a, de)* : — e bem assim de adverbios ou locuções adverbiaes : — *á força de*, *quanto a*, *perto de*, *ácima de*, *concernente a*... *eis aqui*, *eis alli*...

12.— Muitas preposições, como já vimos, derivam-se de antigos adverbios ou são preposições e adverbios conforme a circumstancia é expressa só pela particula (adverbio) ou pela particula seguida de complemento (preposição). As relações entre estas partes do discurso são tão intimas, que a distincção entre ellas não está na *significação*, mas no diverso valor syntaxico com que indicam a mesma circumstancia de logar, origem ou causa, tendencia ou apartamento.

13.— Ainda mais. São varias as relações expressas por certas preposições : não podemos pois classifical-as segundo as suas *significações* actuaes, nem tão pouco de conformidade com as originarias.

14.— O que, porem, se póde affirmar de modo geral, é que as preposições indicam relações de *logar*, *tempo* e *movimento*.[1]

D'ahi a sua divisão em quatro classes:

a) De *logar* e *direcção*:— *em*, *por*, *sob*, *sobre*, *entre*, *para*, *após*.

b) De *tempo* e *duração*:— *antes*, *depois*, *desde*, *durante*.

c) De *causa*, *meio* ou *fim*:— *de*, *por*, *para*, *com*.

d) De *modo*:— *segundo*, *conforme*.

1.°— As preposições são palavras *relacionaes* (geralmente de logar e direcção). Servem para exprimir as varias fórmas das novas idéas; "são prefixos moveis que representam papel analogo ao das desinencias nominaes."

2.°— O seu fim principal é indicar as relações adverbiaes.

3.°— Exprimem as relações externas e internas do espirito humano; as de natureza physica, e as do dominio intellectual. "As relações physicas são geralmente locaes, as de actividade são de direcção e movimento." As relações do dominio intellectual são concebidas como se fossem physicas, e expressas por preposições que denotam relações physicas:— *descançar em alguem*, *consultar com alguem*, *copiar de alguem*.

---

1 O emprego abstracto e metaphorico das preposições é resultado de um desenvolvimento posterior.

Ex.: — *A*, por sua etymologia, remonta á preposição *ad*; mas por suas funcções, corresponde tambem a *ab* e *apud* (*dei um livro* a *Pedro*, ás *furtadellas*, a *sós*, *matou-o* a *tiro*...) *De* = lat. *de*, com diversos sentidos, e representando o gen. e accus. D'ahi a variedade de relações em portuguez—de tempo, causa, instrumento, meio, modo, materia, quantidade, preço; corresponde ao gen. poss., obj. e de quantidade; entrou em grande numero de composições com substantivo e adjectivo (como já vimos)—*de maravilha*, *de seguro*, etc.

4.º— A preposição e a flexão nominal coexistiram no dominio historico da linguagem.[1]

Foi em varios casos o verdadeiro expoente relacional de declinação; e esta funcção ella ainda conserva nas linguas analyticas.

Nas linguas flexionaes ou syntheticas, as preposições — por sua tendencia agglutinativa, e consequentemente enclytica — já eram, por assim dizer, uma *flexão dupla*, principalmente — por motivo de clareza — nos casos como o ablativo latino, que mais representava relações significativas (*mecum*, *cum nobis*, *in agro*, *ex agro*...)

Este facto devia ter concorrido forçosamente para o enfraquecimento gradual dos casos, e mais tarde para a sua perda total, como se deu em geral nas linguas néo-latinas. (V. Bréal, Egger, etc.)

3º — CONJUNCÇÃO

15.— *Conjuncção* (lat. *conjunctionem*, de *cum jungere*) é a palavra invariavel e relacional, que serve para ligar palavras e proposições.

16.— O seu caracteristico é indicar a relação que teem entre si as phrases ou proposições, e tambem as partes do discurso subordinadas á flexão (nome e verbo.)

17.— Consideradas quanto aos seus elementos, dividem-se em *simples* e *compostas* (*pois*, *mas*...*todavia*, *outrosim*...)

18.— Quanto á sua SIGNIFICAÇÃO ou funcções no discurso, podemos dividil-as em duas grandes classes

[1] A origem nominal das preposições é que explica as flexões casuaes de certas fórmas:— lat. *abs* e *apud* = arch. *a-por*, a 1.ª um genitivo e a 2.ª um locativo e ablativo; e os gráos de comparação como *in-ter*, *sup-er* (= *sub-ter*). (V. Curtius, Meunier, etc.)

— de *coordenação* e de *subordinação*, que se subdividem do modo seguinte:

Coordinativas ou connectivas copulativas	copulativas — *e, tambem...* disjunctivas — *ou, quer...* continuativas — *pois, ora, outrosim...* adversativas — *mas, porem, todavia...* explicativas — *como, assim como...* conclusivas — *logo, portanto, por consequencia...* comparativas — *mais-que, tão-como...*
Subordinativas ou connectivas continuativas	condicionaes (suppositivas) — *si, com tanto que, se por ventura...* causaes (positivas) — *porque, visto que, pois que...* concessivas — *embora, ainda que, posto que...* temporaes — *como, quando, logo que...* finaes (integrantes) — *que, si.*

19.— A conjuncção coordinativa liga entre si asserções ou palavras independentes; a subordinativa só liga affirmações dependentes, e nunca palavras.

20.— Segundo a FÓRMA, as conjuncções dividem-se em:

1º *Essenciaes :— e, nem, mas, pois, quando, como...* (*simples*, e todas de origem directa latina), e *tambem, todavia, portanto* .... (*compostas*,— entre si ou com adverbios.)

2º *Accidentaes :— Assim, logo, ora, já....*

3º *Locuções conjunctivas :— Não obstante, de sorte que...*

Muitas conjuncções actuaes são antigas locuções reduzidas a simples signal unitario:— *senão, tambem, outrosim.*

21.— Consideradas ainda sob o ponto de vista da ORIGEM, as conjuncções podem dividir-se em duas categorias, a de derivação latina e a de formação portugueza:— *e, ou, como, quando, si, pois, mas, nem, quando, que...* (l. class.), *tambem, pois que, porem..* (l. pop.), *outrosim, entretanto, pois que, posto que...* (f. port.)

1.°—As funcções de certas conjuncções pouco differem das de alguns adverbios, e das suas relações resultam delicadas cambiantes do pensamento (Wierz. *Gramm.*)

2.°—A preposição equivale—pela significação—á flexão casual; a conjuncção quasi que equivale á flexão modal pelo muito que contribue para variar-lhe o sentido e uso: Cp. *sei* que *estudas, sei* como *estudas*, etc.

Os modos não podem exprimir, só por si, as relações indicadas pelas conjuncções, e este facto basta para mostrar a importancia da particula.

3.°— A conjuncção pertence ao ultimo periodo da differenciação grammatical. Mais encostada ao pronome — pela origem e valor — foi a principio simples *junctura* ou *articulação* phraseologica.

Tornando-se, de simples connectiva, palavra de subordinação, deu origem á complexidade syntaxica do modo subjunctivo.

4º — INTERJEIÇÃO

22.— Os physiologistas grammaticaes differem muito quanto á ordem de successão das outras partes do discurso; mas quanto a esta, são todos accordes em que no genesis da linguagem a interjeição, e as

palavras onomatopaicas devem ser consideradas os primeiros vagidos linguisticos. (W. Smith. *Manual.)*

No esboço historico do desenvolvimento genetico das partes da oração, devia-se pois naturalmente começar pela interjeição.

23.— A interjeição propriamente dita — primitiva, originaria — é um grito espontaneo e instinctivo, um som animal.

Não constitue technicamente parte da oração; é uma voz intercalada na phrase, *atirada*[1] na proposição para exprimir um subito sentimento, uma emoção do espirito.

E' um grito do instincto; o echo dos sentimentos naturaes.

24.— Verdadeiro grito da natureza, as conjuncções primitivas são monosyllabicas, e parecem-se em todas as linguas, comquanto modificadas na intonação.

As interjeições — diz Breal — semelham certas raças selvagens, que embora vivendo a par da civilisação, conservam-se todavia apartadas, independentes, nunca assimiladas nem destruidas.

25.— Do grito natural e espontaneo, porem, transformou-se a interjeição em palavras *convencionaes*, intencionaes, reflectidas, representando a fórma abreviada de uma phrase, a synthese de uma proposição. Ex.: *Coragem!* = tende coragem, *Credo!* = ouço-te, vejo, etc., com o Credo na boca, isto é, com medo, apavorado.

---

[1] Lat. *interjectio*, de *interjicere* = *jogar*, *atirar*, etc.

26.—Podemos pois classificar as interjeições quanto á ORIGEM OU NATUREZA, em *instinctivas* ou primitivas, *onomatopicas*, *convencionaes* ou derivadas.

1º As *instinctivas* (essenciaes) são as que representam simples gritos da natureza; são quasi identicas em todas as linguas, e — como as palavras no chinez — a mesma interjeição pode exprimir varios sentimentos ou emoções, conforme á intonação: — *Ah! eh! ih! ha! ho! hi! ai! hui!...*

2º As *onomatopicas* podem ser consideradas primitivas:— *co có, tic tac, bum, zape, sape...* geralmente com força intensiva. A interjeição *psiu*, usada para silenciar, tambem é onomatopica, e consiste meramente em um som atono, e como que segredado.

Não devemos, porem, confundir onomatopeas com interjeições. Estas indicam *sensações*, aquellas — *percepções: bum bum* e *chape chape* são vozes tão onomatopaicas como *ronco, troar, clangor.* As primeiras são espontaneas, as segundas convencionaes.

3º As *convencionaes* são verdadeiras palavras (subst., adjv., verbo, adv.)

a) Termos descriptivos de emoção, com entonações appropriadas — *horrivel! bravo! misericordia! diabo*! (convencionaes).

b) Nomes proprios ou communs, usados para chamar animaes, etc.

c) Verbos no imperativo — *vamos! olha!* (com particular intonação de voz).

c) Nomes usados imperativamente por meio da intonação:— *silencio! fóra! firme¿*

e) Fórmas abreviadas, empregadas particularmente pelo vulgo (locuções interjectivas) —*Hom'essa!*, *pardeos* = por Deus, *bofé* = boa fé, *ayesú* = ai Jesus! *aqui d'El-rei! Ave Maria*! *Valha-me Deus*! *O diabo te leve*! *Máos raios te partam*! *Deus te favoreça*!

A esta classe pertence a maior parte das fórmas familiares optativas e deprecativas, e ainda as de invocação de bençãos, as precativas. *Adeus!* é um exemplo, e dos mais bonitos.

Nas imprecações e juras é o portuguez mui rico de fórmas interjectivas, e dellas são grandes repositorios o Canc. da Vaticana e as obras de Gil Yicente.

PRECATIVAS. Sec. XIII. C.V.— *Por deus* (var. *par deus per deus, pardes*), *per boa fé*, (var. *per bona fe*), *per nostro Senhor Grad' a Deus, Ay Deus val. Por Deus da cruz...* Sec. XVIII— *Nome de Jesu, Oh corpo de Deus sagrado, Ah! santo corpo de mi, Ave Maria, Polos santos evangelhos, por minha alma....*

IMPRECATIVAS —Sec. XIII.— *Ma morte me prenda, nunca me valha nostro Senhor. Maldito seia. Mao peccado, mal me venha, que o tal demo tome, lança de morte me feyra...* Sec. XVI— *Choros maos chorem por ti, dores de morte te dem, O' diabo dou a morte, máos lobos me acabem já, olho máo se meta nelle, eego seja...*

As juras e pragas são vulgarissimas em todas as linguas, e eram mui frequentes e populares no latim—*pro deum fidem, pro sancte Jupiter, Proh! humane Jupiter, Divene mortant, malam tibi, Jupiter te perdat, mala cruz....* (Plauto).

São tambem de notar as fórmas comicas portuguezas:— *Fernão d'Esculho me pique, Pezar ora de San Pego, viagem de João Maleiro, pezar a Jam Pimentel, Por vida de San Fará, Juro a San Juneo Sagrado, O' renego de San Grou...*

21. — Vê-se pois do que acabamos de dizer que o sentido das interjeições depende das modulações da voz.

22.—Sob o ponto de vista do SENTIDO, as interjeições classificam-se em:

a) de admiração, espanto—*ah! oh! Jesus!*

b) dôr, magoa,— *ai! hui!*

c) exhortação, acoroçoamento—*eia! avante! bravo!*[1]

d) prazer, alegria— *oh! olá! caspite!*

e) desejo, saudade—*oxalá, praza a Deus.*

f) chamamento, invocação—*ó, olá, psiu!*

g) aversão, colera—*fóra! irra! arre! apage!*

h) zombaria—*fóra*! *hi*! *hu hu*! *ha ha*!

i) de calamento ou silenciadora — *chiton*! *psiu*! *caluda*! *silencio*![2]

Alguns glottologos dividem as interjeições (quanto á significação) em duas classes: 1.ª das que exprimem dôr ou prazer mental ou physico; 2.ª das que indicam impressões derivadas de objectos externos pelos orgãos do ouvido e da vista.

24.—Em remate. As interjeições portuguezas pois dividem-se: *a)* em exclamações naturaes exprimindo paixão ou emoção; *b)* em exclamações naturaes exprimindo um estado da vontade (calamento, invocação, animação, mando); *c*) imitação dos sons

---

[1] A's involuntarias expressões de sensação ou emoção, mas dirigidas a outras pessoas ou a animaes, indicando desejo, mando (imperativos), chamamento, acoroçoamento, etc., emfim todas as articulações destacadas, tendentes a influenciar a acção, ou chamar a attenção de outros, mas não syntaxicamente ligadas com o periodo, dão os Allemães o nome de *Lautgeberden* (mimica vocal).

[2] *Hurrah! hip! hallow!* já são hoje de uso corrente na lingua portugueza e fazem parte do nosso lexico.

naturaes:—*qua qua* (c. v.) *ru ru ru, pate pate* (G.V.), *glu glu, plash* ! *bum bum* !

NOTA. Banida do districto grammatical, é todavia a interjeição muito para ser estudada —não só por sua importancia sob o ponto de vista philosophico, mas tambem pela vivacidade que ella empresta ao estylo, por sua expressividade inherente e independente. A interjeição é a palavra, *a phrase primitiva,* a parte fundamental da linguagem: com ella, a phrase actual, de descriptiva torna-se expressiva.

As interjeições correspondem ás *expletivas* dos rhetoricos, com a differença de que estas carecem de significação.

"Consideremos pois a interjeição—palavra; não de caracter logico ou didactico, mas rhetorico e dramatico."

Fechamos esta lição com as palavras de um notavel philologo americano:

"O facto de exprimirem as interjeições as multiplas emoções do espirito humano, favorecendo consequentemente a subita e viva manifestação do pensamento; de serem os unicos intermediarios entre o homem e os brutos, e ainda entre estes; e de constituirem uma lingua universal,— é quanto basta para patentear-lhes a importancia sob o ponto de vista

philosophico. Não ha negar que os interjeições, quando bem empregadas, muito contribuem para tornar a linguagem o exacto psychographo do espirito humano."

DECIMA SEGUNDA LIÇÃO

Aggrupamento de palavras por familias e por associações de idéas.— Synonymos, homonymos e paronymos

1.— Familias de palavras são grupos de vocabulos, que tem entre si certa analogia ou relação de *som*, *fórma*, *sentido* ou *construcção*.

2.— São pois em numero de quatro as familias de palavras.

1.ª *Familia philologica.*— E' aquella cujas palavras constituintes apresentam relações morphicas, e teem raiz ou radical commum. Ex.:

Raiz AM: — *amor, amoroso, amorabundo, amorifero, amoravel; amar, amante, amazia, amador, amabilidade; amigo, amisade, amistoso, amigavel; namoro*, -ar,-dor; *amistar, amistança; inimizade, inimigo, desamor*......

Raiz DUC (conduzir, levar, reger, governar):— *conduzir, conductor, conducta, conducção; seduzir, seducção, seductor; deduzir, deducção; educar, educação, educador; introduzir, introducção, introductor; induzir, inducção, inductor, induzimento; reduzir, re-*

ducção, reductor, reduzivel, reductivo, reductivel ; traduzir, traducção, traductor ....

Raiz LEG (reunir) : — *lei* (l. *legem*), *leal, lealdade, legalidade, legalisar, legalisação, legalisador ; legista, legitimo, lidimo, legitimar, legitimação, legitimista, legitimidade ; legiferar, legislar, legislador, legislação, legislativo, legislatura, privilegio*.....

Radical *grapho* (gr. *graphein*, escrever, descrever) : — *graphia, graphar, graphico ; epigraphe, epigraphia*,—ico,—ista ; *graphite ; graphometro, paragrapho* (párafo) .....

Composto com as palavras prefixas — *aer, autos, biblion, bio, caco, calle, chiro, choro, cosmo, ethno, geo, hiero, ichno, micro, lexico, oreo, ortho, paleo, photo, phoné, sceno, telé, topo, typo*, etc., deu-nos *grapho* um grupo importante de vocabulos de formação erudita, e com jus de accrescer.

O radical indica a idéa principal ; as desviações dependem do valor dos prefixos e suffixos.

2.ª *Familia phonica.*— E' a que se compõe de palavras, que — ainda quando de radical differente, e não representando relações de idéas — confundem-se todavia na pronuncia, e ás vezes tambem na graphia : — *sella cella, pena penna, ama* (subst.) e *ama* (verbo), *dado* (s.) e *dado* (part.),... *meta méda, séde sède*.

Esta familia consta dos HOMONYMOS e PARONYMOS.

3.ª *Familia ideologica.*— Compõe-se: 1.º de palavras de radical commum ou differente, mas cujas

relações teem sentido mais ou menos semelhante, ou identico : — *amor, amizade, affecto, affeição, estima; sermão, pratica, predica, exhortação ;*..... 2.° de palavras representantes de idéas oppostas, antagonicas : — *bonito feio, alto baixo, corajoso covarde.*

A's palavras que constituem esta familia dá-se os nomes de SYNONYMOS e ANTONYMOS.

4.ª *Familia syntaxica* ou de *construcção divergente.*— Compõe-se de palavras que representam as mesmas funcções na estructura da phrase : — *começou* de *fallar, começou* a *fallar ; pegar* da *penna, pegar* na *penna :*

(V. Synon. e Liç. 29.)

SYNONYMOS

3. *Synonymos* (gr. *sun* e *onuma*).

São palavras de uma mesma lingua, que — posto de radical differente e diversa categoria grammatical — teem todavia *identico* sentido, ou representam differenciações significativas de uma idéa principal.

1.° Na opinião do professor Marsh, synonymos verdadeiros devem ser palavras que, em uma mesma lingua, teem identica significação e pertencem á mesma classe grammatical: — *merito merecimento, acolá alli, ver enchergar.* O uso, porém, arrolou tambem nesta familia, as palavras de significação ligeiramente differentes.

2.° "Para que as palavras sejam synonymas é mister representem noções complexas e geraes, collecções de idéas simples." Em *aversão, odio, inimisade,* cada uma dessas palavras encerra certo numero de idéas mais geraes, mais simples, elementares *(antipathia, aborrecimento, nojo, tédio),* "que constituem o seu dominio, a sua extensão, a sua *significação* ".

Mas, ás vezes, um ou mais termos significativos de uma ou mais *especies*, são synonymos do termo que exprime o *genero* por elles indicado. *Rocim* e *corsel* são synonymos de *cavallo*, que designa a idéa geral de *rocim* e *corsel*.

4. Os synonymos, pois, quanto á sua natureza, devem dividir-se em *perfeitos* e *imperfeitos*.

Perfeitos — são os que teem identico sentido: *encarouchar embruxar*, *frade freire (frei)*, *arroto eructação*, *usurario usureiro*, *avaro avarento*, *cara rosto*, *perna gambia*, *cabedal capital*, *caminho de ferro* e *ferro-via*, *dedo minimo* e *dedo meiminho*, *tremor de terra* e *terremoto*, *spectro abantesma* ...

Ha synonymos perfeitos, e nem póde deixar de havel-os. Basta attender á formação divergente do nosso vocabulario, aos elementos historicos da lingua, á importação neologica, ás forças creadoras e modificadoras (prefixos e suffixos), ás differenciações locaes, etc., (V. § 5.º)

Imperfeitos — os que apenas apresentam entre si relações mais ou menos intimas, mas nunca identidade de sentido.

5. Estudemos agora as varias causas da synonymia.

1.ª - - TENDENCIA POLYONYMICA. — E' geral, e natural, a tendencia que tem o povo para designar um objecto por mais de um dos seus respectivos caracteres. Além do facto de idiosyncrasias de constituição mental, ha a necessidade de fugir ao tedio das repetições constantes, e de exprimir o pensamento do modo mais vivo e colorido possivel. Ex.: — *diabo*, *demonio*, *demo*, *diacho*, arch. *decho* e *dexemo* (G.

Vic.), *Satan*, *Satanaz*, *canhoto*, *tinhoso*, *espirito máo*, etc. *Pateta*, *tolo*, *palerma*, *papalvo*, *paspalhão*, *basbaque*, *nescio*, *imbecil*, *tolaz*, *parvo* (parvoalho), *estolido*, *idiota*, *bolonio*, *patola* ....

Essa exuberancia synonymica é mais propria dos primeiros periodos das linguas, pelo pendor natural para o estylo figurado ou metaphorico. No sanskrito veda o sol tinha diversas denominações — o *brilhante*, o *amigo*, o *generoso*, o *nutridor*, o *creador*, etc. (M. Müller *Lect.*); o arabe tem 500 synonymos para designar o leão (Renan, *L. Sem.*); no dialecto islandico ha 150 synonymos para *espada* (Snorro's *Edda*).

2.ª—Derivação divergente, e renovação erudita.— A cultura litteraria introduziu no portuguez crescido numero de vocabulos de fundo erudito, tirados immediatamente dos autores latinos.

E assim originaram-se grande numero de fórmas divergentes, porque a maior parte desses vocabulos já pertencia ao fundo popular da lingua :— *coalhar coagular* (= l. coagulare), *prêa preda presa* (= l. proeda), *mancha macula* (= l. macula), *paço palacio* (= l. palatium), *quedo quieto* (= l. quietus), *doar dotar* (= l. dotare), *alhear alienar* (= l. alienare), *nedio nitido* (= l. nitidus), etc. (V. Liç. 23).

Mais. Um vocabulo deriva do nominativo, e o outro do accusativo latino : — *ladro* (latro) e *ladrão* (latronem), *preste* (presbyter) e *presbytero* (presbyterum).

Foi a renovação litteraria que nos deu — *legitimo* p. *lidimo*, *dispensa* p. *dispensaçom*, *secular* p. *segrar*, *integro* p. *inteiro*, *plano* p. *chão*, *logar* p.

logo, *mesura* p. *medida*, *tedio tristeza pezar nojo desprazer saudade* (suydade), *ira* e *sanha*, astucia e *arteirice*, etc.[1], *hypothese* (gr. hypothesis) e supposição (l. suppositionem), *esphera* (gr. *sphaira*) *globo* (l. globus), *lexico* (gr. *lexikon*) e *diccionario* (= l. *diccionarium*) etc.

3.ª— CREAÇÃO PORTUGUEZA.— *Mendaz* (= l. mendax) e *mentiroso*, *avaro avarento* (= l. avarus)...

4.ª— IMPORTAÇÃO PEREGRINA (V. Liç. 22). — E' esta uma grande fonte synonymica e inexhaurivel :— *orgia* (= l. *orgia* ± gr. *orgia*) e *deboche* (fr. *debauche*), *trovador* (prov.) e *bardo* (celt.), *alvo* (l. *albus*) e *branco* (germ. *blanch*); *ventre* (l. venter), abdomen (l. abdomen), *barriga* (germ. *baldrich*); cavallo (l. p. caballus), rocim (germ. *ross*), *palafrem* (fr. *palefroi*), *alfaraz* (arabe *alfarás*) ; *vagão* (ing. wagon), *carro* (l. currus); *beija flor* (form. port.) e *colibri* (caraiba) ; *casquilho* e *petimetre* (fr. *petit mâitre*), *chapada* (planalto, planura) e *plató* (fr. plateau).[2]

5.ª— TECHNOLOGIA SCIENTIFICA.— O progresso

---

[1] *Leal Cons.*— Foi D. Duarte o primeiro que encontrou o veio synonymico.

A cultura litteraria começou no declinar do Seculo XIV; no XV a lingua mais se apartou da sua evolução natural pelo capricho dos traductores, que, como era natural, introduziu no portuguez grande cópia de vocabulos tirados directamente das fontes latinas.

[2] Gallicismo. Enxovalho da lingua como *bouquet*, *toilette*, *soirée*, *fauteuil* ...

scientifico e o industrial muito teem concorrido para augmento da corrente synonymica. Ex.: *bexiga* variola, *veneno* toxico, *contraveneno* antidoto, *sangria* phlebotomia, *barriga d'agua* ascite, *poaya* ipecacuanha, *damnação* hydrophobia, *dôr de dente* odontalgia, *anta* tapir, *somnambulo noctambulo nyctobato*, terçol *hordeolo*.

6.ª— SEMEIOLOGIA. — *Sarabanda* p. *zeribanda* [1], *sé séde (sanat séde* — Vieira), *são santo, saldar soldar, exquisito ridiculo,* [2] *confiado atrevido, cunha* empenho (metter-se no cargo *á cunha* de valias), *palife* maroto, etc.

7.ª— O VOCABULARIO PLEBEU E A GIRA. — *Matasanos* = medico imperito, *sacamollas* = máo dentista, *bisborria* = homem de borra, grosseiro e ridiculo.

8.ª— DIFFERENÇAS LOCAES. — São ás vezes devidas á maior influencia de um dos elementos historicos da lingua. No Brazil, por exemplo, deve-se ter em muita conta o elemento indigena e o africano. Exemplo: *pacova* banana, *gerimum* abobora, *quiabos* quingombô, *calunga* camondongo. [3]

---

[1] Ambos são hoje empregados no sentido de *reprehensão severa;* mas *zeribanda* (or. afr.) = *sóva*, e *sarabanda* (or. hesp.) significava uma dansa lasciva, com muitos saracotes, etc.

[2] *Exquisito*, propriamente é cousa rara, excellente, etc. Do lat. *exquisitus* = buscado com diligencia, etc.

[3] Já vimos que o nome portuguez correspondente — é *murganho*, e bem assim que em Pernambuco *calunga* não significa *camondongo*, como na Bahia, mas sim um *bonifrate*.

Na ichtiologia e na orniothologia, é immensa a differença da nomenclatura do Norte do Brazil, comparada com a do Sul.

O mesmo podemos affirmar quanto aos vegetaes. — Lê-se em um trabalho do Dr. J. de Saldanha da Gama (*Syn. de diversos vegetaes do Brazil* 1868):... "em muitos casos existem 2, 3, 4 ou mais nomes vulgares para uma só especie:... Os *nomes vulgares* mudam de provincia para outra, pelo menos a respeito de alguns vegetaes, e ás vezes nos municipios de uma mesma provincia". *Ex.: Cutucanhê Carvalho* (no Paraná); *côco de catarrho macauba mocajuba; camomilla macella*, (Anthemis nobilis), *herva tostão* (R. de J) *pega-pinto* (Ceará) Boerhavia hirsuta; *gravatá curauá* (Amazonas) *caragoatá* = Bromelia sp., *tinhorão — pé de bezerro* (Caladium bicolor), *páo ferro* (R. de J) *jucá* (Ceará), *cajueiro bravo cambaiba, côco da praia — gurury; páo santo — guaico, jatobá* (R. de J.) — *jetahy* (Amazonas); *maçaranduba — apraiú* (S. Fidelis), *canna cayanna — tacomarê* ou *tacoaraêm, capim melado* (R. de J.) *capim-gordura* (Minas Geraes), *guaxima* ou *carrapicho* (R. de J.) *uaissima* (Amazonas).

9.ª — Os synonymos perfeitos são hoje em numero decrescido, e cada vez mais tendem a rarear. E' que o conhecimento mais profundo da lingua tambem mais lhes vae particularisando, restringindo, as significações. Ex.: *nedio* e *nitido*, *confiança* e *confidencia*, *rezar* e *recitar*, *meio* e *medio*, *solteiro* e *solitario*.

10. — Laffay divide os synonymos, quanto á natureza das suas differenças, em *grammaticaes* ou de *radical commum*, e *etymologicos* ou de *radical diverso*.

11. — Os de *radical commum* só differem entre si por certas circumstancias grammaticaes — prefixos e suffixos ou desinencias : *producto producção*, *risa risada*, *melhora melhoria melhoramento*, *vão vaidoso*, *difficil difficultoso*.

São avultados, e dividem-se em *simples* e *compostos*.

12.— Para bem profundarmos no genio de uma lingua, devemos estudar a synonymia grammatical, a qual póde dar-se dos varios modos seguintes : [1]

1.º— Synonymia entre substantivos que só differem em numero : *baixeza baixezas*.

2.º— Entre substantivos que só differem no genero : *montanha monte, fortaleza forte*.

3.º— Entre collectivos e substantivos no plural: *os homens, a humanidade*.

4.º— Entre substantivos e infinitos substantivados : *sensação sentir, riso rir, pensamento pensar, sabedoria saber*.

5.º— Entre substantivos e participios passados tomados substantivadamente : — *imposição imposto, enunciação enunciado*.

6.º— Entre substantivos e adjectivos substantivados : — *belleza — o bello, utilidade -- o util, extremidade—o extremo*.

7.º— Entre adjectivos e locuções adjectivaes compostas da preposição *de* e de um substantivo : *oriental—do oriente, homem criterioso—homem de criterio, litterato—homem de lettras*.

---

[1] No estudo dos synonymos seguimos o methodo apresentado por Laffay.

8.º — Entre adjectivo e participio passado tomado adjectivadamente : *conviva convidado.*

9.º — Entre adjectivos, um de derivação verbal outro da fórma nominal correspondente : — *vibrante* (de vibrar) e *vibratorio* (de vibração).

10.º — Entre verbos neutros e os mesmos na fórma activa reflexa : *sahir sahir-se.*

11.º — Entre verbos neutros e o seu participio presente precedido do verbo *ser* ou *estar* : *depender — estar dependente.*

12.º — Entre verbos no indicativo, e outros no futuro subjunctivo : *Creio que elle faz bem, que fará bem ; crês que elle faz bem ? que elle faça bem ?*

13.º — Entre verbos inchoativos e as fórmas correspondentes periphrasticas : *envelhecer = fazer-se velho ; empallidecer = tornar-se pallido, ajoelhar = pôr, cahir, em joelhos.*

14.º — Entre verbos activos e as suas fórmas pronominaes : *rir rir-se ; resolver resolver-se.*

15.º — Entre verbos activos e suas fórmas periphrasticas (verbo *fazer*, *dar*, etc. + substantivo): *acariciar, fazer caricias ; gritar, dar gritos.*

16.º — Synonymia das preposições *a*, *para*, com as preposições *de, com, por : — servir de, — para ; aproximar-se a, — de; acostumar-se a, — com ; comparar a, — com ; ao* menos, *pelo* menos ; *afim, com o fim*, etc.

17.°— Entre adjectivos e adverbios, e entre adverbios e locuções adverbiaes : *raro, raramente, com raridade ; triste, tristemente, com tristeza ; cegamente, ás cegas ; vanmente, em vão ; litteralmente, á lettra.*

18.°— Entre palavras que modificam o sentido conforme o logar que occupam na phrase : *verdadeiro amigo, amigo verdadeiro ; maltratar, tratar mal; bemfazer, fazer bem ; sobrelevar, elevar sobre.* São verdadeiros synonymos syntaxicos. Todavia a mudança de logar não raro modifica o sentido das palavras. (V. Liç. 5.ª). Disse Gil Vicente : *a quem ourives chamar* bom homem *dae-lhe esmola de dó delle ;* e Vieira sentenciou *vae grande differença de ser* nosso rei *ou de ser* rei nosso.

19.°— Entre palavras cujas differenças de sentido são determinadas pelo valor dos prefixos e suffixos :— *pasto pastura pastagem, corajoso corajento.*

14.— Os *synonymos de raiz diversa* são palavras de varias origens, importadas para expressão de uma mesma idéa ou de suas cambiantes. Muitas vezes não é a necessidade a causa de tal importação, mas tão somente a sympathia ou a moda

15.— As dissimilhanças de significação explicam-se pela etymologia, pela differença dos radicaes : — *caro querido, carniceria (carnificina) matança mortandade hecatombe.*

16.— Não estão, como os grammaticaes, su-

jeitos a leis geraes. « Do seu sentido particular só decide a autoridade classica, a menos que a origem etymologica, conservada pela tradição, baste para indical-o de modo scientifico » :— *cavallo*, *corsel*, *ginete*, *rocim*, *hacanêa*, *palafrem*, *alfaraz*, *faca*; *espada*, *cimitarra*, *catana*, *alfange*, *chifarote*, *cutelo*, *estoque*, *gladio*, *montante*, *sabre*, *terçado*, *refles*, etc.

17.— E' de grande utilidade o estudo desta categoria de synonymos, que nos faz conhecer as distincções philologicas consagradas pelos exemplos de bons escriptores, e habilita-nos a dar mais propriedade e vivacidade á phrase. Exemplifiquemos :

PREJUIZO, PREOCCUPAÇÃO, PREVENÇÃO.—Exprimem o erro permanente ou a predisposição para o erro, por motivo organico, do meio ou da educação, ao passo que *illusão, engano, desacerto,* significam erros ou faltas accidentaes.

O prejuizo refere-se ás crenças, opiniões, superstições ; prende-se á nossa infancia, ao lar domestico, á escola. Explica-se por uma certa fraqueza do espirito, credulidade condemnavel.

A preoccupação é o *erro da consciencia,* ao envez do *prejuizo*, que é o *erro da autoridade.*

Representa o afferro a certas idéas, caprichoso, obstinado.

A *prevenção* tem por fim dispor os animos ao nosso intento : fére o coração para actuar sobre a razão, e por isso torna-nos as mais das vezes parcial

e apaixonado. Constitue o que se chama *erro do coração.* [1]

INCERTEZA, DUVIDA, INDETERMINAÇÃO, INDECISÃO, IRRESOLUÇÃO, PERPLEXIDADE.— Todos estes vocabulos exprimem um estado de enleio, suspensão, embaraço, em que o individuo em nada assenta, e nada toma por partido.

A *incerteza* e a *duvida* referem-se ao entendimento ; é delle que parte a hesitação no caminho da verdade. A *indeterminação*, a *irresolução*, *indecisão* e a *perplexidade* teem por origem a falta de vontade propria, de energia, a inercia e o receio.

No primeiro caso (da incerteza e duvida) é preciso ter crença, fé ou confiança para vencel-as ; cultivo intellectual, e razões convincentes para removel-as. No caso da *irresolução, indecisão* e *indeterminação,* fallece ao individuo a necessaria energia para pôr em pratica a empreza a que se quer abalançar, para resolver-se *em cousa certa.* A *indeterminação* é proveniente de fraqueza de animo, a *indecisão* é devida á fraqueza de espirito. O *indeciso* carece de convicções firmes ; o *irresoluto* de imperio sobre si mesmo, firmeza de caracter. Para vencer-lhes a inercia, é preciso esclarecer, instruir, convencer o *indeciso ;* estimular, excitar, persuadir, o *irresoluto.*

---

[1] Laff. *Dict. etym.*

A *perplexidade* exprime *indecisão* com desassocego de espirito; uma conjunctura apertada entre a *indeterminação* e a *duvida*, a perturbação do espirito e o desanimo. A *duvida* affecta a crença; a *irresolução*, *indeterminação* e a *indecisão* dependem da vontade; a *perplexidade* affecta o entendimento e a vontade, e só póde cessar ante a convicção de não se dever inquietar com o resultado de um commettimento quem procede sempre com *recta intenção*

A *incerteza* é o caso do ignorante; a *duvida* é a hesitação em pontos de dogma, a suspensão do entendimento no ajuizar. Aquella mais se refere a acontecimentos, esta a opiniões; a *incerteza* é subjectiva, a *duvida* é objectiva; a primeira—fixa-se, a segunda — resolve-se.

18.—A synonymia é do mesmo passo uma força modificadora e um factor de reducção do vocabulario (V. Liç. 21.) Exemplo: *monja* (arch. *monga* = l. *monacha*) archaisou-se pela preferencia dada á fórma synonymica *freira*, feminina de *freire* (= l. frater), que por seu turno foi supplantado pela fórma concurrente *frade* (= l. *fratrem*, irmão) no seculo XVI;[1] *gargantuyse* (L. Cons.) é obliterado pelo vocabulo *gulla* (Seculo XV); *agro* p. *campo*, *terreno*; *criamentos* p. *afagos*; *frontar* p. *protestar*, etc.

---

[1] *Freire* conservou-se na fórma atrophiada *frei* quando se segue o nome do frade — *Frei Bento, Frei Pedro.*

19.— A's vezes o vocabulo novo não consegue archaisar o outro já existente, mas altera-lhe o sentido ou restringe-lhe o uso. Exemplo : *comer* (= l. come-d-ere) era de emprego vulgar até o seculo XV com a significação de *jantar* (D. D. — L. Cons); depois — pela concurrencia desta fórma hespanhola — veio a designar simplesmente comida, alimento (Cp. verbos — *comer* e *jantar*); *eira* e *ârea* (l. area), *obrar* e *operar* (= l. operare), *chão* e *plano* (=l. planus), *solteiro* e *solitario* (= l. solitarius).

Outras vezes, um dos vocabulos fica adstricto sómente ao dominio da poesia. Exemplo : *ledo* (= l. *lætum*) era de uso popular nos primeiros tempos da lingua (Docs. seculos XII e XIII, C. V.) ; no seculo XIV a fórma *alegre* (= l. *alacrem*) substituiu-o de todo na prosa.[1]

1.º — O estudo dos synonymos — de que é o portuguez riquissimo — é indispensavel para o bem cabido emprego das palavras, para a exacta e precisa expressão do pensamento. Os Gregos tinham em muito valor o perfeito conhecimento da significação das palavras; os Latinos, posto que menor lhes fosse a riqueza synonymica, tambem muito curavam desse estudo, como se deprehende da 3.ª epistola do grammatico Frontoa a Marco Aurelio.[2]

Nas linguas modernas, porém, o esquecimento ou desconhecimento da significação primitiva do radical, faz com que não raro as palavras, tenham sentido diverso do expresso pelo radical. E este facto é mais patente nos derivados secundarios, ou palavras formadas por derivação ou composição de fórmas tambem derivadas ou compostas, ou importadas de fontes estrangeiras (Egger).

---

[1] *Ap. Egg. Gr. comp.*

[2] S. Eufros. *Rom.*

2.° — A synonymia explica outrosim as divergencias lexicas, que se notam nos idiomas congeneres e nos c. dialectos. E' assim que dos synonymos latinos *frater* e *germanus*, *pastor* e *berbericus*, *infirmus* e *male aptus*, *casa* e *mansio*, o portuguez adoptou de preferencia, e espontaneamente, *germano germaho irmão*, *pastor (pastorem)*, *enfermo*, *casa*, e o francez *frère*, *berger*, *malade*, *maison* (mansionem). — M. Müller, *Lect.*

Mais tarde o francez admittiu as palavras *germain pâtre*, *infirme*, *caserne*, e o portuguez por sua vez — *frade* (só applicavel aos *irmãos* de ordem religiosa), *malato* (p. infl. italiana), *meijão* (p. inf. franceza), *mansão* (infl. erudita).

HOMONYMOS

20. — Homonymos (gr. *homoios* semelhante, *onuma* nome). São palavras que, comquanto exprimam idéas differentes, pronunciam-se do mesmo modo, quer tenham ou não identica orthographia.

21. — Dividem-se:

1.° Em *aurioculares*, que soam e se escrevem identicamente: — *canto* (aria, melodia. e angulo formado por dous planos, etc.), *manga* (fructo, e parte do vestuario que cobre o braço), *maneira* (modo, uso, e abertura na saia), *são* (sadio e contr. de santo), *salsa* (hortaliça e salgada), *salva* (prato de metal, vidro, etc., e descargas de artilheria, sem bala, em demonstração de respeito, honra militar, herva, e participio passado do verbo *salvar*), *dado* (substantivo e participio passado), *lente* (professor e instrumento), etc.

2.° Em *homophonos (auriculares)*, que se escrevem differentemente, mas teem a mesma pronuncia: —

sumo summo, concelho conselho, cita sitta sita, cervo servo, condessa condeça, ruço russo, ceda seda, cinto sinto, pena penna, pulo pul-o, ama minha — a maminha, que ouço — que osso, concebo — com sebo ..

3.º Em *homographos* (oculares) que tem identica orthographia, mas diversa phonação : *sabia sabiá, sede sêde.*

A classe dos homophonos é a mais numerosa.

Por mais rica que seja uma lingua, não póde deixar de ter homonymos. As linguas antigas eram mais pobres em homonymos que as modernas, e a razão é obvia.

Da homonymia é que resulta os trocados de palavras ou equivocos, a que os Francezes chamam *calembourgs*. Para esses mesmos effeitos, serviam-se os comicos gregos da homonymia, transpondo muitas vezes os limites da decencia. Os Latinos tambem della se aproveitaram; *eve, ave, aves esse aves*, e é tambem muito conhecido o verso sobre as cortezãs.

(*) *Quid facies, facies Veneris cum veneris ante?*
Ne sedeas, sed eas ne pereas per eas.

22. — São varias as causas da homonymia :

1.º — Contracção das palavras do vocabulario popular : — *são* (= santo, lat. *sanctus*), *são* (= sano, lat. *sanus*) e *são* (arch. *som*, lat. *sunt*), *cem* (= cento, lat. *centum*) e *sem* (= lat. *sine*), *grão* (= grande, l. *grandis*) e *grão* (= l. *granum*), *paço* (= palacio, l. *palatium*) e *passo* (S = l. *passus*, e verbo), *era* (= l. *erat*) e *hera* (arch. hedra, Sec. xvi, lat. *hedera*), *som* (= lat. *sonus*) e arch. *som* (= lat. *sunt*), etc.

2.º — Formação de substantivos verbaes : — *péga,* (substantivo e verbo), *consulta, réga, rubrica,*

canto, mando, calo (verbo *calar*) e *calo* (S. do lat. *calum*), *passo*, etc., *capital* — *Lente*.

3.º— MUDANÇA DE CATEGORIA POR MUDANÇA DE SENTIDO.— O verbo latino *soldare*, contr. de *solidare* (tornar solido, solidificar) veio a significar ajustar contas, — *soldare rationes* (Bréal, *Dict. Etym. lat.*), e por extensão — *ligar metaes*. Esses dous verbos passaram para o portuguez (*soldar* e *solidar*), este com a significação de fazer solido, aquelle no sentido de unir metaes por meio de solda, unir os labios de uma ferida, e no de pagar a divida.--*Soldar* passou depois a ter accepção particular de receber *soldo, soldada*. (Foral de Coimbra, Nob., Ord. Aff.), que era a paga, a *contia*, por analogia de *soldo*, *solido* (moeda), — Sec. XII = (lat. *soldus solidus*), donde vieram o substantivo *soldadeiro* — o que recebe soldo, e mais tarde *soldado* — homem de guerra ao soldo do Estado, que assim tornou-se homonymo do participio do verbo *soldar* = ajustar contas, pagar dividas, ou unir por meio de solda.

4.º—DIVERSIDADE DAS FONTES LEXICAS.—Temos, por exemplo, a palavra *canto*, que no sentido de melodia, modulações de sons vocaes, tira origem no latim *cantus* ; e com a significação de angulo formado por dous planos, etc. no germ. *Kante* [1] *Acer*

---

[1] Cp. D. *Kant*, Isl. *Kantr*. gal. *cant*, ing. *cant*. fr. ant, *cant*. gr. *Kandós* (L. *canthus*).

e *ager* deram-nos de accordo com a leis phoneticas —a fórma *agro* ; *pena*, dôr, trabalho, castigo, deriva do latim *pœna*, e *pena*, penha, rocha, do celtico *pen* ;[1] *manga*, fructo, é de origem indiana, *manga*, parte do vestuario, deriva do latim *man* (i) *ca* ; *lima*, fructo, é de derivação persica, *lima* instrumento, do latim *lima*.

5.º— CORRUPÇÃO PHONETICA.— O facto de não mais fazermos soar as lettras geminadas (*sumo summo*, *pelo pello*);[2] a perda da verdadeira phonação do grupo *ch*, só conservada na Beira = *tch*, (*chá*, *shah xá*), etc...

6.º— INFLUENCIA LOCAL.— E' manisfesta na linguagem popular. A troca das syllabas iniciaes *en* e *in* em *an*, por exemplo, mui frequente em todos os periodos da lingua (*antre* p. *entre* = l. inter, *antremeio*, *antremetter*, *antremez*, *antrepor*, *antretanto*, *antrevallo*, *antrevir*, *anteado*, *andoenças*, etc.), transformou o adverbio *então* (arch. entonce, entonces, antonces) em *antão*, que se tornou homonymo de *Antão*, f. contr. de *Antonio*.

PARONYMOS

23.— São palavras de sentido diverso, mas apresentando algumas relações morphicas e phoni-

[1] Ainda mui frequente nos toponymicos — *Penadono, Penacova, Penafiel*, etc. *Nossa Senhora da Pena*, diziam os antigos.

[2] No italiano ainda as consoantes duplas soam distinctas.

cas, e, ás vezes, — etymologicas: *Sujeição sugestão, biographia bibliographia, som são, pendença pendencia; premissa premicia, detrahir distrahir, propagar propalar.*

24.— A paronymia é resultante da troca de sons physiologicamente semelhantes (leis phoneticas), dos metaplasmos, e ainda da derivação divergente :-- *soar suar* (latim *sonare* e *sudare*), *segredo secreto* (latim *secretus*), *degredo decreto* (latim *decretus*) *braga barca* (latim *bracca* e *barca*).

DECIMA TERCEIRA LIÇÃO

Flexão dos nomes: genero, numero, caso. — Noções de declinação latina. — Desapparecimento do neutro latino em portuguez; vestigios do neutro em portuguez. — Vestigios da declinação em portuguez. — Origem do s do plural.

1. — Flexões (do participio latino *flecto*, curvo) são as mudanças morphologicas tendentes á indicação das mutuas relações grammaticaes das palavras no mesmo periodo, ou de alguma condição accidental da cousa expressa pela palavra inflexa.

A flexão é uma especie de derivação. Abrange a declinação e a conjugação.

As linguas litterarias, antigas e modernas, empregam inflexões:

1.ª com substantivos, adjectivos, pronomes e artigos, para indicarem.

a) genero.

b) numero.

c) caso, ou relação grammatical.

2.ª Com adjectivos e adverbios, para marcarem os gráos de comparação.

3.ª Com adjectivos, para indicarem si a palavra é empregada com sentido definito ou indefinito.

4.ª Com verbos, para exprimirem o numero, pessoa, voz, modo e tempo; ou, em outras palavras, para determinarem si o caso nominativo (sujeito do verbo) é singular ou plural; si a pessoa que falla, com quem se falla, ou de quem se falla, é o sujeito; si a acção expressa pelo verbo é concebida sómente com referencia ao sujeito, ou occasionada por um agente externo; si aquella acção é absoluta ou condicional; e si é passada, presente, ou futura. [1]

As interjeições, preposições e conjuncções não são flexionaveis.

As flexões dividem-se pois em — nominaes e verbaes.

A *flexão* é constituida pela combinação de um sentido e de uma fórma.

As terminações (por si mesmas insignificantes) foram empregadas como signaes externos e instrumentos desta determinação. E assim tornou-se perfeita a flexão, interna e externamente.

A flexão nas linguas aryanas implica uma flexão anterior pela qual ella modelou-se.

2.— As flexões são ainda *fortes* ou *fracas* conforme consistem na mudança de lettra do radical, ou na addição de elementos vocaes ao radical.

" Esta nomenclatura fundamenta-se em que o poder que tem uma palavra de variar pela mudança de seus elementos mais desnecessarios, sem

---

[1] *M. L.*

auxilio externo (composição ou addição de syllabas), revela certa vitalidade, certa força organica innata, que as raizes não possuem, pois só variam pela incorporação ou addição de elementos extranhos."

3.— São varias as theorias suggeridas para a explicação da origem das mudanças de fórmas nas differentes classes de palavras nas linguas flexionaes.

Schleicher é de parecer que ellas devem ser denominadas, linguas organicas, porque incluem um principio vivo de desenvolvimento e accrescimo.

"O admiravel mecanismo destas linguas — diz elle — consiste em formar uma variedade immensa de palavras, e em marcar a connexão de idéas expressas por aquellas palavras por meio de um numero consideravel de syl labas, que, *isoladas*, não teem significação, mas que determinam com precisão o sentido das palavras a que se ligam. Modificando as lettras das raizes, formam-se palavras derivadas de varias especies, e derivadas de palavras derivadas. As palavras compoem-se de varias raizes indicadoras de idéas complexas. Finalmente, substantivos, adjectivos, e pronomes declinam-se com genero, numero e caso; os verbos conjugam-se com vozes, modos, tempos, numeros e pessoas, tambem por meio de terminações, que tambem nada significam só por si. Este methodo tem a vantagem de enunciar com uma simples palavra a idéa principal, muitas vezes extremamente modificada e já mui complexa, com a sua inteira serie de idéas accessorias e relações mutaveis."

A escola moderna, avessa ás theorias de Schlegel, é mais aceitavel. As inflexões foram originariamente palavras que, como as outras, tinham significação distincta: eram pronomes, auxiliares ou participios que se soldaram á raiz; e que por tal fórma se modificaram que mais não podem ser reconhecidas em sua combinação com a palavra flexionada. Ainda nas linguas modernas ha alguns exemplos que evidenciam a historia dessa coalição. A terminação do preterito inglez — *d* ou *ed* é o preterito *did*; a terminação do futuro dos verbos nas linguas romanicas — *ei* (*amarei* = amar hei, *amarás* = amar has, etc); a terminação do condicional nas mesmas linguas neolatinas — *ia* (*amaria* = *amar hia*, contracção de *havia*, etc.) [1]

---

[1] Em portuguez os constituintes do futuro e do condicional ainda se podem separar, e até mesmo soffrem a intercalação de um caso obliquo — *dar-lhe-hei*.

No catalão (Doc. Sec. XVI) — *nos donar los niem ço q vallen* (nós lhes daremos o que valem), e em outro doc. — *facernos le han dejar* (far-nos-hão deixal-o).

4.— Latham affirma que quanto mais remoto é o periodo de uma lingua, tanto maior é o numero das suas fórmas flexionaes.

Esta theoria não é de todo ponto exacta, e todas as theorias geneticas da origem das flexões a contradizem, porque para aceital-a fôra mister suppôr que a linguagem não estava sujeita a uma evolução organica, de crescimento e desenvolvimento, e que todas as mudanças consequentes eram apenas corrupções.

As linguas selvagens que nunca foram escriptas e as das nações ainda atrazadas na litteratura, são extraordinariamente complexas e multiformes nas suas inflexões.

5.— GENEROS.— O latim tinha tres generos — masculino, feminino e neutro; o portuguez só conservou os dous primeiros.

SUBSTANTIVOS

6.— A propriedade dos substantivos de indicarem o genero, foi sempre caprichosa, e a arbitrariedade salta immediatamente aos olhos dos que comparam o grego com o latim, este com o portuguez, o portuguez com o francez, inglez ou allemão, etc.

Em todas essas linguas o neutro logico e o neutro grammatical nem sempre se correspondem : em grego e em latim, por exemplo, os nomes de mulheres teem muitas vezes terminações masculinas — *Plokion* (fórma diminutiva de *plókos*), *mea Glycerium* (Ter. *Andria*); *mea Silenium* (P.), em allemão — *mulher* é do genero neutro *(das Weib)*, a *lua* masc. *(der Mond)* o *sol* é feminino *(die Sonne)*, etc.

" Gregos e Latinos empregavam geralmente o genero como um simples signal grammatical, pois que milhares de nomes de *cousas* são em ambas essas linguas do genero masculino e feminino, ao passo que nomes de *seres* são em muitos casos designados por palavras do genero neutro. O genero grammatical não era essencialmente indicador do *sexo*. O adjectivo neutro *tó Theion* em grego é empregado absolutamente por Herodoto e Eschylo para exprimir o Ser ou a essencia Divina.

O *sexo* é a distincção natural, o *genero* é a distincção grammatical.

Segundo a theoria de Bleek — os nomes, combinados com suffixos pronominaes, que na origem eram simples substantivos explicativos, podiam ser substituidos pelos pronomes correspondentes. Foram estes que determinaram o que chamamos *genero*.

7.— Os Romanos perderam muito cedo o sentimento do verdadeiro emprego do *neutro*, a idéa da sua utilidade, e supprimiram-lhe a fórma grammatical, ou antes, transformaram-na no masculino. Esta arbitrariedade, assignalada como de frequente uso na época imperial, encontra-se a miudo nas inscripções (*templus*, *membrus*, *brachios*,...... p. *templum*, *membrum*, *brachium*,....), e mais tarde — por occasião da quéda do imperio, e por motivo da analogia — a fórma neutra em *a* do plural (*folia*, *vela*, *festa*, *pira*, *poema*,.... de *folium velum festum*), foi considerada nom. sing. fem. da primeira declinação.

8.— Os nomes neutros, pois, passaram para o portuguez, e mais linguas romanas, ora no masculino, ora no feminino: *labio* (labrum), *auro* (aurum), *alho* (allium), *seculo* (seculum), *vidro* (vitrum), *estudo* (studium)...... *obra* (opera), *folha* (folia), *festa* (festa), *vela* (vela)...

Estes ultimos, femininos, do nom. pl. dos nomes neutros.

9.—Todavia, conservamos ainda em muitos vocabulos, vestigios morphologicos da origem neutra.

Já no conceito de J. de Barros — *aquillo*, *algo*, *isto*, *isso*, *outrem* (arch. *al.*) eram fórmas do gen. neutro ; [1] Diez (*gram. der Rom. Spracher*) é tambem de parecer que sempre que esses adjectivos preencherem as funcções de um substantivo e vierem empregados como predicados de um nome neutro ou de uma phrase inteira, devem ser considerados do genero neutro. Bergmann affirma que as fórmas substantivas — *o verdadeiro* (verum), *o bello* (pulchrum), *o bom* (bonum). etc., são verdadeiros typos do genero neutro, que « por estar *logicamente* especialisado não tem mais fórma *exterior* especial, nem differente da do masculino ».

10. — Muitos nomes de fructos são femininos em portuguez, mas derivados do neutro latino — *pera* (pirum), *cereja* (ceraseum). Em docs. do Sec. XIV encontram-se as fórmas *pomas* e *legumas* (legumlhas), vestigios tão evidentes do neutro, como *penhora*, arch. pindra (Sec. XIII *For. Cast. Rod*), e *animalha animalia alimaria* (Sec. XIV. *Rg. S B.*)

11.— Na linguagem popular dos primeiros seculos havia tambem modos de dizer, que relembram as fórmas neutras primitivas, e dellas ainda são algumas usadas hodiernamente, como, por exemplo, — *escapou de boa*, *fel-a boa*. Nestas phrases não ha ellipse de substantivo ; o feminino representa simplesmente uma fórma neutra.

[1] *Isto. esto* (= istud), *isso, esso* (= ipsum), *aquillo* (= hic illud).

Cp. mais — *chus plus* (Sec. XII — XVI), menos = arch. *maz* (Sec. XII), = minus, etc. *Trom com.*

12.— Os substantivos portugezes, em regra, reconhecem tres origens :

1.ª *Latina* — Neste caso os vocabulos portuguezes conservam geralmente o genero das palavras latinas, com exepção dos que derivam do genero neutro, que — como vimos — passam para o masculino ou feminino.

2.ª *Portuguezes* — Os vocabulos desta origem teem o genero indicado pelo suffixo. Ha excepções, como por exemplo—*abusão*, *aleijão*, *alluvião*, que são femininos.

Nos compostos, é a fórma de composição que determina o genero (V. Lição 17).

3.ª *Estrangeira* — As palavras importadas das varias linguas estrangeiras consevam o genero das de que se originam, ou genero analogico (*um vagão*, *um trenó*, *o whist*, *a tanga*, *a hemicrania*, *um chope* (alt, all *sckoppen*, masc.), *uma soirée*, [1] etc.)

13. — Mas, em consequencia de varias influencias, muitos vocabulos mudaram de genero, quer na passagem do latim ou grego para o portugez, quer mesmo — uma ou mais vezes — depois de já pertencerem ao nosso lexico. *Carvalho*, *cedro*, *roble*, as lettras do alphabeto, etc., eram do genero feminino em

---

[1] *Soirée* é um dos enxovalhos da nossa lingua. Deve dizer se *um sarão*.

latim ; *cataplasma* era masc. em grego ; ainda nos Secs. XVI, XVII e XVIII — *pyramide, emetista, safira* (ametisto, safiro), *hyperbole, catastrophe, alleluia, bagagem, base, coragem, homenagem, linhagem, origem, decadencia, epigraphe, anecdota,* . . . . eram masculinos, e *epiphonema, enthimema, fim,* [1] *grude, cometa, planeta, echo, estratagema, mappa, synodo,*.. eram do genero feminino.

14. — Nos classicos antigos não é raro topar-se de olhos, em um mesmo escripto, ás vezes em uma mesma pagina, com um nome ora no masculino, ora no feminino: — *catastrophe, metamorphose, phantasma hyperbole, torrente, espinho* (espinha), *tribu,* etc. (Vieira, etc.)

Em *personagem* (masculino e feminino) conservamos ainda mostra dessa lucta travada entre a tradição e a etymologia, e que por tempo dilatado empeceu a prioridade e fixação do genero. Só nas ultimas decadas do seculo passado é que foram grammaticos e eruditos fixando a regra, esteiados na etymologia.

15. — Alguns nomes, por influencia erudita, retomaram o genero etymologico, dissemos nós acima ; mas ás vezes perderam-no novamente : — *labor, eccho, arvore, base, diadema, syncope, apostema, aneurisma,* e outros muitos.

---

[1] A *devida fym, as quatro fys, sua fim* (Sec. XV, XVI. — L. cons. 7. 30; B. Rib. 247.)

16. — Já vimos (Liç. 6.ª) que á mudança de genero corresponde muitas vezes a do sentido do vocabulo.

uma guia — cousa que serve para guiar, etc.	*um guia* — conductor
uma guarda —acção de guardar, corpo de soldado, etc.	*um guarda* —guardador, soldado.
uma lingua — orgão da boca, idioma.	*um lingua* — interprete.
uma banana — fructo.	*um banana* — homem fraco.
preguiça — negligencia.	*um preguiça* - preguiçoso.

Estes substantivos — originariamente femininos — são, em geral, nomes de cousas, principalmente abstractas, que por metonymia se applicam ás pessoas (homens), e teem no masculino sentido concreto.

17. — O genero dos nomes distinguem-se pelo *sentido* e pela *fórma*. O dos nomes derivados, só pela fórma.

17.— Pela *significação* ou pelo *sentido*. Depois de algumas vacillações, são :

Masculinos — Os nomes de homens e animaes machos, rios, montes e montanhas, cadêas de montanhas empregadas no singular e no plural (Caneaso, Parnaso e Apepinos, os Pyreneos, os Balkans,os Alpes), os de metaes (raras excepções), mezes, ventos, os pontos cardeaes, povos, sertões, lettras do alphabeto (em lat. do gen. fem. e tambem do neutro),

algarismos, as estações (excep. a *primavera*), os novos pesos e medidas (ant. eram do genero feminino — uma *vara, braça, legua, arroba, quarta* ...) e qualquer palavra empregada substantivamente ; — *um porque, um fá, um lá* (notas de musicas).

Femeninos — Os nomes de mulheres e animaes femeas ; a maior parte dos nomes de arvores (fructiferas), regiões cidades, ilhas, aldêas, villas, serras ; virtudes, a maior parte dos nomes de vicios, os dos peccados conhecidos por capitaes ; sciencias e artes : quasi todas as festas do anno (excep. *Pentecoste, Natal, Carnaval*), os dias da semana (por causa da sua composição, e com excepção de *Sabbado* e *Domingo*), os nomes de cousas abstractas.

Os nomes de pedras preciosas são masc. ou fem. conforme a terminação — *uma saphyra, uma amethysta, um topazio, jacintho, rubi* . . .

Os nomes de *arvores*, femininos, distinguem-se pela desinencia feminina. São muitas as excepções : alguns arbustos, e o *Carvalho, Roble, Pinheiro, Cedro, Jequitibá*, o *Jacarandá*,...[1] A parte utilisavel da arvore ou planta é, em geral, do genero masculino : — *páo, fructo, balsamo*...

Quanto aos nomes de paizes e cidades, muitas são as excepções; ora decidiu a etymologia ora a tradição, ora o capricho ora a terminação —: *O Hel-*

[1] No latim só havia um nome de arvore masculino. — *O leaster.*

lesponto, *Peloponeso*, o *Bosphoro*, o *Ponto* , a *Bahia*, a *Inglaterra*, a *França*, a *Russia*, o *Ceará*, o *Hanover* o *Mexico*, o *Brazil*, o *Cairo* o *Havre* ... Até o Sec. XVI reinava grande confusão neste ponto : — *um Londres*, *o Diu*, *o Ormuz*, etc. (Leão, Freire, C. Real, Camões ...)

A analyse explica estas regras, que teem — como vimos — muitas excepções. Deve-se attender ao nome que se subentende — *mez*, *rio*, *monte*, *ilha*, etc. Os ventos são masculinos porque representavam á força irresistivel, e eram considerados deuses.

Nota. Em todas essas regras, o portuguez acompanhou a grammatica latina.

18.— *Do genero pela fórma*. As flexões correspondentes ao genero dos substantivos são de origem latina :

A.— Os nomes terminados em *a* são do genero *fem.* porque se originam, em geral, dos latinos da primeira declinação em — *a*.

Exceptuam-se os que já eram masculinos em latim ou pertenciam á terceira declinação neutra : — *incola*, *cometa*, *planeta*, *poema*,...[1] que os nossos

---

[1] *Cometa*, *planeta*, *poema*, *diadema*, etc , vieram-nos do grego (*planetes cometes*, *poiema*, *diádema*, mas por intermedio do latim *planeta*, *cometa*, *diadema*, *poema*...

Em *diadema* houve deslocação do accento grego.

Planetas erradas, *outras planetas* (C. Vat. 931), Camões (*Lus.* V. 24 — Sec. XVI).

maiores arrolavam no genero feminino por se guiarem sómente pela terminação.

Os nomes acabados em *a* agudo (com excepção de *pá*, *maná*, unicos de origem latina — *pa* (l) *a*, *manna*) são do genero masculino. Os outros são de origem oriental, indigena ou africana — *chá*, *ská*,... *tupá*, *maracá*.

E — Os substantivos em *e* procedem geralmente da terceira declinação latina, e consequentemente uns são *masc.* (*limite*, *dente*, *pente*, *lume*, *leite*,...) — outros *fem.* (*febre*, *noute*, *fome*, *neve*,. .). São masculinos não só os formados da terceira declinação neutra, mas tambem os de origem não latina : — *beque*, *leque*, *bule*, *bote*, *açude*,..)

1.º Muitos daquelles nomes terminavam em *o* no portuguez: — *deleito*, *appetito*, *Alexandro*. São restos dessa oscillação graphica — *alcanço* a par de *alcance*, *moto* parallelo a *mote*, etc.

2.º *E* agudo desinencial, a não ser vestigio da palavra originaria (*café* = ar. *Kahweh*, *almotacé*, *ralé*, *maré*,...), indica uma contracção — *fé* (ant. *fee* = lat. *fi-d-em*), *sé* (ant. *see*, contr. de *seede*, *sede* = lat. *sedes*,...)

O. — São *masc.* os substantivos acabados em *o*, derivados da 2.ª ou 4.ª decl. masc. em — *us* ou neutra em — *um* (*mundo*, *anno*, *servo*, *fructo*... = lat. *mundus*, *annus*, *servus*, *fructus* ; *reino*, *templo*, *seculo*, *segredo*,... = *regnum*, *templum*, *seculum*, *secretum*).

Os de derivação extranha terminados em *o* grave, seguem a mesma regra ; e bem assim os acabados em *o* agudo, de qualquer origem (*zorô*,

pó, teiró, quiproquó, covocó,... Except. — *avó, dó, mó, enxó*, que são femininos.[1]

U. — Os terminados nesta vogal, sejam quaes forem suas origens, são *masc.* porque seguem a regra latina, thema em — *u* (masc. — *us*, neutros — *um*).

Exceptua-se *tribu*, que é hoje feminino. O vocabulo latino era masc. *(tribus)*, e até o Sec. XVII tambem assim o consideravam alguns classicos.

Depois de voltar ao genero etymologico, venceu na lucta (que lucta houve entre os dous generos) o capricho do acaso.

Ade. — São *fem.* quando tiram origem nos nomes latinos da 3.ª decl. nom. em — *as* : *bondade* (*bon-i-tatem* ; nom. *bonitas*), *piedade* (*pietatem* ; nom. *pietas*), felicidade (*flicitatem* ; nom. *felicitas*); porque exprimem idéas abstractas.

Excep., e mui naturalmente, — *abbade* (l. *abbatem*), *frade* (*frater*).

Agem, igem, ugem. — Os derivados do latim são femininos porque formaram-se da 3.ª decl. lat. nom. em — *ago*, que tambem são femininos ; e por analogia os de origem portugueza ou peregrina : — *imagem* (l. *imaginem* ; nom. *imago*),

[1] E mui etymologicamente *Avó* representa mulher ; *dó* é contracção de *dolor, dor* ; *mó* = l. *mola*. — *Filhó* era masc., como se vê do proverbio popular — *não é por ahi que vai o gato aos filhós.*

vertigem (l. *vertiginem*, nom. *vertigo*), *ferrugem*, *lambugem*, *plumagem*, etc.

Exceptuam-se —*pagem*, *selvagem*, que tambem eram masc. em latim (l. b. *pagium*, *selvat-i-cum*).

Do Sec. XIV ao XVII os nomes em — *agem* eram geralmente masc. — *um imagem*, *um viagem*, *seu linhagem*.

Aõ.— São *masc.*, quer se derivem do accus. sing. da 3.ª decl. masc. em — *o* : *sabão* = saponem (nom. *sapo*), sermão = sermonem (nom. *sermo*), *pulmão* = pulmonem (nom. *pulmo*), *bordão* = burdonem (nom. *burdo*)....; do masc. em — *anus*, *christão* = christianus (p. arch. *christiano*), *cidadão*, *capitão*, *escrivão*,.... ou de qualquer decl. lat. do genero neutro; quer tenham origem não latina, e ainda quando a terminação indica augmentativo :— *limão*, *trovão*,... *portão*, *carão*).

Cordão é diminutivo de *corda*.

Excepções.— São femininos os subst. que derivam do caso regimen dos nomes abstractos em — *io* ou *do* da 3.ª decl. lat.. porque já eram desse genero : *religião* = religionem (nom. *religio*), *lição* = *lectionem* (nom. *lectio*), *servidão* = servitudinem (nom. *servitudo*), *solidão*, = solitudinem (nom. *solitudo*), — e *abusão*, *aleijão*, *alluvião*.

Em, im, om, um.— São *masc.*, excepto *ordem* e *nuvem*. Derivam do caso regimen dos subst.

latinos da declinação em — *o* : — *homem* = hominem (nom. *homo*).

Ordo, inis, accus. *ordinem*, era masc. e bem assim *nubes*, accus. *nubem*, fórma collateral ante classica de *nubis, is*.

Rem, era fem., de accordo com a fórma originaria latina (*res, rei*) : — *pero direy-vos ant'unha rem*. (*C. V.*)

En. — Os acabados em *en* são *masc.*, pois correspondem aos latinos, nom. — *en*, que são masc. ou neutros : — *dictamen, certamen*, [1] *regimen, germen*.

Ie. — São do gen. *fem.* porque trazem seu principio da 5.ª decl. lat. em — *es*, que tambem é feminina : — *effigie, especie, serie, superficie*.

Or. — Em regra, são *masc.*, á semelhança dos correspondentes latinos de que precedem.

Excep. — *flôr, côr, dôr*, = port. ant. — *folor, color, dolor*, contr. em *coor, door*. No latim, *flos, color dolor*, eram, porém, do genero masculino, conservado no hesp. *color* e *dolor*.

Até o Sec. XVI só tinham uma fórma — *mha* (mia) *senhor, senhor fremosa, outras tres pastores* (Sec. XIII c. v.), *ella era confortador, mulher peccador, minha ajudador* (Rom. XI).

Z. — Os substantivos terminados nesta lettra derivam : 1.º dos nomes latinos em *x*, que são femi-

---

[1] Mais modernamente — *certame, dictame*.

ninos: *paz* = (*pacem*, nom. *pax*), *cruz*, = crucem (nom. *crux*), *luz* = lucem (nom. *lux*), *voz* = vocem (nom. *vox*); [1] 2.º do caso regimen dos subst. da 3.ª decl. latina nom. em — *as*, os quaes tambem são femininos: — *solidez*, *nudez*, *placidez*....

Except. — *gaz*, *arnez*, *mez*, *giz*, *obuz*, *cadoz*, *matriz*, *nariz*, *arcabuz*, *capuz*, *alcatruz*, *lapuz*, que são masculinos.

19. — Alguns substantivos que exprimem cousas sem sexo teem todavia uma fórma masculina e outra feminina, servindo esta para indicar o mesmo objecto mais amplo, largo ou dilatado: — *bacio*, *bacia*, *gigo giga*, *jarro jarra*, *cesto*, *cesta*, *barco*, *barca*... (V. Lição 12). Neste caso ainda o feminino exprime o genero, o todo; o masc. a especie, bem caracterisada (o *pendulo* é parte da *pendula*).

20. — Ás vezes o masculino exprime a cousa simplesmente, e a fórma feminina acrescenta-lhe idéa de collectividade (Liç. 12): — *marujo*, *maruja*, *grito*, *grita*.

21. — Ha nomes de pessoas e de animaes que teem femininos correspondentes anomalos: — *poeta poetisa*, *cavallo egua*,.... A explicação dessas fórmas femininas dá-nos a etymologia (Lat. *poetria*, de or. estrang. fem. de *poeta*, *equa*,...), *czar*, *czarina*, *abbadessa*, *archiduqueza*, *sacerdotiza*, *rapariga* (ant. *rapaza*)....

---

[1] Vide pag. — *Lição*.

22.— Nos nomes que abrangem os dous sexos, predomina o genero masc.— *deuses*, *filhos*, *irmãos*.

23.— Temos ainda os nomes *epicenos* e os *communs de dous*. Aquelles debaixo de uma só fórma, designam animaes dos dous sexos : — *tigre*, *onça*, *jaguar*, *tatú*, *cegonha*,... Determina-se-lhes o genero pospondo ao substantivo o adjectivo *macho* ou *femea* (uma onça *macho*). Este processo (adptado pelo inglez), tambem já era usual no latim : — *vulpes mascula*. Plin., *porcus femina*. Cic.

Dos *communs de dous* são exemplos — *doente*, *martyr*, etc. *Infante* faz *infanta*, posto que nos classicos mais se encontre *a infante*.

DO ADJECTIVO

24.— O adjectivo portuguez é tambem variavel como o latino.

Como já vimos, quando tratamos do genero neutro, alguns adj. pronominaes teem tambem uma 3.ª fórma.

este	aquella	*isto*
esse	essa	*isso*
aquelle	aquella	*aquillo*
algum	alguma	*algo*
outro	outra	*outrem (al.)*
todo	toda	*tudo*

25.— Na formação do feminino, seguiram os adjectivos exactamente as regras latinas.

1.ª Os acabados em *o* e *u* formam o feminino em *a*, signal — já em latim — distinctivo desse genero : — *justo*, — *a* ; *crú*, — *a* = lat. *justus*, — *a* ; *crudus*, — *a*.

2.ª Os em *ol* e *or* seguem a regra geral ; alguns em *or* fazem o fem. em *iz*.

Eram porém defectivos em genero : — *mulher hespanhol*, *mulher amador*, *peccador honrador de Deus* ; *minha senhor*, a *devedor*, *manceba morador em Lisboa*, *donas entendedores*, *lettras conservadores*,.... (Canc. da Vat. — D. Diniz, Arraes, F. Lopes, J. de Barros, Jorge Ferreira, etc.) Estes adj. portuguezes derivam do caso regimen latino.

Desde o Sec. XV é manifesta a tendencia para o desapparecimento desses typos defectivos em genero.

Só no Sec. XVII é que se fixaram as regras dos adjectivos em —*ol* e *or*, ajustando-se pela regra geral (em *a*). [1]

O latim tinha a flexão — *trix* (*tr-ic*, *tr-ic-i*), para o fem. dos nomes em — *tor* (*actor actrix*, *peccator peccatrix*, *imperator*, *imperatrix*, *amator amatrix*..). Nós só conservamos fidelidade á tradição em *actriz*, *embaixatriz imperatriz*, *directriz*. Este ultimo porém, tem significação especial, e não mais se

---

[1] J. de Barros ainda recommenda na sua *grammatica* (1532), que " o nome conveniente a mulher e homem será commum de dous ", como *autór*, *devedor*, etc.

emprega para indicar o feminino de *director* (directora).

Todos esses adjectivos em *or* são hoje considerados substantivos ou adjectivos-substantivados.

3.ª Os terminados no diphthongo *eu* (eo) fazem o fem. em — *éa*, segundo o molde latino : — *europeu européa*, *pebleu plebéa*, *hebreu hebréa*.

Except. — *judeu*, *sandeu*, que fazem — *judia*, *sandia*, e os possessivos *meu*, *teu*, *seu*, que fazem — *minha*, *tua*, *sua* [1]. *Judia*, *minha*, *tua*, *sua*, constituem legados maternos (lat. *judia*, *mea* — port. arch. *mia*, *ma* —, *tua*, *sua*); *sandia* é o fem. regular de *sandio*, fórma parallela de *sandeu*. (Cap. *meu mia*).

Os acabados em *éo éu* como *ilhéo tabaréo*, fazem o fem. em *óa* (*ilhóa*, *tabaróa*).

4.ª Os adjectivos acabados em *ão*, derivados dos latinos em — *anus*, formam o feminino mui regularmente, i. e., em — *ana*, que se contrahiu em — *an*, *ã* : — *christiana*, *christan*, *christã*, *sana*, *san*, *sã*.

5.ª — Temos um acabado em — *om*, que faz o fem. á maneira latina : *bom boa* = *bon* (us), *bo* (n) *a*.

26. — São invariaveis os seguintes adjectivos :

1.º — Os terminados em *e* derivados do caso regimen — *a*) dos adjectivos latinos em *er*, f. *is*, n. *e* :

---

[1] A assimilação dos casos S. e R. dos pronomes possessivos (*meu*-s *meu*-m, etc.) deu-nos uma unica fórma, ao contrario do francez que conservou as fórmas atonas e tonicas — *mon ton son* e *mien tien sien*.

acre = l. acer acris acre, *pobre* = pauper, *celebre* = celeber ; *b)* dos adjectivos em *is* masc. e fem. e *e* neutro : — *breve* = brevis breve, *silvestre* = silvestris ; *c)* dos em *ens entis* (uniformes) : *diligente*, *prudente* ; *d)* dos participios presentes em *ante*, *ente*, *inte* = l. *ns*, abl. abs. em *e* : — *reinante*, *escrevente*, *pedinte*.

A invariabilidade desses nomes é devida a que, — procedentes do caso regimen —, só encontraram um typo uniforme para os dous ou tres generos — *acre* (m), *breve* (m), *diligente* (m). — *Homo* ou *femina* FORTIS OU PRUDENS, diziam tambem os Latinos (*homem* ou *mulher* FORTE OU PRUDENTE).

2.º — Os acabados em AL, que se derivam da declinação latina em — *alis* masc. e fem., são invariaveis pela razão acima :— *mortal* = mortalis, masc. e fem., *fatal* = fatalis M. e F.

Homo ou *femina mortalis*.

Tambem são invariaveis os terminados em *el*, *il* : — *cruel*, *esteril*, *habil* (arch. *esterile*, *habile*), = lat. crudelis masc. e fem., — *e* neutro, *esterilis* masc. e fem., e os em *ul*, por analogia (*azul*, *taful*).

Até o Sec. XV os em *ol* tinham tambem uma unica fórma (*uma mulher* hespanhol).

3.º — Os adjectivos acabados em *vel* (ant. *bil*), são defectivos porque se derivam dos latinos em *bilis* masc. fem., em *e* neutro (V. § 1.º): — *amavel*, *terrivel* = amabil-is, terribil-is. No Sec. XVI estes adje-

ctivos conservavam a fórma latina — *terribil* (Camões I. 14),...

4.º— Nos em *ar*, *er* (*faminar esmoler*), e em *m*, *n*, *s* (*ruim*, *joven*, *simples*), a invariabilidade é devida ao facto já citado dos adjectivos latinos em *is* masc. fem. (*familiaris*, *juvenis*). Quanto a *simples* (arch. *simplice*) é defectivo porque deriva do adjectivo de uma só fórma latina (*simplex simplicis*).

5.º— Os em *az*, *ez*, *iz*, *oz*, derivam dos latinos, tambem de uma só fórma, em *ax axis*, *ex ecis*, *ix icis*, *ox ocis*, e ainda em *ensis* :— *audaz* audace-m, *feliz* (felice-m), *atroz* (atroce-m), *montanhez* (montaniese-m). Até o Sec. xv as fórmas portuguezas foram sempre mais encostadas ás latinas (*audace*, *felice*, *atroce*, ...).

No Sec. xvi é que começaram as fórmas em *eza* (*montanheza*, *calabreza*), talvez por analogia dos nomes fem. em *issa*.

27.— **Numero**.— O portuguez tem dous numeros — *singular* e *plural*, como em latim. O *dual* não lh'o podia elle legar, que muito cèdo perdeu-o, ao envez do grego e do hebraico, que sempre o conservaram.

No latim as unicas fórmas de dual são *ambo* e *duo*, que são tambem no portuguez os unicos vestigios dessa primeira concepção da pluralidade.

O dual precedeu ao plural ; e são provas do asserto os seguintes argumentos: 1.º o emprego extensissimo do dual no dominio aryano, semitico, turaniano, etc., que declina e cahe de todo com o progresso intel-

lectual dos povos, ao passo que mais se vulgarisa o uso do plural; 2.º a formação, relativamente recente, em muitas linguas, dos numeros superiores a *dous*. (Say. *Pr.*)

As tribus occidentaes da Nova Hollanda (segundo Adfield), não estendem a numeração além de dous; no grupo das linguas *chamiticas* (de Africa), o subst. não tem plural; no accadiano, o signal do plural do adj. é o suffixo *mes* (muito).

Na lingua indigina do Brazil, o plural é expresso pela addição da particula —, *étá*, contr. de *séta* = multidão, grande quantidade: — *oka* = casa, *oka étá* = casas, *apeagána* = um homem, *apeagan étá* = homens. (Dr. Am. Cavalcanti — *The Brasilian Lang.*)

Ha ainda outro systema, usado pelos Canarinos, Bascos, Malaios, Boschimans, que consiste na *reduplicação*. Reduplicar — diz Sayce — é identificar a pluralidade com a dualidade, é indicar a prioridade do dual. "A reduplicação foi um dos mais antigos processos da linguagem para a formação do plural, que mais se accentuou com a definição clara e precisa, da concepção da dualidade".

Deste processo conservamos amostra nas phrases populares e infantis — *tanto tanto homem*, *muita muita flôr*, o que se verifica ainda na formação do superlativo, que tem com o plural estreita connexão. (Liç. 14.) [1]

---

[1] Querem alguns que a fórma plural, unica antigamente para exprimir certos objectos compostos de duas partes iguaes *(ceroulas, calças, ventas, tesouras)*, seja um verdadeiro dual; outros são de parecer que o emprego do adjectivo *uns, umas*, constitue o numero dual em certos casos (quando se trata de parte do corpo que temos em duplicata) *(elle tem* uns *labios vincados*, umas *orelhas cabanas)*; alguns consideram uma quasi equivalencia do dual, o emprego do possessivo *nosso* em certos casos, como, por exemplo, quando por cortezia dizemos á pessoa a quem nos dirigimos — *sua casa* p. *nossa casa*.

A 1.ª hypothese é erronea; a 2.ª — e esse uso do indefinito é peculiar a todas as linguaes romanas, ao inglez, etc., — tambem não nos parece aceitavel.

Hoje, por influencia franceza, abusamos do emprego do indefinito, e, até em escriptores de boa nota, apparece elle com os nomes no singular — *elle tem* um nariz *pequeno*, um pé *grande* (fr. *il a* un *grand pied*, ingl. *he has* a *large foot*), como se tivesse um outro nariz grande, ou o outro pé fosse menor.

28.— O s é a nossa caracteristica do plural desde a origem da lingua. Representa o plural do accusativo latino, caso que o portuguez mais tomou para typo geral dos substantivos ; e nas cinco declinações latinas o accusativo termina em *s*, com excepção dos neutros.

Alguns glottologos consideram essa sibilante um equivalente da preposição sansk. *sam*, *sahá*, ou do *s* do nom. e gen. sing. — A 1.ª hypothese é insustentavel porque *o dual não é uma simplificação das fórmas do plural;* a 2.ª, porque " os nominativos da 2.ª decl. latina e grega, e os neutros em *i* e *u* do sansk. não encerram o menor vestigio de sibilante originaria ".

29.— Substantivos com flexão numeral.— Os nomes substantivos seguem, na formação do plural, as regras latinas.

1.º— *Nomes abstraçtos.*— Os nossos grammaticos condemnam, no portuguez, o emprego do plural dos nomes abstractos. Não obstante, é elle vulgar em escriptores classicos e de boa nota desde o Sec. XVI : — *negruras*, *as soberbas*, *silencios*, *embriaguezes*, *pobrezas*, etc. *Tomarão os calices e vasos sagrados, applical-os-hão a suas nefandas* embriaguezes (Vieira 3. 486), *Deus aborrece* avarezas, *a alma assaltada de* ambições e invejas.

Quando esses nomes vierem considerados individualmente, devemos consideral-os defectivos no plural (*a fé divina, a fé catholica*); mas são susceptiveis dessa flexão quando as qualidades por elles expressas forem tomadas pelos actos a ellas in-

herentes, e em suas diversas manifestações (*ha tres fés e crenças distinctas*).

Em latim eram muitos os substantivos abstractos com plural consagrado pelo uso — *vitae, superbiae, nobilitates, ...*

2.° — *Nomes proprios.* — Em latim eram elles empregados no plural (*Cicerones, Verrones, Metelli, Marones, ...*); só no Sec. XVI é que no portuguez apparecem os primeiros exemplos.

Os nossos grammaticos (mesmo os de mais alto valor) sentenceiam esse emprego do plural, a menos que « os nomes não sejam tomados *figuradamente* para significar individuos da mesma classe ». (Ex.: *os Osorios*, isto é, os generaes esforçados como Osorio.)[1]

Por boa logica desaceitamos a regra estabelecida, e temos em nosso apoio a tradição materna e os escriptos dos mestres. Quando dizemos os *Andradas*, os *Mellos*, os *Braganças*, os *Bourbons*, é claro que nos referimos a duas ou mais pessoas distinctas, do mesmo nome, de uma mesma familia. Considerar taes nomes logicamente no plural, e negar-lhes a caracterista flexional, é cahir em erro. Assim pois, diremos *dous* Pedros *reinaram no Brazil*, e com um classico moderno — *a*

---

1 Por *emphase:* — Os *Andradas* distinguiram-se na politica; *antonomasia* — *os* Shakspeares *e* Byrons *são raros; metonymia* — *os Rubens, os Ticianos* (os quadros, etc., de....).

obra impavida dos Albuquerques, *dos* Castros, *e dos* Almeidas.

É que estes nomes proprios tornam-se communs, como aconteceu innumeras vezes — *dedalos*, *harpagões*, *macadam*, *mentor*, *tartufo*,... *champagne*, *cognac*, *bordeaux*, *gruyère*, *alzevir*, *um terra nova*, *galgo* (cão da Gallia), *gozo* (cão godo), *perro* (cão *párria*, *pariah*).[1] — V. Liç. 6.ª

30.— São de formação anomala os seguintes:

1.º— Os terminados em *al*, *el*, *il* (oxytono e paroxytono), *ol*, *ul*, formaram o plural no portuguez antigo e médio mui regularmente:— *cales*, *corales*, *arreboles*, *aniles*. Destas fórmas, regularmente contrahidas pela quéda da consoante média —, originaram-se as actuaes — *coraes*, *arrebóes*, *anis*, *fosseis*, *tafues*.

Figuram ainda como amostras da flexão primitiva — *males*, *consules*, *curules*, *reales*.

2.º— Dos nomes acabados em *s*, só *Deus* toma signal de plural quando nos referimos aos do paganismo. Das antigas fórmas regulares — *alfereses*, (Cam. Lus. 4, 27) *arraeses*, *caeses*, *ouriveses*, etc. (as variantes *orises e origes*)[2] não temos amostras; *simples* (droga), *calis* (calix) e o adj. *duplex* não constituem excepção á regra, pois formaram o

---

[1] Sansk. *para* (fóra de) T. *pareyer*, *parrıar*; ind *pahariya*. *Pariah dogs* = native dogs which have master and home (Webster).

[2] "Ourirezes e escultores" (Garcia de Rezende.)

plural regularmente dos typos parallelos *simplice*, *calice*, *duplice*, (d. do caso regimen). [1]

3.º— Os subst. em ão fazem o plural em *ãos*, *ães*, *ões*, conforme se derivam de vocabulos latinos em *anus*, *anes*, (anis) ou *io*, accus. *onem*, *Christiano*, *christão* = lat. *Christianus* — *christãos* (christianos), *Cão* = l. *canis* (p. canes) — *cães* (canes), *legião* = *legionem* (p. legiones) — legiões (legiones).

Até o Sec. XV eram duas as fórmas do sing. — *am* (*pam*, *cam*) cujo plural era em *ães*; e *om* (*educaçom*, *liçom*, que fazia o plural em *ões*.

Houve lucta a principio entre as tres fórmas do plural, e muitas vacillações (Sec. XVI XVII). A prova temos nos pluraes biformes e triformes ainda hoje existentes :

alão	alões, alães.
soldão	soldões, soldães.
aldeão	*aldeãos*, aldeães, aldeões.
anão	anãos, anães, anões.
vulcão	vulcãos, vulcães, vulcões.

Os que se não originam do latim formam o plural em *ões*, desinencia a que sempre mais se affeiçoou o povo ; — *botões* (or. germ.), *limões* (or. ar.), *vagões* (= ing. *wagons*.)

31.— *Nomes defectivos em numero.*—Podem ser defectivos no sing. ou no plural ; concretos, abstractos ou collectivos.

---

[1] Cp.— *index indice, appendix appendice, codex codice.*

1.º— *Defect. no plural. a)* Os nomes de sciencias e artes só se empregam no singular quando tomados individualmente. Já se abriu excepção para as *mathematicas*.

b) Os nomes de metaes só teem plural quando exprimem objectos delles fabricados ;— quando significam objectos que tiram o nome da materia de que são feitos (*os ouros, as pratas, os ferros, os bronzes, os nickeis*).

c) Os de cereaes, productos animaes e vegetaes pluralisam-se em linguagem commercial, quando se quer expecificar as varias especies ou qualidades, ou quando exprimem objectos cujos nomes são tirados da materia de que são feitos :— *assucares, trigos, favas, ervilhas, sedas, linhas, cimentos*

Os antigos escreviam — *meles e meis, arrozes, azeites, leites.*

d) Os nomes de ventos usam-se no plural somente quando estes reinam por tempo mais ou menos dilatado (*as brisas, os nord'estes*).[1]

e) São ainda defectivos no plural os nomes *abstractos* (*fama, pudor, compaixão*), e os *collectivos* (*prole, plebe, vulgo*).

2.º— *Defectivos no singular*. Tambem já os havia em latim ; o seu numero era muito mais crescido nos antigos escriptores — *calças, ceroulas, te-*

[1] Alguns defectivos em latim, tem ambos os numeros em port.— *citrum, reliquiae, arma, specimen,...*

souras, *fauces*, *esgares*, *cocegas*, *semeas*, *ventas*, *trevas*,...

Alviçaras, *arredores*, *ambages*, *andas*, *annaes*, *calendas*, *confins* (limite), *escouvens*, *esponsaes*, *exequias*, *ferias* (vacação), *lampas*, *laudes*, *lamures*, *matinas*, *manes*, *nonas*, *nupcias*, *ovens*, *penates*, *pareas*, *proceres*, *primicias*, *sevicias*, *syrtes*, *trevas* (h. treva), *victualhas*, *viveres*, *elementos* (no sentido de principios ou fundamento de arte ou sciencia), os nomes dos *naipes*, *zelos*, (ciumes), *visos*(ares), os nomes de povos collectivos — *Aborigenes*, *Romanos;* os de grupos de ilhas — *os Açores*, *as Canarias.*

32.— Alguns nomes mudam de significação quando passam para o plural. A este facto de pathologia verbal já nos referimos na lição 6.ª

Liberdade — Poder de agir ou não	*liberdades* — atrevimentos
meninice — idade tenra	*meninices* — puerilidades
lettra — cada um dos caracteres do alphabeto	*lettras* — litteratura, sciencia
faculdade — poder physico ou moral que torna algum ente capaz de agir.	*faculdades* — disposições, meios.

33.— Os nomes de origens estrangeiras, ou mesma latina, substantivados, fazem o plural segundo a regra geral — *hurrahs*, *albuns*, *tenores*, *tramways*, *deficits*, *benedicites*, *misereres*, *amens*, *requiems*, *in-folios*, *post scriptums*, *Te Deums.*

Nota. Os adjectivos seguem as mesmas regras do subst. na formação do plural.

Os acabados em *ão*, com significação augmentativa, fazem o plural em *ões*.

34.— Casos.— *Caso* (l. *casus*, quéda, de *cadere* cahir) é a união do thema nominal á desinencia para indicação de certas relações—de causa, origem ou propriedade, condição, direcção, instrumento ou meio; emfim a funcção do nome na phrase. [1] As desinencias casuaes designam tambem os numeros, e — mas nem sempre — os generos dos nomes. [2]

	S.		P.
N.	*Pater*	o pai (suj.)	*Patr - es*
G.	*Patr - is*	do pai	*Patr - um*
D.	*Patr - i*	ao pai	*Patr - i - bus*
Ac.	*Patr - em*	o pai (reg.)	*Patr - es*
Ab.	*Patr - e*	do pai, etc.	*Patr - i - bus*

---

[1] Assim, na phrase *amo Deum* o *m* de *Deum* mostra que elle está no accus., e é complemento directo de *amo*.

Esta construcção, com ellipse da preposição, é tambem portugueza:

E correram quasi todo aquelle dia *arvore secca*.

(F. L. *Hist. da India.*)

. . . eis que *alta noite* sentem um rumor extraordinario.

(Souza — *V. do Arc.*)

. . . el-rei vestido em uma cota d'armas, *rosto e cabeça descoberta*.

(Id. *H. de S. D.*)

. . . levanta-se o conde cedo *verão e hynverno*.

(Vieira — *Serm.*)

[2] As terminações dos casos nos dialectos primitivos da familia indo-européa eram, na origem, preposições juxtapostas á raiz, que com o tempo fundiram-se.

35.—No latim, não havendo tantas fórmas caracteristicas quantos eram os casos, forçosamente a mesma desinencia devia servir para dous ou tres. Todavia, o systema das declinações era mecanismo complicado para os populares, que não lhe comprehendendo a vantagem, acabaram por combatêl-a de todo sob a acção destruidora das leis phoneticas. As vogaes atonas cada vez mais se atonisaram, as caracteristicas flexionaes do nom. e do accus. (*s* e *m*) cahiram, e dahi a confusão entre esses casos, e entre elles e o ablativo. *Servus* (N.) e *servum* (Ac.), pela quéda das caracteristicas transformaram-se em *servu*, e como o *u* final latino soava *ô* confundiram-se com o abl. *servo*.

No Sec. v a declinação latina resumiu-se aos dous casos — *sujeito* e *regimen*.

O descuramento das inflexões nominaes, a tendencia do povo para simplificar as fórmas, originaram a necessidade de palavras auxiliares (preposições) para maior precisão e clareza da lingua, cujo emprego cada vez mais se tornou frequente porque os casos já não indicavam as varias relações, mas tão sómente o genero e o numero.

36.—Das linguas néo-latinas, só o italiano, o valachio e o francez herdaram o systema das declinações, mantido até hoje apenas pela primeira.

As unicas flexões nominaes portuguezas são

— o genero e numero, o superlativo dos adj., as variações dos pronomes pessoaes.

37. — A DECLINAÇÃO LATINA.— Declinação é a serie de fórmas que os nomes tomam na sua passagem por todos os casos. Desenvolvida ou não, a declinação indica o *genero*, *numero* e *caso*, como a conjugação exprime a *voz*, o *modo*, o *tempo* e a *pessoa*.

Havia no latim cinco declinações, constituidas por seis casos no periodo classico. [1]

1.° *Nominativo*. Era o expoente do sujeito, flexionado por *s* em ambos os numeros nos nomes da 3.ª, 4.ª e 5.ª decls.

flo-s *flore*-s
curru-s
die-s

e por *s* no sing., e *e* (ai), *i*, no plural da 1.ª e 2.ª

Ænea-s *hora*-e
servu-s *serv*-i

A flexão neutra era geralmente em *a* (*regn-a*, *corpor-a*). [2]

---

[1] Desde a primeira phase da lingua desappareceram o *locativo* e o *instrumental*. O loc. era o antigo gen. em *as (pater familias)*; suff. *as* = *ai* (ae) = sansk. *ayas*. Assim confundiram-se o loc. e o gen. — São tambem verdadeiros locativos, os dativos da decl. simples (Benfils. — *Intr.* XXVI).

[2] A flexão organica do nom. plural em *ser* = *sauer sas*, cujo vestigio encontra-se nas f. arch. *magister*-es, *popul*-cis, *liber*-is, donde derivam— *magistri, populi, liberi.*

2.º *Genitivo.* E' o expoente de restricção flexionado no sing. por *e* e *i* para a 1.ª, 2.ª e 5.ª

hora-e *serv*-i *die*-i

e *is* para a 3.ª e 4.ª

arbor-is *curru*-is [1]

No plural a flexão da 1.ª, 2.ª e 5.ª é *rum*, e *um* para a 3.ª e 4.ª

hora–rum *servo*–rum *die*–rum
arbor–rum *avi*–um [2]

3.º *Dativo.* Expoente de attribuição, flexionado no singular por *e* e *i*

hora–e *servo* (i) *arbor*–i *curru*–i *die*–i

No plural por *is* para a 1.ª e 2.ª, e *bus* para as outras.

hor-is *serv*–is
arbori-bus *curri*-bus *die*-bus [3]

4.º *Accusativo.* Expoente do objecto (caso regimen) flexionado por *m* no sing. e *s* no plural para todas as declinações (masculinas e femininas).

---

[1] As term. organicas do gen. sing. eram — *is* — *os* — *us* (*senatu*-os, *venerus*). *Is* foi subst. na 1.ª, 2.ª e 5.ª pelo suff. loc. *i* (*rasa*-i *rosæ.*)

[2] O prototypo do suff. organico do gen. plural era = sansk. *sams* = *ams* = lat. *um.*

[3] O dat. sing. prototypo = sansk, *aya.* No plural = ablativo.

hora-m *servu*-m *arbore*-m *curru* m *die* m
hora-s *servo*-s *arbore*-s *curro*-s *die*-s [1]

Para os neutros — em *a* (*corpora*).

5.º *Vocativo*. Expoente interjectivo, e quasi sempre identico ao nominativo.

puer *arbor* *corpu*-s
die-s *corpor-a*

6.º *Ablativo*. Expoente de origem; no plural, de flexão identica ao dativo. [2]

Estas flexões casuaes do latim classico (já nos referimos a este facto) foram pouco a pouco se alterando, principalmente pela quéda do *s* e *m* finaes; e esta alteração posto remonte aos mais antigos monumentos da lingua (*poeta*-s *scriba*-s,. .) [3], comtudo mais se generalisou na corrente popular, o que muito concorreu para transformar a declinação *synthetica* latina na declinação *analytica* romanica.

---

[1] A fórma organica originaria era *ma* no sing., e no plural *m-s* = lat. *as, os, us, es* (*rosa-ms* = rosa-s, *servo-ms* = servo-s, etc.)

[2] A terminação organica do ablativo sing. era *d* = *ad, ed* = *at* (fórmas arch. *scelia*-d, *macestata*-d marido. No plural — *bis* = *bus* (bos) = is = sansk. *bhi* = *bhyas*. (Talbot.— *Hist. Litt. Rom.*; Schleicher, Bopp., etc.)

[3] São fórmas epigraphicas do tempo dos ultimos imperadores — *Theodoru, filio, admirabili*, etc. Remonta ao velho lat. — *optumo* = optimum, *viro* = virum, etc. (Sec. III.)

QUADRO SYNOPTICO DAS FLEXÕES[1]

1.º GRUPO. — FLEXÕES EM A, — E, — O

CASOS	SINGULAR			PLURAL		
	M.	F.	N.	M.	F.	N.
N.	— s	— s	— m	— i	— i	— a
V.	—	—	— m	— i	— i	— a
G.	— i	— ds, i	— i	— rum	— rum	— rum
Ac.	— m	— m	— m	— (n) s	— (n) s	— a
D.	— i	— i	— i	— bus, is	— bus, is	— bus, is
Ab.	— (d)	— (d)	— (d)	— bus, is	— bus, is	— bus, is

2.º GRUPO. — FLEXÕES EM I, — CONS. U

CASOS	SINGULAR			PLURAL		
	M.	F.	N.	M.	F.	N.
N.	— a	— a	—	— es	— es	— a
V.	—	—	—	— es	— es	— a
G.	— is	— is	— is	— um	— um	— um
Ac.	— (ĕ) m	— (ĕ) m	—	— (e) (n) s	— (e) (n) s	— a
D.	— i	— i	— i	—	— i	— ibus
Ab.	— (ĕ), (d)	— (ĕ) (d)	— (ĕ) (s)	— (i) bus	— (i) bus	— ibus

[1] Quadro — Grammatica Latina.
Moeller — *Formelehre* (c. sobre unidade das flexões).

Podemos pois traçar o *schema* da evolução historica da declinação latina.

Typo archaico	*T. classico*	*T. romano*
	SINGULAR	
N.— *hora* s *arbor*-s	hora arbor	*hora arbor* (arvor)
G — *hora*-is (i), *arbora*-as	*hora*-e *arbor*-is	*hore arbor*-ie
Ac.— *hora*-m *arbore*-m	HORA-m ARBORE-m	HORA ARBORE (arvore)
D.— *hora*-i *arbor*-i	*hora*-e *arbor*-i	*hor*-e *arbori* (e)
Abl.— *hora*-d *arbore*-d	*hora arbore*	HORA ARBORE (arvore)
	PLURAL	
N.— hora-ses arbor-ses	*hora*-e arbore-s	hora arvore
S.— hora-sam (sum) arbor-sam	hora-rum arbo-rum	horaro arboro
Ac.—hora-ms arbore-ams	HORA-S ARBORE-S	HORAS ARVORES
D. Alb.—hora-bis arbor-bis	hor-is arbor-ribus	hori (e) arboribo

Em consequencia das leis phoneticas, e das deslocações do accento tonico, a declinação portugueza resume-se a uma unica fórma — *hora horas*, *arvore* (arvor Sec. XIV) *arvores*, como melhor veremos adiante.

38.— VESTIGIOS DA DECLINAÇÃO LATINA NO PORTUGUEZ.— « No portuguez antigo e medio (Sec. XII e XVI) muitos typos syntaxicos recordam immediata e mediatamente a declinação latina.» [1] (V. Lição.)

Já vimos : 1.° que a 1.ª declinação, de todas a mais facil na creação de typos femininos, fazia o nom. em *a*, accus. *am* (*hora horam*), casos que vieram a confundir-se pela quéda do *m* final.

2.° que os nossos maiores, assim como, por ignorancia, importaram do arabe e hebraico pala-

[1] Lam. de Andrade — *Vest. de decl. lat.*

vras no plural, julgando-as fórmas do sing. *(cherubim, seraphim,* etc. [1]), tambem tomaram nomes neutros no plural por fórmas do fem. sing.: — *animalia, insignia, folha, maravilha,* etc.

3.° A 1.ª declin. masc. attrahiu os nomes neutros em *um* da 2.ª declin., e alguns da 3.ª e 4.ª *(panis, fructus, dies).*

4.° Os nomes da 2.ª declin. masc. nom. em *us*, accus. em *um*, confundiram por fim esses casos pela quéda do *s* e *m.*, caracteristicos do nom. e accus. *Servu servum*, soavam *servu* (servo).

5.° Em muitas palavras latinas da 3.ª decl., em algumas de themas e desinencias differentes, houve deslocação do accento no accus.: — *ratio rationem, sénior seniórem, imperátor imperatórem.*

O portuguez ou conservou apenas o caso regimen, principalmente nos nomes em *eo (io), onis*: — *razão, senhor, imperador, lição* (lectionem), *leão* (leonem), etc., ou ambos elles distinctos: — *préste presbytero, ladro ladrão.*

Tambem derivam do caso regimen, os nomes de outras declinações terminados geralmente em *s* no nom. sing.: — *mors mortem* (morte), *virtus virtutem* (virtude).

O imparissyllabismo (i. e., a differença no numero de syllabas entre o nom. e o accus.) mais pertence á 2.ª declinação.

---

[1] Ling. hebr. — *Cherubs. Seraphs.*

39. — Acompanhemos agora os casos latinos.[1]

1.° Nominativo. — A carateristica do caso sujeito era o suffixo originario *s*, perdido em muitissimos vocabulos latinos (*hora, pater, puer*, etc.), e cujo desapparecimento mais cresceu de ponto na linguagem popular de Roma, facto este a que por vezes nos hemos referido.

Desse expoente do nominativo ainda conservamos vestigios em algumas palavras :— *calis* (*caliz*, *calix*, e *calice*) = l. *calix, Deus, Jesus, sages* (Sec. XIV), *simples* (*simplez, simprez* e *simplice*), e muitos onomasticos de origem litteraria :— *Marcos, Lucas Venus, Ceres, Moyses, Isaias, Matheus, Boreas, Iris.*

2.° Genitivo. — São poucos os vestigios morphicos, o que não é para causar extranheza desde que reflectirmos já no latim era esse caso de uso pouco frequente, por ter sido supplantado desde o periodo classico pelo ablativo com a proposição *de*.

aqueducto	aquæ ductus
viaducto	viæ ductus (f. port.)
condestavel	comes stabuli
jurisconsulto	juris-consultus
legislação	legis lationem
petroleo	petræ oleum
terremoto	terræ motus

[1] V. monographia Lam. de Andrade — *V. da decl. lat.*

Destes, só *condestavel* (*conde-stable*, Sec. XIV, *condestabre*, Sec. XV) é de origem popular.

3.° Dativo.— Poucos exemplos podemos respigar deste caso, que — conforme pondera Schleicher — já no latim a sua flexão organica era imperfeita pela confusão com o locativo, gen., ablat. e instrumental.

Crucifixo	cruci fixus
Fideicommisso	fidei commissus (f. er.)

4.° Accusativo.— Era a fórma mais primitiva da declinação, [1] mas foi tambem a que mais cedo desappareceu, em consequencia da perda da consoante caracteristica, que deu em resultado a sua confusão com o nominativo. « Nos docs. em latim lusitano dos Sec. XIII — X, o accus. já não tinha valor casual. »

Morcego	murs cœcus
homem	hominem

Os subst. acabados em *ão*, *ude*, *ade*, *agem* (V. pgs. §§)

Vocativo.— *Avemaria* = ave Maria.

5.° Ablativo.— Era o caso de maior emprego no latim, principalmente depois da perda do locativo

---

[1] O nom. parece — no conceito de alguns glottologos — ter sido "addição posterior á declinação nominal"; e o accusativo ou caso complementar "a fórma primitiva do nome". Ex. desta hypothese encontram-se nas linguas aryanas e semiticas (sansk., grego, latim, gothico,....); e ainda na linguagem infantil — *Nené quer*, *Carlos não quer* p. *eu quero*.

e do instrumental; e sendo o que mais relações representava, foi-lhe necessario o auxilio de certas preposições. [1]

Talvez, por isso mesmo, tão raros são os seus vestigios morphicos conservados em portuguez na formação do substantivo: *amanuense* = *a manu ensis*, *hontem* (ante hodie).

42. — **Adjectivos**. — Tambem resumem-se no nom. e accus. os casos de que conservaram vestigios os adj. portuguezes.

Foram estes os conservados pelo latim popular quando — depois de se terem simplificado as duas declinações distinctas, uma em *us* [2] e outra em *is* [3]—, aquelles adjectivos da 2.ª classe em *er* (accus. em — *em*) assimilaram-se por analogia aos da 1.ª classe em *er* (accus. em — *um*), e emparelhou-os por fim aos adjectivos em *us*. Assim *niger* (accus. *nigrem*), *fortis* (accus. *fortem*), *prudens* (accus. *prudentem*), *celeber* (accus. *celebrem*), *acer* (accus. (*acrum* p. *acrem*, donde *acre*, *acro*), foram considerados de 1.ª classe e declinados por *bonus*.

---

[1] J. F. de Castilho affirma que de cada grupo de palavras, nove descendem do ablativo, e que em uma pagina de Cicero verificou que dous terços dos subst. e adj., estavam no ablativo.

[2] Que comprehendia os adjectivos que só differiam pelo nom. sing. masc. em *er*, accus. em *em*.

[3] A esta classe pertenciam adjs. analogos a *prudens* e *celeber*, que só divergiam no nominativo e vocativo.

Só restaram pois duas declinações distinctas, uma das quaes — a 2.ª — não tinha fórma para o feminino. E destas duas declinações conservamos vestigios em *bom (boa* = bonus, a), *máo má*, (malus, a), *negro negra*, (niger, nigrem).

Do *genitivo*, são raras as amostras.

O *accusativo* é a principal origem dos nomes adjectivos imparissyllabicos. Ex.—*feliz*, arch. *felice* = felice (m), *atroz*, arch. *atroce* = atroce (m), *traidor* tradito-r (e) (m), *amavel*, arch. *amabile* = amabil e (m), *prudente* = prudente (m), *acre* = acre-m.....

Conserva, pois, o portuguez vestigios da declinação latina. Houve, porém, na lingua fallada uma declinação embryonaria portugueza, ainda que de dous casos como a do francez antigo ?

Della não encontramos vestigios seguros.

A verdade é que o Romano conservou a distincção dos casos, sujeito e regimen, e a flexão do sing. e do plural. O caso sujeito era, em geral, tirado do nom. ; o regimen, do accus. E nós temos palavras derivadas dos dous casos distinctamente

serpe — serpens	*serpente* — serpentem
chantre — cántor	*cantor* — cantorem
preste — présbyter	*presbytero* — presbyterum
fray — frater	*frade* — fratrem
mãi — mater	*madre* — matrem
pai — pater	*padre* — patrem
senior — sénior	*senhor* — seniorem
compáno — companus	*companhão companheiro* — companionem
ladro — latro	*ladrão* — latronem
virgo — virgo	*virgem* — virginem

Bem, ren, sem, sen, trom, com (C. V., Canc. do Fig.), etc.

Serão estes os duplos vestigios de uma antiga declinação portugueza ? Não ousamos asseverar.

DECIMA QUARTA LIÇÃO

Flexão dos nomes. Gráo do substantivo e do adjectivo; comparativos e superlativos syntheticos; comparativos e superlativos analyticos.

1.° — V. LIÇÃO 13.

2.° — GRÁO é a flexão nominal, que augmenta ou diminue a idéa de palavra. [1]

3.° São principaes suffixos AUGMENTATIVOS: — *ão*, *aço*, *az*, *azio*, *alho*, *alha*, *orio*, *astro*, *atro*.

Aço-a (= lat. ax, acc. *acem)* — *Senhoraço*, *ricaço*.

A's vezes teem sentido pejorativo — *poetaço*.

Esta dessinencia corrompe-se em *alho*: — *populacho*.

ALHA (= suff. ALIA). Tem sentido collectivo: — *gentalha*, *canalha*.

ALHO: — *parvoalho*.

AÕ: — *rapagão*, *espião*, *portão*.

---

[1] Vide Lição *Suffixos*.

Que indica maior intensidade, provam — os seguintes exemplos :

affecto	affeição
dominio	dominação
repulsa	repulsão
perda	perdição.

Tem ás vezes sentido pejorativo : — *pobretão.*

Elho,-a (= suff. lat. *iculus*, ic'lus) *folhelho*, *azelho*, *francelho*, *fedelho* (pejor).

Éolo (lat. *eolus*). — Fórma erudita. Ex. — *alvéolo*, *capreolo*.

Ebre. Tem sentido pej. — Só nos resta um exemplo : — *casebre.*

Eta, ete, óte, ôto. — São suffixos romanos. Ex : — trombeta, costelleta : diabrete, capote, velhote, perdigoto.

Os femininos correspondentes são — *êta*, *óta*, *agem* e *ilha* (ilheta e ilhota, villota e villagem, mantilha, forquilha).

Ico (lat. *icus*,-culus,) : — *abanico*, *burrico*, *Joanico*.

Ás vezes intercala um *s* euphonico : — *chovisco*, *pedrisco*.

Iculo,-a (lat-*iculus*,-a) : — *monticulo*, *auricula*.

Ilho,-a (suff. dim. port., de *iculo*, mas que tambem corresponde ao lat. *ilius*, *a*) : — *cabrestilho*, *rastilho*, *vidrilho* ; *mantilha*, *cartilha*, *partilha*, *serrilha*.

Corresponde a INHO, e é mui crescido o numero de diminutivos em *ilho,-a*, formados de radicaes portuguezes.

ITO,-A : *livrito*, *mosquito ; mulherita*, *cabrita*. E' uma differenciação do suffixo — *inho*.

IM : (inus)— *espadim*, *flautim*, *tamborim*.

AZ :— *Cartas*, *montaraz*, *lobaz*, *Satanaz*, *ladravaz* (de ladro).

A's vezes teem sentido pejorativo — *dançaraz* *machacaz*.

AZIO : — *copazio*.

ORIO : — *finorio*, *sabidorio*.

ONA :— Fem. da desin. port.— *ão : mocetona*, *valentona*.

Sent. pej. — *sabichona*, *pobretona*.

Corresponde ao suff. — *(aça)* (ricaça).

Além destes—ainda temos os suffixos populares portuguezes— *arão*, — *arrão (homenzarrão*, *casarão*, *santarrão)*, e algumas fórmas anomalas, idiomaticas, geralmente de sentido deprimente *(cabeç*ORRA, *amig*ALHÃO, *frad*ALHÃO, *corp*ANZIL, *sabi*CHÃO).

Temos mais alguns augmentativos verbaes: *fujão*, *beberrão*, *chorão*....

ASTRO é de origem litteraria : — *poetastro*.

4.° São de Sec. XIII os seguintes : *estaturão*, *lampadões*, *cordões*, *calções*, *cabrões*, *Alvão*, *gargantom*, *jaquetão*, *malcaz*, *pescaz*, *vagandó*, *viaráz*. (C. vat.)

5.—Diminutivos.—Os principaes suffixos diminutivos são:

Acho: — *riacho.*

Ejo: — *logarejo, animalejo, quintalejo.* (E' de sentido pejorativo.)

Ello,-a (corr. l. *ello, illa*): — *portello, viella.*

El (contr. de *el*): — *cordel, fardel, canastrel.*

Inho. — (= l. *inus*). É este o mais vulgar de todos os suffixos diminutivos da nossa lingua. Alguns diminutivos teem as duas fórmas — *inho, ino*, e ás vezes ainda — *ito, ico, ete, ejo*, etc.: — grão, *granito*; quintal — *quintalinho, quintalete, quintalejo*, etc.

Os nomes terminados em consoante, formam tambem os diminutivos em *zinho* — desde o Sec. xii, (principalmente os monosyllabos) — *flor florica florita florinha, florsinha, quintal, quintalinho quintalsinho, somsinho, dorsinha corsinha.* Esta regra é absoluta quando a palavra thema acaba por voz livre (nasal ou diphthongo), ou é oxitona em voz livre pura: — *irman*sinha, *grão*sinho, *crua*sinha, *nu*sinho.

No uso familiar, formamos diminutivos de diminutivos: — *pequenininha, pequerichinho.*

Candido Lusitano e outros verberam as fórmas *capinha, florinha, sapatinho,*... p. *capasinha, florsinha, sapatosinho,*... O uso consagrou essas fórmas, que datam do começo de lingua (Sec. xii — xiii), e são empregadas por varios classicos, entre os quaes Manuel Bernardes, Camões, Castilho:

Está o lascivo doce passarinho
Com o biquinho *as pennas ordenando*
. . . .
a estas criancinhas *tem respeito*
. . . .
aos peitos os filhinhos *apertavam*
(*Lus.*)

Rezende (*Misc.*), ridicularisando as modas do seu tempo, diz :

Agora vêmos capinhas,
muitos curtos pellotinhos,
golphinhos e sapatinhos,
fundas pequenas, mulinhas,
giboesinhos, barretinhos

Muitas vezes o diminutivo exprime carinho :— *filhinho*, *maninho* ; outras, --- dó, interesse, compaixão:— *um pobresinho.*

Olo-a : — *bolinholo, sacola, portinhola, rapazola.*

Olho-a ; ulho-a (l. *culus-a*) : — E' de origem erudita. Ex. : *ferrolho.*

Em muitos destes não existe no portuguez a palavra simples; ou as fórmas diminutivas latinas passaram para as linguas romanas como primitivas : — agulha *acucl'a* dim. de *acus* = agulha, *apicula*, dim. de *apis* = abelha: *ovicula*, dim. de *ovis* = ovelha, *lentilha* dim. de *lenta* = entilh a.

Ote :— *velhote, rapazote.*

6.— São de derivação erudita -- *olo, ulo, colo* : — *pellicula, granulo, capreolo* .

7. — A lingua portugueza é riquissima neste genero de derivação. O vocabulo primitivo póde ter significação graduada, desde o mais alto gráo até o mais infimo :—*mulher,-ona,-aça,-ão,-sinha,-ita,-ica,...*

E essa exuberancia levou-nos até a formar diminutivos anomalos, do mesmo thema ou de thema diverso :— *canito*, *diabrete*, *casebre*.

8.— Para os filhos dos animaes temos vocabulos proprios ; *leãosinho cachorro*, *lobosinho lobinho lobato lobacho*, *pombosinho borracho*, etc.

9.— Os diminutivos da linguagem familiar e vulgar formam-se pela reduplicação ou pelo atrophiamento da palavra :— *mamãe, papae, titio*, *vovô*, *dindinho* (padrinho) ; *sôr*, *sô*, *seu* (!) = senhor ; *sóra, sinhá, siá*, *sá* (Minas Geraes, Rio de Janeiro), *nhô, nhã*, (S. Paulo), *nhonhô*, *nhanhã*, (R. J. etc.)

10.— Tambem teem fórmas diminutivas os nomes proprios como já vimos : *Pedrinho Pedroca*, *Anninha Nicota*, *Chico Chiquinho*, *Juca Zézé*, *Zé* (só em Portugal), *Lulú* (Luiz), *Maricas Maricota* (Maria), *Lota Lolota* (Carlota), *Manduca* (Manuel), etc.

11.— Aqui cumpre lembrar uma fórma diminutiva, que, por pouco frequente, não deixa de ser graciosa.

E' o emprego dos gerundios em diminutivo *(dormindinho)*, que o nosso escriptor José de Alencar escreveu — *era um brazileirismo*, *muito particular á provincia do Ceará*.

No hespanhol tambem é frequente essa fórma diminutiva do participio presente, e, ainda acrescentado, no fallado nas Republicas da America, e na Galliza (Saco Arce, *Gramm. gallega)*. Em

todos os poetas gallegos encontram-se essas fórmas a exprimirem carinho:

> Eu non lle quero dar bicos
> e solo me folgo en vel-o
> *dormindinõ* cal un anxel.

O Visconde de Castilho, " por achar muito *graciosito* esse modo de dizer dos Hespanhoes," empregou-o nas fallas de Titania a Oberon (*Sonho de uma noite de S. João*):

> ....' andamos muito manas
> *Passandito* a par naquellas indianas.

12.— São dos Sec. XII e XIII os seguintes diminutivos:— Fer*acim*, Al*vim*, Celor*ico*, Cerz*eta*, Eis*tel*, Pedroz*elus*, Corneo*la*, Al*velo*, Meend*inho*, Pimen*tel*, Bod*inho*, fremos*inha*, bayon*inho*, mocel*inha*, passar*inho*, pastor*inha*, vil*eco*, marsel*inha*, capeyr*ete*, cabr*ito*. (P. Rib. *Diss. Crit.*, *C. Vat.*)

13.— Gráos de significação.— Herdamos do latim os tres gráos: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*.

COMPARATIVO

14.— *Comparativos syntheticos* (organicos). — Em latim o comparativo era geralmente expresso pelo suffixo — *ior* (masc. e fem.), *ius* (n)[1] unido ao thema:— *altior*, *dulcior*, *sapientior*.

A tradição conservou fielmente no portuguez algumas amostras desses comp. syntheticos:

---

[1] A fórma neutra só se distinguiu em pleno periodo historico como attestam os exemplos seguintes: " Bellum punicum posterior. — Senatus consultum prior. " (Sayce.)

maior = l. majórem [1]
menor = minórem [2]
melhor = meliórem [3]
peior = pejórem [4]

Junior, *senhor*, *prior*, *exterior*, *interior*, *superior*, *posterior*, *anterior*, são tambem etymologicamente superlativos organicos.

15.— Alguns destes comparativos tornaram-se substantivos, conservando comtudo a significação originaria latina — *major*, *senhor*, *prior*,... *melhora*, *peiora*.

NOTA. Até o Sec. XIV essas fórmas conservaram o seu valor comparativo :— *nostro senhor demonstre ao junior aquelle que melhor é* (R. de S. B., Ined. d'Alc. 3), *todos os* juniores *seus* priores, *obedeescam* (Id. 289).

Prior — id. (C. Vat., R. S. B. Ined.)

Nas fórmas *interior*, *posterior*, etc., nota se uma dupla suffixação comparativa. *Interior*,= l. *interiorem* = *in* + *ter* (suff. ant. comp. = gr. *teros*) + *or*.

Nota-se o mesmo em *mestre* (arch. *meestre*, *maestre*) l. = *magister magis* (p. *magius*) + *ter*, *ministro* = l. *minister* = *minis* (= minus) + *ter*. (*Gramm. Comp.* Bopp.)

---

[1] *Maior*. Já se encontra nos docs. do Sec. XII: *maior ajuda*. (P. Rib. doc. LX), e as variantes *moor mor*, frequentes desde o Sec. XV, bem como os derivados *maioria*, *maioral*, *maioridade*, *mordomia*, *meirinho*, etc. *Meyrinho* (C. Vat. 987) é fórma parallela de *maiorino* = b. lat. *maiorinus* (Sec. XI), cujas fórmas pleonastica e antithetica — *maiorino-maior* (*meirinho-mór* Sec. XIX) e *meirinho menor* provam o esquecimento etymologico.

[2] *Menor* e as variantes arch. *meor mei* já pertenciam aos Secs. XIII e XIV, e bem assim os der. *minoria*, *minoridade*. O typo *menos* = *minus* derivado neutro; e tanto ella como as var. arch. *meos*, *mus*, *muz*, e os compostos e derivados — *menosprezo*, *menosprezar*, etc., datam tambem do Sec. XIII.

[3] *Melhor*. Sec. XIII.— as *melhores terras* (C. Vat. 786); as variantes arch. *melor*, *melhur*, *milhor* (Sec. XIII-XIV). Id. o der.— *melhoria*.

[4] *Peior* (*peyor*, *peor*). (Sec. XIII, C. Vat. Id.) *peiorar*.

Pejorativo é importação recente (Sec. XIX).

[5] *Junior* (iunior, ivenior) compar. de *juvenis*.

Entre = inter. *sobre* = super = *contra, tra, traz* = trans, etc., são pois restos petrificados do comp. organico. (Menier. *Comp.*)

Dos comp. diminutivos latinos *grandiusculus, duriusculus, longiusculus*, etc., citados por Meedvig (*Gr. lat.*) temos exemplos directos em *maiusculo, minusculo*, e indirectamente, na formação portugueza — *maiorsinho, senhorsinho*, etc., já do Sec. XII.

Cp. — *Prov.* — bon melhor
mal peior pesme
gran maior —
passe menor —
Catalão — bo millor —
mal pitjor pessim
gran major maximo
petit menor mismim
Francez prim. — bom meillor —
mal pior pejor pesme
grand maor major —
petit menor mesme

16. — Comparativo analytico (periphrastico). — Exceptuando esses quatro casos, o portuguez fórma os comparativos analyticamente, ajuntando ao positivo o adverbio *mais*; systema formativo já mui frequente no declinar do imperio romano (*magis pius, magis egregie*). Alguns classicos latinos seguiram esta tendencia do espirito analytico, principalmente com os adj. em — *us*.

São pois latinos os moldes em que se vasaram os comparativos portuguezes.

O latim vulgar deu preferencia ao adverbio *plus* na formação destes comparativos (*plus sapium, plus clarum*).

Plus tinha o mesmo sentido que *magis*, tornou-se modelo dos comparativos italianos e francezes (*plus*,

più), e deixou-nos vestigios da sua existencia nos primeiros documentos da lingua portugueza, na fórma pop. *chus* : — *chus pouco* (can. Ined.), *chus negros* (Nob.) Esta fórma archaisou-se no Sec. XIV,[1]

17.— Os comp. de igualdade, inferioridade e superioridade formaram-se com os adverbios *tão... como*, *tanto... quanto* ; e os adv. *mais menos* ; *muito menos*, *muito mais*. Estas fórmas datam do primeiro periodo da lingua : — may *leda*, mays *perto* (C. Vat. 98, 293), tan *cruamente* (Id. 280),...

ADVERTENCIAS.— 1.ª Nos comp. de inferioridade e superioridade é tão correcto empregar *do que*, como simplesmente *que*. Mais depende ás vezes do tecido da phrase, que póde parecer mais ou menos harmonioso. — 2.ª Em vez de *tão grande* podemos usar de *tamanho* (= *tão manho*, arch. = tão magno (Sec. XVII). E' força porém curvar-nos ao despotismo da moda, e essa fórma — tambem camoneana — deve ser rejeitada.— 3.ª O comparativo *pleonastico* era frequente no Sec. XII (*may melhores* C. V. 1154), á maneira do latim — *magis maiores, magis dulciores, magis certius*.

São equivalentes do comp. *antes* e *sobre* (= mais): — antes ser desfeito que cançado (Ant. Ferr. *Son.* 1—8.), *sobretudo* (= mais que tudo).

DO SUPERLATIVO

19. — SUPERLATIVO SYNTHETICO OU ORGANICO (formados por suffixos).— O superlativo synthetico latino em *imus*, deixou muitissimos vestigios na lingua portugueza :

máo	*pessimo*	lat. pessimus
bom	*optimo*	optimus
grande	*maximo*	maximus
pequeno (parvo)	*minimo*[2]	minimus

[1] No hesp. e doc. rom.— *mai, mais.*

[2] *Minimo,* meindinho, meiminho, miminho, menino.

e desta composição organica cada vez mais cresceram as fórmas ;— *reverendissimo*, *illustrissimo*, *excellentissimo*, *serenissimo*,......

O latim emprega na formação do superlativo synthetico, a terminação — *simus*, *a*, *um*, junto ao suffixo do comparativo contrahido em *is* (de *ius* = *ios*) : — *felic-is-simus*, *doct-is-simus* (*doct-ior-simus* : pela assimilação). E' esta a origem da fórma caracteristica portugueza dos superlativos organicos (*issimo* = lat. *is-simus*), que todavia, só apparece pela 1.ª vez em docs. do Sec. XV, e fixa-se no XVI (*Illustrissimo*, *serenissimo*, L. Cons.; *vitosissimo* Th. Braga *Ch* ; C. de Evora, G. de Rez, etc.) Nos seculos anteriores empregavam a fórma analytica.

19.— Temos mais uma fórma organica em *imo* (= lat. *mo*, contr. de *simo*), que é de fundo erudito :— *humilimo*, *asperrimo*, (Camões), *acerrimo*, etc. Data do Sec. XVI.

São della vestigios, embora hajam ás vezes perdido o sentido etymologico,— *intimo*, *imo*, *postumo*,[1] *maximo*, *infimo*, *summo*, *supremo*, etc.[2] Destes

---

[1] E os der. arch.—prestumeiro, pestumeiro — Sec. XIII—XVI.

[2] Estes sup. derivam da fórma *ter* (gr. τερος), que se encontra nas palavras de sign. comp. — *dexter*, *sinister*, *alter*, *noster*, *vester*, *exteri*, *posteri*,...... (Struchtmeyer, Rud. ling. graecae; Lennep.— *Etymologicum l. gr.*

E ainda temos os numeraes formados com o suff. *timo* = *mo* :— *primo*, *decimo*, *vigesimo* (Bopp. II 246).

typos formam-se outros superlativos : uns moldados em fórmas latinas (Cicero, Ovidio, etc.):— *supremissimo*, *immensissimo*, *excellentissimo;* outros de origem analogica portugueza — *grandessissimo*, de *grandissimo.*[1]

20.— Os adjectivos em IL (= l. *ilis*) fazem o superlativo em *imo* e *issimo* :— *facil facilimo facilissimo*, *fragil fragilimo fragilissimo, subtilissimo.*

No latim dava-se a mesma concurrencia de fórmas do sup. synthetico :— *gracillimus* (Suet.), e *gracillissimus*, *agillimus* (Prisc.) e *agillissimus, imbecillimus* (Sen.) e *imbecilissimus,* etc.

Dahi as f. port. — *humilimo humilissimo, asperrimo* e *asperrissimo* (ambas em Camões), etc.

Os nossos adj. seguem a regra dos latinos em *il* (ili, ile) com vogal breve antes da terminação (radical atono),e daquelles cuja vogal é longa (radical tonica): — *facilis* — facillimus, *humilis* humillimus, *nobilis* — nobilissimus.

21.— Os adj. em VEL (= l. *bilis*) fazem o sup. mudando a terminação em *bil* antes de suffixarem a desinencia do gráo : — *nota*VEL — *nota*BILissimo —, *miser*AVEL — *misera*BILissimo.

Estes sup. não se afastaram das fórmas positivas portuguezas para mais se encostarem ás latinas. Formaram-se das nossas fórmas archaicas *terribil*,

---

[1] Cp. inglez — *innermost, hindermost.*

miserabil, etc., bem como *nobilissimo* (de *nobile*), *esterelissimo* (de *esterile*), *audacissimo* (de *audace*), *felicissimo* (de *felice*), *christianissimo* (de *christiano*), *antiquissimo* (de antiquo), etc.

O latim deu-nos o modelo; o portuguez antigo imitou-o; a analogia alargou o circulo dos exemplos.

22.— A's vezes, porém, um dos superlativos syntheticos é de fundo popular, e o outro de formação erudita— *pobrissimo pauperrimo, friissimo frigidissimo, docissimo dulcissimo, amiguissimo amicissimo, cruel crudelissimo, inteirissimo integerrimo,...*

23.— São pois susceptiveis da formação organica do superlativo só os adjectivos acabados em *e*, *o*, *u*, *l*, *r*, *z*.

24.— Alguns rejeitam as flexões do gráo porque já exprimem idéa de superlatividade ou por lhes serem naturalmente refractarios:—*egregio*, *superior*, *ulterior*, *posterior*, *inclito*, *invicto*, *longiquo*, *joven*, *adolescente*,... (já temos porém *Excellentissimo* e *omnipotentissimo*), ou pelo respeito á tradição latina, como, p. ex. alguns nomes de côres, alguns em *ão*, (*pagão*, *ladrão*), os em *ico* (*pacifico*), os verbaes em *bundo* (*gemebundo*), etc.

25.— Em compensação, conservamos superlativos (e comparativos), cujos positivos mais não são usados:— *minacissimo*, de *minaz* (ameaçador = l. *minax*, *acis*), *belacissimo* (Camões, *Lus.*) de *belaz* (= l. *belaz*, f. muitissimo rara), etc.

Na poesia, porém, é permittido o reviver desses positivos, e o nosso poeta Odorico Mendes empregou *belaz* na sua traducção da *Illiada*, 32.

26.— SUPERLATIVOS DIVERGENTES :—summo·supremo superno, intimo interno, etc.

27.—O sup. synthetico tambem póde formar-se pela *prefixação*. Neste processo que, no portuguez, remonta á origem da lingua, e estendeu-se ao Sec. XIV (*perlongadamente* R. S. B. ; *tamanho* = tão magno ; *tamanino* G. Vic., *perduravel* — Id. ; *preclaro* perclaro. Cam. *Lus.; translucido ;...*), é de notar — como observou Diez — a usual separação do prefixo *per :* — port. ant. *mal vos per está*, *ben mi o per devedes a creer ;* lat. *per mihi mirum visum est*, *per pol quam paucos ;* fr. ant. *tant pas est sages* .[1]

28.— SUPERLATIVO ANALYTICO OU PERIPHRASTICO.— Este superlativo, formado pela anteposição do adverbio, mais alcançou popularisar-se do que o

---

[1] As fórmas principaes do sup. intensivo são *mui mais, muito peior, muy melhor* (l. multo carior), *mui bem ;* — *melhor de quantos, melhor dos outros, a melhor do mundo*, etc. (Secs. XIII — XVI.— C. Vat. G. Rez., Fern. Mendes.)

— O comp. sup. é o typo que representa, só por si, a synthese dos gráos de comparação. Ex. *chusma* = port. arc. *chus* = lat. *plus* (plous plosius), *plurima* = plusima = gr. *pólius* e *ma*, fem. de *tima* = tuna.

— Os superlativos podem tambem formar-se metaphoricamente, como acontece nas linguas semiticas. Ex. hebr.— *filha das mulheres* (= *formosissima*, lat. *filiam feminarum), varões das valentias* = *fortissimus* lat. *viri virtutum)*... V. Dr. Souza. *Idiot. da lingua hebr. e grega.*

Nós dizemos *o homem dos homens*, o *sabio dos sabios*, o *burro dos burros*, i. é, o maior d'entre os...

synthetico. A tendencia foi sempre para o analytismo, para a simplificação.

Em latim era frequente o emprego dessas fórmas: os adjectivos que formavam o comp. com o adv. *magis*, tinham um surperlativo tambem analytico construido com *maxime*, que algumas vezes, por amor da variedade, era substituido por uma outra particula — *satis, per, ultra, præter, super, ante, multo*,... (*multo tanto carior*, Plauto, *multo optimus hostis*, Lucil.)

O portuguez mais se affeiçoou ao adverbio *muito* (*mui*), e fel-o indicador do superlativo, aproveitando-se comtudo da liberdade de poder tambem substituil-o por outros (*assás, demasiado, ultra, extra, super, hyper, archi, excessivamente, horrivelmente*, etc.)

O emprego destes ultimos adverbios tem augmentado de dia para dia: — *uma mulher* adoravelmente bella, *um critico* genialmente patarata,.....

29.— Até o Sec. XVI indicava-se outrosim o superlativo antepondo *mui* e *muito* ao adjectivo:— *gente de pé* mui muita *sem conta* (F. Lopes. *Chron. de João I*); *monte* mui muito *alto* (S. Luiz).

que dos mui muitos ciumes
nace o mui muito amor.

(Gil Vicente.)

costume que, na linguagem popular e familiar ainda se conserva para dar mais intensidade ou vehemencia á phrase:— *João* é muito muito *feio*.

O processo reduplicativo approxima o sup. do numero plural, de que é apenas simples prolongamento. (Sayce.)

Este processo é conservado em Portugal, Brazil e nos dialectos de Africa e Asia : — *secco-secco, quenti-quenti* (= muito secco, muito quente,— port. de Cochim), *lecco-lecco,... das melhores melhor,* o *peyor de peyor* (C.V. 119, 129); *teu tio, dos maiores, o mór*. (A. Ferr. *Lusit.* I. 130.)— Id. nos hebraismos — *cantico dos canticos, senhor dos senhores, rei dos reis, vaidade das vaidades, servo dos servos,* etc. (Reiswerk — *Gram. heb.)*

30. — Mais divorciadas da regra grammatical estão as expressões formadas com os adverbios *mui* e *tão*, e os superlativos de uso vulgar no Sec. XVIII — *mui sapientissimo senhor, tão grandissimo.* (*Tam muito.* Sec. XIII. C. V. 181.) Hoje ninguem ousará escrever taes solecismos, que todavia representam exemplos do fallar romano (*multo* optimus, pulcherrimum, utilissima,.... Cic. Quint., etc.)

31.— Os augmentativos podem indicar o gráo superlativo :— *parvoeirão, pobretão*, etc., muitas vezes com sentido degradado :— *sabichão, grammaticão.*

Os diminutivos tambem indicam superlatividade, mas com certo sentimento de dôr ou lastima. Quando dizemos — elle está *pobresinho*, não temos só em mente apresentar o individuo como miserabilissimo e mui fallido ao dinheiro, mas manifestar tambem o sentimento de dôr ou lastima, o interesse, que nos causa a seu estado de penuria.

32.— SUPERLATIVO RELATIVO. — No latim só havia uma fórma para os superlativos *absolutos* e *re-*

lativos. Assim — *femina pulcherrima* tanto significa *mulher* muito *formosa*, como *a mulher* mais *formosa*.

É que o latim só attendia á idéa de superlatividade, no emtanto o portuguez e as demais linguas romanas, mais suppoem a de comparação *(o mais de...* hesp. *lo mas*, franc. *le plus*, it. *il più*,..*)*, e com justo fundamento. Na phrase *a mulher mais bella*, não está contida somente a idéa de ser ella *muito bella*, mas tambem,— e acrescentado, — a de ser mais bella que todas as outras. A mulher a que nos referimos, *em relação ás outras*, é muito bella. Domina pois a idéa de comparação.

No dominio do portuguez houve lucta entre as duas fórmas, que mais se estremaram no Sec. XV. Data desta época o emprego do artigo antes do superlativo relativo; mas o emprego distincto e judicioso das duas fórmas só se assegurou no seculo XVI.

Hoje não mais se póde supprimir o artigo, a menos que o substantivo venha precedido de um possessivo — *O meu amigo mais intimo de todos é*,... *tuas mais bellas aspirações*.

33.— São ainda equivalentes do superlativo analytico:

SOBRE TODOS:— *E o Infante Dom Pedro meu* sobre todos *prezado Yrmaão* (Sec. XV L. Cons. 27).

MIL:— *Mil lindo, mil gamenho* (Fil. Elys. *Oberon*). Só encontramos este emprego em F. M. do

Nascimento (*Mil* = grande numero, muitissimos,— *mil razões)*.

Assás :— *assás de forte está minha alma* (Alm. *Tr. de Biblia)...*, *Assás de pouco faz quem perde a vida* (Cam.)— Cp. *de suso*.

Que (Sec. xiii) : — *que leda que oj' eu sejo* (C. V. 307).

Muito mais.— É tambem um reforço do sentido comp.— *muito mais bello, muito maior*.

Bem.— Tambem é um reforço mui usado em todas as linguas romanas :— *bem bom*, *bem doente*, *bem mal*, *bem caro*,... (= lat. *bene multi*, b. lat. *filiam bene idoneam*,...)[1] *Bem mais*.

Os comp. e superl.— diz Brugraff — são os expoentes proprios da qualidade intensiva dos objectos considerados *relativamente*.

Essas flexões estendiam-se nas primeiras phases da linguagem a todo o dominio nominal, do que conservam vestigios muitos idiomas, principalmente em formações analogicas de fundo popular.

No sansk. vedico o comp. tirou origem no subst. No port. temos *consismo*, lat. *oculissime* homo (Plauto), e analyticamente — *mui trobador* (C. Vat. 97), *era já muito noute*, b. lat. *pro me nimium peccatori* (Diez III, 13).

A distincção entre comp. e sup. é de origem secundaria. Primitivamente os seus suffixos apenas indicavam uma relação de *maior afastamento*, como se vê das f. sansks. — *apa*-ra *apa*-má *apa*. (Bréal, *Intr.* Bopp. 3 XIX.)

---

[1] Diez. *Gram. der Rom. Sprachen*.

DECIMA QUINTA LIÇÃO

Flexão dos nomes. Flexão do pronome; declinação dos pronomes pessoaes.

1. — V. Lição 13 e 14.

2. — Só estão sujeitos á flexão de genero e numero os pronomes-adjectivos — *demonstrativos* e *possessivos* ; os *indefinitos* -- *algum, certo, nenhum, nullo, outro, todo, um* ; o *relativo* (conjunctivo) :— *cujo.*

Qual e *qualquer* (adj.-pron. ind.) só tem flexão de numero ; dos pronomes pessoaes só tem flexão de genero e numero o da 3.ª *(elle).*

E' quanto nos cabe dizer aqui sobre a flexão desses pronomes. V. Lição 26. *Etymologia.*

3.— Declinação dos pronomes pessoaes.— As tabellas seguintes apresentam a declinação dos nossos pronomes pessoaes comparada com a dos latinos.

SINGULAR

	PRIMEIRA PESSOA		SEGUNDA PESSOA	
	LATIM	PORTUGUEZ	LATIM	PORTUGUEZ
N. (Sujeito)	*ego*	eu	*tu*	tu
Acc. (R. directo)	*me*	me	*te*	te
Dat. (R. indirecto)	*mihi*	me	*tibi*	te
Em relação prepos.	—	mim	—	ti
Abl.	*me*	migo	*te*	tigo

PLURAL

	PRIMEIRA PESSOA		SEGUNDA PESSOA	
	LATIM	PORTUGUEZ	LATIM	PORTUGUEZ
N. (Sujeito)	*nos*	nós	*vos*	vós
Acc. (R. directo)	*nos*	nos	*vos*	vos
Dat. (R. indirecto)	*nobis*	nos	*vobis*	vos
Em relação prepos.	—	nós	—	vós
Abl.	*nobis*	nosco	*vobis*	vosco

NOTAS. 1.ª São fórmas archaicas da 1.ª pessoa do sing.— *ei*, *ieu* (*geu*), aquella no Sec. XII, esta — que era tonica — no Sec. XIII.

Ma se ei *for para Mondego*
(C. DE EGAS MONIZ.)

ei *boyme por hi fóra*
(ID.)

por quanto ieu *crer sey*
(C. DA VAT.)

estraynã vida vivo geu *senhor*
(ID.)

Attribue-se a fórma *ieu* — identica a *geu* — á influencia provençalesca (= fr. ant. *giè*, f. tonica de *jo je*).[1]

2.ª *Me.* Abrange o dominio do dativo (desde o Sec. XIII), accus. e genitivo: *deu-me*, *amas-me*, *seccaram-se-me as illusões* (para mim seccaram-se as illusões). Este accumular de funcções é devido ao emprego de *me* p. *mihi* (*mehe*, Quint., etc.) e tambem a ser *mi* f. dativo de *ego*.

E' para sentir haver a fórma objectiva *me* obliterado a terminativa *mi*, que constituia mais uma riqueza da nossa lingua.

---

[1] Era grande a confusão na escripta entre *i* e *j* (já no latim), e por isso representavam muitas vezes o *i* latino pelo *j* portuguez ou *g* brando. A differença entre *ieu* e *geu*, é simplesmente graphica, como tambem entre *eu* e *eo*. (Sec. XIII.)

Quanto ás fórmas *eu ei*, Cp. *meu* e *mei*, *mê*, ainda hoje vulgares no Alemtejo, Algarves, e em algumas ilhas *Açorianas*.

3.ª— *Mim* (arch. *mi* — *mhi*). O *m* representa exemplo epithesico ou paragogico. — Cp. *assi assim, si sim,*[1] *nem*, ... (= lat. *si*-c, *ne*-c,...).

Como vimos acima, *mi* derivou de *mi*, dativo de *ego* e de *mihi*, regularmente contrahido em *mii*, *mi*. Appareee nos primeiros monumentos da lingua (Sec. XIII e XIV), mas sempre a par de *mim (min, mê)* ; só cahiu na lucta no declinar do Sec. XVI).[2]

4.ª Houve no portuguez uma variante popular *che* (Couto — *M. L.*, *Euf.*, ap. Moraes).

Esse archaismo pronominal *(che, xe)*, não nos parece fórma equivalente a *te*, como suppõe Moraes. Os exemplos *xi quer*, *xe quer* (S. de Mir.) provam que elle corresponde a *si* ou *se* (it. *se ci ;* gallego *ge*, *xe*, que sôa *tche). Em desto* xe vos *seguer grandes perdas* (O. Aff.) = pron. *se ;* a phrase não significa *disto te sobrevirão grandes perdas* (como querem alguns), mas — *disto* se vos *hade provir grandes perdas* ou *ha-se-de provir-vos*...; *a vacca morreu-xe* (S. M.); *nã sey que* che *he prê fermoso.* (S. Mir. Eg.)

Em hespanhol é frequente este uso :— *Le en-*

---

[1] *Sim* p. *si*, pron. da terceira pessoa, ainda no Alemtejo (Vasconcellos — *Rev. dos Estudos livres.*

E' uma necessidade euphonica do povo, que pronuncia tambem — *muin* p. *mui, muinto* p. *muito*. E no port. antigo muitas são as palavras com fórmas duplas nasalisadas e não — *(assi assim, home homem, boo bo boom bom, co com, soo soom).*

[2] Camões ainda empregou-a.

regó V. la carta? — *Si*, se *la entregué*; e em portuguez ainda temos exemplos: — *cá* se *me está parecendo*, etc.

O *me* nestes casos é dativo: — *não datur mihi* (cura); *seja*-se *elle vossa amante*. (Euphros.)

A permuta do *s* pela chiante *x*, *ch*, é um dos casos de corrupção phonetica, que o Sr. Thephilo Braga attribue a idoisincracia galleziana.

5.ª *Migo* = l. *mecum* (= *cum me*); *tigo* = l. *tecum* (cum te).[1] Os escriptores antigos escreviam simplesmente — *migo*, *tigo*, *sigo*, ou porque obedecessem inconscientes á tradição latina, ou conservassem ainda a noção logica da composição:

non trago migo *questo coraçon*

(C. Vat.)

tigo *começar fui*

(Id.)

Perdida, porém, de todo essa noção, originaram-se as fórmas redundantes, pleonasticas — *commigo*, *comtigo*, *comsigo*, que vecejaram simultaneamente com as mais simples — *migo*, *tigo*, *sigo*, nos Secs. XIII e XIV.

No Sec. XIII appareceram as variantes *comego*, *comtego*, *comsego*, ainda muito populares no Sec. XVI. (G. Vic., etc.)

---

[1] *Meco, mecu*, p. *mecum*. A quéda da nasal final, apesar da influencia dos estudos gregos, prevaleceu no latim popular desde as guerras da Macedonia e Syria, ainda na época de Cicero e Tito, e mais se tornou frequente depois do terceiro seculo da nossa época.

4.— O Latim, só possuia dous pronomes pessoaes propriamente ditos *(ego, nós, tu, vós)*; para a 3.ª p. empregava o pron. definito ou demonstrativo *ille,-a,-ud, hic haec hoc, iste,-a,-ud.*— V. Lição *Artigo.*

SINGULAR

	MASCULINO		FEMININO	
	LATIM	PORTUGUEZ	LATIM	PORTUG.
N. (Sujeito)	*ille*	elle	*illa*	ella
Acc. (Reg. directo)	*illum*	o (ello, lo)	*illam*	a (la)
Dat. (Reg. indirecto)	*illui* (*ili, li*)	lhe (er, lures)	*illei* (*illi, li*)	lhe
Relação prepositiva	—	elle	—	ella
Abl.	*illo*	comsigo	*illa*	comsigo

PLURAL

	MASCULINO		FEMININO	
	LATIM	PORTUGUEZ	LATIM	PORTUGUEZ
Sujeito	*illi*	elles (ellos)	*illas*	ellas
Regimen directo	*illos*	os (los)	*illas*	as (las)
Regimen indirecto	*illorum*	lhes (lures)	*illorum*	lhes
Relação prepositiva	—	elles	—	ellas
Abl.	*illis*	comsigo	*illis*	comsigo

ADVERTENCIAS.— 1.ª *Elle*, *ella*, são fórmas dos primeiros docs. (Sec. XII), que tinham por concurrentes as archaicas — *el*, *ello* (n. = *illud)* e *ille*.

Renhiram ellas por tempo mais ou menos dilatado. *El* desappareceu no fim do periodo archaico; *elhos*, *elhas*, só persistiram no Sec. XII, e nas primeiras decadas do immediato; a fórma pura *ille* cahiu no fim do XIV; *ello* perdeu-se no XV, em que tambem concorreu uma fórma tonica de *el (salveseli)*.

A fórma *ello*, *elle*, do regimen directo, desappareceu ante a do pronome *o* (lo).[1]

2.ª *Lhe*. Deriva de *illi* (illi huic=este, contr. em ill'huic, d'onde *illuic*, que se encontra na fórma *illui* nas inscrip. romanas).

Apresenta tres fórmas intermediarias — *li*, *illi* e *lhi* (lle, lly,) plural *les*, *lhis*.

Li (le) é frequente nos primeiros docs. da lingua (J. P. Rib. *Dissert.)*; *illi* (ille) apparecem esporadicamente nos Secs. XII e XIII; *le*, *les*; *lle*, *lles*, *lly*, *lhi*, são variantes graphicas do Sec. XIV, já correspondentes a *lhe*, *lhes*. Ex.—*que li plaza fazeles ajuda* (Rib. *Diss.)*, *lle fez Deus* (Canc. Aff.), *lly for demandando* (F. de Gravão), *antes* lhe *quero a mha senhor dizer*, *coytas* lhi *davan amor*. (C. Vat.)

---

[1] No africano portuguez de S. Thomé *elle* = *é*, ; no indo portuguez de Diu — *éil* (Schuchardt — *Kreolische Studien)*; no portuguez africano do Brazil — *zére*, e o *z* prothesico tambem é vulgar no francez da Reunião e da Mauricia *(Romania)*. e em alguns pontos de Portugal — *zuma vez*, etc. (Vasc. *Op. cit.)*

— V. Lam. de Andrade.— *Vest. da decl. latina.*

Lhe conservou-se invariavel até o Sec. XVI.

> A's ondas torna as ondas que tomou ;
> mas o sabor do sul *lhe* tira e tolhe.
> (CAMÕES.)
>
> . . . .
>
> . . . .
>
> Qual pavida leôa, fera e brava,
> que os filhos, que no ninho só estão,
> sentia que, emquanto *lhe* buscára,
> o pastor da Massylia lh'os furtára.
> (ID.)
>
> . . . .
>
> . . . .
>
> A cidade correram e notaram
> muito menos d'aquillo que queriam,
> que os Mouros cautelosos se guardaram
> de *lhe* mostrarem tudo que pediam. [1]
> (ID.)

5.— A's vezes o pronome *elle* é substituido por *al* (= aliud) :— *cá nunca me d'*al *pude nembrar*. (Sec. XIII, C. de Vat.)

Note-se, porém, que *al* correspondia a *outrem*, e era já arch. no tempo de J. de Barros.

6.—O pronome *o* (*lo* = l. *illo* = illud) é que de feito substituiu o pronome *elle* no caso objectivo, desde o Sec. XVI.

7. — TERCEIRA PESSOA REFLEXA.— *Se* = lat. *se*. Atonisou-se por influencia da enclise (id.— *me*, *te*). Fórmas archaicas — *se, sse*, *xi*, *xe* (Secs. XII e XIII).

Além da sua funcção reflexiva e reciproca, tem mais a passivadora. As linguas romanas deram-lhe fóros de pronome pessoal.

---

[1] *Sobre l, ll = lh* — V. Lição.

Tem tres casos, defectivos em genero e numero :

objectivo—*se* } = l. *se*
dativo—*se* }

Em relação adv. ou prep.— *si* = l. *sibi*.

Si data do Sec. XIV (= sy, ssi, ssy). No fallar do Alemtejo dá-se a nasalisação (*sim*).

8. — SIGO = l. *secum* (cum se). Deu-se com esta variação pronominal o mesmo que com *migo*, *tigo* ; mais se empregava nas fórmas pleonasticas — *comsigo*, *comsego*.

9. — SEGUNDAS PESSOAS DO PLURAL. — O latim já tinha uma só fórma *nos*, *vos* para o nom. e accus., recrescendo a confusão depois que, pela subordinação ás leis phoneticas, os dativos *nobis*, *vobis*, transformaram-se em *nos*, *vos*.

Em portuguez estes casos só se differenciam pelo *o* agudo do nom. e do caso que exprime relação adverbial ou prepositiva (*nós*).

Nosco = l. barb. *noscum* (cum nobis), contracção regular de *nobiscum* ; assim como *vosco* é contracção de *vobiscum* (*nob*-i-*scum*, *vob*-i-*scum*).

Nosco, *vosco*, datam do Sec. XIII.

Que non mor'en nosco *per boa fé*
fui vosco *falar*.

No Sec. XV as fórmas commummente usadas são as pleonasticas — *comnosco*, *comvosco*.

Em Viterbo encontra-se uma fórma em *vosquo*, das *côrtes de Coimbra* (Sec. XIV) que tambem vem citada nos *Monum. hstoricos*.

10. — Os escriptores antigos confundiam os varios casos dos pronomes pessoaes. Ex. *requerer o juiz da terra que segue* mim (Ord. Aff.); *se eu fôra* a ti (esta phrase ainda é muito vulgar no povo), *mais que* mim, *melhor que* si, *tenho mais poder que* si; *por amor dos Mouros* que lhe *peitaram* (Fern. Lopes)............. [1]

11. — Havia tambem uma fórma correspondente ao lat. *illorum*. Era *lures* (do lat. barb.), de uso mui frequente nos Sec. XII e XIV. mas que cedo atrophiou-se em *er* (her). — Equivalia a *lhe* (seu), *o* (elle). Os exemplos melhor nos convencerão.

nem er *costrange, nem veda*

(O. Aff.)

e *outros* er *ordinharam.*

(D. de Pend. 1347)

mays quand'er *quis tomar pola ver.*

(C. D. Diniz.)

depois de comer er *veo espellar outra vez.*

(Id.)

O latim empregava para o possessivo da 3.ª pessoa do plural o sing. *suus*, que foi supplantado pelo gentivo *illorum* (eorum). Esta construcção. restricta na origem, tornou-se regra (por analogia) sempre que o nome do possuidor estava no plural, qualquer que fosse o genero.

---

[1] Não é para admirar esses enganos nos docs. e classicos antigos, quando ainda hoje ouvimos frequentemente destemperos de igual marca — *eu vi elle, chamei-o tolo, fallo comsigo* p. *comvosco*, etc.

E dahi derivaram as fórmas *leur* em francez (ant. *lor lour*), *loro* em ital., *lor* prov., *lures* hesp. arch.

O portuguez só conservou a construcção latina, e com isso não só perdeu um elemento de riqueza vernacula, mas tambem obriga os menos adestrados — para evitar equivocos — a phrases de estylo fraldoso e arrastado (a *sua* casa *delle*, etc.)

Os possessivos sendo por sua definição adjectivos dos pronomes pessoaes, e substituindo-os no genitivo (*meu filho = o filho de mim*), resulta poderem, inversamente, os pronomes pessoaes no gen. substituir em certos casos os possessivos (*por amor* delle = *por seu amor*).

Em — *segure-lhe a mão, vendi-lhe as terras*, *lhe lhes = sua, suas.*

Estudemos os exemplos do emprego do *er* em todos os docs. antigos; tenhamos em conta o barbarismo ainda hoje tão frequente do emprego de *lhe* por *o* (elle) — *vi-lhe hoje*, *avistei-lhe, chamei-o tolo*, etc.; lembremo-nos de que *lhe* é fórma synthetica de *a elle*, *a ella* (ainda hoje de uso constante — *eu disse a elle, recommende-lhe a elle)*, e de que era frequente a omissão da preposição no port. antigo, e teremos em remate a evidencia de que *er* não corresponde a *eu*, *vós*, *elle*, etc., como diz Viterbo, mas a *lhe*.

Notemos mais as phrases pleonasticas — *lhe* disse *a elle*, vi-*o* a *elle*, etc.

DECIMA SEXTA LIÇÃO

Flexão do verbo; conjugação; fórmas de conjugação

1. — Vide lição 10 e a 27.

ADDITAMENTO Á LIÇÃO 10

1.º— O verbo compõe-se de dous elementos — thema e desinencia. Esta —que corresponde ao suffixo nas fórmas nominaes — exprime as tres pessoas, os dous numeros (sem distincção de genero), os tempos e os modos.

2.°— Os radicaes são *atonos* ou *tonicos*. Em *mover*, p. ex., *móve* tem o radical tonico; e *movia* tem-no atono (= l. *móvet, movébat*). Em regra, seguimos a accentuação dos verbos latinos, que se deslocava segundo a natureza da flexão. Regularmente tem radical tonico as tres pess. sing. do Ind. presente, e as do Imperativo sing.

As deslocações da tonica mais de notar são:

a) — Nos verbos em *ere* — *currere, gemere, tremere,..... = correr, gemer, tremer*, etc. Esta deslocação do accento remonta, porém, ao latim popular, que a par dessas fórmas proparoxytonas, creara as orytonas em *ire (gemire, tremire, currire)* e pela accentuação do prefixo na época romana — *providere = providére* (provêr). Dahi as fórmas portuguezas *construir* (constrúere), *destruir* (destruiere), *fazer* (fácere), *invadir, romper, converter, reger, poer,* etc.

Nos docs. primitivos da lingua muitos desses verbos seguiam a flexão em *i* e vice-versa: *arrompir, corrire, escreviren, comiste, cingeste, entendiste, fezisti, metir, perdir, nacire, recibir*, etc.

b)— Nas 1.ª e 2.ª pess. do plural do pres. do Ind. da conj. em *ere*: — *rumpimus, rúmpitis*. = *rompemos rompeis*. Aqui actuou no port. o principio da analogia.

c) — Na 1.ª pess. do plural do pret. do Ind.— *fécimus, rúpimus* = *fizémos, rompemos*.

3.º—Os tempos e os modos são resultantes das modificações do thema em suas combinações com os suffixos e as desinencias.

a) —*Modo* é a fórma do verbo tendente a marcar as differentes maneiras da affirmação. Temos quatro modos — o *indicativo*, o *subjunctivo*, o *condicional*, o *imperativo*.

O *Indicativo* exprime uma realidade; o *subjunctivo* a contingencia; o *condicional* a possibilidade ou condição; o *imperativo*, necessidade ou mando.

O *Infinito* é subs.; o *participio* — adj. verbal; os *supinos* representam fórmas adverbiaes.

b) — O *tempo* é a fórma verbal para indicar a época em que se faz, passou-se ou far-se-ha a acção. São em numero de tres —*passado*, *presente* e *futuro*, correspondentes ás tres grandes divisões da duração.

c) —As *pessoas* são tambem indicadas pelas terminações. São tres para o sing. e tres para o plural.

d) —O *part. presente* tem sentido activo; termina sempre em *nte (ante, ente, inte)*; só tem flexão de plural. (V. Liç. 27.) Corr. lat. *ans (ens) antis (entis)*.

O gerundio e o part. presente empregado adverbialmente. Termina em *ndo (ando, endo, indo)*. E' invariavel, e corresponde ao ger. lat. em *ando (endo)*.

4.º— São duas as *vozes* nos verbos que exprimem acção. A *activa* representa o sujeito; a *passiva*, o objecto do verbo *(amo, sou amado)*. Perdemos a flexão da voz passiva,— a periphrase de que usamos é todavia de

origem latina (V. L. 27). Na fórma periphrastica é o auxiliar *ser* que indica a pessoa, o numero e o modo.

5.º — A conjugação simples contém onze fórmas, das quaes tres são impessoaes (infinito, participios presente e passado):

Fórmas do presente	1.º indicativo — *amo* (e imp. cantava) 2.º imperativo — *ama* 3. subjunctivo — que eu *ame* 4.º participio — *amando*
F. do *passado*	1.º Ind. perf. — *amei* 2.º Subj imp. — que eu *amasse* 3.º part. passado — *amado*
F. do *futuro*	1.º Inf. — *amar* 2.º Ind. — *amarei* 3.º Condicional — *amaria*

2.— A flexão verbal é como segue:

Pessoas	3 para o sing. 3 para o plural 2 para o Imperativo
Numeros 2	singular plural
Vozes 3	activa passiva
Tempos 6	presente perfeito futuro imperfeito mais que perfeito futuro perfeito futuro anterior

Os tres primeiros são chamados *principaes*, os outros — historicos.

Modos	Indicativo Subjunctivo Condicional Imperativo

Os tempos do Infinito são fórmas nominaes.

2.— Todos os verbos podem reduzir-se a uma unica flexão. As modificações devidas á lettra final do thema, é que deram origem ás quatro conjugações.

E como o infinito era que mais distinctamente apresentava a vogal caracteristica, foi elle tomado para typo da flexão verbal.

Para cada grupo — a que chamamos *conjugação*—temos uma vogal thematica caracteristica :

1.ª — *ar* = l. *a*-re
2.ª — *er* = l. *e*-re, ere
3.ª — *ir* = l. *i*-re, ere
4.ª—*or* (ant. *er*) = l. *ere*

A quarta conjugação data do Sec. XVI. Formou-se pela degeneração phonetica do verbo da segunda *poer, poner*, e esterilisou-se completamente.

3.— QUADRO SYNOPTICO DAS DESINENCIAS VERBAES.—Os themas verbaes são pois em *a*, *e*, *i*, (deixamos de parte o verbo *pôr*)—*ama*-r, *teme*-r, *parti*-r.

THEMAS :— *ama*, *vende*, *parti*

MODO	TEMPO	1.ª CONJ.	2.ª CONJ.	3.ª CONJ.	OBSERVAÇÕES
Indicativo	Presente S.	o	o	o	Mudam em *o* a vogal thematica *a*, *e*, *i*.
		— s	— s	— s	
		—	—	—	E' o mesmo thema; excepto para os da 3.ª que mudam o *i* em *e* (partE) (es).
	P.	— mos	— mos	— mos	
		— is	— is	— is	
		— m	— m	— m	
—	Imperfeito S.	*va*	*ia*	— a	Os
		vas	*ias*	— as	
		va	*ia*	— a	
	P.	*vamos*	*iamos*	— amos	
		veis	*ieis*	— ieis	
		vam	*iam*	— iam	
—	Perfeito S.	*ei*	*i*	*i*	Estas flexões unem-se ás raizes ou thema geral —*am*-ei *tem*-ei *part*-i.
		— ste	— ste	— sti	
		ou	*eu*	— *iu*	
	P.	— mos	— mos	— mos	
		— stes	— stes	— stes	
		— ram	— ram	— ram	
—	M. q. perfeito S.	— ra	— ra	— ra	
		— ras	— ras	— ras	
		— ra	— ra	— ra	
	P.	— ramos	— ramos	— ramos	
		— reis	— reis	— reis	
		— ram	— ram	— ram	
—	S. Futuro	r-ei	r-ei	r-ei	Forma-se do Infinito dos verbos com a flexão *ei* = hei. *Amarei* = amar hei, hei de amar.
		r-ás	r-ás	r-ás	
		r-á	r-á	r-á	

	P.	r-emos	r-emos	r-emos	
		r-eis	r-eis	r-eis	
		r-ão	r-ão	r-ás	
Imperativo	2.ª pessoa S.	—	—	e	Os da 3.ª mudam o *e* em *i*.
	2.ª pessoa P.	(a) e	(e) i	*i*	
Subjunctivo	Presente S.	e	a	a	Formam-se da raiz — *am*, *vend part*
		es	as	as	
		e	a	a	
	P.	emos	amos	amos	
		eis	ais	ais	
		em	am	am	
—	Imperfeito S.	— sse	— sse	— sse	
		— sses	— sses	— sses	
		— sse	— sse	— sse	
	P.	— ssemos	— ssemos	— ssemos	
		— sseis	— sseis	— sseis	
		— ssem	— ssem	— ssem	
—	Futuro	*ar*	*er*	*ir*	O mesmo Infinito.
		Inf. + es	Inf. + es	Inf. + es	
		ar	*er*	*ir*	
	P.	— mos	Inf. + mos	Inf. + mos	
		— des	+ des	+ des	
		— em	+ em	+ em	
Condicional	S.	Inf. + ia	Inf. + ia	Inf. + ia	A flexão verbal *ia* = hia, *amaria* = *amar hia* = havia de amar.
		— ias	+ ias	+ ias	
		— ia	+ ia	+ ia	
	P.	— iamos	+ iamos	+ iamos	
		— ieis	+ ieis	+ ieis	
		— iam	+ iam	+ iam	

FORMAS NOMINAES

INFINITO IMP.—*ar*, *er*, *ir*, *or*.

GERUNDIO.—*ndo* (para as quatro conjugações.)

PART. PRES.—*nte* (idem.)

PART. PASS.— *do* (id.) — Os da segunda conj. mudam o *e* thematico em *i* (vendido).

Temos ainda no portuguez o Infinito pessoal, que constitue uma das nossas riquezas vernaculas. E' identico ao futuro do Subjunctivo.

Comparando as desinencias, ver-se-ha facilmente que, de facto, como dissemos ácima, todos os verbos podem reduzir-se a uma unica flexão, e que as conjugações só tiveram origem na differença da lettra final dos themas *(a, e, i.)*

4.— ADVERTENCIAS :

1.ª INDICATIVO. — PRESENTE: No Sec. XIII as fórmas da 1.ª p. do plural eram — *amamus*, *outorgamus*, *vendemus*, etc. mais conchegadas ás latinas.

Nas 2.as p. do plural o *t* (de origem latina) abrandára em *d*:—*dizedes*, *amades*, *leyxades*, *matades*, *perdedes*, etc.

Essas eram as unicas fórmas usadas do Sec. XII ao XVI (*valedes*, *faredes*, e *fazedes*, *queredes*, *sodes*, *passades*, *sejades*), etc.

No Sec. XV é que começou a syncope do *d*[1]

---

[1] O primeiro doc. em que apparece a fórma contracta, mas ainda a par da outra, tem a data de 1410 — *guards*, *guardee-guardades*. *(Cap. geraes propostos pela Camara de Santarem).*

fazees, *dizees*, *embarquees*, *sooes*, *avees*, *daees*, etc. (J. de Barros, etc.), que só conseguem fixar-se no XVI. Vestigios dessas primeiras phases da lingua ainda conservamos em certos verbos —*credes*, *ledes*, *tendes*, *vedes*, *vindes*, etc.

O *d* primitivo conservou-se apoiado no *n* e no *r* (futuro do Conjunctivo e Inf. pessoal — *cantardes*).[1]

A 3.ª pessoa do plural terminava em *am* e *em* (flexão *ẽ* ou *í*). No Sec. XV é que começa a fórma em *aõ*, *om on*, *am an*.

No IMPERF.— a 2.ª p. do plural. do port. antigo era tambem em *des* (*tinhades*, *haviades*, etc.). Esta desinencia conservou-se—como acertadamente pondera A. Coelho — apesar de ficar em contacto com a vogal do thema pela quéda do *d*, sempre que esta vogal era *a* tonico (*ama*-es, *mata*-es — *amades matades*), etc.: funde-se com ella quando é *a* atono (*amaveis*, *dizieis*, *sentieis*); muda-se para *i* se a vogal fôr um *é* (*dize is*, *have-is*); é absorvido por ella se fôr um *i* (*sentí-s*, *mentí-s*, *vestí-s*).

Mas nos textos do tempo de João de Barros encontram-se ainda as fórmas *queriais*, *faziais* (= *queriades*, *faziades*).

---

[1] Diez-acrescenta que o *a* precedente ao *d* mudou-se — em *e*, na queda da dental, quando não era protegido pelo accento:—*cantaes*—*cantarieis*.

Preterito perfeito.— A 2.ª pess. terminava em *ti* á maneira latina — *escolisti*, *fezisti*, *entendisti*, *deitasti*, etc. (Sec. XII). O *t* até o Sec. XV abrandou em *d*. É este o unico tempo que conservou a dental latina da 2.ª p. do plural (*amaste*, *perdeste*).

A 3.ª p. do plural terminava em *um*: — *forum*, *overum*, *fecerum*, *derum*, etc. (Sec. XII); depois, em *om*, *on*. (Sec. XIII), e mais tarde em *o*: — *forõ*, *trounerõ*, até que no Sec. XVI fixou-se na fórma actual.

Futuro.— O nosso futuro não é propriamente um tempo simples, mas os seus elementos componentes acham-se por tal geito soldados, que é impossivel classifical-o nos tempos compostos, comquanto, e bem assim no hespanhol, italiano, e provençal, a desinencia apparente do futuro possa ser considerada palavra independente: — port.— *far-lo*-hei, hesp. *hacer-lo-he*, prov. *dir-vos-ai*, etc.[1]

Essas expressões, que se encontram desde as primeiras phases da lingua (*poder-m'edes*, *levar-vos-ey*, *poel-os-hemos*, *levantar-s'am*, etc.) mostram á evidencia a origem do futuro dos idiomas néolatinos

---

[1] A descoberta deste futuro fel-a o gramm. hesp. Nebrissa (1492), e Ste. Palaye, M. Muller, Raynouard, Diez. etc. confirmaram a explicação. Nunes de Leão foi o primeiro gramm. port. que fez esta observação; e A. Ribeiro dos Santos (*Poes, port.*) notou que o galleziano " emprega a expletiva *ai* e o algario *ei*'.

que adotaram a fórma peniphrastica latina (*amare habeo = amabo*).

Port.	*hei*	*eantor*-ei
hesp.	*he*	*cantar*-é
ital.	*ho*	*canter*-ó
francez	*ai*	*chanter*-ai
prov.	*ai* (ei	*chantar*-ai [1]

Os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer*, etc., perdem o *z* no futuro, do que resulta a contracção regular das duas vogaes :-- *dir-ei*, *far-ei tra-rei*, correspondentes ás archaicas — *dizerei*, *fazerei*, *trazerei*, etc. [2]

Só o verbo *jazer* conserva hoje a fórma não syncopada — *jazerei*.

Condicional.—O latim desconhecia este modo. A sua formação é indentica á do futuro, com a differença de que formou-se do imperfeito, e não do presente, do verbo *haver* (*amar-ia* = amar-hia = amar havia). Corresponde ao imperf. do subj. latino.

A desinencia, i. e., o auxiliar em estado agglutinante, tambem póde separar-se, como acontece no futuro, deixando perceber claramente a sua

---

[1] Em todas as linguas o futuro forma-se pela composição.

Em inglez com *shall* e *will*, all. com *werden*, goth. com *wairthan*: grego mod. (romaico) com *theto;* no romanico com *vegnir (venga a venir–virei)*, no valachio com *voin (is voin cantai*–quero cantar, cantarei) V, Bopp. *Of. cit.— Survey of languages.*

[2] Da syncope da vogal final do Infinito originaram-se varias fórmas de fut. *querrey* p. *quererei*, *querra*, *quarrey*, etc. (D. Diniz), *guarrei* p. *guarirei* (Tr. e Cant.) etc. Em algumas deu-se a duplicação do *r* do Infinito— *valrrá* p. *valerá ; terrey*, *verrá*, etc.... (Cf. Ad. Coelho.)

origem :— *dever-me-hias*, *amar-vos-hia*... *guysar-lh'ia quitar-m'end-ia*, etc. (Sec. XIII.)

E' pois propriamente um tempo composto. [1]

Imperativo.— A desinencia da segunda pessoa do plural em todos os docs. anteriores ao Sec. XIV era invariavelmente em — *de* (=l. *te*) :— *fazede*, *soffrede*, *querede*, *punhade*, *dizede*, *metede*, *avede*, *sabede*, *amade*, *sejades*, etc., fórmas que ainda vigoraram nos Secs. XV e XVI, mas tendo já por concurrentes as syncopadas :— *temperaae*, *ordenaae*, *sabee*, *pensaae*, etc., identicas ás modernas, pois que o *a* e *e* geminados indicam apenas a syllaba tonica.

Tambem o Imperativo conserva, como o Indicativo, algumas fórmas relembradoras das archaicas em *de* : *crêde*, *lêde*, *vêde*, *ride*, *ide*, *tende*, *vinde*, *ponde*, *sêde*.

O *d* persistiu geralmente : 1.° quando o thema compunha-se de uma unica vogal (*i-de*, *i-te*) ; 2.° quando, por motivo da quéda da consoante média, o thema ficou reduzido em latim á parte inicial da raiz *ride* = *ri* (d) *ete*, *vê-de* = vi (d) ete) : 3.° quando o *t* latino vinha protegido por uma nasal (*tende*, *ponde*)

Subjunctivo.—F. arch.—pres.—*seiayes*, *ameys*, *ouçayes*, *leáyes* (Sec. XVI) ; imp.—*fosseyes*, *amasseyes*,

[1] O cond. póde ser substituido pelo imp. do Ind., e os nossos classicos empregaram de preferencia o mais que perfeito :—*sem outra mercê nem despacho, me* déra *por muito contente.* (Vieira) ; *no meu proprio merecimento* achára *razões de me consolar.* (Id.)

ouvisseyes. As f. do futuro já se encontram no *L. Cons.*, em J. Claro, F. Lopes, etc.

INFINITO. — E' o portuguez a unica lingua que tem a propriedade de dar inflexões de pessoa e numero aos infinitos. E' um formoso e singular idiotismo, « que tem a vantagem de tornar o nosso idioma mais breve e elegante ». (V. Syntaxe)

PARTICIPIO PRESENTE. — O actual part. presente port. forma-se do ablativo do gerundio latino: *(ando, endo)* ; mas até o Sec. XIV tirava origem no tempo correspondente em latim, e o portuguez antigo offerece-nos muitas amostras desses participios em — *nte* ainda no Sec. XVI : — entrante *aa casa ; os quaes* tementes *Nostro Senõr ; a Sancta Escriptura de Deus dizente ; eu* temente *minha morte*, rompente o *alvor da manhã* (Nob. D. Pedro) ; *as perlas* imitantes *a côr da Aurora* (Canc.).

Hoje estas fórmas são consideradas simples adjectivos ou substantivos, como já a alguns delles acontecia no latim e no port. antigo: *amante*, *penitente*, *consoante*, *escrevente*, *obediente*, *predominante*, *caminhante*, *semente*, *tirante*, *nascente*,.... *occidente*, *poente*, *oriente*, *lente*, etc. *A aguia mais voante*, escreveu Fereira.

Modernamente, Camillo e outros teem revivido, e ainda bem, o emprego desses participios.

PARTICIPIO PASSADO. — Até o seculo XV, o portuguez seguia tambem o latim na desinencia do part.

passado dos verbos da 2.ª conj. (derivados em *ã* e *i*, e flexão cons.)

Ex.: *estabeleçudo*, *perdudo*, *metudo*, *perduda*, *tehudo*, *conhoçudo*, *recebudo*, *venduda*, *temudo*, *avuda*, *teuda*, *responduda*, etc. Só no Sec. XVI é que se introduziu a fórma em *ido* por analogia da 3.ª conjugação: — *vencido*, *collidas*, *estabelecido*, etc, ou, talvez, por haver prevalecido a vogal accentuada da fórma completa — *uitus*, dando em resultado a perda do *u*.

Na linguagem hodierna ainda temos exemplos da fórma archaica em *teúdo*, *manteudo*, *conteudo*, *sanhudo*, etc., mas considerados simples adjectivos, excepto na phrase *mulher teuda e manteuda*.

Esses participios, ainda mesmo com significação activa, concordaram, até o Sec. XVI, com os substantivos em genero e numero: *quantas culpas tinham* commettidas (F. M. Pinto), *serviços que lhe tinham* feitos (F. Lopes), *tambem tinham* mortos *muitos e bons* soldados (Pr. L. de Souza)[1]

No portuguez antigo era de uso frequente o participio do futuro (*envolvedouro*, *enxugadouro*, *esperadouro*, *miradouro*, *travadouro*, *escorregadouro*, etc.), de que subsistem apenas algumas fórmas, mas como adjectivos ou substantivos: — *duradouro*, *bebedouro*, *espojadouro*, *ancoradouro*, *lavadouro*, *matadouro*, *suadouro*, etc. Estes substantivos ainda indicam uma acção futura.

---

[1] Hoje só variam com o verbo *ser*.

O part. do futuro era tambem expresso no portuguez antigo por uma fórma em — *ondo* (*recebondo* = capaz de receber, etc.), da qual conservamos vestigios em — *nefando*, *execrando*, *miserando*, *venerando*, *educando*,.... Francisco Manoel do Nascimento ainda empregava essas fórmas, e mui frequentemente; hoje, porém, tem cahido em desuso, e são substituidas pelas em — *avel*, (*execravel*, *miseravel*, *invejavel*, *admiravel*,....)

5.—Muitos verbos portuguezes teem dous participios, um regular e outro irregular. Este em geral, é fórma contracta, ou mais conchegada á latina correspondente.

PRIMEIRA CONJUOAÇÃO

Aceitado,	aceito.
Affeiçoado,	affecto.
Agradado,	grato.
Annexado,	annexo.
Apromptado,	prompto.
Captivado,	capto.
Cegado,	cego.
Descalçado,	descalço.
Entregado,	entregue.
Enxugado,	enxuto.
Exceptuado,	excepto.
Escusado,	escuso.
Expressado,	expresso.

Expulsado,	expulso.
Findado	findo.
Fixado	fixo.
Fartado,	farto.
Ganhado	ganho
Gastado,	gasto.
Ignorado,	ignoto.
Infestado,	infesto.
Isentado,	isento.
Juntado,	junto.
Limpado,	limpo.
Livrado,	livre.
Manifestado,	manifesto.
Matado,	morto.
Misturado,	mixto.
Molestado,	molesto.
Occultado,	occulto.
Pagado,	pago.
Professado,	professo.
Quietado,	quieto.
Salvado	salvo
Secado,	secco.
Segurado,	seguro.
Sepultado,	sepulto.
Soltado,	solto.
Sujeitado,	sujeito.
Suspeitado,	suspeito.
Vagado,	vago.

Ha alguns archaicos : — *rapto* (Camões, Fr. L. de S., Sá Menezes, etc.), e hoje só subst. ou adj. ; *boto* = embotado (Ferr. *Poem. Lus. Son.* 41), etc., *volto* = voltado, etc...

SEGUNDA CONJUGAÇÃO

Absolvido,	absoluto, absolto.
Absorvido,	absorto.
Accendido,	acceso.
Agradecido,	grato.
Attendido,	attento.
Comido,	comesto (ant.)
Conhecido,	cognito.
Contido,	conteúdo (ant.)
Convencido,	convicto.
Convertido,	converso.
Corrompido,	corrupto.
Cozido	couto
Defendido,	defeso.
Descrevido,	descripto.
Elegido,	eleito.
Enchido,	cheio.
Envolvido,	envolto.
Escurecido,	escuro.
Estendido,	extenso.
Incorrido,	incurso.
Interrompido,	interrupto.
Mantido,	manteudo (ant.)

Morrido,	morto.
Nascido,	nato.
Pervertido,	perverso.
Prendido,	preso.
Recosido,	recouto (arch.)
Reconhecido,	recognito (ant.)
Resolvido,	resoluto.
Retido,	retento.
Revolvido,	revolto.
Rompido,	roto.
Submettido	submisso
Suspendido,	suspenso.
Tido,	teudo (ant.)
Torcido,	torto.
Volvido,	volto (ant.)

Além destes participios, ha *arrepeso*, de arrepender ; *colheito*, de colher ; *comesto*, de comer ; *concesso*, de conceder ; *cozeito*, de cozer ; *despeso*, de despender, etc.

As segundas são fórmas syncopadas ou contrahidas das regulares. São de origem edudita, em geral, e conservaram-se como adjectivos verbaes; e é esta a razão por que as primeiras conjugam-se com os aux. *ter* e *haver*, e estas principalmente com *ser* ou *estar*. (*Dissoluto devoluto, difuso afflicto*, etc.)

TERCEIRA CONJUGAÇÃO

Abrido,	aberto.
Abstrahido,	abstracto.
Affligido,	afflicto.

Assumido,	assumpto.
Cobrido,	coberto.
Compellido,	compulso.
Concluido,	concluso.
Circumduzido,	circumducto.
Diffundido,	diffuso.
Digerido,	digesto.
Dirigido,	directo.
Distinguido,	distincto.
Dividido,	diviso.
Encobrido,	encoberto.
Erigido,	erecto.
Excluido,	excluso.
Exhaurido,	exhausto.
Eximido,	exempto.
Expellido,	expulso.
Exprimido,	expresso.
Extinguido,	extincto.
Frigido,	frito.
Imprimido,	impresso.
Incluido,	incluso.
Infundido,	infuso.
Inserido,	inserto.
Instruido,	instructo.
Opprimido,	oppresso.
Possuido,	possesso.
Repellido	repulso.
Repremido,	represso.

Submergido,	submerso.
Supprimido,	suppresso.
Surgido,	surto.
Tingido,	tinto.

6.— Muitas das fórmas irregulares dos participios são hoje desusadas :— *rapto* (de arrebatar), *boto* (de botar), *vôlto* (de voltar), *absoluto* (de absolver), *colheita* (de colher), *comesta* (de comer), *concesso* (de conceder), *coseito* (de cozer), *despezo* (de despender), *escolheita* (de escolher), *reprehenso* (de reprehender), *tolheito* (de tolher), *acquisito* (de adquirir), *assumpto* (de assumir), *cincto* (de cingir), *digesto* (de digerir), *extorto* (de extorquir), *instructo* (de instruir), *escrevido* (de escrever), *nado* (de nascer), etc.

7.— Muitos desses participios irregulares são hoje subst. ou adj. verbaes ; e o seu estudo é de interesse porque nos mostra evidentemente a influencia do accento latino na formação do nosso idioma — *acto*, *colheita*, *escripto*, *facto*, *annexo*, *feito*, *reducto*, *digesto*, *contracto*, *progresso*, etc.....

8.— A QUARTA CONJUGAÇÃO.— O typo desta conjungação é o verbo *pôr* (arch. *poner* ant. *pôer* = lat. *ponere*). Pertencia á 2.ª até o Sec. XVI, mas a quéda do *n* e a consequente acção do *o* sobre o *e* obrigou a creação de um novo paradigma em *or*.

Thema *pon*
Ponh-o
Põe-s
Põe
Po-mos
Pon-des
Põ-em

O *n* nasalou-se ao passar para o portuguez, molhando-se por fim na 1.ª pess. sing. *(nh)*. Deu-se o mesmo que com *ter*, *vir*, etc. *(tenho*, *venho* = lat. *teneo*, *venio)*.

Já vimos na phonologia que antes do *e* e do *i* palatal e *n* e o *l* molham-se.

Os antigos escreviam *põemos*, *põeis*, *põeem*. [1]

No imperfeito apresenta o verbo *pôr* flexão já particular aos verbos *ter*, *vir* :— *punha*, *punhas*, *punha*, *punhamos*, *punheis*, *punham* (Cp. *tinha*, *vinha*, etc.) A fórma antiga era *pónia*, o *i* palatal foi representado graphicamente pelo *h (ponha)*. [2]

No Imperf. e perf. do Indic. e no subj., pres. o *o* do radical muda-se em *u* — *punha, puz, puzesse*. Esta transformação era frequente principalmente quando o *o* era longo *(furar* = forare, *cumprir* = complere, *tudo* = totum, etc.), assim como o era a do *e* em *i (tinha, vinha)*.

A 1.ª pessoa do pret. perf. é a que apresenta

---

[1] E bem assim *poeria poesto*, etc.

[2] Vide *phonologia*.

mais desvivação (lat. *possui,-sti,-t)*, mas é preciso advertir que ella passou por varias transformações até fixar-se :— *pusy (pusi)*, *puge*, *pugy (pugi)*, *pose*, *pôs*, *pús* (Sec. XIV.).

Part. passado — *posto* = l. *pos* (i) *tum*.

A quarta conjugação formou uns 24 verbos, mas hoje devemos consideral-a esterilisada, morta.

9.-- Venhamos agora aos verbos irregulares.

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

Esta conjugação tem apenas dous verbos primitivos irregulares :---*estar* e *dar*. Todos os mais (como *encommendar*, *sobreestar*, etc.) são com elles compostos, e seguem o mesmo paradigma.

DAR.—(= l. *dare*).— Ind. pres.— *dou, dás*, *dá*, *damos, dais*, *dão* = lat. *do*, *das, dat*, *damus*, *datis*, *dant*.—Pret. perf. :—*dei deste*, *deu*, *demos*, *destes*, *deram* = lat. *dedi, dedisti*, *dedit*, *dedimus*, etc.— Subj. pres. :—*dê*, *dês, demos*, *deis*, *deem* = lat. *de-m*, *de-s*, *de-t, de-mus, de-tis*, *de-nt*.

Formou-se pois regularmente pelo molde latino, sendo apenas de notar a quéda do *d* medio *(daes* = da-t-is, *demos* = de-d-imus, *deste* = de-d-isti, etc.

ESTAR.—(l. *estare)*. Formou-se do mesmo modo que o verbo *ser*. Ind. pres.— *estou, estás*, *está*, etc. = l. *sto*, *stas*, *stat*, etc. ; Pret. perf.—*estive*, *estiveste*, *esteve*, etc. = *esteti*, etc. Subj. pres.—· *esteja, estejas*,

esteja, etc. formado por analogia com *seja* ; Subj. imp.--- *estivesse*, *estivesses*, etc.

Da terceira pess. sing. do pret. imp. do Ind. acha-se a fórma *sia (e o dito Juiz que presente* sia *perguntou* — XIV Sec. Rib. *Diss.)* ; no Subj. pres. fazia *estê*, *estês*, *estê*, *estemos*, *esteis*, *estêm*, correspondentes ao latim *stem*, *stes*, *stet*, etc. ; mais tarde---*sia*, *siades*, etc... Aquellas fórmas ainda eram as empregadas por S. de Miranda e Camões. Em Miranda não se encontram as modernas *esteja*, *estejam* ; Camões foi o primeiro a empregal-as.— Cfr. gall. *estea* e *estia*,--- *sea*, *sia*.

Os verbos acabados em *ear* intercalam um *i* entre as duas vogaes thematicas nas tres pessoas do sing. e terceira do plural do pres. do Ind. e do Subj., e na segunda sing. do Imperativo :—*discretear*, *discreteio*, *discreteias*, etc. Esta intercalação, porém, não é forçosa ; e muitos indicam o alongamento do *e* por um accento circumflexo *(dsicretêo)*, assim como alguns escrevem o Infinito com *i (ceiar*, *discreteiar)* cessando assim a irregularidade.

Crear só é irregular no pres. do Ind. e do Subj. — *crio*, *crias*, *cria*, *criam*, *crie*, *cries*, etc.[1]

A irregularidade das segundas pessoas do Ind. pres. estende sempre ás do Imperativo.

---

[1] Faz tambem *criar* no infinito A differença do sentido é moderna.

SEGUNDA CONJUGAÇÃO

Caber (lat. *capere*, tomar)[1] Ind. pres. — *caibo*, *cabes*, *cabe*, etc.... A 1.ª pess. formou-se regularmente de *capio*. Pret. perf. — *coube*. *coubeste*, *coube*, etc. *Coube* p. *caube* = lat. *capui*, e esta transformação deu-se nos perf. latinos em *ui*: — *soube* (sapui), *prouve* (plabuit), *houve* (habuit), *poude* (potui), *trouxe* ant. *trouve* (lat. vulg. tracsui traxi), e na f. arch. *jouve*, *jougue* (= l. *jacui*).

Crêr (ant. *creer* = lat. *crédere*[2]) Ind. pres. — *creio*, *crês*, *crê*, etc. = l. *credo*, — *es*, — *et*, etc., pela quéda da consoante média, que só se conservou na 2.ª pess. plural do Ind. e do Imp., para evitar equivoco com a do sing. (*crêdes*, *crêde*). — Ind. perf. — *cri*, *crêste*, *creu*, etc., de *credidi*, etc., contrahido regularmente em *cre'di*, donde (pela quéda do *d* médio) — *crei*, *creiste*, etc., port. ant. (Sec. XVI), *crii* (e bem assim *lii*, *corrii*, *vii*, etc.)

O *i* epenthesico em *creio* serve para evitar a diphthongação. (Cp. *leio*, etc.)

Imp. — *crê*, *crêde*.

Dizer (= l. *dicere*). — Ind. pres: — *digo*, *dizes*, *diz* (ant. *dige*), etc. = l. *dico*, *dices*, etc. Pret. perf.

---

[1] Que esta é a verdadeira etymologia provam-no os antigos textos. Ex.: *Sse obrigou de estar, e a caber toda rem, que os ditos Juizes arvidos julgassem* (Eluc. Vit., doc. 1289).

[2] *Crédere* = *cred're*. Pela perda da consoante média — *crer (e)*. *Crer* já é do Sec. XVI.

— *disse*, *disseste*, *disse*, etc. (ant. *dii*, *dixe*, *dixeste*, f. pop. mui frequentes nos escriptores do Sec. XVI) = l. *dixi*, *dixisti*, *dixit*, etc.— O futuro e o condicional formaram-se com a fórma atrophiada do Infinito (*dir*) ; — *direi*, *-ás*, *-á*, etc., *diria*, *-as*, etc. No Sec. XVI ainda se encontram as fórmas completas — *dizerei*, *dizeria*. Part. pass.— *dito* = l. *dictus*.

Diz por *dice disse* (Sec. XVI) como *plaz* p. *plaze*, etc. *Diz que* por *dizem que*. (S. de M.)

Fazer (lat. *facere*) — Ind. pres.— *faço*, *fazes*, *faz*, etc. = l. *facio*, *faces*, *facet*... *Fais* p. *fazes*, Sec. XVI : *olha o que* fais (S. de Mir.) A 1.ª pess. sing. conservou o *c*, em consequencia do *i* da fórma latina (*facio*).— Pret. perf.—*fiz*, *fizeste*, *fez*, *fizemos*,.... = lat. *fecit fecisti fecit*,.... A 1.ª pess. sing. mudou o *e* thematico em *i* para distinguil-a da 3.ª ; a 2.ª do sing. e as do plural adoptaram o *i* por analogia. O futuro — (*farei*,*-ás*, etc.) e o condicional (*faria*,*-as*, etc.) eram tambem (como nos verbos *dizer* e *trazer*) insyncopadas até o Sec. XVI (*fazerei*, *fazeria*).

Haver (*haber*, lat. *habere*) — Ind. pres.— *hei*, *has*, *ha*, *havemos* (hemos), *haveis* (heis), *hão* = lat. *habeo*, *habes*, *habet*, *habemus*, *habetis*, *habent*. (*Ha*-b-*eo* = hai, hei : *ha*-be-*nt* = han, hã, hão) — Pret. perf. — *houve houveste*, etc., = l. *habui*, *habuisti*, *habuit*,... ; arch. *oube*, *ouve*, *ouvo* (Trov. e Cant.), *uvi*, *uveste* (D. Diniz) ; *ovi*, *ove* (Rib. *diss.*) — Subj. pres.—

fórma-se do tempo correspondente latino : — *haja* (ha-b-eam), *hajas* (ha-b-eas), etc.; Sub. imp.— do mais que perf. latino:— *houvesse* (habuissem), *houvesses* (habuisse), etc.

No port. ant. o infinito não tinha *h* inicial (*aver*), e d'ahi — *avees*, *aveeyes*, *avede*, etc.

Part. pass.— *havido* (= l. *habitum*) ; ant. *havudo* = l. barb. *habutum*.

Heis p. *haveis* no futuro, e *hemos* p. *havemos*, etc., é do Sec. XVI, bem como tambem *hia* p. *havia* no modo condicional: — *se os odios antre vos crescem comer vos heis a bocados ; Si la deuda acaso es nuestra Pagar la* hemos *sin dineros ; sen ela ter se* hia *mal.*

JAZER (l. *jacere*).—Ind. pres.— *jazo* (ant. *jaço*), *jazes*, *jaz*, etc.

A primeira pess. é desusada.— Pret. perf. — *jazi*, *jazeste*.... (= *jacuit*, etc.), é fórma mod. ; a antiga é *jouve*, *jouveste*, etc., por *jougue* (l. *jaukit* p. *jacuit*). Cfr. *prouve*.

Jazer era verbo muito usado antigamente (até o Sec. XVI), no sentido de *estar*, *estar situado*, *assentado* ou *deitado*, de *permanecer na mesma posição*, etc.

A moça ensinou mais
simpreza santa e *jouve*,
e chorando em terra um tempo, perdão houve.

M. Eg. Encant. 502.

Serrana onde *jouveste* ?

Vilancete VI.

Tudo espirito e tudo é vida
mal *jazá* a morte escondida.

(Id. XXII.)

Cai onde ora *jaço*.

S. de M. *Son*.

Ler (ant. *leer* = l. *légere*). — Conjuga-se por *crêr*. *Leio, lês, lê*,... = le-(g)-o, le-(g)-es, le-(g)-et,...; *li, leste, leu*,... = le-(g)-i, le-(g)-isti, le-(g)-it,...; *lêde* = le-(gi)-te.

Perder (lat. *pérdere*). — Ind. pres. — *perco, perdes, perde*, etc. = l. *perdo, perdes, perdet*, ... A mudança do *d* latino em *c* (1.ª p. do sing.) é rara; todavia della temos amostras (ant. *arcer* = *arder*).

Poder (lat. *pótere*) — Ind. pres. — *posso, pódes*, etc. = l. *possum, potest, potet*, ... Ind. perf. — *pude, pudeste, poude*, etc. = l. *posui, posuisti, posuit*,... No port. ant. as fórmas das primeiras pess. sing. do pres. afastavam-se da latina e seguiam o thema do Infinito: — *podi, pude* (D. Din.), *puyd, pude* (Tr. e Cant.); a terceira pess. fazia *podo, pudo* (G. Vic. etc.)

Não tem Imperativo, comquanto em alguns classicos se encontrem exemplos do seu emprego: — *Si quereis ser omnipotentes* podei *só o justo e o licito*. (Vieira).

Prazer (l. *plácere*) — Ind. pres. — *praz* (ant. *plaz*); Ind. perf. — *prouve* p. *prouge* (*placui*). Cp. *caber, trazer*.

Era frequente o emprego das fórmas *plougue*, etc., Inf. *plazer* (Liv. de Linh., Ord. Aff. etc.); mais tarde — *prouguer, prouguesse*. Só no Sec. xv é que appareceu pela primeira vez a fórma actual *prouve*, mas a par de *plouge*.

Este verbo é hoje unipessoal : no port. antigo, até o Sec. XVI, só do part. pass. é que não ha exemplos : — *assi* te praza *que seja, prazerá a Deus, si prouver, prouvéra, prouvesse, prazendo*, etc.

Tambem empregavam-no interrogativamente, quando se desejava se repetisse o dito por o não haver entendido (= fr. *plaît-il ?*)

Querer (lat. *quaerere*) — Ind. perf. — *quiz, quizeste, quiz*, etc. *Quiz* é fórma abreviada das antigas *quigi, quigo, quizo*, que no Sec. XVI escrevia se *quis*. — Subj. pres. — *queira, queiras*, etc.

Não tem Imperativo, posto o houvesse empregado o Padre A. Vieira (*Serm*. IV. 297) : — queirei *só o que podeis*.

Quês é f. pop. contrahida de *queres* (S. de Mir. G. V.) ; Cast. *quies* p. *quieres ;* gall. *quês*. *Quei* p. *querei*, nos Autos de Prestes.

Requerer (lat. *requirere)* — Ind. pres. — *requeiro, requeres, requer*, etc.... O *i* da primeira pess. sing. foi intercalado para reforçar a vogal thematica.

Saber (lat. *sapére)* — Ind. pres. — *sei, sabes*, etc. ; Ind. perf. — *soube, soubeste*, etc. (Cp. *coube, houve) ;* Subj. pres. — *saiba, saibas*, etc. (l. vulg. *sapeam, saepam*).

Sei (Cp. *hei*) é f. contr. de *sabi* (sa-b-i).

Ser (f. rom. *essere* = l. *esse* [1])—Forma-se como em latim de duas raizes — *es* e *fu*.

A 1.ª fórma :

1.º— O presente e o imperfeito do Indicativo — *sou* (sum), *és* (es), *é* (est), *somos* (sumus), *sois* (são).

2.º— O futuro e o condicional : *serei seria*.

3.º— O Imperativo — *sê, sêde* = es-*se*, es-*sete*, ou de *sedere*.

4.º— O Subj. pres., que se não formou do tempo correspondente no latim (*sim*, *sis*, *sit*, etc.) mas das fórmas archaicas — *si-em, si-es*, *si-et*, *si-amus si-a-tis, si-ent*.

5.º— Participios — *sendo*, *sido*. O presente = lat.*sens, entis* que só apparece nos compostos (*ab*-sens, *prae*-sens), port. arch. : — *seente* ; o passado formou-se analogicamente, e não havia em latim.

A raiz *fu* fórma :

1.º— O pret. perf. e mais que perfeito do Ind. — *fui*, *foste*, *foi*, *fomos*, *fostes*, *foram* = lat. — *fui fuiste*, *fuit*, *fuimus*, *fuistis*, *fuerunt* ; *fòra*, *fòras*, etc. = *fueram*, *fueras*, *fuerat*, ...

2.º— O Imp. e futuro do Subj. — *fosse*, *fosses*, *fosse*, etc. = lat. *fuissem*, *fuisses*, *fuisset*, etc. O fu-

[1] Desde o VI Sec. os verbos defect. latinos terminavam em — *re* na linguagem popular, por analogia aos verbos da segunda conj. : *potere, volere, inferrere*, etc. p. *posse, velle, inferre. Ced estis fui et quod sum* essere *abetis. Vulfaldo episcopus* essere *debuisset*. (Gruter — *Inscrip. Rom.*)

turo deriva do infinito futuro latino — *fore (amatum fore, illud spero, me fore immortalem.* (Cic.)

Fórmas archaicas.— Comparando a conjugação latina com o arch. port. torna-se mais manifesta a identidade de fórmas.

Ind. pres.— 1.ª pess. sing. *sum, som, soon, sôo, sam, san* (D. Diniz, Liv. de Linh., C. Rez., Sá de Mir., G. Vic., etc.), *soon* (Canc. d'Ajuda), *soõ* (Canc. da Vat.), *são, sejo* (*Cancs.*, G. Vic.) *Son* apparece pela primeira vez em um doc. de 1265.

São p. *sou* tambem foi empregado por Sá de Miranda e Camões ; e hoje ainda é usual entre os Minhotos.

Na 3.ª p. é de notar a fórma *est* a par de *é* nos autores do XIII e XIV Secs., que parece mais era usada antes de palavra que começava por vogal:— *est o praso salido; est o meu sen* (D. Din.). Em B. Rib. *(men.* e *moça)*, Moraes, Palm etc., encontra-se *eres* em vez de *és*. *E's* por fim reduziu-se em *é* por ser o *s* caracteristico da 2ª. pess., e assim fixou-se a fórma.

No plural, a 1.ª pessoa fazia tambem *sumus* (somos); a 2.ª era *soedes*, *sooes* (L. Cons.), *sodes*, (Fr. J. Claro e G. Vic., em cujas obras tambem se encontra a fórma *sondes)*, até que com J. de Barros apparece a fórma actual — *soes* (= so-d-es).

Aqui houve completa desviação do typo latino — *estis :* a fórma port. moldou-se na correspondente

latina do Subj.— *sitis*. A 3.ª pess. passou por varias evoluções :— *sunt* (Sec xIII), *sum*, *som*, *son*, *sam* (Sec. xIv, R. de. S. B., Rib. *Diss.*, *Canc d'Aj.*, *Trov. e Cant.*), *são* (já usada no xIv Sec.).

No *pret. imp*. é de notar a 2.ª p. pl.— *erades* = l. *eratis*, depois *erais*. (*Ereis* data do Sec. xvI), e a fórma *sia*, como se vê de docs. do Sec. xIv, para a 3.ª (*e o juiz que presente sia* —era — *perguntou*).

Esta ultima fórma explica-se pela synonymia entre *esse*, *stare* e *sedere*. *Sia* e *seia* p. *siia* (lat. sedebat), imp. de *seer* (sedere) — em Sá de Miranda; Cp. mais *sé*, *see sei* p. *é*, — fórmas muito usadas antigamente (*eu sejo*, *tu ses*, *elle see*, *sei*, etc., Sá de Miranda, G. V.) :— *tu que sès na celda*, *qual fizeres tal espera* (Prov. pop), *quem bem see nam se leve*, *vè o mar e sê na terra* (Id.); *seiaya*, *seiayes*, etc. = *ereis* (Sec. xvI).

O *pret. perf.* tem a fórma *seve* por *fui*, que se encontra no *Canc*. de D. Diniz, a par de *foy*, *fuy*, *fui*. *Fu* (Fóros do Cast.), *fui* (doc. 1298), *fou* (doc. 1310), *foe* (Fr. J. Claro).

O subjunctivo apresenta fórmas mais encostadas ás latinas — *siades* (sejaes), *seiaya*, *seiayes*, *seiaces* (Sec. xvI); *focedes* (J. Cl.), etc.; e no futuro — *sever*, *severim* (F. da Guarda 401, 422).

No infinito, além das fórmas *seer*, *soer* (C. Vat.), que fez com que alguns acreditem deriva a 1.ª de *sedere* e a 2.ª de *solere*; temos o part. pres.— *seendo* (Cp. *tendo*), *seente*.

Soer (*soher*, lat. *solere*). Hoje quasi obsoleto, era comtudo regular e de uso frequente no Sec. xvi: — *o silencio que* sohe *encobrir a tristeza; Portugal já não é o que d'antes ser* sohia; *do que* soi (por *soe*) *acontecer*.

Ter. E' reproducção do verbo latino *tenere*, e serviu, em alguns tempos, de typo para o verbo *estar* (*estive*, *estivesse*,...)

Ind. pres. — *tenho*, *tens*, *tem*, *temos*, *tendes*, *teem* (têm) = lat. *teneo*, *tenes*, *tenet*, *tenemus*, *tenetis*, *tenent*; — imp. — *tinha*, *tinhas*, etc. = *tene* (b) *am*, etc.; perf. — *tive*, *tiveste*, *teve*, *tivemos*, etc. = *te*-(n)-*ui*, *te*-(n)-*uisti*, etc.; imper. — *tende*, (tenete); Subj. pres. — *tenha*; imp. — *tivesse*; part. pass. — *tido*, arch. — *teudo* (tenetum).

A fórma do imp. Ind. era em *ades* para a 2.ª p. pl. (*tinhades*), como era regra geral na conjugação até o Sec. xvi (*queirades*, *façades*).

No pres. e imp. Ind. e pres. Subj. o *n* latino molhou-se (V. Phonetica), mas nos antigos textos encontram-se esses tempos sem o *n* (*teeya* a par de *tinha*, etc.).

No port. ant. raro permutou o *e* thematico em *i* (eu *teve*, *tevera*, *teverom*, *teeya*, *tevesse*, *tendo*,..).

Trazer (ant. *traeer*, *trager*, *traxer* do lat. *trahere*). Ind. pres. — *trago*, *trazes*, *traz*, *trazemos*, etc. = lat. *traheo*,-*es*, etc. O *g* da 1.ª pess. sing. é vestigio da ant. f. do Inf. *trager*, que — consequen-

temente — estende-se ao pres. do Subj. — No Sec. XVI, por motivo da fórma *traer* do Inf. — diziam *traio, traia*, p. *traigo, traiga* (trago, traga).

Pret. perf. — *trouxe*, *trouxeste*, etc. = l. *traxi*, l. vulg. *tr. csui*. Até o Sec. XVI as f. usadas eram *traje*, *trajo*, alternando com *truje*, *trujo*, *trouve* (por *trougue—tracuit* ; Cp. houve, *jouve*. = jacuit, *prouve* = placuit), *trouge* (gall. trougue), *troverão*, *trouvesse* (L. Linh.), etc.

Só no Sec. XVII é que se fixou a fórma do Infinito. Futuro — *trarei*, etc. ; ant. *trazerei*, etc.

VALER (l. *valere*) — Ind. pres.—*valho*, *vales*, etc. = lat. *valeo*,...; port. ant. *valo, vales*, *val* (Sec. XVI). — Sobre o *lh* da 1.ª pessoa, Vide Phonetica.

VÊR (ant. *veer* = lat. *vidére*).—Ind. pres.— *vejo*, *vês*, *vê*, etc. = lat. *video*, *vides*, etc. Quanto ao *j* da 1.ª pess. (e consequentemente das do Subj. pres.) Cp.— *hoje* hodie, *inveja* invidia, *haja* habeam, *granja* granea, etc.

Pret. perf.— *vi*, *viste*, *viu*, *vimos*, etc. = *vidi*, *vidisti*, *vidit*, etc , port. ant.— *vii*, *viisti*, *viimos*,... A 3.ª pess. sing. *fez viu* para não se confundir com a 1.ª, e de accôrdo com a theoria da nossa conjugação.

Vim p. *vi* é galleguismo que se encontra em escriptos do Sec. XVI.

O *d*. latino conservou-se na 2.ª p. pl. do pres. do Ind. (*vêdes*)[1], e (como em outros verbos) quando

1 *Vedes* p. *veis*. Sec. XVI.

elle acha-se protegido por um *r* ou *n* (*virdes*, *terdes*... *vindes*, *tendes*, *pondes*).

Part pass.— *visto*.

O verbo *prover*, derivado de *vêr*, faz *provi*, *proveste*, *provemos*, *provestes*, *proveram*, e o part. pass. — *provido*.

POER— V. pgs. 228 e 247.

Arder fazia *arço* (= ardo) ainda no Sec. XVI.

TERCEIRA CONJUGAÇÃO

CAHIR (lat. *cadere*) — Ind. pres.— *caio*, *caes*, *cáe*, *cahimos*, etc. A anomalia está sómente na intercalação euphonica do *i* (*ca-d-o*, *cáo*, *caio*).

Seguem a mesma conjugação — SAHIR e TRAHIR.

CORTIR — Ind. pres.— *curto*, *curtes*, *curte*, *cortimos*, *cortís curtem*. A mudança do *o* do radical em *u* tem a conveniencia de as pessoas se não confundirem com as do verbo *cortar* (*corto*, *cortes*, *corte*, *cortem*), mas não constitue propriamente uma desviação porque o infinito era *curtir*, ainda hoje por muitos empregado.

Seguem esta conjugação os verbos ORDIR e SORTIR, que tambem não podem ser considerados verdadeiramente irregulres, pois tinham outra fórma de infinito — *urdir*, *surtir*, como se lê em alguns classicos.

COBRIR (lat. *cuperire*)— Ind. pres.— *cubro*, *cobres*, *cobre*, etc. A irregularidade é tão sómente na

1.ª pess. sing. (e consequentemente nas do Subj. pres.), para evitar equivoco com a do verbo *cobrar (cobro);* mas que se dá em todos os verbos cujo *o* da raiz é seguido dos grupos *br, rm* (co*br*ir c*u*bro, dor*m*ir d*u*rmo).

Tinha tambem um infinito em *u (cubrir)*, e por isso diziam os antigos — *elle encubre*, *cubre tu*, *descubre*, etc. (M. Bern., Ferr., D. Nunes, etc.)

Segue a mesma conjugação — *dormir* (lat. *dormíre*, *durmo* dormio, *dormes* dormis, etc.).

Ir (lat. *ire).*— Este verbo completa a sua conjugação com o verbo arch. port. *var* (= lat. vadere) e *ser*.

Ind. pres.— *vou*, *vás*, *vae*, *vamos* (imos), *ides* (ant. *vades)*, *vão* = *vado*, *vadis*, *vadit*, etc. *Vado*, pela quéda do *d* = *vao*, d'onde *vou*.

Ind. imp.— *ia*, *ias*, *ia*, *iamos*, *ieis*, *iam ;* perf. — *fui*, *foste*, *foi*, etc.; Imperativo —*vae*, *ide ;* Subj. pres.— *vá*, *vás*, *vá*, etc. ; Subj. imp.— *fosse*, *fosses*, etc. ; *vas*, p. *vais ; ve vee* p. *vay* ant. fórma de *va* ; Imperativo, ainda são fórmas de Sec. xvi.

Medir (lat. *metiri—metior)*— Ind. pres.— *meço*, *medes*, *mede*, *medimos*, etc. = l. *metior*, *metiris*, etc.

Na 1.ª p. sing. muda o *d* em *c* brando, mas a fórma ant. era *mido* (Cp. arch. *arco* = ardo, *peço* pido, *despeço* = despido, etc.[1]). Essa mudança

[1] A mudança do grupo *di* (de) em *ç* era usual : — *baço* (badius), arch. *vergonça* (ver'cundia), etc.

nota-se tambem nas pess. do Subj. pres. que, como já dissemos — tomou, em regra, para typo a 1.ª sing. Ind. pres.— eu *meça, meças, meça*, etc.; port. ant. *mida* (id. *pida*, etc.)

Segue pois esta conjugação o verbo PEDIR.

No Sec. XVI ainda imperavam as fórmas regulares :—*despida-se Vossa Alteza dos livros ; eu vos despido ou me despido de vós* (Vieira), e D. N. de Leão assim recommenda que se escreva e pronuncie *(pído, pides, impido*, etc.).

OUVIR (lat. *audire)*- - Ind. pres. 1.ª p. sing.— *ouço, ouves,*... = *audio, audes,*... Sub. pres.— *ouça, ouças*, etc. A divergencia explica-se pela razão já indicada *(di* lat. = *ç — audio, ouço)*.

Em Gil Vicente, —*oivo* = ouço, *ouvamos* = ouçamos, o que prova eram aquellas fórmas populares.

Pret. perf. Ind. : *ouvi, ouviste, ouviu*, etc. = *au*-(di)-*vit*, au-(di)-visti, etc.

REMIR (redimire).—Ind. pres.—*redimo, redimes, redime, remimos, remis, redimem ;* Imperativo —*redime, remí*. A actual irregularidade é devida á contracção do Infinito *redimir*.

RIR (l. v. *ridere*).— Ind pres.— *rio, ris, ri, rimos, rides, riem* = l. p. *ridi, ridis*, etc.

Só conservou o *d* etymologico na 2.ª p. pl. do pres. Ind. e na do Imperativo *(rides, ride)*.

SAHIR (*sair* = l. salire). — *Saio* = *salio*, etc. V. *cahir*.

Seguir (l. b. *sequere*, Prisc.).— Na 1.ª p. sing, pres. Ind. faz *sigo*, ant. *siguo* = lat. *sequo*.

Sentir (l. *sentire*).— Soffre a mesma mudança que *seguir* :— *sinto* = *sentio*.

No Sec. xiv prevalecia a fórma em *e* — *sento*, *senta* ; no xvi todo o paradigma era em *i* — *sinte*, *sintem*, *sentistes*, etc. [1]

Vir (f. contr. de *venire*)— Ind. pres.— *venho*. *vens*, *vem*, *vimos*, *vindes*, *veem* (vêm) = l. *venio*, *venis* (*n* = *nh*, Cp. *pôr*, *ter*) ; Ind. imp.— *vinha*, *vinhas*, etc. ; Ind perf.— *vim*, *viestes*, *veio*, *viemos*, *viestes*, *vieram* = l. *veni venisti venit*. ...

Imperativo — *vem*, *vinde*.

A 1.ª pess. sing. pres. Ind. — *vim*, passou pela fórma intermediaria *ven* ; *vieste* = *venisti* pela f. interm. *veiste*.

O part. pass. seguiu o typo latino — *ventum*, e d'ahi o ser identico ao presente.

Vir — Ind. pres.— *venho*, *vens*, *vem*, *vimos*, *vindes*, *vêm* (veem) ; Ind. imp.— *vinha*, *vinhas*, *vinha*, *vinhamos*, *vinheis*, *vinham* ; Ind. perf.— *vim*, *vieste*, *veiu*, *viemos viestes*, *vieram* ; Imperativo — *vem*, *vinde*.

Accudir, *bulir*, *construir*, *consumir*, *destruir*, *cumprir*, *engulir*, *fugir*, *sacudir*, *subir*, *sumir*, *tussir* (tossir), mudam o *u* do radical na segunda e ter-

[1] Já nos referimos á grande confusão reinante até o Sec. xvii na orthographia : — *premea premia*, *fira*, *feria* etc.

ceira pess. do sing. e terceira do plural — (*acodes*, *acode*, *acodem*).

Dá-se essa mudança — e consequentemente na da segunda pess. sing. do Imperativo — quando o *o* é seguido de *b*, *d*, *g*, *l*, *m*, *p*, *ss*, *sp*, *st*.

Os antigos monumentos, porém, não apresentam esta irregularidade na conjugação :— *acude tu*, *elle acude*, *elle destrue*, *tu destrues*, *elle fuge*, *sube*, *construe*, etc.

Advertir, *aggredir*, *perseguir*, *prevenir progredir*, *transgredir*, etc., mudam em todas as tres pessoas do sing. e terceira pessoa do plural, e consequentemente nas do Subj. — o *e* thematico em *i*, como tambem em *sentir*. São irregulares tão somente por essa mudança de lettras, que mais se nota nos autores classicos; e tambem era frequente no *i* em *e*: — *advirte*, *compite*, *consinte*, *minte*, etc., e *mento* p. minto, *persigue*, *prosigue*, *sinte*, *sigue*, *sirve*, etc.).

Geralmente mudam o *e* em *i* quando aquella vogal vem precedida de *f*, *g*, *p*, *r*, *nt*, *sp*, *st* (*confiro*, *dispo*, *firo*, *frijo*,[1] *visto*, etc.).

— As fórmas verbaes em *uz* da 3.ª pessoa sing. Ind. pres. (*conduz*, *induz*, etc.) eram regulares — *elle induze*, *luze*, *produze*, *reduze*, *traduze*. Deu-se o mesmo que com as fórmas nominaes em *az*, *iz*, *oz*,

---

[1] *Frigir* — faz no Ind. pres. — *frijo*, *frgees*, *frege*, *frigimos*, *frigis*, *fregem*.

uz, — *capace, felice, veloce*, etc., que se transformaram em *capaz*, *feliz*, *veloz*. Parece, porém, que a apocope do *e* foi feita muito de industria para evitar a equivocação entre a 3.ª pess. do sing. pres. Ind. e a 2.ª sing. do Imperativo (*faz faze*, *traz traze*, *diz dize*, etc.)

— As irregularidades da 3.ª p. plural Ind. perf. estendem-se ás fórmas do plus quam perfeito e do Sub. imp., e futuro : — *trouxeram*, *trouxera,-as,-a*, etc. ; *trouxesse,-s,-e ; trouxer*, *trouxeres*, etc.

ADVERTENCIA.— A defectividade dos verbos não basta para classifical-os entre os irregulares, nem tambem as divergencias graphicas tendentes á conservação da mesma pronuncia em todos os tempos.

Ex.:—Nos verbos acabados em *car*, a mudança do *c* em *qu* (cal*car*, cal*qu*e, cal*qu*emos) ; nos em *gar*, a intercalação de um *u* entre a guttural e a vogal thematica (galg*a*r, galg*u*es, galg*u*em) ; nos terminados em *ger*, *gir*, a troca do *g* pelo *j* antes de *a* e *o* (re*jo*, corri*ja*) ; a perda do *u* nos verbos em *guir*, antes de *a* e *o* (distin*go*, distin*gas*), etc.

QUARTA CONJUGAÇÃO

Hoje não se póde negar asua existencia. Data do Sec. XVI pela degeneração phonetica do verbo *poer* (l. ponere).

Comparando-o no presente do indicativo com as fórmas correspondentes no latim, vê-se claramente que as irregularidades são apparentes.

ponho	poneo
pões	pones
põe	ponet
pomos	ponemus
pondes	ponetis
poem	ponent

No imp. são particulares as flexões : — *punha*, *as*, etc., com deslocação do accento e mudança da vogal do radical (Cp. *ter*, *ver* — *tinha*, *via* ; *vir*, *vinha*, etc.) A fórma primittiva era *pónia* ; a deslocação da tonica foi para melhor conservar o *n* thematico, que sem isso teria cahido como aconteceu no infinito ; o molhar-se o *n* quando seguido de *i* palatal era facto frequente.

Prep. perf — *puz*, *puzeste*, *poz*, etc. = arch. *puge (pugi. pugy)*, *pôs*, *pose*, *pusy*, *pus*, etc. (Sec. XIV = lat. *posui*,*-sti*,*-t*.

Part. pass. — posto = l. *positum*.

DECIMA SETIMA LIÇÃO

Formação das palavras em geral. — Composição por prefixos e por juxtaposição. — Estudo dos prefixos.

1. — São dous os processos empregados para a formação das palavras : — *composição* e *derivação*.

As palavras compostas indicam periodo adiantado na historia de uma lingua ; uma differenciação progressiva. E, de feito, para que com duas palavras se possa formar uma terceira sinceramente determinada na fórma e no sentido, é preciso que aquellas tenham significação já bastante clara e definida. " A differenciação ainda mais se accentúa quando a idéa contida no composto fixa-se e define-se de modo tal que não mais conserva relação alguma com os seus primeiros factores, a ponto de perderem a significação independente, e só terem sentido quando reunidos. " [1]

2. — A palavra composta fórma-se de dous ou mais termos, dos quaes só um exprime a idéa principal, que é determinada ou precisada pelos outros.

O termo determinante póde ser :

1.° — Um prefixo :— IN*fiel*.

A esta composição por prefixos, — que fórma substantivos e adjectivos, e principalmente verbos—,

---

[1] Sayce — *Princ.*

devemos a persistencia de muitos vocabulos :— *convergir*, *demolir*, *disparate*, *explorar*, *irrupção*.

2.° — Um substantivo ou adjectivo :—*arco-iris*, *planalto*.

3. — Nas palavras desta ultima categoria os elementos podem estar apenas juxtapostos e ainda distinctos, ou fundidos e representados por um simples signal unitario : — *arco-iris*, *madre-silva*, *cantochão*, *ponta-pé*, *couve-flôr*,... *aguardente*, *vinagre*, *biscouto*, *planalto*, *botafóra*,...

No primeiro caso o substantivo apresenta idéa dupla ; no segundo, só uma transparece, — que é a do objecto " em toda a extensão de suas qualidades. " E, assim como o substantivo simples, perdendo a sua significação etymologica, acaba por corresponder inteiramente á idéa do objecto, tambem nos compostos o determinante e o determinado desapparecem para melhor apresentarem uma imagem ou idéa unica. O composto torna-se simples. [1]

4. — As palavras acham-se pois juxtapostas quando, representando uma idéa unica, conservam todavia em suas fórmas e vida propria, o mesmo valor que teem quando separadas (νεα πολις, *agri-cultura*, *dies dominica*, *amor proprio*, *padre familias* (Sec. XIV), *um cara dura*, *espalha brasas*, *tranca ruas*, *pintamonos*, *tocartintas*, *ichecorvos* (impostor, ocioso, Sec. XV).

Os juxtapostos tendem por fim á unitariedade do signal graphico, á simplificação da fórma : — *vinagre* = vinho acre (agro) = lat. *vinum acre*,

[1] Darmsteter. *Form. des mots composés.*

carafuz = cara fusca, *um capemcólo* = um capa em collo, [1] *qualquer* (Sec. XIII) = *en qual tempo quer* (F. de Gravão), *qual-xiquer* (F. da Guarda, Ined. Hist. Port. Tom. 5), *ervoada* (Sec. XV p. *arvoada*, hoje na ling. vulgar *avoada)*, etc.

O portuguez não rejeitou esse processo do latim, classico e popular, de exprimir a idéa sem preposição clara : — *ferrovia*, *pontapé*, *o ministerio Rio Branco*, *a casa Norton & C.ª*, *Collegio Alberto Brandão*, *tinta Monteiro*, *cerveja Logos*, etc... Essa pratica, porém, não é tão extensa como se suppõe, e o regimen vem geralmente precedido de preposição *(em, de) : — bicho de seda*, *sala de jantar*, *bacharel em lettras*, etc.

Nestes juxtapostos de subordinação, devemos arrolar certas expressões, que por metaphora mudam de sentido e applicação : — *pé de gallo*, *pé de morto*, *rato de botica*, *rato d'alfandega*, etc.

COMPOSIÇÃO POR PREFIXOS

5.— Este processo é o mais rico e fecundo, maiormente quando combinado com o da derivação.

Herdámos do latim cerca de 2.000 vocabulos, mas por esse jus que tinham de accrescer, delles

[1] No Sec. XVI — escrevia-se *cap'emcolo* e *capem-colo*. Não sign. *pobretão, miseravel*, mas sim o *fanfarrão*, o *blazonador*.

derivaram uns 8.000 inteiramente novos, muitos sem correspondentes no latim.

Não temos compostos de mais de tres prefixos : *ir-re-con-ci-liavel*, *in-de-com-por*.

6.— As particulas, quanto á sua natureza, são preposições e adverbios : — *bem* (bene), *mal* (male), *pen pene* (quasi), *semi simul*, *bis*, que quasi corresponde ao *des*, gr. *archi*,.... *un*, *uni* (adv. lat. *una*), *bis* (2 vezes), *tri*, *ter*, *tres*, *centi*, etc.; *não*, *ne*, *in* (*im*, *il*, *ir*, pela assimilação), etc.

7.— Das particulas empregadas na composição algumas teem vida propria, outras só existem como elementos de composição. São pois separaveis e inseparaveis.

São separaveis as portuguezas (prep. e adv.) : — CONTRA*por*, BEM*dizente*,....; inseparaveis, as preposições latinas, que não se empregam isoladamente, e em composição teem valor adverbial : — RE*ler*, DES*obedecer*.

Esses prefixos inseparaveis são, em regra, improductivos, e só se apresentam em palavras tiradas directamente do latim ou formadas por typos latinos. [1] Muitas são porém as excepções, principalmente com *ex*, *in*, *des*, *ultra*, *inter*.

8.— Acontece muitas vezes que a juncção do prefixo á palavra causa um hiato ou choque des-

[1] Ager

agradavel de consoantes. Para evitar esses inconvenientes elide-se a vogal ou consoante final do prefixo: *antagonista*, *aviltar* (ad-viltare), *alumiar*, *emigrar* (ex migrare), ou assimila-se esta consoante á inicial da palavra simples: *assimilar* (ad-similare), *irrupção* (*in rupere* [1]).

Estas modificações na propria fórma do radical já eram usuaes no latim, e são communs a todas as linguas neo-latinas (*agere* — ad–*igere*, red–*igere*, — *agir*, *redigir*). Muitos desses compostos latinos, pela perda de signal externo de composição, ficaram considerados palavras simples (*colher* de *colligere*, e não de *con-legere*). A maior parte desses compostos decompuzeram-se, porém, na época romana: *providere*, *pró videre*, prover; *ex* por *e*, *dis* p. *de*, *subtus* p. *sub*; etc. [2]

9. — Algumas particulas teem dupla fórma, uma latina e outra portugueza. Posto seja esta a preferida na formação de palavras novas, ha todavia muitas palavras compostas com ambas essas fórmas, e ás vezes com sentido diverso.

10. — As particulas que entram no processo da composição são *adverbios* ou *preposições*. Estas podem ter valor adverbial — CONTRA*dizer*.

11. — A composição só póde formar *verbos*, *subst.* e *adjectivos*.

1.º — CONTRA*fazer*, SOBRE*excitar* (adv.) ; EN*corajAR*, RES*friAR*. Estes ultimos, formados de prep. prefixadas ao substantivo *coragem* e ao adjectivo *frio*, e do suffixo verbal, são chamados *parasyntheti-*

---

[1] Id.

[2] Darmsteter, *l-c* p. 73.

cos verbaes, porque formaram-se *syntheticamente*, de chofre, da juncção simultanea do prefixo e do suffixo ao radical.

2.° — BEM*estar*, MAL*criado*, DES*leal* ; EN*cordoa*MENTO, SUB*marinho*. Formados por pref. prep. e de um suffixo nominal juntos a um subst. ou adj., receberam estes compostos a denominação de *parasyntheticos nominaes*.

Nos compostos parasyntheticos formados de substantivos, o suffixo dá a idéa verbal de *pôr, fazer, tornar*, si o composto é um verbo activo ; de *ser, estar, vir a ser*, si o verbo é neutro, e o prefixo precisa a idéa indicando a relação desse verbo com o substantivo : *enterrar*, p. ex., analysa-se *pôr, metter* (= er) *em; aterrar, pôr* (= er) *a* (= ad, at) *terra*. A particula nesse caso é uma preposição ; ajunta-se a um subst. que lhe serve de complemento, e esse composto recebe, com a terminação verbal do suffixo, a unidade de fórma e de idéa. Acontece o mesmo com os parasyntheticos formados de adjectivos ; *enriquecer* é torna-se rico, metter-se em riqueza ; *desemburrar* é pôr fóra do estado de ignorante. A analyse mostra que os compostos formados de adjectivos teem valor de verbos factitivos. Todavia a maior parte delles, sobretudo os em *ar, er*, tendem a tornar-se neutros, i. e., empregam-se absolutamente ; assim *embrutecer, bestificar* tanto é fazer alguem como tornar-se *bruto* ou *besta*. (Darmesteter *l. c.*)

12. — Damos em seguida a lista das preposições latinas que entram na composição de palavras portuguezas.

A, AB, ABS. — Significa privação, apartamento, separação : — *aversão, abortar, absorver, abstracção, absurdo, abdicar, abolir, abstenção, abjecto* (de *jacere jactum*). Tem valor adv. em *abusar, absolver*, etc. Equivale a uma prep. com seu complemento em *aborigenes, abstinente*, etc.

Indicam direcção, tendencia, fim, e são de uso mui frequente :— *admittir, adduzir, acceder*, etc.

O *d* conserva-se antes das vogaes e das consoantes *d, j, m, v* (*admittir advertir, adjacente, adjectivo, admirar, admoestar, adverbio, adventicio*); assimila-se á consoante seguinte si fôr *c, f, g, l, n, p, r, s, t* (*accordo, acceder, affrontar, affiliar, aggravar, agglomerar, alliar, allumiar, annexo, annuncio, appendice, arrumar, arrogar, assaltar, assimilar, aterro,. attenuar,... adquerir, acquisição*.

Algumas vezes o *d* do prefixo desapparece na linguagem popular ; — *abreviação, alugar, abordagem*.

Tem força adv. primitiva — *adherir, aggredir* : equivale a uma prep. e um complemento — *ajustar*.

A é a fórma portugueza correspondente a *ad*, e concorre para a formação de palavras novas, verbos e substantivos: — *amestrar, amiudar, adormecer, amotinar, apurar, achatar, apontar, abaixar,...... ..... ; adeus, afim*.

Am., amb, (contracção de *ambi*).— Significa em *torno, ao redor*. Emprega-se *amb* antes de vogal (*ambages, ambito*); perde o *b* antes de *p* (*amputar*), muda o *m* em *n* antes das gutturaes e de *f, h, t* (*anhelo*).

Tem força adv. em *ambição, ambiguo*, etc.

Ante (anti).— Sign. prioridade, precedencia ; e entra principalmente na formação de nomes : — *an-*

tepassado, *antetempo antevespera*, *anteparto*, *antenome; antidata*, *antiface* (véo). Form. erudita — *antecedente*, *antecessor*, *antepenultimo*, etc. ; de creação moderna —*antedeluviano*, *antidoto*, *antecamara*.

Antehontem= antes de hontem, e em todos os compostos portuguezes a prep. *ante* é preferida a *antes*.

Circum (em torno—*circu).*—Indica tambem prioridade, só entra na formação de palavras de origem classica : — *circumferencia*, *circumloquio*, *circumstancia*, *circumscrever*, etc....; perde o *m* em *circuito ;* formou modernamente — *circumvalação*, *circumnavegação*, *circumvisinho*, *circumpolação*, etc.

Tem força adv. em *circumspecto*, *circumstancia*, etc.

Cis (cit).— Sign. *áquem ;* oppõe a *trans* ou *ultra* (= além) : — *cisgangetico*, *cisplatino*, *cisalpino*, *citerior*.

Com (con, cum).-- Sign. concurso, reunião, acção, simultanea.— São muitos os compostos de formação popular no portuguez antigo, quasi todos herdados do latim — *compaixão*, *conceber*, *conflicto*, *conduzir*, *condemnar*, *confessar*, *converter*, *conjuração*, *contar (computare)*. Form. erudita— *collegio*, *collisão*, *contractar*, *confirmar*, *concentrar*, *correlativo*, *coerção*, *coherente*, *combustivel*, *comestivel* (*edere*, *estum*, comer).

Com persiste antes de *m*, *b*, *p ; cum* nunca apparece em composição ; o *m* assimila-se ao *l*, *r*, *n* *(col-*

legio, *correligioso*,*correligionario*, *connato*, *connexão;* cahe antes de vogal, ou *h* mudo — *coalhar* (*coagulare*), *coadjuvar*, *coherdeiro*, *cohabitar*, coproprietario, *con*cidadão.

Contra (opposição, acção ou effeito contrario; situação fronteira, antagonismo).— E' prefixo muito productor ; os compostos antigos são, porém, quasi todos de creação erudita : — *contramestre*, *contramarca*, *contraordem*, *contrabando*, *contrapeso*, *contrabaixo*, *contramina*, *contraforte*, *contramarcha*,...... e muitos outros em que *contra* tem força adverbial. Em *contrasenso*, *contraveneno*, *contrapello*,... a particula é preposição. *Contra* fórma muitos verbos : e indica juxtaposição, opposição e subordinação (*contra-baluarte*, *contrareplica*, *contramestre*).

De.— Indica origem, logar d'onde, passagem de um estado para outro, relação de apartamento, e privação (no sentido figurado) : *Deduzir*, *dejectar*, *defender*, *debandar*,*dedicar*, *desenhar* (de-signare),...... *delonga*, *demora*, *descendencia*, *dependencia*. Form. er.— *decapitar*, *decidir*, *definir*, *degradar*, *delegar*, *designar*, etc.

Quando o *de* (di) serve apenas para ampliar a significação da palavra, chama-se *ampliativo* (*de*-terminar, *di*-vulgar).

Des, dis.— Exprime geralmente negação, separação, privação, acção contraria. Dis é a fórma archaica. *Di* emprega-se nos mesmos casos que *de* ;

teem muitos compostos antigos e de fórma erudita; assimila o *s* ao *f (diffamar, difficil, diffusão): — disposição, distrahir, disjuntar, ... discordia, disjuncção dissimular disjunctiva*, etc. A's vezes perde o *s* (antes de *g, l, m, r, v)— diminuir diligente, digerir, divertir, divergencia.— Des* é a fórma moderna, tambem inseparavel; *desunir, desobedecer, deslocar, desembarcar, desleal, desfavor, desordem, desagradavel*, etc. A's vezes concorre na composição moderna a fórma *dis*:—*discernir, dispor, disgregar* (desagregar), etc.

Ex, es, e.—Indica extracção, ausencia, separação, movimento do interior para o exterior, privação; tem quasi o mesmo sentido de *dis* e *de*.— E' mais usada a fórma *ex* Form. prop.— *exalçar, expresso, extrahir, emittir, exclamação, espertar...*; erud —*excepção, excursão, exhumação, educar, exigir, ejacular, eliminar, exceder, enumerar, exabundancia, exautorar; emissão, emanação*, etc.

Ex é inseparavel, posto que em certos compostos seja empregada como palavra distincta; *ex-governador, ex-deputado*. Este processo é hoje quasi que organico.

Em regra emprega-se *e, es* antes de *b, d, g, i, l, m, n, r, v*, e *ex* antes de *c, p, q, t* e vogaes. O *x* ás vezes transforma-se em *s* (esforço) ou assimila se ao *f (effluvio efflorescencia)*; outras vezes a particula transforma-se por degeneração phonetica em *is (isenção)*

Extra.— Sign. fóra, além; denota a acção de sahir *através*. — Forma verbos, adjectivos a sub-

stantivos, o que não era de pratica em latim:—*extravasar, extraordinario, extrajudiciario, extramuros, extravagancia.*

Em *extraordinario*, etc. tem força adv. (fóra da ordem ordinaria) : em *extravagante*, etc., tem valor prep. (que vagueia além dos limites).

ENTRE, INTER (no meio de, pelo meio, posição média, reciprocidade). — *Inter* só fórma palavras de origem erudita — *interposição, interpellar, intercalar, interceder, intermediario, intermittencia,... Entre* é de uso frequente e popular: fórma verbos transitivos (*entremeiar, entrelaçar, entrelinhar,...*[1]), ou ainda com a significação de *a meio, um pouco* (*entrever, entrecobrir, ...*), e substantivos e adjectivos (*entrecasca, entrecosto, entrelinha*).

Inter = entre port. entra ainda muito nas formações modernas com substantivos e adjectivos—*internacional, intertropical,...*

EM (EN) = lat. *in.*— Prep. port., separavel; empregada em grande numero de compostos sem correspondente no latim :— *encadear, enterrar, empalhar, encaixar*, etc,... (como prep.) *encaixe.*

INTRO, INTRA (= dentro, dentro de, tendencia para logar interno).— Só apparecem nos vocabulos herdados do latim:—*introduzir, introducção, intrometter, intromissão, intrinseco* (intra secus), etc.

---

1 Em *entreter* já perdemos a idéa primitiva da particula.

In (im), en (em) (il, ir).— Indica logar onde, movimento do exterior para o interior.— *Induzir, inflammar, inclinar, infectar, injecção, imprimir, implicar, ... infiltração, inthronisação, ... in-folio, in-quarto.*

Além de introducção, situação interna, a prep. *in* indica tambem negação : — *incognito, imberbe, inanimado, immutavel, inactivo.*

O *n* assimila-se ao *m, l, r (illegal, irreflectido.)* O nosso *en* corresponde ás vezes ao *in* latino — *embuscada, encravar, ensinar, encorrer* (incurrere), etc.

Ob (oc, op, of, obs).— Sign. *em face*, deante, logar fronteiro, contra ; indica hostilidade, obstaculo, opposição :— *Obedecer, obstar, obstaculo, objectar objecção, obrigar, observação, oppor, occasionar, offensa, ostentar, oscillar*, etc.

Per.— Exprime por onde, o meio, a passagem através. Quasi todos os compostos com este prefixo são de origem erudita — *perplexo, perseverar, perlucido, perceber, perdoar, permittir*, etc. Nos de formação popular *per* degenera em *pre*, e era substituido pela prep. *por*.

Por (= l. *per*).— Indica fim, termo, meio de conseguir. E' de emprego rarissimo.

Pre (l, *prae*). — Indica antecedencia, excellencia augmento. Só existe na linguagem popular nos vocabulos importados directamente do latim popular : todos os mais são de origem erudita :— *pregar*

(praedicare), prever (praevidere), presidencia (praesidentia), ... preferir, preludio, prematuro, prefacio, prefixar, prescrever, presidir, precaução, presumir,... predominar, preexistir, preliminar, etc.

PRETER (lat. *praeter*, — além, excesso).— Só existe em raros vocabulos de origem classica :—preterito *(praeter-ire), preterir, preterição, pretermittir, pretermissão, preternatural.*

PRO. — Indica deante, elevação, protecção, procedencia, e significa *por, em logar de : — prover, protrahir, procurador, proconsul, produzir, providencia,... proeminente, profanar, professar, progressão, promover, pronome*, etc.

Pos (POST). — Indica inferioridade, retardamento ; sign. depois. E' da linguagem classica.

Pos é fórma arch. port. que se transformou successivamente em *empós, após, depós, depois. Pospôr, pospontar, postero, postergar, posterior, posposto,... postescripto* (post scriptum) e *posdata, postmerediano* (post meredianus) e *pomerediano* (pomeredianus)....

RE. — Indica reiteração, regresso. E' preposição iterativa. Este prefixo é abreviação do adverbio latino *rursus*, que significa *de novo.* Indica *repetição, reduplicação da acção* ou idéa de retrogradação : — *reler, refazer, rehaver,... recuar, regresso....*

Tem pois sentido ampliativo, e indica conse-

guintemente intensidade de acção — *rejeitar*, *resistir* ; sentido iterativo — *reler* ; indica reacção, opposição — *reprimir*, *refrear*, *repugnar*, sentido adversativo.

São poucos os substantivos com *re* : — *retoque*, *retorção*, *retorcedura*, *retorno*, *retrahimento*....

Retro. — Adverbio latino que significa atrás, para trás, regresso. Só figura em vocabulos de origem erudita : *retrogradar*, *retroceder*,... e os seus novos derivadas *retrogradação*, *retrocesso*, *retroactivo*, *retroguarda* (retaguarda) *retrogrado*.

Se. — Particula inseparavel que indica idéa de separação, afastamento. Só existe nas palavras latinas que passaram para o portuguez pela camada popular : —*seduzir*, *seguro*, *separar*,... e em algumas de fundo classico — *selecção*, *sedição*, *segregar*.

Satis (sat). — Particula latina que significa assás, e só figura em palavras que nos vieram do latim já compostas : — *satisfazer*, *saturar*, *saciedade*.

Sine (sin) = *sem*.— Indica privação, carencia : — *sinecura* (sem cuidado, *cura*), *sinceriedade*, *simples* (sem folho, de *plicare*).

Sem.— E' part. portugueza = lat. *sine* : só entra na composição de substantivos : — *sem ceremonia*, *o sem ventura amante*, *sempar*, *semjustiça* (injustiça).

Sub. — Indica segredo, profundeza, inferioridade. Nas palavras de formação popular emprega-se

su, so, sa : — *sorrir, soffrer* (sufferre) *saccudir* (succutere), *sojugar, soceder, sumergir*. Fórmas eruditas — *subjugar, submergir, substituir, substancia, succeder, suggerir*,... e os de creação moderna — *subdividir, subdivisão, subordinar, subjacente, subsidio, subcutaneo*.... *subterraneo, submarinho*.

Com força adverbial—*sub-chefe, sub-acido*.

O *b* assimila-se á consoante seguinte se fôr *c, g, f, p, r*, — *succumbir, suggerir, suffocar, supposição*, ou cahe — *sujeitar, socalco*.

Sob = sub, subtus : — *sobpé, sobsello, sobsollo, sopé*,.....

Subter (sob, a baixo de). — Só em *subterfugio, subterfugir, subterfluente* (com força adv.).

Super (**sobre**).—Indica superioridade, abundancia, e só se emprega na linguagem classica ; a popular fórma compostos com a particula correspondente portugueza — *sobre* : — *superficie, superstição, superfluidade, superfino*,.... *sobrecenho, sobrepeliz, sobreloja, sobreescripto, sobrecarga, sobrecheio, sobremesa sobrenome*.

Tem ás vezes força adverbial : — *superabundar, superar*,...

Trans, p. tras (tres, tra).— Sign. através de, além ; exprime a translação, a passagem, o transito até um termo. No port. antigo *tras tra* e *tres* são as fórmas mais empregadas : — *traduzir, tramontano, trasmudar, trasladar, trespassar*..... Fórmas eruditas : — *transcrever, translação, transladar, transcendente*.....

Tem ás vezes força adv. *transgredir*, *transformar*.

Ultra (além, excessivamente) :— *ultrapassar*, *ultramar*, *ultramontano*, *ultraabolicionista*. São compostos portuguezes, isto é, sem analogos no latim.

Vice (em logar de).— Com esta preposição formaram-se alguns compostos populares — *visconde*, (vicecomite) *visconsul* (vice consul), *vicerei vicereino*, *vidama* (vice dominus). E' frequente o emprego desta particula (como adverbio) para designar pessoa que substitue outra em cargo significado pelo outro termo do composto, isto é, a palavra a que ella se ajunta :— *vice-presidente*, *vice-rei* (ant. *visrei*, *visorei*), *vice-reino*, *vice-deus* (Vieir. II. 363). Verbos—só *vice-reinar*, *vicegovernar*.

COMPOSIÇÃO COM ADVERBIO

13.— As particulas adverbiaes empregadas com prefixos podem ser *quantitativas*, *qualificativas*, *negativas*.

A Quantitativos

Bis (2 vezes, repetição) :— biscouto (bis cocto), *bisavô*, *bisdona (avó)*, *bisneto*, *bissexual*, *bisseção*,... Posto seja fórma classica, entra no vocabulario popular, e tem formado alguns compostos portuguezes, sendo de notar que em muitas palavras deu-se preferencia á fórma *bi* — *bigorna* (bi-cornis), *bipede*, *binoculo* (bini oculi), *bigano*, bimane, *binascido*, *binocular*, *binomio*.

Meio (lat. *medius*):—*meio-relevo, meio-soldo, meio-terraneo*. Em *meia noite*, *meio dia*, é adjectivo.

Quasi : *quasi- delicto*, *um quasi nada*

Semi (meio). Forma tão sómente compostos classicos, principalmente adjectivos.— *Semicirculo*, *semitom*, *semilunar*, *semilunio*, semifusa, *semidouto*.

Satis (assás):— *satisfacção*, *satisfactorio*, etc.

Tris (triplicação) —*Trifolio*, *trifurcação*.

b) *Qualificativos*

Bene. Os compostos com esta particula são em geral de origem erudita:— *beneficiar*, etc *benemerencia*, *beneplacito*, *benevolo*.

Bem. Part. port. separavel, fórma compostos de origem popular:—*bemdito* (*benedicto*), *bemaventurado*, *bemdizente*, *bemquerença*, ... *bemdizer*, —*estar*, —*fazer*, —*querer* ......

Bemvir só se emprega no part. pres.— *bemvindo*

Male.— *maleficio*, *maleante*, *malevolo*, (Fórm. erudicta) Nos outros compostos emprega-se a fórma portugueza mal:— *maldizer*, *malfazer*, *malcriado*, *maltratar*...

Menos (= lat. *minus*) : *menosprezar* (*l. minus-pretiare*), *menoscabo*,...

V. *des* (descrer, desprezar...)

c)—*Negativas*

In.— Part. inseparavel; significa impuridade, indignidade.

Entra principalmente na composição das palavras de origem classica : assimila-se ao *l*, *m*, *r*, (*il*, *im*, *ir*.)

Desde o seculo XV que substituiu a negativa *não* nos compostos, e o seu emprego é hoje familiar, e quasi po-

pular. Combina-se com substantivos, mas principalmente com adjectivos e participios :— *ingratidão*, *irreligião*, *incalculavel*, *incauto*, *inconsiderado*, *inconsulto; illegal*, *immoral*, *irregular*.

Raro deixou de ser observada a regra da assimilação :— *inristar* (*en*ristar).

Não :— *não razão*.

Composição propriamente dita

12.— Já vimos a formação por *prefixos;* estudemos agora o segundo processo em que os vocabulos unem-se sem signal de relação, soldam-se, terminando por uma unica desinencia que pertence á palavra inteira, e dá-lhe unidade.

13.— Muitos compostos latinos já passaram para o portuguez como palavras simples (*infante*, de *infans*, *tis*= *in* não + *fans* fallante ; *amanuense* = *a manu ensis* ; *ouropel* = *auripellis*, de *auri pellis*, folha de ouro, etc.

14. —Os compostos são logicamente phrases descriptivas abreviadas ; as idéas representadas pelos dous elementos reduzem-se a um unico signal que muitas vezes encobre as suas relações.

15.— Este processo não é propriamente latino : mas deu ás linguas romanas grande numero de vocabulos, em que o determinante pode preceder ou segnir o determinado (*mãi patria*, *mestre escola*, *café concerto*, *paletot sacco*).

16. — Si as palavras acham-se juxtapostas, cada uma dellas conserva a sua accentuação (*arco-iris*, *porta-lapis*) : mas desde que se opéra a fusão dos dous termos, o 1º : vai pouco a pouco perdendo a accentuação, até que por fim perde-a de todo (*pedestal*, *mordomo*).

17.—Os compostos são *syntaxicos* ou *asyntacticos* conforme as relações em que se acham. Em geral, é asyntactico o composto em que o 1º elemento é um thema.

18.— Na composição propriamente dita notam-se quatro processos — o de *concordancia* (ou *coordenação*), de *subordinação* (ou *dependencia*), *verbal*, com *particulas*.

a) *Compostos de concordancia (* syntaxicos *)*

19. — O determinante é um subst. ou adj. em relação syntaxica de concordancia com o termo principal.

1º Subst. + *subst.* : — *beira mar*, *varapáo*. Os dous substantivos acham-se em relação de concordancia, e o ultimo determina o primeiro *appositivamente*. Nos compostos por *apposição* os substantivos ainda podem vir ligados pela preposição *de* : — *juiz de paz*, *inspector de districto*.

O determinante segue, em regra, o determinado : — *lobis homem, gomma lacca* ou *arabica, couve flôr, papel moeda, etc.* : precede-o ás vezes : — *mãi-patria, madreperola.*

2.º — Subst. + adj. e vice-versa.— *boqui-aberto (*ant. *bocaberto*, em Gil Vic. *boqui ancho)*, *cabisbaixo*, *ponte-agudo* ..., *menoridade*, *baixa-mar*, *gentil-homem*. O adjectivo acha-se na relação attributiva com o substantivo.

Geralmente o determinante precede o determinado :— *primavera*, *gentil-homem*, *salva-guarda*, *clara-boia, plata-fórma*, *santo-padre*, *santa-sé*, *baixa-mar*, *baixa-latinidade*, *bom-senso alto-mar (mar alto)*, *novo-mundo*, *Santa Egreja*... São muitas, porém, as excepções : — *canto-chão*, *bancoroto*, *Espirito-Santo*, *idade-media*, *republica*, *ponte-pensil* ou *levadiça*, *sangue-frio*, *fogo-fatuo*, *guarda-nacional*, *senso-commum*, *terra-firme*, *terra-santa* (Palestina), etc.

Si o adjectivo fôr de numero, determina o substantivo, e precede-o sempre :— *tridente*, *triangulo*, *quadrupede*, *quadrilatero*, *semana*, *(septi mana, sete manhãs)*, *centopéa*, *binoculo*, *centimetro*, *milligrammo*, *primogenito*.

d) *Compostos de subordinação*

19.— Nestes compostos o determinante é um substantivo em relação de dependencia, regimen directo ou complemento com o determinado.

1.° Subst.+verbo ou adj. verbal — *viandante*, *logar tenente*.

2.° Subst. + subst. : — *viaducto*, *ourives* (*aurifex*) *ouropel* (*auri pellem*), *salmoura* (*de sal* e *muria*), *petroleo* (de *petrae olum*), *quartel-mestre*, *terrapleno*, *terremoto*... O 1° substantivo em todos esses exemplos está em genitivo. Exceptuam-se:— *condestavel*, *mappamundi*, *banho-maria*.

c) *Verbal.*

20.— Formam-se de um verbo no *imperativo* (ou 3ª p. sing. do pres. do Ind.) seguido do seu complemento.

Os dous termos acham-se em relação de dependencia: o principal é um verbo, o complemento é um substantivo, um adverbio, ou um outro verbo tambem no imperativo.

1°) verbo + subst.— Raro vem o complemento precedido de preposição; ás vezes os elementos fundem-se, outras conservam-se distinctos : — *batibarba*, *ferefolha*, *beijamão*, *sacarolha*, *saca-trapo*, *porta-voz*, *guarda-pó*, *para-raio*, *beija-flor*, *valha-couto*, *passaporte*, *porta-estandarte*, *tira-pé*, *girasol*, *serrafila*, etc. .

A esta classe pertencem os gallicismos :— *abat jour* (quebra luz) *cache-nez*, *rendez-vous*.

2°.— subst. + verbo : — *parricida*, *carnivoro*, *somnambulo*,..... *pedicura*.

3°.— verbo + adv..— *passavante*, *puxavante*.

4°.— verbo + verbo : — *vaivem*, *ganha-perde*, *luze-luze*, *bule bule*, *dicemediceme*, etc.

Esta composição é muito fecunda, e só a linguagem popular deu-nos vocabulos em numero passante de 500.

O infinito é um verdadeiro substantivo :— *o poder, o jantar, os teres, os viveres*.
Do part. presente formaram-se adjectivos, que mais tarde tornaram-se substantivos:— *a constituinte, o amante*.
Do part. passado formam-se substantivos, geralmente do genero feminino, e esta formação é mui fecunda :— *vista, tomada, escripta*.

d) Com particulas.

21.— Prep. ou adv. + subst.: — *contra veneno*, *-antemanhã*, *ante-braço*, *parabem*, *sem razão*, *contra ordem*, *sobresalto*, *entre acto*, *ultra-mar*, *entrecosto*, *sobre-peliz*, *vice-almirante*, *sub-secretario*.

Este processo da formação já existia em latim:— pro-*consul*, inter-*vallum*; l. pop. *in odio*, etc., com o 1º termo adverbio, tambem se encontram exemplos : — ante-*pedes*, post-*genitus*.

— Dos adverbios formam-se substantivos, por meio de ellipse :— *o melhor*, *o bem*, etc....

II. Formação de adjectivos

22.— O portuguez fórma adjectivos pelos mesmos processos que emprega para a formação de substantivos, i. e., — pela *composição* e *derivação*.

Fórma pela *composição* :

1.º Ajuntando dous adjectivos simples :— *rosicler*, *surdo-mudo*, *agro-doce*, *verde-gaio* ;

2.º Juxtapondo um adverbio a um part. passivo :— *bem*quisto, *bem*dito, *mal*creado.

Temos pois tambem compostos *juxtapostos* e *crystallisados*.

Exemplos de juxtaposição temos nas fórmas numeraes : *vinte* e *dous*, etc.

3.º Antepondo certos *prefixos* aos adjectivos, modificando-lhes o sentido.

III. Formação dos verbos

23.— O portuguez segue para a formação dos verbos os mesmos processos que para a formação dos nomes.

Pela *composição,* antepondo um *substantivo* (*paci*ficar, *mano*brar, *caval*gar....), um *adjectivo* empregado adverbïalmente (*purificar* [1], *doentar*,...); uma particula (adv.) *trans*luzir, *mal*tratar, *ante*vêr....)

24.— Os prefixos latinos que entram na composição dos nossos verbos já foram citados quando tratámos do Sub. e do Adject.

Atroar, Amover, Apegar; Absolver, Abjurar, Abjurgar (f. erud.); ABSter-se, ABStrahir; ACCEder, ANnotar (*ad* lat.)

ANTEpôr, ANTIdatar; BEMquerer, BEMquistar (pop); BIpartir; CIRCUMdar CIRCUMScrever; COMprometter, COMplicar; CONTRAdizer CONTRAfazer; DEmitir, DEcompor; DESamparar, DESempatar; DIvagar, DISpor, DIScorrer; EMpoar, ENramalhetar; ENTRElaçar, ENTREabrir (pop.); EQUIparar, EQUIlibrar; EScorrer, ESpalhar; EXcavar, EXclamar; *interpôr* INternar, INTROmetter; MALdizer MALtratar (pop.), OBScurecer; PERfurar PERcorrer; POSpôr POSpontar; PREdispôr, PREdizer; PROclamar PROtahir; REalçar, REbater RECOMpensar REconstruir; RETROceder RETROgradar; SUBlinhar SUBScrever SUSpender; SOBREpôr, SOBREvir, TRANSpôr TRANSpassar TRESlêr; ULTRApassar, etc.

25.— Ha nomes compostos de phrases, cuja formação não se subordina por sua irregularidade a uma classificação: —*mal me quer*, *aqui d'El-Rei*, *salve-se quem puder*, etc. Outros formam-se pela reduplicação: — *naná*, *mimi*, etc.

---

[1] São muitos os derivados com *ficar*, quasi todos de imp. latina. *Ratificar* e *ramificar*, que na opinião de um grammatico não teem correspondentes em latim, são reproduções do lat. vulgar-*ratificare*, *ramificare*. Temos f. pop. — *bestificar*.

26.— Temos tambem compostos importados de linguas estrangeiras : — *visà-vis*, *casse-tête*, *hors d'œuvre*, *burgomestre*, *feldpath*, *landwehr*, *caparosa*, *bulldog*, *beefsteak*, *steeple chase ; saltimbanco*, *filigrana*, *salsaparrilha*, *orangutango*, etc...

Genero

27.— O genero dos nomes compostos é sempre o da palavra principal : — *a grã* CRUZ, O CANTO *chão*. Os compostos verbaes, são essencialmente masculinos — *um guarda prata, um salva vidas*. Os compostos com particulas são sempre (excepto quando nos referimos a uma mulher e animal femea) masculinos, si ellas forem preposições ; mas si forem adverbios, o genero deve ser o mesmo do subst. determinado : — *uma contra* MARCHA, *um contra* PESO, *um ante* BRAÇO.

Numero

28.— Os nomes compostos formam o plural de accôrdo com as regras a que estão sujeitos os nomes simples desde que os seus elementos estiverem fundidos *(ferro-vias)*.

Quando, porém, os termos conservam-se distinctos, a formação do plural depende dos elementos componentes : só o subst. e adj.— é claro — são susceptiveis de flexão numerica.

Nos compostos de adj. + subst. só este toma signal de plural. Excep.— *gentil-homem*, que faz *gentis homens*, mas que no Sec. XVII ainda seguia a regra geral : *gentil homens* escreveu Vieira.

Nos compostos de dous adjectivos, só o 2° varia : — *medico-cirurgicos*.

Em relação de subordinação ambos os termos tomam signal de plural : — *couves-flores* (subst. + subst.), *processos verbaes* (subst. + adj.).

Em relação de dependencia, só o termo principal póde ter plural: — *quartel-mestres*.

29.— São em pequeno numero os adjectivos compostos: formam-se de dous adjectivos ou de prefixo e adjectivo.

No 1º caso acham-se em relação de coordenação (*agro-doce*, *surdo-mudo*) ou de subordinação (*recem-nascido*). Temos mais os que exprimem côr, que são susceptiveis de flexão, excepto quando um delles determina o outro.

A' classe dos compostos de coordenação pertencem os nomes de numeroe cardeaes — *dezoito*, *vinte quatro*, etc.

29.— Nos verbos compostos o elemento determinante póde ser um substantivo ou um prefixo (*manter*, *manobrar*). A esta serie pertencem os verbos formados de um substantivo ou adjectivo e de *facere* ou *ficare*, hoje verdadeiros suffixos em todas as linguas romanas (*versi*ficar, *forti*ficar).

Si o determinante fôr um prefixo, a palavra principal é um verbo, um subst. ou um adj.: — re*por*; *em-pedrar* (comp. parasynthetico verbal).

Compostos com elementos gregos

30.— Alguns nomes já nos vieram compostos do grego (*acrobata*, de *acros* ponta, e *bainein* andar); *amphibio*, de *ampho* dupla e *bios* vida; *amphibologia*, *anagramma*, *acephalo*, *amphitheatro*, *cosmographia*, *cacophonia*, *apologia*, *architecto*, *dissyllabo*, *dyspepsia*, *astrologia*, *aristocracia*, *synonymo*, *synagoga*, *encephalo*, *metamorphose*, *epidemia*, *prolegomenos*, etc.; outros, e estes mais numerosos, formaram-se eruditamente, e não teem correspondentes no grego :— *typographia*, *agerasia*, *arcipreste*, *ecchymose*, *enostose*, *exophthalmia*, *anemia*, *anemoscopio*, *philologo*, *anthropologia*, *necroterio*, *tele-*

phone, *telegrapho*, *kilometro*, *parianiho*, *synantho*, *hypocarpo*, etc.

Nas sciencias é que mais abundam estes compostos, cujos elementos formadores podem ser particulas (prep. ou adverbios) e palavras.

Particulas

A, AN (ἀν, ἀ = l. in). Part. privativa; prefixo negativo :— *acephalo*, *acaule*, *atheo*, *aphonia*, *atrophia*, *anonymo*, etc.

AMPHI OU AMPHIS (ἀμφι = ambos, l. *ambi*) :— *amphibio*, *amphitheatro*; *amphisbena*, *amphiscios*.

ANA, AN (ἀνά, ἀν, equivale prefixo *re*) — Indica repetição, sign. de novo, sobre :— *analogia*, *anatomia*, *anabaptista*, *anachoreta*, *anachatartico*, *anagogia*, *anadema*, *anamorphose* (comp. port. — mudança de forma), etc.

ANTI (ἀντι = l. *ante*). Denota opposição, etc :— *antidoto*, *antipoda*, *antipathia*, *antithese*. Com adjectivos, fórma muitos parasyntheticos (*anti-febrifugo*, *antinacional*). etc.

APO (ἀπό = l. *ab*) — Indica posição superior, afastamento, origem :— *apologia*, *apocope*, *apostrophe*, *apoplexia*, *apophonia* etc.

ARCHI (ἄρχι — commando, primazia: é adv.) Indica superlatividade, preeminencia :— *archiduque, archanjo, architeto,...* (oligar*chia,* heptrar*chia, arcipreste*, *archipresbytero,* etc.

E' o unico prefixo grego empregado na formação de vocabulos populares.

CATA (κατά, contra, sobre, sob, por). Indica ordem — *catalogo ;* perturbação — *cataclysmo, catastrophe*. Entra na formação de muitos vocabulos eruditos :— *catachese, catacumba*, *cataracta, catalepsia, cataphonico,* etc.

Dia (δ ι ά — l. dis ; através, por entre ; por causa de): — *diametro, diaphano, diatribe, diagnostico, dialogo, diaphragma,* etc.

Dis (duplo) :— dissyllabo.

Dys, (δ ύ ς — pref. adv. pejorativo). Significa difficuldade, falta, um mal, máo — dyspesia (má digestão — *dus* difficilmente e *pepto* digerir) ; *dysorexia* (falta de appetite), *dysuria* (difficuldade em ourinar), *dyspnea, dysenteria, dyscrasia, dystalia,* (difficuldade no fallar — *dys* e *talein*).

Ec, ex (ἐ ἐ χ — l. *e, ex* ; — de, fóra de) :— *exodo, exogeno, exanthema, eclipse, ecloga, ecchymose* (effusão dos humores sob a pelle), etc.

En, em (ἐ ν — l. in.) Indica tendencia para dentro :— *encephalo, endogeno, enthymcma, emphase, embryão, endemica, enthusiasmo, enostose (en* e *octeon* osso), etc.

Epi — ep, eph (ἐ π ι). Sign. sobre, perto de.— *epitaphio, eptdemia, epigastro, epigraphe, epilogo, ephemero, epicraneo,* etc.

Endo (dentro) :— Comp. vern.— *endocephalo.*

Eu (adv. ε υ, bem) :— *euphonia, eucharistia, evangelho, euchromo,* (que tem bella côr), etc.

Exo (para fóra) :— *exoterico,*... *exophthalmia* (sahida do olho fóra da orbita), etc.

Hemi (ἥ μ ι σ υ, l. *semi*) : — *hemispherio, hemicrania, hemistichio, hemiplegia.*

Hyper (υ π ἐ ρ, l. super.) Indica superioridade, excesso ; sign. acima, além :— *hyperaspista, hypercritico, hyperbole, hyperthrophia,* etc.

Hypo, hyp (ὑ π ὀ ,lat. *sub*) :— *hypocrisia, hypocondrio, hypogastro, hypotheca,* etc. Denota ás vezes insufficiencia, — *hyposulphuroso.*

Mega (μ ἡ γ α, pref. qual.— grande) :— *megametro, megacephalo, megatherio.*

Meta, met. (μ ε χ ά, com, depois, ácima, entre, conforme a palavra que segue : sign. successão, mudança, transfor-

mação) :— *metamorphose, metaphora, metaphysica, methodo, metacarpo, metachronismo* (erro de data), etc.

PARA, PAR (παρα —ao lado de, perto de). Indica parallelismo, comparação, tendencia : *paralogismo, parodia, paroxismo, parallelo, parasita, paradigma, etc.*

PERI (περι — l. *per* ; em redor. Em composição sign. muitas vezes o mesmo que *circum*) : — *perimetro, periphrase, pericardio, pericraneo, peritoneo, perianthо* (*peri* e *antho* flôr, involucro da flôr), etc.

PRO (πρό — l. *pro, prae*) Indica anteposição : — *programma, problema, prognostico, prophylactico, prognathismo, prologo, protypographico* (anterior á typographia) etc.

PROS (πρός— perto de, para) Indica tendencia para um logar ou cousa : — *proselyto, prosodia, prosthese.*

SYN, *sym, syl, sy* (σύν, συμ, συλ, συ — l. *con*, port. *com*). Indica ajuntamento, simultaneidade : —*synagoga, sympathia, symphonia, symetria, syntaxe, synonymo, synchronismo, systema, syzygia, etc.*

b) Palavras

ACRO (extremo, cume) ; — *acrobata, acroterio, acrostico, acropole...*

ANTHROPO (homem) : — *antrhopophago, anthropologia, anthropomorphismo.*

ANEMO (verbo) : — *anemometro, anemóscopo.*

AUTO (por si mesmo) : — *autonomia, autocrata, autographo, autonomo, autobiographia.*

BARO (peso) : — *barometro, barymetria,* .

BIBLIO (livro) : — *bibliotheca, bibliomania, bibliophilo, bibliographo.*

BIO (vida) : — *biographia, biologia, biometro, etc.*

CACO (máo) : — *cacochymo, cacographia, cacophonia, cacologia.*

Cephalo (cabeça) :— *cephalalgia*, *cephaloide*, *cephalotomia.*

Chiro (mão) : — *chirographia*, *chiromancia*, *chirologia*, etc.

Chromo (côr) :— *chromolithographia*, *chromophoro*, etc.

Chrono (tempo) : — *chronica*, *chronologia*, *chronometro.*

Chryso, cryso (ouro) :— *chrysocalo*, *chrysocomo*, *chrysolitho*,... *chrisma*, *crysalide.*

Cosmo (mundo) :— *cosmogonia*, *cosmographia*, *cosmopolita*, *cosmorama*, etc.

Crypto (occulto) :— *cryptographia*, *cryptogamo*, etc.

Cyano, cyan (azul) :— *cyanhydrico*, *cyanogeno.*

Cyno (cão) :— *cynocephalo*, *cynegetica*, etc

Cyclo (circulo) :— *cyclolitho*, *cycloptero*, etc.

Cysto, cyst (bexiga) :— *cystocele*, *cystalgia*, etc.

Demo (povo) :— *democrata*, *democrito*, *demagogo.*

Deca (dez) — *decalogo*, *decagono*, etc.

Endo :— *endosmose*...

Electro (electricidade) : — *electro-dynamico*, *electronegativo*, *electrogeno*, *electroscopo.*

Entomo (insecto) :— *entomologia*, *entomozoario*, *entomophago.*

Etho (costumes) :— *ethnographia*, *ethologia*, *ethopéa.*

Exo :— *exosmose.*

Galacto (leite) :— *galactophoro*, etc.

Gastro, gastr (ventre, estomago) :— *gastralgia*, *gastronomo*, *gastro-enterite* etc.

Geo (terra) :— *geographia*, *geometria*, *geologia*, *geodesia*, etc.

Gymno (nu) :— *gymnospermia*, *gymnosophista*, etc.

Gyn, gyneco (mulher) :— *gynecocracia*, *gynandria.*

Heli, helio (sol) :— *heliographia*, *helioscopio*, *heliotropo*, etc.

HEMO, HEMA, HÉMATO (sangue) :— *hemorragia, hemoptysis*, *hematuria*, *hematocele, hemorrhoides*, etc.

HETERO (outro, diverso) :— *heterodoxo*, *heteroclito, heterogeneo*.

HIERO, HIER (sagrado) :— *hieroglypho, hierarchia*, etc.

HIPPO, HIPP (cavallo) :— *hippiatrica, hippodromo, hippogriffo, Hippolitho, hippopotamo*, etc.

HOMEO (egual) :— *homæopathia*.

HOMO (o mesmo, semelhante) :— *homogeneo, homologo*, *homonomo*, etc.

HYDRO, HYDR (agua) :— *hydrographia*, *hydromancia*, *hydromel, hydrocephalo, hydrogeneo, hydrotherapia, hydropesia*, etc.

HYGRO (humido):— *hygroscopo, hygrometro*, etc.

ICHTYO (peixe) :— *ichtyologia, ichtyophago*, etc.

ICONO (imagem):— *iconoclausta*, *iconolatra, iconographia*, etc.

IDEO (idéa) :— *ideographia*, *ideologia, ideogenia*.

IDIO (proprio, particular) :— *idiogyno*, *idiopathia, idiosyncracia*, etc.

ISO (egual) :— *isotherme*, *isocele*, etc.

LITHO (pedra) :— *lithographia, lithographo, lithotimia, lithotricia, lithologia*, ete.

MACRO (grande) :— *macrocephalo, macroscomo,* etc.

MICRO (pequeno) :— *microcephalo*, *microcosmo, microscopio*, *microsoario*, *micographia*, etc.

MESO, MES (que está no meio) :— *mesenterio*, *mesocarpo, Mesopotamia*, etc.

METRO (medida) :— *metrologia, metronomo*.

MISO, MIS (que odeia) :— *misanthropo*, *misogamo*, *misogeneo*.

MYTHO (fabula) :— *mythologia*, *mythologo*, etc.

MONO (um) :— *monomania, monomio, monopolio, monorima*, etc.

MORPHE (forma) :— *morphologia*.

NEO (novo) :— *neophyto*, *neologia*, *neographo*, *neomenia*, etc.

NEVRO (nervo) :— *nevralgia, nevroptero, nevrosthenico, nevrotomia*, etc.

NOSO (doença) :— *nosographia, nosologia*, *nosogenia*, etc.

NYCTO (de noute) :— *nyctobato*, *nyctographia*.

ODONTO (dente) :— *odontalgia*, *odontologia, odontoide*, etc.

ONOMA (nome) :— *onomastico, onomatopéa, onomancia*.

OPHI, OPHIO (serpente) :— *ophidico, ophiolitho*, etc.

OPTHALMO (olho) :— *ophtalmia, ophtalmotomia, ophtalmoscopio*, etc.

ORNITHO (passaro):— *ornithologia*, *ornithomancia*, etc.

ORTHO (recto, certo) :— *orthographia*, *orthophonia*, *orthodoxo, orthopedia*, etc.

ORYCTO (fossil):— *oryctotechnia*, *oryctologia*, etc.

OSTEO (osso) : — *osteologia*, *osteoscopo*, *osteotomia*, etc.

OXY (acido-chimica ; agudo — hist. nat.) : — oxygeneo, *oxymetria*, *oxyphonia*.

PALEO, PALEONTO (antigo):— *paleontologia*, *paleographia*, *paleozoologia*, etc.

PAN PANTO (tudo) : — *panorama*, *pantheismo*, *pantometro*, *pantomima*, etc.

PENTA (cinco) : — *pentametro*, *pentagono*, etc.

PATHOS (molestia) — *pathologia*.

PHILO, PHIL (amante) : — *philologia*, *philanthropo*, *philosophia*, *philomatico*, etc.

PHLEBO (veia) : — *phlebotomia*, *phleborragia*, etc.

PHONO (voz) : — *phonologia*, *phonographia*, *phonometro*, *phonação*, *phonema*, etc.

PHOTO (luz) : — *photographia*, *photometro*, *photobia*, etc.

PHOS (id) : — *phosphoro*, etc.

Podo (pé) — *podoptero*, *podagro*, etc.

Physio (natureza): — *physiologia*, *physionomia*, etc.

Poly (muito): — *polysyllabo*, *polytheama*, *polyclinica*, etc.

Pseudo (mentira, engano): — *pseudonymo*, *pseudopropheta*, etc.

Psycho (alma): — *psychologia*, *psychico*, *psychiatria*, *psychognosia*, etc.

Psychro (frescura): — *psychrometro*.

Pyro (fogo): — *pyrometro*, *pyrophoro*, *pyrotechnia*, etc.

Proto (primeiro, principal): — *prototypo*, *protonauta*, etc.

Phren (cerebro): — *phrenologia*, *phrenetico*, *phrenesi*, *phrenitis*.

Rhino (nariz): — *rhinalgia*, *rhinoplastia*, *rhinoceronte*.

Semeion (doença): — *semeiologia*, *semeiotica*.

Stereo (solido): — *stereoscopio*, *stereometria*, etc.

Strato (exercito): — estrategia, estratagema, *estratocracia*, etc.

Tele (longe): — *telegramma*, *telephone*, *telegrapho*, *telescopio*, etc.

Tetra (quatro): — *tetraedro*, *tetrarchia*.

Thera (cura): — *therapeutica*.

Theo (Deus): — *theocracia*, *theodicéa*, *theologia*, *Theophilo*, *Theocrito*, etc.

Thermo (calor): — *thermometro*, *thermal*.

Topo (logar): — *topographia*, *topologico*, etc.

Typo (modelo): — *typographia*, *typomania*, etc.

Zoo (animal): — *zoologia*, *zoophyto*, *zoographia*, etc.

Os nomes de numeros gregos entram em composição de muitos vocabulos: — *mono*, *dis*, *tri*, *tetra*, *penta*, *hex*, *hepta*, *octo*, *ennéa*, *deca* (10), *endeca* (11), *dodeca* (12), *icos* (120), *herato* (100), *kilo* (1.000), *myria* (10.000), *poly* — muitos, *hemi* — meio, *proto* — primeiro, *deuto deutero* — segundo, *trito* — terceiro.

31. — Desde os primeiros tempos da lingua (Sec. XII e XIII) que apparecem compostos vernaculos: — *nenguno, sobrecabadura* (F. do Cast. Rod. 2. IX), *semrazom, out'romem, mal'soffredor, desamor, desaqui* (Canc. Vat.), *grand'algo ric'omem, euventurado,....* e grande numero de toponymicos e antonomasticos (*Vyl — Henrique, Valongo, Jograr Sacco, corpo — delgado, etc.* C. Vat.)

32. — Mais tarde, e principalmente depois do Sec. XVI, apresenta-se uma nova corrente de compostos vernaculos de formação erudita. *Ebri-festante, auriluzentes, ambri-odoro, fumi-flavi-ruivas, monarchi-grapho, doce-ambri-fogo — andeante, omni — côres, eterno — mancos, ar — delicias,* [1] *longe — vibrador, flucti — sonantes, amplo — reinante, olhi — cerulea, othigazea, flaxipedes, celeripede,* [2] *auri — thronada — Juno ...* [3]

---

[1] Fil. Elysio — V. 14, 17, 34, 60, 86; VII — 105, etc.

[2] Od. Mendes *Il.* 11, 12, 14, 16, 25, 37, 120, 132....

[3] Mac. *Or.* Escreveu um critico (Castilho) que se a deusa estivesse sentada em uma cadeira de palha ou empalhada, devia-se pois dizer — *palhinha — encadeirada — Juno.*

DECIMA OITAVA LIÇÃO

Formação das palavras em geral.—Derivação propria e impropria.—Estudo dos suffixos.

1.— Dá-se o nome de *derivação* aos processos formadores de palavras pelo accrescentamento de um *suffixo* a um vocabulo primitivo (i. e. ao thema como signal de categoria grammatical) ou pela modificação de sentido. O 1° processo chama-se derivação *propria*; o 2° *impropria*.

Agua é pois palavra *primitiva*; *aguadeiro*, *aguaceiro*, *aguador*, *aguar*, são derivados.

Os suffixos são de formação popular ou de origem erudita. Só os primeiros entram na derivação propriamente portugueza; mas alguns de origem classica são hoje de uso vulgar, e estão, por assim dizer, nacionalisados, e com força creadora (*escriptur*ario, *instrumental*al, *abolicion*ista, etc.)

Alguns teem dupla fórma, uma popular e outra erudita, muitas vezes com significação tambem dupla :— *just*iça *just*eza, *ra*ção *ra*zão, *prim*ario *prim*eiro. A fórma popular é geralmente a mais antiga.

O sentido proprio de cada um dos suffixos portuguezes revela-se em todos os derivados para cuja formação elle concorre; mas, em geral, o *derivado* tem sentido mais restricto que o *primitivo*. Equivale a um

substantivo adjectivado (*homenzarrão* = homem grande) ou a um verbo e seu complemento (*estudar* = fazer estudo).

O mesmo suffixo póde ter varias significações. Ex. — *livr*eiro, *tint*eiro, *prim*eiro, *limo*eiro.

Temos muitos derivados cujos primitivos nunca fizeram parte do nosso lexico ; outros cujos primitivos são palavras portuguezas já archaisadas ou modificadas na fórma :— *in*cluir, *trans*gredir, *r*epertorio,..... *repinicar*, *piverada*.

A's vezes, entre o radical e o suffixo das palavras derivadas, intercala-se uma consoante euphonica :— *chovisco*, *florsinha*, *cafeteira*, ou uma syllaba que equivale a um suffixo :— *cabell*eir*eiro*.

2.— Estudemos agora a FORMAÇÃO NOMINAL, que póde ser *propria* ou *impropria*.

a) *Derivação impropria*.

3.— A derivação *impropria* fórma substantivos — de nomes, verbos, e de palavras invariaveis.

1.º— De *nomes proprios*, que pela mudança de sentido, por uma acção psychologica, tornam-se communs :— *macadam*, *musselina*, *cognac*, *magnolia* (de Magnol, botanico do XVIII), *camelia* (Camel, introductor da flôr japoneza na Europa em 1732), *nicotina* (Nicot, physico francez que introduziu o tabaco na Europa), *panico* (de Pan), *sardonico*, [1] *saturnino*, *caipora*, *tartufo*, *quassia* (nome de um negro feiticeiro de Surivem, que em 1730 descobriu as propriedade da planta), etc... [2]

---

[1] Riso causado por uma planta da ilha de Sardenha, que occasionava morte convulcionada pelo riso aos que a comiam.

[2] Vide Lição 22ª e 6.ª

2.º— De *adjectivos* — Consiste em designar um ente ou objecto pela qualidade que mais attrahe a attenção : — *dormente, jornal*.

Este processo já era vulgar no latim.

O adjectivo póde tambem empregar-se substantivadamente : — *um louco, um pobre.*

3.º— De *verbos* — Podemos derivar o substantivo directamente do thema verbal *(subst. verbaes)* ou de uma das fórmas nominaes.

a) Da 1ª pessoa sing. do Ind. pres. (principalmente dos verbos da 1ª conj.) *amanho, esgoto, appelo, amparo,*.... á imitação do latim da decadencia *(proba* de *probare, lucta* de *luctare)*.

b) Do *Imperativo :* — *combate, degola, esfrega, receita, purga, janta.*

c) Do *participio presente*. Deram adjectivos que depois se tornaram substantivos : — *escrevente, amante, constituinte, tratante.*

Temos muitas palavras em *ante, ente,* sem part. pres. correspondentes no portuguez :— *ambulante, benevolente, petulante, elegante.* Importação directa.

d) Do *participio passado*. — Esta formação foi muito productiva : hoje porém vai-se esterilisando : — *feito, traslado, tratado, producto, reducto, entrada, sahida, vista, visto, escripta, escripto, certificado, rugido, tecido, gemido*, etc.

e) Do *Infinito*. — E' do Sec. XVI este emprego do infinito, que toma flexão do plural quando, em vez de denotar uma acção *(o descambar, o cantar)*, representa um ser ou substancia *(os seres da creação, os meus haveres* ou *teres, os cantares do povo, os jantares,* etc...

4.— Não é indifferente o emprego das duas fórmas (invariavel e variavel). A 1ª indica uma acção *dilatada, reiterada*. Cp. o *cahir das folhas* e a *queda das folhas*, o

troar do canhão e o *trom do canhão,* o *declinar do dia* e o *declinio do dia,* etc.

De resto, o infinito é uma verdadeira fórma nominal.

Esta propriedade de nossa lingua, era-o tambem da lingua mãl, que empregava o infinito dos verbos como sujeito e como complemento directo, quer na época archaica (principalmente entre os comicos), quer na prosa dos seculos anteriores :— *obliti sunt Romai loquier lingua latina ; Hic vereri perdidit ; ipsum cremare non fui veteris instituti* (Pl.) ; *scire tuum* (Prisc.) ; *carere igitur hoc significat egere eo quod habere velis* (Cic.) E tambem depois de *cavere, cogitare, adornare, pergere, portulare,* etc. A lingua classica fez menos emprego dessa derivação, que todavia foi muito frequente com Ovidio, Horacio, Sallustio, etc.

5.— Muitas vezes o verbo desappareceu, restando só para lembrança o infinito ou participio, mas na categoria do substantivos ;— *porvir*, *lente*.

b) *Derivação propria*

6.— Grande parte dos varios vocabulos derivados já nos vieram formados do latim ; em compensação o portuguez formou muitos novos tomando do latim apenas os elementos de formação.

7.— Ha tres cousas a considerar na classificação dos suffixos nominaes — a *forma* de derivação (verbal ou nominal) ; a *natureza* ou *emprego* (substantivo, adjectivo, collectivos, nomes concretos ou abstractos, etc.); o *sentido*, porque os suffixos, como as palavras, teem a sua historia.

1.º— As mudanças de fórma são devidas á analogia. *Itia* é *ez eza*, *fortaleza fortalitia*, *negro* dá *enegrecer* (intercalação de consoante entre o radical e o suffixo), de *cabello* forma-se *cabelleireiro* (intercalação de uma syllaba suffixo).

2.º Alguns suffixos suppoem certas categorias de palavras. Assim, *ada* supõe thema verbal :— *amar*, *calçar*, — *amada*, *calçada*. Com o correr do tempo, porém, quando já

na lingua existem muitas palavras formadas com o mesmo suffixo, e a lei já está esquecida por todos, formam-se derivados directamente analogos sem mais se indagar da fórma thematica que lhes corresponde. E accresce que muitos suffixos teem varios empregos: *inchaço* tem por base um verbo; *poetaço*, um substantivo.

3.º— A's vezes o suffixo muda de sentido. *Alia* denota uma reunião de pessoas ou cousas, e hoje mais tem sentido pejorativo: — *gentalha*, *canalha*.

a) *Substantivos derivados de substantivos*

8.— São numerosos os suffixos portuguezes desta categoria, uns derivados do latim, outros do proprio genio da lingua, e servem para formar nomes concretos e abstractos.

Aça.— Indica quantidade :— *fumaça*, *vidraça, vinhaça.*

Aço (— do acc. *acem* dos nomes em *ax*).— Denota augmento :— *cartapaço, espinhaço*, *estilhaço*. A's vezes com sentido pejorativo.— *poetaço, senhoraço*.

Aceo *(accus.)*— Este suffixo foi adoptado em botanica, no feminino, para a designação das flores.

Ada *(*l. *actus, a, m.)*— Indica : 1º, grandeza, numero, extensão, golpe, acção — *cumiada, fachada*, *pedrada, cabeçada, facada ;* 2º, reunião, collecção de objectos da mesma especie — *arcada, rapaziada, barricada, carneirada ;* 3º, tempo — *alvorada*, *noitada ;* 4º, productos do primitivo, derivados de fructos — *marmellada*, *goiabada, limonada*.

Encontra-se em alguns nomes derivados do grego : *myriada* (numero de dez mil), *Iliada* (poema sobre o *Illion*), e por imitação *Henriada*, *Luziadas*, *Messiada*.

Ade (accus. l. *atem* dos nomes do 3ª dec. lat. em *as*) :— *irmandade, animalidade*, *mortandade*...

Ado, ato *(*l. *atus.)*— Indicam cargo, dignidade, profissão. O 1º é de origem popular :— *reinado, bispado,*

consulado...; o 2° de origem classica :— *generalato, bachalerato, baronato,* ant. *baroado.*

Cp. *baronato baronia.*

AGEM (l. *aticum, at'cum.)* — Indica : 1°, collecção de objectos da mesma especie — *folhagem, plumagem ;* 2°, estado — *aprendizagem ;* 3°, resultado de uma acção — *ancoragem, lavagem.* [1]

Estes nomes, em numero de 300 pouco mais ou menos, são pela maior parte novos e sem correspondentes em latim.

AL (l. *alis. elis.)* —Indica extensão, quantidade, ou objecto material que tem o mesmo sentido expresso pelo thema nominal : — *colmeal, areal, lamaçal, dedal, memorial, pombal ;* e quasi todos os nomes de plantações — *cafesal, inhamal, capinsal, faval.*

ALHA (l. *alia)* :— *muralha, parelha.* Tem tambem sentido collectivo, e ás vezes pejorativo :— *gentalha, canalha.*

AME, UME (Pop.— l. *ame*) — Indica numero, collecção, intensidade — *velame, cordame, correame, queixume.*

ANHA — (l. *anea*) — Só entra na formação de alguns nomes femininos com significação concreta — *montanha.*

AÕ (lat. *onem, anum,* nom. *anus,* etc.) Indica — além de maior intensidade e superlatividade — (pg. 181); agente, profissão subalterna — *centurião, histrião, cirurgião* (antigamente de categoria inferior ao medico), *ladrão.*

Esta derivação, pela etymologia, abrange a fórma em — *ano* :— *africano, romano* (origem) : *dominicano, republicano* (seita, profissão), *parochiano, lutherano.*

ARIA (*arius, a, um*). Indica 1°) collecção de objectos, quantidade :— *livraria, vozeria, gritaria, esca-*

---

[1] A acção está expressa na √ *ag.*— Lê-se nos Ined. d'Alcob. Tomo 2°, pag. 7 :— « E posse Adam a sua mulher nome e disse : esta será chamada *Virago,* que quer dizer feita de barom.»

daria; 2°) officina, domicilio, estado:— *confeitaria*, *drogaria*, *chapelaria*; *hospedaria*, *albergaria*, *celibatario*; 3°) acção — *ventaneira*, *choradeira*.

Ario, eiro (*arius*, *aris*, *erium*).— Ambos indicam individuo que exerce certa profissão:— *estatuario*, *boticario*, *lapidario*, *carpinteiro*, *porteiro*, *cosinheiro*.[1] A 1ª desinencia, de fórma erudita, indica profissão mais elevada que o suffixo eiro.[2] Este, de fórma popular, indica — 1°) nomes de arvores e plantas:— *limoeiro*, *mamoneiro*, *cerejeira*[3]); 3°) intensidade, extensão:— *aguaceiro*, *luzeiro*; logar onde se guardam certos objectos (expressos pelo radical):— *celleiro*, *gallinheiro*, *tinteiro*, idéa esta tambem indicada pelo suffixo *ario* (de *arium*): — *armario*, *herbario*, *erario*.

Os antigos, assim como diziam, transpondo as lettras,—: *contrairo*, *adversairo*, tambem diziam, menos se afastando do typo latino:— *porcairo* (porqueiro), *caprairo* (cabreiro), *caldario* (caldeiro) etc.

Este suffixo é muito productivo:— O erudito *ario* tomou tal extensão na linguagem vulgar, que fórma palavras com radicaes partuguezes:— *annuario*, *horario*, *inventario*.

Oppõe-se a *ante*:— *mandante mandatario*; a *al* — *original originario*; a *oso* — *tumultuario tumultuoso*.

Asio (azio).— Significa extensão, augmento:— *balasio*, *copasio*.

Az.— Indica augmento, intensidade:— *cartaz*, *montaraz*, *Satanaz*. Tem ás vezes sentido pejorativo:— *dançaraz*, *machacaz*.

---

1) Individuos que fazem, produzem, fabricam, os objectos indicados pelo radical.

2) Cumpre advertir ha certa differença na significação das desinencias — ario, eiro, or, ado, comquanto todos indiquem *cargo*, *prefissão* — Ario denota posição inferior, eiro ainda mais inferior; or e ado. ato alta dignidade, posição elevada, etc.

3) Isto é — productores de tal e tal fructo.

Origina-se da *accus.* ou do augmentativo latino, nominativo em *ax*. Cp. *ladroaz, ladravaz, ladroasso*; e as antigas fórmas :— *cartax, pertinax, fallax*, etc.

Bulo, culo, bro, cro — Dos suffixos latinos — *bulum, culum* (arch. *clum*) As 1as fórmas são de origem erudita. Ex.: — *thuribulo, patibulo, vocabulo, cenaculo, candelabro, sepulcro*.

O de origem popular tem a fórma agre :— *milagre* (miraculum).

Estes suffixos exprimem acção, instrumento, e já no latim *clum, culum*, transformavam-se em *crum* quando eram precedidos de um *l* (simulacrum), e *bulum* em *brum* (candelabrum) etc.

Cida (lat. *cida* — matador) :— *homicida, regicida, parricida* etc.

Cola (lat. *cola*) :— Indiea profissão agraria :— *agricola, vinicola*, ; habitação :— *arvicola, monticola, incola*.

Eço,-a, iço,-a, oço,-a.— São variações do suffixo *aço*, e correspondentes ás desinencias latinas — *ex.,-ix,-ox*. Indica augmento, muitas vezes com sentido pejorativo; movimento : — *cabeço, alvoroço*.

Dade (accus. *atem*, nom. em *tas*) :— *autoridade, maternidade, irmandade, sociedade*. (V. ade).

Eiro — V. *ario*.

Eira — Corrupção de *aria*. Indica extensão, collecção, arvoredos, plantas, etc.: *sementeira, parreira, bananeira*.

No sec. XIV havia um substantivo em *eira*, sem correspondente no masc., cujo suffixo indica *officio* (*hervoeira* — mulher dissoluta, donde a expressão vulgar — *filho das hervas*, p. filho de meretriz, sem pai conhecido).

Edo (l. *etum*) — Denota collecção, producção, grandeza ; e junto dos radicaes dos nomes de vegetaes fórma substantivos indicando trato de terra plantado da especie de arvores designada pelo radical (=*al, eiro*) :— *arvoredo, penedo, olivedo, vinhedo*.

Ez, eza, isa, essa (l. *issa itia*). — Os tres ultimos formam sómente o fem. de subst.: — *princeza*, *poetisa*, *abbadessa*. Indica posição, cargo e a origem, habitação (*burguez*, *francez*). A fórma *ez* é muito empregada para alguns nomes de povos — *Carthaginez*, *Inglez*, *Portuguez*... e ainda de habitantes de certas cidades francezas — *Marselhez*, *Bolonhez*.

Ia — Indica: 1°, acção propria do individuo indicado pelo radical: — *rapazia*; 2°, cargo e o logar em que é exercido — *abbadia*, *recebedoria*, *thesouraria*.

Io — Indica collecção: — *mulherio*, *rapazio*; estado, qua lidade — *poderio*. *sombrio*.

Ico — Ind. origem, seita, communidade, profissão: — *musico*, *estoico*.

Ina (l. *ina*). Indica officio, profissão, logar onde elles são exercidos, habitação: — *medicina*, *disciplina*, *officina*.

A fórma masc. *ino* deu, modificando-se em *inho*, o subst. *capuchinho*.

Ista (l. *ista*, gr. *istes*). — Indica emprego, occupação — *oculista*, *dentista*, *sacrista*, *copista*, *jornalista*. E' esta a terminação dos nomes de pessoas que tocam um instrumento, excepto aquelles que derivam por mudança de sentido, por metaphora (um *piston*, um *tambor*): — *flautista*, *pianista*. Hoje é de grande emprego, e entra tambem na formação dos nomes que exprimem os partidaríos de um systema, escola, seita ou idéa — *abolicionista*, *socialista*, *nihilista*.

Ismo (l. *ismus*, gr. *ismos* de *ismê*, espirito) — Indica. 1°, religião, crença, seita, doutrina e tambem se junta a adjectivos) — *christianismo*, *islamismo*, *sebastianismo*, *socialismo*, *positivismo*, *machiavelismo*, *altruismo* (p. analogia com *egoismo*) — 2°, qualidade — *brilhantismo*, *purismo*: — 3°, palavra, locução peculiar a uma lingua ou cidade — *gallicismo*, *hellenismo*, *solecismo*. Fórma pois nomes

abstractos correspondentes aos adjectivos em *ista*, *ico*, — *socialista purista fanatico* (fanatismo), *patriotico*, etc. Oppõe-se a *ade*, *christianismo christandade*, *espiritualismo espiritualidade*; a *ancia* — *ignorantismo ignorancia*.

ORIO: (pop.) — Indica extensão, augmento: — *territorio*, *promontorio*, *directorio*.....; logar onde se faz a acção *cartorio*, *escriptorio*, *refeitorio*.

Sentido pejor. — *chapelorio*, *camelorio*.[1]

c) Substantivos derivados de adjectivos.

9. — Formam-se accrescentando aos adjectivos os suffixos — *aço ado ao cia dade dico ença ena encia* (ancia) *ez* (eza), *ice ismo ura*, etc.

ADA — Indica acção desairosa, baixa: — *bregeirada*, *velhacada*, *tratantada*.

ÃO (l. *one*) — Ind. qualidade, estado: — *perfeição*, *mansidão*, *gratidão*.

CIA, IA (itia, ia). — Indica qualidade, tendencia: — *audacia*, *constancia*, *prudencia*, *perfidia*.

DADE (*atem* accus. dos nomes lat. da 3ª decl. lat. em *tas*) Indica qualidade: — forma geralmente nomes abstractos: — *bondade*, *felicidade*, *crueldade*.... e muitos outros analogicamente.

Saudade = ant. *so*-i-dade (soledade) sólidão. A intercalação do *i* já era frequente no lat. — *bonitatem*, etc.

Estes derivados são muito vulgares no portuguez, e talvez em numero passante de 500.

Oppõe-se a *ão* — *soledade solidão*, *mansidade mansidão* (G. Vic.), *variedade variação*.... e no Sec. XVI a *eira* — *ceguidade cegueira* (*ceguice*).

[1] Aqui, porém, o thema deve ser considerado adjectivo, isto é, *camelo* é empregado no sentido de *estupido*.

Aria. — Indica acção, effeito, proprio do individuo, idéa expressa pelo radical; o estado do que exerce estas funcções, etc...: — *enfermaria, velhacaria....*

Ena — De nomes de numeros: — *novena, quarentena.*

Ença. — Significa — qualidade, estado: — *doença, convalescença.*

Encia (l. *entia*). — Denota qualidade: — *prudencia.*

Ez, eza (l. *itia*). — Indica qualidade, estado; forma nomes abstractos: — *rapidez, fortaleza, surdez, larguexa.*

Oppunha-se no Sec. XV a *ura, dade:* — *brandeza* p. brandura, *farteza* p. fartura, *viuvidade* p. *viuvez, nuidade* p. nudez,.... E ainda temos exemplos dessa confusão em *clareza claridade, torpeza torpidade, tristeza tristura*, etc.

Ia (lat. *ia* atono). — Significa o mesmo que *esa:* — *perfidia, monotonia, cortezia.*

Iça Icia (f. pop. accessoria); do lat. *itia*: — *justiça, preguiça, malicia.*

Ice (l. *itie*) — Indica estado: — *patetice, velhice, calvice.*

Ismo — v. — subst. de subst.

Mento (l. *mentum*). — Indica estado, acção: — *contentamento, atrevimento.*

Monia (l. *monia*). — Indica acção: — *acrimonia, parcimonia.* Só entra na formação de palavras classicas.

Orio. — Tem sentido pejorativo — *finorio, simplorio.*

Tude (lat. *tutem* der. de *tus tutis*). — Indica estado qualidade: — *juventude solicitude.*

Ura (l. *ura*, atura). Idem: — *amargura, formosura, loucura.*

Oppõe-se a or — *amargor amargura.*

Os substantivos derivados de adjectivos são do genero feminino, como em latim. Exceptuam-se os em — *ismo, mento, orio.*

c) *Substantivos derivados dos verbos.*

10. Destes substantivos, alguns indicam a acção expressa pelo verbo *(ada, ança, ão*, *ção*, (são) *ivo, ela, en)*; outros, o resultado dessa acção *(aço, ado, ire*,*mento, ura)*; o agente da acção *(or dor*, *tor*, *sor)*; o logar em que se passa a acção *(eiro, io, ouro*, etc.); a significação do substantivo no superlativo *(az)*.

Aço (effeito):—*cansaço, andaço.*

Ação. lat. *ionem*, nominativo *io* (t-io) (acção). Fórma-se geralmente com verbos da 1ª conj.:—*ligação, publicação, encadernação.*

A maior parte destes derivados compõe-se de nomes abstractos; muitos delles—de acção—, tiveram por base o part. passado latino—*effusão intuição.*

Agem. Indica acção ou resultado da acção:—*lavagem.*

Alho—Exprime cousa masc. que serve de instrumento:—*espantalho.*

Ança, ença, ancia, encia (l. *antia entia)*. Indica acção, estado de acção:—fórma geralmente nomes abstractos correspondentes aos adjectivos em *ante*, *ente, inte*:—*esperança lembrança*, *mudança; crença detença; resistencia concurrencia; observancia vigilancia.*

Ença encia são as fórmas populares; mas temos não obstante muitos vocabulos de derivação classica com este suffixo:—*exigencia, urgencia, adherencia.*

Muitos dos nossos nomes derivados em *ança* não teem correspondentes em latim.

Ante—Suffixo do part. pres. Indica acção; profissão:—*marchante. negociante, purgante.*

Ão ção *(são)*. Do latim *ionem tionem* c-*ionem* s-*ionem)*. Indica acção:—*rasgão, canonisação, pronunciação, abolição.*

Anda. Fórma nomes fem. dos part. futuros latinos:—*propaganda*. Except. *multiplicando.*

Eiro ouro (oiro), ório. — Do latim *arium, erium*; *orium* (t-orium, t-sorium, etc.) Indicam : 1º, o logar onde se faz a acção :— *atoleiro resvaleiro ; matadouro ancoradouro ; lavatorio, dormitorio, oratorio,* etc.; 2º, o suff. *orio* significa mais o instrumento com que se faz a acção : — *vomitorio, seringatorio ;* 3º, *eiro* indica outrosim o agente :— *lavadeiro, cosinheiro ;* 4º, *ouro* indica ainda *estado : — casadouro.*

O *a* e o *t* são consoantes de intercalação frequente nestes derivados, como já acontecia no latim.

Os formados do supino são, em regra, masculinos — *directorio, dormitorio....* Except. — *escapatoria...*

Ouro corresponde a *ijo — escondedouro esconderijo.*

Enda — fórma, bem como anda, alguns nomes femininos de part. futuros latinos :— *offerenda...* Except. *dividendo.*

Eira — Indica acção :— *choradeira, dormideira.*

Ela (ella). do l. *ela* ; indica resultado de uma acção: — *tut*ela, *machucad*ela, *apalpad*ela. Nos derivados populares nota-se a intercalação do *d*.

Ia (*cia*, etc., com os verbos da 2ª e 3ª conj.; vide encia) do latim *aria* contrahido. Indica acção, resultado :— *berraria, gritaria.*

Ivo (t-ivo) (l. *ivus*). — Exprime acção, resultado da acção :— *paliativo, recitativo.*

Ido (l. *itus*). — Exprime o resultado da acção :— *rugido, ganido, tecido.* Formam-se todos de verbos da 3ª conj. (part. pass.)

Io (l. *ium*). Indica acção, logar onde ella se exerce. — *imperio, pousio, vaticinio.*

Ente — Indica acção, resultado, logar onde, agente. Suffixo part., derivado do part. act. lat. em — *ens*, — *entis (entem)* ; e por motivo desta derivação a palavra a que se ajunta este suffixo tem sentido de estar, existir : — *ausente* (absentem), *servente* (serventem), *precedente, semente....*

A maior parte dos verbos radicaes destes nomes, todos de origem latina, não existe em portuguez.

Iz — Só temos um exemplo em que corresponde a — *mento: chamariz* (pop. port.)

Men, me. — Este suffixo só apparece em palavras classicas de origem latina, taes como — *exame*, *certamen*, *regimen, specimen.*

Mento (l. *mentum,* de *minere).* Significa acção, resultado: — *testamento*, *ornamento*.... *cumprimento, fallecimento, enchimento*, *aborrecimento,* etc.

Muitos já nos foram transmittidos pelo latim: — *documento* (de *docere*, instruir ensinar), *alimento* (*alimentum*, de *alere,* alimentar), *fragmento* (*fragmentum*, de *frangere,* quebrar)....

Forma-se pois como em latim, do presente do Indicativo *(Testmento, documento)*, ou do supino (*detrimento, fragmento).*
No 1º caso indica o resultado; no 2º acção.

Oppõe-se a *ção:* — *fundamento fundação, fragmento fracção*, *sentimento sensação*, *criamento criação*,.... *ança*: — *ensinamento ensinança*, etc.

Or (d-*or*, t-*or*, s-*or)*, do lat. — *or* (t-*or*, s-*or)*. Indica: 1º, agente — *abridor, leitor, imperador, contador;* 2º, logar onde: — *jazedores*[1]. Uns representam typo latinos (leitor, *injector, abactor),* outros são de derivação portugueza etc. *(contador, fumador...)*

Cp. — *leitor ledor, escriptor escripturario, fumador fumante, tabaqueador tabaquista*, etc.

Orio (t-orio) — V. *Eiro*.

Ura (t-*ura*, d-*ura*). Do latim *ura* (t-*ura*, s-*ura).* — Exprime o resultado, o effeito, o estado — *queimadura, quebradura, captura, sepultura, pintura*, etc.

---

[1] Na Sec. XIII dava-se está denominação aos que eram sepultados no cemiterio de S. João de Tarouca.

A maior parte destes derivados são portuguezes formados pelo typo latino :— *molhadura, cosedura, descompostura,*....

Oppõe-se a *mento* — *ligadura ligamento, quebradura quebramento ; acção — fractura fracção, creatura creação.*

11.— As desinencias indicadoras de collecção, além das que já ficaram apontadas (*ado, ade, edo, io, agem, al, ario, eiro, mento, orio, ura*), são — *alho, -a, ilha, ulho, ame, ama, ume, enta, ura.*

Temos, porém, muitos nomes collectivos simples :— *bando, mó, chusma, povo, récua, recova,*...

Estudemos os suffixos de que ainda não tratámos.

Alho,- a (ilha ulho).— Tiram origem : *alho,- a,* não da desinencia latina — *alo,- is* — como geralmente se tem escripto, mas de *aculus,- a,-um*, sem mais significação diminutiva ; e do suffixo lat.— *alia* ; *ilha*, do suffi.— *ilia*; *ulho*, de *uculum* ;— *cascalho, serralho* ; *caniçalha, canalha* ; *matilha, camarilha* ; *pedregulho*. São quasi todos de derivação portugueza.

Ame, ama ume (de *amen*, multidão) :— *barrilame, cartuchame, massame, vasilhame*, etc.— Os Romanos tambem derivaram — *examen, certamen, velamen*....

As fórmas — *ama, ume*, são corrupções de *ame* :— *mourama, cardume.*

Ena.— Forma-se com certos nomes de numeros :— *centena, trezena, dezena.*

Enta (l. *entum*) :— *ferramenta.*

b) *Suffixos augmentativos e diminutivos*

12.— Vide Lição 14ª pags. 181 - 187. [1])

[1]) ADVERTENCIA.— Por um erro indesculpavel de paginação, mas que salta immediatamente aos olhos, os suffixos diminutivos de *elho* (pg. 182) a *im* (pg. 183) figuram entre os augmentativos.

13.— Ao que dissemos na Lição 14ª nada mais temos a accrescentar senão que muitos nomes femininos formam o augmentativo em *ão* (p. *ona*, *ã*). passando consequentemente para o genero masculino — *portão*, *mulherão*.

Havia nos Sec. XV XVI as desinencias *ego*, *igo*, que, parece, correspondiam ás actuaes — *agem*, *ia* :

Fumádego — fumagem, pensão paga por fogo ao senhorio.

Terradigo terradego — quantia que o foreiro pagava de laudemio ao direito senhorio para poder alienar o predio, etc.

Portadigo — portagem.

Mordomadigo—mordomia.

Hospedarigo — hospedagem.

Ainda temos amostra desta derivação em *realengo* (ant. *realego*), *avoengo*, *terras reguengas*, etc.

II. Formação de adjectivos

14.— O portuguez fórma adjectivos tambem pelo processo de derivação, com themas nominaes e verbaes : — *pedregoso*, *negral*, *enganador* :

a) *Adjectivos derivados de substantivos*

15.— São principaes suffixos, além de alguns já estudados:

Al, el, il, (lat. *alis, elis, ilis*..) — Significa — que se prende ou refere a, da mesma natureza que :— Estes adjectivos não nos indicam a cousa em si ; apenas a determinam :— *meridional* (logar), *imperial* (classe), *occasional* (tempo), etc.

Al é muito productivo, e sobem a cêrca de 300 os adjectivos de base nominal formados com esse suffixo.

As outras duas fórmas mais se apresentam em adjectivos importados directamente do latim, ou formados eruditamente de themas latinos :— *cruel* (crudelis), *fiel* (fidelis), *hostil* (de *hos hostis* inimigo), *viril* (de vir, homem), *pueril* (de *puer*, menino), *senil* (de senex, velho), etc..... *febril, carril*.

Alguns adjectivos em *al* são hoje substantivos :— *natal*, *rival*, *jornal*.

ACEO (l. *aceus)* — Indica semelhança : —*rosaceo, gallinaceo.*

ADO (l. atus). — Indica posse : — *estrellado, alado.*

ANO ÃO (l. anus) — Indica origem, seita, profissão: — *transmontano*, *Pernambucano ; dominicano, christão, christiano.*

AR (l. *aris arius)* : — Denota estado, qualidade : — *patibular, familiar.*

ARIO EIRO (l. *arius*) — Indica profissão, estado, qualidade — *imaginario, solitario, embusteiro, interesseiro, solteiro.* Nas palavras de fundo popular mais predomina a segunda fórma.

ATICO (l. *aticus*)—Só apparece em palavras de formação erudita : — *lunatico, anseatico, aquatico, fanatico.* V. Ico.

ECIMO, ESIMO (l. *esimus*). Junta-se a numeraes cardinaes para a formação de ordinaes : *decimo, centesimo.*

EJO. Indica procedencia : — *Sertanejo, annejo.*

ENHO (l. *enus*) — Exprime uma propriedade ou qualidade, representada pelo radical : — *ferrenho.*

ENTE (l. *ente*) — Indica estado porque *ente* é ablativo de *ens* participio do verbo ser — *paciente, prudente.*

ENTO (l. *ento*) — l. *lentus.* Indica abundancia, tendencia : — ferrugento, *pestilento, bulhento, succulento.*

ENSE (l. *ensis*) — Exprime procedencia, origem : — *forense, Maranhense.*

EZ, A (l. *ensis*) — Indica procedencia, proprio de : — *montanhez, montez, camponez.*

EO (l. *eus*). — Indica a materia de que a cousa é feita : — *férreo, argenteo, lineo.*

Opp. a *oso : — ferreo ferruginoso.*

ESTE (l. *estis)* — *agreste, celeste.* E' improductivo.

ESTRE (l, *estris ester)* : — *pedestre, equestre, terrestre....* Destes só é de fundo popular — *campestre.*

ESCO (l. *iscum)* — Indica o modo, a propriedade, origem, semelhança : — *fradesco, burlesco, pedantesco,*

arabesco, pittoresco. Pelos exemplos vê-se que ás vezes tem sentido depreciador.

FERO (IFERO).—E' um dos suff. lat. que mui productivo tem sido no portuguez, mas só em vocabulos de origem erudita: —*mortifero* (levo a morte), *pestifero*, *salutifero*.

ICO (l. *icus)*.—Denota o mesmo que *al*—relação, origem, ainda que mais determinando o conjuncto das propriedades: —*aristocratico*, *geometrico*.

Opp. a *il*: —*civil civico*; a *oso*—*harmonico harmonioso*; a *ar*—*monastico monacal*.

A desinencia *fico* (de *facio*, faço) entra na derivação de muitos adjectivos, e exprime a idéa de produzir ou fazer alguma cousa: —*pacifico, soporifico, prolifico*.

IÇO ICIO (l. *icius)*.— Indica qualidade :— *castiço*, *chuvediço*, *alagadiço*, *patricio*. E' suffixo popular.

IDO (l. *idus)*.— Exprime a qualidade propria do substantivo radical, mas em alto gráo :— *calido*, *timido*, *humido*.

IMO (l. *imus*, suffixo indicador de superlatividade).— São poucos os vocabulos em que apparece, e sempre com a intercalação de um *t* (t-*imo*) :— *legitimo*, *maritimo*.

Cp. *lidimo leal legal legitimo*, e *marino marinho maritimo*.

INO (T-INO) l. *inus*, t-*inus*.— Indica semelhança, origem, relação :—*crystallino*, *marino*, *salino*, *libertino*.

INHO :— *marinho*...

Itico : V. *ico*. *romantico*.

LENTO — V. ento.

OLICO (l. *olicus*) V. *ico*. *Melancolico* (ant. *merencoreo*), *symbolico*.

ONHO (*onius*). Exprime o que faz, o produz :— *enfadonho*, *tristonho*.

OSO (l. *osus*). Indica posse :— *astucioso*, *fogoso*, *manhoso*, *nervoso*, *montanhoso*, *ocioso*, etc. E' uma das mais productivas desinencias portuguezas, e já o era no latim.

Notemos mais os derivados em *uoso* formados por analogia :— *monstruoso*, *voluptuoso*.

Udo (l. *utus*) — Ind. abundancia ; —posse, mas com idéa de grandeza, augmento:— *cabelludo*, *pelludo*, *sanhudo*, *barrigudo*. A's vezes tem sentido pejorativo :— *linguarudo*, *abelhudo*.

Um. Os adjectivos formados com este suffixo só se empregam com o subst. *gado*:— *vacum*, *cabrum*. Corr. a *ar* (*cavallar*.)

Undo. (l. *undus*) — Indica tendencia:— *furibundo*, *iracundo*.

Opp. a *oso* — Cp. *furioso*, *iroso*.

Urno, ierno, (l. *urnus*, *iernus*). Indica tempo :— *diurno*, *hodierno*, *nocturno*. Só em derivação erudita.

b) *Adjectivos formados de adjectivos*

16.— Já tratámos dos suffixos augmentativos e diminuitivos etc, dos adjectivos (Lição 14).

Além desses temos — *ento* (*pardacento*, *alvacento*), *al* (negral), tirante a negro, *oso* (verdoso), *aico* (judaico, referente a judeu) etc....

No Sec. XV era corrente o suffixo *engo*, hoje rarissimamente empregado, indicando — de, referente a:— *Judengo*. [1]

c) *Adjectivos derivados de verbos*

17.— O portuguez fórma adjectivos verbaes adoptando os participios do verbo, ou ajuntando certos suffixos ao radical verbal.

18.— *Formação pelo participio*.— Empregamos tanto o participio presente latino como o passado :— *obediente* ; *paciente*, *brilhante*,... *vago* (vagante), *sujo* (sujado).

[1] Além deste, perdemos outros muitos como *igo*, que se archaisou no Sec. XVI e XVII — *montedigo*. *Mento* até o Sec. XVI era de uso mais frequente: correspondia a *ia* (ousamento), a *ança* (mudamento)...

A's vezes o verbo desappareceu do portuguez moderno, persistindo, porém, os participios com cathegoria de adjectivo ou de substantivo :— *miserando* (de *miserar*), *pudendo* e *pudente* (Sec. XVI),.... *bispado* (de *bispar*, "vêr o rebanho cathedral" [1]), *calçado*.

19.— *Formação com suffixos*. Os principaes são :

Ado. Já nos referimos a este suffixo.

Ante, ente, inte.= Corrrespondem ás desinencias dos part. pres. activos latinos — *ante* (*ans antis*) e *ente* (*ens entis*) :— *caminhante*, *imponente*, *conhecente* (Sec- XV), *pedinte*.

Alguns tornaram-se substàntivos — *lente*, *affluente*.
Muitos dos verbos thematicos destes adjectivos não existem no portuguez : — *ambulante*, (l. *ambulare* andar) *benevolente* (Sec. XVIII), ou já vão, ainda que mal, cahindo em desuso :— *febricitante*, (de *febricitar*), *protuberante*.

Aõ.— *Folgazão, brincalhão e brincão.*

Ando endo undo (*endus*, arch. *undus*.)— Como em latim, suffixam-se ao radical do pres. do Ind., e indicam acção. Correspondem aos derivados em *avel* : — *venerando* (veneravel). São em geral de origem erudita (*oriundo*), mas com uma fórma synonymica popular (originario).

Az (ace) l. *ax*.— Indica alto grão da qualidade expressa pelo radical : — *efficaz* (*efficere* effectuar), *loquaz*, (*loquere* fallar),... *beberaz*, *robaz*, (Sec. XV e XVI), *mordaz*.

Bundo (l. *bundus*).— Ajunta-se ao radical do presente do Ind.— Significa tendencia, estado :— *vagabundo* (p. vagamundo), *tremebundo*, *meditabundo*, *gemebundo*, *moribundo*.

Equivale ao *oso* das bases nominaes.— Quasi todas as palavras desta terminação são importações latinas.

Avel, ivel, bil, il (l. *bilis* — *ibilis*, *ilis*, — *abilis*, *ebilis*, nos poetas).— Indicam a possibilidade — quasi sempre

[1] Hoje só em linguagem muito familiar, vulgar, por *vêr*.

passiva —, a capacidade de fazer alguma cousa. — Os em *avel* formam-se pela juncção do suffixo aos radicaes verbaes de 1ª conj.:— *amavel*, *penetravel:* os em *ivel,* formam-se do part. pass. lat. — *vendivel, crivel*. Os em *avel* podem tambem formar-se tomando para thema um substantivo — *genial*. [1]

Ivel, é de formação erudita ; *avel*, popular.

Avel oppõe-se a *ante*, *oso* :— *amavel, amante, amoroso* ; *ivel* a *ivo* :— *sensivel*, *sensitivo*.

Os em BIL — *il* formam-se de base verbal latina ; e todos nos vieram já formados dessa lingua :— *facil (facere* fazer*) docil, (docere* ensinar*)*, *fragil (frangere* quebrar*)*, *nubil (nubere* casar*)*, *reptil* (de *reptum* sup. de *repo* arrastar*)*, *mobil* (de *movere,* mover.*)*

Na ling. pop. muda-se o *b* em *v* — *movel*.

Neste grupo devem entrar os em UVEL (de sentido passivo) :— *indissoluvel, insoluvel, voluvel*.

A acção que nas linguas romanas a 1ª conj. exerceu sobre as outras no part. pres. tambem é manifesta na derivação. Temos alguns exemplos no portuguez desta preferencia pela fórma em *avel ;* que hoje muito mais se accentúa no francez. Os verbos de 2ª conj. seguem os da 3ª porque, adoptando as formas *a-bilis, ibilis* latinas, desprezaram de todo a em *ebilis (fle*-e-*bilis)*.

EJO : — *andarejo andejo*.

IÇO (l. *icius*). — Indica a natureza ou condição : — *abafadiço, alagadiço*.

IO : — *escorregadio, luzidío*.

IDO (l. *idus*). — Como *az* e *undo,* é um suffixo improductivo. — *Rigido, timido*.

IVO (l. *ivus*, que corresponde a *bilis*). — Indica força, aptidão, faculdade para fazer alguma cousa : — *putativo* (de *putare* pensar julgar), *auditivo* (de *audire* ouvir),... *fugitivo, instructivo, corrosivo*.

---

[1] *Medicinal*, e outros vieram de verbos archaisados — *medicinar*, etc.

Fórma geralmente adjectivos de sentido activo: *captivo*, *adoptivo,* etc.

E' de formação classica; mas já vai se popularisando. Cp — *negativa negação ; persuasivo persuasorio ; nutritivo nutriente ; instructivo instruidor* (instructor).

Or (*dor tor*-fem *triz, sôr, ôra*) — Corresponde ao lat. *Or* (*tôr. sor.* fem. *triz*) sempre que o radical é supíno latino ou particio presente : — *seductor, conciliador*.

d) *Substantivos ethnicos, gentilicos e patrominicos*

19.— Os nomes locaes formam-se tambem de varias terminações : *ia* (Italia, Asia, Dalmacia, Bulgaria,....) ; *ica* (Africa) ; *ento* (Agrigento, Buxento) ; *anha* (Bretanha, Allemanha) ; *polis* (gr. *polis,* cidade) *Petropolis, Theresopolis*,.... Os do Brasil, porém, são na quasi totalidade nomes indigenas: *Piauhy* (*piau* peixe + *hy* agua), *Pará,* contracção de *paraná* (mar) *Nictheroy* (*nitero* escondida + *hy* agua), *Carioca*, etc....

20.— Os nomes de *povos* e *nações* formam-se com os nomes proprios de paizes e cidades, e as desinencias — *ano* (iano), *ense, ão*, *ez*, *ino, ico, ista*, *aico*, etc : — *Pernambucano*, *Romano*, *Galleziano* (Gallego), *Atheniense Lisbonense* Lisbones, (Lisboeta), *Coimbrense* (Coimbrão), *Beirense* (Beirão) *Maranhense*, *Bretão*, *Egypciaco*, *Latino*, *Paulista*, *Romaico*, *Judeu* (*Judaico*) *Chinez* (Chim) *Indio* (indico, indiano) *Portuguez*, *Inglez*, *Francez* : *Brasileiro* (Brasiliense). Essas desinencias são de origem latina, com excepção de *ez* (contr. de *ense*, mas de emprego moderno), e *eiro*, que não tem correspondente em latim, mas que formou alguns nomes ethnicos — *Vimieiro*, *Barreiro,* etc.....

21.— Alguns nomes, pois, teem duas e tres desinencias.

Os classicos conservavam as desinencias claras, isto é, as formas completas dos vocabulos : — *Egypciano* (Luc),

Persiano (Vieira), *Syriano Etyopiano* (Pant. de Aveiro), *Indiano*, *Portugalense*, etc ; hoje quasi todos elles se apresentam symcopados : — *Persa*, *Egypcio*, *Etyope*, *Syrio*, *Assyrio*, *Indio*, *Portugez*. . . . .

22. — Os patronimicos, já vimos, derivam-se dos nomes proprios — com o suffixo *es* : — *Alvares* de *Alvaro*, *Gonçalves* de *Gonçalo*, *Soares* de *Soeiro*, etc.

e) *Derivação dos verbos*

23. — O portuguez forma verbos derivados, de substantivos, adjectivos primitivos, e de verbos simples.

1°. — De *substantivos* — Juntando-lhes : a) a terminação *ar* : — *caminhar, tabaquear, ajoelhar, batalhar ;* b) a terminação — *isar,* de introducção mais recente (= l. *izare,* grego *issare*) : — *arborisar, romantisar ;* c) a desinencia *icar* (l. *icare*) :— *fabricar forjar, pregar* (predicare) ; f) Ir, mas muito raro :— *divertir, cuspir*, etc.)

São pois quasi todos da 1ª conj. os verbos derivados de substantivos, os quaes exprimem o objecto da acção. Esses verbos exprimem ao mesmo tempo a acção e o objecto della. *Alimentar* é dar alimento ; *espanar,* saccudir com espanador ; *ajoelhar* é cahir em joelhos.

Este processo era conhecido dos Latinos (*querelare* de *querela),* e delle muito se aproveitaram os nossos maiores. São do Canc. da Vat. os seguintes exemplos — *desemparar* (84), *alongar. alegerar* (111), *regallar* (208), *aventurar*.

2°. — De *adjectivos* — Terminam: a) em *ar, ir* : — *manear, ventar, denegrir ;* b) em *isar* : — *fertilisar ;* e) em *ecer escer* (l. *escere*), com os prefixos *a em (en)* etc. : — *amarellecer, endurecer, emmagrecer, envelhecer*.

Os em *ar* são activos com sentido causativo ; os em *er* e *ir* significam *tornar-se, fazer (denegrir* é fazer negra qualquer cousa, *envelhecer* —tornar-se ou fazer-se velho).

3º.— De *verbos simples*. Com os suffixos — *icar, itar, iscar, inhar, migar*, etc. : — *bebericar, namoricar, dormitar, chupitar, escrevinhar escoucinhar* [1] Estes verbos teem sentido diminutivo, frequentativo ou pejorativo.

Destes verbos derivados formam-se substantivos em *ola, or, ico, iga* : — *cantarola, escrevinhador, namorico, choramigas*.

Nota.— A derivação verbal, pois, faz-se por meio de suffixos proprios *(derivação mediata)* : — *caval-g-ar, pulver-is-ar*; ou pela simples addição ao thema de flexão verbal : — *cantar pensar*.

Para a derivação mediata conserva o portuguez quasi todos os suffixos latinos.

a) Suffixos nominaes.

A*gem* — viajar, ultrajar : *aço* — embara*çar* ; *ça já* (= l. *ia*) — inve*jar* agra*ciar*; *lho* a (l. *alia, ilia, culus*) — trabalh*ar* maravilh*ar* envelhe*cer*; *ela* — acautel*ar*; *al* — immorta*lisar* igual*ar*; *il* — facil*itar*; *ança acção* — semelh*ar* humilh*ar*; *bil* — terrilil*isar*; *ão ano* — christian*isar*; *inho ino* : — caminh*ar* assassin*ar*; *são tão* — occasion*ar* question*ar*; *ume* — costum*ar*; *igem* — origin*ar*; *ugem* — ferrugin*ar*; *anho* (l. *aneus*) — estranhar ; *ura* — mistur*ar* ; *ario* — contrariar : *to* — libertar ; *ço* — abraç*ar* soluç*ar* ; *icia iça* — acarici*ar*, espreguiç*ar* ; *ivo* — cultiv*ar*, motiv*ar*; *ete* — banquete*ar* (sem mod. do thema), *undo* — vagabund*ar* vagabunde*ar*; *ento* — aliment*ar* parlament*ar*, etc.

Suffixos consoantes :

b. g. 1º) *ic-ā* (icare). Indica, *tendencia para o estado já indicado, semelhança*, e *frequencia* ou ainda *diminuição*, conforme vem junto a um nome ou a um verbo : — *fabricar, pacificar, mastigar, vingar, amargar, folgar, julgar, castigar, fustigar* ; o *g* tambem é formativo em *espargir* (sparso), *immergir* (immerso). Nas linguas Romanas, ás vezes essas gutturaes são representadas por um *j*, o que faz suppor 1º :) quéda do *c* primitivo, 2º) intercalação de um j euphonico : — *verdejar, flamejar, forjar, bocejar, calvejar, branquejar, dardejar*, etc.

Muitos são os novos derivados deste suffixo em portuguez : — *madrugar, cavalgar, outorgar, (autorisare), rasgar (rasicare* lat. bar.), *salgar, amolgar*, etc... A nossa fórma em *ear, iar*, já era, segundo affirma Diez, muito frequente nos antigos poetas *(eare, iare)*

---

[1] A desin. *-nhar* é muito popular : *endemoninhar, engorovinhar, acinhar*

— *folhear, guerrear, senhorear, manear, branquear, soborear,* mas entre nós é mais usual o suff. *ejar, planejar, manejar, cortejar, velejar,* etc.

P. D — 1°) *t — a* (tare, sare). E' intens. em *captar, mudar;* mas em portuguez tem em geral sentido frequentativo: — *aproveitar, juntar, conquistar, despertar ; ousar, reuncar, usar, avisar, olvidar, appelidar, crocitar, palpitar,* e muitas outras palavras de creação recente; 2°) — *ĭ - t - a* (itare) frepuent. opt. ou simp. denom: — *dormitar, nobil-itar, debel-i'ar* ; 3° *t - i - a* (tiare, siare) port. *çar sar.* São fórmas particulares do lat. vulgar, ás quaes se deve uma série de verbos transit. da 1ª conj.:— *caçar, traçar, aliar,* (alço) *aguçar,* (agudo) *avelgaçar, peusar,* etc....

R, l — 1° RE (lat. RI, SI) junta-se ao suff. DU, TU (lat. TU), e fórma verbos desid :—*ama-du-re-cer*; 2°) *ŭl (ol, ĭl)*, tem valor frequent· e dimin. tanto com portuguez como em latim :— *formigar, tremolar, granular, pull-ul-ar, vi-ol-ar, vent-il-ar ;* 3°) C-UL — C-*ulare*), frequent. ás vezes dim.: — gesti-c-ular, *os-c-ul-ar,* ....;

A's vezes a consoante vem dobrada (LL — *illare,* dim.) LT — *altare, eltere, oltare,* id. *zombetear, esgravatar).*

N — Esta nasal dental, formava o thema em *po-n-er* (põer, por), IN em *ob-st-in-a-r, de-st-in-a-r, contam-in-a-r ;* a fórma UT *(untare, entare),* deu ás linguas Romanas grande numero de verbos da 1ª conj., quasi todos de significação intransitiva, porque nem sempre conservaram a primitiva :— *acalentar, levantar, acrescentar* (crescer) *amamentar* (mamar), *amedrontar, molentar, apascentar* (pascer) *aparentar, espantar,* ant. *quentar, afugentar, aquentar* (aquecer), *endireitar,* S. Ros. (endurecer) etc.

S sc (ascere, escere iscere), fórma verbos inchoativos, em geral da 2ª conjug.;— *crescer, acquiescer, nascer,* e *carecer, empobrecer, agradecer, amanhecer, merecer, obscurecer, padecer, perecer, verdecer, envelhecer,* etc.

Muitos dos verbos derivados em SG, porém, perdem o sentido inchoativo :— *apetecer, abastecer, guarnecer, enternecer, enfraquecer,* etc....

Ess iss indica reiteração, imitação, semelhança, isto é, fórma verbos *iterativos* e *desiderativos.* Nós porém despresando esta fórma grega latinisada, adoptamos no periodo classico, a puramente grega nos verbos formados com o suffixo IZ (IS) :— *baptisar,* (ant. *bautizar) escandalisar,* e por analogia *judaisar, latinisar, autorisar, moralisar, escravisar, poetisar, temporisar, aromatisar, eternisar, democratisar, pulverisar, tyrannisar,* etc.

Além destas derivações verbaes, temos — UGAR *(batucar, beijocar, retoucar)* USSARE, USARE (bambusar), AZZARE *(escorraçar, esvoaçar, espedaçar)* UZZARE (relampejar), ISCAR (belliscar petiscar); USCAR (corr. do ult.— chamuscar) etc...

Derivação grega

24. — O portuguez tambem tomou do grego elementos de derivação, e ajunta os suffixos tanto a radicaes gregos como a latinos e portuguezes (*V. Hybidrismo.* Liç. 24).

A medicina e a chimica são as duas sciencias que mais se teem aproveitado desta derivação para aperfeiçoamento de sua technologia (vide Liç. 24 *Etymologia portugueza*).

25. — São principaes suffixos gregos entrantes na formação dos nossos vocabulos.

Algia (ἄλγος — dôr) : — *odontalgia*, *nevralgia*, *nostalgia, gastrálgia.*

Cracia (κρατὶα — governo) : — *democracia, theocracia, aristrocacia.*

Crisia (κριδις — juizo, R.—κρίνω — julgar) : — *hypocrisia*, *cacocrisia.*

Alguns querem que *hypocrisia* e *hypocrita* venham do latim porque já em S. Jeronymo encontram-se as fórmas *hypocrisis, hypocrita* ; mas a sua verdadeira derivação é grega —(ὑπὸκριδις —, dissimulação.

Cosmo (κοσμο — mundo) : — *microcosmo*, *macrocosmo*. Já vimos que muitas vezes *cosmo* serve de prefixo: — *cosmogonia*, *cosmographia*, *cosmologia*, *cosmopolita*, *etc.*:

Gamia (γαμος — casamento) : — *bigamia*, *polygamia.*

Gastrio (γαστήν — ventre) : — *epigrastrio, hypogastrio.*

Genia (γενια = geração)—: *androgenia*, *pathogenia*, *pyogenia etc.*

Geo (γειον = terra)—: *perigeo, apogeo.*

Gnosia, gnose, gnosis, (gnostico) **gonia** (γνοσια, γνοσις, γονία = conhecimento) —: *antognosia, diagnosis, theogonia*, *cosmogonia* etc. e *diagnostico.*

A desin. *gonismo* em *antogonismo* vem do grego γώνισμα, donde se derivou *antagonista.*

Gramma (γράμμα =t letra) — : *anagramma*, *epigramma.*

Graphe (γραφπ) = escripta) — : *epigraphe.*

Graphia (γράφω = escrevo ou λράφειν = escrever —: *geographia, typographia, lithographia* etc., *caeographia* etc., d'onde

Grapho (= que escreve)—: *geographo, typographo, lithographo.*

Litho (λίθος = pedra)—: *aerolitho*

Logia (λολία, = tratado λὸγος)—: *anthropologia, biologia, cacologia, philologia, tautologia, paleontologia, pathologia, geologia, astrologia.* Derivados portuguezes—: *mineralogia,* etc.

Machia (μαχια = combate)—: *tauromachia.*

Mania (μανία = loucura) —: *bibliomania, monomania.*

Metro (μέτρον = medida)—: *barometro, cronometro, pluviometro,* etc.

Metria (Ind. sciencia de medição)—: *geometria, trigonometria*

Mancia (de *manteia*) acção de predizer — *cartomancia.*

Metra (Ind = o que mede) — *geometra* etc.

Métria acção de medir :— *geometria.*

Morpho (μοδφε= fórma)—: *amorpho.* etc, donde *amorphia,* etc.

Nomo (νόμος = conhecedor) — ; *astronomo, agronomo.*

Nomia (= conhecimento) — : *astronomia, agronomia.*

Omalo (ώμαλος = irregular)— : *anomalo,* donde *anomalia.*

Pathia (πάθος = doença, affecção e sentimento)—: *allopathia, homeopathia, sympathia, antipathia,* etc.

Phago (φᾶγειν = comer)— : *anthropophago, homophago, hippophago,* etc. donde *anthrophagia,* etc.

Philo (φιλος = amigo)— : *bibliophilo, Theophilo.*

Phobia (φοβος = aversão, temor)— : *hydrophobia.*

Phobo (Id = o que teme, e tem repugnancia a...)—: *hydrophobo,* que tem aversão á agua com o mesmo sen tido em lat. *hydrophobus* (Plinio).

Phoro (φόρος = que produz) — : *phosphoro,* (que produz luz) *aromatophoro,* etc.

Phyto (φυτος = crescer, φυτον, planta, creatura)— : *neophyto*, *zoophyto*.

Plexia (de *plexia*, *plexis*) acção de bater, ferir, atacar : *apoplexia*.

Poda (π ο δ ύ ς pé) :— *antipoda*, etc. No lat. ha a forma antis *podes*.

Pola (μ ω λ ε ῖ ν vender) :— *bibliopola*.

Poli,-s (μ ο λ ι ς cidade) :— *metropolis*, e nos nomes ethnicos ou locaes :— *Tripoli*, *Andriopoli, Sebastopol* corrupção, etc. *Sebastopolis)*, *Petropolis, Theresopolis*.

Scapia (scopia ; acção de olhar, vêr):—*microscopia*.

Sophia (σ ο φ ί α sabedoria) : — *philosophia*, donde *philosopho*, etc.

Stylo (σ τ υ λ ο ν columna, pilar) : — *peristylo*.

Tschnia (τ έ χ ν π ς arte, sciencia) :— *atechnia*, etc. d'onde a desinencia TECHNICO — polytechnico, pyrotechnico

Theca (θ ή χ π deposito):—*bibliotheca*, *pynacotheca*.

These (θ ε σ ί ς posição) :— *antithese*.

Thono, tono (τ ο ν ο ς som) ;— *monotono, arteriothono*, donde *monotonia*, etc.

Tomia (tomia) — de cortar *anatomia, urethrotomia*.

Throphia (τ ρ ο φ ί α nutrição): — *atrophia*. Der. *atrophiar*,— *mento*.

Typo (τ υ π ο ς typo modelo): — *archetypo, prototypo*.

A nossa lingua tendo a faculdade de crear novos verbos, é para sentir não entrem em circulação muitos de que carecemos, formando-os de substantivos ou adjectivos existentes, ou mesmo desarchaisando-os — No 1º caso estão—*altruismar* (já temos *egoismar) indifferenciar, indistinguir*, *vaquear* (pastorear gado vaccum) *verticalisar*, etc.: no 2º *alfaiar*, *harpar, abeberar, embruscar-se, encuminar, esquerdear, jubilar, medicinar, empegar-se, frèar, sabadear, feriar, palmejar, desprenhar* (uma vez que conservarmos *emfrenhar), gravidar, dementar, estugar, patrisar, reptar, refertar, esmechar, tagantar, tratear, lindar, maridar,...* Alguns desses verbos archaisados conservam-se nas provincias e em alguns logares onde mais medrosa conservou-se a instrucção : por ex. o verbo *pinchar* usado no Rio Grande do Sul, e que é do tempo de Barros e Damião de Góes.

DECIMA NONA LIÇÂO

Das palavras variaveis formadas no proprio seio da lingua portugueza.

1 — O portuguez formou no proprio seio da lingua — *substantivos*, *adjectivos*, *pronomes*, e principalmente *verbos*.

Já nos referimos a essa necessidade de accrescer, e ao parallelismo forçado do lexico com os progressos industriaes, artisticos e scientificos; já vimos a importancia da analogia na formação das palavras novas; o caudal immenso que nos offerecem os dous processos da *composição* e *derivação* para crearmos palavras vernaculamente, e lhes desenvolvermos o sentido [1].

2 — As palavras nascem da actividade do pensamento. « O vocabulario é a photographia completa do saber de um povo; é o psychographo que indica e deixa registrados os successivos gráos por onde o espirito foi ascendendo. »

Si creamos, descobrimos ou fabricamos uma cousa nova, é força dar-lhe um nome; mas isso não basta, e em breve vem a necessidade dos compostos e derivados para exprimirmos a acção ou o logar onde ella se faz, o agente, a collectividade, o augmento, a extensão, a degradação do sentido, etc. *Chuva,* p. ex., deu *chuveiro, cho-*

---

[1] V. Lições 17, 18, 22, 23, 24.

visco, choviscar, chuvoso, chovediço; feitoria,— feitor, feitorisar, feitorisação; telegrapho, — telegraphar, telegraphista, telegraphico, etc.

3 — A palavra póde ser de formação erudita (*necroterio, viaducto*) ou de creação popular. Sobre os vocabulos eruditos nada temos que accrescentar ao que expuzemos nas lições passadas; dos de origem popular pouco mais se nos offerece dizer.

A's vezes o vocabulo popular logra ter entrada nas camadas superiores da sociedade (*caniço, derriço, caliça, desobriga, palhaço,...*); outras, porém, falta-lhe a força contraria a que tambem estão sujeitas as linguas, — a força conservadora—, e o vocabulo morre no nascedouro ou tempos depois (*escafeder-se, cacunha, bilontra*).

Levado tambem pela força creadora e revolucionaria, e sempre pela tendencia metaphorica, o povo formou muitos vocabulos pejorativos :— um máo dentista é um *sacamolas*; um medico imperito — um *matasanos*; um *esfolacaras* é um máo barbeiro, um vadio; um *pintamonos* é um máo pintor; o sonso é um *pisamansinho*; o casquilho — um *pisaflôres* ou *pisaverde*; o arruador — um *trancaruas*,...... A par dos nomes scientificos temos outros tambem de formação popular, que são os de uso corrente :— *girasol, mal-me-quer, amor-perfeito, chupamel, beija-flôr, bico de lacre, bem-te-vi*, etc.

4.— Os substantivos vernaculos formam-se pois 1º pela composição:

a) de subst. + subst.......... *mestre-escola*
b) subst. + adj................ *redea-falsa*
c) verbo + subst.............. *troca-tintas*
porta-voz
d) prep. + subst.............. *entre-casca*
e) subst. + prep. + subst..... *chefe de trem*
f) verbo + verbo.............. *vaivem*
g) de palavras diversas......... *bem-te-vi*

2.º — De um verbo :— *vivenda* (de *viver*), *chôro* (de *chorar* = l. *plorare*), *lida* (de *lidar*) *chama* (de *chamar* = l. *clamare*), *chamariz*, ete.

3.º — De um participio :— *achada*, *nascida*, *picada*, *desfolhada*, *queimada*.....

4.º — Pela derivação :— Os suffixos mais usados nas creações vernaculas são — *ada* (limonada, chibatada), *aria* (sapataria, cavallaria), *ade* (irmandade, sujidade), *eiro* (sapateiro, charuteiro), *ismo* (abolicionismo, jornalismo), *ista* (abolicionista escravista), *agem* (friagem, criadagem), *ão* (escravidão, amarellidão) etc. Todos esses nomes derivados portuguezes formaram-se, porém, dos typos latinos (Lição 18).

5.— Os adjectivos de creação vernacula são em numero avultado, e formaram-se pelos processos que vimos nas lições 17 e 18. O suffixo *oso* foi, e é ainda, um dos mais productivos :— *gostoso*, *buliçoso*, *teimoso*, *amargoso*, *feioso*......

6.— Os nomes de numeros tambem deram algumas formações novas :— *milhão*, *billião*, *trillião*, *quatrillião*, etc.; *dezavos*, *vinteavos*, etc... *vintena*, *tresdobro*.,..

7.— São pronomes de formação portugueza = *qualquer*, *cada qual*, *quem quer*, etc.

8.— Nos verbos não póde ser mais rica a nossa lingua no tocante a força creadora, quer sejam diminutivos ou frequentativos, quer inchoativos ou onomatopicos, etc.; — *barbear*, *entocar*, *catucar*, *chatinar*, *papaguear*, *paguear*, *feitorar*, *bispar*; *encaiporar*, *mordomear*, *macaquear*, *relojar* (de relogio, F. Man.), *velhaquear*, *tabaquear*, *cigarrar*, *cachimbar*, *pinotear*, *sapatear*, *caranguejar*, *engatinhar*, *judear*, *cacarejar*, *grugulejar*, *miar*, *telegraphar*, *telephonar*... ; de substantivos com uma syllaba prefixada ou intercalação de lettra — *adoecer*, *amanhecer*, *envelhecer*, *ensurdecer*, *emmagrecer*, *cabrejar*, *trastejar*, *sandejar* (G. Vic.)...; de verbos — *feitorisar*, *beijocar*, *berregar* (de

berrar), chupitar (de chupar), *espanejar* (espanar), *afformosentar* (de afformosear),... *adocicar, escrevinhar, tremelhicar*....

Esta exuberancia verbal data propriamente do Sec. XVI.

9.— O substantivo póde tambem formar-se vernaculamente de um facto historico : —*abrilista, setembrista, cabralista, bond,* etc.

10.— Na derivação tem o portuguez uma fonte inesgotavel para o augmento do vocabulario.

VIGESIMA LIÇÃO

Das palavras invariaveis formadas no seio da lingua

1.— Os adverbios, preposições e conjuncções de formação vernacula, correspondem a locuções analyticas latinas : — assim = *ad sic*, agora *hac hora*, assás = *ad satis*, após = *ad pos*, dentro = de intro, outrosim, ant. *altro si* (= l. *alterum sic*), outrotanto (= l. *alterum tantum*), etc, ou ainda de locuções portuguezas :— *embora* (em boa hora), *outr'ora* (em outra hora), etc.

Todas essas palavras são phrases cujos elementos fundiram-se na primeira epoca de nossa lingua. A's vezes, porém, a crystallisação já se encontra no latim barbaro (*abante*).

2.— Não adoptou o portuguez o typo latino em *er* para a formação de adverbios (*propter*, *breviter*); mas sim o em *e*, talvez por mais facilidade : *a miude* (minute),... (— V. Lição 28), e, depois (Sec. XV e XVI) o processo — tambem conhecido dos Latinos — de adverbiar um adjectivo, (V. pg. 108). Estes adverbios correspondem aos de modo em *mente*, os quaes se formam de adjectivos qualificativos femininos e de superlativos organicos — *lindamente*, *pessimamente*. *De melhormente* é expressão correcta.

O portuguez tambem aproveitou-se da liberdade latina de empregar participios com força prepositiva — *referente*, *visto*,...

Todos esses processos são latinos :— l. class *hodie* (hoc die), *reipsa* (re ipsa) ; l. pop.— *hanc horam, bona mente etc.*

3.— São de formação portugueza :— *depois*, *adeante*, *hontem*, *antehontem*, *ainda que*, *como quer*, *aosadas aousadas* (ousadamente), *talvez*, *portanto*, *d'ora avante*, *todavia*, *por conseguinte*, etc, e principalmente as locuções : — *a olho*, *de força*, *ás occultas*, *de siso*, *de maravilha*, a *pincho*, a *sabendas*, de *espaço*, ás *caladas*, etc.

Dos mesmos compostos — como veremos na etymologia — encontram-se fórmas correspondentes no latim popular.

4. — Interjeições de formação vernacula só temos convencionaes e locutivas : — *mal peccado*, *maocha* (em má hora), *t'arenego ! safa ! caluda ! aqui d'El-Rei !...*

5.— No port. antigo são muitas as palavras invariaveis, principalmente formadas pela composição, hoje de todo esquecida : *aramá* (hora má), *hogano* (hoc anno), *cadanho* (cada anno) *anproom* (adiante, ao longo, ao sopé), *anfeste enfeste* (para cima, Sec. XII, XIII), *abondo* (excessivamente ; Seé. XIII); *acarom* (defronte), *cada que* (cada vez que, *Canc. Vat.*), *desi* (desde então), *de chano* (de prompto), *eiri eyri oyte ooyte* (hontem), *juso* (abaixo), *suso* (acima), *mantenente* (detidamente), *euxano* (cada um anno, Sec. XIII, *C. V.*), *a eertas* (certamente, *R. de S. B.*), etc.— V. Lição 28, etym.

---

[1] V. Lição 28 — *Etym. das pal. inv.*

VIGESIMA PRIMEIRA LIÇÃO

Etymologia portugueza.— Principios em que se baseia a etymologia.—Leis que presidiram á formação do lexico portuguez.

1 —A philologia é a physiologia de uma especie ; a glottologia é a anatomia comparada de differentes especies ; a etymologia é o estudo das fórmas primitivas, derivadas, e das acções physiologicas. [1]

2 — A etymologia portugueza é pois do dominio philologico : estuda sómente o nosso vocabulario.

Guiado por ella, mais clara se torna a comprehensão das palavras, mais acertado o seu emprego.

3.— Ramo principal dos estudos philologicos e linguistiscos, não se occupa tão sómente das fórmas primitivas e derivadas, e dos sentidos das palavras ; mas tambem das inflexões e modificações grammaticaes, e considera as palavras nas suas relações syntaxicas.

Por isso um philologo inglez escreveu que era a etymologia a historia domestica, a glottologia — as relações estrangeiras.

4.— De varias origens são os nossos vocabulos, como veremos na lição seguinte: (22)— O grego, o punico, o

---

[1] Marsh, *Man.*

gothico, o arabe, o francez, inglez, allemão, italiano, africano, o brazileiro (tupy, abanhaenã,).... e maiormente, em mil dobrada proporção o latim, — classico e popular.

5.— Muitas vezes, percorrendo o lexico, encontramos palavras completamente mudas para a consciencia actual da linguagem que só despertam sob o olhar escrutador do historiador, e revelando a sua historia, revelam do mesmo passo os costumes e a civilisação de outros tempos. — *(Reboras, almotacé, alcaide.....)*

O vocabulo *palavra*, no sentido actual,— diz Darmsteter —, nada exprime hoje: consultando a etymologia, de subito a *parabola* christã, a predica envangelica e um rejuvenescer maravilhoso de um mundo em decadencia reapparecem aos nossos olhos. — E ella nos ensinará mais que a transformação fez-se pela fórma intermedaria *parola* [1], hoje só empregada com sentido pejorativo, *paraavas*, *paravras* (Ined. d'Alc).

Si procurarmos a palavra *libertino*, a etymologia ensinar-nos-ha que se deriva do latim — *libertinus* (*libertus*) que significava o individuo livre da escravidão legal. O escravo manumittido era *liberto* (i. e. *liberatus*) com relação ao senhor; em relação, porém, á classe a que pertencia depois da manumissão, era *libertino*. Id. no portuguez antigo, e filho de escravo romano; depois, homem de costumes desmanchados.

6.— Por esteio principal tem a etymologia a *phonetica;* mas — para ter cunho scientifico — não pode ella dispensar a *historia* e a *comparação*.

7.— A *phonetica* explica-nos a historia de cada um dos sons que compoem o vocabulo (V. Lição 2ª).

---

[1] Cep. f. *parole*, prov. *paraula* ant. *paravla*. hesp. *palabra* ant. *parabla*, it. *parola*.
Parabola é de introd. erudita.

As transformações phoneticas estão subordinadas a regras geraes, ás quaes o homem obedece instinctivamente por motivo da acção physiologica e da psychologica. Assim, p. ex., o enfraquecimento — mas lento e gradual — dos sons constitue as duas leis de *menor acção* e de *transição*, communs a todas as linguas neolatinas.

Cada uma dellas, porém, e bem assim os dialectos e sub-dialectos têm suas leis particulares; e, como já advertimos, a pronuncia muda de época para época, de provincia para provincia, de cidade para cidade, e até de aldêa para aldêa (*reposta*, *estamago, anteado, ventagem*, *Cathelina, giollho....*)

Ha excepções devidas:

a) *A' analogia*. — *Cuidar*, de *cogitare*, deu *cuidação*, e *cogitar — cogitação; dôr*, de *dolor*, deu *doroso*, e *dolor — doloroso;* do Sec. XII ao XIV pronuncia-se *scola*, *scondido*, *spadua*, *star*, *studo*, etc., hoje (e assim já praticavam os Romanos no V Sec. para maior facilidade da pronuncia) *escola*, *espadua*, etc.

b) *Influencia intermediaria*. — A's vezes adoptamos palavras latinas por intermedio de outra lingua, que assim escapam á acção das nossas leis phoneticas: — *cantata*, *maestro*, (it.) *chaminé* (fr. — l. *camminata*).

c) *Influencia erudita*. — A formação erudita não se subordina ás leis phoneticas; e nas palavras introduzidas no portuguez nos Sec. XV e XVI, as modificações que ellas apresentam escapam á analyse phonetica. *Segral* secular, *cossario* corsario,....

A essas excepções dá-se o nome de *interferencias*

As tres leis geraes das modificações phoneticas são as que seguem:

1.ª Persistencia do accento tonico. — A conservação da syllaba que mais feria o ouvido deu ás palavras physionomia propria, caracter particular, e muitas vezes

o encurtamento dellas (na camada popular) pela quéda da desinencia :— *angelus* anjo, *angulus* anco (ant.).

2.ª Perda da vogal breve :— *coalhar* = coag (u) lare, *mascar* = mast (i) care, *obrar* = op (e) rare, ...

Nas inscripções latinas do Imperio, nos autores archaicos, etc., encontram-se innumeros exemplos da perda da vogal atona :— *periclum, poplus, templum*, etc., p. *periculum, populus, tempulum*, etc.

3.ª Quéda da consoante media :— *suar* = su (d) are, *vingar* = vin (d) (i) care, *crer* ant. *creer* = cre (d) ere. *arêa* = are (n) a, etc.

8 — *Historia* — A historia descobre nos textos da baixa latinidade e nos primeiros documentos da nossa lingua a serie de formas intermediarias, e por conseguinte as varias transformações graduaes por que passou o vocabulo. Só ella nos ensina que *bacharel* tem origem em *Baccalarios*, de *Baccalarias* ou *Baccalares* (lat. *Baccalaria*), nome que se dava até o sec. IX ás propriedades ruraes *servidas com uma junta de bois*, etc. [1]

O *Bacharel* (bacculario) era o que tinha dominio util da propriedade, e *era mais honrado que os simples lavradores ou colonos, e desobrigado e livre de encargos civis* (sec. X); depois designava o individuo que comquanto houvesse conseguido ordem militar, era ainda de pouca idade e poucos meios para ter *pendão* e *caldeira;* mais tarde passou a denominação (*Bachaleres*) aos *beneficiados* de cathedral e mosteiro, ou aos ministros de 2ª ordem (*assisio*); do sec. XVIII começou a significar o que obtem nas universidades dignidade ou titulo inferior ao de doutor.

E' ainda pela historia que descobrimos que *frasco* não se deriva de *vasculum*, como escreveu o professor Diez, mas de *flasca* pequena garrafa (Isid. de Sev.), que *salario*

---

[1] Baccalator = vaqueiro.

tira origem na palavra *sal;* que *esportula* lembra a *cœna recta* dos Romanos; que *fortaleza, boca, batter, semana, dobrar, batalha, testa*,.... são do lat. pop., posto muitas dessas formas se encontrem nos classicos latinos.

9 — A *comparação* verifica as hypotheses, confrontando as fórmas portuguezas com as correspondentes nas outras linguas néo-latinas, e seus dialectos. Assim, comparando *viagem*, port. ant. *viage*, com o hesp. *viage*, it. *viaggio*, prov. *viatge*, fr. ant. *viatge*, mod. *voyage*, etc., convencemo-nos de que o vocabulo originario é o lat. *viaticum*, e que a desinencia *a'cum* deu *age* nas fórmas populares. Comparando *leite*=l. *lactem*, *noite*=l. *noctem*, etc. com o italiano *latte*, *notte;* hesp. *leche*, *noche*, franc. *lait, nuit*, etc. chegamos á conclusão de que o *c* latino do grupo *ct* não soava na pronuncia, como acontece nos nossos vocabulos *acto, facto, contracto*, etc.

Quanto maior fôr o numero de dialectos romanos em que se encontra o vocabulo, tanto maior será a probabilidade da sua derivação do latim vulgar.

Mescabar poderá parecer á primeira vista formado do all. *mìs*. it, *mis*. fr. *mes* ; mas historiando essa palavra nas outras linguas romanas, vemos que *mes* corresponde ao prov. *mens*, port. *menos* = lat. *minus*, e que *mescabar* é fórma atrophiada de *menoscabar*.

A comparação é pois ao mesmo tempo instrumento de investigação e da verificação.

10 — Só a etymologia póde reconstituir a fórma typica das palavras desfiguradas ou gastas pelas migrações, e pelos seculos no seu evolucionar lento e graduado.

11 — As palavras de formação erudita estão tambem subordinadas a certas leis. As de introducção antiga soffreram transformações phoneticas, mui principalmente nas desinencias, *compreição*, *relampado* (p. relampago—Lucena etc.) *abondanças*, *malencolico*, *etc*....

As formações eruditas são em palavras importadas do

latim ou grego geralmente, ou ainda formadas no seio da lingua com elementos latinos ou gregos : — *contumacia*, *manumissão*, *hemicrania*, *photographo, etc.*

Ao grego muito devem as sciencias a sua technologia, principalmente a botanica, a medicina e a chimica. Mas o emprego cada vez mais frequente de elementos gregos na formação das palavras portuguezas tem aberto brecha a muitos hybridismos — *mineralogia, anglomaniv, planispherio,* etc. (Lição 24.)

Essa predilecção pelas nomenclaturas scientificas de formação grega é um mal — porque, como observa Darmsteter, a plantação exotica, tendendo cada vez mais a desenvolver-se no meio da indigena, acabará talvez por abafal-as.

Melhor fôra buscar ao latim os elementos para novas creações vocabulares. Ainda ha mais : muitos dos compostos modernos desafiam — na phrase de C. Nodier — as leis da analogia e do bom senso ; [1]) e os proprios Gregos não lhes comprehendem o sentido.

A prova temos em que, adoptando o systema metrico, elles regeitaram a technologia por não comprehendel-a. Assim p. ex. — *kilometro* = medida de um asno *(killos), khilometro,* como outros escrevem = medida de feno, forragem *(chilos)*.

Esta terminologia tem, porém, a vantagem de se fazer entendida facilmente dos homens da sciencia.

12 — As dicções novas, as de importação moderna, para terem entrada no vocabulario vulgar e existencia real, devem nacionalisar-se, tomar devidamente o geito, a quéda e o soar das com que ambiciona conviver. Ex. *contradansa*, — ing. *country danse* (dansa campestre) *manequim*, — all. *manneken* (homemsinho .)

Todavia nas palavras importadas das linguas vivas muitas vezes conservamos o proprio typo etymologico com fóros de cidade: — *lunch*, *boulevard* (a par de *baluarte*), *fioriture*, *jockey*, *tramway*, *bull-dog*, *roast-beef* (e *rosbif*), *beef-steak* (e *bifs-tek*), etc....

---

[1] *Hydrogeneo* p. ex., significa cousa produzida pela agua, e não o que produz agua ; *anemia* é privação de sangue, falta total.

VIGESSIMA SEGUNDA LIÇÃO

Da constituição do lexico portuguez.— Linguas que maior contingente forneceram ao vocabulario portuguez.[1]

1.— O vocabulario antigo é essencialmente latino: representa uma evolução lenta da lingua *popular* dos Romanos. Do Sec. XV em deante a importação latina é artificial, devida á corrente *erudita*.

Além da circumstancia externa — persistencia do vocabulario, havia outro interna, que dava ao portuguez jus de accrescer,— a fidelidade á tradição latina quanto aos processos essenciaes da composição e derivação das palavras.

2.— O latim popular tinha muitas vezes vocabulo diverso do latim classico para exprimir a mesma idéa. Herdámos ora uma só das fórmas, ora ambas; ás vezes o erudito serve apenas para formar derivados.

L. pop.	*Lat. class.*	*form. pop.*	*form. erudita*
caballus	equus	cavallo [2]	*equestre*, etc.
battuere	verberare	bater	verberar
russus	rubeus	russo	ruivo
septimana	hebdomadas	semana	*hebdomadario* [3]

[1] Pacheco Junior — *Gramm. hist.— Elementos historicos.*

[2] No fem. encostou-se ao lat. classico — EGUA.

[3] Sec. XIII — *hebdoma.*

L. pop.	*Lat. class.*	*form. pop.*	*form erudita*
batualia	pugna	batalha	pugna
parentes	affines	parentes	affins
casa	domus	casa	domicilio
testa	frons	testa	fronte
basiari	osculari	beijar	oscular
duplare	duplicare	dobrar	duplicar
focus	ignis	fogo	*igneo*, etc.
catus	felix	gato	*felino*
lutum	cœnum	lodo	ceno
porta	jauna	porta	janella
terra	tellus	terra	*tellurio*
villa, civitatem	urbs	villa, cidade	*urbano*
rivus	flumen	rio	*flumineo*
	etc.	etc.	

3.—As palavras simples ou derivados latinos são ás vezes representados no nosso lexico por derivados e compostos formados segundo os processos de derivação e composição popular. Estas fórmas, porém, são heranças do latim basbaro ou por ellas moldadas :—*dies*—*diurnus*, *ante-abante*.

Outras vezes os substantivos simples são substituidos pelos diminutivos correspontes :—*aviolus* p. *avus* = avô, *acucula* p. *acus* = agulha, *auricula* p. *auris* = orelha, *ovicula* p. *ovis* = ovelha, *apicula* p. *apis* = abelha, *luciniola* p. *lucinia* = rouxinol, etc.

Outras vezes ainda adoptou o portuguez derivados com thema ou suffixo diverso :—*duplare*—*duplicar*, *œternalis*—*œternus*.

4.— A's vezes o mesmo vocabulo latino é que deu duas, tres e quatro formas portuguezas distinctas, *divergentes* (Lição 21ª) :

Lat.	*Form. prop.*	*Form. erudita*
masticare	mascar	mastigar
legalitatem	lealdade	legalidade
benedicere	benzer	bemdizer
clavicula	cavilha, chavelha, cravelha	clavicula
macula	mancha, malha, magoa	macula
	etc.	etc.

5.— No latim popular dos docs. do Sec. XII, primeiro periodo da lingua portugueza, muitas palavras já apresentam fórma portugueza.— *sobrinho* (suprinis nostris), *rio* (id.), *levar* (levare), *havia* (avia), *arroio* (id.), *rodondo*,.... Sec. XIII; *suburbio*, *pomar* (pumares), *irmão*, ant. *germano*, etc. (iermano), *dona*, *fornos*, *neto*, (neptos), *criação* (criagom), *logôa* (lagona)....[1]

6.— E' de origem latina a maioria dos nomes de cousas que percebemos pelos sentidos ou conhecemos pela experiencia (*homem*, *mulher*, *cavallo*, *cão*, *gato*, *sol*, *lua*, *estrella*, *arvore*, *nuvem*, *pão*, *leite*, *rio*, *mar*, *monte*.....); os phenomenos physicos da natureza e suas causas (*chuva*, *raio*, *trovão*, *calor*, *frio*, *tempestade*....); as divisões do tempo (primavera, outomno, estio, inverno, anno, mez, dia, hora, seculo, semana, os nomes dos mezes, os dias da semana, [2]).....); os nomes de côres mais usuaes (encarnado, verde, claro, negro, alvo..... [3]); os nomes dos membros do corpo animal, e os das suas funcções:— (rosto, cara, [4] boca (l. p. bucca), testa, face, nariz, (*narix*, p. *naris*), labios, lingua, palpebra, olho, orelha (auricula), sobrancelha (supercilium), mão, dedo, pé, unha, calcanhar (calcaneum - *calcaneo*), dente, ventre, perna, gambia, coxa, peito, costas, hombros (humerus), cabello, joelho (ant. geolho, lat. *genuclum*)...........; os nomes de porentesco:—pai, mãi, avô, filho, padrinho, [5]

---

[1] *Port. Mon.*

[2] — *Sabbado* rigorosamente é hebraico, mas no l. pop. havia *sabbadi* = *Sabbati dies*: fr. *samedi*, it. *sabato*, val. *sembete*, prov. *disapte* = dies sabb'ti.

[3] — *Branco* = germ. blanch: amarello e preto, do grego; azul = arabe *zul*, pers. *lazur* = lat. *cœruleus* (ceruleo).

[4] — *Cara* = gr. *cara*, lat. vultus, *facies*, *forma*: mas já o encontramos no latim do Sec. VI, principalmente no sentido figurado:— *Postquam venere verendam Caesaris ante* caram (Coreppo — *Panegyr*. *de Justino*.)

Barriga e *nuca* = germ. *baldrich*, *nocke* (columna vertebral)

[5] — De *pater*.— *Santissimum vir* patrinus *videlicet seu spiritualis pater noter*. doc. 752.

sobrinho, marido, esposa, sogro, nora (l. barb. *nora*), genro (id. gener), madrastra (l. prop. matraster), neto (netos neptis), irmão (germanus, p. ant. germaho germaio germano Secs. XIII e XIV); cunhado (cognatus[1]),........ *Tio* e *tia*=gr. theia, talvez por intermedio do italiano *zia*.

E' ainda do latim que nos vieram as palavras indicadoras dos deveres communs, a que se referem á vida moral e domestica, as que exprimem sentimentos, os numeraes, e — directa ou indirectamente — quasi todos os termos da vida moral, das invectivas, da facecia, e do linguajar da plebe.

E' do latim que nos veio o emprego nominal de infinitos e participios: — *dever*, *jantar*, *manjar*, *poder*.... *appello*, *recibo*, *peccado*, *escripto*,.... principalmente nas formas femininas — *vista*, *vinda*, *comida escripta*....

O povo, como era natural, adoptou o vocabulario popular — *catus* p. *felix*, *caballus* p. *equus*, *batualia* p. *pugna*; mas no Sec. XIII a lingua era uma mistura de latim barbaro com termos godos, arabes, provençaes, francezes e castelhanos.

No Sec. XIV, passou ella por uma transição devida á ascendencia da escola hespanhola, e á predominancia e influencia classica latina, que ainda perdurou no Sec. XV e estendeu-se ao XVI, notavel pelo aturamento nos estudos das antiguidades greco-romanas, pelo culto ao *clacismo*, e pela influencia da escola italiana.

E' claro que essa cultura litteraria devia naturalmente e forçosamente introduzir grande numero de vocabulos tirados immediatamente dos autores latinos, e ainda das outras linguas que então tinham predominio.

Dessa elaboração resultou o archaisamento de muitos

---

[1] — *Cognacio* ind. parentesco consaguineo, em opposição a *affinitas*, que ind. gráo de parentesco por alliança.

vocabulos já portuguezes, que morreram na lucta synonymica (V. L. 12): —*rução* — cidadão, *acarão* — a par, *samicas* — *por ventura*, *hogano*, *nemichola*....

Legitimo torna-se forma parallelo, mas preferida a *lidimo*, *dispensa* a *dispensaçom*, *logar* a *logo*, *secular* a *segrar*, *mesura* a *medida*, *porque* a *cá*, *quieto* a *quedo*, *integro* a *inteiro*, *plano* a *chão*,.... e assim um numero crescido de formas divergentes.

São de formação classica (Sec. XIV-XVI) :— *antro*= antrum,— *agricola*= agricola,— *atrio*= atrium,— *aula*= aula,— *ara*= ara,— *adunco*= aduncus,— *auriga*= auriga,— *auxilio*= auxilium,— *adolessente*= adolescentem,— *attingir*= attingere,— *cruor*— cruorem,— *conjuge*= conjugem,— *certame*= certamen,— *conflicto*= conflictus,— *cantaro*= cantharus,— *cohorte*= cohortem,— *diluculo*= diluculus,— *dolo*= dolus,— *desidia*= desidia,— *egregio*= egregius,— *erecto*= erectus,— *flagicio*= flagicium,— *flagello*= flagellum,— *fausto*— faustum, — *fulgido*= fulgidus,— *gladio*= gladius,— *gelido*= gelidus,— *insania* = insania,— *inercia*= inertia,— *inoxia*= inoxia,— *igneo*= igneus,— *inclito*= inclitus,— *inerme*= inerme,— *lapide*= lapidem.— *livido*= lividus,— *languido*= languidus,— *lasso*= lassus,— *messe*= messis,— *nauta* = nauta,— *numem* = numen,— *odor*= odorem,—*orbe*=orbem, — *osculo*= osculum,— *penuria*= penuria,— *prelio*= prelium,— *procella*= procella,— *progenie*= progeniem,— *rabido*= rabidus,— *sapido* = sapidus,— *triumpho*= triumphus,— *tumulo*= tumulus,— *uberdade* = ubertatem,— *verberar*= verberare etc...

8 — Elemento gemanico — Dos elementos celtico, punico (phenicio e casthaginez) e germanico, herdamos algumas contribuições lexicas, mas deste ultimo em cem dobrado numero. Ellas vieram-nos, porém, já latinisadas (*mappa, cambiare, parentes*...)

Com a invasão das hordas barharas do Norte, o poderio romano succumbiu tambem na peninsula hispanica; mas os vencidos, posto que pela superioridade de cultura intellectual e civilisação, houvessem imposto aos vencedores — costumes, culto, e o proprio idioma, todavia não poderam deixar de aceitar muitissimos vocabulos da lingua germanica, referentes ás suas instituições politicas e judiciarias, ao direito privado, aos titulos herarchicos, systema feudal, á guerra e navegação, ás divisões arbitrarias do

solo, etc... E este acressimo ao *atque peregrìnum* do latim de Hespanha, era-lhes de facil aceitação, que na lingua latina anterior á invasão da peninsula pelos Godos, já possuia muitas palavras germanicas importadas pelos barbaros alistados nos exercitos de Roma:— *burgo* (germ. *burg*, fortificação, praça fortificada; lat. *burgus*); *garante* (germ. *gwarant*, l. b. — *warantus*), *ganhar*, *guerra* (*werra* — confusão disputa), *guante* (germ. *gwant*, l. b. *wantus*), *saia*, saiga sayo (*sago*, *sagum*), etc.

São de origem germaniea :— *Barigel, baluarte, elmo barão* (homem Iivre) [1], *marechal marìscal* (l. *marìscalus*, germ. *marahscall*), *senechal senescal* (l. *seniscallus*, germ. siniscall), *bando banho* (edital, germ *bannan*, (b. *bannum*); *adaga; patarata, feudo, rato* [2]), *bosque* (ger. *busch*, B. L. boschus [3]), *brasa* [4], *guindar* [5], *rato*, ... e muitos termos nauticos, principalmente introduzidos pelos Normandos, que invadiram a Galliza e mais tarde estancearam nas margens do Minho :— *Bordo* (e dahi a bórdo, abordar. bombordo, estibordo...), *arpéo, bote* (bat. bot.), *cabrea, canoa* (*kaan*, barquinho), *fragata, chalupa, croque, dique, galeota, quilha*, etc.

Muitos desses termos já nos vieram latinisados — *senescalus, mariscalcus, arautus, etc*.

9.— Elemento arabe.— No sec. VII os Arabes senhorea-se, de todo a peninsula com excepção do territorio Basco. A lingua arabica, tão grande foi a sua influencia, muitissimo enriqueceu o nosso lexico, maiormente em termos referentes á vida physica, aos usos domesticos, intituições civis, politicas e militares, á techno-

---

[1] Der. *baronia, baronato, baronete*.
[2] Ratazana, ratoeira,...
[3] *buscar, embuscada*...
[4] *braseiro*,
[5] *guindaste*...

logia de contrucção, philosophia e sciencias medica e naturaes.

Muitos vocabulos perdemos desta origem : restam talvez uns 300.

Allah, acicate, acipipe, asotéa, açougue, açude, alazão, alarve, alfandega, alcazar, alfageme, alfinete, ...[1], *azeitona, assassino, argola, ambar: beduino, bazar, burnú, barraca, café, cafila, cafre, camelo, carmim, caravana, califa, cifra, zero, cabala, cubebas ; falua, faquir* (*fakîr*), *fulano,* (*fallach-lavrador*), *farnel, farrafa, givete, gazella, elixir, jasmin, laudano, kalifa, mameluco, marfim, mascara* ar.) *mascharat* — risada, mofa, truonice), *nafé, rababo, mesquinho, recife, recua* (*recova*), *tamarindo, zenith, tarifa, talisman, xarope,* etc.

Como succedeu com o germanico, dos nomes que nos legou o elemento historico arabe formamos verbos, etc.— *alambicar, alcunhar, almoxarifado, alvoraçamente*...

10.— Hebraico — Hoje são em numero decrescido, e muitos delles, principalmente os da linguagem hebraica, nos foram importados pelo latim ; como, p-ex., — *abbade, alleluia, hossana, cherubim, hyssope, Nazareno, Belzebut, amen, seraphim, Satan Satanaz, sabbado, Messias Missa, Jesus, jubileo, Eden, maná, jaspe, saphira, cabala, talmud*...

11.— A muitas outras linguas deve o portuguez — pelas relações commerciaes e litterarias — grande contingente para o lexico. Só trataremos das que para esse fim mais concorreram.

a) Indico:— *bramane, bambú, bengala, bonzo, catana, cha, chavena, lacre, leque, mandarim, salamalek, xarão, cornaca, laca, mumia orangutango* (homem florestal), *peri, patchuli, cipayo, tambor, tarlatana*...

---

[1] Quasi todos os que começam por *al*, que é o artigo arabe.

b) Slavo :— *caleche*, *mazurka*, *redowa*, *knut*, *czar* *cosaco*, *dolman*, *steppe*, *ukase*, etc.

Hespanhol :— *castanheta*, *castanholas*, *bolero*, *sesta*, *sarabanda*, *cabotagem*, *camarilha*, *cigarro*, *mantilha*, *fandango*, *gitano* (cigano), *olla podrida*, *piastra*, *cachucha*, *habanera*, *seguidilha*, etc.

c) Italiano :— Este elemento mais influenciou a datar do Sec. XVI :— *Agio*, *adagio*, *alarma*, *andante*, *aquarella*, *arlequim*, *bandido*, *bagatella*, *belladona*, *dilettanti*, *belveder*, *imbroglio*, *buffo*, *cantata*, *dilletanti*, *doge*, *gazetta*, *gondola*, *lazzarone*, *cavatina*, *madona*, *charlatão* (de *ciarlare*), *contralto*, *fresco* (t. de pint), *prima dona*, *piano*, *pizzicato*, *poltrona*, *scherzando*, *serenata*, *sonata)*, [1] *soprano*, *tremulo*, *tenor*, *libretto*,...

d) Inglez :— Poucos vocabulos entraram na lingua no seu 1° periodo : hoje é que com as communicações mais estreitas, tambem mais vai augmentando o contigente :— *bill*, *bond*, *buldogue*, *beefsteak*, *rostbeef* (rosbife), *dandy*, *goom*, *grog*, *Jockey*, *lunch*, *piknik*, *rhum*, *steeple-chase*, *sport*, *tunnel*, *tilbury*, *whist*, *boagoton*, *paquete* (vapor), *yacht*, *cutter*, *bolina*, *brigue*, *cheque* (bilhete pagavel ao portador), *cabs*, *clown*, *club*, *coke*, *dollar*, *penny*, *jury*, *hurra*, *pickpocket*, *reporter*, *pudim*, *quaker*, *revolver*, *vagão*, *sandwich*, *whiskey*, *tramway*, *tender*, *water-proof*, *high-life*, *meeting*, etc.

e) Allemão. Aqui nos referimos aos vocabulos importados directamente do allemão moderno : — *bismuto*, *cobalto*, *Kirsch*, *landwehr*, *manganez*, *potassa*, *spath*, *zinco*, *feld-marechal*, *feldspath*, *schopp*, *obuz*, *Kermesse*, [2] *canivete*, *landgrave*, *rixdal* (*reichsthalep)*, *thalweg* (linha

---

[1] Do lat. *sera*, noite ; e *sonare* resoar.

[2] *Kirchmesse*. p. comp. : missa celebrada para commemorar a fundação ou inauguração de uma egreja : regosijos publicos dados por esta occasião.

de juncção dos dous declivios de um valle, indicando a direcção do curso d'agua), *thaler*, etc.

f) FRANCEZ. — Desde o primeiro periodo da formação da lingua que apparecem os vocabulos desta origem. A influencia do elemento francez tem sido grande desde o seculo XIII, posto muitas das palavras implantadas já se tenham archaisado : — *jalne* (amarello), *escote*, *vianda*, *talha*, *aprés, ensembra*, *oeta* (fr. ouate), *arrecures*, *prevoste*, *aproxes*, *castramentações*, *lizeres*, *ornaraques*, *dobretes*, *maridaes*..... D'esses termos, porém, ainda nos ficaram muitos : — *corneta*, *caporal*, *furriel*, *quartel-mestre*, *barbacan*, *esquadrões*, *quadrados* (de soldados), *meijon meison* (maison), etc. [1]

Não somos avessos aos gallicismos, quando necessarios, — como por exemplo : *patinar*, *guilhotina*, *soutache*, *cache-nez*, *vis-à-vis*, *fichú*, e esses termos de mil cousas para enfeites femininos, modas, etc. uns por não terem equivalente no portuguez, outros por já fazerem parte da lingua popular.

Si não consideramos gallicismos com S. Luiz, N. de Leão, Tullio, etc. — *adiar*, *adiamento*, *activar*, *felicitações*, *inabalavel*, *regressar*, *rotina*, etc., e menos escusados, temos por muito para censurar a lepra dos *bouquets*, *soirées*, *fauteuil*, *lorgnons*, *toillettes*, *blasé*..........., que não devem figurar no nosso lexico.

Os neologismos de origem franceza mais se referem á moda, á mesa (iguarias), á ficção litteraria, ou são nomes proprios ou geographicos indicadores do producto ou invenção : — *gris-perle*, *grenat*, *ruche*, *capotte*,.... *vol-au-vent*, *croquette*, *mayonnaise*, *salada panachée*,..... *amphytrião*, *harpagon*, *taruffo*, *pantagruel*,... *Bordeaux*, *Chambertin*, *brie*, *cognac*, *bayoneta*, *medoc*, *daguerre-o-typo*, *guilhotina*.

g) AFRICANO — Algumas palavras desta origem foram introduzidas no portuguez indirectamente pelos Arabes até o Sec. XIV (*papagaio, azagaia*...) ; as outras vieram

[1] Ou do lat. *mansionem*, mansão ?

directamente pelo commercio e trato entre Portuguezes e Africanos (*bugio, buzio, gimbo...* — Sec. XV e XVI ; Gil Vic. 1°, 122 etc.), e ainda acrescentado no Brazil depois do XVII (*inhame, calundú, giló...*).

Quasi todos os vocabulos desta origem pertencem á lingua bunda, e aos dialectos do Congo : *banza, banzar, banzé,* (barulho, motim, disputa), *batuque, cacunda* (costas), *calunga, cangerè, catinga, caxeringuengue* (faca velha), *jongo, lundú, macaco, malungo, moleca moleque* (ou do Arabe ?), *marimba, mandinga* (feitiço), *mulambo, quegila, samba, cumbuca, senzala, sova* (*governador*), *urucungo,* (instrumento mus.), *zanga, zumbi, zungú,* etc.

Muitos desses vocabulos pertencem tão sómente ao lexico *brasileiro* : *camondongo, calunga, pucuman picumam* (fuligem), *muxinga* (açoite), etc...

Tanga é tambem palavra africana : mas no codigo Theod. C. V. XIV' tit. 10 — encontra-se a palavra *tzanga*, com o mesmo sentido. Ter-nos-hia o termo vindo de Africa directamente ou pelo latim ?

Na linguagem do Brasil muito frequente é ainda hoje o emprego de termos do elemento africano, que apparece tambem, — ainda que raro —, nas canções populares:

Você gosta de mim
Eu de gosto de você ;
Si papae consenti
Oh ! meu bem,
Eu caso com você.
Alê, alê, calunga
Mussunga, musssnnga ê [1]

b) Elemento brasileiro. — São muitissimos os vocabulos que da lingua tupy ou abanaenga figuram no nosso lexico : — *cabiuna, caboclo, cacique, capoeira* (mato tenue, ave), *cuia, embira, pagé, taba* (aldeia), *borê, maracá* (instr. mus.), *igara* (canôa feita de um tôro), *ubá* (id. feita de cortiça), *tanajura* (especie de formiga), *zarabata-*

[1] Sylvio Romero — *Cant, pog. bras.*

na, *tacape*, *tangapema* (instr. de guerra), *acanguape*, (cocar de pennas), *onduapes* (tanga de pennas), *metara*, (pedaço de páo, osso, etc. que introduziam nos labios), *ayucara* (collar feito de dentes e ossinhos dos inimigos mortos por quem o trazia ao pescoço), *curare* (urari), *caipora* (d'onde *caiporismo*), — *caa-pora*, habitador do matto ; *mandioca*, *tapéra*, etc.

Na ichtiologia, ornithologia, e na flora, etc. muito enriqueceu o elemento brasilico o nosso vocabulario : — *abacaxi*, *abacate*, *taquara*, *taquarussú*, *arara*, *capim*, *caroba*, *cajú*, *gerimum*, *sipó*, *goiaba*, *guaxima*, *embira*, *jaboticaba*, *peroba*, *jacarandá*, *poaya*, *pita*, *pitanga*, *sapucaia*, *tapioca*,... *juruti*, acará, carapicú, corocoroca, mandy, mossum,... *inhambú* *araponga*, *arara*, *caboré*, *sabiá* (e todas as especies : — *guacú*, *guba*, *piranga*, *peri*, *poca*, *sica*, *unga*, *una*), *urubú* *gaturamo*, *jacú* *socó*... *capivara*, *coati*, *gia* (rã), *giboya*, *mico*, *marimbondo*, *mutuca*, *paca*, *sussurana*, *surucucú*, *tamanduá*,...

Tambem crescidissimo é o numero dos nomes locaes no Brazil — *Andarahy* (morcegos rio), *Araripe*, *Aracajú*, *Caçapava*, *Baependy*, *Capanema*, *Cabuçú*, *Carioca*, *Ceará*, *Catumby*, *Curitiba*, *Icarahy*, *Itapuca*, *Pernambuco*, *Tijuca*, *Catteie*,...

Como do elemento arabe e germanico, etc herdamos nomes, e delles derivamos verbos : — *catucar*, *capinar*, ENC*aiporar*, *tocaiar* (ficar na tocaia, i e., á espera),... [1]

Na poesia popular do Brazil, principalmente do Norte, apparececem phrases indigenas entresachadas, como estribilhos ;

> Te mandei um passarinho
> *Patua miré pupé ;*
> Pintadinho de amarello
> *Iporanga ne iané*
>
> (S. Rom. *lac. cit.*)

[1] O Dr. Macedo Soares publicou sobre esta derivação, no *Rev. Bras.*, um trabalho de merecimento.

Vamos dar a despedida
Mandu Sarará
Como deu o passarinho
Mandu Sarará [1]...
(Id)

O numero de vocabulos desta origem, que só figuram no lexico *brasileiro,* i e., que são desconhecidos em Portugal, é passante de 5000.

11 — Ainda, além desses elementos, com o jus de augmental-os pelos processos da composição e derivação (Lições 17 e 18, 19 [1]), tem o portuguez outros de não menor valor para a constituição do lexico.

1.— *Nomes locaes:— artesiano* (de Artois), *arminho* (da Armemia), *avellã* (Avella, cidade da Campania), *baioneta* (Bayonna, cidade da França), *berlinda* (Berlim), *bohemio* (Bohemia), *brie* (França), *casimira, cambraia, cachemira, campeche, chambertin* (França, vinho tinto), *champagne, chester*, *curaçao* (licor das Antilhas), *falerno* (Italia), *Gallileo* (Jesus, antiga provincia da Palestina), *gaivota* (Gavot, cidade da França), *gruyère, italico* (typo de imprensa), *laconismo* (Laconia), *landau* (Baviera rhenana), *madapolão* (cidade do Indostão), *havana, musselina* (Mussul, cidade da Mesopotamia), *nankim* (cidade de China), *Nazareno* (de Nazareth) *paraty* (aguardente de Paraty), *Persianna* (Persia), *faisão* (Phasis), *Porto*, *Surnhy* (farinha de S.), *sauterne, sevres*, *xerez*, *cordovão* (Cordova), *marroquim* (Marrocos), *pistola* (Pistoya).....

2.—*Nomes proprios de individuos: Aristarco* juiz severo, *bucephalo* (cavallo de Alexandre : hoje cavallo de batalha), *calepino* (lexicographo italiano — hoje collecção de notas), *catilinarias* (de Catelina), *elzevir* (impressores do Leyde), *elzeveriano*, etc., *Galvanismo galvanoplasta* (de Galvani,

[1] *Latim* — latinisar, alatinado, latininismo, latino-mania, etc.

physico e medico de Bolonha, seculo XVIII) *lazaro*, *lazarento lazareto lazarista* (Lazaro, da parabola evangelica), *mecenas* protetor das lettras, de Mecenas favorito de Augusto, *macadam* (do engenheiro Mac-Adam), *nicotina* (de Nicot, embaixador de França em Portugal, conhecido sobretudo por ter importado o tabaco em França 1492-1577), etc....

3.— Transferencia — *Egreja romana*, *curia Romana*, *pedante* (V. tambem — *semeiologia*, lição 6ª) *alarve*, *malandrino*.

4.— Ficção litteraria :— *um matamouros* (com. hesp.) um *harpagão* (muito avarento — com. de Molière), *um dom Quixote* (blasonador de bravo, etc. — romance de Cevantes), *Tartufo*, *Polichinello*, *Rocinante*.

5.— Mythologia, crenças e crendices :— *argonauto* (de *argos*), *Argus* (*olhos de Argos*, muito penetrantes), *Medusa* (cabeça de Medusa —) ; *hermes hermetico hermeticamente* (de Hermes, nome grego de Mercurio, e Hermes Trismegista) ; *chimera chimerico, panico* (de Pan), *herculeo* (de Hercules), *vulcanico vulcanite*, etc. (Vulcano) *lamures*. *caipora*, *jovial* (Jove, porque Jupiter era a planeta mais feliz), *saturnino* (triste, grave, refolhado — porque o planeta Saturno inspirava gravidade, etc.), *lunatico*, *marcial* (de Marte)...

6.— Erro etymologico :— *Indio* (o habitante do Brazil).

7.— Analogia :— *bom humor*, *máo humor*, etc.

8.— Titulos, cargos, officios:— *maire*, *landlord*, *landgrave*, *delegado, presidente*...

9.— Os costumes, a caça, a pesca, os vicios e as artes, a guerra e a politica, os jogos e a agricultura, as machinas e instrumentos, as peças delles componentes (*gata*, *porca*, *cachorro*, *cavalete*, *mosquete*, etc.) ; as metaphoras (*emolumentum*, o que se pagava a moleiro pela moenda, depois *proveito, ganho* ; *salarium*, quantidade de sal que se dava

como pagamento, hoje estipendio ou aluguel do trabalhador — (V. Lição — 6ª e 21ª); o *condestavel* era o chefe das estribarias; o *marechal*, o guarda dos cavallos; o *vassalo* transforma-se no *vassalete*, que se degrada no *valete*; o humilde *ministèr* (criado) torna-se *ministro* do Estado.

« As phases percorridas pela lingua em suas modificações são como o reflexo exacto das revoluções politicas e moraes » porque passara o espirito publico na provincia hispanica, em Portugal e no Brazil.

Ainda temos mais as viagens e o commercio :— *tatuagem*, *Simun* etc.

Resta fallar do elemento grego.

Na formação do portuguez vulgar foi este elemento etymologico em extremo insignificante.

Só no sec. XIV é que elle começa a entrar na lingua, mas por intermedio do latim, que já posssuia certo numero de palavras gregas (*byrsa*, *buticula*, *cara*, *colla*,... — *bolsa*, *botelha*, *cara*, *colla*, ... *episcopus*, *apostolus*, *diaconus*, *parabola*, *ecclesia*....)

Temos alguns nomes dessa derivação que hoje fazem parte de lingua popular :— *democracia, monarchia, economia, agonia*, *harmonia*, *anarchia*, *melodia*, *gymnastica, poema*, *politica*, *sophisma*, *tyrannia*, *despota*...

Nos seculos XV e XVI a corrente erudita deu entrada a mais algumas palavras cujo numero recresceu desde o XVIII, especialmente na terminologia scientifica. Hoje, na medicina e nas sciencias naturaes, triumpha a nomenclatura grega, principalmente por sua força formadora pelos processos da derivação e composição (Lições 17ª e 18ª.)

Dos vocabulos de creação moderna, muitos tambem já pertencem á linguagem popular :— *telegrapho*, *telephone*, *typographia, polytheama*, *cosmorana, necroterio*, *gazometro, polytechnica*, *gramma* (peso), *metro* (medida de extensão)...

São hoje em não pequeno numero os suffixos e prefixos

gregos (particulas e termos), que entram na formação de palavras portuguezas; mais de 80 raizes verbaes gregas contém o nosso lexico; mais de 3.000 vocabulos possuimos actualmente derivados desse elemento historico, graças ao direito de accrescimo que nos facultam os processos de novas formações. Assim, p. ex., *kosmos* deu-nos — cosmico, cosmogonia, cosmogonico, cosmographia, cosmologia, cosmopolita, cosmorama, microcosmo; *metro*, — metro, decametro, decimetro, millimetro, metrologia, metrologo, metronomo, pirimetro, isoperimetro, diametro, symetria, symetrico, semetrisar, symetricamente, asymetrico, acrometro, gazometro, chronometro, hydrometro, pentametro, pluviometro, thermometro, barometro, geometrla, trigonometria, hexametro, etc.; *auto* — autobrigraphia, autobiographo, autobiographico, autochthone, autocracia, autocrata, autocratico, autographo (— iar, — ia, — ico), automato, automatico, automotor, automotriz, autonomia, autonomo, autoplastia (t. de cirurgia), autopsia, — ar, etc....

13. — Em remate — O portuguez recebeu do latim a tradição oral de expressões, idéas e imagens; transmittiu-a ás gerações seguintes pela força conservadora, mas modificada, e dilatada neologicamente, pela força revolucionaria.

E cumpre não esquecer a acção psychologica, cujo processo muito tem avolumado o nosso lexico, e consiste na transferencia do sentido do vocabulo (V. Lição 6ª).

As linguas não se fixam: « são rios que tendem sempre a augmentar em caudaes á proporção que mais se alongam da matriz. »

VIGESIMA TERCEIRA LIÇÃO

Caracter differencial entre os vocabulos de origem popular e os de formação erudita. Duplas, fórmas divergente.

1.º — O nosso vocabulario compõe-se de tres camadas de palavras — *popular*, *estrangeira* e *erudita* (Lic. 22). São, por assim dizer, distinctas, a linguagem vulgar e a erudita; mas a instrucção, que cada vez mais se vae entranhando na classe popular, e a imprensa (que é a lingua escripta), muito concorrem para que se vá apagando pouco e pouco a linha que as estrema. Já vimos que muitos vocabulos de formação erudita figuram hoje no lexico popular (*variola*, *applacar*, *pustula, blasphemar*, *archanjo*, *telegramma*, *atheo, geographia*,....); certas particulas formativas, latinas e gregas, são hoje vulgar (*ex* — ex-chefe, *ario* — partidario,....)

O que acontece muitas vezes na linguagem popular é o vocabulo mudar de sentido (Lic. 6ª) ou soffrer alguma modificação — *alarve*, *patife*, *murcido* (cp. murcho),.... *Beeito bieito bento Benedicto.*

2.º — A's vezes da mesma palavra latina derivam duas ou mais portuguezas, umas de fundo classico e outras de fundo popular. (pag.   )

LAT.	FORM. POP.	FORM. ERUD.
Nitidum	nedio	nitido
cumulus	combro	cumulo
colligere	colher	colligir

LAT.	FORM. POP.	FORM. ERUD.
captare	catar	captar
plenus	cheio	pleno
impregnare	imprenhar	impregnar
coghatus	cunhado	cognato
especulum	espelho	especulo
stagnare	estancar	estagnar

3.º — Os vocabulos populares (infiltrados pelo ouvido) são mais contrahidos porque moldaram-se nas fórmas populares latinas, já regularmente contrahidas (*frigdo* p. *frigidus*, *anglo* p. *angulus*, *caldo* p. *calidus*, *poplo* p. *populus*, *templo* p. *tempulnm*,....); e a sua formação foi sempre presidida pelas tres leis geraes e fecundas a que nos referimos na lição antecedente (*mascar* = mast (i) care, *obrar* = op (e) rare; *mãe* = ma (t) er, *arêa* = are (n) a, *doar* = do (t) are,....)

Os vocabulos de origem erudita, vasando-se directamente no typo escripto latino, retomam a vogal atona e a consoante media (*mastigar*, *operar, arena, dotar*....)

4.— A essas palavras, de origem commum e muitas vezes de sentido diverso, deram os philologos os nomes de FÓRMAS DIVERGENTES OU DUPLAS. Esta denominação é mal cabida porque se as derivações são geralmente *duplas*, tambem as têmos triplas e quadrupnlas, etc.: *cavilha chavelha cravelha clavicula*, *mancha malha magoa macula; benzido bento beneito* (Canc. Vat.) *Beento* (Sec. XIV) *Bieito Vieito* (Canc. Vat.) *Benedicto; cabedal cabedel* (Act. dos Apost. Sec. XV) *coudel caudal capital*...

5.— São varias as causas das fórmas divergentes.

1.ª A degeneração phonetica, a que nos referimos ácima e que ás vezes por tal fõrma modifica o vocabulo que de todo perdemos o seu sentido etymologico. Foi o que p. ex. succedeu com o verbo *benzer*, que fez-nos ir buscar a outra fórma á lingua originaria — *bemdizer* (= benedicere) para exprimir acção opposta a *maldizer*; *artelho* e *artigo*; *arêa* e *arena, bodega* e *botica, ladino* e *latino, etc*...

2.ª A adopção de uma palavra de lingua estrangeira, mas da mesma origem que outra já existente no portuguez e de derivação directa.

LATIM	F. PORT.	F. ESTR.
Crespus	Crespo	Crèpe (fr)
Domina	Dona	Dama (id)
Hospitalem	Hospital	Hotel (id.)
Alacrem	Alegre	Allegro (it)
Opera	Obra. id.	Opera (it)
Planus	Chão plano	Lhano (hesp)
Caballarium	Cavalleiro	Cavalheiro (fr)
Duos	Dous	Duo (it)

3.ª— A variação dialectal, que deriva uma fórma popular de outra já existente no portuguez:

LAT.	F. PORT.
Basium	Beijo beiço
Platus	Chato prato
Dominus	Dono dom
Santus	Santo são
Plaga	Chaga praga
Medulla	Moella miollo
Patrem	Padre pae

4ª — Renovação erudita, principalmente do sec. XV em diante.

F. POP.	F. ERUD.	LAT.
adro	atrio (S. XVI)	atrium
alvitre	arbitrio (XV)	arbitrium
amendoa	amygdala (XIX)	amydala
bramar	blasphemar (XIV)	blasphemare
confiança	confidencia	confidentia
delgado	delicado	delicatus
estreito	estricto	strictus
cobrar	coperar	cooperare
inteiro	integro	integrus

A's vezes o mesmo typo latino dá duas e mais fórmas populares: — *coróa coronha* (= corona), *chumbo plumo prumo* (plumbus), *mancha magoa malha* (macnla)...

5ª — A deslocação do accento da palavra popular e o imparisyllabismo da derivação latina: — *polpa polvpo*,

praça platéa (=plátea),... *drago dragão* (=draco draconem), *serpe* (nom.) *serpente* (acc.) *virgo virgem* (acc.), *erro* (nom.) *error* (accus.)...

6.ª — A mudança de genero: — *tormento tormenta, gigo giga, barco barca, cinto cinta*.....

6. — O proeesso da derivação divergente data das primeiras phases da lingua, e muitas fórmas são hoje archaicas: — *sages* sabio sapiente, *esmar* estimar (suspeitar avaliar) *tredo* trahidor, *fio* fido, *enseja* insidia, *cajom cajão* occasião, etc. *denostos deostos* doestos, *emprir* encher = l. *implere*, etc.....

7. — A onomastica tambem apresenta grande numero de duplas:

Fagundo	de	facundo
Dulce		doce
Angelo		anjo
Benedicto		Bento

8.ª — Em algumas palavras derivadas transparece ainda o processo de derivação divergente:

*a*meigar	mitigar
*de*vastar	gastar
*de*plorar	chorar

9. = Temos ainda formas *sub-duplas* ou *redivergentes*, de derivação secundaria: — *Sanchico* de *Sancho, Paulino* de *Paulo*.....

A esta categoria pertencem as fórmas divergentes de nomes gentilicos: — *Beirão Beirense*, *Sergipano Sergipense Lisboeta Lisbonense, Braguez Bracarense,.... Brazileiro Braziliense*, *Anglo Inglez*,.....

10. — O latim já conhecia essas bifurcações vocabulares: — *limpidus liquidus, bellum duellum, columnba palumba, fel bilis*....., que no portuguez constituem formas *divergentes indirectas* [1]. O Grego tambem apresenta certo numero de duplas: — *Kradia Kardia* (coração), *Kirnemi Kerannumi* (misturar) etc. [2]

---

[1]) Bréal et Railly — *dict. Etym. lat.*

[2]) Budry — *Gram. comp.*

11.— Em seguida, damos uma lista abreviada de algumas fórmas divergentes, advertindo, porém, que muitissimas vezes a derivação é apparente ; houve apenas concurrencia entre palavras latinas populares e eruditas:—*Dobrar* = l. barb. *duplare* ; *duplicar* = l. class. *duplicare*.

Tropa é do lat. barb. *trupus*, *trupa* (= rebanho ; *Si enim in* troppo de *jumentis*, etc., *Lex Alamannorum*), e não é fórma divergente de *turba*.

Coda = lat. pop. *codă*, *cauda* = l. class. *cauda* ; *Siso* deriva de *seso*, e consequentemente não é dupla de *senso*= l. *sensus* ; *pardo* = l. pop. *pardus* (da côr de panthera — *pard*), *pallidus* = l. class. pallidus),....; *prisão* não é forma divergente, como se tem escripto, *deprehensão*, mas deriva de *presionem* ;... A's vezes uma das palavras tira origem no latim e a outra deriva de vocabulo já portuguez: — *colheita* vem de *colher* (colligido, escolheito), *collecta* de *collectar* ; *bispado* de *bispo, episcopado* do lat. *episcopatus ; coser*, do lat. *cosere, cosinhar* de *cosinha* (lat. coquina ; l. pop. *coquinare ?*),.....; ou ainda uma palavra é de origem popular a outra de origem estrangeira.

DERIVAÇÃO ERUDITA

F. port. pop.	*F. class.*	*Lat.*
adro	atrio	Atrium
avrego abrego afrego	africo	africus
alegria	alacridade	alacritatem
Agosto	Augusto	angustus
ajnderio	adjutorio	adjutorium
acenar	assignar	assignare
arêa	arena	arena
alhear	allienar	allienare
allumiar	illuminar	illuminare
alvedrio alvitre [1]	arbitrio	arbitrium
austinado	obstinado	obstinatns
amendoa	amygdala	amygdala
apagar	aplacar	aplacare

[1] *Eibitrio, eibitrario, eibitrar*, Sec. XV.

F. port. pop.	*F. class.*	*Lat.*
anjeo anjo	Angelo	angelus
aprender	aprehender	aprehendere
artigo	artelho	articulus
aspeito	aspecto	aspectus
assemelhar	assimilar	assimilare
asmo	azimo	azimus
assobio	silvo sibillo	sibilum
assoprar	insuflar	iusuflare
avêsso	adverso	adversus
bainha	vagina	vagina
bodega	botica (inf. franc. ?)	apotheca
bolla bolha	bulla	bulla
bento (beeito etc.)	Benedlcto	benedictus
bolbo	bulbo	bulbus
bostella	pustulla	pùstulla
cabido	capitulo	capitulus
cadafalso	catafalco	catafalcus
cadeira	cathedra	cathedra
caldo	callido	callidus
cousa	causa	causa
carrear	carregar	carricare
cabedal	capital	capital
cantiga	cantico	oanticus
caramunha	querimonia	querimonia
chamar (jamar Sec. XIV)	clamar	clamare
chão	plano	planus
chantar (arch.[1])	plantar	plantare
chanto (arch.)	pranto	planctus
ehave	clave	clavis
eheio	pleno	plenus
chico (arch.)	exiguo	exiguus
chumbo	prumo plumo	plumbus
cem	cento	centum
chamma	flamma	flamma
chocarreiro	jogralеiro	jocularius
chaga	praga	plaga
conchavo	conclave	conclave [2]
cobrar	cooperar	cooperare
codea	crosta	
coima	calumnia	calumnia
catar caçar	captar	captiare, captare [3]
colher	colligir	colligire
colgar	collocar	collocare
coalhar	coagular	coagulare

---

[1] D'onde *canteiro*, logar onde se planta.

[2] *Cum clavis* = com chave.

[3] Geralmente dão como dupla *capturar* de *capturare*.— *Captare feras*. (Prop.)

F. port. pap.	*F. class.*	*Lat.*
comoro	cumulo	cumulus
contar	computar	computare
cunhado	cognato	cognatus
comprar	comparar	comparare
creto (ant.)	credito	creditns
chavelha cravelha cavilha	clavicula	clavicula
crasta	claustro	claustrum
cuidar	cogitar	cogitare
chapa	capa	capa
desenho	designio	designium
delgado	delicado	delicatus
dedo	digito	digitus
doar	dotar	dotare
doação	dotação	dotationem
direito	direito	directus
deão	decano	decanus
divida	debito	debitus
descer	descender	deseendere
dizima	decima	decima
dobro	duplo	duplus duplum
dormidouro	dormitorio	dormitorius [1]
eira	area	area
emprenhar	impregnar	impregnare
ensosso	insulso	insulsus
enxabido	insipido	insipidus
esburgar	expurgar	expurgare
escada	escala	scala
escutar	auscultar	auscultare
escuro	obscuro	obscurus
esgaravatar	escarificar	scarificare
espadua	espatula	spatula
estancar	estagnar	stagnare
extorcer	extorquir	extorquire [2]
esvigar (arch.)	edificar	edificare
estreito	escricto	strictus
espelho	especulo	speculum
errada	errata	errata
estiar	estivar	stivare
eıguer	erigir	erigere
febra	fibra	fibra
feira	feria	feria
feitura	factura	factura
fino, finto findo (Sec. XVI)	finito	finitus
frio	frigidc	frigidus
fiuza	fiducia	fidutiæ
froco	floco	flocus

[1] V. suffixos — *ouro* e *orio*.

[2] *Torcer* — l. *torquere*.

F. port. pap.	*F. clss.*	*Lat.*
funil.	fundibulo	fundibulum
frente.	fronte	frontem
gotto.	guttur	guttur
gola	gula	gula
geral	general	general
hombro	humero	humerus
herdeiro	hereditario	heredtarius
herege	heretico	hereticus
inereo (arch)	incredulo	incredulus [1]
ilha	insua	insula
inxabido	insipido	insapidus
inteiro	integro	integrus
ladino	latino	latinus
ladainha	litania	litania
lande	glande	glandem
lavrar lobotar	laborar	lavorare
livrar	liberar	liberare
lembrar [2]	memorar	memorare
leal	legal	legalem
ligeiro	aligero	aligeri
liar	ligar	ligare
limpo (lindo)	limpido	limpidus
logro	lucro	lucrum
moimento	monumento	monumentum
meolo	medulla	medulla
mister	ministerio	ministerium
molde	modulo	modulus
mosteiro [2]	monasterio	monasterium
murcho	murcido	murcidus
marear	marcar	morcare
marchante	mercante	mercantem
mascar	mastigar	masticare
macho	masculo	masculus
mancha malha		
magoa (mazela)	macula	macula
nevoa	nebula	nebula
nedio	nitido	nitidus
nalga	nadega	
obrar	operar	operare
olho	oculo	oculus
olvidar	obliterar	obliterare
orago	oraculo	oraculum
orelha	auricula	auricula
orgão	organo	organum
partilha	particula	particula
polme	polpa	

[1] Appareceu pela 1ª vez nas *Trov. e Cant* — ant *nembrar*.
[2] V. Saff. *eiro e ario.*

F. port. pop.	*F. class.*	*Lat.*
polvo	polypo	polypus (do grego)
praça	platea	plátea
papel	papyro	papyrus
pego	pelago	pelagus
palavra [1]	parabola	parabola
pende (arch)	penitente	penitemtem
pellicata	pellicula	pellicula
peso	penso	pensum
pesar	pensar	pensare
povoação [2]	população	populationem
praia	plaga	plaga
primeiro	primario	primarius
puchar	pulsar	pulsare
podre	putrido	putridus
precedencia	presidencia	presidentia
pousar	pausar	pausare
prêa preda	presa	presa
queimar	cremar	cremare
quedo	quieto	quietus
redondo (ant. rodondo)	rotundo	rotundus
ração	razão	rationem
regrar	regular	regulare
rezar	recitar	recitare
rotura	ruptura	ruptura
recobrar	recuperar	recuperare
raiar	radiar	radiare
rijo	rigido	rigitus
remissa	remessa	remissa
ruido	rugido	rugidus
Ralhar	rabular	rabulare
sanha	insania	insania
sangrento	sanguinolento	sanguinolentus
sarar	sanar	sanare
soldar	solidar	solidare
suor	sudor	sudor
Solteiro	solitario	solitarius
senha	signo	signus
sello	sigillo	sigillus
selva	silva	silva
segredo	secreto	secretus
semblante	simulante	simulantem
silha (cilha)	cingulo	
somma	summa	summa
somno	sonho	somnium
semblar	simular	simulare
sustancia	substancia	substantia

[1] F. int. *paraboa paravoa paravra*, etc.

[2] F. int. *poblaçom*, etc.

F. port. pop.	*F. class.*	*Lat.*
sobrar	superar	superare
serra	cerro	serra
tousar (ant.)	taxar	taxare
tudo	todo	totus
transe	transito	transitus
teia	tela	tela
taboa	tabola	tabola
terno	tenro	tenrus
tredor tredo	traidor	traditorem
vincilho (vincelho)	vinculo	vinculum
viagem	viatico	viaticum
vigia	vigilia	vigilia
vodo (ant.)	voto	votum

Derivação popular

Alvedrio	alvitre	leixar (leissar Sec. XIV) *deixar* = *laxare*	
Beijo	beiço		
cinto	cinta	oyr (C. D. Din)	ouvir
crela	querela	lomear	nomear
coresma	quaresma	madre	mãe
diabo	diacho	padre	pae
dono	dom	polir	poir
gaiola	charola	palomba	pomba
germano	germaho, mano irmão	chantar	plantar
		palacio	paço
loar (D. Din.)	louvar	medicina	meizinha
maldicta	maleita	roxo	russo
		santo	são

ELEMENTO ESTRANGEIRO

Além dos citados (pg. 339, 2°):

esquadro (exquadro)	square (ing.)
bannido	bandido (it.)
fabrica	forja (fr.)
bodega	botica (id. ?)
cantada	cantata (it.)
soberano	soprano (id.)
dous	duo (it.)
jurado (l. *juratum*)	jury (ing.)
mestre (*magister*)	maestro (it.)
plano chão	piano (it.)
tosto (l. *tostum*)	toast (ing.)

12.— As fórmas eruditas, é o que resulta do confronto, raro supprimem as vogaes atonas — *liberar* (p. livrar = lat. *liberare*), *hereditario* (p. *herdeiro* = lat. *hereditarium*), etc.; conservam a consoante media, que cahe na fórma popular — *dotar* (p. *doar* = l. *dotare*), *legal* (p. *leal* = l. *legalem*); desloca ás vezes o accento tonico latino conservado sempre no vocabulo popular: *platéa*, *renégo*, *invólucro*, *décano*, *polypo*.

13.— Perderam-se muitas fórmas divergentes pelo archaisamento — *cossario* corsario (Sec. XVIII), *giolho geolho joelho*, *arcepelago* archipelago, etc.

Temos fórmas divergentes do arabe — *zero cifra* (zifr); das linguas germanicas: — *bando banho*, *baluarte boulevard* (este ultimo por influencia franceza), etc.

VIGESIMA QUARTA LIÇÃO

Da creação de palavras novas.— Hybridismos

ADVERTENCIA.— Esta lição é por assim dizer um relancear de olhos pelas lições 6ª (16 seq.), 17, 18, 19, 22 e 45.

1.— As linguas estão em perpetua evolução : equilibram-se nas duas forças oppostas,— uma *conservadora* e outra *revolucionaria*. Constituem a 1ª, a civilisação, o respeito á tradição, o desenvolvimento litterario ; a 2ª tem por fundamento as alterações *phoneticas* e *analogicas*, o *neologismo*. [1]

2.— Não bastava ao portuguez as expressões, idéas e imagens recebidas do latim pela tradição oral ; outras idéas agitaram-se no espirito popular, e força foi augmentar o vocabulario. O lexico está sempre em mobilidade: ora registra palavras novas, ora apresenta-as sob novos aspectos. (L. 19.ª)

3.— Muitos são os factores neologicos, os centros formadores de palavras : a politica, a moda, o quartel, as as officinas, a lavoura,... tudo concorre para opulentar o vocabulario e renoval-o. « São tantos os centros de neologismos quantos os grupos naturaes de pessoas e de occupações. »

---

[1] Darmst. *La vie des mots*.

4.— Dessa actividade incessante da linguagem dá prova a formação *erudita*, que crêa um lexico novo e artificial (de origem latina e grega) no proprio seio do lexico natural; e a creação *popular* que importa termos novos das linguas vivas, ou forma-os com elementos da lingua pelos processos que lhe são peculiares. *Chantar* p. ex., foi substituido na linguagem classica por *plantar,* do lat. *plantare*; *phonographo* é de composição grega ;... *jockey* foi importado da lingua ingleza; *florsinha*, *rabiscador*, são creações populares vernaculas.

5.— São tres, pois, as fontes das palavras novas. 1º as linguas estrangeiras ; 2º os processos da derivação e da composição; 3º os *neologismos* de *significações*.

6.— Crear uma palavra é fazel-a expressão habitual de uma idéa. « A palavra *desenvolve-se* quando o espirito prende a ella um grupo mais ou menos extenso de imagens ou de idéas. »

A creação de palavras novas funda-se na analogia e na emphase. Um producto novo terá denominação formada de um thema ou termos indicadores da materia de que é elle feito (*cafeina*, *cajurubeba*) ; do nome do logar do producto (*paraty,* aguardente feito em Paraty ; *Suruhy*, farinha feita em Suruhy, etc.) ; o nome do fabricante ou introductor do producto, do inventor, etc. (V.— Lição 22ª). — As crenças, crendices e superstições ou os costumes tambem abrem largo espaço ás novas formações de palavras. *Caipora*, tupy *caa-pora*, pequeno caboclo, que, segundo a supersttção, vive nas florestas do sertão (*caa*) malfazendo ás vezes, prineipalmente aos que lhe negam tabaco, deu-nos *caipora* (individuo infeliz nas emprezas, commettimentos, etc.), *caiporismo encaiporar encaiporisar*; *feitiço feiticera feiticeiro enfeitiçar*, etc.....

A creação de palavras novas marca ás vezes uma nova época ou desenvolvimento historico. Assim, a palavra

christão, diz Renan, marca a data precisa em que a Egreja de Jesus separa-se do judaismo.

7.— O *determinante* nem sempre exerce a sua funcção especial porque condição necessaria para a formação de substantivos, « é o esquecimento da significação etymologica. » *Quaderno*, grupo de quatro ; *luneta*, pequena lua ; *soldado*, homem que recebe soldo, etc. não indicam etymologicamente ao espirito as idéas em nosso parecer essenciaes — de folhas de papel, instrumento visual, militar ou homem de guerra, etc. [1]

8.— Na linguagem popular são curiosas as creações. *Encordoar* é enfiar por chufas e motejos ; *desfructavel* é o individuo que se dá ao ridiculo : *debicar* é chufar; mofar ; *massada* — aborrecimento, importunação, etc.

A *semeiotica* é uma das fontes para a formação, não de vocabulos novos, mas de novas significações :— *Christo* é o *Salvador*, o *Redemptor*, o *Nazareno*. [2] Mas a acção do espirito popular, ao passo que modifica o sentido das palavras, fórma outras derivadas, já subordinadas á nova signifação. *Imbecil* (falto de forças) veiu a significar *nescio*, e dahi os derivados *imbecilitar* (tornar estupido) *imbecilidade* (toleima, necedade), etc.

9.— *Colonia*, *magistrado*, *triumpho*, *fastos*, *facção*, *aristocracia*, *democracia*, *demagogo*, *despota*, *insurreição*, *monarchia*, *seducção*, etc.... são do Sec. XIV; *companheiro* (p. *companho companhom*), *legitimo* (p. lidimo), *ira* (p. sanha), *expansão*, *ponderação*, *obstaculo*, *allivio*, *angustia*, *sagacidade*, *resplandecente*, *esplendido*, *architecto*, *audacia*, *aurora*, *auxilio*, *ciume*, *conjectura*, *crueldade* (p. crueza), *desculpa*, *desordem*, *maledicencia*, *transacção*, *affavel*, *difficil*, *imaginario*, *incredulo* (p. incréo), *doloroso*, *iracundo*, *nescio*, *magna-*

---

[1] Darms — I.

[2] Trench — *R. af words*.

nimo, *posthumo*, *proprio*, *continuo*, *obstinado*, *superno*, *valoroso*, *desejoso*, *negligente*, *rebelde*, *arguir*, *fulminar*, *restituir*, *criticar*, *castigar*, etc..... são do declinar do Sec. XV ao XVI, pertencem ao periodo chamado *quinhentista*, no qual tambem se generalisou o emprego do superlativo em *issimo*. *Inflexão*, *infracção*, *alienar*, *retrogrado*, *correccional*, *monoculo*, *undecimo*, *duodecimo*, *binoculo*, *assimilar*, *sinuosidade*, etc., são de introducção mais recente; *photographia photographo photographar*, *escravismo*, *evoluir voluir volutir*, *verticalisar*, *telephone telephonar telephonico*, *sociologia*, *altruismo altruista*, *altruismar* (cp. egoismar), *subjectividade*, *assimilação*, e mais cêrca de mil vocabulos, são do Sec. XIX.

São principalmente do Sec. XVI ao XIX, os compostos por nós citados a pags. 280 — *altivolante*, *capribarbicornipe*, *olhicerulea*, *levipede*, *ignivomo*, *fluctisonantes*, etc.

Finado (defunto), *sagaz*, *atavio*, *falha* (omissão falta), *arrefecer andrajo passamento sandice*, *bipede*, *queixume delonga derradeiro fallecer lide*, *pristino*, *truculento*, *vociferar*, *longiquo*, *energico*, *prematuro*, *probo*, *fragor*, etc.... são por assim dizer palavras novas, *neologismos por achaismos*, porque no Sec. XVI eram ellas consideradas archaicas, reprovadas ou de autoridade equivoca.

10 — Hybridismos — Dá-se este nome ás palavras compostas de termos tirados de linguas diversas:

Areometro..........	O 1° elemento é latino, o 2° *grego*
decimetro...........	Idem
bigamo.............	Idem
socicologia..........	Idem
oleographia.........	Idem
aviceptologia........	Idem
linguistica..........	Idem

monoculo............	1º grego, o 2º latino
monomania...........	Idem
antinacional.........	Idem
antiacido...........	Idem

Esses productos barbaros de elementos latinos e gregos muito afeiam a lingua, e são — na phrase de Latham — um *malum per se.*

Ás vezes, porem, não ha evital-os, como, acontece quando a lingua que nos dá o termo principal não possúe o determinante, ou não o conhecemos, etc. : *cipó*-chumbo, *capim*-melado.

8) Mas *cipó* e *capim*, de origem tupi, já são palavras do lexico portuguez, assim como *archi* está tão popularisado ou nacionalisado, que o cruzamento faz-se já mui naturalmente, e os termos da composição adaptam-se facilmente como se entre elles houvesse affinidade : — *archiministro*, *architrave*, *architolo.*

11 — O hydridismo é pois um facto artificial ou natural, reprovado ou admissivel, conforme é de formação erudita ou popular, etc.

VIGESIMA QUINTA LIÇÃO

Etymologia do substantivo e do adjectivo. — Influencia dos casos na etymologia

a) Do substantivo

1 — Multiplas são as origens nos nossos substantivos, e d'ahi a difficuldade muitas vezes de indicar-lhes com segurança a etymologia.

Os nomes proprios derivam-se do hebraico, grego, latim e germanico ; todos elles foram a prineipio significativos, que ainda temos abundantes exemplos no portuguez — (V. Lição 7.ª pag.79) [1]

Os patronymiços teem tambem varias origens : os derivados do latim formam-se geralmente do abl. plural : — *Paio*, Paes, Pelagio (V. pg.) ; os do arabe, pela anteposição da palavra *ben*, que significa *filho* : — *Ben-i-Egas* —Viegas, mas que se encontra no hebraico — *Benjamin* — filho da direita.

---

[1] Hebrsico — *Maria*, *Sara*, *Esther*, *Anna*, *Pedro*, *Joaquim*, *Manuel*, *João*, *David*, *Jeronymo*, *Jeremias*, *Moysés*, *Job*, *etc*..., que passaram para o portuguez pelo latim.

Gregos — *Theophilo*, *Theocrito*, *Philippe*, *Eugenio*, *Diogenes*, *etc*...

Latinos — *Caio*, *Antonio*, *Mario*, *Felis*, *Deodato*, *Claudina*, *Ursula*, *etc*...

Germanico — *Carlos*, *Luiz*, *Duarte*, *Eduardo*, *Radolpho*, *Affonso*, *Adolpho*, *Izabel*, *etc*...

Sign.—Maria, sobarana, a rainha dos mares ; *Sara*, immunda, *Claudina*, que coxêa, *Anna*, graciosa, *Job*, paciente, *Joel*, quieto. *Judas*, louvado, *Theophilo*, amante de Deus, *Eugenio*. nobre, *Theodoro* e *Deodato*, dadiva de Deus, etc..*r*

Já vimos tambem (L. 22° etc.) que os nossos substantivos originam-se geralmante do latim : que a technologia scientifica deriva do grego ; que terminologia artistica é emprestada ás linguas vivas — maiormente ao italiano no tocante a pintura e a musica.

2.— Os de origem latina formam-se do nominativo ou do accusativo. O accento tonico indica a derivação. (V. pags. 175 e 176).

A's vezes teem dupla derivação :

ladro	do nom.	*latro* e *ladrão*	do accus.	*latronem*
erro	—	*erro* e *error*	—	*errorem*
virgo	—	virgo e *virgem*	—	*virnigem*
	etc.		etc.	

Outras vezes conservram apenas o caso regimen, principalmente nos nomes em *io*, *onis* :— *religião* (religionem), *lição* (lectionem),... em *us*, *utis* :— *virtude* (virtutem). *saude* (salutem).

Dos outros casos, além do sujeito e regimen, derivam tambem alguns substantivos (V. pgs. 177, 178).

b) Do ADJECTIVO

4.— Os adjectivos tambem tiram origem no nominativo e accusativo (V. pgs. 179, 180).

5.— No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. Todos elles conserva o portuguez (*hic, iste*, *ille*, *ipse*).

Nem sempre, porém, passaram elles para o portuguez na fórma simples. Quando os Romanos queriam indicar mais claramente a idéa demonstrativa dos pronomes *hic*, *ille*, *iste*, antepunham-lhes a particula adverbial demonstrativa *ecce*, ou o pronome *hic*. Dahi os pronomes populares — *ecce iste, ecce ille*, contrahidos regularmente em *ecciste eccille*, *hic iste hic ille,* etc.

ESTE — l. *iste* (fem. *esta* — ista ; neutro *isto* istud).

Já são commummente empregadas nos doc.. dos Secs. XIII e XIV as fórmas *este esta*, parallelas a *iste ista*, plural *istes*.

Viterbo cita as variantes graphicas *sta*, *sto*, do Sec. XIV.

Os seus compostos — *aqueste aquesto* (*ecc'iste*, *ecc'istum*) remontam tambem áquella época, e ainda persistiam no Sec. XVI (Bern. Rib. 279, 280, etc. *ant. canc*).

Se por palavras pudera
Aquesto meu mal cantar

Comp. — *est'outro*

Esse, a. — Derivam-se de *ipse*, *ipsa*, e sua fórma neutra *isso* de *ipsum*. Devemos, porém, advertir que o *p* do grupo *ps* não soava na linguagem popular, o que reduz phoneticamente esses adjectivos pronominaes a — *isse*, *issa*, *isso*. Suetonio refere que o Imperador Claudio multara um Senador por haver pronunciado *isse* p *ipse*.

Comp. — *ess'outro*

Aquelle, a[1]. — Do latim *hic-ille*, *hic-illa*, segundo a opinião geral.

Parece-nos, porém, melhor seria derival-os das formas populares contractas — *ecce-ille*, *ecce-illa*, de icce *ille*, *icce-illa*, que soavam *ek-ille*, *ek-illa*.

Comp. — *aquell'outro*.

Adjectivos pronominaes possessivos

Todos os nossos possessivos são de origem latina.

PORT.	LAT.
Meu mia minha	*meus mea* (meam)
teu tua	*teus tua*
seu sua	*suus sua*
nosso nossa	*nostrum, a*
vosso vossa	*vostrum, a*
seu sua	*suus sua*

[1] *Aquell*, Nos Fóros de Beja, Ined. da Acad. V. 523.

Derivados geralmente dos pronomes pessoaes, são antes adjectivos que pronomes.

Por motivo da degeneração phonetica os casos sujeito e regimen assimilaram-se, e ficaram ambos com uma unica fórma. Neste ponto é o francez mais rico do que nós comas suas fórmas atonas e tonicas *(mon, ton, son; mien, tien, sien).*

Cp. port.— *ella é minha ;* fr. *elle est à moi,* e *elle est mienne* (Rac.)

Meu é dos primeiros docs. da lingua *(meo ; mê, mei,* ainda nos Açores, Alemtejo e Algarve*)*. A fórma feminina é que passou por varias e curiosas transformações :

1.º *Mia* (= hesp., prov., ital.) E' do sec. XII (*con* mia *morte.* Canc. Rez ; mia *molher* S. Ros.) a par da fórma *ma (ma molher, mas fillas)*, que persistiu até o Sec. XV *(madama).*

2.º *Mha.* E' puramente desconformidade na graphia (*h*=*i ;* V. *Phonetica*).

3.º *Miana, miona*, (fem. de *meono*, fórma citada por Viterbo, *Eluc.*) Sec. XII e XIII [1]

4.º *Enha,* de uso muito popular nos Secs. XV e XVI : — *a* enha *esposa,* enha *mulher* (G. Vic.), e correspondente — segundo Schuchardt — ao portuguez de Cabo Verde — *nha*.

5.º *Minha* (Sec. XVI), correspondente á fórma *minha* do port. de Diu, formado analogicamente do masc. *minho.*

Esta ultima fórma tem sido muito discutida. O professor Diez é de opinião que ella está em connexão com *mim*, e suppõe que o masc. *meu* não soffreu alteração por estar protegido pelo *e*.

Estudemos a questão.

Os varios typos do pronome *minha* indicam diversas influencias ?

---

[1] *Miana miona* é mais propriamente = *madama madona* ; ana = senhora — en = senhor, homem graduado.

Mia é a fórma latina *mea*. *Mhia* é a mesma ; o *h* representa o *i* palatal. No Sec. XIV escreviam *mheu*, *theu* ; o *h* era intercalado para *tonisar* o pronome. *Nho* p. *no* (*em o*) é do Sec. XII.

Ma corresponde ao francez *ma*, e nem é essa a unica semelhança que em suas fórmas femininas apresentam os pronomes das duas linguas. *Ma* = *mia* = lat. *mea* ; e temos mais *ta* e *sa* = *tua*, *sua* (Secs. XII-XIV), quando ainda no francez popular eram *meìe moie*, *miem*. *Meu* devia dar *mea*, *mia* ; *mê* devia dar *ma*.

Minha. Sempre, em francez (*mien*, *mienne*), ital. (*miena* = *mia*), hesp. *mieña*, incorrecção que tem por fiadores Berceo e outros) ; inglez — *mine*, all. *die mine*, *mein*, no dialecto indo — portuguez *minh*, a nasal apparece.

O phenomeno do imparissyllabismo é já conhecido ; o portuguez tinha duas fórmas para o possessivo fem., uma atona — *mia*, e outra tonica — *meana*.

O molhar-se o *n* era transformação muitissimo vulgar nas primeiras phases da lingua, desde a Sec. XIII (*extranho* extraneus, *sobrinho*, *meiminho* minimo, *campanha*, *ordinhar*, *determinhar*, *Cristinha*....), deixando todavia muitas vezes de ser representado graphicamente (*filo* p. *filho*, *moler* p. *mulher*, *melor* p. *melhor*, *senora*, *camino*, *penna* p. *penha*, etc.

O povo pronunciava *mianha*, *mienha*, d'onde *minha*, f. correspondente á franceza *mienne*, hesp. *mienã*. [1])

A foama vulgar *enha*, motejada por Gil Vicente, e que era de uso desde o Sec. XIII aos que demoravam nas abas dos Pyrineos, os quaes antepunham ao nome proprio *Eu*, *Nã*, é o mesmo phenomeno de pathologia verbal que em S. Paulo reduziu *Senhor*, *Senhora*, a *nhô nhã*, e entre nós a *seu*, *sá*.

---

[1]) No port. do povo ignorante *antes* é *emantes* inhantes.

Ainda mais — No Lyonez temos *la min*, *la sin;* no dialecto do Jorat (Vaud) os adj. possessivos tonicos são: la *meinã*, la *teinã*, la *seinã*, a par das fórmas mais antigas — la *myonã*, la *tyonã*, la *xonã*.

Pode-se tambem explicar o phenomeno, que não é isolado, pela quéda do *a* de *mia*, e nasalisação do *i* pela influencia da nasal inicial.

Nosso, vosso. — Passaram pelas formas intermediarias *nostro vostro*, que persistiram até o Sec. XIV. A transformação explica-se: 1º pela queda de consoante media (*nost-r-um*, *rost-r-um* rosto, *arat-r-um* arado); 2º pela assimilação do *t* ao *s*.

7. *Adjectivos pron. indefinidos*

ALGUM. Segundo uns, é formado de *algo* e *um* (cp. *algorem*) [1]; corresponde a *aliqui*. Outros buscam-lhe a etymológia em *aliquam*; outros ainda em *aliquis unus* (*aliqu'uno aliquno al'quno, algum*).

Esta ultima opinião é a mais seguida.

E' forma popular parallela a *alguem*:— algum *disse já que a verdadeira nobreza consiste na virtude*. Apezar de etymologicamente oppostos, confunde-se com *nenhum*: — *palavra arabe* alguma *se lhe entende* (cam.); *em tempo* algum; .....

Tem flexão de genero e numero.
Antes das contracções *d'elles*, *dellas*, sapprimiam muitas vezes o pronome:— *Em colera mil corpos derrubando, delles mortos, delles mal feridos* (C. Real, *Cerco de Diu*).

---

[1]) *Algo*. adj. = algum (l. *aliquod*). E' dos Secs. XII e XIII, mas ainda no Sec. XVI era empregado como adj. e adv. equivalente a *alguma cousa* (*um revez* algo *desairoso*): e, por extensão, *bens*, *fortuna*. E ainda hoje dizemos no mesmo sentido :— *elle tem alguma cousa*. (*Algo um* = algum homem). Os unicos vestigios que nos restam deste pronome de valor neutro são as palavras *fidalgo* (— *filho de algo*) i é filho de algum rico, importante, *algur*, *algures*, etc.

F. archaicas : — *agũ, aguã.* (S. de Mir.), *algũ, alguã*; *algúo* (*Hist.* de *Ev.* Res. :— *fazer* alguo *negocio*).

Cada.— Representa o latim *quisque* (hesp. *cada*, fr. *chasque chaque*).

De derivação grega (*kata*), veiu-nos, porém, a palavra por intermedio do latim medievo.

Notemos todavia que o emprego de *cada* é posterior ao de *cada um,* ant. *cadhun, cadun*; arch. *quiscadaun* = lat. *quisque ad unum*.

No Sec. XVI ainda *cada um* era considerado adjectivo:— *cada um homem*; e no Sec. XVII empregavam-no ainda no plural :— *tynha encarrego de dar* cada umas *aos desembavgadores, ficaram* cada um *onde a morte o tomou.....*

Este emprego do verbo no plural tem exemplos em latim :— *ubi* quisque vident, *eunt obvium* (Plant.), *ubi* quisque habeant, *quod suum est.* (Id.).

Cada qual é de formação portugueza.

Estavam tres a tres, e quatro a quatro.
Bem como a *cada qual* coubera em sorte.

(*Cam.*)

Tambem (como *cada um*) leva o verbo ao plural quando a acção ou attributo é de todos :

Cada qual sobre o remo qne procura
contendam entre si, que o mais é erro.

Cada que é um antigo composto, de sentido identico a *cada vez que* (Ord. Aff.; C. de D. Din.).

Cada vez que equivale a uma loc. adv. (= de *cada vez que....*)

Cada é simplesmente *adjectivo.*

Certo (l. p. *certus* = l. class. *quidam*, que só ficou-nos como subst. — *um quidam*, na linguagem vulgar e galhofeira). — E' somente *adjectivo*.

Tem duplo sentido, conservado pela tradição latina, — de *resolvido, determinado*, e *convencido*, *de accordo com a verdade*, Ex :— *certo homem viu...*, *ficamos certos nisto; estou certo de que...*, *amigo certo* (verdadeiro).

Mesmo — Deriva-se do lat. *metips' mus*, contr. regular de *metipsimus* (contr. do sup. *metipsissimus* = *ipsimusmet*), por intermedio das formas *medessmo*, *medesmo*, donde se originou a forma *meesmo*, Sec. VX (pela queda regular do *d* medio), e a fórma actual (*mesmo*) no Sec. XVI.

Havia mais uma fórma popular parallela a *meesmo*, que se encontra em docs. do Sec. XIV e XV; nas ord. Aff., D. Duarte, etc. Era *medès* :— e *que elles* medeses *pagarão* (Doc. das Salzedas de 1832).

Alem do sentido etymologico, ha muito que este adj. pron. é empregado com sentido diverso, como p. ex. na phrase — *amamos a* mesma *mulher*, em que *mesma* deve ser vertido em latim por *eamdem* e não, por *ipsam*.

Mesmo, *a*, em logar de *proprio*, é de nobre estirpe e cunho classico, de bom quilate emfim. *A mesma naureza enamorada*, escreveu o nisso epico; *elle mesmo disse* = *ispse dixit*, de Cicero; *nesse mesmo dia* = ipso *illo die*. No latim, *ipse* servia para indicar rigorosamente a personalidade, a opposição entre dous individuos.

Não ha razão para refugarem alguns grammaticos esses modos de dizer. Barbarismo, linguagem mascavada com sabor gallico, sim, é — *o auctor elle mesmo disse...*., resvalo frequente dos menos sabedores da lingua (*l'auteur lui même*).

Muito = l. *multum*.

Nenhum. E' tambem de formação portugueza, pela juxtaposição de *nem* + *hum* = l. *nec-unus*. *Nemo unus* = ninguem, nenhuma pessoa.

Desses compostos morphicos, porém, herdamos do latim o processo de formação : — *nemo* = *ne hemo* ; E assim formaram-se *nemigálha* = *nem migalha* ; *nenhures* em opposição a *algures*...., e mais modernamente com o adverbio proclytico *não* (*non*) : — *nonnada nonada*, *não vinda*.

F. archaicas : — *nemguum*, *nengun*, *neun*, *nemú* (Ined. d'Alc. F. de Thomar, Canc. ined.,...), e as atrophicas — *nhum nhua*.

Cp. ital. — *nessuno neuno;* hesp. *ninguno nenguno*, f. arch. *nesun (nisun) nesune.*

Outro, ant. *altro*, de *alter*, accus. *alterum.*

Formou as locuções — *um e outro, nem um nem outro.*

F. arch. — *outro e nenhum* p. *nenhum outro;* combinação de *outro* e *outrem* com o pron. indef. *ninguem:* — *Alli* outrem ninguem *me conhecera* (Cam.); *bem sei que* outro ninguem *poude valer*, — *Ninguem outrem* é fórma ainda corrente, mas tambem do Sec. XVI: — de ninguem outrem *se poderão aceitar estas cousas* (Ferr.).

Comb. com os pron. pess. *nós, vós*, e demonstrativos *esse, aquelle.*

Qualquer. — Poderiamos derival-o do pronome *qual* e do adv. conj. *quer*, que serve para exprimir a generalisação de um acto, tempo, acontecimento, etc. Corresponde ao latim *cumque* (= *quum que)*. Mas a fórma archaica *qualquizer* prova que é esta a sua etymologia *(qual quer = quizer)*. [1]

Tem flexão de numero — *quaes*quer.

Fórma as locuções — *qualquer que*, equivalente ao latim *qualiscumque.*

Tal — (lat. *talis)*. Significa — *igual, semelhante; tamanho, nenhum.*

Tem plural — *taes*. — Vide *Syntaxe*.

Todo (= lat. *totus)*. E' variavel em gen. e numero. 1º E' de emprego antigo o pron. *todo* desacompanhado do artigo — *todo homem, todo mundo, em toda parte:* hoje ha regras a que estão adstrictos os disciplinados (V. *Syntaxe)*, posto que cada vez mais se vá generalisando o emprega do artigo. *Em todo o caso, a todo o tempo, a todo o momento, toda a natureza, em toda a nudez....* escreveu o athleta do estylo C. Castello Branco; *em toda parte, viveiro de todo mal, pomo de toda discordia,...* (Bern.) *Todos dous, todos tres,...*

2.º Dizem os nossos grammaticos era muito freqnente, entre os classicos, o emprego de *todos* por *tudo:* — *armadores e marinhagem* tudo *da mesma terra* (V. do Arcb.); *as abobadas, pilares e paredes são* tudo *cantaria* (H. de S. Dom.)

---

[1] Ined. d'Alcob. V. 18. Corresp. lat. *velle.*

Cremos, de nós, não ha nesses exemplos resaibo synonymico. *Tudo* é como que um pronome resumidor, epilogador, synthetisador (ou como melhor queiram chamar); é do gen. neutro; equivale a *tudo isso*. Cp. na ultima phrase — *as abobadas, pilares e paredes são* — tudo (isso) — *cantaria*, e *abobadas, pilares e paredes, tudo é cantaria*.

Não negamos porém a vacillação no emprego entre *todo* e a sua fórma divergente *tudo* — *fizeram* tudo o *necessario, em todo* e *por* todo, etc...

Um (hum) = lat. *unus* (adj. pron.)

O emprego do numeral com significação indeterminada, equivalente à *um certo, alguem*, é de origem popular latina, e fonte tambem classica (unum *vidi mortuum afferri* — Pl.) *Por mais que resplandeça* um *em virtudes* (Arraes).

c) *Dos numeraes*

8 — Numero cardinaes. — E' cópia dos Romanos o nosso modo de enunciar e escrever os numeros. A differença que entre elles existe é apenas phonetica.

um	unus
dous, arch. *duos*	duos
tres	tres
quatro	quatuor [1]
cinco	quinque [2]
seis	sex
sete	septem
oito	octus
nove	novem
dez	decen

Nas palavras de origem classica, adoptámos a fórma latina — *duo-decimo, duo-decuplo; septenario, quinquagenaria, quinquenio, octacordo*.....

De 11 a 20, excepto 16, 17, 18, 19 que se compõem com *dez*, os numeraes portuguezes são expressos por uma palavra simples:

onze	un (de) cim [3]
doze	duo (de) cim

[1] Empregamos *quatuor* no sentido de uma *partitura* que só tem quatro partes (neol.)

[2] A permuta do *q* lat. em *c* ou *s* brando port. é mui frequente — antes de *e* e *i* (*torquere* = torcer, *coquina* = cosinha,.....) Em latim, nas inscrip. romanas do Sec. III, encontra-se *c* p. *qu* e vice versa; teem pois o mesmo som. Fr. *cinq*. hesp. *cinco*, it. cinque,

[3] *Decim* p. *decem*.

treze	tre (de) cim
quatorze	quatuor (de) cim
quinze	quin (de) cim
dezeseis	*sex decim* ; sedecim
dezesete	*septem decim*
dezoito	*octo decim*
dezenove	*novem decim*
vinte	viginti

De 11 a 15 os nossos numeraes indicam uma contracção regular dos typos latinos, sujeitos á acção dissolvente das leis phoneticas, que transformou a desinencia *cim* em *ze*. De 16 a 19, abandonando as formas syntheticas, seguiu o portuguez outro modelo a que os Romanos davam preferencia *por ser mais claro*, segundo refere Prisciano[1]: — *decem et septem*, *decem et octo*, *decem et novem*, (T. Livio, Cic., Cesar, ete.), e em toda a numeração delle não mais se apartou.

De 20 a 90 só temos a notar o atrophiamento do numeral latino :

vtnte	vi (g) inti
trinta	tri (g) inta
quarenta	quadra (g) inta
cincoenta	quinqu (g) inta
sessenta	sexa (g) inta
setenta	septua (g) inta
oitenta	octo (g) inta
noventa	nona (g) inta

Os Latinos diziam indifferentemente *viginti tres* e *tres et viginti*, á semelhança do gothico (ing. *twenty three* ou *trhee and twenty;* em all. sempre as unidades veem antes — *drei und zwanzig*.

De 100 a 900 só é de notar a transformação muito natural, e logica, da terminação *gentt* em *centos* (*zentos*).

cem (para diff. de *cento*)	centum
duzentos (dous centos)	ducenti
taezentos (tres centos)	trecenti

[1] Grammatico.

quatrocentos	quadrigenti
quinhentos	qningenti
seíscentos	sexcenti
setecentos	septingenti
oitocentos	octogenti
novecentos	nongenti

Quigenti deu *qninhentos* pela perda do *g*, que poz a nasal em contacto com a vogal *e*.

Como em latim, os numeros cardinaes são invariaveis, com excepção de *um e dous* (no lat. tambem *tria* p. *tres.*) e os que exprimem centenas (*ducenti*, *æ*, *a*... *duzentos*,— *as*,...)

9 — *Mil* e seus multiplos correspondem exactamente a fórmas latinas. *Mille*, declinavel, tinha um ablativo archaico *milli*, e fazia no plural *millia*, donde derivou o nosso subst. *milhar*.) [1]

Milhão, billião, etc. são de creação portugueza.

NUMERAES ORDINAES — Como em todas as linguas, os ordinaes lembram os cardinaes correspondentes ; mas no portuguez elles representam fórmas importadas directamente do latim.

Primo [2]	primus
primeiro (primario) [3]	primarius
segundo	secundus [4]
terceiro (terciario)	tertiarius [5]
quatro	quartus

[1] Der. pop. Milheiro, mil pés, millionario, milefolhas,... Millenio millenario millepedes, milefolio, milliario, milleforme.

[2] *Ad instar* dos Latinos, escreviam os nossos maiores os mumeros por extenso ou representavam-os pelos caracteres romanos, (V et LX et, CCC = 5 + 60 + 300 = 365 ; era MCCXXX). Apesar de modificado apresentava este systema graves inconvenientes para a representação dos numeros elevados ; d'ahi a introducção do systema arabe, que muito se avantajava áquelle na simplicidade do mechanismo. para expimir um numero elevado e indeterminado.

[3] *Primeiro* é hoje a fórma usual ; *primo* só se conservou em composição — *primogenito, primoponendo, primazia, primevo, primicias, primicerio, primado, primipara, primitivo, primariças, primichica, primadona*, etc...., *prima* (1ª hora do officio divino).— *Primario*, é f. divergente de *primeiro ;* pertence á classe dos *distributivos.*

[4] *Secundus* encontra-se em *secundario, secundogenito.* etc. (*Segunda feira).*

[5] *Tertius* deu *terço, terça*, que são substantivos.

quinto	quintus
sexto	sextus
setimo	septimus
oitavo	octavus
nono	nonus
decimo	decimus [1]

e assim por diante — *undecimo*, *duodecimo*, *vigesimo* (arch. vicesimo), *trigesimo* (arch. tricesimo), *centesimo*, *millesimo* = lat. *undecimus, duodecimus*, *vicesimus, tricesimus, centesimus, millesimus*.

10. — Nos numeros compostos, ambos os elementos tomam fórma ordinal: *vigesimo segundo* = lat. *vicesimus secundus*.

11. — Usavam os Latinos da fórma ordinal para as datas do mez, do anno, as horas, [2] duração de um reinado, cargo, officio, etc., indicação dos seculos e de certos prazos, successão de monarchas. Com todas essas regras conformou-se o portuguez exclusive as tres primeiras referentes ás datas do mez e anno, e ás horas; pois empregamos a fórma ordinal, por excepção, sómente para o 1° do mez (e tambem se emprega o cardinal), e em linguagem ecclesiastica — horas de *prima, terça, nonas*.

Nem para todas as indicações de prazo, isto é, de espaço de tempo dentro do qual ha se de fazer alguma cousa, emprega o portuguez o ordinal.

Dizemos *antes* ou *depois do 3° dia* = tambem 3 *dias antes* = lat. *ante* tertiam *diem*, etc., mas os Latinos diziam *tertio quoque die* = port. *de tres em tres dias* (fr. *tous les trois jours,* ing. *every three days*...). [3]

12. — Das fórmas distributivas latinas em *anus*-a, con-

---

[1] Modernamente, — *decimo, vigesimo, quarto.* são tambem subst.

[2] Anno millesimo octingentesimo septuagesimo quarto. Octavam horam, nonam,....

[3] A este ultimo emprego dão-lhe alg. gramm. — o nome de *antidata*.

cernentes ás classes ou ordem dos legionarios[1] *primanus*, *a*, *um*, *secundanus, tercianus, vicesimani* etc.), só nos restam lembrança em alguns raros vocabulos, hoje já obsoletos — *terçã*, *quartã* (febre —, que tem intermittencias de trez ou de quatro dias) (= lat. *febris tertiana*, *quartana*).

13.— Multipicativos — Derivam-se todos das fórmas latinas em *plus* (declinaveis), que tinham uma concurrente em *plex* (*duplus duplex*, *triplus triplex*).

ant. *s'implo* (simples)	simplus
duplo	duplus
triplo	triplus
quadruplo	quadruplus
decuplo	decuplus
centuplo	centuplus
multiplo	multiplus

Da 2ª fórma temos *simplice* (arch.), *duplice*, *triplice* e *multiplice*.

São de formação erudita, e correspondem aos de fundo popular — *dobro*, *tresdobro*, *cemdobro* (cemdobrar = centuplicar).

Ainda temos uma fórma pop. para multiplicativos — *duas* vezes tanto, tres —, quatro —. Responde á pergunta *quantas vezes?* e corresponde á latina — *septies tantum* etc.

A' pergunta — em quantas partes? responde o latim no ordinal, *iterum* (p. secundum), *tertium*, etc., Nós pelo cardinal — *duas*, *tres*.

14.— O adv. numeral *sesqui* (f. cont. de *semis qui?*) = *mais uma ametade*, só se emprega no portuguez em vocabulos de fundo classico. Tambem em latim só uma vez occorre empregado separadamente; era porém de uso frequente ligado a uma outra palavra, indicadora de numero ou quantidade, e neste caso significava *uma vez e*

---

[1] Não só indicavam a ordem da legião, mas dos soldados que a compunham, e empregavam-se em relação a tudo quanto lhe pertencia ou dizia respeito — *Primanus Tribunus* is dicebatur qui primae legioni tributum scribebat (Paul. ex Fest)

meia.[1] Ex :— *sesquialtera* (t. musica), *sesquipedal*, *sesquihora*

Distributivos — Estes numeros são ao mesmo tempo collectivos e analyticos, porque « decompõem a collecção, o total, em tantas unidades quantas ellas cntêm » E' latina tambem a origem desses adjectivos, todos de fundo erudito. *Centenario*, já pertence ao vocabulario popular.

Primario	Primarius
binario	binarius
septenario	septenarius
centenario	centenarius
sexagenario	sexagenarios
octogenario	octagenarius

A desinencia *ario* — lat. *arius* (sign. *que* contem). Indica uma classe, medida, compasso, intervallos iguaes, divisão da duração de uma aria, (bin. tern. quat).

Dos ordinaes em *um*, temos ex. em *primo*, *tercio* (Cp. terço...)

6. — Existem no portuguez fórmas numericas ou nomes formados dos numeraes, que não devem ser alistados na classe dos adjectivos. Neste numero estão — *ametade*, *dobro*, *cento* (centenar, centenario), *milhão*, *centimo*, e *triennio*, *quatriennio*, *dezena*, *vintena*, *trezena*, *quarentena*, *centena*, da fórma neutra em *a* dos numeraes distributivos latinos (*centeni*, *æ a* — em poesia em prosa post. class. Cp. *bini*, *terni*) e com os compostos com *avo* — *cincoentavo*, *dezavo*, etc...

Bis é adv. numeral (do latim *bis* der. de *duis* de *duo*, como *bellum* de *duellum*). *Duas vezes*, *uma segunda vez*.

[1] Ligam-se outrosim a numeraes (octavus e tertius), como o grego ἐπί (em ἐπόγδοος) para denotar um total e mais uma fracção. *Sesquiocta — vus*, p. ex = encerra a relação de 8 para 9.

— F. frac. — temos os formados com os termos *avo*, *octava*, etc..., e *um meio*, *terço*, quarto, quinto etc.

Já faz parte do lexico o verbo *bisar*. Só, emprega-se com sentido vocativo para pedir a actores a repetição de um passo: é porém, de uso frequente como elemento de derivação — *bipede*, *bigamo*, *bifloro*, *biforme*, *bissecção*, *bifoliado*, *bifero*, *bilabiaceas*,... *bisneto*, *bissexual*, *bissexto*, *biceps*, *bifronte*.

E' muito crescido o numero dos compostos com os adjectivos numeraes: *primicias*, *primitivo*, *primogenito*, *primipara*,... *bimestre*, *trimestre*, *semestre*, *quadrupede*, *sesquipede*, *trivio*, *quadrivio*, *decemviro*, *triumviro*, *centuria*, *decuria*,... os nomes dos mezes *Setembro*, *Outubro*, *Novembro*, *Dezembro*, e os dias de semana, excepto *sabbado* e *domingo*.

VIGESIMA SEXTA LIÇÃO

ETYMOLOGIA DO ARTIGO E DO PRONOME

1.º— Pronomes.— Vide lição 15ª (declin. dos pron. pessoaes) e 25ª (adj. pronominaes).

Pronomes demonstrativos

2.º— Isto isso (fórma neut. lat.— *istud*, *ipsum*). São fórmas neutras concurrentes com as archaicas portuguezas *esto*, *esso*, que se archaisaram no periodo classico: — *e con* esto *perco a esperança; porque fizeste esto?* [1] (*esso mesmo lhe fezerom* [2]).

Nos antigos cancioneiros, *Leal Cons.* de D. Duarte, etc. é de uso vulgar a fórma referida ou composta — *aquisto*, que persistiu até o Sec. XVI: — *em* aquisto *Jano ouvindo* (B. Rib). Nos antigos textos é frequente o emprego de *elle* (*ello*) p. *isto*; solecismo que vecejou até o Sec. XVI:— *assi fosse* elle *verdade* (Sá de Mir.)— Cp. fr. *si c'téait vrai;* ing. *if* it *was true*,...

Aquillo — l. *hic-illud* — *ecc-illud* (*ek-illo*), arch. *aquello*.

Indefinitos

3.º— Os pronomes indefinitos, além dos que já vimos na lição antecedente (adj. pronominaes), são — *alguem, cada um*, *alguns, outrem, outros, nada, ninguem, qual, um*, *se*.

---

[1] Ined. d'Alcob II 8.
[2] Id. II 201.

ALGUEM (= lat *aliquem* — *ailquem* [1]). E' invariavel. Confundia-se nos primeiros tempos da lingua com o adj. *algum*; do mesmo modo que na linguagem dos comicos, *aliquis aliquid* eram algumas vezes usados por *aliqui aliquod*.

OUTREM (composto = *alterum*). No lat. pop., na b. latinidade, já *alterum* superara *alium*.

C. — *ninguem outrem*, *outrem ninguem* (Camões).

Sign. — *outro homem*.

QUEM QUER. E' de formação popular vernacula = (prom. *quem* + *quer*. Cp. *qualquer*).

Quem quer que é equivalente do comp. lat. *cuicumque*.

NINGUEM. Corresponde ao latim popular *nequem*, forma que se encontra nas Inscrip. romanas do 2° Sec. da nossa era, e que conseguiu obliterar o nom. *nemo* (= *ne homo* [2]).

A fórma alongada é *nem alguem*: derival-o pois de *nenheme* p. *nec hem* = *nem homem* é hypothese que de todo rejeitamos. E bem assim a que dá *outrem* = outro hem = outro homem.

Nos escriptos antigos *ninguem* tinha tambem o sentido de *alguem*, equivalia a *nenhum*: — *loucura é cuidar* ninguem *que...; he atrevimento pedir* ninguem *aquillo que deseja*; [3] *ninguem outrem* (nenhum).

Emprega-se substantivamente para significar pessoa de nenhum valimento: — *é ninguem, um ninguem*.

NULLO, A (= lat. *nullus, a, um* p. ne *illus*). E' de sentido negativo pela etymologia; e — como já vimos — ainda que originariamente oppostos, confundia desde os primeiros tempos a sua significação com a do pron. *nenhum*. Deve-se porém advertir que em latim, *nullus* era conside-

---

[1] Prep. *neque* = *nec*, *ne*.

[2] Accus. de *aliquis* (= *alius quis*).

[3] Talvez por analogia do emprego de *algum* por *nenhum*.

rado subst. = *nemo* (ninguem, nenhum) — *sunt nulli* (Planto); *beneficia properantius reddere: ipse ab nullo repertere* (Cic).

Se — Deriva-se do accus. *se* do pron. reflexivo latino — *sui sibi se* (sem nominativo), e cujos numeros confundem-se sob a mesma fórma flexional.

E' pois o mesmo pronome reflexivo portuguez.

Corresponde ao francez *on* (*om*, no Sec. XIII), cuja origem claramente se percebe na fórma primaria *hom*, contracção de *homme*; allemão *man* (contracção de *mann*-homem); anglo-saxonio, inglez e dinamarquez — *man* [1] — italiano, hespanhol, provençal — *se*.

Nos Secs. XV e XVI empregava-se tambem o substantivo *homem* como pronome indefinido, nos mesmos casos em que hoje empregamos *se*: — homem *não sabe como se valha contra a calumnia* (Barros); *cuida* homem *que escolhe*... (S. de M.) etc... Este uso ainda é vulgar em Portugal, (*anda* homem a *trote para ganhar capote*); no Brasil dá-se preferencia á palavra *gente* (a gente *não sabe que hade fazer* [2]).

Com o Sec. XVI é que começou na linguagem classica a verdadeira preponderancia do pron. indef. *se*, e a quéda das suppletorias *homem* e *gente*.

A sua derivação do caso regimen não é para causar estranheza. O inglez antigo (1250-1500) usava do caso objectivo *me*, do pron. pess. da 1ª pess. sing. (*I*) como pronome indefinido correspondente a *man, one*, etc., e ainda hoje na linguagem familiar e vulgar persiste o solle-

---

[1] — All. — *man* sagt (diz-*se*), *man* muss (deve-*se*); ang. sax. — *man* greaf (deu-se); ing. *man* says (diz-*se*); dinam. *man* siger. No saxonio *man* = *elles* (*man ofsloch* = elles mataram ou motaram-se); no inglez antigo com plural — *men herd* = elles ouviram. No inglez moderno o pron. ind. *se* é tambem representado pelo pron. pess. *they* (elles, ellas).

[2] No inglez tambem o substantivo *people* (povo, gente) indica o pron. ind. *se* (*they* say, *man* says, — PEOPLE say = diz-*se* ou dizem).

cismo [1]; o portuguez tambem empregava *cujo* no sentido de *dono, senhor* (*sou* cujo de *quanto tendes* [2]).

Si um objectivo e genitivo pronominaes podiam ser sujeitos de uma oração, que muito fossemos buscar, e com mais cabida e propriedade, o accus. de um pronome reflexivo para exprimir o pronome sujeito da 3ª pessoa que desejamos apresentar de modo vago, indeterminado, indefinito, no sentido lato da palavra *homem*?

Pronomes relativos

4). São :— que, quem, qual, cujo.

Que (= lat. *qui*, arch. *quei*, de *qui quæ quod*). Da declinação latina, que era perfeita, herdamos o nom.— *que*, o accus. *quem*. o gen. *cujus*.

Etymoiogicamente, pois, temos fórmas especiaes para o sujeito, regimen directo, e indirecto. *Quem*, porém, tornou-se pronome independente, e de uso mais geral, como veremos. Neste ponto ainda é o francez mais abastado, que conserva *qui* para o caso subjectivo, e *que* para o caso objectivo, além de *quoi*.

Que apparece desde a formação da lingua, e não lhe conhecemos variantes morphologicas, exceptuantes as fórmas dialectaes. Assim, p. ex.. em S. Thomé — segnndo o testemuuho de Schuchardt —, é elle equivalente a *cu* :— *Padre nosso* cu *já no cjé* = Padre nosso que estás no céo.

Quem, arch. *qui* (qui *ferir moller*.... F. de Gravão; qui *ffilhos ouver*... S. Ros.).

---

[1] *You are wrong*.— Me? (por *I*).

[2] — *Meu cujo* p. meu *marido*, os *meus cujos* p. os *meus* parentes, a minha familia, etc. ainda são dizeres muito vulgares na linguagem popular. *Esta moça tem* cujo (Euphr.)
V. Pacheco Jor.— *Rev. Bras.*

Deriva directamente do accus. lat. *quem* (de *qui quœ quod*. [1])

Os classicos antigos empregavam-no tambem em refenencia a animaes e cousas; e (o que não deixa de ter elegancía) em substituição dos demonstrativos *este*, *aquelle* :— *as boas arvores dão bom fructo e as más como* quem *são* (H. Pinto); quem *lhe dava ovelha*, quem *um carneiro*, quem *um novilho* (Luc.); quem *de vós não tem peccado, este atire as pedras*. (Vieira).

O emprego de *quem* é tambem dos primeiros seculos da lingua :— *mha senhor*, quem *me vos guarda, guarda a myn* (C. da Vat.)— quem *se louva, in Deus se louve* (R. de S. B.); quem *amar ho padre e ha madre mais que mi* (V. de S. Euphros.); *porque no avia* aquem *leyxasse ssua Requeza* (Id.).

QUAL = pron. int. e relat. lat. *qualis* — *quale*, correlativo de *talis*. [2].

E' invariavel em genero. Plural — *quaes*.

Form. port.— *qualquer*.

Eram varios os seus empregos até o Sec. XVII, como veremos na syntaxe, entre os quaes o da substituição de *alguns*, *alguem*, de mui agradavel effeito e muito para serem imitados pelos que prezam a vernaculidade.

> Qual do cavallo vôa, que não desce;
> qual co'o cavallo em terra dando geme;
> qual vermelhas das armas faz de brancas;
> qual co'os penachos do elmo açouta as ancas.
>
> (Camões, Lus. C. VI).

CUJO, arch. *cuyo*, *cuyia* — Sec. XIII; *cuigo* — Sec. XV, (= lat. *cuios, cujus*).

E' pois dos 1^os^ docs. da lingua escripta.

O gen. de *qui quœ quod* exprimia varias relações, e desde o periodo classico começou a ser substituido pelo ablativo regido da preposição *de*.

---

[1] Querer com Th. Braga e outros descobrir-lhe a origem em *que'heme* = *que homem*, parece-me desacerto.

[2] Leoni e outros derivam-no de *qua illa*!

Imperava tambem nas mesmas epocas o pron. interrogativo *cujus, a, um* (com uma fórma arch. *quoj*, tambem identica á arch. do pron. relativo).

Cujus, pron. interr. poss., significava — *de quem? cujo?; cujus*, genitivo, era mais empregado no sentido de *pertencente a quem, a que, de quem, de que, dos quaes*, sem idéa relacional de posse.[1]

Da analogia das fórmas, resultou o duplo emprego de *cujo* no portuguez antigo. D'ahi estas phrases que os grammaticos condemnam:— *Representam estes delineamentos ao Senhor*, de cujo *ha de ser o edificio* (B. Dec.); *Sant'Ignacio Interciso* de cuja *nação fosse não nos consta* (D. Nunes, *Descr. de Port.*),[2] *este sacerdote* cujas *eram estas filhas* (Ind. de Alc.) Um classico, a quem temos por contemporaneo, escreveu: — *Os Sás e Menezes* cujos *era de jus e herdade a alcaiadaria*. (C. Castello Branco).

A phrase — *este sacerdote* cujas *eram estas filhas*, é correcta, e não repugnaria ao ouvido dos menos lidos por classicos si mudassemos apenas a collocação do pronome — *este sacerdote* cujas *filhas eram estas*. A phrase de Castello Branco, equivale a — *os Sas e Menezes de quem* (dos quaes) *era de jus e herdade a alcaiadaria*; si dissessemos — *cuja alcaiadaria era de jus e herdade*, é claro que dariamos a entender já lhes pertencia a alcaiadaria.

Deve pois este pronome, conforme a proposição, ser considerado *relativo* ou *possessivo*.

O emprego da prep. *de* antes de *cujo*, sempre que o subst. com elle concorda exprime relação restricta circumstancial ou terminativa, data do Sec. XII (... *de cuja vida*, Rib. Diss.) Esta construcção é hoje de rigor.

---

[1] Cp. *Gen.*— is denique, *cuja* est uxor fuerat (Plin.); ea caedes si potissimum crimini datur, detur ei *cuja* interfuit, non ei *cuja* nihil interfuit (Cic.)

Interr. pass.— Ut optima conditione sit is *cuja* res sit, cujum periculum (Cic. *Verr.*) *cujam* esse te vis maxime, ad eum duco te (Plauto *Curc.*)

[2] O erro está no emprego da prep. *de*, por se haver perdido a noção etymologica (do gen.) E erro mais grosseiro é o emprego de *cujo* por *que*.

Pronomes interrogativos

5.— São os mesmos relativos *que*, *quem*, *qual*.

Tal tambem se póde empregar interrogativamente : — *tal ha que assim proceda ?*

Cujo, com funcção interrogativa é um archaismo. Era, porém, de uso até o Sec. XVIII : — cujas *são estas ricas armas ?* (J. de Barros); cuja é *esta caveira ?* (Vieira), e tinha exemplo no latim — cujus *pecus ? an Meliboei ?* (Virg. *En.*)

Nota.— Sobre o pron. *o*, enclytico V. Lição 34 :
Era muito usado na fórma *lo* claramente :— *poz-lo, fez-las, ei-los, no-los, vo-lo, vede-las, vo-lo*, que ainda conservamos posto que alterados no modo de escrever *(vel-o, vendel-as)*, e em alguns nomes de jogos populares de Portugal — *dou-che-lo-vivo, dou-che-lo-morto*.

6.— Tratemos agora de duas palavras archaicas geralmente consideradas *pronomes*, mas que mais devem ser arroladas entre os *adverbios* supplementares.

Ende — Nos canc. e docs. dos Secs. XIII e XIV apparece esta palavra, e a fórma encurtada *en* (de ulterior emprego), que correspondem ao pronome francez *en*.

O primeiro que fez este reparo em lettra de fórma, suppomos foi o nosso lexicographo Moraes. Desacertou, porém, acreditando que essa particula adverbial equivale sómente a *d'elle, d'ella, d'elles, d'ellas*.

e nom dom a mi os meus foros que *ende* ei de haver.
(Ind. de Alc.)

... molheres casadas... que andavam a preito nas audiencias e nossa côrte, em tal guisa que levaram *ende* maa fama.
(Id.)

... fará queixume aos que se *ende* queixarem.
(Id.)

... fará complimento de direito e justiça aos que *ende* se queixarem.
(Id.)

Pays de vós non ey nenhum ben
de vos amar não vos pes'*en* senhor.
(C. de *Aff.*)

E pero m'eu da falta non sey ren,
de quant'eu vi, madre, ey grã prazer *en*.
(C. *de Vat.*)

E pays *end*'as novas saber.
Tambem poss'*en*.
(Id.)

Ende = lat. *inde* : é particula adverbial equivalente a *d'ahi*, *d'alli*, *d'isso*, *d'elle* ou *d'ella*, *d'elles d'ellas*. [1]

Dessa palavra só nos resta vestigio na locução *em que pese* = arch. *ende que pese*, ant. *em que pés* (*pez*), e é equivalente a *ainda que lhe pese*, i e... que lhe cause pesar, a seu pesar, despeito, a mal do seu gado. [2]

Por ende (mesmo em hesp.) = *portanto, então*, *em consequencia d'isso* Tambem este sentido tinha em latim o adverbio *inde*, como se pode verificar em Scheller, Gesner, Freund e Facciolati.

Hi (*i, y*) — Correspondem ao francez *y*.

Não é pron. pessoal. Propriamente, *hi*, *i*, *y*, sign. *ahi*, *alli* (onde) ; mas — por tranferencias — (como *ende*) *então*, *portanto* (por isso), e ainda *nessa ansa, nesse caso*. Todas essas applicações são legados da lingua mãe [3]

> Tantas coytas passey de la sazon
> que vos eu vi, per bona fé,
> que non posso *i* osmar a mayor qual é. [4]
>
> Non ha *hi* quem me soccorra
> (Ferr. *ant.*)
> veño a vos señor
> que me digades que farei eu *y*
> (Trov. Cant.)
> se nessa ha *hi* mudar-se hum triste estado.
> (Chr. do Cond.)

---

[1] De todas essas funcções nos dá amostras o latim: 1º (d'ahi) *si legiones sese recipissent* INDE *quo temere essent progressae* ; 2º, (*d'isso*) — *ex avaritia erumpat audacia necesse* est. ; INDE *omnia scelera gignuntur* ; 3º, (*d'elle*). etc) — *nat filii Duo*, inde *ego hunc majorem adoptavi mihi* (tempo, *d'ahi em diante*).

[2] Mas no seculo XVI a particula *em que* era muito frequente:— *em que* eu seja lavradora bem vos hei de responder
G. V. I. 259

> e jura, *em que* veja bonançoso
> o violento mar e socegado
> não entre elle masi
> Cam. S. 8o.

[3] Demaratus fugit Tarquinios Corintho et tibi suas fortunas constituit (Planto) ; invocat deos immortales : ibi continuo contonat Sonitu maximo (Id).

[4] Tantas foram as degraças que passei
do tempo em que vos vi — em boa fé —
que não posso *portanto* avaliar
a maior qual dellas é.

Empregava-se com preposição — *de i, de hi ; para hi, i; per hi, i; des hi, i, des i; d'hi* e *d' i*.

De uso frequente nos primeiros seculos da lingua nas nas trovas e cantares, não o foi menos nos que se lhe seguiram até o XV. A fórma preferida era *i*.

Qual a sua etymologia ?

Derivam-no alguns do lat. *ibi*, outros da adv. *ahi*. E' este o nosso parecer. Cp. *qui aqui*.; e nos mesmos casos em que se empregava *hi*, *i*, *y*, usamos nós na linguagem familiar e vulgar dos adverbios *ahi*, *aqui*:

ahi estavamos nós quando elle chegou (*nesse logar*.)
disse-me elle que.... , *aqui* eu redargui... (*então*.)
ahi o que se deve fazer é.... (*nesse caso*).
ahi nada mais ha que fazer.

NOTA *Sum ibi* traduz-se por *aqui estou eu*. Nesta phrase, e bem assim em *alli está elle* (que tambem se diz), etc., o sentido é locativo e o seu emprego é tão sómenfe para mais dar força á indicação da pessoa. Equivalem a — *eis-me aqui*, *aqui me tens* ; *em mim*, *nelle*, etc. *tens a prova presente* — aqui mesmo — *do que digo*, etc. Ex.:— Estás muito envelhecido ! *Aqui estou eu* que com 80 annos ainda não me branquejaram os cabellos.

E este modo de dizer é commum a outras muitas linguas.

DO ARTIGO [1]

O artigo definito é uma voz demonstrativa em todas as linguas, não só pela derivação como por suas funcções e propriedades (grego ὁ δόντος = este ; all. *der* de *dieser*, ing. *the* de *that*. que servia de artigo no A. S. e vinha prefixado á palavra, e ainda em muitos *patois* encontra-se o emprego do pronome demonstrativo como artigo — *ch' curé*, *ch' marichau* = *ce curé*, *ce marechal*, por *le curé* etc. (P. Picard.) *ce* = *hicce*. E' equivalente enfraquecido de um demonstrativo.

---

[1] Para nós o artigo, como já dissemos, entra no rol dos adjectivos demonstrativos: não é parte distincta do discurso — A nossa divisão, ex--plica-se pelo dever de não nos afastarmos do programma official.

No latim, o analytismo introduziu tambem o uso do pronome *ille,* que depois transformou-se em ILLO (alteração geral nas declinações masc.). *Illo homo*, *illa muller*, *illo caballo*, *illa ecclesia*, são no latim popular verdadeiras fórmas de nominativo ; e esse uso tornou-se frequente nos melhores autores latinos, (Cic., Sen., Plauto.....) [1]

O demonstrativo latino, passou por varias evoluções — *el, elh, lo, la* ; plural *els*, *elhs*, *li*, *los*, *las,* e destas fórmas esnocadas bracejaram as que deram origem aos artigos das linguas neo-latinas : hesp. *el*, *la*, *los*, *las* ; ital — *el, la, lo*, *le*, *gli* ; fr.— *el, il*, *la*, *li* ; *le*, *la, les* ; valachio — *le*, *a*, *i*, *le* (postposto ao subst.) ; prov. *lo*, *la*, *il* (li) ; *li*, *il* (los), *las* ; port.— *el*, *lo*, *ho* ; *o*, *a*, *os*, *as*.

São varias as opiniões sobre a origem do nosso *artigo definito,* das quaes tres são mais seguidas. Só destas nos occuparemos. Uns opinam que elle descende do grego ὁ (m) e ἡ (fem.) ; outros são de parecer que deve-se buscar a sua origem no demonstrativo latino *hic*, *haec, hoc*; certo numero inclina-se á fonte que já deixamos apontada como verdadeira (*illo*, *a*).

1.ª Regeitamos de todo a origem grega porque o genio de uma lingua póde ser modificado por outras ; mas essas modificações não se podem estender mesmamente ao *caracter,* e tão profundamente que consigam a implantação de uma nova parte da oração.

O Grego desde os tempos mais remotos estanceou na Italia, onde dominou a par do latim ; á Grecia deveram os Latinos os rudimentos de civilisação, copiosidade de vocabulos, [2] a religião, a legislação. O estudo do grego era muito mais usual — affirma Quintiliano — do que o do latim ; e no tempo de Catão saber grego era signal de boa educação.

---

[1] Pacheco Junior — *Gramm. hist.* Intr. pag. 21.

[2] Foi Dyonisio da Thracia quem introduziu em Roma a terminologia Grega.

Tiberio Gracho discursava, e Flaminino versejava nessa lingua ; a primeira historia de Roma foi escripta em grego por Fabio Pictor (*Mommsen* I 425 - 902) ; Cicero, perante o senado de Syracusa, e Augusto em Alexandria, fizeram allocuções em grego : as mulheres.— referem Ovidio e Juvenal —, liam Menandro e outros escriptores Gregos.

Ora, si apesar de toda essa legitima influencia da Grecia sobre a intellectualidade romana, não conseguiram os Hellenos introduzir na lingua latina o emprego do artigo, com razão mais forte na peninsula hispanica onde a influencia grega só se fez sentir nos usos e costumes.

Na linguagem não é ella reconhecida ; este elemento etymologico foi em extremo insignificante no lexico popular. O predominio deste elemento só se manifestou na technologia scientifica, no vocabulario erudito, isto é, quando a lingua já estava formada, e já era geral o uso do artigo em todos os idiomas romanos, inclusive o portuguez.

Em remate. O artigo definitivo, que tambem era conhecido dos Celtas e dos Godos, não veiu da Greeia.

2°.— Estudemos agora a segunda hypothese.

Leoni e outros muitos, são de parecer que em Portugal o artigo provém do ablativo *hoc*, *hac*, que mais tarde simplificou-se em *ho, ha*, e finalmente fixou-se em *o, a*.

O principal esteio de argumentação de Leoni e seus proselytos é a graphia *ho, ha*.

Sabemos que Plinio escreveu devia-se considerar os pronomes *hic, hæc, hoc,* verdadeiros artigos sempre que estivessem exercendo funcções de demonstrativos.

Lê-se em Egger de que nas escolas do Imperio do Occidente, os grammaticos romanos empregavam *hic, hæc, hoc*, para designação do genero dos nomes.

Mas se todas as outras linguas irmãs derivam o artigo definito do demonstrativo lat. *ille, illa, illud,* porque o

portuguez, dellas se desviando, foi buscar a sua *muleta* grammatical ao ablativo *hoc*, *hac*, posto que em legitima concurrencia com aquelle outro typo?

O facto não seria novo, e se fosse verdadeiro não nos causaria estranheza.

Mas o nosso artigo dirivou-se das fórmas *illo, illa, illos, illas*. São provas incontradictaveis do novo asserto, os documentos historicos.

Nos escriptos dos Secs. XII e XIII, isto é, nos primeiros periodos da lingua, as fórmas articulares são ILO LO (*por juizo de* ilo *rei*, a los *alcalddes*, las *vertudes*, los *santos*), a par das hodiernas *o*, *a* (o *abate de Santo Martino*, a *maior ajuda*, os *omens*, o *fiel dixer*,). Nas contracções ainda se descobre a fórma actual, que foi das primitivas — *dus* (dos), *no, nus*, *nos*, *lus* (los) I. [1] As fórmas contrahidas *dus*, *nus, lus*, constituem simples variantes graphicas e ainda no sec. XIV coexistiam as formas *us* e *ous* (o). [2]

No Seculo XIV — persistem as fórmas *o, a,* além das variantes citadas — *us, ous,* [3]. Apparece a fórma *El-Rei* = *ilo rei*: — *foram dizer a elrrey que...* (*Livro de Linh.* D. Pedro), que persistiu até hoje.

No sec. XV temos as fórmas *o, a, os, as,*; *ao, do, das, na, por o* etc. [4]

No sec. XVI, isto é, no portuguez moderno, é que se implantaram as fórmas *ho*, *ha*, cujo imperio estende-se ao XVII; mas sempre a par da actual (o, *a*,). [5]

---

[1] Enclises nominaes: — todolo, todolos, ambolos, *todolus*..... Sec. XIII. V.

[2] Vide *Canc. da Vat.*, *Car. da Vat.*, *Foros de Gravão*, J. P. Ribeiro *loc. cit.*, *Canc. Affonsim*.

[3] *R. de S. Bento de Foros Gravão, de Santarem* ect., Fr. J. Claro....

[4] No *Liv. das Linhagens* : — de máa ventura he *ho* homem que sse fia per nenhuma molher; o curral era alto de muros; o iffante disse contra seu pae, etc.

[5] *Leal Cons*., Mor., J. Clar. J. Ferr. etc.
Conservamos *la*, etc. em algumas expressões — *a la fè*, *a la moda*; *El* em *El-Rey* (é a fórma usada exclusivamente na ilha da Madeira, segundo refere a eminente glottologa Car. Michaelis.)

A orthographia — como vimos na Lição Quinta — era ainda muito irregular e vacillante ; e a corrente erudita, que tanto se manifestou nesta phase evolutiva da lingua, cahiu em muita estultice pelo culto exagerado ao *clacismo.* Predominava o gosto pelas antiguidades gregas e romanas ; e sem mais exame, talvez descobrissem no grego os pergaminhos nobiliarios do nosso artigo definitivo. Mas cumpre advertir que o abuso do emprego do *h* no sec. XIV (introduzido pelos latinistas) e no XV, continuou no periodo aureo (*hinsidias, hestromento, higualdaçon, husofructo, husarom...*)

D'onde se originou o *h* de *hum, huma* [1] (que conservamos em *nenhum*), *he* (ainda dos Sec. XVII e XVIII), ao passo que escreviam *onrra, omen, oje, aver,* etc...?

Ainda mais. *Illo homo* era forçosamente pronunciado com um unico acento tonico, que recahia sobre o primeiro *o* de *homo.* O accento secundario, em geral sobre a syllaba inicial, deslocou-se para a 2ª *lo*, como acontece frequentemente nos procliticos.

O *h* pois não é etymologico. O artigo procede em linha recta do *illo* : prova-o mais a sua dupla formação (o *homem, eu vi-o* — V. Syntaxe.)

As *contracções* do artigo definito começaram no Sec. XII ; as primeiras empregadas foram as das preposições *em* e *de* (*nos, nus, dos deles,* etc.) [2]

A contracção da preposição *a* e *per* (por) só appareceu no fim do Sec. XIII, principio do XIV (*ao, pelo, pola,* etc.); [3] mas costumavam tambem indical-a apenas

---

[1] Nas primeiras decadas do Sec. XIV — *uno, a un,* (C. d. Aff.) mais tarde—*hu, hua, hũ, huã, hum, huma, huuns,* (L. de Linh. do Coll. dos Nobres) ; depois *ũ, uã,* a par de *hum huma,* e por fim *um uma.*

[2] *E lerum* deles *quanto que overum ; devision que fazemos entre nos* dos *erdamentus e* dos *coutos e* das *onrras ;* nas *tres quartas partes* do ***Padroadigo*** dessa ***Eygreyga.***

[3] *Vaya ao plazo ; peyte medio morabitino* a aquel *con que non quer yr (Foros do Cust. de Rod.) ; o no so senhor* pola *sua piedade nos demostra a carreira da vida (R. de S. Bento).*

aa, *por o*, per o. Muitas vezes, no mesmo documento, deparam-se ambas as fórmas contrahidas e não. [1] A contracção com o artigo masc. era *ó* [2] e ainda tinham a fórma *al* = *alo*.

A prep. *per*, foi ferida de morte pela prep. *por* na lucta pela vida, e com isso perdemos uma riqueza da nossa lingua: aquella empregaram-na os antigos com o accus., esta com o dativo — *já nom podedes per* rem *bem haver*; *a voos graças faço* por as mercees *que me fizestes*. [3]

9. — Artigo indefinito. — O artigo indefinito, como o definito, tem por fim — diz F. Diez — a individualidade de um objecto.

Resta accrescentar que o indefinito, ao contrario do definito, só se emprega em referencia a cousas ou individuos *indeterminados*. O artigo indefinito é um adjectivo determinativo indefinito.

O nosso artigo indefinito é *um*, *uma* = lat. *unus*, — *a*, que entre os Romanos significava *um certo*, *algum*, *alguem* (por transf.) E' esta a razão porque tocou a esse numeral o papel de artigo indefinito, em que alguns acreditam ver — e talvez com fundamento — vestigio da palavra *homo* (homem).

Sicut unus *paterfamilias his de rebus* loquor (Cic), *est huic unus servus violentissimus* (Quin.); *ponite ante oculos unum quemque regem; nemo de nobis unus excellat; unos sex dies* (Plaut.) D'ahi é qne nos veio o modo de dizer — umas faces *rosadas*, uns *cabellos calamistrados*, uns *quinze dias*, etc.

Emprega-se tambem o artigo indefinito, por extensão, para designar um individuo como typo da especie: — um *bom filho será bom pai*. Neste sentido é que elle se approxima do definito.

---

[1] *Assi como lhis fora mandado* pelos *reis*; per os *grandes e duros golpes que se davam (Livro de Linh. D. Pedro)*.

[2] E' frequente o emprego de *ó* = *ao* até os quinhentistas, N. Sec. XVII já e esporadico.

[3] Vid. Cornu — *Romania*.

VIGESIMA SETIMA LIÇÃO

Etymologia das fórmas verbaes. — Comparação da conjugação latina com a portugueza. [1]

1. — A historia da conjugação portugueza mostra claramente a lucta entre as duas forças oppostas, a que por vezes nos hemos referido, e a que estão as linguas sujeitas na sua formação.

Mostra-nos mais ainda a lucta entre a tradição das fórmas syntheticas latinas, e o analytismo.

2. — Temos quatro conjugações.

A 1ª em *ar*, que corresponde á latina em *are*.

A 2ª em *er*, correspondente á latina em *ēre* e *ĕre*. Nos derivados dos verbos em *ĕre* houve deslocação do accento, que já remontava ao latim vulgar, porque a par das fórmas proparoxytonas (*criarere*, *gémere*, *fácere*, *dícere*, *trémere*, *rúmpere*,....) creara as oxytonas em *ere ire* (*currire gemire*, *facére*, *dicére*....)

A 3ª em *ir*, que corresponde á latina em *ire* e *ĕre*.

A 4ª em *or*, que, como vimos á pag. 228 § 8, pertencia á 2ª até o Sec. XV, e corresponde á latina em *ĕre*.

3. — No tocante ás flexões de tempo e modo, já notamos o desapparecimento de fórmas simples (futuro), substituidos por outras compostas ou periphrasticas.

---

[1] Vide Lição 16ª pag. 216 § 4º

Perdemos mais o *supino* e o *gerundio*, mas em compensação creámos o *condicional*.

Emfim, e isso ja resalta do que dissemos na 16ª lição, apesar de todas as modificações porque passou, a conjugação portugueza conservou prefeita analogia com a latina.

Tempos simples

4.—Tempos simples são os que se fórmam pelo acrescentamento de uma desinencia ao radical do verbo.

5.— INDICATIVO PRESENTE.— Não apresenta na sua formação differença dos tempos correspondentes no latim.

amo-o	dev-o	applaud-o
ama-s	deve-s	applaude-s
ama	deve	applaude
ama-mos	deve-mos	applaudi-mos
ama-is	deve-eis	applaud-is
ama-m	deve-m	applaude-m

que correspondem a

am-o	mone-o	audi-o
ama-s	mone-s	audi-s
amat	mone-t	audi-t
amā-mus	mone-mus	audi-mus
amā-tis	mone-tis	audi-tis
ama-nt	none-nt	audi-u-nt

A desinencia da 1ª pessoa sing. é identica á latina em todas as conjugações ; a 2ª. conservou o *s* final caracteristico, mas muda o *i* dos verbos latinos da 3ª. e 4ª. conjug. em *e*; na 3ª pessoa deu-se em todos os tempos a quéda do *t* final. [1]

O unico vestigio que nos restou desta caracteristica é a forma *est*, que se encontra nos primeiros *cancioneiros*, etc :

[1] Já frequente no latim desde o sec.— IV da nossa era, porque não mais soava na linguagem popular de Roma.

—*est* a *prazo passado* (D. Din), *est assi*, *est* est o *mayer ben*, *grave* est *a mi*, etc.

Já dissemos que esta fórma era principalmente empregada antes de vogal.

A 1ª. pessoa do plural muda regularmente o *u* da desinencia em *o* (mus=mos) ; mas no sec. XIII ainda as fórmas eram verdadeiras reproducções — *amamus vendemus*.

Nas 2as pessoas do plural o *t* desinencial *(ama-t-is)* cahiu, mas depois de haver abrandado em *d* (*ama-d-es*, *vale-d-es*), No Sec. XV é que começou a syncope do *d*, que se tornou definitiva no XVI [1] (*soes, amayes*, *ouuis)*, comquanto ainda as encontremos em Gil Vicente — *(olhade, dizedes, sodes*, *sabedes, deixades*, *etc.)*

Conservamos ainda vestigios dessas formas em — *ledes*, *credes*, *vedes tendes*, *vindes*, *pondes* (V. pg. 217-nota.)

A 3ª pessoa do plural é em *m (am*, *em)* = lat. *nt* (p. *nti*) ; [2] mas a nossa flexão já era a do latim popular.

Segundo Corssen *(Über Ausspr.)*, a articulação cons. final — *nt*, tendia a cahir desde o periodo comprehendido entre a 1ª e 2ª guerra punica, na linguagem popular e na poesia, ao passo que na linguagem classica e na prosa predominaram as fórmas completas em — *erunt*. No latim da decadencia, porém, dava-se a quéda do *t*, persistindo o *n*, que se tornou final, e que por ser surdo, transformava-se muitas vezes em *m* (*Jecerum*, *convenerum*, *dedicarum*.)

Nos *Foros do Castello Rodrigo (Port. mon. hist. leges)* as fórmas *façan*, *entren*, *den*, etc, eram todavia concurrentes com as em *nt* : — *dent*, *facent*,...

Em alguns verbos, o *u* (o) formando hiato com a vogal do radical, deu em resultado o diphtongo *ão* : — *va* (d)

---

[1] Sansk.— *nti*. gr.— *nti*, goth. *n*, ant. alto all.— *nt*, moderno — *n*, gallez — *nt*, francez — *nt*, etc.

[2] *Achades*, *sejades passades*. *soles*, *facedes e fazedes*,... posto mais predominem as syncopadas — *fazees*, *dizees*, *lovees*, *avees*, *daaes*, *sooes*, em que dobravam a vogal para conservar a tonicidade latina.

O 1º doc. em que apparece a fórma contrahida, parallela á antiga, tem a data de 1410 : — *guards guardés guardades* (*Cap. geraes propostos pela Cam. de Santarem*).

unt = *vaom, vão*. Cp.— *sermom, coroçon, oraçom, non, galardon,...*

No Sec. XV é que começou a forma em *ão*.

6.— Ind. Imperfeito — Forma-se do modo seguinte:

ama-va	devi-a	applaudi-a
ama-vas	devi-as	applaudi-as
ama-va	devi-a	applaudi-a
ama-va-mos	devi-a-mos	applaudi-a-mos
ama-ve-is	devi-e-is	applaudi-e-is
ama-va-m	devi-a-m	applaudi-a-m

que corresponde ao latim:

ama-ba-m	mone-ba-m	audi-e-ba-m
— ba-s	— bā-s	— — — s
— ba-t	— ba-t	— — — t
— bā-mus	— bā-mus	— — — mus
— bā-tis	— bā-tis	— — — tis
— ba-nt	— ba-n	— — — nt

Duas cousas são de notar neste tempo:

1.ª — A transformação da desinencia latina da 1ª pess. sing.— *bam* em *va*, (1ª conj.)

No latim vulgar da decadencia já era frequente a apocope do *m* (*su* p. *sum, carpere* p. *carperem*, *dice* p. *dicem*, etc), á imitação do que se praticava nas formações nominaes, principalmente nos tempos de Cicero e Tito, e ainda accrescentado depois do Sec. III da era christã. — Quanto á permuta do *b* pelo *v* (que remonta ao latim do 2° Seculo D. C.— *miravili Favio, lavoratum,...* e tornou-se geral desde o 4°), vide lição 3.ª

2.° — A deslocação do accento primitivo latino na 1ª e 2ª pess. do plural (*amávamos amabámus.*)

Nos verbos de 2ª e 3ª conj. seguimos o typo do Imperfeito da 3ª conj. lat. em *i*, desprezada porém a terminação derivada; e por isso os da 2ª mudam a vogal thematica em i (*temia, vendia*).

Ouvia — *audi* (e) (b) *a* (m), —s, —, mos, — eis,— *m*.

Nos primeiros docs. as fórmas dos verbos da 2ª conj. eram em *ades*, i. e., mais encostadas ás latinas (*ba-tis*);

— *queriades, faziades;*... A queda do *d* trouxe as fórmas *queriais faziais*, ainda frequentes nos docs. do XV.

7.— PRET. PERFEITO.— Formou-se tomando para typo o dos perfeitos latinos em — *avi, evi, ivi*.

am*ei*	devi	applau*di*
ama-ste	deve-ste	applaudi-ste
am-ou	deve-u	applaudi-u
amá-mos	deve-mos	applaudi-mos
ama-ste	deve-ste	applaudi-stes
ama-ram [1]	deve-ram	applaudi-ram

que correspondem ás formas latinas.

ama-v-i	mon-u-i	audi-v-i
ama-v-i-sti	mon-u-i-sti	audi-v-i-sti
ama-v-i-t	mon-u-i-t	audi-v-i-t
ama-v-i-mus	mon-u-i-mus	audi-v-i-mus
ama-v-i-stis	mon-u-i-stis	audi-v-i-stis
ama-ve-runt	mon-u-i-runt	audi-v-e-runt

Dizem os grammaticos que *amei* é contracção de *amado hei, amaste* de *amado has*, etc. De feito, são estas as fórmas correspondentes, e sabemos que no latim o participio precedia o auxiliar; mas basta confrontar o paradigma portuguez com o latino para nos convencermos de que a nossa lingua aceitou o typo latino, e que as desviações que apresenta são devidas ás regulares modificações phonicas.

No latim *ui* e *vi* exprimem o thema do perf. da *raiz fu* e d'ahi — *ama fui = ama-hui, ama-ui, ama-vi.*

Vi juntava-se, em regra, aos themas do pres. dos verbos derivados das flexões — *ā, ē, ī.* para formar o perfeito *amo amavi, amamus, amavimus.*

Nos verbos de primeira conjugação *(a-vi)*, deu-se a quéda do *v* em todas as pessoas [2], e d'ahi pela mudança regular do diphthongo *ai* em *ei* [3] *ama* (v) *i* = *amei.* A

---

[1] Esta fórma *am ão* fixou-se no Sec. XVI — Sec. XII — em *um*, XIII — *om, on,* XIV, XV — *om, õ.*

[2] *Probai* p. *probavi, probaisl, calcai,* p, *calcavi, etc.*

[3] *Primaria.*=p. ant.-*primairo, primeiro*: *Januarius*=*janeiro.*

quéda do *v* medio arrastou a do *i* (*e*)[1] e d'ahi *amaste=ama* (v) (i) *sti, amamos = ama* (v) (i) *mus, amastes, amaram.*

Na terceira pessoa do sing. (*amou — amavit*) a terminação *it* cahiu porque não soava na linguagem popular ; o *v* (principalmente por se tornar final) mudou para a vogal *u* (amauit, arui, deseruit...) ; o diphthongo *au* transformou-se em *ou*.

Os verbos da 2ª e 3º conj. formaram o preterito analogicamente, dando-se apenas na 1ª pessoa do sig. a cantracção de *ei* em *i—ouvì*, *applaudì*. Formaram-se pois os da 2ª das formas latinas não syncopadas, de accordo com as regras da accentuação (Cp. *audi-v-i — ouáii ouvì*.)

Nos verbos de 3ª conj. é de notar que os Latinos ajuntavam simplesmente um *i* ao radical para a formação d'este preterito :— *prehendo — eprhendi*, *prendi*.

A 2ª pess. do sing. tinha no Sec. XII desineneia identica á latina (*fezista*) — ; no Sec. XV. a dental abrandou em *d*, encostando-se no XVI de novo ao typo primitivo. E' o unico tempo que conservou a dental latina das 2ªs pessoas — *amastes*, *vendestes*, *applaudiste*.

8. *Mais que perfeito* — Formou-se do tempo correspondente em latim. O que dissemos com relação ao preterito, explica as modificações phonicas porque passou.

amára	ama-v-era-m
amára-s	ama-v-era-s
amá-ra	ama-v-era-t
amára-mos	ama-v-era-mus
amá-re-is	ama-v-era-tis
amá-ra-m	ama-v-era-nt

E assim para as outras duas conjugações.

Houve deslocação do accento na 1ª e 2ª pessoas do plural.

---

[1] Abit=abivit, exit exivit (P. l.): ierunt=ieverunt, redit=redivit. (Ter.).,. E o *i* longo latino soava ás vezes *e*- o que fez com que Lucrlio propuzesse fosse elle representado pelo diphthongo *ei*.

Já são do Sec. XVI as fórmas—*foreys*, *amáreys*, *léreyes, ouvireys*.

9.—FUTURO. A sua formação remonta aos tempos historicos.

O latim tinha um futuro, que se conserva na fórma *e-ro,* antigo *e-so* (= σ o); e outro primitivamente periphrastico, composto de um thema verbal ou de uma flexão nominal do verbo e do presente de *fuo*, que só se empregava em composição. *Fuo* mudou-se em *u-o*, *v-o;* a semivogal *v,* permutou em *b,* e assim formou-se o futuro em *bo* na latinidade antiga.

Na epoca da decadencia, porém, as finaes latinas deixando de ser pronunciadas, houve forçosa confusão de fórmas, e impossivel era aos populares a distincção entre o imperfeito *amabit, amabam,* e o futuro *amabit amabo.* Para removerem esse embaraço, crearam os Romanos uma nova fórma de futuro, composta com o infinito do verbo e o presente de *habere:* — *amare habeo*, *habeo dicere, habeo ad te scribere* (Cic.),...

Este futuro periphrastico por fim alterou o classico, e foi o adoptado por todas as linguas romanas, que conservaram a inversão latina.

Amare habeo deu *amar hei* (assim como *habeo amare* — *hei de amar),* e pela fusão dos elementos,— *amarei, amarás, amará*, etc. Que a desinencia ainda conserva, porém, fóros de palavra independente prova-o o facto de poder separar-se do verbo: — *escrever-te-hei*, etc. (V. pag. 218 e seg.)

10.— CONDICIONAL. Nada temos a accrescentar ao que dissemos a pag. 219.

11.— IMPERATIVO. As 2as pessoas *(ama amae)* formam-se das correspondentes latinos *(ama amate*, *mone monete, audi audite,*... As 3as, de uma reproducção da fórma do pres. do subjunctivo — *ame elle*, *amem elles,* e bem assim *amemos, applaudamos,* etc.

Quanto ás modificações porque passaram essas formas até o Sec. XVI, V. pag. 220.

Conserva a 2ª pess. pl. de alguns verbos, vestigio do *t* latino : *ponde tende*, *lêde*. [1]

12.— SUBJUNCTIVO. *Presente*. E' uma reproducção do typo latino.

1ª *conjugação*		2ª e 3ª *conjugação*	
Port.	Lat.	Port.	Lat.
ame	ame - *m*	— a	a - *m*
ame - s	ame - s	— *as*	a - s
ame	ame - *t*	— a	a - t
ame - mus	ame - mus	— *amos*	a - mus
ame - is	ame - *t*is	— *aes*	a - *t*is
ame - m	am - en*t*	— *am*	a - n*t*.

As modificações unicas são a queda do *m* latino das 1ªs pessoas sing., do *t* final das 3ªs, e do *t* médio das 2ªs do plural. Todas são regulares, e a ellas já nos referimos acima.

Nos derivados da flexão em *e* e *i*, dá-se ás vezes a perda da vogal thematica (*deva* p. *devea* = l. *debea-m*, *vista*, p. *vestia* = l. *vestia-m*.

13 — S. IMPERFEITO.— Forma-se do mais que perfeito do subjunctivo latino (forma popular).

Por.	Lat. pop.	Lat. class.
ama - sse	*amassem*	ama - v - issem
ama - sse - s	*amasses*	— — isse - s
ama - sse	*amasset*	— — isse - t
ama - sse - mos	*amassemus*	— — isse - mus
ama - sse - is	*amasseis*	— — isse - tis
ama - sse - m	*amassent*	— — isse - nt

No Sec. XVI ainda era frequente o emprego do mais que perfeito do Indicativo pelo subj. pres. (*Se eu* fôra *um dos benemeritos* — Vieira *Serm*), e no Sec. XV o do Infidito pessoal pelo subjunctivo (*O Imperador desejara muito* de ficardes *na sua terra*, Barros :)

O 1º emprego ainda é usado por alguns escriptores puritanos ; do 2º, ha exemplos que entendo devem ser imitados :— *trabalha*, *filho meu*, por agradarem *tuas obras a Deus* (M. Pinto.)

---

[1] Sec. XVI *amay*, *ovi*,... e *sede*, *lede*.

14 FUTURO. — São encontradas as opiniões quanto á sua etymologia. Querem alguns grammaticos que elle se forme da 2ª pessoa sing. do pret. perf. do Ind.; outros opinam que do infinito; raros — e com mais cabimento — derivam-no do futuro perfeito do subjunctivo latino.

ama - r	ama - *v* - erim
ama - r - es	— — eri - s
ama - r	— — eri - t
ama - r mos	— — eri - mus
ama - r *d*es	— — eri - tis
ama - re - m	— — eri - nt

Amares corresponde de feito a *teres de amar*, *amarmos* a *termos de amar*, etc.; mas as differenças que apresentam esses dous paradigmas desde que attendermos a que — como já vimos — o *v* cahiu sempre, e bem assim o *met* da 1ª pess. do sing. e 3ª pess. de ambos os numeros, perdas estas que arrastaram forçosamente a queda do *i* da flexão, que d'outra fórma tornar-se-hia final. Assim explica-se a semelhança que apresentam com o Infinito as 1ª e 3ª pess. sing. *Ama* (v) *er* (im), *ama* (v) *er* (it) = *amaer amar*.

As fórmas do futuro do subj. já se encontram em docs. do Sec. XV (*ouvirdes, fordes, amardes, lerdes.*)

15. — INFINITO. E' de origem latina.

16. — PARTICIPIOS. Pouco mais temos que accrescentar ao que dissemos na pg. 221 e seguintes. Sobre o part. pass. em *eito* (alguns ainda muito frequente nos textos do Sec. XVI) — *escolheito, escorreito, correito, colheito, recolheito, encolheito, cozeito, tolheitò,* (= ido, typo latino em *ectus*, *collectus,* etc.), Cp. — *feito leito peito treito contreito* (G. V. III 251) *maltreito*, *bieito* (benedicto); *feeito, empleita, colheita,* etc...

Tempos compostos

17. — Na formação dos tempos compostos, emprega o portuguez os auxiliares — *ter, haver, ser* e *estar*.

O processo não era estranho ao genis da lingua ; já era conhecido dos Romanos, que, perdido o sentimento da declinação e das flexões verbaes, tiveram, seguindo a tendencia analytica, de empregar palavras auxiliares — preposições e certos verbos de significação muito geral, para clareza da phrase. D'ahi as fórmas — *habeo dictum*, *habeam scriptum*... a par das syntheticas — *dixi, scripseram, habeas scriptum* p. *scripseras, habes instituta* p. *instituisti*, *redempta habet* p. redemit... [1]

VERBOS PASSIVOS

18. — O portuguez regeitou de todo a fórma synthetica do passivo latino, substituindo-a — pela composta do participio passado e do verbo *ser* ou *estar*.

Esta mudança morphologica, porém, já era frequente no latim popular :— *hoc volo* esse donatum (p. *donari*), *quod ei nostra largitate* est concessum (p. *conceditur*), *sum amatus* (p. *amor*), sunt aspecta (*aspectantur*), *est possessum* (posseditur), etc. E assim *amatus sum* ou *fui, eram* ou *fueram, ero, essem, esse*.

Por outras palavras. A conjugação passiva latina era expressa por varias fórmas simples : — *amari*, ser amado, *amor*, sou amado, *amabar*, eu era amado, etc. Mas em alguns tempos, como no perfeito e mais que perfeito do Indicativo, empregaram os Romanos fórmas compostas do participio passado do verbo principal e do auxiliar *ser* :— *amatus fuit*. As linguas romanas adoptaram essas fórmas analyticas, « que mais estavam em harmonia com o espirito da lingua popular, e que de todo suplantaram as fórmas simples ».

19. — Tinham mais os Latinos grande numero de verbos activos intransitivos de fórma deponente (passiva), e de

---

[1] Todos esses dizères são class. — Cesar, Cicero.

fórmas passivas de sentido activo: — *reversus sum, profectus sum,....;* me *ultus sum* (eu me *sou* vingado, eu vinguei-me; fr. *je me* suis vengé).

Neste ultimo caso, o sujeito sendo ao mesmo tempo autor e objecto da acção, o verbo reflexo latino assimilou-se ao passivo.

20.— O processo apassivador dos verbos activos pela juncção da enclise *re* nas terceiras pessoas e no Infinito impessoal (cultiva-se *a terra e a intelligencia*), já era conhecido dos Latinos, e já nos referimos á fórma periphrastica (pronome *se* + fórma verbal activa), cujos elementos fundiram-se por fim. [1]

O portuguez absorveu na fórma activa todos os verbos deponentes latinos, que já eram pela maior transitivos na linguagem vulgar :— *arbitrare, moderare, partire,....* por *arbitrari, moderari, partiri,....*

Os nossos classicos, porém, estendiam o emprego desta fórma aos verbos neutros :— *a avesinha* se cahiu; *ella* se morreu (B. Rib.), *cahir-se, emmagrecer-se, acontecer-se, partir-se* (*d'alli nos partiramos*, Cam.) etc... Hoje só temos esta liberdade quando o verbo neutro exprime expontaneidade da acção :— *vive-se, come-se, bebe-se, dorme-se,...*

O latim procedia da mesma fórma com os verbos mixtos (*semi depoentes, neutro passivos*; — *ceno, prandeo, poto.* faziam *cenatus sum, pransus sum, potus sum,...* Cp. port. — *bem comido, estar dormido.*

21.— Os Latinos tinham tambem um outro modo de exprimir que a acção era feita e soffrida pela mesma pessoa, além da voz passiva. Empregavam o verbo na voz activa, mas acompanhado de um pronome regimen (reflexivo da 3ª

[1] *Amor* = *amo-se*, etc,. Como no grego, o pronome serve de reflexivo ás 3ª· pessôas. Esta formação periphrastica autorisa a supposição de que o latim teve desinencias correspondentes ás gregas *mai sai tai*, para exprimir o medio paosivo; e o grego com excepção do aoristo 1º do futuro. exprime o sentido passivo e medio pelas mesmas fórmas :— *luomai* = *eu me desprendo* e *sou desprendido*.

pessoa) :— *Virgo de cespite* se levat (*a virgem* levanta-se *da relva*). O portuguez, como as outras linguas congeneres, adoptou esta construcção latina, e assim crearam-se os nossos verbos *reflexos pronominaes*.

Si o verbo é transitivo, o pronome é regimen directo (*mover-se*) ; si intransitivo, o pronome é regimen indirecto (*arrepender-se*).

O desenvolvimento analogico d'essa fórma no portuguez antigo, deu em resultado uma serie de verbos que não são propriamente reflexivos, mas simplesmente pronominaes, porque o pronome nem fazia as funcções de regimen directo nem de regimen indirecto (*apoderar-se*, *partir-se, morrer-se*, *deliberar-se*, etc).

22.—Já fizemos sentir em outra lição a grande influencia da analogia na conjugação portugueza, e bem assim que as irregularidades são devidas a uma lei de accentuação ou á acção de certas lettras sobre as do radical.

Na conjugação latina o accento dos verbos deslocava-se segundo a natureza da flexão que se juntava ao radical, e este facto é de grande importancia.

No portuguez antigo eram em maior numero os verbos de duplo radical (atono e tonico) hoje resumido pela acção da analogia.

Por estreiteza de tempo e de espaço não damos aqui as regras relativas aos verbos de radical monosyllabico ou polysyllabico.

23.— A acção flexional depende : 1° da presença de um *i* ou *e*.— Neste caso a acção flexional cahe ora na vogal diphthongada, ora na consoante que se modifica ou é syncopada, e ás vezes sobre ambas.

D'ahi as transformações dos radicaes. Cp. *audio*, *debeo* ; *hav* (radical de haver) — *hei*. etc.

2.°— Introducção de letras euphonicas : — Já nos referimos a este facto, que obriga ás vezes esses verbos, por motivos euphonicos, a dous radicaes.

VIGESIMA OITAVA LIÇÃO

Etymologia das palavras invariaveis

I.— Do adverbio

1 — Os nossos adverbios originam-se :

a) de um advervio latino simples :— *já*, *onde*, *lá*.

b) de particulas latinas : — *assás* (= ad satis), *avante* (ab-ante).

c) de adjectivos :— *alto*, *forte*, *baixo*, *certo*, *raro*, *tarde*, etc....

d) de um adjectivo na terminação feminina e o suffixo *mente* :— *raramente*. Por derivação.

e) de duas palavras portuguezas :— *ante-hontem*, *outr'ora*, *amanhã*.

2 — Das modificações adverbiaes a mais de notar é a do *s* paragogico, mais frequente nas fórmas archaicas :— *entonces*, *antes*, *algures*,.....

Adverbios de tempo

3 — Vide lição 20.

Amanhã = Form. port. :— *a* + *manhã* (*ad manè*).

Antes, ante ; *ant* em J. de Barros, Ined. d'Alc. etc. Do latim *ante*.

Ate — l. *hactenus*, d'onde a fórma port. *hacté* Formas arch. *atá*, *athá*, *attá*, *atáa* (Liv. de Linh., Nob., Ord Aff. e M., Ined., Azur.)

Agora = *ac hora*.

Cedo = l. *cito*.

Hoje = l. *hodiè* (hoc die) ; port. arch. *oy* (S. Ros.), *oje* ; hesp. *hoy* ; fr. *aujourd'hui*, arch. *hoi hui*, it. *ogge*.

Hontem = l. *ante hodie*, na opinião de alguns ; de *ad noctem*, segundo outros (Cornu, etc.). E' dos primeiros documentos da lingua ; port. arch. *heri* = l. *heri*. fr. *hier*, it. *iere*, hesp. *ayer*.

Havia, porém, no port. a fórma *oyte*, *ooyte* (Doc. de 1743 = *Eluc*), a par de *onte ontem*.

Não será *hontem* de formação portugueza : *ant'oy*, *ont'oy* ; (*ont* p. *ant* — tambem no hesp.) ? O *m* epithesico, a nasalisação da vogal final, é muito frequente no portuguez —(*si sim*, *assi assim*, etc.). De resto, *ad notem*, hesp. *anoche*, não significam *amanhã*, mas *ao declinar do dia*, *perto da noute*.

Cp. mais — *oge*, *ogè die* = hodie ; lat. — *hesterno die* ou simplesmente *hesterno* = hontem, ANTEHAC em tempo passado, e nesse mesmo sentido emprega-se *hontem* ; *ante-hontem*, etc. *Jam ante* = d'antes, anteriormente (Cic.).

Já = l. *jam*.

jámais.— De *já* e *mais* (Sign. propriamente *nunca mais*).

Logo = l. *loco* (in loco).

Nunca = l. *nunquam*.— F. arch. *nuncas*, *nunqua*.

O*gano*, *oganho* = l. *hoc anno* (este agora, agora). *Vem* ogano *mais portuguezmente* (Eufr.) — Fr. ant. *uan oan ouan*. E' fórma archaica.

Outr'ora — E' de formação portugueza — *outra hora* (d'antes).

Pós = l. *post*.— Deu *após*, *empós* arch., *depois*.

Quando = l. *quando*.

Semper = l. *semper*.

Tarde = l. *tarde*.

Além das fórmas de creação vernacula já citadas, temos —*d'hora em diante*, *ante hontem*, *ha pouco*, *depois d'amanhã*, *tresantehontem*,... ..

Além d'estes, temos mais — *ainda*, *inda* = l. *inde*, *amanhã* (a + manhã), *depois* (de + pois), *então* arch.

entonce entonces, ant. *entom* (in + tunc),.. -. e os obsoletos — *crás* = amanhã (G. Vic) = l. *crás* ; *aliquando* (f. lat.), *asinha* = depressa (l. *agiliter*?). Creio mais é fórma abreviada de *agilsinha,* [1]; *desende desen desi de-y* = *deinde*, d'ahi, desde ahi,.. ...

Adverbios de logar

4 — Perdeu o portuguez algumas das perguntas de logar dos Latinos, que eram quatro. Assim *unde* tem sempre a mesma fórma para o logar em que estamos, de que viemos, e para onde vamos. Para exprimir essas differenças somos obrigados a fazer preceder o adverbio *onde* da prep. *de* (pergunta *unda*) ou *a*, *para* (pergunta *quā*) (onde, d'onde, aonde para onde, por onde).

Aqui, ant. *qui* ; hesp. *aqui acá ;* it-*qui* ; fr. *ici*.

Diez deriva-o de *ecce hic (ec'hic)* ; outros da fórma pleonastisa *hac hic*.

Tenho, porém, para mim, que este adverbio, e bem assim *alli, ahi*, *acá alá*, formaram-se do adverbio latino com a prep. *a*, do mesmo modo que de *unde* formou-se *onde*, e depois *aonde*, [2] etc. Nos classicos encontram-se as fórmas — *y i hi*, *té li*, *té qui*, *per hi* e *hi-vos d'hi*, etc.

Em *aquó, acujuso, acasuso* (d'aquem, em baixo, em cima), é que mait parece dar-se a influencia do demonstr. lat.— Mas notemos que no port. havia as fórmas *juss-ão, ante*, (de baixo). e *susão suso* (de *cima* : *acujuso* pode pois ser corrupção de *aquijuso* (aqui de baixo), *acasuso*, de *aquisuso*. (acásuso).

Ahi.— Corresponde ao latim *ibi* ; deriva de *hi, i*, d'onde as fórmas archaicas portuguezas — *y ü hi ay*. *Ahi* = *a* + *hi*.

---

[1] Trabalhos não a quebrantam.
com elles vae mais *asinha*.
(F. de Castilho.)

Nos Ined. d'Alc., Versão da R. de S. Bento,—*agina*. I 256, 270, II, 258.

[2] *Afora*, adentro,... *desi*, *deshoje*, *em* muito, *de* ascinte, *de* adrede, *de* antigamente, *de* melhormente, etc.

D'ahi tem por etymologia, na opinião geral, o composto latino *deinde*, a que corresponde. Mas força seria então derivar *ahi* de *inde*. *D'ahi* é de creação portugueza ; a fórma que directamente se derivou de *deinde* é a arch. *desende*, - ende (*d'ahi*).

Alli = l. *illic*, *illi* ; port. ant. *li*. O *e* final tendeu sempre a cahir (*hic hi*, *nec ne*, *illic illi*, Ter.) ; o *i* inicial transfórmou-se em *a* (cp. *inter* antre entre).

A'quem — Derivam-no os grammaticos de *hinc*.— Em minha opinião é um adv. composto, de origem portugueza, e de formação emphatica (*a* + adv. *quem* = para cá d'esse logar. *cp*. *adeante*). Corresponde a *a ende*.

Alem — Deriva de *alliunde*, que ás vezes corresponde a *alibi*. Cp. *allende*. (hesp.)

Ante, antes = *l. ante antea*.— O *s* da 2ª. fòrma é como que a caracteristica dos adverbios antigos. Em composição — *deante*, *adeante*.

O esquecimento etymologico é que nos obrigou ás fórmas actuaes — *de*ante *de*, etc.

Ante com ante é loc. adv. antiga ; *de hora em ante* diziam ainda os do sec. passado por *d'ora em deante*, *avante*.

Avante = lat. pop. *abante* (*ab* + *ante*).

Acolá = *l. ecc' illá* (c), ou melhor de *hac illà* (illac) Significa *aquelle* logar, propriamente *ahi lá* para indicar logar mais remoto d'aquelle em que estamos.

Lá no port. ant. era *alá* (*hac alá*, *acolá*) ?

Algures.— Querem geralmente que este adverbio se origine de *alicubi* = *aliquo ubi*, ant. *aliquobi*, que ás vezes vem reforçado por *hic* (*hic alicubi*, Cic). Parece-nos porem mais acertada a etymologia *al'quoris* (*aliquis oris* =alguma região).

F. arch.— *algur*

Alhur. alhures (arch). São varias as etymologias apresentadas :— *aliubi* (= alio ubi), *aliunde* (= alio unde),

mais acertadamente de *aliors*, *aliorsum*, ou de *alioris* (aliï + *oris*).

ARRIBA = l. v. *arriba* (= ad. ripam).

ARREDO, *aredo*, arch. *arreo* = l. v. *à retrò* (= para traz, para longe): — arredo *vá de nós o sestro agouro* (D. Fr. Man.).

Perdeu-se o adv. portuguez, ao passo que a phrase latina — *vade retro* é hoje popular [1].

ALLÓ, ALÒ, arch. (= l. *illo* = illuc, para aquelle logar, então): — allò *hallara holgança* (Canc. ger.), *dizendo a El-Rei tudo o que sobre este negocio* allò *viera* (Fern. Lopes. *Chron. de Guiné*.)

CÁ, port. ant. *qua ; acá* = para cá. Do lat. *ecc' hac*, d'onde *ecá*, *cá* (Cp. enomorar namorar, *e*greja greja, *E*thiopicos Tiopicos, etc.)

CÉRCA = l. *circa*.

DENTRO = *de intro*.

ENDE, *desende desen desi de-y*, etc = *inde, deinde*, V. Lição 26.

FÓRA = l. *foras* (*foris*).

LÁ, arch. *alá* [2]) = l. *illac*. *Allá* (para lá) oppõe-se a *acá* — Cp. *alli acolá aqui*.

LONGE = lat. *longe*.

NENHURES. De *nec ubi*, *necorsum*, conforme os grammaticos. Em minha opinião de *neoris* (nec oris) opposto a *algures* [3].

ONDE = l. *unde*, port. arch. *u*, *hu*, — *o mel vae vuscar-se* hu *ha colmeias ; non cries gallinhas* hu *raposa mora*. Os antigos tambem empregavam, como ainda hoje a gente ignorante, *aonde* e *adonde* p. *onde* ; e *u hu* no sentido de *aonde* (Cp. fr. *où* :— *où vas-tu* ? *aonde vás?*)

---

[1] Como outras muitas — *Te-Deum*, *Dominus-tecum*, *Amen*, *Arreo*, V. do Arcebispo ; *a reque* é fórma Açoriana.

[2] *Neoris, nenoris* (nec ne = nem), *nenhores*, nenhum.

[3] Chron. do Cond., Ord. Aff., Ined. d'Alc., etc.

U contrahiu-se ao adj. articular (*ulo ula* = onde o): — ulas *partes que damos á virtude;* ullo *ser e autoridade de fidalgo?* (Szã *V. do Arç.*)

Adú = ad'*onde*: — *se partiu* ad'u *viera.*

Nos classicos (Lucena, etc.) encontra-se erradamente *onde* p. *d'onde*.

Deve-se empregar *onde, aonde, d'onde*, conforme o logar a que nos referimos (*onde estas? d'onde vens? aonde* (para onde) *vás?*

PERTO = l. pertus,

TRAZ, (atraz, detras) = l. *trans*.

SUSO, arch. = em cima. Do lat. *susum* p. *sursum* (Pl. Cat. etc.)

Adverbios de quantidade

5 — São quasi todos de origem latina.

APENAS = l. *poena* (a + penœ). *Penè* [1].

ASSÁS = l. ad*satis*. Tinha muitrs vezes sentido de *muito*.

BASTANTE — do adj. — verbal.

CERCA = l. *circa*.

COMO = l. *quomodo*, pelas formas intermediarias *quomo, C'o* p. *como* geralmente na poesia.

MAIS = l. *magis*.

MEIO = l. *medius*. Sign. *algum tanto*.

MENOS = l. *minus*.

MUI MUITO = l. *multum*. No sec. XV empregavam ambas a fórmas para o sup. abs.; — *gente de pé* mui muita *sem conta* (= muitissima).

F. arch. *mult* (Sec. XII — XIII).

NADA = l. *nata?* (filha, pequena; *Res nata*).

POUCO = l. *paucum*.

---

[1] *Apenas*, com pena, a + penas(difficuldade; trabalho).

Quão = l. *quam*. Emprega-se antes de adjectivo e adverbios com sentido de — *por tal modo* ou *tanto* (*quam sem excusa*. Luc.; *quão azinha em meu dano vos* tomastes, Cam.; *camanho*.

Quanto = l. *quantum*.

Quasi = l. *quasi*. F. arch. *casi quage quagi*.

Tão = l. *tam*. Corresponde a *tanto*; sign. a tal ponto, em tanto modo. Empregado com *muito* representava o superlativo absoluto (Sec. XIV): — *porque* tão muito *tarde d'esta vez*... (Canc.)

Formas ant. *tam tom*.

Em composição com *manho* (= magno) deu *tamanho*.

Tanto — l. *tantum*.

Compostos: — *outrotanto*, (alternm tantum) *com, tanto*, , *no emtanto*.....

Formas arch. — *adar* — apenas, *chus*, *plus* — mais,...., *que farte* (—, *fartim*) — assás; *tam-a-la-vez* = algum tanto, raro, etc.

Nota. — Os classicos empregavam frequentemente os adverbios *bem* (benè), *mal* (malè) para á maneira dos Latinos, darem aos adjectivos força intensiva: o *coração* bem mais largo *que as praias do Oceano* (Luc.), etc. E ainda hoje dizemos com Souza — *ficar mal ferido*, bem como-*dei-lhe bem a entender*, etc.

Adverbios de exclusão e designação

6. — De alguns já tratamos, como *apenas*; outros formam-se por derivação — *somente*, *unicamente*.

1. Porem. arch. *porende* = l. *proinde*.

Senão. De *si + não* (l. *sic non*).

Sequer. E' dos primieros does. — Significa propriamente *se quizer*, *ao menos*.

Só = l. solus.

5.º Eis, port. arch. *ex* = l. ecce — Sec. XIII e XIV. Com. — *eis aqui*, *eis alli*...

Adverbios de modo

7 — São em crescidissimo numero, que multiplos são os modos de ser da materia ou do pensamento.

São adverbios de modo — *assim* (ant. *assi*), *assim assim, bem, mal, como*, e quasi todos os derivados, i. e. formados de um adjectivo feminino e da terminação — *mente*. *Assim* derivou de *ad+sic* ou de *in+sic*, segundo Littré. [1]

O portuguez, regeitando as terminações adverbiaes latinas em *e* e *ter (certe, prudenter)*, recorreu á forma periphrastica latina, mui frequente entre os escriptores do Imperio — *bona mente* factum (Quint.), *devota mente* tuentur.

A terminação *mente* pois é o ablativo latino do subst. fem. *mens mentis* (espirito, entendimento, mente) ; mas que os Latinos já empregavam no sentido de *modo, maneira.*

Cp.: *Elle procedeu* de boa mente ; *elle trabalha* boamente.

Esta desinencia conserva ainda a idéa etymologica,e nem perdeu sua vida propria e independencia : não soffreu modificação phonetica, e póde separar-se do adjectivo : —*Elle escreve* clara, concisa e elegante*mente*.

Não ha razão — a não ser a ignorancia — para não empregarmos — *maiormente* (mormente), *melhormente* (Camões, etc.), *mesmamente*, etc.

ALIAS = l. alias.

Adrede = acinte, propositalmente. Forma outro adj. de modo — *adredemente* ; com prep. — *de adrede.*

Acinte (assinte). — De caso pensado, mas com má intenção. *De acinte, acintemente.* (L. *ad sciente*, do verbo

---

[1] *Outrosim=alterum sic*

scio = saber, conhecer, ter noticias : *ad scienter* = sabidamente, Ex. — *quer fosse* acinte, feito quer acaso (Eufr.) ; assintes *mus de pensado* (Vieira). *Siuie* ; *a sinte* = a sabendas. Cp. *a-iento*.

Alguns adverbios de modo derivam-se da fórma comparativa do adjectivo : — *antiquissimamente* = muito antigamente.

Adverbios de interrogação e duvida

8 — Daremos os principaes :

1.º Porque = por+que = l. barb = *per quce*, *per quod*.

Como, ant *quomo* [1]= lat. *quomodo*.

Quanto = l. quantum.

Quando = l. quando.

2.º Acaso = l. *a casu* — *Por acaso*.

Porventura (por+ventura).

Talvez (tal+vez).

Quiça, arch. *quesais*, *quiçais*, *quissá*, *quiçaes*. Correspon-ao fr. quisait ? ital. *chi sa* ? — gall. *quizaves*, *quezayes*, *quisais*, *quixais*. E' o latim pop. — *quis sapit* (quis sap. pui sab, quiçá.)

Não. (=l. *non*) Esta particula nem sempre tem força negativa ; ás vezes significa *porventura*, *acaso* — a duvida. [2]

---

[1] Ined. d'Alcob II, 266.

[2] Apparece, e mui frequentemente, em certos classicos (como ponderou o V. de Castilho), um *não*, que nem nega, nem pergunta, nem affirma, e que mais parece, o que succede no latim e outras linguas, se intrometteu no fallar e no escrever unicamente para arredondar a phrase, sem que desses termos respigue um atomo de idéa : — *nem uma só palavra dirá até lhe não responderem á pergunta ; temo que elle não venha hoje* p, *temo que elle venha*.

Cp. lat. — *timeo* (ut) *ne veniat* ; etc., *je crains qu'il ne vienne*. Mais tarde, pela perda da distincção entre *ne* e *ut non* : — *timeo ut non veniat*, e emfim quando a conj. popular *quod* subst. a conj. *ut* : — *timeo quod non veniat*.

Na phrase de Castilho — *si tantos deleites ha na terra*, que não *será no céo?* a particula não tem força negativa.

Adverbios de affirmação e negação

9. São de *affirmação* — *sim* (= l, *sic*, *sī*); port. arch. *sic*, ant. *si*; *certo certamente*, *seguramente*.... — *Tambem* = tão bem.

As *negativas* dividem-se em *simples* e *intensivas* ou *reforçadas*.

a) *Negativa simples*. E' NÃO = l. *non*, tambem unica neg. simples no latim

F. arch. — *no num non*.

Menos (minus), *nada*, *nunca* (l. nunquam)

Sem nos Sec. XIV e XV tinha força negativa, e empregava-se pela neg. *não*, como se vê em mais de um passo de Fern. Lopes (*chron*. G).

b) *Negação intensiva:* — Resultado d'esse principio conservador a que se chama *emphase*, a negação intensiva é facto vulgar em todas as linguas, maiormente nas locuções populares.

Consiste o processo em substltuir a idéa pela imagem; pluma *haud interest*, *non* fili *facere*, *non* nauci *facere*, e assim *flocus*, *naucus*, *triobolum*, etc.... Por fim a imagem desapparece; a expressão deixa de ser figurada para se tornar abstracta: *nihilum nihil* = *nada*, são compostos de *ne* + *hilum*, que significava « nem mesmo um desses pontos negros que se encontram no extremo das favas ». — Nihil *igitur mors est, ad nos nequem pertinet* hilum (Lucr.)

Para dizer que um homem nada vale, diz-se que não vale *quatro vintens*, *meia pataca, uma castanha*, etc.; que é fraco — um *banana;* que é estupido — um *camello*, um *tamanco*, um *burro*.... A figura perde-se, e a idéa torna-se abstracta, como p. ex. em *patife* (riachosinho).

Seguimos pois o processo latino; e muitos são os substantivos empregados para esse fim: — *mica* (arch. *mique* — *nem mique nem nada*), que já no latim exprimia negação — *nullaque* mica *salis* (Marc.); migalha, sombra, polegada. um nickel, passo (*nem* passo *se esquecia*, G. Vic.), *ponto* (*hum* ponto *não estere parado*, id.), *ponta*

(*moças aprazeradas sem* ponta de *miolo*), *fumo* (*nem* fumo *de cão ou de cadella*), *ceitil*, *fava*, *pingo* (de vergonha, etc.), *gota* (*não lhe marra ella aqui* gota, G. Vic.), *espaço* (*nenhum* espaço *dormia*, B. Rib.), *boia*, *patarina*, *fumaça*,.... além dos já archaisados — *medra*, *cornado*, *ren*, *al*, *ome*,.... A fonte é inexhaurivel, e acompanha sempre a corrente das idéas novas. [1]

Muitas vezes duplica-se a negativa para mais reforçal-a: — *nem* nique *nem* nada; *nem eira nem beira, nem ramo de figueira; nem chique, nem mique, nem nada* (G. Vic.)

Vejamos agora rapidamente os principaes processos do reforço negativo. [2]

a) repetição similar: — *não-não, nem-nem, nada-nada*... Data do Sec. XIII.

b) repetição dissimar: — *nem-não, não-nem, não-nada*, etc.

c) emprego de equivalentes pronominaes: — *nenhum-nem, outra-nenhum* ou *ninguem*,... Data do Sec. XIII

d) emprego de equivalentes adverbiaes: — *nunca-nenhum, nem-nunca, nunca jamais, nem-jamais, não-nunca*,... do Sec. XII.

e) emprego semeiotico da prep. *sem*: — sem *tom* nem *som*; sem *tirar* nem *por*, sem *tirte* nem *guarte*

f) reforço epithetico: — alma perdida, não vale um figo podre, *não ter onde cahir morto*, etc. Do Sec. XIII.

g) da condicional negativa *senão*, e das equivalentes *que* e *nego, nega*. São archaicas: — *não tem mais de dous vinteus; não se ame a cousa pelo* que *é*; o emprego do *que* = *senão* é frequente nos classicos, principalmente nos secs. XVII e XVIII.

h) de equivalentes interjectivas, diminutivas, e superlativas — *senão não; não bofé*; nem *um* bocadinho; etc... *cousissima nenhuma*.

i) do infinito pleonastico intensivo: — *eu não canto para cantar*; nem *que chova que chover*, nem *que vente que* ventar.

j) depois de certas locuções — não *se podia ter que* lh'o não *mostrasse*; *nam tardou que logo* nam *tomasse*.

k) com o verbo *negar* e outros, nas proposições dependentes: — neguei *que* nunca *lhe houvesse fallado*.

l) negação intensiva seriaria, periodica, ou melhor comulativa: — *e* não *menos me maravilho daquelles que crem que* nenhum homem *póde saber aquillo que* não *tém ser* senão *no segredo da eternal sabedoria* (G. Vicente.)

---

[1] Facto commum a todas as linguas. Em francez — *pas. point. goutte* (je ne vois goutte), *mie, personne, rien*, etc., são verdadeiros substantivos concretos.

[2] Lam. de Andrade — *da negação intensiva* 1882.

10.—Muitas particulas e locuções adverbiaes archaisaram-se e obsoletaram-se, além das que já deixamos apontadas : —*cras* = hontem (l. cras), *empero* = certamente, a la fé, *bofé* = a boa fé, *adur* = apenas, difficilmente ; *chus* = mais, *er* = aliás, tambem, *samicas* = por ventura ; *algorem, todioge, soncas* = talvez, *u* = onde (gall. ulo ula), *ogano*, *essora*, *acorão*, *camanho* e *quamanho (quão manho* = tamanho [1]), *alhures*, *desende desen desi* (contr-em *de-y)* = lat. *deinde* [2]), *nego* = senão (G. Vic.), *a osadas, a ousadas* = ousadamente [3]), *nessora*, *logo essora*, *agora estora, a deshora quando, adesora* = logo que (G. V., Mir., etc.) *de vedro* —outr'ora, *a sciente* (— l. *a sciente'*, *á inveja* (lat. *ad invicem)* no sentido de *á porfia*, *á competencia*, de uso frequente nos classicos *(andavam* á inveja *de quem daria melhor mesa as do seu quarto*, — Bar. dec.) *de ligeiro* = facilmente, *de maravilha* = raramente, *de publico*, *de secreto*, *pran,* de plano, presentemente ; *de frecha* = directamente, sem detença, de chofre ou de entuviada, *de cote* = todos os dias (l. *quotidie* [4]), *a sabendas* = com conhecimento, *acinte*, etc.

11.— Este processo de formação adverbial é latino ; e ainda hoje temos grande cópia desses adverbios de modo : — *de leve*, *de feito*, *de certo*, *de espaço*, *de industria*, *de véras*, *de rijo, de siso, de primeiro ; em breve*, *em balde*, *em vão,*

---

[1] Moraes diz que *quamanho* alterou-se em *tamanho* pela ignorancia dos edictores. A verdade é que o emprego era diverso (Cp. *tão quão) :*— no que passaram *tamanho* trabalho *camanho* não se póde imaginar.

[2] O emprego frequente desse adverbio no port. antigo, ainda se reflecte no fallar do povo — *d'ahi foi*, *d'ahi disse*, etc.

[3] Que posto que ás vezes tarde em lhe dar o pago, a *ousadas*, que não vão sem lhe dares como na sua bestialidade merecem (S. Mir.)

[4] Tenho assaz pera *de cote*
se mais quizer vesigar *(a)*
tambem sei laços armar
tambem tirar com virote.
Eg. II, 167.

(a) Comer = l. b. *vesicari* p. *vesci*.

em fim, em cima; a miudo, á destra, á vez, á medida, a porfia, a espaço, a vulto; com effeito, por ventura...

12.— A's vezes o nome vai para para o plural para maior reforço ou mudança de sentido (*ás tontas, ás furtadellas, ás cegas, ás occultas, a espaços, a vezes...*)

13.—No Sec. XIV é que começou o emprego dos adjectivos em *o* com força adverbial, correspondentes ao ablativo latino sem preposição :— *certo, claro, manso, passo...=de certo certamente, de manso mansamente, de passo pausadamente.*

14.— Dos adjectivos uniformes em *e* menos vestigios nos restam:— *tarde, longe, suave, leve...*

15.— Na linguagem litteraria empregamos alguns adverbios latinos:— *maxime, gratis, retro, supra, infra, item.*

Tambem formamos adverbios de modo do superlativo organico:— *deligentissìmamente.*

DA PREPOSIÇÃO

1.º— A maior parte das nossas preposições simples são de origem directa latina, e conservam as fórmas e relações originarias: *de* = de, — *em* (in), *entre* (inter), *contra* (contra), *por* (pro, per [1]), *ante antes* (ante), *sem* (sinè), *sobre* (super), *com* (cum), etc.

Note-se que muitas preposições derivam-se de antigos adverbios ou são preposições e adverbios conforme a circumstancia é expressa só pela particula (adverbio) ou pela particula seguida de complemento. As relações entre estas partes do discurso são tão intimas, que a distincção entre ellas não está na significação, mas no valor syntaxico diverso com que indicam a mesma circumstancia de logar, origem ou causa, tendencia ou apartamento.

[1] *Par* p. *por* em *pardès* = fr. *par Dieu*, hesp. *pardez*; etc.

2.º— Muitas são as preposições formadas pela derivação impropria;

a) de duas preposições simples [1]: — *depois* (de-post.), *deante* (de antè), *atrás* (a-trans), *após* (ant. *em pós, apos de*) *perante, dentro* (de intro), *para* (por a, per a),... *Adeante, desde* (de ex de), *até* (a + té = hactenus), etc.

b) de substantivos e adjectivos :— *apesar, a par...*,

c) dos participios passados e das antigas fórmas em *ante, ente, inte* dos participios presentes :— *excepto, salvo, junto,... tocante, referente, concernente...*

d) — de adverbios : — *eis aqui, eis alli,... dentro de, de fronte de, perto de....*

2.— As locuções prepositivas são muito portuguezas, e formam-se, pela maior parte, de substantivos ou adjectivos seguidos das preposições *de, a*, e bem assim de adverbios e locuções adverviaes : — *em face* de, *em virtude de, por causa de, á fôrça de. longe de, deante de, concernente a, referente a...*

3.— Das preposições simples já existentes no latim, a maior parte só occorre no processo da composição ou nas palavras de creação artificial (*extrafino, superfino*). São ellas — *a ab abs, ad, ante, circum*, (*co, con*), *de des dis, e*, em (*en*) *inter, es, ex, extra, in, intro, ob obs, per, pre, pro, re, retro, sub, super, trans, tras tres, ultra*, etc.

D'estas, como se vê das listas dos prefixos, algumas teem uma fórma concurrente popular :— *entre* inter, *sob soto* [2] sub. *so, pos, sobre* super.

---

[1] *Avante* = lat. pop. *abantè* p. *antè*. como provam as seguintes linhas de um grammatico romano:— *antè* me fugit dicimus, non *ab-ante* me fugit; nam prœpositio prœpositioni adjungitur imprudenter: quia *ante et ab* sunt du prœpositiones. O tal grammatico não percebia que *ab* reforçava a idéa *(adeante, atrás)*. que ainda mais se tornou intensiva em *devant* (= *de ab ante)*. porque por ponto de partida tomou uma fórma já reforçada.

[2] Toma erroneamente a fórma feminina em *sotacomitre sotapiloto, sotacocheiro*, etc. Diz-se tombem *sotavento*.

Façamos agora algmas considerações muito *per summa capita*, porque a contextura d'ellas mais pertence ao dominio da syntaxe.

1.º São varias as relações expressas por certas preposições ; não podemos pois classifical-as segundo as suas significações, nem tão pouco de conformidade com as originarias.

O que, porém, se póde affirmar de modo geral, é as preposições indicam relações de logar, e por extensão — as de tempo. Que o emprego abstracto e metaphorico é resultado de um desenvolvimento posterior. [1]

2º. — E' muito para sentir haja o portuguez perdido a preposição *per* (só conservada nas contracções com o antigo [2]), cujo emprego era differente do que tinha a prep. *por*, que dupla tambem lhe era a origem.

POR = lat *pro*, e passou para o portuguez com a significação de *deante* :— *face por face* (Ined. d'Alc) ; *rosto* por *rosto* (Barros, *dec*),...; *per* = lat. *per*. Por isso empregaram os antigos *per* nas relações de espaço, tempo, logar, meio, instrumento, etc., e *por* nas de *causa*, *preço*, etc.— per *montes e vales*, per *obrigação*,... polo *amor de Deus*, *combater* polo *patria* etc.

Ne periodo archaico, claro está, é que menos raro se encontra o emprego correcto de *per* com accus., *por* com ablat., i. e., em suas naturaes relações; ainda frequente nos documentos do Sec. XIV. [3]

Exemplifiquemos :

Perecerom *per* espada e per fome ataa que
sejam de todo consumidos (J. B. *dec*)
... da India *per* o rumo (Id.)
viveu per espaço de septenta annos (Id.)

Foram pregar a fé uns *per* Italia, *per* Grecia outros ; outros *per* Hespanha (Luc.).

... *per* tempo eram enfermos, ataa que se reformaram com a natureza da terra. (Azur. *Chr. de G.*)

per noites de hynverno se ouviam gemidos (F. Mendes *Perego*).

Tanto viver *per* nulha ren — (C. Vat.).

Por suas grandes partes e provada virtude (Szã. *V. do arc.*).

Por culpas, *por* feitos vergonhosos — (Cam.).

Mandou dar aviso... que trabalhassem *por* lhe tomar o galeão (Bar. *dec.*).

---

[1] A, por sua etymologia, remonta á prep. *ad* : mas, por suas funcções, corresponde tambem a *ab* e *apud* : *dei um livro* a *Pedro* (ad) : *a sós*, *ás furtadellas*, *matou-o a tiro*;.... *De*, vem do l. *de* com diversos sentidos, e representando o gen. e o accus. D'ahi a variedade de relações em portuguez — de tempo, causa, instrumento, meio, modo, materia, quantidade preço,... Corresponde ao genitivo possessivo, objectivo, e de quontidade. Entra em grande numero de composições com substantivos e adjectivos como já vimos:— *de maravilha*, *de seguro*...

[2] V. Cornu-*Ramania* 1882-41-*Et. do gramm. port.*

[3] Pela confusão synonymica a combinação *pelo* venceu na lucta a combinação *polo*, cuja decadencia e morte datam do Sec. XVII.

A voos graças faço *por* as merceeѕ que me fezestes (Fr. J. Claro).

A's vezes — mas raro — se eucontra divergencia nos textos :— *per* mar e *per* terra ; *por* mar ou *por* terra (J. Bar. *dec*) ; assim como tambem diziam — *que o mesmo Affonso fosse* per *pessoa*, que nós dizemos — *em* dessoa.

No baixo latim, tambem reinava a confusão de *per pro* ; *per omnes montes ac* pro *illis locis* ; *obligo per me et per meos heredes*.

III DA CONJUNCÇÃO

1.— As conjuncções, quanto á origem, podem dividir-se em duas categorias :— as de derivação latina — e as de formação portugueza.

Estas, em geral, são antigas locuções conjunctivas cujos elementos se acham juxtapostos :— *portanto*, *senão*, *outrosim* (ant. *outrosi*), *todavia*, *postoque*, *entretanto*, *supposto que*, *porque*, *afim de que*, *poisque*, etc.

2 — Estudemos a etymologia :

Como = l. *quomodo*.

Ergo = l. ergo. No Sec. XVI empregam de preferencia a fórma contracta *er*.

E = lat. *et*, port. ant. *et* (Sec. XII - XIV.).

Logo = l. *loco* (in loco.).

Mas = l. *magis* (adv.)

Nem = l. *nec*.

Ora = l. *hora*.

Ou = l. *aut*.

Outrosim = *outro que si*, ant. *outrosi*, F. port.= lat. *alterum sic*.

Porem, — port. arch. *pero* (Bar., Azur.). Do latim popular *per inde pro inde* = port. ant. *por ende* (por isso.)

Porque = l. pop. *per quœ*, *per quod*. Corresponde a *por causa de, para que, ao que*.

Pois = l. post.

Que = l. *que* (quod).

Quando = l. *quando*.

Tambem = l. vulgar *tam benè*.

Si (se) = l. *si*.

Fórmas populares archaicas — *aque* = *eis que*, l. ecce (Ined. d'Alc.), *sed* (= lat. *sed*)—*sed mays beenzen* (In. de Alc.); *nega* (excepto, senão); *sicaes* (si quà, si casù) = si acaso; — *sicaes não foi morto* (G. Vicente), *cá*, arch. *quá*, *car* = porque (Ined. d'Alc., Nob. D. Pedro, F. de Thomar, etc.), que corresponde ao latim *quare*; *er* = tambem; *nanja* (= *neja*), que se junta ao pronome pessoal ainda hoje na linguagem do povo em Portugal, *nanja eu*, e que era frequente no Sec. XVI — nas fórmas *nanjeu nenjeu*; *pero*, *emperol*, *perol* - porém, *ende* (pg.), etc.

IV — *Da interjeição*

1. — As instinctivas ou naturaes (*ai*, *hui*...) e onomatopicas (*bum*, *tráz*, *psiu*), ainda mesmo as formadas pelo reforço similar (*zás trás*, *bum bum*, *tim tim*, *zum zum*, *babau*, *grogotó*), não teem etymologia.

2. — As *convencionaes* tiram origem em substantivos, adjectivos, verbos e adverbios, que bem espelhem a emoção de que nos achamos possuidos, que represente a synthese da proposição, e seja verdadeiro echo dos nossos sentimentos naturaes (pag. 114, 22.)

3. — *Apage* e *sus* são de origem latina (l. *apage* = ἄπαγε; adv. lat. *sus*).

Ay Deus! ay tu! ay me! ave Maria!... são vestigios do vocativo latino.

Arre e *oxolá* originam-se do arabe: a 1ª de *arrie* = caminha; a 2ª de *eux-Alah* = praza a Allah [1]. *Apre* é

---

[1] Cp. *praza a Deus*.

Arre era a voz usada pelos azemeis para excitarem os animaes a estugarem o passo: hoje os cangalheiros empregam outras interjeições (*anda! caminha! vamos! arreda!*), e *arre* só serve para exprimir *colera* (Cp. *arrelia*).

corrupção de *arre;* e tambem *ipra*, *irra* muitos usados no Sec. XVI.

4. — Fórmas archaicas, e antiquadas :—*huhá* (G. Vic.) = cast. *huiha, hufá; hio* = l. io (G. Vic.); *ipra*= apre *bofá* = bofé, *aramá eramá ieramá* = em hora má, (id.), *muitieramá* = muito em hora má, *appello eu ; vae-te a reque* (corrupção do *vade retro)*; *maocha* (em má hora), *horasus* (*hora sus,* hoje diz-se — *ora vamos!* para calar), *tá (estae)*, i. e. cala-te! pára! detem-te! :— Ta, *Pedro, embainha a espada* (Vieira *Serm.* XV, 7.), *hou lá* = holá, *mal peccado* (de pezar: hoje ainda se diz — *por meus peccados*); *guai* (de pesar, sentimento) é forma vulgar de *ai*, posto se encontre em Souza e outros. Que era expressão de ignorancia popular provam os seguintes versos de Gil Vic.:

> Andava elle namorado
> e por, má hora, dizer *ai*
> dizia-lhe *guai*,
> e por dizer-lhe minha senhora
> chamava-lhe minha sinoga.

A precativa *aqui d'El-Rei*, e não *ai! que é d'El-Rei*, ou *ak d'El-Rei*, é essencialmente de formação portugueza [1].

---

[1] *Aqui idelrei*, Doc. 1733.

VIGESIMA NONA LIÇÃO

Da syntaxe em geral — Breves noções sobre a estructura oracional do latim popular e do latim culto.— Typos syntacticos divergentes na lingua portugueza.

1 — *Syntaxe* é a parte da grammatica que ensina a concordancia das palavras e orações; a boa eollucação das palavras na proposição, e das proposições na phrase; a correcção dos complementos.

Divide-se pois em syntaxe de *palavras* e de *proposições*; é de *concordancia* quando rege palavras; de *subordiuação*, *regimen* ou de complemento, quando rege palavras ou os membros de phrase subordinadas.

A concordancia das palavras e sua dependencia são expressas no latim (e grego) pelos casos: em portuguez por preposições e conjuncções. E' esta a principal differença entre as syntaxes do latim classico, do latim popular e das linguas romanas; caracter ou differença que tambem se apresenta na união das proposições do infinito e participio.

Para escrever-se de fundamento a historia de uma lingua, ha-se-de mister conhecer a codificação das doutrinas relativas á construcção, a syntaxe historica. [1]

---

[1] A estreiteza do tempo, porém, obriga-nos a resumir as lições seguinteo:— Temos um compromisso e é força satisfazel-o. Na refundição deste trabalho, estudaremos então mais a fundo a physiologia e genio da nossa lingua.

2 — E' grande a differença da estructura oracional do latim popular e do latim culto, e o facto explica-se historicamente. No seculo V a. C. operava-se a evolução linguistica, quando escriptores e traductores fizeram retroceder e lingua a fórmas já então refugadas, ou introduziram directamente grande numero de hellenismos. Os escriptores que se lhes seguiram imitaram-os, e ao passo que a lingua fallada seguia a sua marcha analytica, o latim classico sustava a sua evolução natural com a lingua escripta.

D'ahi o grapharem lettras, que não mais soavam na pronuncia; d'ahi a linha divisoria estreme entre a lingua escripta e a fallada, entre o latim classico e o popular, na phonetica, no lexico, nas flexões, na syntaxe.

Com a quéda do Imperio romano, sobreveiu a destruição da cultura litteraria, e consequentemente o predominio da lingua vulgar. A lingua fallada era o latim *vulgar*, *pedestre*, *castreuse*, *barbaro*, e *medieval*, *baixo*; a lingua classica de Cicero ou da Biblia de S. Jeronymo só era, comprehendida pelos raros eruditos dessa época.

A principal differença na estructura oracional é pois a tendencia cada vez mais caracterisada do latim popular para o analytismo (ordem directa). A quéda e o enfraquecimento das lettras finaes (*ama* p. *amat*, *vivon* p. *vivunt*, *lupo* p, *lupus*, *poplo* p. *populus*, *templo* p. *templum*, etc...., e o descuramento das flexões nominaes e verbaes, a tendencia do povo emfim para simplificar as fòrmas e construcções, produziram essas alterações phoneticas e grammaticaes que constituem a differença essencial entre o latim classico e o vulgar (e consequentemente as linguas romanas), e originaram a necessidade das palavras auxiliares (verbos, preposições e conjuncções) para a necessaria clareza e precisão da linguagem. Ex.:— *Caput* de *aquilla*, *genera de ulmo* (Plinio), *de Cæsare satis dictum habeo*; *Romani sales salsioris sunt quam illi Atticorum* (Cic.); *Urbem qnam parte captam, parte dirutam*

habet (T. Livio), *cum illum*, *ad tibi*; *Episcopi de regna nostra* ; *In presentia de judices*, *donabo ad conjux* ; *templum de marmore* (Virg.), *restituit ad parentes* (T. Livio) ; *amatum habui*, *copias quas habebat paratas*, *habiam etiam dicere*, *habeo convenire* (Cic.), *Romani sales salsiores sunt quam illi Atticonem* (Cic.)[1].

Torna-se mais frequente o uso dos pronomes junto aos verbos *(il dedit*, *salvarai eo)* ; o emprego abusivo do auxiliar *esse*, como a obliterar a fórma passiva *(est concessum* p. *conceditur*, *esse donatum* p. *donari*, etc.)

Com o prevalecer da ordem analytica, diminuem as regras de concordancia. Mas a lingua latina culta de Cicero já trazia em si esses germens da nossa construcção ; Quintiliano já reconhecia um modo natural e mais oratorio do arranjo dos vocabulos ; Plinio, commentando Virgilio, para tornar mais claras certas passagens, põe-nas em ordem analytica, indicando a modificação pelas palavras — *ordo est*. [2])

3.— TYPOS SYNTACTICOS DIVERGENTES.— Dàcse esta denominação ás bifurcações syntaxicas, aos diversos modos — mas analogos — de construcção, regencia e concordancia.

a) *De construcção.*— O portuguez, posto que lingua analytica, mais conservou que as outras linguas romanas a liberdade no arranjo syntaxico das palavras, privilegio da construcção *inversativa* ou *transpositiva*.

> Recebi hoje tres cartas juntas de V. S.
> De V. S., tres cartas juntas recibi hoje.
> Hoje recebi de V. S. tres cartas juntas.
> Tres cartas de V. S. hoje recebi juntas.
> Juntas recebi hoje tres cartas de V. S.

A syntaxe é a mesma em todos esses exemplos ; e embora destituido de flexões nominaes, o portuguez con-

---

[1] Pacheco Junior — *Gram. hist.*— Introducção.
[2] Idem.

servou, principalmente até o Sec. XVI, muitas construcções similares ás latinas, tão livres e variadas, tão ricas e harmoniosas.

O castello de Santarém aos Mouros o tolhy
(F. de Santarém.)
... mal as despendendo em custosas uyandas que bem acusar se temperados foseem, poderiam
(D. Duarte, *L. C.)*
como a todos os triste acaece
(R. Rib.)
mays en pero direi vos huã ren
(C. Vat.)
descobril-a-ha a primeira vossa frota
(Camões.)
embarçação que o leve ás náos lhe pede
(Id.)
Em Centa indo D. Affonso atraz de um mouro
(M. Bern.)

b) De *concordancia.*— Ex.— *a maioria dos homens entende* ou *entendem ; estamos convicto* ou *convictos ; o primeiro e quarto rei* ou *reis*, etc.

c) De *regencia.*— São estes os typos syntacticos divergentes de mais subida importancia :

Morrer *a* fome, morrer *de* fome
mandou *ler*, mandou *que lesse*
me, a mim
começar *a* escrever ou *de* escrever
pegar *de* penna ou *na* penna
arrancar a espada ou *da* espada
até casa, até a casa, até *á* casa
apaixonado *pelas* cousas da patria (R. L.) ou *das*
O seu amor *ás* almas (M. Bern.) ou *pelas, para com*
depos sua morte (Sec. XIV, S· Eufr.), ou *depois de*
que os frades huns outros sejam obediyntes (R. de S. B.)— *uns aos outros*
alçado *por* Rei em Portugal, alçado *em* Rei de Portugal (F. Lopes).

São varias as causas das bifurcações sintaxicas :

a) Typos similares originarios — *igual* a, *igual* de.

b) Synonymia de preposições : — *cercado* por, *cercado* de.

c) Extensão crescente do infinito impessoal : — *começou fazer*, de *fazer*, a *fazer*.

d) Vestigios da voz media : —*comerum-se-a*, *comerum-s'silo* (Sec. XII) ; *affirmar que*, se *affirmar que* ; *morrer morrer-se* (B. Rib), *cahir cahir-se*, etc.

e) Acção verbal dupla : — *fallou todo*, *fallou de tudo*.

f) Influencia estrangeira : — *moro* a *rua de—*, *mora na rua*.

g) Euphonia : — *alçar* por *Reì*, — em *Rei*.

k) Influencia articular e pronominal : — o *que aconteceu*, *que aconteceu*.

i) Elipse : — *após elle*, — *d'ellc*.

j) Influencia da declinação organica : — ... *en cas sa madre* (C. Vat.), *em cas* de *sa madre* ; *quem vos ouve*, *mim ouve* (Sec. XIII), a *mim ouve*, *ouve*-me. [1]

r) Equivalencia de formas verbaes : — *andar buscando*, — *a buscar* ; *ser vindo* (Sec. XIV) *sem vir* ; *em sendo*, *sendo*.

l) Invariabilidade do participio passado : — *regadas tinha* (as flores), Cam., *regado tinha*.

m) Tendencia analytica : — *dizem ser*, *dizem que é*.

n) Mudança de categoria grammatical : — *desde Março meado* (Sec. XIV), *desde o meado de Março*.

o) Emphase : — de *como o cavelleiro* (R. Rib.)

---

[1] Lam. de Andrade — *Vest. da decl. lat.*

TRIGESIMA LIÇÃO

Syntaxe da proposição simples.—Especies de proposição simples quanto á fórma e significação.—Dos membros da proposição simples.[1]

1 — O *proposição* ou *periodo grammatical* divide-se em *simples* e *composto*.[2]

2 — E' *simples* quando contem uma unica *affirmação*.

A proposição compõe-se de *termos essenciaes* (*sujeito* e *predicado*) e de termos *accessorios*, elementos syntaxicos modificadores ou determinadores dos *essenciaes*.

3 — Aos termos modificadores do sujeito (*adjectivo* e palavra ou expressão adjectiva) dá-se o nome de *attributos*; aos do predicado *objecto* e *complemento adverbial*, conforme são representados pelo *substantivo*, palavra ou expressão de natureza substantiva, ou ainda pelo *adverbio*, e palavra ou expressão adverbiada.

4 — O objecto póde ser *directo* ou *indirecto*, conforme modifica immediatamente ou mediatamente o sentido do predicado, i. e., sem ou com preposição : *Deus recompensa* os justos ; *elle matou*-se ;...*vivo* do trabalho, *preciso* de ti...

---

[1] Damos este ponto e o seguinte muito resumidos, não só porque é materia já conhecida dos alumnos da classe de exame, como porque todos elles já devem possuir a *Sellecção Litteraria* dos professores F. Barreto e Vicente de Souza, onde a materia é tratada com mais abundancia.—Consulte-se tambem o excellente trabalho do professor Alexander — *Analyse relacional.*

[2] Ainda temos *proposição absoluta* e *relativa*.

Em alguns casos, porém, o objecto directo é precedido de preposição :— *amo* a *Deus*, *arrancam* das *espadas* (Vide lição).

As variações pronominaes — *me te se lhe nos vos lhes*, empregam-se sem preposição quando exercem as funcções de objecto indirecto, porque já a incluem em si e conservam « a força synthetita dos dativos latinos ».

5.— O *complemento adverbial* não é necessario para o perfeito sentido do elemento que elle modifica, e póde ser substituido por outro termo accessorio :— *comprei* ha dias *um bom livro ; elle escreve* correctamente, *elle escreve* com correcção.

6.— O *sujeito* é expresso por um *substantivo*, ou por outra palavra ou expressão *substantivada*; ; o *predicado* é representado simplesmente pelo verbo de predicação completa (intransitivo) [1] ou pelo de predicação incompleta (transitivo), mas neste caso tambem pelos seus termos modificadores.

7.— Quanto á *fórma*, as proposições dividem-se em *completas* e *incompletas* ou *ellipticas*.

Sob o ponto de vista da *significação*, em *expositivas*, *interrogativas*, *imperativas*, *optativas*.

Sob o da logica, em *principaes* e *sudordinadas*.

8.— As relações, pois, das palavras na proposição simples são — *subjectivas*, *adjectivas* (*predicativas*, *attributivas*, *objectivas*), *adverbiaes*.

---

[1] Ha algumas excepções :— *elle* é *bom*, *eu* estou *bom*, *tu* pareces *contente*, etc.

TRIGESIMA PRIMEIRA LIÇÃO

Syntaxe de proposições compostas ou do periodo composto — Coordenações — Subordinação — Classificação das proposições.

1.— *Proposição composta* é a formada pela reunião de duas ou mais proposições simples.

2.— Essas proposições podem ettar em relação de *coordenacão* ou de *subordinação*.

3.— No 1º caso estão as proposições, que, de igual categoria intellectual ou força significativa, e por meio de simples juxtaposição ou de conj. connectivas, concorrerem para a formação do periodo composto :— *o homem pensa, falla e ri*. Neste exemplo ha tres proposições simples : as primeiras estão ligadas intellectualmente ; a terceira pela conjuncção *e*.

4.— As proposições que concorrem para a formação de uma proposição composta coordenada são sempre principaes.

5.— As *coordenadas* dividem-se — quanto á natureza dos seus connectivos — em *copulativas*, *adversativas*. *disjunctivas*, *conclusivas*.

6.— As proposições coordenadas por mera justaposição chamam-se *asyndeticas*; as ligadas por conjuncções connectivas (e, *mas*, *ou*, *logo*, etc) *syndeticas*.

6.— *Proposição composta por subordinação* é aquella que determina um dos seus termos, ou serve-lhe de comple-

mento, tornando o sentido das orações simples dependente do sentido das outras, e a elle subordinado.

7.— As proposições compostas por *subordinação* só podem ligar-se em relação puramente *grammatical*.

8.— A categoria das subordinadas depende da contextura do periodo.

9.— Quanto ao *connectivo*, classificam-se as subordinadas em *conjunccionaes* e *relativas*, conforme for elle uma *conjuncção, adjectivo* ou *pronome relativo*.

10.— Com referencia á *natureza*, dividem-se em *substantivas*, *adjectivas* e *adverbiaes*, conforme representam uma dessas tres categorias grammaticaes.

11.— Quanto á *funcção*, podem ser *subjectivas, objectivas*, *attributivas*, ou *adverbiaes*, conforme preenchem as funcções de *sujeito*, *objecto*, *attributo* ou *adjuncto adverbial*.

Ex.— *Noticiaram que* elle morreu (i. e. a sua *morte*); *a mulher de pudor* (i. e. a mulher pudica, pudenda, pudibunda); *chegou* depois que sahimos (circumst. de tempo = depois da nossa sahida).

As subordinadas adverbiaes podemexprimir diversas circumstancias, de *tempo*, *fim*, *logar*, *causa*, *consequencia*, *comparação*, *conclusão*.

12.— As proposições subordinadas ainda são classificadas por alguns grammaticos em *completivas* (que encerram um complemento essencial para o sentido de outra proposição); *incidentes* (as que se unem ao sujeito ou attributo de uma outra proposição por um prouome relativo, e podem ser explicativas ou terminativas); *circumstanciaes* (as que exprimem circumstancia complementar do sentido de outra proposição — de tempo modo, causa, etc).

TRIGESIMA SEGUNDA LIÇÃO

Regras de syntaxe relativas a cada um dos membros da proposição

1.— Sugeito — O sugeito de uma proposição póde ser expresso por um substantivo, pronome, por outra qualquer palavra substantivada, ou ainda por uma outra oração.

2.— Em regra, o verbo concorda com o sujeito em *numero* e *pessoa*.

Com os collectivos o verbo emprega-se no singular:— *o exercito* arabe não *respirava* de combates contra os Godos.

Mas si o collectivo for *partitivo* e vier seguido de um determinativo no plural, o verbo irá para o plural; — *a maior parte dos martyres subscreveram* com o sangue o testemunho de Christo.

Esta regra tem excepções, e no latim havia a mesma liberdade: *a maioria dos deputados votou* contra o projecto. (Vide lição 35).

Quando os sujeitos são de pessoas differentes o verbo vae para o plural e concorda com a que tem prioridade: — *Tu e o medico sois* dos malandrinos; *vós e eu temos* o amor da liberdade por invencivel como a morte.

Si o sujeito fôr expresso por palavras synonymas, ou representantes de uma mesma idéa (paesso ou eousa), o verbo (é claro) conserva-se no sing.:= Era um velho,

a quem o *tropego*, o *quasi morto dos membros*, *embargava o caminhar*:

Estas e outras regras de concordancia já são muito eommuns para que nellas nos demoremos.

Logar do sujeito — Desde os primeiros documentos que regularmente se encontra o sujeito no principio da phrase; mas numerossimos são os exemplos em contrario :— *hum tal home sey eu*, *tenho eu*, *vou eu* (c. vt.), *se me a razão tu dizes* (R. S. Bento); *Haverá paz no tumulo*? *Pára o que ahi repousa*, sei eu *que ha na terra o esquecimento*! (A. Herc.), Sonhou um homem *que via um ovo atado na ponta do lençol* (M. Bern.)

A inversão do sujeito é ás vezes rigorosamente prescripta :

a) Nas orações incidentes, e com os verbos *accrescentar*, *contar*, *referir*, *perguntar*, *desejar*, *dizer*, *cuidar*, etc.

Perguntando certo sujeito a um guarda portão se seu amo estava em casa, respondeu-lhe ;— Não senhor.— Bem, *acrescentou* o *outro* mas a que horas voltará ? — Não sei, *replicou o malicioso criado*, quando meu amo manda dizer que não está em casa, ninguem póde saber a que horas voltará.
(M· Bern. *Flor*.)

b) Quando a phrase começa por um atributo, regimen directo ou circumstancial, adverbio ou conjuncção; e a inversão era mais frequente no portugez antigo :— o *maior e mais certo motivo de ser amado*, *é anticipar o seu amor* (Vieira), *si a tanto me ajudar o engenho e arte* (Cam.); *agora tu*, *Calliope*, *me ensina*; *onde nos estreitava cada vez mais altiva oppressão* (L. Coelho).

No portuguez moderno é ampla a liberdade inversativa quando a proposição começa por *d'ahi*, *talvez*, *apenas*...

c)— Com os verbos no Imperativo, que só por emphase se emprega claro quando é pronome : — *daoede-vos por mesura* (D. Din. Canc.); *nembre-vos que eu sô o vosso Rei almofacem* (Liv. Linh.); *si queres que eu te ouça*, ouve-me tu *primeiro*.

Ex. emphatico = tu *mesmo* faze *isto*; tu, *que tens de humano o gesto e o peito, a estas criancinhas* tem *respeito* (Cam.).

d)— Com os verbos no subjunctivo, quando se supprime a conjuncção:— *quizesse elle, queira Deus, dissera o dono do campo a seus criados....*

Diz-se, porem,— *Deus queira, Deus me livre*. etc.

e)—Nas fórmas do Infinito, principalmente regido de preposição:— *de mandar os criados e fazer-se a obra vae ainda muito tempo.— Para m'irdes de estorvar, de mi fazerdes mal ou bem*. (D. Din. Canc.), *sem lhe lembrar casa nem fazenda* (J. de Barros), *por vos servir a tudo apparelhados* (Cam.).

f) Nas proposições completivas começando por *que*. Era a inversão mais usada até o Sec. XVI.

g)— Nas proposições adverbiaes indicando circumstancia de logar ou de tempo. No segundo caso é frequente a deslocação inclitica:

por si el Rey achar em Tavilla sem dinheiro.
(G· de Rez.)
para acabar onde o ninguem visse.
(*B. Rib.*)
emquanto lhes o dia todo deu logar.
(*F. Mor.*)

São muitos, porem, os exemplos contradictorios.

Nas *phrases interrogativas* a inversão é mais de uso:— *podermiades vos dizer hu ficou?* (L. Linh.).

Receava-se Mithridades dos toxicos?

Mas o sujeito antepõe-se ao verbo quando o queremos pôr em relevo: *vós me perguntardes per vossa amada?* (*Canc* D. Din.), *vós quem sois?* (*vos qui estis?*), *eu faria tal cousa?* (*Egon' isthuc facerem?*).

Phrases exclamativas ou *vocativas*.— Não ha regra fixa:— *Deus seja louvado! louvado seja Deus*. Mas quando o sujeito exprime pessoa ou cousa pela qual

fazemos votos propiciatorios, dá-se sempre a inversão :— *Viva a nação brazileira* !

2 Verbo.— No latim o verbo, em regra, era final ; mas no da decadencia occupava muitas vezes o logar médio. Já nos referimos ao facto do analytismo.

O portuguez adoptou a fórma analytica,

quando me mays forçava seu amor
(C. Vat.)

que nom queria bem outra molher senom mi
(Id.)

e se hum meenfestar esse prendam por enmigo e daquelles que forom negos prendam outro
(F. da Guarda.)

quem me a vos levou tão longe
(B. Rib.)

Mas exemplos do verbo final são abundantes nos primeiros documentos (Sc. XIII a XVI) :

cunucunda cousa seja (Sc. XIII)
(J. P. Rib. Diss.).

e nos de suso ditus en esta carta revoramus (Sec. XIII)
(Id.)

Aquel que casa fezer, ou vinha ou sa herdade onrrar
(F. da Guarda.)

incommende a nos ajudoyro ministrar
(R. de S. Bento.)

do peccado da luxuria brevemente fallando
(D. Duarte, L. Cons.)

que já remediar hem nõm pode
(Id.)

que chorando vossa mãi nasceis
(B. Rib.)

como a todos os tristes acaece
(Id.)

Nos tempos compostos, é o auxiliar, considerado verbo da oração, que occupa o logar médio :— *e fuy com gram coyta dizer* (C. Vat.).

O participio póde ser inicial ou final :— *abusado já tens*, *já tens abusado* (V. lição 36).

3 — Regimens.— Os regimens podem ser *directos* ou *indirectos*.

a) *Regimen directo.* A construcção varia nos antigos textos portuguezes : em latim quasi sempre o regimen directo vem antes do verbo, de accôrdo com o uso das linguas syntheticas.

Notemos as seguintes construcções :

1.º Regimen, verbo, sujeito :— *Nos seus olhos via eu....*

2.º Regimen, sujeito, verbo :— *alguns mezes antes de se partir.*

3.º Sujeito, regimen, verbo :— *eu com carinho te obrigo.* Mais frequente nas proposições relativas.

4.º Verbo, sujeito, regimen :— *manda Theobaldo uma carta.*

5.º Verbo, regimen, sujeito :— *recebeu-o elle.*

Estas ultimas construcções eram mais frequentes nas proposições começantes por um adverbio ou complemento circumstancial, que obrigava a inversão do sujeito. Depois da perda dos casos tenderam a desapparecer porque traziam equivoco.

O pronome regimen tende sempre a aproximar-se do verbo de modo a receber a sua acção mais directamente que os outros elementos da proposição.

Em latim os pronomes procliticos *me*, *te*, *se*, collocavam-se muitas vezes immediatamente antes do verbo ; e o mesmo acontecia no portuguez antigo. [1]

b) *Regimen indirecto.*— Estes regimens podem ser pronomes, substantivos, infinitos, e nesta distincção cumpre attentar quando se estuda o seu logar na phrase.

O regimen indirecto *pronome* depende do logar que occupam as fórmas atonas do pronome ; quanto ás tonicas, seguem em geral a regra dos substantivos (V. licção 40.)

O regimen indirecto *substantivo* podia vir em qualquer logar na phrase : tendeu, porem, sempre para collocar-se

---

[1] V. Lições 34 e 40 — *Syntaxe do pronome ; Collocação dos pronomes pessoaes.*

depois do verbo, quer immediatamente, quer após o regimen directo. Muitos exemplos ainda lembram a antiga liberdade; mas a regra começa a firmar-se.

O regimen indirecto *infinito* segue a mesma regrra do substantivo, e desde os primeiros documentos que regularmente o encontramos depois do verbo.

4.— COMPLEMENTOS.— Era immensa a liberdade, e ainda hoje nos não repugna a inversão. No portuguez antigo o complemento circumstancial vinha principalmente no principio, prendendo assim o espirito do leitor ás circumstancias antes de enunciar a acção.

TRIGESIMA TERCEIRA LIÇÃO

Regras de syntaxe relativas ao substantivo e ao adjectivo

a) *Substantivo*

1. — O substantivo em geral precede o adjectivo; póde dar-se porém a inversão, excepto em certos casos consagrados pelo uso, em que ella é inadmissivel, ou muda totalmente o sentido do adj. epitheto:— *codigo civil*, *mão direita*... *máo signal* e *signal máo*, *novos homens* e *homens novos*.

2. — Já nos referimos á mudança de significação conforme muda o subst. de genero ou de numero: — *madeiro madeira*, *honra honras* (V. Lição).

3. — A construcção dos nomes concretos no plural concordando com adjectivos ou substantivos (apposição) no sing., não é para ser condemnada por estulta. Herdamo-la do latim, temos fiança nos classicos portuguezes: — *Arationes Campana et Leontina* (Cic.), *quantum et duoetricesimum legiones* (T. L.). A phrase pois — *as grammaticas portugueza e franceza*, é tão correcta como a — *o quarto e quinto Affonso* (Cam.)

4. — Os grammaticos condemnam erradamente a flexão do plural dos nomes qne exprimem producções naturaes, dos antigos elementos, dos de virtudes e vicios. Mas deve-se dizer — *aguas de Caxambú*, *de Vichy*,... (*aquae Sextiae* diziam os Latinos): *aguas* no sentido de enxurra-

das, correntes d'agua, mar, vislumbre; *fogos* no sentido figurado, com referencia aos que se accendem para signaes e aos chammados de *artificio*, etc., ou ainda com significação de *casas*, chammas fugidias produzidas pelas emanações do gaz hydrogeneo phosphorado, que tambem se levantam nos logares paludosos, cemiterios, etc. (*fogos errantes, fatuos*); *Ares* p. clima, vento, patria, apparencia; — *as novas ilhas vendo e os novos ares* (Cam.), *mal cobertos contra os* agudos ares que assopravam; *ares* patrios, de familia, de fadista; estranhar os *ares*. *Suores*, tambem é de uso vulgar, e já o era tambem em latim: — *passar suores de morte* (Luc.), *estar em* suores frios. — *Urinas*, id., *cereaes*, etc., (V. Lição 14ª.)

Lat. — *aconita, fabae, viciae, vites, sulphura, arenae*, etc.

5 — Tambem teem plural, e não devem os grammaticos regeital-o, os nomes designativos dos phenomenos meteorologicos: — *as chuvas, os ardores do estio, os rigores do inverno, as trovoadas de verão, os ventos do sul.*

6. — Em latim os nomes abstractos eram empregados no plural; e no portuguez antigo o uso era mais frequente que hodiernamente: — *esperanças, tres constancias.* Como que augmenta o gráo do sentimento ou faculdade. Outras vezes exprime vicissitudes, alternativas e revezes, os lavores do mundo, emfim, e as voltas da fortuna: — *familiaridades, amisades, temores, tristezas*. (V. Lição 14ª).

Além da tradição, temos para justificar esses pluraes, a relação existente entre os nomes abstractos e concretos, de regra muito incerta; o serem concresciveis os abstractos (*santidades, beatices, industriaes... delicias, amores, saudades, affectos...*) etc.; a convenção, que manda se diga no plural — *invenções, cogitações*, etc.

Os collectivos teem plural em portuguez, e o seu emprego nas linguas romanas é muito mais lato que no latim, principalmente na linguagem classica: — *exercitos, povos, gentes...*

O adjectivo em relação correlativa com um subs. collectivo ou partitivo, vae ás vezes para o plural, construcção esta mais geral no portuguez antigo, e o verbo tambem ia para o plural : — gente cega *nem* os *estimo nem me* vão *movendo* (Ferr.) ; *começou a quebrantar* o povo *com diversos gravames*, *tirando*-lhes *as forças para melhor os dominar*, timidos e sujeitos ; *Logo* todo o restante *se partiu da Lusitania* postos *em fugida*.

8.— O subs. apposto concorda com o principal em genero e numero :— *as musas*, *irmãs de Apollo ; Atilla*, *o flagello de Deus.*

O subst. fem. empregado epitheticamente em referencia a um subst. masc. toma o genero deste na linguagem vulgar : — *és um besta*, *um trouxa*, *um banana*, *um bolas*, *um maricas*,.....

9.— O subst. póde substituir o adj. :— *Sideris* ora-*siderea*, e outras expressões como esta eram raras no lat. classico ; mas na lingua popular eram frequentes as excepções, e por fim constituiram a regra :— *poculum aureum*, it *bicchier d'oro*, hesp., port. *vaso de ouro.*

E só empregamos o adj. em poesia, estylo elevado :— *licor aureo*, *estylo aureo*, *argenteas conchinhas*, *bronzea côr*, *ferreo somno*, etc....

Dizemos, porém — *aguas ferreas*.

10.— Quando o nome qualificador é nome de cousa inanimada, póde differir de genero e numero :— Tito, *as delicias* do genero humano.

11.— Apposição.— O nome commum de uma cousa, quando tem por apposição a palavra que a distingue das cousas semelhantes, vem unida a ella, em regra, pela preposição *de*, que é puro expletivo (= que é, que se chama) : *a cidade* do *Rio de Janeiro*, *o mez* de *Setembro*.

E o povo diz — *o drama* da *Morte moral*, *a comedia* da *Torre em concurso*.

Os nomes *monte* e *lago* raro se empregam com a preposição *de*. Este, só quando tem por complemento um nome de cidade (*lago de Genebra.*)

Na linguagem vulgar diz-se : *uma peste* de *mulher*, *um diabo* de *homem*, *o tratante* do *Joaquim.*

Nestas phrases compostas por apposição ha uma especie de ellipse.

O latim dizia simplesmente — *urbs Roma*, *Ciceronis opera*. [1]

6) *Do adjectivo*

11.— O adjectivo cancorda com o seu substantivo em genero e numero : *um bom livro*. Empregado como attributo, concorda tambem com o sujeito em genero e numero : *Deus é justo*, etc.

12.— Muitos adjectivos no singular podem acompanhar um nome, que cada um delles qualifica separadamente : — as linguas *franceza*, *ingleza*, *allemã.*

Si o subst. está no sing. é mais correcto o emprego repetido do artigo : — a *lingua franceza*, a *ingleza* e a *allemã.*

Diz-se tambem : *o 3º, 4º e 5º Seculos* (ou *o 3º, o 4 e o 5º Seculo.*)

13.— Quando o adjectivo refere-se a muitos [nomes do mesmo genero, vae para o plural desse genero ; si os substantivos forem de generos differentes, o adjectivo vae para o plural do genero do ultimo, ou melhor para o masculino.

---

[1] Sobre as preposições que devem acompanhar os varios complementos do substantivo — Vide lição 37.

De, p. ex., indica as varias relações de dependencia, causa, origem, tempo, instrumento, união physica ou moral, de objecto ou fim, destino habitual (sala de jantar), profissão ou condição, qualidade, peso, medida, valor, extensão ou duração *(uma garrafa* de *vinho*, etc.*)*, parte, quantidade, materia, *(gotta* d'*agua*, *ponte* de *madeira*, etc.) Essas relações, o latim e o grego exprimiam-nas pelo genitivo (caso de dependedcia).

14.— Alguns comparativos e superlativos latinos passaram para o portuguez sem a sua força gradativa: — *interior, exterior, intimo, extremo.*

Os superlativos absolutos podem ser empregados substantivadamente, e, á maneira da syntaxe latina, por superlativos relativos: — *O optimo de todos, o sapientissimo do Instituto.* A 1ª construcção deve ser reprovada.

15.— Quando a comparação refere-se unicamente a dous objectos, o latim emprega o comparativo: = *minor fratrum.* As linguas romanas apartaram-se desta regra sempre que o adjectivo vinha acompanhado forçosamente do demonstrativo *o* (artigo), porque d'ahi resultaria a gradação do superlativo: Cp.— *terás louvores de mais sisudo critico;* o mais *novo dos dous irmãos* (fr. *le plus jeune des deux frères,* ital—. *il piu giovane de due fratelli.*)

16.— Depois dos relativos *quão quanto.* O superlativo latino, que exprimia o mais alto grão da possibilidade (*quam celerrime potuit*), é representado em portuguez pelo comparativo: — *quanto mais depressa possivel.* E o mesmo dá-se no ital., fr. hesp., valachio.

B. lat.— *quam citius poterit*
quandocumque ego citius potuero

Emprega-se tambem o comparativo depois de outros relativos (*quando, onde,* etc), e de certos verbos: — *quando o sol mais formoso se mostrou* (pulcherrime); depois do pronome relativo: *O filho que eu mais amava.*

B. lat.— *faciat exinde quidquid melius elegent*

17 — E' frequente o emprego de *muito* com subst. (*era mui noute, é muito verdade*); e quando concorrem dous subst. em relação attributiva, referindo-se a um unico sujeito, indica-se a preeminencia de um sobre o outro por meio da particula comparativa: — *és mais philologo do que X; és tão poeta como Z:*

18 — Com os verbos *ficar*, *ir*, *estar*, *parecer*, etc., usa-se do demonstr. *o* em vez de outro adjectivo tomado attributivamente :— *Não fôra Christo* o *que era*, *nem a esposa* o *que devèra ser* (Vieira) ; *ao feio nem por serem o deixam de ser estimaveis se tem virtudes* (Lobo.)

Este *o* = *ello* (illud), e nao se deve confundir com o adj. art.

19 — O adjectivo que faz as vezes de adverbio é sempre invariavel. E' erro dizer-se : — *a porta está meia abeta* p. *meio aberta*. No 1° caso sign. que a metade da porta está aberta ; no 2° que a porta está algum tanto aberta. E assim devemos dizer: *casas* meio *queimadas*, etc. O emprego dos adjectivos na fórma masc. com força adverbial data do Sec. XVI ; no periodo ante classico empregavam os adverbios em *mente*.

20 — Quando um substantivo refere-se a outro de genero differente, o adjectivo concorda com o 2° — *Cleopatra*, aquelle *typo de belleza*.

Os escriptores antigos faziam-no eoncordar com o primeiro substantivo, e o povo ainda diz : — *J. é um zebra, um besta*

21. — Nos adjectivos compostos por juxtaposição, só o ultimo elemento toma flexão de plural: *escola medico-cirurgica*, *guerra franco-prussiana*.

22. — Os *possessivos* empregam-se geralmente antes dos substantivos. Dá-se, porém, a inversão quando o substantivo é precedido de um indefinito ou de demonstrativo :— *alguns livros seus*, *um parente meu*.

O possessivo era geralmente precedido do artigo: *o meu amigo*; *seja feita a tua vontade*. Esta fórma é hoje a mais usual, menos antes dos nomes de parentesco, quando não se segue o nome proprio ou epitheto :— *meu pai* : *minha querida filha*.

O emprego do pron. pessoal pelo possessivo era raro no latim, e considerado hellenismo ; na linguagem archaica

portugueza encontram-se alguns exemplos desta substituição, hoje de todo condemnada:— *senhor de mi; la moller de mi* (G. Vic.), etc. No hesp. era esse emprego de frequente uso (*el cuerpo de mi*), e bem assim no italiano e no francez (*un ami à moi*).

Mas si o sujeito acha-se em relação de dependencia, emprega-se o gen. do pessoal:—*parte de mim* = lat. *pars mei*, *por amor de ti*.

O dativo do pron. pessoal — quando se acha dependente de um verbo — pode fazer as vezes do possessivo:— *si não* me *fosseis amigo*, *vejo-te o coração triste*, *quebrei-lhe a cabeça*. Em lat. empregava-se o adj. *mihi tibi*, etc.

O *possessivo pleonastico*, consiste no emprego claro do possuidor:— *os seus feitos delle; dos Santos não me mato em seus louvores* (S. de Mir.)

E' o possessivo que fórma o pleonasmo.

O possessivo *periphrastico* fórma-se com os verbos *ter* e *haver* (*Com a sede que* tenho *de vingança*, eq. a *com a minha sêde)*. B. lat.:— *de filio* vestro *quem habetis*.

23.—Os demonstrativos *este aquelle* são ás vezes substituidos pelo pronome *o*, o que bem indica a sua etymologia; o demonstrativo articular faz tambem as vezes de determinativo relativo:

> Os grandes feitos que os Portuguezes obraram neste dia o Oriente *os* diga. (Frei. Castr. II, 154).
> Leis em favor dos reis se estabelecem,
> *as* em favor do povo só perecem (Carn.)

24 — E a mesma propriedade teem os *possessivos* e os *demonstrativos*:— *Olha-me* aquelle *assobiar* (G. Vic.); *mandou Lopo Soares que neste ìr e vìr aos comprar andasse sómente nm largantim*. (Bar. Dec. I.).

O *demonstrativo* concorda, como em latim, com o substantivo que serve de attributo:— *esta é a verdade*. Mas si o pronome refere-se a um enunciado anterior, em relação

com um substantivo abstracto, por intermedio do verbo *ser*, emprega-se a fórma neutra :— *isto é verdade*.

Os demonstrativos conservaram a relação latina. Quanto á de *hic* e *ille*, deve-se observar : 1°, que se empregam sem attenção á distancia mais proxima ou remota do objecto grammatical, como se dava em latim ; 2°, que ambos a par, representam dous objectos indeterminados, independentemente da idéa de proximidade ou afastamento: — *esta e aquella parte;* estes *o gabam*, *aquelles o deprimem* (uns.... outros....)

Os dous pronomes podem tambem referir-se (em iinguagem vulgar) a uma unica idéa :— este *é* aquelle *de quem vos tenho fallado*.— Este modo de dizer é commum ás outras linguas romanas :— *cet homme est celui, ques l'è coleî chè*, *este e aquello de quiem*. . ., esto és *accelo que,*... Lat.— *hic est ille senex, cui verba data sunt*.

Tem o portuguez um outro modo de exprimir o demonstrativo *iste* ; que é empregando *aquelle* ou simplesmente *o, a* (ille) :— *direi sómente* o *em que pararam estas coisas* (F. Mend.), *determinou de effectuar* o *para que alli era vindo*.

Em latim *is* não podia substituir um subst. precedente, porque bastava a relação de genitivo :— *amîcitiae nomen tollitur*, *propinqualis manet* ; mas no latim vulgar da media idade dizia-se — *de vinea S. Eulalia ei de* illa *de S. Justi*.[1]

O vulgo costuma antepôr o determinativo *o* ao demonstrativo *aquelle,* para indicar pessoa de cujo nome não se lembra (*o aquelle*), e do Sec. XV temos uma composição identica, que é a expressão *elle esse* :— *Bom jamvaz lhe seria* elle esse (J. F. Eufros.).

25 — *Quem* transforma-se em *o qual* quando precedido da conj. *sem*, simplesmente por euphonia ; *Esta* transferencia data propriamente do Sec. XVII ou declinar do

[1] Diez — *loc. cit.*

XVI : *esposo* sem quem *não quiz amor*, escreveu Camões (*Lus*. IV, 91).

Cujo, gozava no portuguez da propriedade de ser interrogativo, como em latim :— cujas *sam estas ricas armas?* (Barr. *Chron. I. Cl.*) — V. pg.

Que emprega-se interrogativamente com ou sem artigo conforme o sentido; Cp.— *Que queres? que lirros são estes? O que é grammatica?*

26 — Quanto aos indefinitos pouco mais temos a accrescentar ao que dissemos na pag. Cp.—*pessoa alguma, homem, um* (Sec. XIII), *gente* (= pron. *se*), etc.

37.— O emprego dos *ordinaes* pelos *cardeaes* data das primeiras epocas da lingua, e tornou-se mais frequente no portuguez dos Secs. XV e XVI : — *capitulo vinte*, *seculo doze*, etc.

38.— As vezes emprega-se o adjectivo no plural para exprimir a idéa substantivada : — *superiores*, *inferiores, infimos, intimos*, *nobrcs*, *posteros*, *maiores*, *menores*, *mortaes, meus, teus,* etc.

A pratica já era latina.

39.— O adjectivo com sentido pessoal, tem nas linguas romanas emprego mais extenso que em latim : — *homo doctus* = o douto. O erudito, o sabio, o litterato, etc.

Em latim, porém, tambem dizia-se — *indocti discant*, *sapiens*...

40.— Si o adjectivo exprime uma idéa abstracta, emprega-se na fórma masc., correspondente ao neutro, e sempre precedeu ao artigo: o *bello*, o *sublime, o verdadeiro.* Com a palavra *cousa* (ant. *rem)* formam-se periphrasticas desses neutros.

Artigo

41.— O demonstrativo articular emprega-se para determinar restrictamente, individualisar, o subst. appela-

tivo, proprio, verbal, ou para substantivar qualquer outra parte do discurso, e ainda phrases, clausulas e sentenças: — *o fico* de D. Pedro I, *o morra e vingue-se* de Vieira, etc.

42. — O emprego do artigo é obrigatorio com os nomes proprios no plural: — *os Cesares;* mas, como acontecia em grego com os nomes de pessoas celebres, tambem se usa delle no sing. para maior distincção do individuo e que se não confunda com algum homonymo: — *o Gama*. No sing., porém, excepto esse caso, é mais de uso o não emprego do artigo: — *Phrynéa*, *D. João VI*, *Pasteur*, ... porque não ha receio de confusão com outro. Dizemos *o Pacheco*, *o Abilio*, etc... mas é gallecismo, e erro, dizer-se *o Dante*, *o Christo*, *o Shakspeare*, *o Tasso*.

E' porém de rigor o emprego do artigo no sing. quando o nome proprio tem sentido commum, como acontece com os primores da estatuaria e pintura, *Jupiter de Phidias, o Christo de Rubens, a Venus de Milo*, *o Lacoonte*.

E' tambem de rigor antes das obras primas nas lettras, ensinam os grammaticos, — *a Illiada, os Tamoyos, o Uruguay, o Paraizo perdido*. Empregamos, porém, o artigo antes de qualquer titulo de obra a que nos referimos, excepto quando fazemos citação.

43. — Ha nomes communs que regeitam o artigo por terem sentido muito restricto a um ser ou objecto: — *Deus*. Deve-se porém dizer, é claro, — *o Deus de Israel, o Deus dos Christãos*.

44. — O nomes dos dias da semana e dos mezes empregam-se sem o demonstrativo; mas não assim os adjectivos numeraes indicando horas (*ás* 3 horas).

45. — E' tambem de rigor o demonstrativo antes dos epithetos, alcunhas ou cognomentos: — o *Tiradentes*, o *Barba ruiva;* Platão, o *divino;* D. Pedro, o *justiceiro*; Tasso *o louco* sublime.

46. — Omitte-se em prop. geral depois da preposição: *está em casa, chegou de Pernambuco*. Except. quando

queremos determinar mais particularmente o logar já conhecido e de que se trata, e com certos nomes locaes (*estou na casa*, i, e, na que desmoronou-se, etc.), cheguei *da Bahia, da Suissa*, etc. V. pgs.

47.— Emprega-se com idéas genericas, em sentido collectivo : — *o homem é sujeito ao erro*. Era esta a pratica no grego ; no lat. class. dizia-se simplesmente *homo*, o popular empregava *homo* com os demonstrativos *ille* ou *hic*.

Tambem com as idéas abstractas : — *a sabedoria*, *o odio*.

48.— Emprega-se o artigo quando na locução concorrem dous substantivos, e o 2° exprime ds modo preciso o fim do 1° : — *o homem* do *leite* (que vende leite), *o vidro do sal*, etc. Este emprego, porèm, é arbitrario, e dizemos — *garrafa de vinho*, *feira de gado*, etc.

49.— Supprime-se o artigo quando o substantivo — concreto ou abstracto — fórma com o verbo (*ter*, *haver*, *estar*,...) uma idéa unica : — *ter sede, correr risco*, *ter paciencia*...

Estas locuções, cuja idéa principal está encerrada no substantivo, podem muitas vezes ser representadas por um verbo que contenha a mesma idéa :— *arriscar-se, pacientar*.

50.— Omitte-se mais na apposição :— *Deus padre, todo poderoso ; Blumenau, colonia allemã no Brasil*.

Ainda, ás vezes, nas palavras negativas :— viola *jamais cantou feitos heroicos*.

Cp. a viola *tambem nos canta amores*.

51.— Pode-se empregar o determ. antes dos adj. poss. e dos infinitos : — *a tua mão* (V. pg.)

O emprego, porém, é de rigor quando queremos affirmar ou negar alguma couza com mais emphase ou vehemencia :— *este é o meu livro* e *aquelle o teu* ; *todos vós sois meus filhos*, *mas falta-me aqui o* meu *filho* (Vieira)·

52.— O artigo é tambem de rigor antes das palavras *senhor*, *Senhora*, excepto quando nos dirigimos a alguem sem que lhe pronunciemos o nome, titulo ou dignidade.

Mas omitte-se antes de titulos compostos com o gen. — *monsenhor*, *messer*, *madama*, e tambem antes de *Frei* e de *Santo*, *mestre* p. *sabio*, etc.

52.— Depois de *todo*, deve-se empregar o adj. art. sempre no plural ; no sing. é facultativo o seu emprego, quando *todo* indica totalidade.

O ital. e hesp. regeitam o artigo quando representa o sentido de *quisque* ou de *omnis* ; no portuguez antigo escrevia-se *todo homem*, *toda mulher*, *todo animal*. *toda pessôa que erê*, *todo logar*, *em toda villa*, etc. Quando *todo* correspondia a *intiramente*, á cousa em sua generalidade, supprimia-se o artigo, cujo emprego era de rigor quando *todo* se referia somente ao individuo, á totalidade das partes integrantes :— *gastou todo o cabedal*, *toda a parte*, *todo o dia*, *toda a casa*, etc.

Cp. *Todo o homem, todo homem*. Neste ultimo caso melhor é empregar o plural — *todos os homens*.

Nos classicos modernos o emprego do artigo é arbitrario (Camillo, L. Coelho, Rab. da Silva, etc).

Para saber o emprego basta poder inverter a phrase sem mudar de sentido :— *todo o mundo* = *o mundo todo* (*totus iste mundus*), *todo o homem* não é o mesmo que *o homem todo* ; etc.

54.— O artigo é de regra no superlativo relativo (excepto quando ao adjectivo precedia um pronome) :— *as minhas mais bellas illusões*.

Supprime-se geralmente quando o superlativo vem posposto ao subst. já precedido do artigo ou acompanhado de possessivo : *sua idade mais feliz*, *seu filho mais velho*, *os seus trabalhos mais notaveis*.

Si o subst., porém, vier precedido do indef. *um*, emprega-se o artigo.

55.— Tivemos uma fórma de partitivo até o Sec. XVI, — *empresta-me* do *azeite* (V. Vic). *dá-me do pão*, etc. Hoje empregamos as expressões *um pouco*, *algum*, etc.

56.— Quanto aos complementos dos adjectivos, só diremos que alguns adjectivos *(ebrio, consciente, pobre, rico, digno, capaz, avido, cheio, vasio, certo,* etc.*)*, e os partitivos, unem-se aos seus complementos pela prep. *de* : — *digno* de *louvores*, *isento* de *dissabores, incapaz* de *humildade,*... o ouro é o *primeiro dos metaes*, *um dos soldados* (= um *d'entre* os soldados ; lat. — *unus de militibus.)*

Os participios formados com a prep. *de*, conservam-na quando empregados adjectivamente :— *ausentar-se de, ausente de*.

Temos, porém, construcções divergentes : — *fertil (em, de), ignorante (em, de), rico* (em de), *suspeito* (de, a), etc.

Tambem é a prep. *de* a que une o adjectivo ao complemento indicador da parte, qualidade, defeito, origem : *feio de corpo*, *mas bonito d'alma* ; *bem feito de corpo.*

57.— Entre um partitivo e o participio ou adjectivo que o qualifica, *de* é expletivo, e não signal de complemento :— *no que elle diz ha alguma cousa de verdadeiro* ; *nada teem de assentado.*

58.— Outros adjectivos unem-se ao complemento pela preposição *a* ou *para (igual*, prompto, *fiel*, *acostumado*, *analogo*, *anterior, attento*, *estranho*, *desagradavel*, *repugnante*, *sensivel*, *inutil*, etc.)

TRIGESIMA QUARTA LIÇÃO

Regras de syntaxe relativas ao pronome

1.— *Pronomes pessoaes.*— Os pronomes *pessoaes* em relação adverbial vem sempre regidos de preposição depois do Sec. XIII, *(a ti, de ti ; para ti).*

Migo, *tigo*, *sigo*, empregavam-se sem a prep. *com* até o Sec. XIV, posto que desde o XIII já concorressem a par das fórmas pleonasticas *comego*, comigo, *comtego*, comtigo, *comsego* comsigo : — *poys seu mandad'ey* migo, *e* sigo *medes dizia* (dizia comsigo mesmo), *poys* tigo *começar fui.*

Si, porém, emprega-se sem preposição :

a) Depois da conj. *que* quando a esta precede um comparativo : — *outros mayores que* si ; *peyor que* si, *a mesma estrella Venus se mostra maior que* si *mesma* (Vieira).

b) Depois do adj. *outro* : — *após elle não ha outro* si (e tambem diziam *outro mi*), *este que ahi está he outro si*, etc.

Estas phrases já estão archaisantes, e a construcçãó moderna é — *outro eu*, *maior que elle....;* mas dizemos *superior a si* (a *mim*, *a ti), estar em* si, *sobre* si, *de si mesmo*, etc....

No Sec. XVI supprimia-se ás vezes a prep. antes do pronome : — *quem me vos guarda*, *guarda* myn (C. Vat.), *desprezarom mim*, *m'albergue cabo sy* (id.), *mim ouve* (R. S. Bento — *ouve-me*, i. e. a *mim).*

Em portuguez (hesp., e ital. ás vezes) o caso sujeito do pronome pessoal, dependente do verbo *ser*, persiste

em algumas expressões, que em outras linguas cedeu espaço ao caso regimen: — fr. *c'est moi*, ing. *it is me*, din. *det er mig*, all. *er ist mir*, port. *sou eu* (*és tu, é elle*), it. *sono io....; io non sono te, s'io fossi lui, egli é come me stesso;* fr. *je ne suis toi, si j'étais lui....; eu não sou tu, se eu fosse elle.*

2. — *Pron. pess. conjunctivo.* — Para os dous casos obliquos (accus. e dat.) as linguas romanas teem duas fórmas pronominaes, uma absoluta e outra conjunctiva.

Emprega-se a 1ª (que é de rigor quando o pronome acha-se dependente de preposição) quando se quer dar realce á idéa pronominal; e consequentemente é nelle que recahe o acento. Emprega-se a 2ª quando predomina o accento do verbo. — *Parece-me, parece a mim; digo-vos, digo a vós, dei-lhe, dei a elle.*

Os pronomes conjunctivos só representam relação objectiva ou predicativa, ainda mesmo com o verbo *ser* (*eu o sou*). *O, a, os, as*, são verdadeiras fórmas de accus., como prova o empregó do *le* no hesp. ant. e *lo* no portuguez das primeiras phrases da lingua.

Notemos aqui as confusões da relação entre as fórmos *lhe* (*illi*) e *o* (*illo*), ainda nas 1ªs decadas do periodo classico; e a de *ti* por *tu*, etc., entre os quinhentistas e seiscentistas: — *mais forte que ti.*

3. — *Pronomes de reverencia.* — Só empregamos o *atuar* entre pessoas da mais estreita privança; o *avosar* só em discursos e escriptos, e na linguagem familiar em alguns angulos de S. Paulo e de Portugal [1]

Com o pron. *vós* o verbo vae para o plural, mas o adjectivo ou participio segue o genero e numero da pessoa aquem nos dirigimos: — *vois sois bom, boa, bons, estimado, a, os.*

---

[1] No b. lat. dizia-se *tuissare, volisare* (tratar por *tu* ou *vós*); o hesp. tem tutear, *vosear*; cat. *tuejar* sómente; fr. — *tutoyer*, ant. *envouser*, genovez *vousoyer*; it. — *dar del tú, del voi*. Temos *atuar*, formemos *avosar*, que já temos *voscar* com outra accepção.

No b. lat. dizia-se, mais de accordo com a restricção grammatical. — *vos estis inhonorati*, como no grego moderno (Grimm.)

Tambem em estylo elevado, na tribuna, na imprensa, emprega-se *nós* por *eu*, ficando o adjectivo no sing. em relação attributiva ou predicativa: — *mestre é sermos antes* breve *que* prolixo.

No portuguez são muitos os pronomes de reverencia — *Vossa Mercê*, *V. S.*, *V. Ex.*, *V. Em.*, *V. Alteza*, etc.; o pronome pessoal correspondente é da 3ª pessoa por isso dizemos *você sabe*, *V. S. conhece*.

Você é contração de *vosmecê*, f. já contracta de *Vossa Mercê*, como no hesp. *usencia*, de *vuestra reverencia*, *useñoria* e *usia* de *vuestra señoria*, *vosencia* de V. Ex., tambem jã introduzida hoje em Portugal. — Relativamente ao pronome de reverencia *você*, vide pg. 92.

4. — *Pronome pess. pleonastico.* — A's vezes, posto venha claro o sujeito, emprega-se pleonasticamente, junto ao verbo, um pronome da 3ª pessoa em relação subjectiva: — *seu* pai *delle*, *a mim* já *me* pesa, *capa* não *a* tinha, ao doente *não* se lhe *ha de fazer a vontade* (S. Mir.), linguagem daquella *terra nam a sabiam* (J. B.), etc.

Destes ultimos exemplos, que consiste no emprego do pronome conjunctivo em relação objectiva ou predicativa quando a phrase começa pelo substantivo, — é abundaute o portuguez moderno.

Este reforço já era usado na baixa latinidade: — *ipsam citatem restauramus eam, ipsas res volemus eas esse donatas* [1].

As vezes a reduplicação dá mais clareza á expressão ou m.is vivacidade: — *Mas se bem attentaes elle só trata de*

---

[1] *Cartas d'Hesp.* D. Gr. *der Rom. Spr.*

se *consolar* a si (Luc.) ; *os cabellos que os trabalhos do mundo, lhe branquearam* (Bern.) ; outras, porém, torna o estylo mais arrastado e é defeito : — *Os padres lhe dizem* a elles *as coisas da fé* (Luc.), etc. Estas ultimas expressões, que não tinham correspondentes em latim, porque a funcção de *illum* era lembrar o regimen afastado, devem ser rejeitadas.

Em relação adverbial, os nossos prónomes subst. originam um idiotismo intensivo : — *quem* me *anda a metter-te estas cousas na cabeça* ?
Já nos referimos ao emprego do pronome pessoal pelo adjectivo possessivo : — *levou-me o livro, segure-me a braço*.

Sobre a collocação dos pron. pessoaes vide lição 40 :

5 — *Pron. reflexivos* — A concordancia é a mesma em todas as linguas. Si o sujeito está na mesma phrase, emprega-se o conj. *si* ;— *Elle faz isto por* si *mesmo* ; mas si o sujeito está em outra phrase, o demonstrativo *elle* (*o*) com sentido pronominal ; *elle disse-lhe que o tinha convidado* (*qui se invitaverat*), *pediu-lhe que se sentasse com elle* (*ut sederet secum*).

Este modo de fallar accentuou-se no latim da decadencia e na baixa latinidade :— *scripsit, ut illi* (sibi ipsi) *semen mitteretur* (Petr.) ; *se venturum in imperium, quod olim fuerat illi* (sibi) *datum* ; *inter eos* (se) *partiant*.
Elle por *se* em relação objectiva é frequente nos 1os documentos do portuguez.
O emprego de *comsigo, a si,* por *comnosco, a vós* (*fallo comsigo, refiro-me a si*) é destempero de ignorancia que modernamente nos foi importado de Portugal.

6 — *Pronomes indefinitos* — *Um* é adj. *pronome* indefinito, e é de creação posterior ao demonstrativo *o, a*, a que deram o nome de artigo definitó.

Nos antigos textos contem sempre noção pronominal, e ás vezes eomo observou o professor Diez, apenas valor pleonastico (*o homem é* um *animal*).

Ha palavras que obrigam o emprego d'este pronome ; as que só se emoregam no plural (*umas bodas*, *umas exequias*), e as que significam objectos que são sempre em

numero de dous ou se usam em par *(uns pés, uns sapatos, umas luvas).*

Tambem se emprega antes dos nomes proprios quando se quer designar a pessoa mui particularmente, ou ainda exaltal-a ;— como quando dizemos — *um Mont'Alverne*. Neste caso é adjectivo.

A's vezes encerra idéa de pessoa indeterminada e corresponde a *aliquis*: *ás vezes* um *diz o que não pensa* (o homem diz, diz-se).

Quando exprime identidade tem valor numeral:— *todos fallavam a uma voz.*

E' de bom emprego o pronome *quem* por *uns* :

> Quem se affoga nas ondas encurvadas,
> qeum bebe o mar e o deita juntamnte
>
> (*Lus* I 92)

Outro.— É adj. pronominal. Neutro *al* : — *não entendem en al ; o al não ha de louvar.*

Quando refere relativamente um subst. a outro precedente, « ambos os substantivos devem estar entre si na mesma relação que a idéa restringida com a idéa geral » ; — *a gula* e *os outros peccados ; o amor e as outras offensas d'alma.*

Um e outro — Empregam-se correlativamente, e neste caso *um* põde ter plural (*uns e outros*). *Um e outro* = *unus et alter* ; corresponde a *uterque*, *nnus alterum*, class. *alter alterum, alius alium.* — *Outro... outro* ; *um... um.*

Todos esses modos de dizer teem typos correspondentes no b. lat. — uno *caput tenente in fozza et alio in palude* ; ;*calices duo, unum aureum et unum argenteum.* [1]

Certo — Correspnde a *quidam*, mas no latim havia o ind. *certus* (*certi homines*).

---

[1] Ap. Deiz.

O emprégo do pronome mui diverge do emprego do adjectivo.

Alguem — Substitue — como tambem *algnm* — o ind. *um* :— *ponha Deus algum termo aos* meus *tormentos*. *Prenderam-no julgando que era* algum *sedicioso*.

Estes empregos tiram origem na tradição latina, que do mesmo modo empregava *aliquis*, *quidam*, *quisquam*.

O pronome é ás vezes representado por substantivos, que designam a pessoa ou cousa de modo ainda mais vago e geral :— *chegou onde nunca* homem (ou pessoa) *nunca chegou;* Lat.— *accipit hominem nemo melius* (Ter. *Eun*. ap. Diez, *G. R. S.*)

Tal — (V. pgs.). Corresponde a *quidam*, e a *nonnemo* (*tal semêa que não colhe*).

Serve tambem para designar pessoa que não existe; ou cujo nome se quer occultar; junta-se aos nomes da pessoa com sentido pejorativo — *um tal Onofre;* e aos pessoaes *fulano* e *sicrano* (*fulano de tal*). Corresponde no primeiro caso ao *ille* do b. latim.

Emprega-se com valor distributivo por *uns*...*outros*, *uns*...*uns* :— taes *applaudiram* taes *reprovaram* (v. pg.).

Quanto.— Perdemos a forma *alequanto*, *a*, (= l, *aliquantus*) : — *alquanta gente* (aliquot homines), *alquantos d'elles* ; com força adverbial :— *já* alquanto *mais esforçado*.

(Ined.)

São tambem de notar certas palavras que expnimem uma *idéa geral de numero* ; *todo* (*todo homem*, etc V. *artigo*), *tanto* (*tanto homem*), *quanto* (tambem se refere a grandeza, e então a relação é expressa pelo plural) :— *quanta miseria*... *quantos filhos*, etc.

A formula latina *necio quis*, que serve para designar alguma cousa de desconhecido, é peculiar a todas as linguas romanicas. Corresponde ao port.— *um não sei que* ; r. je ne sais quoi ; hesp. *no se qué* ; it. *non so che*.

TRIGESIMA QUINTA LIÇÃO

Regras de syntaxe relativas ao verbo.— Do emprego dos modos e tempos — Correspondencia dos tempos dos verbos nas proposições coordenadas e nas proposições subordinadas.

1.— A funcção syntaxica do verbo deriva naturalmente de sua propria natureza cathegorica. E' por assim dizer o elemento disciplinador da proposição, a synthese da phrase.

2.— Voz activa — Os verbos transitivos exigem um termo indicador do objecto directo e immediato da acção. E' o seu complemento directo. Ex.: — *o sol abranda* a cèra *e endurece* o barro.

Os verbos intransitivos exprimem uma acção cujo, objecto directo se não indica; *venho*, *corro*.

Muitos verbos, no correr dos seculos, mudaram de classe : — *cahir*, *morrer*, *crescer*, *sahir*.

Essas mudanças explicam-se :

1.° — Um verbo transitivo póde construir-se quasi sempre intransitivamente (*crêr*, *encontrar*, *esperar*, *consentir*, etc), mas o objecto vae para relação adverbial : — *Creio o que referes*, *creio no que referes*.

2.° — O verbo intransitivo póde ter um complemento directo, i. e., póde ter significação transitiva (*trabalhar*,

gritar, *chorar*, *calar*, *andar*, *correr*, *dansar*, e todos os que exprimem locomoção, etc). *Dormir um somno*. Esta faculdade era mais ampla no portuguez antigo.

3.º — Muitos verbos intransitivos empregam-se com sign. trans., valor factitivo (*descer*, *entrar*, *passar*, *cessar*, *chegar*, etc).

O caso objecto póde ser acompanhado de preposição, principalmente quando designa funcção pessoal: — *Amarás* ao *Senhor teu Deus*, *e* ao *proximo como* a *ti mesmo*. E quando é expresso por formas verbaes: — *comecei* a *cuidar*, *começava* de *querer* (B. Rib.),

Nas phrases, de construcção similar, — *peguei da penna*, *arrancam das espadas*, o *de* é pariiculá dc realce.

Alguns verbos transitivos recebem um complemento duplo: — *Nomearam-no professor; e o alçarão por Rey* (tambem *em* Rey.)

A's vezes a dupla predicação é simplesmente emphatica ou expletiva: — *Os feitos que os Portuguezes obraram nesse dia o oriente os diga*.

3.— A *voz passsiva* exige um caso agente representado pela prep. *por* ou *de*: — *Esta terra foi ganhada* pelos *mouros* (Sec. XIV. L. *de Linh*.); *sendo* das *mãos lascivas maltratado* (Cam.)

A tendencia nominal do participio prefere a construcção *de*, como se vê da historia da lingua: — *E' feito de asperodes*, *he aborbotado* de *escudos* (Sec. XIII e XIV.)

A influencia da construcção latina (*a*, *ab*) não raro apparece no portuguez até o Sec. XVII: — *Era ensinada á livros de historias* (B. Rib.).

4 — As fórmas da voz activa, em certos casos, substituem as do passivo, e reciprocamente. Assim:

1º — *activo* pelo *passivo*, no infinito, participio presente (*facil de* dizer; *assi* meixente *os esprovamentos*; Ined. d'Alc.). Quasi todos os participios perderam a propriedade transitiva.

2º — *Passivo pelo activo*.— Esta construcção originou-se da falta de uma fórma de participio activo ; só se dá com o participio : *Com este feito que foi mui* soado *por todas aquellas partes, ficaram os amigos e liados d'el-rei de Bintam mui quebrados* (Bar. Dec.). *Muitas cousas gostosas aos* lidos *e curiosos* (Pant. de Aveir.)

E ainda na linguagem actual, muitos são os exemplos ; — *uma politica dissimulada, nm homem sabido, reflectido, previsto, presumido, mentido,* etc.

3º — O *reflexo pelo passivo*.— Já nos referimos a esta construcção, que mais se tornou frequente depois do Sec. XV.

Em França tambem dizia-se — *La nature et utilité du regne de J. C. ne* se peut *autrement* comprendre ; construcção que se desenvolveu com a influencia italiana :— E' do Sec. XVIII a phrase seguinte : *Je n'entretiendrai pas V. M. de toutes les sottises qui* se font *et qui* se disent, *et qui* se lisent *ou ne* se lisent *pas* (d'Alembert.). E ainda hoje — *ce qui se dit*, etc.

5 — *Das pessoas* e *nnmeros*.— Vide Lição 16 ; flexões pronominaes e verbaes.....

Conservamos muitos verbos *impessoaes* ; perdemos alguns ; no sentido figurado emprega-se na 3ª pessoa do plural, e tambem na 2ª (com valor factitivo).— Troveja *a olympia sala* ; trovejam *iras de Achilles* ; troveja, *miseravel*, chove *sobre nós tuas verrinas* !

Em regra, no portuguez antigo e moderno, o verbo concorda em numero e pessoa com o sujeito.

Notemos as principaes difficuldades :

a) Quando concorre mais de um sujeito de varias pessoas, o verbo vae para o plural e concorda com a que tiver prioridade ; i,e.,

Si forem os sujeitos da 1ª e 2ª pessoa ou 3ª, o verbo vae para a 1ª do plural :— *Tu e eu* estamos *bons*.

Si forem da 2ª e 3ª, vae para a 2ª do plural :— *Tu e o medico* sois *dous sabidos*.

b) O verbo vae para o plural quando os sujeitos são seriarios e do singular (syndetica ou asyndeticamente) :— *o ouro, a prata, o ferro, são metaes.*

E' frequente neste caso a anteposição do verbo :— São *os dous entes mais parecidos de natureza,* o poeta e a mulher namorada (Garrett.).[1]

c) Quando, porém, o sujeito seriario é representado por um expoente geral, ou quando a sua correlatividade funda-se num unico conceito, o verbo ordinariamente fica no singular (V. pag. . . .) :— *A gloria, a riqueza, a formosura,* tudo é *vaidade* ; *O ouro, os diamantes e as perolas* tudo é *terra e da terra.* (Vieira).

d) Nos docs. do Sec. III ao XV, são frequentes as anomaliar ;— *Ho monte grande escalvitado no qual nem* arvores *nem* mato aparece (Sec. XV) ; *Seus olhos fontes d'agua parecia* (G. Vic.)

6 — *Concordancia com os collectivos.*— Em geral, quando o sujeito de um verbo estava no singular exprimindo idéa de collectividade, o portuguez antigo, fazendo a concordancia com o sentido, levava o verbo para o plural (*gente, povo,* etc. de que já demos alguns exemplos).

> Porque, saindo a *gente* descuidada
> *cairão* facilmente na cilada.
>
> (Cam. *Lus.* I S.)

Mas ;

> *A gente* da cidade aquelle dia
> (Uns por amigos, outros por parentes,
> Outros por ver sómente) concorria,
> *Saudosos* na vista e *descontentes*
>
> (Id.) V, 831.

em que se nota o effeito da attracção.

---

[1] A prep. *com* (= e) é tambem uma equivalente syndetica :

> Que eu c'o grão Macedonio e c'o Romano
> Demos logar ao nome Luzitano
>
> (Camões)

C. a locução *um e outro* :— Vede a differença com que um e outro ouvirão um *non licet* (Vieira).

As outras linguas romauas conservaram-se fieis a este principio, que era latino :— prov. *gens monteron*; fr. ant. *gent estoient*, *corrent*, la *noblesse* de Rome *l'ont* elu ; etc.

Na lingua moderna ha dous casos principaes dignos de nota :

a) O sujeito do verbo é um nome como — *multidão. recova, bando, porção*. Neste caso o verbo vae para o singular, si a idéa mais se refere ao collectivo ; para o plural, se mais se refere ao complemento.

b) O sujeito do verbo é uma locução exprimindo quantidade :— *muito, assás, pouco, a maior* parte, etc. Em geral depois dessas palavras emprega-se o plural : *a maior parte dos homens são* inclinados ao mal.

Ha excepções.

7 — A impersonalidade do sujeito fixava o verbo no singular :— *Se y a provas* (F. de Gravão); *ha homens que ainda depois de fallar são mudos* (*Vieira*).

TEMPOS

1.—Vide Lições 16 e 27.

a) O *Presente* – representa a acção como que feita (presente) no momento em que se falla : *Estás alegre ;*

Figuradamente emprega-se pelo passado e pelo futuro (pouco remoto):— *Moniz, lhes tem rosto*, *os aperta*, e *rechaça ; vou amanhã*, *volto já* ;

Tanto vae *o póte á fonte que afinal lá* fica.

Emprega-se o pres. pelo futuro quando a acção tem de effectuar-se em epoca proxima, que quasi entesta com o presente (*vou logo*); quando a acção futura começa no momento em que se falla (*elle está de volta dentro de 15 dias*) ; quando é indeterminado o tempo em que tencionamos fazer a acção annunciada :— *logo que poder*, parto *para S. Paulo*.

Emprega-se ainda pelo imperfeito e futuro do subjunctivo :— Si adevinho, *não cahia nessa*; si fallas, *arrependes-te*.

b) *Preterito* — A principio era distincta a differença entrc o preterlto definito (perfeito) e indefinito. Este indicava um tempo menos remoto.

c) O *futuro* simples ou absoluto ennuncia a acção que se deve fazer em tempo posterior ao que fallamos.

O futuro póde substituir o presente :— *Quantos não estarão agora arrependidos*!

9.— « Uma acção determinada póde ser não só anterior ou posterio ou contemporanea do momento em que se falla, mas tambem de um acção qualquer presente, passada ou futura, em relação ao momento em que se falla. Quando dizemos :— *elle tinha sahido quando eu fui*, indicamos que elle tinha sahido antes do momento em que contamos o facto, e outrosim antes de um outro momento que é aquelle em que fomos á sua casa. A acção indicada pelo verbo elle *tinha sahido* é pois *passada* em *relação a uma outra acção passada*. »

10.— Não temos todos esses tempos precisos; mas o *Imperfeito* e o *mais que perfeito*, representam o *presente no passado*; assim como o *condicional* exprime o *futuro no passado*; e o *futuro anterior* — o *passado em relação ao futuro*.

a) *Imperfeito* indica uma acção contemporanea de outra já passada. Devemos pois empregal-o sempre que quizermos indicar circumstancias referentes a um facto passado. Essa relação de circumstancias é ás vezes indicada mui estreitamente; outras, porem, deixa de ser expressa (*Raiava o dia*; *Era renhida a peleja*,...)

V. o que dissemos sobre o emprego do presente pelo possado e futuro.

O imperfeito póde alnda ser empregado simplesmente como tempo do passado, sem relação entre essa acção

passada e outra. Os factos são ennunciados apenas como simultaneos, e não como successivos. [1])»

Indica outrosim uma acção habitual (*estudava* todos os dias).

b) O *mais que perfeito* e o *preterito anterior* exprimem acção passada em relação ao tempo em que se falla, e ao mesmo tempo que ella foi feita em epoca anterior a outra igualmente feita. O preterito anterior é hoje de uso muito menos frequente, e só em phrase subordinada (em relação com o preterito) ou quando se quer mostrar que a acção do verbo principal começou no momento preciso em q»e a já era acabada a acção do verbo no preterito anterior.

A significação do *mais que perfeito* é muito mais lata.

Não indica que a acção durava havia muito, nem que acabava de começar. Quando dizemos: *elle tinha fallado quando eu entrei*, o mais que perfeito (*tinha fallado*) mostra que a acção de *fallar* durava ainda no momento em que que se deu outra acção passada (*entrei*).

c) O latim, para exprimir o *futuro no passado*, servia-se do participio do futuro e do imperf. ou perf. do auxiliar *esse* (ser): *dicturus eram* ou *fui*. A fórma portugueza que corresponde perfeitamente á latina é a da condicional.

O condicional era pois na origem uma fórma temporal, o verdadeiro futuro no passado, e como tal empregado nas proposições subordinadas.»

Para suprimirmos a simultaneidade do futuro (para o que não tinha tambem o latim tempo particular) empregamos o futuro simples e o do conj. — *irei* quando *fordes*.

10.— Para exprimirmos outras subdivisões do tempo, temos ainda os tempos compostos, entre os quaes o do *con-*

---

[1] V. G. h. *Formes et syntaxe* 468.

dicional[1], que — como os simples — tambem conservam a sua significação temporal nas proposições subordinadas No ex. *soube que elle seria sacrificado antes que chegasse o perdão*, a acção expressa pelo condicional é anterior á indicada pelo verbo *chegasse*, que é futura em relação ã que se acha indicada pelo verbo *soube*, que está no passado.

13.— O presente do subjunctivo corresponde 1º ao presente do indicativo (espero que elle *venha*); 2º ao futuro (espero que elle *virá*).

O imperfeito: 1º ao condicional presente (pensei que elle *viria*); 2º ao mais que perfeito do Ind. (quem *pegára* então de uma mulher errada, e a *levára* pela mão!).

14.— Dos tempos nominaes occupar-nos-hemos na lição seguinte.

Dos modos

11.— Do imperativo.— O Imperativo negativo é representado pelo conjunctivo. Este emprego remonta aos mais antigos textos (*não falles*), e no latim já o subjunctivo substitue o imperativo em todas as pessoas do plural e do singular nas phrases negativas.

Deste emprego na fórma positiva temos exemplos em alguns modos de dizer conservados pelo uso: *Viva o Brazil*!); mas, em regra, e com certos verbos, o subjunctivo é precedido de *que*: — *que elle parta!*; *que eu não mais o encontre em meu caminho*.

Tambem o imperativo póde ser substituido pelo futuro do Indicativo: — *Honrarás pai e mãi*; e ainda pelo infinito, principalmente até o XVI seculo:— *eia! tudo apear, á barca, chegar a ella* (G. Vic.).

12.— Do Condicional. — Corresponde no latim ao subjunctivo como já explicamos.

13 — Do subjunctivo — Já vimos que se emprega pelo Imperativo.

O subjunctivo, chamado de cortezia em latim, foi substituido pelo condicional.— *versus tuos audire velim* (= *eu* desejasse *onvir teus versos*) = *eu* desejaria *ouvir teus versos*.

CORRESPONDENCIA DOS TEMPOS

14 — *Proposições coordenadas*.— Já nos referimos ao presente historico, isto é, á faculdade de poder-se representar o passado e o futuro pelo presente.

No portuguez antigo, porém, a confusão dos tempos nas proposições coordenadas são muitas, e muito de notar, ainda mesmo no sec. XV e XVI.

15 — *Proposições subordinadas* — No portuguez antigo era muito mais ampla a liberdade de concordancia dos tempos nas proposições subordinadas.

10 — *Proposições completivas* — O modo depende principalmente do sentido do verbo da proposição principal.

a) O verbo da subordinada vae para o Indicativo quando o principal significa pensar, crêr, sentir, saber, suppor. *Parece-me que elle* vem (virá) ; *creio que elle* sabe, *pensavas que elle disséra a verdade*.

Mesmo na prop. principal negativa, interrogativa ou dubitativa. *Não creias que eu* tenho (tenha) *medo* ; *crês que eu não sei* ? (saiba).

b) Si a principal exprime admiração, alegria, tristeza, duvida, receio, surpreza, mando, etc, o verbo da subordinada vae para o subjunctivo :— *Receio que elle venha* ; *mando que vás*.

c) Nas proposições *hypotheticas* o verbo põe-se no Indicativo quando exprime facto positivo, actual (*si* soffres, *a culpa não é tua*) ; vae para o subjunctivo quando significa duvida ou condição (*não sei si te* entregue *este livro* ; *si tu* fôres eu *escreverei*.

No port. ant. empregava-se de preferncia o mais que perfeito do Indicativo.

As locuções conjunctivas identicas a *si* (*com a condição que*, *de, com tanto que*, *mas que*, etc.) levam sempre o verbo para o conjunctivo : — *comtanto que* leias; *mas que chegues a tempo*.

4.— Nas proposiçóes *concessivas*, desiderativas e imprecativas, o verbo da clausula principal vai para o subjunctivo. Nas concessivas latinas quando nellas figuravam um pronome como *quisquis*, *qualiscumque*, o latim punha em geral o verbo no Indicativo, e dessa pratica se encontram muitos exemplos no portuguez antigo.

Quando a proposição era annunciada por uma conjuncção, o latim mudava de modo conforme o valor da particula empregada (*etsi*, *etiamsi*,... Ind.; *quamvis*, Subj.)

O portuguez seguiu mais ou menos as mesmas regras; depois nota-se certa duvida quanto ás conjuncções; hoje emprega-se o subjunctivo : — ainda que *eu saiba ;* não obstante *saberes ;* quer *queiras*, quer *não*; posto que *venhas,* não obstante *teres*, *si bem que*, *comtanto que*, etc.

5.—Proposições *causaes.* São em geral annunciadas por — *visto que*, *pois que, porque*, *attendendo a que,* etc., que desde o principio da lingua levam o verbo da proposição subordinada para o Indicativo :— Visto que vens, *eu não vou*.

Com algumas conjuncções póde elle ir tambem para o Indicativo :— *como elle está bom* (esteja), *como elle não entendeu* (entendesse), etc.

Com as proposições negativas annunciadas por *não que (non quod*, *non quia)*, o portuguez empregou sempre o subjunctivo, á imitação do latim : — *Não que eu te queira mal*.

6.— Proposições *temporaes*.— Nestas proposições a syntaxe depende da conjuncção empregada. Assim :—

com *antes que, primeiro que*, empregou o portuguez sempre de preferencia o subjunctivo (antes que *o seu peito á ferir* chegues), com *até que,* de preferencia o Indicativo quando se trata de um facto positivo e já realisado *(até que por fim acalmaram-se os animos)*, e o subjuntivo quando a acção é futura e hypothetica (*até que cheguem as noticias*) ; com — *emquanto*, *entretanto*, etc. tanto se emprega um modo como outro (*emquanto estiveres* (estás) *ahi*.

6. — Proposições *relativas*. — No latim empregava-se o subjunctivo nas proposições relativas; no portuguez tambem, sempre que a acção é representada como incerta ou simplesmente possivel (*Indica-me um caminho que vá dar á villa*) ; mas quando a acção é certa, positiva, o verbo da clausula subordinada vai para o Indicativo (*Indica-me o caminho que vae á villa*.) [1]

O que acabamos de dizer muito a traços largos basta para mostrar que cada umas das fórmas verbaes não tem papel perfeitamente restricto, funcção verdadeiramente especial. E essa discordancia entre o uso syntaxico e a logica mais se nota nas correspondencias do subjunctivo. Em regra, porém, emprega-se de preferencia o Indícativo quando queremos exprimir a certeza absoluta da affirmação contida na proposição relativa, *independentemente do valor chronologico*.

12. — Ha differença no emprego entre *ser* e *estar*.

O 1° serve de auxiliar da voz passiva ; exprime uma qualidade inherente ao sujeito, um estado que lhe é costumeiro : — *o Brazil* foi descoberto *por P. A. Cabral, a neve* é *branca ; Placido* é *alegre*.

O 2° significa uma qualidade occasional, um estado transitorio : — *a agua* está *fria ; Fernandes* está *alegre*.

O verbo *ser* exprime procedencia — *este rapaz é de Campinas ;* o verbo *estar* a situação do sujeito, o logar onde : — *elle* está *em Campinas*.

---

[1] Na divisão desta lição, seguimos Brunt. — *Gr. hist.*

A's vezes, porém, é indifferente o emprego : é *claro que*, está *claro que*. A idéa é então sempre a mesma.

Na linguagem poetica emprega-se tambem o verbo *ser* por *estar* : *eu* era *mudo e só* ; *porem já cinco sóes* eram *passados* (p. estavam).

TRIGESIMA SEXTA LIÇÃO

Regras de syntaxe relativas ás fórmas nominaes do verbo

Infinito

1.— Já vimos que um infinito póde ser empregado substantivadamente [1], e que para isso basta fazel-o preceder de um adj. determinativo (demonst., poss., art.): *O viver*, *os dizeres.*

2.— O infinito portuguez tem a singularidade de poder flexionar-se. [2] D'ahi a sua divisão em *pessoal* e *impessoal.*

E' *pessoal* o infinito:

1º quando a clausula do infinito póde ser substituida por outra do indicativo ou do subjuntivo: — *Virtude*, *sem* trabalhares *e* padeceres (sem que trabalhes e padeças), *não verás tu jamais com teus olhos* (Bern.)

2º quando é sujeito, attributo de um verbo ou complemento de uma preposição. *E' muito proprio das mulheres o sahir para verem e serem vistas.*

Cp.— *Comprei esta pera para* comeres, *comprei esta pera para* comer. No 1º caso o Infinito pode ser substituido pelo subjunctivo (para que comas) e refere-se á 2ª pess. do sing.; ao passo que no 2º exemplo o infinito refere-se á 1ª (para *eu* comer).

---

[1] No gallego tambem.

[2] E por isso póde construir-se na qualidade de sujeito, attributo, ou em apposição com um outro nome.

O infinito, é fórma nominal primitiva introduzida na conjugação.

O infinito como substantivo neutro era já do latim classico, e ainda acompanhado de fórmas pronominaes: — *illud peccare, hoc ridere* (Schneider).

Este grande elemento de clareza— o Inf. pessoal — não se encontra nos primeiros docs. authenticos da lingua. Seu emprego data do sec. XIII:

Conserva-se *impessoal* o infinito:

1.— Quando o verbo da clausula do infinito não pode ser substituido por outro do Ind. ou Subj.— *outros são incredulos até* crêr (Vieira); applicadas a grangear com trabalho (Sza. *V. do Arc.*); *faltando-lhes valor e accordo para se* defender *ou* morrer (Fr.— V. de Castro), etc.

2.— Com sujeitos identicos, raro nos classicos.

Cp. os seguintes exemplos.— *Nam curees de mays* chorardes; *não cures de te* queixar (canc. Geral —); *o que se* lhes *não pode defender com artilharia por* trabalhar *cobertos* (Fr.), e *folgarás de veres* (Cam.), *vieram constrangidos* a buscarem *refugio* (A. Herc.), *restricções de amor que impedem os filhos de Amor de* acharem (Garrett.); *se queixavam* de verem *sahir á meia noite* (R. da Silva); *forçareis as pedras a vos* fazer *a vontade* (Ulys.), etc.

3.— O infinito pode fazer parte de proposições independentes, exclamativas, optativas, deliberativas: — *Mulher muito grande é o teu bom* perseverar (G. Vic.); *Que fazer!*

4.— Substitue o subjunctivo latino nas interrogações indirectas. Lat. class. *quid* seriberem *non habebam*; baixo latim: — *quid* scribere *non habebam* (*non habent quid* RESPONDERE, S. Agost.) O portuguez muito desenvolveu esta construcção: *não tenho que* responder, *não sei que* dizer, etc.

5.— Já vimos que o infinito, por sua qualidade nominal, pode ser sujeito e attributo. Pode ainda construir-se 1º em qualidade de *complemento indirecto* depois de um certo numero de preposições (*a*, *para*, *por*, *de*, etc.), e de muitas locuções prepositivas (*longe de*, *a menos*, *em logar*, *á força de*, etc.)

O latim empregava o supino ou o gerundio, modos que — desde a decadencia — foram substituidos palo infinito. — 2° como *complemento directo marcando o objecto da acção*. Já era latina a faculdade de construir para esse fim um infinito sem sujeito, depois de certos verbos que exprimiam a idéa de vontade, poder, intenção, alegria, pejo. Ire *volo*; *quero* ir.

Com muitos verbos construimos o infinito sem preposição nem sujeito (*temer*, *receiar*, *sentir*, *mostrar*, *ver*....); mas essa construcção directa era muito mais geral no portuguez antigo, que empregava o infinito em muitos casos, em que hoje é elle precedido de preposições ou substituido pelo subjunctivo.

6.—Os traductores introduziram na lingua portugueza os primeiros vestigios das proposições do infinito, isto é, proposições que serviam de complemento ao verbo, e eonstruiam-se em latim com um verbo transitivo seguido de um infinito, e de um nome no accus., sujeito do infinito. No principio da lingua essa proposição era substituida por outras precedidas de conjuncção, correspondentes ás fórmas do baixo latim (Cp. l. class. *audio te dicere*, b. lat.—*audio quod tu dicis*).

O emprego no XV sec. era muito mais livre do que hoje; mas em muitos casos, quando o sujeito do infinito é o relativo *que*, empregamos ainda a proposição do infinito.

Além dessa fórma da proposição infinitiva, temos outra, caracterisada pela circumstancia de ser o sujeito regimen indirecto. Este emprego, de uso muito limitado, já era conhecido dos Latinos (*hoc comitibus scire faciant*). Ex. *eu* o vi fazer os seus *preparativos*.

A proposição infinitiva refere-se sempre logicamente a um sujeito, quando não o tem apparente. Este sujeito pode ser determinado pelo contexto ou proposição geral: (—*muito soffri, para* desejar *a morte*), ou indetermi-

nado (*para que uma nação prospere*, *é força* civilisar *o rico tanto quanto* o *pobre*. (V. H.)

7.— Para indicar o fim da acção, empregamos o infinito: construcção regular no baixo latim, e excepcionalmente empregada no latim pelo supino (*pecus egit altos* visere *montes*). *Vou soccorrel-o;* venho *ao theatro* applaudir *o genio*.

8.— Podemos empregar o infinito pelo imperativo, herança que nos veio do latim, e era mais usada dos classicos portuguezes; ALEGRAR *que é chegada a hora;* SUS, *levantar dahi muito nas más horas*; FUGIR, FUGIR *do infante que vos quer prender*.

Advertencias.— O dominio romano muito mais estendeu o emprego nominal do infinito; sendo de notar em portuguez os casos seguintes:

a)— Infinito articular — o *beber*, o *comer*, e no plural *os cantares*, *os dares e tomares*.

Encontra-se nos primeiros documentos da lingua.

b)— Infinito preprosicional — Já de uso frequente no baixo latim do 1º seculo (*ad abitare*, *ad firmare*), encontra-se nos mais antigos textos do portuguez:— *getar in terra* pelo *cegar* (Sec. XII).

A's vezes a euphonia, e certa força de attração morphica, desvia o infinito do uso legitimo e natural:— *galantes são os poetas! Todos vereis* queixar *da malacia dos tempos*. [1]

Participios

8— O PARTICIPIO PRESENTE, hoje usado exclusivamente como adjectivo, só admitte flexão de numero: *homem* ou *mulher* amante, *homens* ou *mulheres* amantes. Esta propriedade já era peculiar ao latim classico, e teve mais incremento no latim barbaro. [2]

[1] D. Man. *Apol*, ap. prof. Aurel. Pimentel — *These de concurso*.

[2] Vide lições — 16, 19 e 27.

Até o Sec. XV tinha funcção verbal com o complemento: — Os desprezintes *Deus caem no* (R. S. Bento, In. d'Acol.); filhantes *inferno a saia*, *leixam o manto* (In.); etc.

Conservamos vestigios dessa fórma nominal mas já sem propriedade transitiva: — *perlas* imitantes *á côr da aurora* (Cam.); *assim como a aguia e o louro não sam dominadas, senão* predominantes *ao raio* (Viera V, 481); e assim — *tirante* esta clausula, *tendente* á paz, *tocante* a moral, *referente* á lei, *passante* cincoenta, *pertencente* a nós, *durante* o anno, ect. De *obedecer* fizemos *obediente* por *obedecente.*

No sec. XV, é de notar a confusão do part. presente com o gerundio e participio passado (*homem bem* parecente *de corpo*), e tambem o seu emprego pelo adjectivo correspondente em: — *era o* conhecente *d'aquelle Judêo*; sabentes *per aquesta carreyra da obedeença;* temente (temendo) *minha morte,* rompente *o alvor da manhã;* acabante aquelle feito.

9. — O Gerundio (part. imp., que no port. substituiu o part. pres. latino) é sempre invariavel. Quando vem precedido da preposição *em*, indica que á 1ª acção segue-se immediatamente outra: — *Em chegandoX, parto para Itú, em fallando, em dizendo, em dormindo,* etc. [1]

Equivale a uma locução adverbial: — *chegando* (quando chegar), *amanhecendo* (quando amanhecer), etc., e é vestigio do gerundio latino em *e*, que mais se vulgarisou na epoca da decadencia.

10. — O participio passado, no portuguez antigo, sempre que vinha construido com o verbo *ter* (e *ser*) e — ainda no Sec. XVI —, concordava com o sujeito do verbo em genero e numero: — *bom servidor e leal nos serviços que lhe tinha* feitos (F. Lopes); *e do Jordão a areia tinha*

---

[1] Cp. *estando dormindo, andando apprendendo,...* = estando a dormir; andando a aprender...

vista (Cam.); *votos que tinha* feitos ; *quantas culpas tinham* commettidas (F. Mendes), etc. E qualquer que fosse a ordem, o part. concordava com o seu complemento, conforme a syntaxe latina, que com o auxiliar *habeo* tambem dizia — *habeo cognitam amicitiam* = *eu tenho* conhecida a *amisade*.

Mas desde a origem que houve tendencia para considerar-se o part. passado apenas como fórma de um preterito composto. *Cognitum habeo*=*cognovi*. *Tenho conhecido* = *conheci*. E mesmo nos textos antigos já se encontram exemplos da invariabilidade do participio quando se apresentava mais perto do verbo que do regimen :— *maravilhas que deixou* feito (Caminha), *deixar-lhe* queimado *a cortina* (P. Per.), *deixando* descoberto *350 leguas* (Barros)... etc,

A concordancia continuou, e é observada, quando o participio segue o complemento :— *não è preciso tenha as cartas* escriptas.

A leitura dos textos mostra claramente a tendencia para a suppressão da concordancia, que ficou retardada pela influencia classica, adstricta á tradição latina.

Por sua natureza, o part. passado dos verbos intransitos póde tomar significação activa, que — como em latim — tornou-se extensiva a particicipios de verbos de natureza transitiva :— homem *applicado*; *aborrecido*, *calado*, *confiado descrido*, *dissimulado*, *esquecido*, *divertido*, *entendido*, *poupado*, *lido*, *perdido*, *sabido*,....

Sobre as fórmas em *udo*, as contractas, etc V.— Lições 16, 19, 27.
Sobre o partícipio attributo fallaremos adiante.

11.— Os PARTICIPIOS DO FUTURO — são hoje raros, e só usados como substantivos ou adjectivos. Já a elles nos referimos nas lições 19 e 27.

Terminam 1º em *ouro* (oiro) : — ascendedouro, escorregadouro, idouro, regedoiro...., que se confundiram com os em *eira* (*casadoura casadeira*). Ainda conservamos

vestigios deste participio em *duraduro*, *immorredouro*, *morredouro*, *vindouro* (*Sguardante nas cousas* vijdoiras; Leal Cons.).

2°.— em *ando*, *endo*. No docs. antigos, e mesmo do Sec. XVII, estes participios tinham sign. do futuro:— *entre os desprezos d'esta* expianda *angustia* (Fil. Elis); *se mostra pura e brilhante* á consolanda (Id.); *oh!* adorandos *sempre e adorados!*; culpandas *armas*; etc.

São participios da voz passiva latina, e apenas empregados no portuguez em linguagem classica, principalmente depois do Sec. XVI. Temos dessa origem — *miserando*, *horrendo*, *educando*, *doutorando*, *excerando*, *examinando*, etc.

3.— Os participios em *undo* (*bundo*):— *gemebundo*, *moribundo*, etc. Quasi todas as palavras desta terminação representam importações latinas. Este suffixo equivale ao *oso* das bases nominaes.

O part. imper. e o aoristo (part. passado), quando não são empregados como adjunctos attributivos, nem como elementos de formação- nos tempos compostos da voz activa e da passiva, e nos verbos frequentativos, formam clausulas participaes absolutas, equivalentes a outras do modo Indicativo e do Subjunctivo. Taes clausulas principaes, bem como as que se formam com o participio aoristo, correspondem exactamente aos absolutos latinos — (J. Rib. *Gramm. Port.*).

TRIGESIMA SETIMA LIÇÃO

Regras de syntaxe relativas ás palavras invariaveis

Adverbios

1.— V. lições 11, 20, 28.

2.—Alguns adverbios conservaram a regencia das palavras donde derivam:— *cegamente* de affeições (Ined.), dos *meus póde vir seguramente* (Barros), etc... e tambem, ainda no Sec. XVI, *um* pouco de *proveito*, assás de *dinheiro* (Barros).

Hoje essa construcção mais se applica aos adverbios de modo :— *parallelamente* a; *confiadamente* em, etc.

3.— Quando concorrem dous ou mais adverbios em *mente*, só o ultimo toma geralmente a terminação :— *sabia*, *pia, e justamente*. Mas podemos empregar em todos a fórma completa, principalmente quando queremos precisar bem o valor significativo de cada um delles :— *vivamos neste mundo* sabiamente, *piamente e justamente*. (Vieira).

3°.— Tambem são adverbios de modo — *como,* arch. *empero*, e *aosadas* (*aousadas*), *assim;* — Razão é que façaes *como* vos fazem (F. Mendes); mas abasta-lhe ser frade e bem Narciso a *oasadas* (G. Vic.); etc.

4.— *Assim* emprega-se em phrases desiderativas :— assim *te eu veja feliz*, assim *me veja eu casar* (Camões).

5.— O adverbio *bem* junta-se a outro adverbio ou a um nome para lhe dar força augmentativa :— *um menino pobre*

e bem mal *reparado de roupa* (Souza, *V. Arc.*), *bem sabio*, *bem notorio*.

Junto aos verbos e comparativos dá mais força á affirmação : — Bem *deu o Infante* a entender *a grande dignidade que conhecia em seu irmão* (Azur. *Chron. Guin.*); *o coração* bem mais largo *que as praias do oceano*.

Todos esses empregos teem exemplos em latim ; e da mesma fórma empregavam o adv. *mal* :— mal *doente*, mal *ferido*, mal *vencido* ; *sendo todos* mal contentes (Vieira).

6.— A negação póde ser *simples* ou *intensiva*, a que tambem se chama *reforçada*.

A *simples* é expressa pelo adverbio NÃO, *nem*, *nada*, *nenhum*, *ninguem*, *nunca*.

Nenhum, ninguem, nunca, empregam-se simplesmente quando precedem o verbo ; — *nenhum* sabe, *ninguem* veiu, *nunca* trabalhas. Si, porém, vierem depois do verbo, exigem o reforço :— *não tenho* nenhum, *não vi* ninguem, *não trabalhas* nunca.

Jamais emprega-se por *nunca*, e tambem é sujeita nos mesmos casos ao reforço da negativa principal *não* : — *não* disse *jamais*, *nunca jamais*.

Sobre a negação intensiva — Vide pag. 406.

Quanto ao emprego de *não* sem força negativa — pag. 405, *nota 2ª*.

Algum, no fim ou meio da phrase, equivale a nenhum :— *de modo* algum *consentirei ; de guisa que fugiram todos, sem curando de levar cousa alguma* (F. Lopes).

Pelo ultimo exemplo vemos ainda que a preposição — por significar falta, carencia, privação — empregava-se tambem com sentido negativo, junto dos verbos no gerundio (Secs. XIV e XV).

7 — *Comoquer, quantoquer*, equivalentes a *posto que*, e *quandoquerque*, são fórmas archaicas :

.... que te nembre como eu andei ant ty em verdade, e *comoquer* agora pequei, nem sse percam porem alguñs bêes, se os fige ante ty.

(*Ined. d'Alc.*)

Porque o muito não é nada
Quando querque não é bom

(*G. Vic.*)

Por *quantoquer* que os membros sejam enfermos, e jaçam e mal cheiram non son de Christo empuxados, nem desemparados d'elle

(*Vida Monast.*) [1]

7 — O adverbio colloca-se perto da palavra por elle modificada: — elle mora longe; uma porta meio aberta.

8 — Certos adjectivos são empregados adverbialmente: os de flexão de genero só na fórma masculina: *muito noute*, *muito* mais razões, fallar *alto*, vender *barato*, parede *meia*, louvores *justo* devidos, plantas *meio* queimadas, faia *puro* altiva (Cam.)

Preposições

9 — Vide lições — 11, 17, 20, 28.

10 — Em latim, as preposições não tinham a mesma importancia que em portuguez. E a razão está em que hoje ellas substituem os casos.

As preposições indicam relações adverbiaes de logar, tempo, causa, meio, modo. Mas ás vezes só uma dellas exprime muitas dessas relações, sinão todas. A verdade é que a principio (e principalmente no latim) ellas exprimiam relações de logar e, metaphoricamente, de tempo. « O emprego abstracto e figurado é resultado de um desenvolvimento posterior. »

Si tomarmos a prep. *a*, veremos que etymologicamente corresponde á prep. latina *ad* (e ao dativo) [2]; e todavia, por seus multiplos empregos, corresponde tambem a *apud* e ás vezes a *ab*.

A regra é geral, mas não absoluta.

---

[1] Leoni — *Genio da l, port.*

[2] Lat. class. — *librum dedi Petro*; l. baixo — *librum dedi* ad Petrum.

a) Correspondendo ao lat. *ad* indica essencialmente direcção, movimento, tendencia, para um logar ou objecto.

Com este sentido era mais livre o emprego de *a* no portuguez antigo :— a *mais da gente se tornou* a *suas casas* (Barros). Hoje diremos *para*, e em— *manso* aos *humildes, cruel* aos *fortes*, tambem em J. de Barros,—*para com os*:

Por analogia a preposição *a* indica tempo — *d'aqui* a *oito dias*; a *5 de Fevereiro*; a *uma hora*.

A *o dia seguinte em amanhecendo*, a *o pôr do sol*; *esta festa era* a *os quatorze dias do 1° mez* (Ined. d'Alc.). ao *primeiro romper da luz*.

Lat.— ad *diem*, ad *kalendas*.

Por transferencia, i. e., figuradamente, pode-se indicar a direcção ou tendencia moral :— *incitar* á *colera*.

Essas construcções generalisaram-se por tal fórma, que em muitos casos a prep. *a* serve apenas para indicar o infinito. Da antiga construcção temos exemplos com os verbos *chegar*, etc.

A (de *ad.*) indica tambem logar onde, posição, situação : — *estava em máo estado com outra* *a olhos e face do mundo* (Szã. *V. Arcb.*); *affrontava o exercito do povo de Deus, não ausente senão de cara* a *cara* (Vieira). *Tornamos aos nossos que* á *ponte de Jacob nos estavam esperando* (Pant. d'Av.); *vivem* á *borda do Eufrates; assentando-se comnosco o abbade* á *mesa* (Id.)

Por analogia em referencia ao tempo : — *chegou* á *hora* (na).

Figuradamente neste sentido : —*fiel* ao *conde; estar* á *morte* (perto da); *criar* aos *peitos da esperança* (Cam.)

Cp.— *util* ao *paiz*, *conforme* a *lei*, *prestes* a *partir*, *commum* a *todos, promptos* para *o combate*, etc.

Remonta-se a um adj. latino, ou segue-se a etymologia.

b) A preposição *a*, por uma extensão natural ainda indica o *modo : — chorar* a *potes*, *rir* ás *gargalhadas, beber*

aos *goles*, etc.; *foi alevantado por rei* ao *costume de seus passados* (D. Nunes); *porta lavrada* á *antiga*: o instrumento, o meio, e corresponde a *com*: — *matar* a *bala, raspar* á *navalha*, *apanhar* á *mão*, etc.

c) A preposição *a* ainda indica o complemento terminativo e objectivo, quando expresso por nome de pessoa ou cousa personificada: — *Deï um livro* a *Pedro; adoro* a *Deus; obra mandada por Deus e muito acceita* a *elle*; *a mais companhia eram mulheres moças, tangendo em seus instrumentos e algumas meninas que cantavam* a *elles* (F. Mendes).

11. — Não podemos demorar-nos em todas as preposições. Faremos tão sómente algumas mais inevitaveis considerações.

Com — Indica. 1º *Simultaneidade*, companhia: — *e no quarto de prima nos deu uma trovoada* com *grande força de vento; qualquer que* se *faz amigo do mundo*, *faz banco roto* com *Deus* (Heitor Pinto).

2.º *Modo* — *Pedir* com *bom modo,* com *despreso*, Póde-se ás vezes supprimir a preposição: — *levar-te-hei pelos atalhos da egualdade e entrando nelles andarás teu passo largo* (Arraes).

3.º *Meio*, *instrumento*: — *Os mesmos que os murmuram* com *a boca*, *os approvam* com *o coração* (Vieira); *as cousas arduas e lustrosas se alcançam* com *trabalho* e com *fadiga* (Cam.) No lat. — cum *saggita sancius*, ferido *com* uma setta, etc.

Contra — Empregava-se antigamente, á maneira latina, para indicar situação fronteira: — *cydade* contra *a terra d'Israel*, p. defronte (Ined. d'Alc.); e ainda direcção: — *foram correndo* contra o theatro (Ined. d'Acol.), *viu descer* contra a *praia um homem*; e por analogia — *começou de se rir* contra *elles* (Azur.), *a rainha disse* contra *Pedro de Faria* (F. Mend.) E todos esses empregos vieram pela tradição latina.

Hoje ainda conservamos vestigios dessas construcções: mas a prep. *contra* mais significa *opposição*, etc.

De — Indica: 1°, *logar d'onde:* — do *porto amado nos partimos;* procedencia — *sou* de *S. Paulo*; *agua* de *poço;* a *lei* de *Deus* — Por an., o ponto de partida: — de *hoje em deante*; *passados dous dias* de *sua chegada*.

2°, *posse* — casa *de* João.

3°, *modo, meio:* — *Toda a gente vinha* de *mulas*[1] (Ramos); *dizer* de *palavra* (Vieira); *ouvir* de *confissão;....* *vivem* de *suas lavouras*, *agasalhar* de *palavras* (Souza), etc.

4°, *causa:* — *folgaram* de *o ver*; de *ciosos não correm as mulheres com elles*; de *appressado*; de *contente*; de *dó delle*.

5°, *qualidade, materia:* — homem *de* juizo, o *vaso* de ouro.

6°, *tempo em que:* — de *manhã*; de *dia*; de *verão*; de *maré vasia*.

7°, *Extensão, medida de tempo*, e, por transf., *idade*: — *cêrca* de *20 milhas*, *homem* de *30 annos*.

8°, *emprego, serventia, fim:* — *moço* de *servir*, *carro* de *aluguel*, *copo* de *agua*, *tinta* de *marcar*.

9°, A's vezes o emprego da prep. *de* é expletivo: *pobre* de *mim;* o *bom* do *João;* *deu-lhe* de *tanta pancada*. (G. Vic.)

Póde dar-se a ellipse da prep., o seu emprego emphatico e partitivo: — *per* de; *muito poderoso Senhor per* de *Deus Rei de Castella e de Liam* (coron. Reys. de Port.); *e tomou* das *pedras* (F. d'Alm., trad. do Bibl.)

Em resumo, *de*, no tempo, indica: *ponto de partida*, *successão*, *duração*, *o momento da acção*; em sentido figurado, indica: *origem*, *causa*, *instrumento*, *meio*, *modo*, *a materia*, e ainda, *a quantidade* e o *preço*.

---

[1] A cavallo.

De corresponde ao genitivo possessivo ou subjectivo. Já vimos que o gen. latino indicava uma relação de propriedade, causa, conteudo, dependencia, reciprocidade, etc., mas que essas relações podiam ser expressas por *de* — de *ipsas* (ipsius) *domus; ramos* de *illas arbores.* E essa construcção reagiu por fim sobre a dos nomes proprios.

De tambem indica a pessoa ou cousa de que se trata, equivale ao genitivo objectivo. — D'ahi as phrases — *medo da morte*; *desejo* de *viver*; *o amor* de *Deus.*

De substitue o genitivo de qualidade. Os Latinos empregavam um substantivo no genitivo, acompanhado de um qualificativo qualquer epithetico, principalmente com as palavras de significação geral — *miles* (soldado); *vir* (homem), etc. Este genitivo entrou então em concurrencia com o ablativo e deu no portuguez as phrases — *um homem* de *grande valor*, de *grande cabeça.*

De substitue outrosim o genitivo de apposição (*Flumen Rhodani* — o rio (*do*) Rhodano); *si passares o rio* do *Jordom* (Barros); *o cabo que chamam* de *Catherina*, etc. (Id.). *Ilha* do *Fayal*..., e esses modos tão frequentes, principalmente depois do Sec. XVI — *que diabo* de *rapaz*; *que estupido* de *criado*; *ladrão* do *negro melro*.

De precede o complemento dos adjectivos, indicando varias relações, conforme o sentido do adjectivo: — *desejoso* de, mas já dizemos *contrario* a, etc.

Annuncia o infinito, e este é, dos seus empregos, um dos mais importantes e caracteristico, posto seguissemos sempre de perto a syntaxe latina.

Em — Sign. propriamente — *no interior de*, *dentro de*, e *logar onde*, *sobre*, *no exterior*: — em *Roma*, *a cidade é* em *campo*, no *chão*, na *mesa*, *pôr joelho ou pé* em *terra*, etc.

Tempo em que, *duração*: — no *verão*; em *sahindo a lua*; em *sendo horas* (vide Lição 35 gerundio); em *dous dias.*

Ainda ha mais algumas significações concretas, e muitos são os sentidos figurados desta preposição : — *correr* em *ajuda de alguem*; *gente religiosa* em *seu modo de crença* (Bar.) ; *homens atrevidos* em *commetter* (Id.) ; *deram* em *uma aldêa de pescadores* (Id.) ; *estar* em *odio* ; em *cidade* ; em *fugida* ; em *botão* ; em *braza* (estado occasional ou permanente) ; em *signal de* ; em *figura de oval* ; *ir* em *pessoa* ; *repartidos* em *tribus*.

Notemos estas duas construcções em que *em* é hoje substituido por *para* : — *pondo a proa* em *atravessar aquelle golphão* (Barros) ; *apontando* (*com a outra mão*) em *uma mulher* (Souza) ; *passando* em *Africa todo o poder e nobreza deste reino* (Souza), *andám de emenda* em emenda (S. Mir.) ; e assim ; *de porta* em *porta*, *de mão* em *mão*, *de dia* em *dia* (l. barb. — *de die in diem*), etc.

Por — E' dupla a sua origem — de *per* e de *pro* (Leia-se o que escrevi na pg. 413).

1.º A derivada de *per*, tinha a mesma fórma no portuguez antigo e medio, e ainda no moderno indica *logar por onde*, *uma relação de logar*, e, no tempo, a duração, o momento ; no sentido figurado tem varios sentidos, como p. ex.: *o instrumento*, *o meio*, *o intermediario*, *o modo*.

Foram pregar a fé uns *per* Italia, *per* Grecia outros (Luc.)
Passando alem de um rio *per* uma ponte (Bar.)
Teem muitos jejuns, *per* todo anno (Id.)
Viveu *per* espaço de setenta annos (Id.)
per morte de Synxermo se ouviam gemidos (F. Mendes).
per espaço de quinze leguas (Bar.) ; deitado no seu catre humilde em cujo topo pendia o crucifixo que talvez *por sessenta annos*, tinha visto a seus pés consumir-se na meditação, nas preces, e na penitencia, aquella dilatada vida (Al. Her.)
Pereceram *per* espada e *per* fome (Ined. d'Alcob.)
Ordenou que o mesmo Affonso Lopes fosse *per* pessoa (Bar.)

Tambem empregavam a prep. *per* em relação relativa : *teem lingua* per *si* ; *seriam 150 homens* per *todos*.

Quando *per* significa transição, passagem, póde supprimir-se : — *e esses foram-se sua via* (Ined. d'Alcob.) ; *me*

parti de Baçorá em companhia de um mouro alarve pera me guiar ho caminho e atravessar ho deserto.

Agora damos aqui em excerpto, e applicada á nossa lingua, a opinião de um professor de Lyão.

O emprego de *per*, exprimindo causa, é de notar. O latim considerava o autor da acção como origem d'ella e fazia preceder o seu nome da preposição que indicava o ponto de partida — *ab*. O portuguez antigo substituiu a prep. *a* por *de*, que tambem indicava o ponto de partida. Ainda temos certas phrases em que depois de certos verbos de acção illimitada, o complemento de causa vem precedido da preposição *de*: — *estimado* de *todos*, *ornado* de *flores*, *esgorovinhado* de *somno*.

Por fim prevaleceu a nova construcção, porque a causa da acção já era considerada não mais como a origem, e sim como o instrumento da acção.

E hoje, com todos os verbos passivos que indicam uma acção instantanea ou de duração determinada, a prep. *por* precede o complemento de causa, quer seja nome de homem quer de cousa :— *vencido* por *seus discursos*.

Por ajunta-se a certas palavras invariaveis para formar locuções :— *por cima ; por baixo ; por deante ; por trás*, etc.

2.° *Por,* derivado do lat. *pro,* perdeu o seu sentido originario (relação de logar), « e deu um verdadeiro typo de prep. das linguas analyticas, despojada de todo valor concreto, e só conservada para exprimir relação abstracta ».

Significa — *troca*, *substituição* (e dahi *preço,* etc), a *proporção*, *o favor*, *interesse*, *dedicação* ; *o fim*, *a causa*.

Dar um homem por si.

Esta herdade comprou Jacob *por* cem cordeiros (Ined. d'Alcob.)

Por amor d'elle ; ser *pelo* Imperador ; Apparelhado a pôr a vida *por* tãm bom rei ; *por* gente tãm sublime (Cam.).

Por dar seu parecer se poz deante ; *Por* nos roubarem mais a seu seguro (Cam.) Hoje emprega-se *para*.

Tambem indica *convicção*, *opinião* :— assim se houveram *por* vencidos (Arraes) ; eu tenho *por* de grande

estima qualquer lettra antiga (Souza) ; havendo *por* verdade o que dizia (Cam.), etc.

Tambem indica *apposição :*— vi eu o senhor face *por* face (I. d'Alc.) ; rosto *por* rosto ; tantos *por* tantos, dia *por* dia ; hora *por* hora ; arca *por* arca (Ramos, Souza, Vieira, Couto, etc).

Para — A antiga fórma era *pera*, e indica : *direcção, inclinação* :— *espirito vivo* para *tudo*, (Bar.) ; *sobre a tarde declinamos* para *a mão direita* (Id.) ; *logar para onde* : *o mandou* para *Goa; vou* para *Paris*— ; *fim*:— (*marearam as velas* para *embocarem o estreito* ; *conveniencia, opportunidade tempo* para *navegar* para *tal parte* (Bar.) ; *referencia* :— *teve muita autoridade* para os *graves* ; *teve* para *si que era obrigado cumprir aquelle simulado juramento*. Id.), etc.

Depois, pos. Os antigos empregavam esta prep. por *detrás*, *para tras* :— *huã arvor que está* depois *a cidade de Sichen* (Ined. d'Alcob.), cp. lat. *post* urbem Sichen. D'ahi o emprego figurado indicando *inferioridade*, *degradação :* — *E' a 2ª pessoa* depois *de Fr. João*.

Antigamente *depois* empregava-se sem a repetição pleonastica da prep. *de* :— Depos *mort de Rey Salamon* (Ined. d'Ale.).

Tambem empregavam *depois* nos casos em que hoje usamos de *após*, *em seguimento*, etc. :— *e foysse con sua host* depois *os filhos de Israel* (In. d'Alc.), *Saul vinha do agro* depos *seus bois* (Id.) ; *segui* empós *elles* (Azur.) Cp. *venite* post. *me*.

Sobre —Indica *superioridade*, e por extensão— *excesso, eminencia ;* por transferencia, *supuemacia*, *sobreexcellencia : Em os quaes lugares cada hû quer ser* sobre *os outros* (V. Monast) ; *Remontae o pensamento* sobre *as nuvens*, sobre *o céo* (Vieira). Fig. indica tambem *proximidade :— estava* sobre *Goa*, sobre *os inimigos*, sobre *a noite*, sobre *a manhã*, sobre *o inverno,* etc. ; e ainda *a*

re ferencia, o assumpto, a contextura ; Elle escreveu sobre *philologia*; *P. fallou* sobre *anatomia;* logo inquiriram *sobre* o nascimento; tomando conselho *sobre* o caminho que dalli se fazia (F. Mendes).

Conjuncção

12.— As conjuncções dividem-se em conjuncções de *coordenação* e de *subordinação* ; as 1as ligam entre si duas ou mais proposições independentes *(e, mas logo*, etc.) ; as 2as ligam uma proposição accessoria á principal (*pois que*, etc.)

13.—CONJUNCÇÕES DE COORDENAÇÃO.—As proposições ou palavras que se pretende unir podem ter ou não o mesmo valor logico.

No 1° caso omitte-se ou não a conjuncção (que corresponde ás latinas *et*, *ac*, *atque*, *que*).

Iam, cantavam, descuidosos, como avesinha ao sol na mata virgem.

Quando ha exclusão de idéas, uma das proposições é forçosamente negativa e a outra positiva. Esta é precedida de *mas* ou de *senão*, *porem*, etc:— *Os imigos amar*, *os maldizentes si non remaldizer* sed *mays beenzer* (In. d'Alc.); *A toda parte posso já ir segura* senão *só do meu cuidado* (B. Rib.); *Para tudo ha remedio* senão *para a morte* (Prov. pop.).

Arch.— *nega, nanja*, *emque*, *pero*, *perol*, *emperol*.

Si a palavra indica uma alternativa, os dous termos vem então ligados pela conjuncção *ou*:— *o caso é*, *que* ou *haja outra vida*, ou *não*, *a mim me cumpre viver como se a houvera*.

Tambem empregamos *quer* (principalmente com os verbos do subjunctivo, e correspondente ao latim *vel*), e *agora, ora*, *já*, *quando*.

Nao lhes escapando ninguem *quer* por terra *quer* pelo rio.— *Quer* elle venha *quer* não.

Agora lhe perguntei pela gente
Agora pelos povos seus visinhos
(*Cam.*)

Amiudaram os combates, *hora* da parte da Almina, *hora* da banda contraria.

(*Souza*.)

Já com palavras, *já* com o exemplo de suas obras.

Maneamos com vigor os braços soltos
Quando estendido já, *quando* encurvados [1]

A conjuncção *porque* precede a proposição enunciadora da razão ou *causa* de um facto.— *no argumentar tinha particular graça* porque *tocava excellentemente o ponto da difficuldade* (*Souza*).

Mas si a proposição exprime a consequencia de uma outra já expressa, precede-a uma das conjuncções *pois*, *por isso*, *por conseguinte*, etc.:— Pois *assim como naquelle tempo se faziam os conselhos sem papel*, *tambem*, *se poderão fazer agora* (Vieira).

Conjuncções de subordinação.— No correr deste trabalho, e principalmente na lição 35, já dissemos o que ha de mais importante sobre o emprego das conjuncções nas proposições subordinadas.

Remataremos pois esta lição com algumas breves exemplificações.

Phrases comparativas :— *O sol* não só *excede na luz a cada uma das estrellas*, senão *a todas incomparavelmente*. (Vieira) ; Assim como *no echo*, *quando se bate entre montes*, o *tom é em uma parte e em outra a pancada* ; assim *nas adulações do lisongeiro o tom é em nossos louvores*, *mas a pancada em seus interesses*. (H. Pinto).

Emque :— *Emque* peccasse algum'ora venha a piedosa alçada (G. Vic.).

Comoquerque:— Alli lhe pugerõ nome o Bom Velho Lidador, *comoquerque* ja ante se chamasse avia gram têpo Lidador (Nob. Conde D. Pedro.)

---

[1] Lat.— *Quando que* igìtur fiunt trabes, *quando que* clypei — Leoni II 206.

Aindaque:— A dispensação que se concede a um, porque a pede, não se pode negar a outro *aindaque* a não peça (Vieira).

Ca :— Melhor é calar *ca* de fallar.

Como:— *Como* se sobe com trabalho o aspero d'aquella subida, fica uma terra chan (Bar. *Dec.*) ; *Como* isto disse, a cabeça inclinando, consentiu no que disse Mavorte (Cam.).

Tanto que:— *Tantoque foi* cortada esta arvore, as aves voavam, e os outros animaes fugiram (Vieira).

Que:— E' em portuguez a conjuncção por exeellencia, pois representa varias particulas latinas (*ut, ne, quin, quomìnus*, *quód*, *quid*...), e é de emprego muito vulgar.

Emprega-se na comp. de outras conjuncções — *postoque, aindaque*, etc.

Por isso — *que* póde substituir outras conjuncções :— como *todo o bem deriva de Deus*, e que *o homem é nada por si mesmo*....; *Para curar as lagrimas da sem-razão*, *que remedio lhe havemos de dar*, que *ellas não teem causa* ? (Vieira); *Mormente* que *em nada tem a fortuna maior imperio*, *que nas cousas da guerra*. (J. Fr.).

Si:— Concorre não sómente nas proposições subordinadas indicando uma hypothese ; mas tambem nas phrases principaes a exprimir pesar, desejo.— *Si eu pudesse !*

TRIGESIMA OITAVA LIÇÃO

Syntaxe do verbo **haver** e do pronome **se**

1 — A syntaxe do verbo *haver* armou controversia que ainda perdura. Uns explicam a discordancia declarando-a *idiotismo*; outros descobrem uma ellipse de sujeito apropriado ao caso (*ha homens* = o mundo ha homens).

E' preciso notar que assim como confundiam o emprego dos verbos *ser* e *estar* (*era* a folgar, por *estava* a folgar, B. Rib.; *fui* na guerra por *estive* na guerra. Cam.), tambem empregavam o verbo *haver* por *ter*, costume que ainda persiste no povo (tem *dias que não posso ler ; no museo* tem *muitas cousas que não vi*). Em latim já o verbo *habere* significava *ter*; e passou tambem a empregar-se por *ser*.[1]

Hoje a phrase — *ha homens, haverá cavallos*, etc., é um facto grammatical. A regra de concordancia em numero entre o verbo e o seu nominativo é universal : mas a peculiaridade idiomatica do verbo *haver*, não é singular. Assim do Grego, entre outras excepções, temos uma muito familiar, quando o nominativo é de genero neutro :— οἱ ἄνθρωποι ἀγαθοὶ εἰσιν, os homens *são* bons ; mas τὰ βιβλία ἀγαθὰ ἔστιν, os livros *é* bom. E esta regra era geral para todos os verbos e nominativos neutros.

---

[1] No dialecto portuguez de Ceylão *ter* p. *ser* :— *todas minhas cousas* tem *vossas* (Schuchardt).

No grego ainda, si o verbo chamado substantivo precede o seu nominativo, « de modo que o numero do sujeito fica indeterminado quando se pronuncia o verbo », este deve ficar no singular, embora o nominativo seja masc. ou fem. plural. E o mesmo acontece no francez :— *il est* (*il y a*) *des hommes*.

Do mesmo modo, a nossa construcção caracteristica e individual, constitue uma peculiaridade ou idiotismo.

2 — Já tratamos do pronome *se* como apassivante, indefinito, reflexivo e reciproco.

Já vimos tambem que *se* corresponde a *hom homem* (*alguem*, *pessoa*, *gente*) :— *ca sem razom parece a aquelle que é atormentado dar-lhe* hom *outro tormento* (D. Duarte. *Ord.*), *ca sem razom seria ao afflicto accrescentar* hom *affliçom*. (id.)

Tambem nos dialectos escandinavicos o pronome reflexivo *sik sig* = lat. *se*, junta-se aos verbos, e fórma um suffixo reflexo : — *at falla* = cahir, *at fallask* é a fórma reflexa ou media. *Sk*, contracção do accus. *sik*, transformou-se ainda em *st* e apassivava os verbos.

O pron. *se* póde, pois, ser substituido pela palavra *gente* ou *alguem :* — onde a *gente* põe sua esperança ; pela 1ª pessoa do plural : — *deve-se amar* ao proximo como a nós mesmos (*devemos amar*) ; pela 3ª pessoa do plural : *diz-se* que o errar é dos homens, (dizem que o errar).

Cp. ing. *people say*, *we say*, *they say*, *one say*.

Nas phrases — *vive-se*, *come-se*, *dorme-se*, etc., opinam alguns que o *se* é sujeito, outros que a phrase é tão passiva como as formadas com verbos transitivos : — *alugam-se casas*, *queimaram-se as ceáras*, (V. verbos, Liç. 16.ª). Esta é a nossa opinião ; a phrase *vive-se* é vestigio da voz média passiva, e os antigos diziam *estar bem vivido*, *bem comido*, *bem dormido*.

TRIGESIMA NONA LIÇÃO

Da construcção.— Ordem das palavras na proposição simples, e das proposições simples no periodo composto.

1.— Na conversação, parte-se geralmente de uma noção já conhecida pelo interlocutor, para a desconhecida que se lhe quer apresentar. A mesma idéa, pois, póde vir a vezes no principio ou no fim da phrase.

2.— A construcção é *logica* quando a phrase caminha parallela ao pensamento, quando as palavras succedem-se na mesma ordem das idéas.

No grego e latim a syntaxe registra apenas para dous ou tres casos a *ordem da collocação* das palavras, porque a sua deslocação nada ou quasi nada influia no sentido e relações dellas. Só attendiam á fórma grammatical dos vocabulos; não seguiam de todo o ponto as regras de collocação porque as flexões indicavam de prompto qual o papel syntaxico da palavra na phrase. Em

Scipio delevit Carthaginem
Carthaginem delevit Scipio,
Delevit Scipio Carthaginem [1]

a construcção é diversa, e a syntaxe a mesma.

---

[1] Egger — *Gram. comp.*

3.— Não obstante ser lingua analytica, o portuguez conserva todavia (como já vimos) certa liberdade no arranjo syntactico das palavras, por tradição, costume e harmonia, principalmente até o Sec. XVI. E esse afastar da ordem analytica, essa liberdade de construcção, é uma das suas muitas excellencias.

Depressa um pouco vim (Sec. XVI.), *a que pelo ordinario concebimento estava obrigada* (Arraes).

Nos classicos e nos escriptores de boa nota encontram-se construcções similares ás latinas, tão livres e variadas, tão ricas e harmoniosas (já citámos exemplos na lição 29); mos o portuguez moderno por seu caracter ainda mais analytico, obedece *na ordem das palavras* a regras relativamente fixas: — 1º sujeito, 2º verbo, 3º attributo, complemento do attributo, etc.

Esta construcção ou ordem directa, analytica, é chamada *syntactica* e tambem *logica*.

4.— Não podendo mudar *a ordem das palavras*, o escriptor muda *a das ideias*, antes de traduzil-as em palavras. Tomemos para exemplo a phrase citada — *Scipio delevit Carthaginem.*

Não podendo, como em latim, alterar a ordem dos elementos prepositivos conservando a mesma syntaxe, apresentamos (dando um outro gyro á phrase) Scipião e Carthago como sujeito ou como regimen do verbo, conforme queremos tornar saliente uma ou outra dessas idéas. E, conforme tambem tivermos concebido e apresentado de um modo ou de outro a idéa da victoria de Carthago, o verbo estará na voz activa ou na passiva :— *Scipião conquistou Carthago; Carthago foi conquistada por Scipião; Carthago, conquistou-a Scipião.* [1]

5.— Em maioria, os factos da syntaxe de uma lingua

[1] *Eggar* loc. cit.

dependem directa ou indirectamente, como consequencia natural, da propria natureza do lexico e somente do lexico.

E' esta tambem a opinião de Tobler (*Rom.* XI p. 455):

« Esse asserto torna-se ainda mais exacto e geral quando circumscripto exclusivamente ás diversas modalidades da estructura vocabular.

« E é isso, com effeito, o que a philologia historica e comparada nos mostra, desde o monosyllabismo, que é a negação da syntaxe, até o perfeito flexionismo, que faculta a mais alta e variada complexidade constructiva. »

6. – E' claro, em face do que acabamos de referir, que o portuguez muito perdeu da liberdade quasi illimitada do latim classico; mas que — todavia — ainda lhe resta grande e boa liberdade na pratica da inversão.

Das linguas neo-latinas é a franceza a que mais se conserva adstricta ás regras do analytismo.

No tocante a separação dos elementos da phrase estreitamente ligados pelo sentido, aponta-lhe o prof. Diez, além da causa hereditaria (o genio da lingua latina), mais duas. Uma, o terem sido os primeiros documentos dos novos idiomas, composições poeticas; outra, a imitação do estylo latino, que lhes servia de modelo.

Resultado necessario da applicação de uma ordem mais livre, diz o celebre romanista, foi o triumpho do principio logico sobre o grammatical: a construcção fica dependente da intelligencia e do bom senso do leitor, e não mais se opera segundo as estrictas conveniencias grammaticaes.

7 —A regra ordena a collocação do *subst.* em relação attributiva, depois do subst. principal, mas a faculdade inversativa é grande, mórmente no estylo erguido, alcandorado:

> Cessem do sabio Grego, e do Troiano
> as navegações grandes que fizeram
> Calle-se de Alexandre, e de Trajano
> a fama das victorias que tiveram.
>
> (*Cam.*)

do peccado da luxaria brevemente fallando.

8.— *Adjectivo*.— 1.º A significação de muitos adjectivos é determinada pelo logar que elles occupam na proposição, e este facto era extranho ao latim. No sentido proprio occupa o logar que especialmente lhe convem ; no figurado é proclytico : — *pallida; morte ; cego desejo ; agro-doce* ; (Liç. XI).

O exemplo de *certo* é curioso ; *noticia certa, (certa noticia). Proprio* antes do substantivo conserva a significação originaria ; depois, toma sentido desconhecido no latim, de — *purus, mundus ; casa propria (propria casa). Só*, antes do art. indef. = *unus ;* depois = *singulus (um homem só ; um só momento*).

2.º Quando attributo, o adjectivo colloca-se de preferencia em latim antes do verbo *sum*, e muitos exemplos se encontram dessa construcção no portuguez antigo.

3.º Temos, porém, regras mais ou menos restrictas. Vem antes mais ou menos rigorosamente :

a) — Quando, de pequena extensão, o sentido nada contem de caracteristico ;

b) — Quando o substantivo é nome proprio : — o *sublime Tasso ; o divino Platão ;* Mas segue-o quando queremos chamar a attenção para o nome : = *Affonso o sabio ; Frederico o grande ; Albuquerque terrivel ; Castro forte.*

c)— Quando designa qualidade que pertence essencialmente ao substantivo.

d)— Quando o adjectivo exprime certas relações externas (só em estylo poetico) : — *o brasileo solo ; a forte gente.*

4.º— Vem depois ; a) — Quando o adjectivo acha-se na dependencia de outras palavras, e seguido de um complemento ou acompanhado de adv., cede quasi sempre o 1º logar ao substantivo : — *homem ambicioso de glorias.*

b) — Em regra, quando os adjectivos referem-se ao mesmo nome, este deve ser expresso em 1º logar :— *uma estrada areenta, fragosa, declive.*

Na phrase — *eu amo a boa musica italiana,* bóa é o epitheto, *musica italiana* é uma expressão composta, designativa de um genero particular de musica. Id. *formoso ginete alazão*. Nestes casos o subst. toma logar intermediario.

c) — Quando o adjectivo indica uma qualidade caracteristica do substantivo, e como que a quer pôr em evidencia :— *o imperio romano; a guerra civil*.

5.º— Ha muitos adjectivos que não podem preceder os substantivos. Neste caso estão alguns participios passados, que não podem ser proclyticos por haverem conservado vestigio do valor verbal. Antigamente, porém, vinham esses part. pass. de preferencia antes do substantivo, como hoje acontece com os part. presentes.

6.º— A collocação do adjectivo epitheto era livre entre os antigos, quer concorressem muitos adjectivos referentes ao mesmo substantivo, quer viesse o adj. acompanhado de complemento : — *somos filhos* da nova *Jerusalém* e celeste.

A verdade é que o logar do attributo é arbitrario ainda hoje, e parece que nessa collocação influe o accento tonico oratorio, que recahe no adjectivo posposto ao subs.— *cavallo preto ;* quando se dá a inversão, como, p. ex., no caso em que o adjectivo exprime uma qualidade particular ou distinctiva do substantivo, o accento, recahindo no adjectivo, dá-lhe á significação mais vigor, mais energia : — *horrivel crime ; infausta noticia*.

7.º— Os *nomes de numero* seguem a syntaxe antiga, com ligeiras modificações, como p. ex. na maior liberdade que havia na inversão : — *o nove capitulo* por *capitulo nove*.

Empregamos na successão, ordem, tanto o ordinal como o cardinal *(seculo 14* ou *14º*, *Luiz 11* ou *11º*), e este de preferencia, excepto quando o numero vem antes, que então deve ser ordinario. Podemos empregar os cardinaes por que esses adjectivos são determinativos, e como tambem

que qualificam os nomes : — diz-se *Luiz XIV* como se diz *Pedro o Cru*.

Excep. *Pedro 2º; Afonso 1º; Napoleão 3º;* (os numeros simples, emfim), etc.

8.— O *artigo* vem sempre antes do substantivo ou adjectivo que determina.

Nas phrases *D. Henrique* o *navegador; todo* o *dia; ambos* os *livros*, etc., a ordem do determinativo não é devida a previlegio seu, mas á liberdade que teem o substantivo e adjectivo procl tico. Como observa o professor Diez, elle só se prende á idéa que deve determinar.

Todavia o artigo póde ser separado do nome por um adverbio ou expressão adverbial : — *a sempre senhora minha*.

9.— *Participio e verbo auxiliar* — Nos tempos periphrasticos a ordem regular é — 1º o auxiliar e depois o participio, mas a inversão faz-se commummente: — *todos chegados haviam; pois que chegado era; a dama que visto elle já tinha*, etc.

E a mesma liberdade existiu em todos os tempos com relação ao *infinito; ouvir não quiz; vir não poude.*

10.— *Attributo do regimen*. O regimem póde vir perto do attributo ou delle separado por uma ou mais palavras.

1.º O attributo póde preceder ou seguir immediatamente o regimen;

a) — verbo + attributo + regimen,
b) — verbo + regimen + attributo.

A 2ª ordem é hoje mais usual; a 1ª era mais frequente no portuguez antigo.

2.º O attributo póde vir separado do regimen por varias palavras, e geralmente neste caso o verbo occupa logar intermediario.

a) — Attributo + verbo + regimen.
b) — Regimen + verbo + attributo.

A 1ª ordem era frequente no latim; a 2ª — a inversa — é hoje a mais usada.

Esta ordem, que traz o attributo separado do regimen, é a regularmente empregada quando o regimen é pronome; mas se o regimem fôr um nome, deve ficar perto do seu attributo.

11. — O *pronome pessoal* póde vir antes ou depois do verbo, ás vezes de rigor, como nas pessoas do imperativo, outras para maior elegancia ou energia da phrase: *d'aqui* me *vem* a *mim o parecer*.

O pessoal *conjunctivo* deve vir immediatamente ligado ao verbo, afim de que receba a sua acção antes dos outros membros da proposição. Desde os primeiros tempos da lingua, porém, que elle se pode separar, como tambem acontecia no hespanhol antigo: — *se me tu não vales*, *m'o não consentiu elle*, *onde a ninguem visse*. (Vide lição 40).

12. — Com os verbos *dizer, replicar, responder*, *retorquir*, etc., nas citações e phrases incidentes, o sujeito deve vir depois do verbo.

13. — São em geral construidas na ordem inversa, as proposições que começam por um adverbio, e no portuguez antigo tambem as que começavam por um attributo, regimem directo, indirecto ou circumstancial e ainda por uma conjuncção.

14. — O complemento circumstancial (de tempo, logar, etc.), que hoje mais se colloca depois do verbo, occupava varios logares da phrase no portuguez, conforme a conveniencia do sentido, mas vinha particularmente no principio.

15. — Tambem, como no latim, tinha o portuguez antigo mais liberdade na collocação do *adverbio*, quer fosse de logar, de tempo ou de modo.

Em regra, sempre se collocava perto da palavra que elle modificava; mas nos primeiros tempos nota-se certa

tendencia para collocal-o no começo da phrase, principalmente os de modo.

16.—*Da ordem das proposições simples no periodo.* —As subordinadas collocam-se na ordem de dependencia em que estão da principal; as coordenadas—conforme o sentido e a successão de idéas que se quer manifestar.

QUADRAGESIMA LIÇÃO

Collocação dos pronomes pessoaes

1.— Os pronomes podem ser *encliticos, mesocliticos* e *procliticos*.

A sua collocação depende de ser elle sujeito ou objecto; e muitas vezes mais lhe determina o logar, a harmonia, o ouvido, a emphase.

2.— *Pronome sujeito*. — Colloca-se em geral antes do verbo, excepto os casos acima apontados:

> a qual cousa se a *tu* ouvires;
> *(R. S. Bento)*
>
> se me a razão *tu* dizes
> (Id.)
>
> Tudo isso sois *vós*, ou é *vos* tudo isso.
> (Castilho)

E' enclitico*:*

a) — Com o imperativo dos verbos, quer a phrase seja affirmativa, quer negativa :— *chama* tu ; *não chames* tu. Só se emprega o pronome para dar mais vigor á phrase, emphase.

b) — Quando a phrase começa por um participio : — *cansado* eu *de escrever ; acabando* elle *de fallar*.

c) — Nas phrases interrogativas : — *Que estudam* elles *agora ?* — Mas si a phrase começar pelo verbo, temos modernamenle liberdade de inversão: — *estudam* elles *agora?; elles estudam agora?*

d) — Com os verbos no subjunctivo quando se supprime a conjuncção : — *Si* elle *quizesse vir ; quizesse* elle *vir*.

e) — Com verbos no infinito : — *Procederes* (tu) *assim é cahires no peccado da preguiça*.

Nota.— Nos tempos compostos o pronome sujeito vem antes do auxiliar ou entre o auxiliar e o participio.

3.º— *Pronome objecto* — Tambem a sua collocação está sujeita a regras.

a) — Com o infinito pessoal o pronome objecto antepõe-se sempre: — *amares-me-tu* (Cp. — *para tu* me *amares*.)

b) — Nas phrases imperativas o pronome objecto é enclitico nas phrases negativas, e isso desde os primeiros tempos da lingua: — *chama*-o; *não* o *chames*.

c) — Quando concorrem dous pronomes regimens, o que está em relação de dativo deve preceder ao outro em relação accusativa: — *Elle* m'o *deu*.

Por muyto mal que me lh'eu *menti* (D. Din.)

d) — Nos tempos compostos colloca-se o pronome antes do auxiliar, ou entre o auxiliar e o participio: — *Nós* o *temos visto, tinha-o visto, temol-o visto*.

E' proclitico:

a) — Depois de qualquer adverbio de negação, de tempo, logar, quantidade e modo, quando a phrase começa por elle:

Elle não *me* diz
nunca me esqueço.
sempre te *estimei*
lá nos encontraremos
muito me agrada
bem me parece.

b) — Com as fórmas do futuro e do condicional, quando vem claro o pronome sujeito: — *eu* te *lembrarei* (= lembrar-*te* hei) *tu* lhe *dirás* (= dir-*lhe*-as) *elle* me *lembraria* (= lembrar-*me*-hia).

No futuro anterior ou condicional composto, precede-o sempre o auxiliar: — *elle* me *terá dito*, me *teria dito* (= ter-*me*-hia, ter-*me*-ha dito.)

Nota — Nas 2as. formas os pronomes são mesocliticos, e só se empregam com futuro do indicativo, condicional, ou na interrogativa.

c) Nas orações de gerundio, quando a phrase começa pela particula *em*: — *em* me *fallando* (= fallando-*me*).

d) — Com verbos no subjunctivo : — *si* me *visses*; *quando elles* te *procurarem*; *sei que* me *estimas*; Principalmente precedido de *que*.

e) — com o verbo no infinito : — *sem o ler*. Mas tambem — *sem lel-o*.

Quando concorrem dous verbos do infinito, é grande a liberdade de collocação :

sem *nos* poder conter
sem poder conter-nos
sem poder-*nos* conter

4 — Não se deve começar uma oração pelo pronome em relação objectiva *(me parece, te disse, lhe fallei)*. O povo (no Brazil) conserva-se, porem afferrado ás fórmas procliticas, que ainda são correntes no hesp. e no ital. *(me voy, me ne vado)*, e eram dos primeiros documentos da lingua portuguza, que moldou-as pela syntaxe latina [1].

O emprego proclitico do pronome, a par da fórma enclitica, data do sec. XII.; No XIV é manifesta a preferencia pelas fórmas procliticas (quando em relação adverbial ou conjunctiva), e que mais se accentua e torna-se geral, uniforme, no XV.

5 — No latim barbaro a preferencia é pela posposição do pronome obliquo : — *non calumniemus* vos; *quos* me *dedisti*; *dedit uno servo et tornavit* illo; *concedimus* tibi, *placuit nobis*; etc. [2]

Mas que o povo portuguez mais se affeiçoou á anteposição, provam-no os seus dizeres, proverbios, juras, precações e imprecações : — *O demo* te *leve*; *o diabo* te *carregue*; *Deus* te *ouça*; *Deus* te *ajude*; *máos raios* te *partam*; *Deus* me *livre*, etc. [3]

---

[1] Com os verbos pœnitet (f. class. *pœnitere*), *miseret*, *pudet* (ás vezes) com *apaje*, *ecce*, com certos dativos pleonasticos ou expletivos (*dativus ethicus*). etc.

[2] Rib. *Diss*.

[3] Recommendamos os que estudam, leiam as excellentes theses do concurso do erudito professor A. Pimentel, e dos seus bem doutrinados concurrentes Dr. Alf. Gomes e Fern. Pinheiro, etc.

QUADRAGESIMA PRIMEIRA LIÇÃO

Das notações syntacticas. — Pontuação. — Emprego de lettras maiusculas.

1 — NOTAÇÕES SYNTACTICAS — Dá-se esta denominação aos signaes de que nos servimos na escripta para mais aclarar o sentido da phrase, e indicar ao leitor não somente as varias pausas necessarias, senão tambem os varios passos emocionaes ou de movimento psychico.

Umas referem-se ao sentido da phrase; outras indicam a intensão, o sentimento de que se acha possuido o escriptor Aquellas são *objectivas*; estas, *subjectivas*.

2 — As 1as constituem propriamente os signaes de pontuação: — *virgula*, o *ponto* e *virgula*, os *dous pontos* e o *ponto (final)*.

Virgula.—Emprega-se a virgula:

Para separar os termos e orações de igual especie, não ligados por conjuncção:

O raciocinio, a palavra articulada, a crença em um Deus, são as qualidades que distinguem o homem do bruto.

Tudo isto que vemos com os nossos olhos é aquelle espirito sublime, grande, ardente, immenso. (Vieira).

A virtude risonha acompanha-nos a toda a parte, amolda-se aos tempos, e cinge-se ás occurrencias. (Rab. da Silva).

Depois, vem outra epoca da vida em que a felicidade é mentira, mais ainda é felicidade, posto que já é eivada de vaga inquietação, de ambições desregradas, de especulações mesquinhas e outras contradictorias (A. Herc.)

Para separar as palavras em apostrophe, ou as apposições:

Boas lettras, senhor, não são baixeza.

Para separar orações intercaladas: [1]

A vida, dizia Socrates, só deve ser a meditação da morte.

Para separar proposições de gerundio e participio, e outras circumstancias pouco extensas, principalmente si precedem verbo:

Espedaçando as lanças, tudo atroam.
Chegada a epoca, mostrou que lhe não podiam negar a fé, o amor, o esforço, e arte.

Para separar adverbios e locuções adverbiaes da sentença com força conjunctiva, quando por ellas começam as sentenças:

Assim, lembra-te sempre de que a morte pisa com o pé igual o palacio do rei e a choça do pobre.

Para separar, no meio da phrase, as conjuncções conclusivas e a adversativa *porém*:

Quiz o fado, porém, que Camões definhasse á mingua, só, desamparado dos amigos, do rei, da patria.

Para indicar a ellipse do verbo, quando se dá a figura zeugma, e ainda na inversão asyntactica:

A grita se levanta ao céo, da gente.

O *ponto e virgula* separa as proposições extensas coordenadas, as enumerações mais amplas, principalmente quando já estão divididas por virgulas:

O dito arabe foi desmentido; mas a resposta gastou oito seculos a escrever-se: Pelaio entalhou com a espada a primeira palavra della no Serros das Asturias; a ultima gravaram-na Fernando e Isabel com pelouros de suas bombardas, nos panos das muralhas da formosa Granada; e a esta escriptura estampada em alcantis de montanhas, em campos de batalha, nos portaes e torres dos templos, nos lanços dos muros das cidades e castellos, accrescentou no fim a mão da Providencia; « assim para todo o sempre. »

---

[1] Neste caso, em logar das virgulas podemos empregar o parenthesis, ou o *travessão*: o parenthesis é preferivel quando a phrase intercalada é de certa extensão.

Os *dous pontos* empregam-se antes de uma citação, enumeração, explicação ou conclusão :

Não se farta a cobiça com a riqueza :
mais arde o fogo quando tem mais lenha

(Cam.— Ecl. 13.)

Diz o proverbio popular : Quem falla, seméa; quem ouve recolhe.

Dos meninos é proprio o aprender ; dos mancebos o emprehender, dos varões o comprehender ; dos velhos o reprehender.

O *ponto final* emprega-se no fim da phrase, sempre que o sentido estiver completo.

O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

3.— As notações *subjectivas* ou *psychicas* são as *reticencias*, o *ponto de interrogação* e o *de exclamação*.

A *reticencia* indica subita suspensão do pensamento, e ainda tibieza, duvida ou refolho :

não vos atalho mover o passo a longes territorios... mas não ; fica.

O *ponto de interrogação* é empregado no fim das phrases interrogativas :

Homem, que es tu perante a face do Senhor ?

O *ponto de admiração*, no fim de uma phrase exclamativa :

Oh immatura morte, que a ninguem
de quantos vida teem, jámais perdoas !

4 — Ha outros signaes ainda, simples auxiliares, que servem apenas para maior clareza da escripta. São — as *aspas*, o *hyperbato*, a *alinea*, o *parenthesis*, o *travessão*, etc.

As *aspas* indicam uma citação textual. Escreve-se este signal ao começar e fechar a citação.

« Se amas a vida — disse um sabio — não desperdices o tempo, que é o estofo, de que ella é feita ».

A *alinea*.— O seu nome está dizendo o que é (*á linha*):

Quanto ao desenvolvimento da expressão, o estylo póde classificar-se do seguinte modo:

conciso
preciso
desenvolvido
prolixo.

O *parenthesis* serve para encerrar palavras ou phrases de sentido independente ao periodo. O parenthesis não deve ser extenso, nem empregado frequentemente, « como fazem os que não sabem achar logar conveniente para as idéas. »

Perseverar no erro (depois de conhecel-o e nelle ter cahido) é fazer do erro porfia, com descredito do juizo.

O *travessão* indica maior pausa que a virgula, que chamamos a attenção do leitor para o que se segue, e, nos dialogos, á entrada de cada interlocutor.

Elmano, lê-me os teus versos.
— Melhor sorte me dê Deus!
Tremo d'isso!— E porque tremes?
— Porque podes ler-me os teus.

(O *hyphen* é um traço horisontal que serve para separar syllabas no fim da linha, etc.)

5 — Nos primeiros mss. o unico signal de que usavam era o *ponto* (colo); nos *Cancioneiros*, a pontuação deve ser considerada antes como indicativa de inflexões ou accidentes da musica porque eram notadas as cantigas, de que como logica d'incisos grammaticaes; pois « afóra pontos fallecem-lhe todos os outros signaes orthographicos actualmente em uso ».[1]

No Sec. XVI muito descuravam os copistas da pontuação, que já consistia no *coma* (dous pontos), *colo* (ponto), *vergas* e *virgulas*. C. Michaelis confessa a difficuldade que muitas vezes encontrou para comprehender immediatamente o pensamento do autor, pelo máo ou nenhum pontuado.

---

[1] Castilho (A. F.) — *Pan.* 1845.

6 — EMPREGO DE LETTRAS MAIUSCULAS. — São usadas nos seguintes casos:

No começo de um periodo, e no de uma phrase que se segue a um ponto final, de interrogação ou admiração. Nem sempre, porém, se emprega depois do interrogativo, principalmente quando não é para obter resposta, mas para dar mais força ao pensamento, para exprimir emoção violenta:

> Como? da gente illustre Portugueza
> ha de haver quem refuse o patrio Marte?

Para começar uma citação, que neste caso é precedida por dous pontos:

S. Paulo disse: Quem ama ao proximo cumpre a lei.

Nos nomes proprios, pronomes de reverencia, titulos nobiliarchicos;

João; Vossa Senhoria; o Visconde do Rio Branco.

Nos nomes de composições litterarias e artisticas, jornaes, etc.:

A Iliada; os Lusiadas; a *Noute* é uma das telas de Pedro Americo; o *Jornal do Commercio*.

Como inicial dos nomes de cousas personnificadas: — *a Arte*, e das adjectivações consagradas pelo uso ou convenção: — *Creador Pae Omnipotente* (com referencia a Deus); *Fidelissimo* (id. aos Reis de Portugal), etc.

Nos nomes dos edificios notaveis, repartições publicas, etc.: — *o Pantheon*, *o Museu Nacional*, a *Casa da Moeda*.

Mas hoje já se escreve com muito mais liberdade quanto ao emprego de maiusculas (*alfandega da côrte, thesouro nacional* — o que póde dar logar a equivoco —, *o barão de Macahubas*, etc.

O começar cada verso por lettra maiuscula não é hoje de rigor.

QUADRAGESIMA SEGUNDA LIÇÃO

Figuras de syntaxe — Particulas do realce

1.— A syntaxe emprega varias figuras para maior clareza do pensamento ou harmonia da phrase, para maior energia da expressão ou colorido.

2.— As principaes *figuras de syntaxe* (de construcção ou grammatica) são :

a) Ellipse.— E' a suppresão de uma ou mais palavras necessarias á perfeita construcção da phrase, que todavia conserva sentido claro.

A ellipse tanto omitte o sujeito, o verbo e o attributo, como todos elles ao mesmo tempo, os varios complementos, preposições, conjuncções, etc.

> Redobrae (*vós*) com mãos piedosas
> Esmolas que milagrosas
> Recobrareis feitas rosas
> Nos campos do eterno abril
>
> (Cast.)

Bemaventurados (*são*) os pobres de espirito.
Era um velho (*dotado*) de semblante severo.
(Nos) Somos *(alumnos)* do Collegio Menezes Vieira.
Irei *(no)* domingo ; *(por)* sessenta annos vi-o consumir-se na meditação ; peço-te *(que)* me escrevas, etc.

A ellipse é devida á impaciencia do espirito humano, á sua imaginação arrebatada, ao desejo de chegar com rapidez á solução do raciocinio *(Lat. Coelho)*.

A ellipse é um dos resultados da lei de menor acção. A do verbo é frequente em todos os periodos da lingua.

Occorre principalmente :

a) Nas phrases intimativas :

> Aos infieis, Senhor, aos infieis
> E não a mim que creio o que pedeis.
>
> (Camões)

b) Nas exclamações : — *No mar tanta tormenta e tanto damno* (Id.)

c) No começo das interlocuções :

> Qual em cabello : Oh ! doce e amado esposo
> Sem quem não quiz amor que viver possa.
>
> (Id.)

d) Nas locuções populares : — *commigo não ; máo máo*, etc. Tambem é vestigio da tradição latina — *nihil ad me ; di meliora* (deut).

e) Nas construcções participaes : — *Passados alguns annos*. E' vestigio do ablativo absoluto latino [1] : *Em penedos os ossos se fizeram ; Mostrou-se affavel com os povos, com os soldados liberal.*

Pleonasmo.— E' o emprego de palavras superfluas na apparencia, mas que servem para dar mais força ao pensamento :— *Importa-lhe a um homem passar ás Indias ; Ouvir com os ouvidos ; vêr com os olhos*, etc.

O pleonasmo oppõe-se á ellipse. E' figura que em nada altera a construcção grammatical.

Inversão.— E' inverter a ordem, consagrada pelo uso, dos termos da proposição ou dos membros da phrase ; para evitar ambiguidade ou dissonancias, para tornar a expresão mais energica ou graciosa.

Anastrophe.— Consiste na inversão das palavras correlativas.

Hyperbato.— E' tambem uma especie de inversão, que transpõe expressões e pensamentos, geralmente para har-

---

[1] Vid. Lição 36.

monia do tecido da phrase : — *Nas tormentas da maledicencia o mais tranquillo e abrigado porto é o silencio.*

E' tão frequente no portuguez como a ellipse.

D'ahi a graciosa brevidade da nossa lingua, e a sua harmonia.

HYPALLAGE.— E' a figura que muda a construcção invertendo a correlação das idéas.

ENALLAGE.— Consiste em mudar os modos e tempos dos verbos (*vou* p. *irei*, *fôra* p. *fosse, amára* p. *amaria*, *chega* p. *chegou*,......)

As narrações mais ganham em colorido, quando se emprega o presente pelo passado.

SYLLEPSE.— Esta figura faz a palavra concordar, não com o seu correlativo, mas com a idéa que elle comprehende. « A palavra deixa então de responder ás regras grammaticaes, para responder ao novo pensamento. » E' incorrecção a que ninguem hoje se abalançaria, mas de que temos exemplos no portuguez antigo. (Essa *gente*, eu *os* vi bradando; e o *povo apedrejaram*....)

3.— Temos ainda algumas figuras, a que chamam de dicção ou de palavras propriamente ditas:

REPETIÇÃO.— Para dar mais energia á phrase, repete-se uma ou mais palavras.— *Ah! coitado de ti! ah* triste, triste!; Tu, só tu, *puro amor*; Já *não me ouves?* Já *não te hei de ver?*; *No mar* tanta *tormenta* e tanto *dano*, tantas *vezes a morte apercebendo* (Cam.); *O ouro a terra o cria, a terra o tem* (A. Ferr.)

REDUPLICAÇÃO.— E' a repetição, não de palavras, mas de idéas :— *quedou-se mudo, e não articulou palavra.*

Pode dar-se pela synonymia ou quasi synonymia :— *Era fogo, era raio, era corisco* (V. do Arc.).

ANAPHORA.— E' a repetição de uma ou mais palavras no principio dos diversos membros de um periodo.

ANTISTROPHE — E' o contrario da palavra. Sirva de exemplo esta passagem de Bourd:— *O universo é domi-*

nado pelo espirito do mundo; o homem julga segundo o espirito do mundo; procede e governa-se de accôrdo com o espirito do mundo; até estimaria servir a Deus conforme o espirito do mundo.

Disjuncção.— Subtracção das particulas subjunctivas, e com isso o estylo ganha em rapidez e melhor destaca os objectos — *vim, vi, venci. Está tudo contente, alegre tudo; eu só, só pensativo, triste, e mudo.* (Cam. Ecl.)

Antanaclase.— E' a repetição na phrase, de uma mesma palavra tomada em diversa accepção:— *Formosa virgem* clara, *inda mais* clara *que a luz ante quem foge a noite escura*; *Com* pena *te lavro a* pena.

Si as palavras formam opposição, a figura chama-se *antimetathese.*

Paronomasia.— E' a approximação de palavras de som quasi identico, mas cujo sentido differe, ou trocado feito pelas varias mudanças de sentido :— *E o peior é que não só se vê em nós a meninice, que é defeito da idade, senão as meninices, que o são do juizo*; *Dos meninos é proprio o aprender; dos mancebos o emprehender; dos varões o comprehender, mas dos velhos o reprehender.*

4. — Particulas de realce — A's vezes acompanham esporadicamente o objecto directo, certas particulas — sem significação nem funcção grammatical — a que chamam alguns grammaticos — *de realce*, outros — expletivas. Ex. *Quasi* que *me perdi;* em *começando a chover; deixa-os lá fallar; cumpri o meu dever; arrancou das espadas.*

Em *sabe fazel-as, disse-as boas, as* não é particula de realce, como erradamente se tem escripto. Em outro logar já lhe explicamos a origem.

O professor F. Barreto, visto haver exemplos de objecto directo acompanhado de preposição não expletiva *(nem elle entende a nós, nem nós a elle),* diz que melhor, fôra empregar a denominação *objecto directo sporadicamente preposicional,* que comprehende os casos expletivos e não expletivos.

QUADRAGESIMA TERCEIRA LIÇÃO

Dos vicios de linguagem

1.— Chamam-se *vicios de linguagem* as anomalias da lingua, devidas á ignorancia popular, ao deleixo do escriptor subalterno, e ás vezes ao pedantismo classico.

Comprehendem os *barbarismos* e os *solecismos*.

Barbarismos são os vicios *lexicologicos*: consistem no emprego *excusado* de palavras e phrases estranhas á lingua, sem a quéda e o geito das nossas « com que querem conviver »; em dar á palavra emprego differente do que realmente tem; em articular e accentuar erradamente os vocabulos. Ex.:— *bouquet*, *comité*,... *taciturno* (empregado por triste), *carrinhos* (em vez de *carrilhos*), *confeccionar* por fazer, organisar, *pégada* por *pegáda*, etc.

Os *solecismos* (barbarismos de phrases) consistem no emprego de construcções viciosas, contra a indole da lingua. São pois vicios *syntacticos*: — *tu sois*, *para tu*, *houveram homens*, etc.

2.— São principaes vicios de construcção:

Amphibologia ou *ambiguidade*. E' a construcção a que se póde dar duplo sentido: *ama o povo o bom rei*, *a aguia matou a pomba no seu ninho*.

Obscuridade.— E' a falta de clareza, pelas muitas ellipses ou hyperbatos exagerados:— *Certo é que quaesquer hitorias muito melhor se entendem, se perfeitamente e bem ordenadas, que o sendo por outra maneira*.

A certas as quaes cartas ou os quaes sermões de sancta auctoridade do vedro, ou novo Testamento, non é senon muy dereyta carreyra da vida humana.

3.— Os barbarismos tomam as denominações de hellenismos, latinismos, germanismos, hebraismos, etc. conforme a sua origem.

Do sec. XII ao XIV é a época dos latinismos entrados na lingua naturalmente; do V ao XII é o dos germanismos; do VII ao XIII é o dos semitícismos; no XII germinam os gallecismos; No XV recomeça o imperio dos latinismos, que se estende ao XVI, notavel ainda pelos hespanholismos e italianismos, etc. Hoje temos de tudo isso a mascavar a lingua; mas os principaes barbarismos, não só porque mais avultam em numero, senão tambem porque mais a afeiam, são os gallicismos.

4.— Temos gallicismos lexicos e syntaxicos.

a) São gallecismos lexicos: — bouquet, soirée, negligé, fauteuil, comité, toilette, boudoir, coquette, desolado, nuança, petimetre, plateau, bello espirito, (p. engraçado, chistoso), chefe d'obra (obra prima), grande mundo (sociedade selecta, elevada), guardar o leito (estar de cama), deboche (dissolução, desmancho de costumes, devassidão, corrupção), etc.

A era dos gallicismos data do Sec. XII; mas é principalmente da época de D. João IV que o portuguez começou a modificar-se sob esta influencia no lexico e na syntaxe (*tacha*, *vianda*, *trampear — tromper — quitar*, *esguardo*, *apres — ensembra*, *jalne*-amarello...)

Alguns gallicismos, condemnados — por S. Luiz, N. de Leão, Tullio, etc., não o devem ser. *Adiar*, *activar, annuidade, barricada, felicitações* (porq. se temos *felicitar*, lat. *felicitare=tornar feliz*, Donato?), *inabalavel, inconcebivel*, *regressar* (l. *regredior*, *regressus*), *rotina* (dim. de *rota,* ant. *ruto*, lat. *rupta*), etc. Tambem não devemos condemnar *trenó* = fr. *treneau,* porque não

exprime exactamente o mesmo que *trilho*, *gorra* ou *seléa*; *Tartufo* (que é um neol. por ficção litteraria), nem os modos usuaes de fallar — *cahi das nuvens*, *perdi a cabeça*, etc. porque representam figuras communs a todas as linguas. [1]

Ha gallicismos hoje correntes, — *cache-nez*, *abat-jour* (que chamaria — *quebra luz*), *banal*, *fatigante*, etc.

b) São gallecismos de construcção :— *fazer um passeio ; a festa terá logar ; partilho das suas opiniões ; rapaz de má conducta*, etc., e enxertos que devemos regeitar.

Tambem ha construcções para as quaes achamos injustas a condemnação de *barbaras*, como p. ex.: sem ti *não alcançaria este logar ; o que ha* de *ruim*, etc.

5 — Quando os vicios oppoem-se á harmonia da phrase ou euphonia, chamam-se *vicios de* harmonia.— Os principaes são — a *cacophonia*, o *echo*, o *hiato*, a *collisão*.

Cacophato é o vicio resultante da concurrencia de syllabas formando um vocabulo inconveniente, ou torpe : — *alma minha,* a tua opinião *como as concebo*, tens-*me já dado* amor bastantes penas, *por cada* vez, a *faca d'ella*,..

Echo é a dissonancia resultante da repetição das mesmas syllabas :— *o seu estado inspira cuidado* ; *um* ente *independente*.

Hiato é a dissonancia produzida pela successão de vogaes, principalmente abertas :— *á aula*.

Collisão é o vicio resultante da repetição de certas consoantes (*r* e *s* finaes).

---

[1] Pacheco Junior, Gr. hist. *Elementos historicos 138*.

QUADRAGESIMA QUARTA LIÇÃO

Anomalias grammaticaes—Idiotismos—Dialectos—Provincialismos— Brasileirismos

1. — ANOMALIAS GRAMMATICAES. — São factos da linguagem insubordinados ás leis grammaticaes.

Podem ser *phonicas, morphologicas* e *syntacticas.*

a) O *l* inicial latino persistiu no portuguez, ou permutou — raras vezes — em *r* e *n;* e todavia — como acontecia ao medio, mesmo em latim, o *l* inicial latino transformou-se em *d:* — *deixar*, ant. *leixar*, lat. *lasciare; dimite* (limite),.... O *grupo pl* latino foi substituido na linguagem popular pelo grupo portuguez *ch:* — *plorare* = chorar, *pluvia* = chuva, *plenus* = cheio,.... mas, por influencia hespanhola, *planus* deu *lhano* (por — *chano*, *chão*, *chaneza* p. *lhaneza*, etc.)

b) — A palavra *carrilho* = meio, caminho, adulterou-se em *carrinho* na phrase vulgar — *comer a dous* carrinhos; *malandrim* corrompe-se em *malandro; cinea* alarga-se em *cincada*.

A semantica [1], pois, é tambem origem de anomalias grammaticaes.

c) — São mais raras as anomalias syntacticas, e ás principaes já nos temos referido: — *eu parece-me*, *ter* p. *haver* (tem muitos homens incapazes do bem), o pro-

---

[1] Este termo foi creado por Darmsteter na sua ultima obra, e aceito por G. Paris, Bréal.

nome sujeito proclitico, nas phrases interrogativas: — *tu queres comer?*; começar a sentença pelo pronome apassivador *se:* = se *contam cousas do arco da velha*, etc.

2. — Idiotismo. — Dá-se este nome (do grego *idiotismos* = modo de fallar trivial, vulgar) ás dicções, aos factos grammaticaes, peculiares a uma lingua, mas que muitas vezes reagem á analyse.

Os idiotismos germinam de preferencia na linguagem familiar e popular; mas — como pondera Longino — dão elegancia e energia ao discurso, e delles se aproveitaram com vantagem escriptores classicos e de boa nota.

Os idiotismos são phrases construidas contra a etymologia e a syntaxe natural da lingua, e cuja significação é, em regra, arbitraria e convencional.

Os idiotismos convencionaes coincidem em varias linguas: — *schöne Fraue, a prettry woman, bonita mulher* é o mesmo que *femina formosa*, apesar da inversão dos termos; *there are birds, il est* — il y a — *des oiseaux, ha passaros*, tem em outras linguas equivalentes logicos. *How do you do* = *comment vous portez-vous* = *como estaes?*

Ha, porém, differenças idiomaticas que só podemos verter para outra lingua por meio de um equivalente periphrastico; ha palavras cuja traducção exacta é impossivel, como p. ex. — all. *ahnen,* verbo, e o subst. derivado *ahnung*; ing. *home;* port. *saudade*, etc. [1])

São idiotismos vernaculos — o infinito pessoal, a propriedade singular do verbo *haver*, varias transposições arbitrarias, o emprego do adj. art. antes do adj. poss. (*a minha casa*), que tambem era de uso no hesp. do Seculo

---

[1] V. Pacheco Junior *Cartas lexicologicas* 1880.

Para *home* dêmos patria, e lar, os penates, a familia, etc.: mas tudo isso apresenta friamente a palavra ingleza que nos transporta subito á patria, ao lar, á familia, juntamente, com amor e saudade. O *Sweet home* é a doce, a branda estancia; a querida, a saudosa patria, etc... mas tudo isso não desperta subitamente no Inglez a idéa do seu *home, sweet home*.

XVII, e nas outras linguas romanas — *il mia favella ; le mien cheval,* etc.

3.— Dialectos.— Dialecto é a lingua peculiar a uma provincia, cidade ou estado, alterada do idioma d'onde procede — na pronuncia, na accentuação, desinencias, no lexico, na syntaxe.

A's vezes o dialecto conserva fórmas mais primitivas que a lingua classica, e muitas outras o seu vocabulario excede ao desta em riqueza [1]

Varias são as causas concurrentes para as differenciações dialectaes, — o clima, os grandes cataclismas das raças e sociedades, o gráo de cultura litteraria.

São tres os dialectos portuguez — *gallego,* — o *indo-portuguez*, o *suajo*.

O *gallego* representa uma phase evolutiva do portuguez antigo. No seculo XII havia em Portugal duas linguas identicas no fundo — o *galleziano* fallado ao norte do Mondego, e o *aravio*, ao sul. Estes dous dialectos, que mais differençavam na phonetica, « foram gradualmente a fundir-se á medida que se estabelecia a unidade do territorio portuguez ».

O gallego ficou estacionario ; ao passo que o portuguez seguiu o seu desenvolvimento natural. [2]

Vou âs vecinas romaxes,
Vou ôs pobos, vou âs feiras,
E de cote ven meus ollos
Rapazas garridas n'elas
Vexo mocinãs que teñem
Dentes que parecen pelras,
Meixelas como craveles
E dourada cabeleira,
Bermellos labios, y-ús ollos
Que tolo a un santo volveran

---

[1]) O portuguez fallado no interior do Brazil conserva muitas fórmas já archaisadas em Portugal, e o nosso lexico possúe pelos menos uns 6.000 vocabulos mais.

[2]) Quem quizer saber mais sobre este dialecto leia — *gramm. Gallega* de Sacco Arce.

O *africano* e o *indo-portuguez* datão do Sec. XV, e são fallados em Ceylão, Diu, S. Thomé, Cochim, etc. O ultimo tende a desapparecer ante a supremacia do governo inglez.

No *portuguez de S. Thomé* é de notar a queda do *r* (*jadim, stoia, bendê, bendedô,*... = jardim, historia, vender, vendedor); a sua permuta pelo *l* (*luá, pledê, calo* = rua, perder, caro); os vestigios da antiga pronuncia (Sec. XII, ainda conservada na Galliza) — *notchi* noite, *negocho* negocio; as formas syncopadas *nìno* menino, *poçon* povoação, etc.

Formam o plural em *i*, mas geralmente pela anteposição pronominal: — *inem* moço = *elles* moço (moços).

Especimen

Padê nosso cu sá no cjé, santificado seja vosso nome, venha nosso vosso lêno, seja feta vossa vontade achi na tela cumo no cjé, pom nosso dji cada djá non da hodje, podoá nom dji tudo djivida cu nom câ lê, achi cumô nom cá podoá nosso devedô, nom dessa nom quiê ni tentaçon, mas livla nom de tudo mali. Amen Jigú.

No portuguez de *Cochim*, são muitas as corrupções phoneticas: — *e* p. *a* (*ainde, noves*), *i* p. *e* (*carni, grandi*), *na* p. *em* (*na* todo logar), *o* p. *a* (*madrinho, miserio*), etc.

Formam o preterito com *ja* (*quem* ja fala = *falou*), o imperativo com *vae* (vai *nos faze*); empregam o presente pelo imperfeito e futuro (*quilai*[1] *te* bote — botavas; *que dia vosse* te parti = partirás), etc.

Formam o plural pela reduplicação: — *senhor senhor* = senhores.

Especimen

Bom dia, senhô, quilai tem saude? — Tem bom, muito mercê. — Vambos nos vai pesca hoje? Vambos vai. — Quem ja fala? — Ante tarde ja foi dos manchu nosso jente, cada manchu ja pega sinco peixi. Si nos vai, nos lo pegue peixi.[2] — Nos pode vai justo sinco hora — Vosse més (*você mesmo*) compre isca, eu lo faze pronto cordo. — Vosse podi impesta por mi um anzol?

---

[1] *Quilae* (= que laia) = como.

[2] *Lo* indica o futuro dos verbos.

O portuguez de *Diu*, tambem apresenta muitas modificações phoneticas: v. gr. — a troca do *e* pelo *a* (*lavanta*), a quéda das molhadas, das vogaes e consoantes medias (*imbrui* embrulho, *quião* quinhão), *mê* meu, *os* vossos, *su* seu, *outr*, *corp*, *sempr* (omissão da vogal final).

Especimen

Eu já comeu, já fez, etc. Eu had vai.
Mais logo que vêo est os filh que já gastou tud quant tinh com mulher de má vid, log já mandou matá cabrit gord. Então su pai já fallou: Filh, os sempr tem junt de mim e tud de min é de ós.

O portuguez de *Ceylão* é muito mais correcto na pronuncia e construcção. Basta confrontar o especimen acima com o seguinte:

Mas este teu filho quem já desperdiça tua fazenda com mundanas quando já vi, tu já mata por elle o vaccinha gourda. E elle já falla por elle, Filho, vosse sempre tem com mi, e todas as minhas cousas tem vossas. [1]

O portuguez fallado no Brazil diverge do fallado em Portugal, não só, e mui principalmente, na pronuncia, mas tambem em algumas transferencias de significação, facto este a que já nos referimos em outro logar (*babado*, que no Brazil tambem sign. fólhos de vestido, *fazenda* — propriedade rural, *xacara* — casa de campo, *muqueca* — guisado de peixe, etc.)

O vocabulario é o mesmo, mais opulentado com o elemento tupy-guarani, e mais alguns termos africanos. Devemos, porém, attender ás inevitaveis idisyoncracias mentaes.

Na pronuncia a differença consiste principalmente em mais fazermos soar as vogaes, no accentuarmos syllabas subordinadas, e ainda não estarmos tão sob a lei da menor acção. Influencia climaterica. Pronunciamos *pápel*, *bórdo*,

---

[1] Schuchardt — *Kreolische Studien*, Wien, 1882.

impérador, *corôa*, *pelotão*,... o Portuguez *pâpel, bôrdo*, *imp'rador*, *cr'oa*, *p'lotão*, etc. E' tambem muito commum a troca do *e* pelo *i* : — *mi deixi*, *minino*, que em Port. pron. sempre *menino*, etc.

Differenças syntaxicas importantes são raras, e apenas na linguagem vulgar : — *fui* na *casa*, *estava* na *janella ;* o emprego do pronome sujeito pelo objecto — *vi elle*, e tambem *vi-lhe*, *isto é para* mim *ler*.

4. — Provincialismos [1]. — São particularidades locaes no modo de fallar uma mesma lingua dentro do mesmo paiz, mais ou menos accentuadas na pronuncia, vocabulario e phraseologia.

As circumstancias que concorrem para o enfranquecimento dos laços politicos e sociaes, ou para o enfraquecimento de um povo, augmentam o numero das discordancias no seio da lingua geral (Whitney).

Mais. Na mesma cidade o homem culto pronuncia de modo mui differente do analphabeto.

Já S. Rosa de Viterbo notára no *Elucidario* que, em innumeraveis dos nossos antigos documentos variava a escripta á proporção que variava a pronuncia, a qual muitas vezes até em cada provincia discordava : — *S. Cibrão*, *S. Cipriano*, *S. Cibriam*, *S. Cydram* p. *S. Cypriano*; *Sanhoane*, *Sanoanne*, *Sonoane*, *S. Oan*, *S. Jam*, *S. Jom*, p. *S. João*, etc.

Os Madeirenses pron : — *máoo, bâoa,* p. *máo, boa*, trocam o *e* grave accentuado antes de articulação chiante ou molhada por *a* grave : — *pâjo*, p. *pêjo*, *tânho ;* e o *e* agudo antes das mesmas articulações em *ei* : — *meicha* = mécha ; *hireige* = herege ; *seige* = sége, etc.

Em alguns logares de Portugal mudam *ê* e *ei* em *ai :* — *baijo ; meu báim*.

---

[1] Pacheco Junior — *Phonologia portugueza*.

Os Minhotos trocam o *b* p. *v* e o *v* p. *b*; pron. *om* nasal onde nós dizemos *ão*: — *fizerom, razom,* e dão ao diphthongo *ou* o som de *ão*: — *são* = sou.

Tambem os Beirenses trocam o *b* por *v* reciprocamente; dizem *non*, *som,* etc., (fórmas mais proximas do typo latino *nom, sum,* etc.); terminam os verbos archaicamente em *ari*, *êri*, *iri* (amari, beberi, etc.), [1] e dão ao *z* um som de *x*: — *dixe, dixere*, que em outras provincias se pronuncia com o som de *g* — *digere*, etc.

Nestes modos de fallar ha uma certa harmonia com o prisco escrever, que muitas vezes é mais etymologico e harmonioso, como succede nas fórmas antiquadas — *terribil*, *amabil*, etc.

Os do Algarve e Alemtejo mudam o diphthongo *eu* em *ei*: — *mei pai*; a molhada *lh* simplifica-se na liquida *l*: — *eu dicele* (e assim pronunciavam os nossos maiores); o *ei* dos pret. em *i*: — *almoci,* etc.; dizem — *pidir*, *midir*, etc. Trocam o *z* por *g* — *digia, fagia, vigitar*, e dizem — *fuge*, *pacencia*, *home*, *canairo*, *preguntar*, *precurar*, *leixar*, *dixe*, *trouve, ao redol* (= ao redor), etc.

Os Conimbrenses pronunciam: — *aialma, aiaula*, *setiora*, *novóra*, *fruita*, *astrever-se,* etc.

Em Lisboa onde, como espirituosamente observou um escriptor Portuguez, « *hadex* ver como franzem o *narix* á *cuxta* do Gallego, e como não *handem* perceber ou imaginar que *sam ellex quem extá* no erro », pronunciam — *cravão*, *cravoeiro*, *cravalho*, *crapinteiro*, *menza, auga*, *augadeiro*, *todódia*, etc.

Tambem em Extremadura notam-se as mesmas indesculpaveis incorrecções, *questães, grões, afflições*, etc.

Os da Beira, onde se pron.: — *non* (= não), *som* (= sou), *hai* (= ha), e trocam o diphthongo *ou* em *oi*:

---

[1] Foi por isso que Bluteau observou que « nos infinitos dos verbos, falam os nossos Ratinhos melhor que os Palacianos. »

— *oivir*, *oivido, coive*, etc.; são, todavia, os unicos que pronunciam com verdade o *ch*, cujo som confundimos, e confundem os de Lisboa, com o de *x*. E' assim que elles dize *tchapéo*, *tchave*, *tchá*, e nunca *xapéo*, etc. As articulações *ch* e *x* não tinham o mesmo valor, e nessas variedades e distincções de som está muito a belleza e perfeição das linguas.

Todos esses vicios, porém, são devidos á tradição, e a sua persistencia á falta de cultivo intellectual.

No Brazil são mais de notar os provincialismos do Ceará, Rio Grande do Sul, Goyaz e S. Paulo.

Nesta ultima provincia as syllabas soam todas ellas largas, abertas; a falla é descansada e como que cadenciada, a molhada *lh* não sôa na pronuncia — *teiado*, *miio*, *fiio* p. *telhado*, *milho*, *filho*, etc.

5 — Brasileirismos [1]. — São termos e modos de fallar peculiares aos Brasileiros, e muitissimos d'elles desconhecidos em Portugal, o que não é para admirar porque o mesmo acontece aqui de provincia para provincia.

Os termos que seguem são brasileirismos e modos de dizer proprios a cada provincia.

Arrelia — birra.

Amojada — No norte diz-se, e com cabimento, que a rez está *amojada* quando está prestes a parir; estado que tambem se conhece pelo amojo, rigidez das têtas.

Aluá — bebida feita com agua, assucar e farinha de milho torrada.

Aipim — mandioca (Rio de Janeiro).

Arapúca — armadilha de varinhas para apanhar passarinhos.

Atirar — é a acção que faz o dansante nas dansas populares, para tirar quem o substitua.

---

[1] Pacheco Junior — *Grammatica historica* pag. 142 a 150.

Atapú — buzio que serve de trombeta ao jangadeiro para chamar freguezes ao peixe.

Amolar — enfadar alguem com importunidades, palavras de ôca d'orna, etc.

Amolador — homem enfadonho.

Batuque
Jongo } dansa de negros (voc. afr.)

Boquinha — beijo.

Bocaina — lugar estreitado entre serras ou cabeços.

Baião — dansa popular.

Bebida — bebedouro (Ceará).

Barbicacho — cordão com borla, preso ao chapéo para que o vento o não leve (Rio Grande).

Banzeiro — (alem da signif. propria) — individuo meditabundo.

Brado e corado — homem sem medo, destemido.

Bala
Onça
Topetudo } homem valente, destemido.

Cauim — vinho de mandioca.

Ciscar — estorcer-se no chão após um golpe, pancada, etc.

Chiquerador — tira de couro torcida presa á extremidade de um páo. Instrumento de castigo. No Rio de Janeiro e Minas dá-se-lhe o nome de *relho*.

Cuia — vasilha feita de cabaça partida ao meio, e tirado o miolo.

Combuca — vasilha feita de uma cabacinha furada, onde se toma matte.

Capeta — duende (Ceará), demonio.

Chibio — garoto, bregeiro (Norte).

Capim — herva para pasto do gado (voc. tupy).

Coivára — pequenas fogueiras para queimar os galhos etc., que escaparam ao fogo geral.

Cuchillar — dormitar sentado ou de pé.

Cangote — cachaço.

Carapina — carpinteiro.

Caçulo, a — ultimo-genito,

Calundú — amúo, arrufo.

Chilenas — esporas enormes de ferro ou prata, com grandes rosetas.

Calunga — boneco (Pernambuco). rato pequeno, murganho (Bahia)

Camondongo — id. Rio de Janeiro)

Campeão — cavallo em que o vaqueiro campêa (Ceará).

Cavallairano—homem que negocia em cavallos (Ceará).

Cangaceiro — individuo que blasona de valente, sem ter bullas para isso.

Cabra — filho de mulato e negra ou vice-versa. No Norte dá-se este nome aos que andam descalços, ou uns aos outros na conversa familiar.

Cangações — cacarécos (no Norte.)

Catinga — transpiração fetida dos sovacos, bodum, especialmente dos negros; mato pouco espesso mas garranchoso. (Ind.) D'ahi vem chamar-se *rez catingueira* á que se esconde nas *catingas*.

Caruára — bezerro enfezado, doente.

Chimango — que pertence ao partido liberal (ao Norte)

Carcará — caranguejo :— que pertence ao partido conservador (Ind.)

Croá — abobora vermelha (Ceará).

Coirama — botas curtas de couro branco.

Caipira — sertanejo.

Caipora — (tupi *caa-pora*) 1°, pequeno caboclo bravo, que vive nas florestas do sertão, malfazendo ás vezes, principalmente quando lhe negam fumo (superst. pop.); 2°, luz fátua que apparece nos matos; 3°, homem infeliz nos seus commettimentos.

Caiporismo — infelicidade, insuccesso nas emprezas.

Chapelina — chapéo usado pelas mulheres sertanejas em algumas provincias do Norte.

Comadre — mulher do povo, que parteja a gente pobre e escravas.

Caritó — pequena prateleira que se põe a um canto (Ceará, etc.)

Cangapé — ponta-pé que faz cahir quem o leva.

Cargueiro animal de carga, e, por extensão, o homem que o tange.

Caco — tabaco em pó, fabricado e usado pelo povo (Ceará). Em Minas dá-se-lhe simplesmente o nome de pó.

Desabusado — homem corajoso, pouco soffredor de injurias.

Desfructavel — individuo que se dá ao ridiculo.

Desfructar alguem — metter alguem a ridiculo.

Debicar — chufar, mofar, fazer com que alguem enfie.

Debique — chufa, mofa.

Dadeira — mulher adultera.

Destabacado — destemido.

Encartado — galhofeiro, jovial.

Exquisito — extravagante, que move a riso.

Embiratanha — planta de embira.

Enxamear — encher os vãos das paredes feitas com taipas, de pedaços de páo e barro.

Encordoar } amuar-se ou enfiar por motivo de chufas ou
Encalistrar } gracejos, tambem se emprega activamente.

Fadista }
Findinga } prostituta, barregan.

Fuxicar — amarrotar, enxovalhar (roupa, etc.)

Farofa — carne mexida com farinha.

Fabrica — (Ceará) rapaz que ajuda o vaqueiro na estancia.

Fachina — soldado em serviço fóra do quartel.

Famanaz — (ao Norte) muito afamado.

Flato — ataque de nervos.

Goraca — cinta de couro que se fecha com dous botões grandes ou moedas de ouro ou prata, com uma bolsa.

Girimum — (ao Norte) abobora. (Ind.).

Geraes — logares ermos (N.) „ Perdi-me nesses Geraes"

Gereré — rede de pescaria.

Girão — leito de varas sobre forquilhas; tambem serve para moquear carne, guardar louça, etc.

Graucá }
Gaujci } caranguego.

Garapa — caldo de canna moida no engenho.

Isqueiro — pequeno tubo de metal ou ponta de chifre com tampa de porongo ou metal, que serve para guardar *isca* a que pegam fogo com fuzil e pederneira para accender cigarro.

Igacaba — talha grande para agua (Norte.)

Igarvana — homem navegador.

Ipueiras — logares que no inverno se enchem d'agua, conservando-a por tempo dilatado.

Jacá — cesto comprido com tampo, feito de taquaras.

Jandahira — abelha.

Muxinga — açoute (voc. afr.)

Muxingueiro — o que açouta.

Mungangas — momos.

Muxoxo]— estalo com os labios em signal de desprezo.

Mulambo — farrapo, andrajo.

Mascate — antigamente mercador estrangeiro; hoje o que vende fazenda pela rua.

Mascatear — vender fazendas pela rua.

Mandinga — feitiço.

Muquiar — preparar certo guisado.

Muquem — logar onde se muquia.

Manjo — jogo do tempo será; Maria mocangueiro.

Macachêra — mandioca doce (Norte) a que no Rio de Janeiro dão o nome de *aipim*.

Mocambinho — (Norte) habitação feita no mato por negros fugitivos.

Mocambos —vastas moutas no sertão onde se esconde o gado.

Maldictas— sezões, maleitas, febres de crescimento.

Mocotó — mão de vacca.

Muxiba — pelles de carne magra.

Matuto — sertanejo, homem atoleimado.

Massada — cousa que causa fastio, aborrecimento.

Nonhô, ã [1] } mancebo, senhor moço,
Yoyô, *yayá* } senhora moça.

Ordenança — além da significação propria, designa a praça que acompanha e está á disposição dos Ministros, Presidentes de Provincias, e outras autoridades.

Obrigação — familia (como vai a obrigação?)

Presiganga — náo que serve de prisão.

Pequira — cavallo pequeno.

Pagé — adevinho ; homem que livra de feitiços e encantamentos (Ind.)

Poncho (ponche) — especie de cobertor quasi redondo com uma abertura e gola no centro por onde passa a cabeça. Serve para resguardar o cavalleiro do frio e da chuva. Sendo de linho (por causa do pó nos dias de grande calma) chama-se PALLA.

Pacova — banana (Pernambuco.)

Pião — homem que amansa cavallo e burros *chucros* (bravos).

Passoca — carne secca pilada com farinha e cebolas.

Puxado—aposentos feitos depois de construido o predio.

Paspalhão — papalvo, fatuo.

Pereba (pareba) — qualquer erupção cutanea, feridinha com puz, sarninha.

Pipoca — milho arrebentado ao calor do fogo.

---

[1] Em S. Paulo e em alguns lugares de Minas abreviam-no em *Nhô*, *Nhã*, e dizem *Nhô Quim* (Sr. Joaquim), *Nhô sim*, *nhô não*, etc.

Quindins — requebros, melindres.
Quitute — iguaria exquisita e appetitosa.
Quitanda [1] — mercado volante de hortaliça, etc.
Quitandeiro — o que *vende quitanda*.
Quicé — (Norte) faca pequena.
Quilombo — lugar onde se refugiam e reunem negros fugidos.
Quilombóla — negro que se acolhe ao quilombo.
Quimanga — cabaço em que se guarda comida.
Rebenque — chicote curto de couro trançado, e com uma ou mais pontas de sola ou couro trançado.
Réve — vasilha de barro que não vasa pelos póros.
Samburá — cesto de cipó de boca apertada em que o pescador guarda o peixe. No Rio de Janeiro é uma especie de cesta com alça.
Senzala — habitação de negros nas fazendas.
Sipoada — vergastada (com cipó).
Sura — ave sem pennas na cauda.
Samba (sambar) — festa popular no interior na qual dança-se, bebe-se, e canta-se á viola; ir a samba, divertir-se nella.
Taba — aldeia (voc. tupy).
Tapera — estancia abandonada - lugar ermo.
Trapiche — casa onde se guardam generos de embarque e onde carregam e descarregam navios.
Tala — chicote pequeno com uma ponta larga de sola.
Tijuco — barro de estrada, pegajoso (voc. tupy).
Tupinambaba — maçame de linhas e anzóes.
Teméro — temerario.
Tirador — peça de couro que se prende á cintura para facilitar o serviço do laço, e não estragar a roupa.

[1] Antigamente chamavam *quitandà* aos campos Romanos onde se estabeleciam os vivandeiros (*De antiq. Rom.*) Em Portugal tambem outr'ora assim se denominavam as feiras e mercados de comestiveis: em Angola, ainda hoje, como no Brasil, significa mercado volante. (Lopes de Lima — *Ensaio Statis, sobre as poss. Port. na ultramar*.)

Tombador — (terreno) desigual, cheio de borracaes.

Tauçú — pedra furada presa a uma corda para servir de ancora ás canôas.

Torém — instrumento e dansa popular. [1]

Urú — bolsa de palha de palmeira buruty ou carnahuba. (id. ave).

Varjota — vargem pequena.

Vigario — homem astuto.

Xingar — chamar nomes a alguem.

Xingamento — descompostura de palavras.

Xeripá — chales com que os camponezes no Rio Grande cingem a cintura.

Xenxem — cousa desprezivel. Dava-se este nome a uma moeda hoje sem valor.

Tambem são de notar as mudanças phonicas ; assim é que no Pará diz-se *Labisonhos* p. *lobis-homem* : geralmente em todo Brasil a gente illetrada diz *Vosmecê* p. *vossa merçê ;* pronunciam *quarar* por *corar*, i. é, enxugar a a roupa ao sol depois de ensaboada *quarador* o logar grammado onde se estende a roupa a corar *cadê* p. *que é de*.

Nada tem entre o povo mais denominações do que a aguardente :— é a *bixa*, a *teimosa*, a *branca*, as *sete virtudes*, a *pilóia*, etc., por beber um trago de aguardente dizem — *tomar um codório*, *matar o bicho*.

Vejamos agora alguns modos de dizer do povo :

Levar tabóca, ou *de taboa*, *na cuia* — não conseguir o intento ; não obter despacho favoravel á pretenção.

---

[1] Muitas são as danças populares no Brasil. Além das já mencionadas temos o fado, o choradinho, a tyranna, o córta-jacca, o côco inchado, baião, o sorongo, o batuque, o jongo, cateretê, etc.

Muitos tambem são os nomes de arreios especiaes de que se servem no Rio Grande, S. Paulo e Minas (bastos, lombilhos, serigotes, etc.) cujas peças teem nomes tambem especiaes.

Tomar chá com alguem — mofar de.

Subir a serra }
Dar cavaco } enfiar.

Vêr-se em assado, em apuros — achar-se em apertos.

Homem ralado do mundo — experimentado.

Ter uns biquinhos — dividas de pouca monta.

Andar de ponta com alguem — estar picado, estimulado.

Entrosar — importunar ; querer parecer o que não é.

Bater a bota, esticar a canella — morrer.

Crescer para cima de alguem — dirigir-se para alguem ameaçando-o.

Estar de venta inchada — zangado.

Querer ensebar alguem, embaçal-o — querer illudil-o.

Dar as dedicas — empregar os meios convenientes (Ceará).

No Ceará é expressão muito vulgar — *para esse tanto*, ex. :— "Não julgar que se fallasse *n'esse tanto*." (a este respeito), uma razão para esse tanto, etc."

Advertimos que estes modos de fallar são apenas ostensivos na conversação familiar, e alguns só na da plebe, e que nunca se encontram em nossos escriptores, a não ser, execusado era accrescentar, os que o uso sanccionou e são necessarios, como *sura*, *giráo*, *ordenança*, etc.

Outrosim, é muito de notar a tendencia que tem o povo para dar a cousas ou profissões nomes que lhes não cabem, mas que todavia persistem, vendo-se a classe culta muitas vezes obrigada a sanccional-a :

Belchior — adello.

Maxambomba — antiga ferro-via urbana.

Barata — mulher pobre, que usa *capona*, i. é capa ampla e longa que cobre tambem a cabeça.

Bispo — vehiculo publico, *victoria* pequena tirada por um animal.

Bond — ferro-carril suburbano e urbano; além de denominações de certas molestias epidemicas, taes como: — *zamperina*, *polka*, *lanceiros*, etc. Quasi todas essas denominações, porém, coincidem com um facto politico ou social que lhes deu origem. São neologismos historicos.

Já dissemos — é o povo que representa as forças livres e espontaneas da humanidade.

QUADRAGESIMA QUINTA LIÇÃO

Alterações lexicas e syntacticas.—Archaismos e neologismos

1 — Já vimos que as linguas transformam-se no correr dos tempos não só na phonologia, mas tambem no lexico e na syntaxe.

Esta evolução já ficou claramente explicada.

As alterações, pois, podem ser phonicas, lexicas e syntacticas.

Alterações phonicas.— Já as estudamos.

Alterações lexicas.— Tambem já vimos nas lições passadas (29, etc.) quaes ellas são, e quaes as suas causas.

Alterações syntacticas.— O confronto dos exemplos com que quarteamos as lições 29, 33, 34 e 35 basta para fazer-nos sentir a differença de construcção nos diversos periodos de lingua.

> O *optimo* de todos
> direi somente *o* em que pararam estas cousas.
> determinou *de*
> O Castello de Santarem aos Mouros o *tolhy*.
> estamos *convicto* ou *convictos*
> as cousas que elles tinham *feitos*.
> morrer *á* fome, *de* fome
> até *á* casa, até casa, até *a* casa
> começou fazer, *de* fazer, *a* fazer
> en cas sa madre, en cas *de* sa madre
> *regadas* tinha as flores; *regado* tinha, etc.
> desde Março meado, desde o meado de Março

2 — Para o desenvolvimento da lingua e para o seu continuo evolucionar, muito concorrem duas forças conhecidas pelos nomes de *archaismos* e *neologismos*.

3 — *Archaismos*.— São palavras que se perdem na solução de continuidade, mas cujo desapparecimento, como nos seres organicos, concorre para o desenvolvimento da linguagem.

Acontece — diz Whitney — como nos seres organisados nos quaes a eliminação faz parte do desenvolvimento tanto quanto á assimilação.

As causas da morte das palavras podem-se reduzir a quatro:

1 Perda da idéa ou do objecto expresso pela palavra: — *algazil*, *escamel*, *behetria*, *bucellario*....

2 A synonymia, o neologismo: — *agro* (campo), *emprir* (encher), *lidimo* (legitimo), *punçante* (pungente),.....

3.º — O uso, a ignorancia dos escriptores, o pedantismo litterario: — *pelliceiro*, *empegar*, *medicinar*, *sorvar*,....

4.º — O dar-se á palavra, por transferencia, sentido obsceno, ou ser considerada — por effeito de idisyoncracia mental — termo vulgar, chulo: — *feder*, *tresandar*, *rabo*,...

Os archaismos podem ser:

Proprios, isto é, termos inteiramente mortos, e sem esperança de resurreição, a não ser em docs. historicos: — *bayanca*, *cabiscol*, *soforar*, *julgajul*, *bulhom*,....

A. de sentido. — São palavras que, conservando a fórma integral originaria, perderam certo e determinado sentido. Ex. — *fazenda* significando sentimento ou estado d'alma; *mesura* — generosidade, *torto* — injuria, damno, *arraial*, *aguadeiro*, *caldeira*, *esmolar*, *manhas*,....

> *Mesura* seria, senhor,
> de vos amercear de mi.
>
> *Canc. Vant.*
>
> Da minha senhor que eu servi
> sempre que mays c'ami amey,
> veed amigos que *tort*'ey.
>
> (Id).

A. flexionaes. — São as terminações verbaes *ades*, *edes*, *odes* (Sec. XIII, XIV), os participios em *udo* (Sec. XV), etc.

A. phonicos. — São innumeros — *abisso* abysmo, *boveda* abobada, *tredor* traidor.

A. orthographicos. — Constituem archaismos orthographicos o emprego de *om* p. ão, de *l* ou *ll* p. *lh* (*melor muller alleo*), de dous *f* iniciaes ou *r* medio (*ffalsas onrra*), etc.

A. syntaxicos. — Destes são mais importantes o emprego de certos verbos sem preposição: — *começar dar testimunho, entrou casa de, casou a filha de;* do gerundio precedido da prep. *em*, equivalente a — *no tempo em que*: — em sendo *abbadessa ouve um filho* (Liv. Linh.); certas inversões arrojadas, etc.

4. — Os *neologismos* são novos meios de exprimir o pensamento, e de enriquecer a lingua dando outrosim varias accepções a cada uma das palavras.

Formam-se da combinação dos proprios elementos, ou da importação grega, latina ou de qualquer outra lingua.

Os 1^os^ são *intrinsecos*, os 2^os^ — *extrinsecos*. D'estes assás nos temos occupado; d'aquelles basta ler o que escrevemos sobre os dous grandes processos de formação.

Temos ainda o que chamaremos — *neologismos por archaismos*, facto curioso no desenvolvimento das linguas, e que consiste no resurgir em epoca mais ou menos remota, de palavras condemnadas ao esquecimento. Entre as 128 palavras citadas por D. Nunes como antiquadas, figuram — *finado* p. morto, *sagaz*, *atroar*, *atavio*, *arrefecer*, *algures*.....; nas apontadas por F. Freire acham-se arroladas — *andrajo*, *adrede*, *passamento*, *sandice*, *bipede*, *bipartido*, *queixumes*, *delonga*, *derradeiro*, *pristino*, *vociferar*, *longiquo*, etc....

Os neologismos vicejaram em todas as epocas da vida;

mas a sua influencia mais se tornou manifesta no Sec. X, e accrescentada nos dous seguintes.

No sec. XV a fonte principal dos neologismos extrinsecos era o latim, no XVI — o francez, nos seguintes — o hespanhol, italiano e a influencia greco-latina.

« O archaismo vale principalmente como tradição litteraria, como correctivo ao neologismo, e, em summa, como material expressivo e representativo do espirito e da fórma das composições antigas. » [1]

As linguas estão sujeitas ás duas forças da *conservação* e *revolução*, de que nos falla Darmstater ; o neologismo será um dia archaismo, disse Littré.

---

[1] Lameira de Andrade — *These de concurso*. Vide mais F. Barreto, *id.* ; Pacheco Junior — *Gram. hist.*

QUADRAGESIMA SEXTA LIÇÃO

Syntaxe e estylo

1.— O estylo é « a feitura caracteristica, que dá ao dizer de cada um o modo especial, porque elle concebe, ordena e exprime os seus pensamentos. »

« Tudo o que se diz fallando ou escrevendo, consta de *pensamentos*, concebidos sob certas *fórmas* ou *figuras*, expressadas por *palavras*, ordenadas em *phrases*, e estas distribuidas em *clausulas*.

A syntaxe é, pois, o processo *geral*, e o estylo o processo *individual*.

2.— A estylistica é a arte de bem escrever; para o escriptor, a palavra é um symbolo que se modifica á força inventiva da imaginação, transformando-se numa verdadeira suggestão de imagens. [1])

E a perfeita comprehensão da natureza das palavras exige uma fórma qualquer figurativa. [2])

Este caracter extrema forçosamente a phraseologia *artistica* da phraseologia *grammatical*; a estylistica da syntaxe commum, sem todavia excluir as muitas modalidades de dependencia a que estão sujeitos os dous processos.

3.— Em geral, póde-se affirmar, ha sempre connexão estreita e fatal entre as producções litterarias e a indole especifica das linguas que lhes servem de instrumento. E' a correlação do *apparelho* e da *funcção*. E' força, pois,

---

[1]) Taine — *N. Essais de critique et d'histoire.*

[2]) Stricker *Du langage et de la musique.*

distinguir no estudo scientifico do estylo duas ordens de factores importantes: — a influencia do caracter e das normas tradicionaes da lingua, do meio sociologico sobre o escriptor, e da reacção por este exercida, tendente á producção de novos effeitos psychologicos, e á acquisição, para os seus trabalhos, do cunho de *originalidade*. No 1° caso a estylistica é *objectiva*, no 2° é *subjectiva*.

3.— Em seu periodo embryonario (Sec. XII-XIV) a estylistica portugueza é sinceramente objectiva. A pobreza do lexico e o cunho vocabular uniforme pelos effeitos phoneticos regionaes, a construcção da phrase simples indecisa na sua inversão, o agrupamento inconsciente do periodo, as formulas officiaes da *diplomatica* e da *agiologia*, a tyrannia da metrica convencional, — além de outras causas talvez —, imprimiram nos escriptos d'essa época uma feição caracteristica, singular, de homogeneidade total. E' rigorosamente uma litteratura anonyma, que, na prosa e na poesia — como se vê dos Cancioneiros e docs. recolhidos por Fr. F. de S. Boaventura —, a psychologia geral daquelles tempos via-se tolhida pela tradição, que impunha uma fórma monotypica.

4.— Todavia, esses documentos deram resultados, que já por si constituem perfeição de estylo, e de que se aproveitou a estylistica subjectiva. Foi o emprego de termos populares — que poupa a energia do leitor ou ouvinte, e o emprego de pouco crescido numero de vocabulos — que poupa o esforço mental.

E' o que Spencer denomina — *economia da attenção*, uma das modalidades do grande principio do *minimo esforço*, que, com a *emphase*, domina a maior parte dos factos da vida e evolução da linguagem.

Menina e moça me levaram de casa de meu pai pera longes terras: qual fosse então a causa d'aquella minha levada, era pequena não na soube. Agora não lhe ponho outra, senão parece havia de ser o que depois foi.

(Bern. Rib.)

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
de teus annos colhendo o doce fruito,
Naquelle engano de alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuitos,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome, que no peito escripto tinhas

(Camões.)

5.— Outra vantagem é o emprego dos termos concretos de preferencia aos abstractos, e d'ahi tambem o emprego dos tropos [1] e onomatopéas, que — materialisando as cousas abstractas — facilita a sua immediata comprehensão. Exemplos destes processos offerecem-nos os proloquios e annexins populares, cheios de vida e de energia.

Tirar *sardinha* com a *mão* do gato.
Não se pescam *trutas* a *bragas* enxutas.
Miguel, Miguel, não tens *abelhas* e vendes *mel*.

Já dizia Rodrigues Lobo (*Côrte na Aldeia*) « ha metaphoras e translações tão usadas e proprias, que parecem nascidas com a mesma lingua, que como adagios andam pegadas a ella. »

6.— Outro elemento do estylo objectivo são as onomatopéas, a principio directas, depois ostentando sem as palavras, só pela cadencia e som, a imagem que se pretende pintar. E as vozes onomatopaicas constituem grande riqueza da nossa lingua.

O louvar com cymbalos bem *retinintes*; o louvar com cymbalos de alegre *resonancia*. Tudo quanto tem folego, louve ao Senhor.

(*Psalmo* 150 - 5 - 6)

De terras e povos fazendo uma *dansa* vindo *cantando* com doce *harmonia* estas palavras de grande *alegria*, *vivamos cantando* com *tanta bonança*.

(J. B.— *Clarim*).

Os vastos campos, c'o *baque*, *longe*, e *roncos ribombaram*.

(F. Elysio.— *Ober*.)

---

[1] V. Lição 6.ª

Lhe embebe o ferro pela *aberta boca*
Na hastea, que os fere, os dentes *retiniram*
(Id. *G. Pun.*)

Brama e rebrama em échos o *estampido*,
Por *ôcas furnas, reboantes* brenhas,
Crêras que cada tronco *estala* e *escacha*
(Id.)

A plumbea pela mata, o brado espanta
Ferido o mar *retumba* e *assovia* [1]
(*Camões*)

escarcéos e escarceos, *rebentam, bramam,*
alvejam, troam: o intimo do abysmo
sobe á flôr, desce a espuma ao fundo inquieto
(Id.)

Rue a *raivosa rustica torrente*
(Bocage)

Secca a terra apparece, nella é tudo
Informe, e rude, e solitario, e mudo.
(Macedo)

Exemplo magnifico é este em que Camões descreve as cadenciadas e monotonas pancadas do pente e pedaes do tear:

Quando em face ao tear rojaes cantando
de cá lá, de lá cá, por entre os fios
do alvo ordume a lisa lançadeira,
E dos pedaes ao compassado toque
O pente acode, e vos condensa o panno.

7.—*Alliteração* e *assonancia*—A alliteração é instinctiva e popular; della encontramos exemplos nos primeiros docs. da lingua.

cheguei chegar
(C. Vat.)

disse-m'a mi meu amigo
(Id.)

são e salvo, feio e forte, berliques e berloques:
Padre Santo san Gião
Que *vem* e *vae* com os que *vão*
(G. Vic.)

E' mui frequente a alliteração dos nomes proprios nas canções antigas:—*Martim Morxa*, *Lopo Lecas,* etc. (C. Vat.).

---

[1] V. Alliteração, id.

São exemplos de *assonancia* :

a *Sevilha* el rey *servir* (*C. Vat.*)
domar *potros* porém *poucos*
Não levantes *lebre* que outro *leve*
Si não fores *casto* sê *cauto*
Cesteiro que faz um *cesto* faz um *cento*

8.— Elemento tambem objectivo do estylo é a tendencia sempre crescente para a construcção analytica (Secs. XVIII - XIX), que nos poupa fadiga mental, mas nem sempre se presta aos effeitos estheticos.

9 — Não nos demoraremos nas qualidades essenciaes das palavras, das phrases e clausulas.

As palavras devem ser vernaculas, ter por fiadores os que bem escrevem e fallam a lingua, ser empregadas com *propriedade*, *clareza* e *conveniencia* (relativamente á contextura do assumpto — elevadas, familiares, communs plebéas ou chulas).

São qualidades essenciaes das phrases e clausulas — a *correcção, pureza,* isto é, que na combinação das partes e arranjo geral sigam o genio da lingua ou uso dos melhores escriptores [1] ; *clareza* (e para isso é mister, além de vocabulos nitidos e bem cabidos, claros, e syntaxe correcta — *precisão*, *ordem* [2] , *unidade*), *emphase*, *harmonia*.

Estudo necessario para que se forme o estylo é tambem, alem do vocabulario completo, e syntaxe correcta, a da synonymia, e a leitura joeirada dos classicos antigos e modernos.

10 — O estylo classifica-se, quanto ao desenvolvimento dos pensamentos e expressão, em — *conciso, preciso, desenvolvido, prolixo*.

Quanto á qualidade e gráo de ornato, em *simples, temperado* e *sublime*.

---

[1] V. Barbarismos.

[2] Criteriosa transposição, boa collocação dos adverbios, de orações incidentes, complementos circumstanciaes e casos continuados.

O estylo *simples* subdivide-se em simples, natural (que á simplicidade da expressão, junta a dos pensamentos), familiar. E' o estylo preferido nos livros didacticos, de narrativas vulgares, etc...

Estylo simples.— E' doutrina certa entre os antigos grammaticos e rhetoricos, assim gregos como latinos, que a principalissima qualidade, que deve ter qualquer escriptor, é a pureza da linguagem em que escreve. Sem propriedade no fallar perde muito qualquer obra litteraria d'aquelle solido merecimento, que depende não do juizo do povo ignorante, mas da sentença da critica judiciosa. Esta propriedade consiste em usar d'aquelles vocabulos, d'aquellas phrases e idiotismos, que constituem o distinctivo e indole legitima do idioma em que se escreve.

(J. FREIRE — *Reflexões sobre a lingua portugueza.*)

Estylo natural — Quando ás vezes ponho diante dos olhos os muitos e grandes trabalhos e infortunios, que por mim passaram, começados no principio da minha primeira idade, e continuados pela maior parte e melhor tempo da minha vida; acho que com muita razão me posso queixar da ventura, que parece que tomou por particular tenção e empreza sua, perseguir-me e maltratar-me, como se isso lhe houvera de ser materia de grande nome e gloria; porque vejo que não contente de me pôr na minha patria, logo no começo da minha mocidade, em tal estado que n'elle vivi sempre em miserias e em pobreza, e não sem alguns sobresaltos e perigos de vida, me quiz tambem levar ás partes da India, onde em lugar de remedio que eu ia buscar a ellas, me foram crescendo com a idade os trabalhos e os perigos.

(FERNÃO MENDES PINTO — *Peregrinação* .)

A naturalidade não póde vir desacompanhada de talento, de imaginação, e grande sensibilidade. Si assim não fôr cahe na puerilidade e chateza.

Estylo familiar.— Ha outros (proseguiu Leonardo) que nem com isso se contentam ; e andam buscando palavras mui exquisitas, que por termos mui escuros significam o que querem dizer. Como um que se queixava da sua dama, que, de ciosa, *andava inquirindo os escrutinios do seu pensamento.* E outro a um barbeiro disse, que *lhe rubricára a parede com a sangria.*

(F. R. LOBO — *Côrte na Aldêa.*)

O genero *temperado* divide-se em estylo *apurado*, *elegante*, *espirituoso*.

O estylo apurado mais se eleva pela propriedade e bom cunho das palavras, pela sua correcta e elegante collocação, do que pelo excesso de colorido, de ornatos, etc.

De muitos Santos lêmos, que o começaram a ser ainda no berço. Assim madrugou neste menino a inclinação ás cousas da Religião e da Igreja. Inda não tinha idade para entender e discernir, já assistia a uma missa com tanto siso, e com tanta quietação, que dava que fallar aos que o viam, mostrando na applicação, que não ignorava de todo o que alli via e ouvia.

(SOUZA — *V. do Arcb.*)

O estylo *elegante* é o que mais apresenta a phrase rendilhada, colorida, o periodo boleado, harmonico, etc. Quando o assumpto não comporta o peso dos ornatos, por muito ricos para o caso, ou muito multiplicados, o estylo degenera, e longe de ser belleza é um defeito.

A aurora é o riso do céo, a alegria dos campos, a respiração das flôres, a harmonia das aves, a vida e alento do mundo. Começa a sahir e a crescer o sol, eis o gesto do mundo e a composição da mesma natureza toda mudada; o céo accende-se; os campos seccam-se; as flôres murcham-se; as aves emmudecem; os animaes buscam as covas; os homens as sombras. E se Deus não cortára a carreira ao sol, fervera e abrazára-se a terra, arderam as plantas, seccaram-se os rios, sumiram-se as fontes; e foram verdadeiros e não fabulosos os incendios de Phaetonte.

(VIEIRA — I, 251).

O estylo *espirituoso* (faceto, etc. [1]), em que o escriptor deve sempre conservar delicadeza e finura do sentimento, para que o sal attico não degenere em sal de cozinha.

Fossem lá á rainha Anna que deixasse entrar no seu gabinete quatro calças de couro sem creação nem instrucção, e não mais senão só porque este sabia jogar nos fundos, aquelle tinha boas tretas para o *canvassing* (manejo) de umas eleições, o outro era figura importante no *Freemasson's-hall!* (loja maçonica).

Já se vê que em nada d'isto ha a minima allusão ao felíz systema que nos rege: estou fallando de modestia, e nós vivemos em Portugal.

(GARRET — *Viagens na minha terra.*)

O estylo temperado é o estylo proprio do sentimento, é o mais empregado em poesia, historia, romance.

[1] Os antigos diziam faceto, *jocoso*, etc.: com a morte da velha chalaça portugueza — introduziu-se o *espirito*, e mais moderadamente o *humour* e o estylo *humoristico*, etc.

O *energico*. Exige talento, gosto, e estudo, porque muito depende do bom cabimento do termo, que vá immediatamente gravar a idéa no pensamento. E para isso são tambem precisos o jogo delicado das antitheses, e a concisão, a graciosa e emphatica brevidade.

Eu vos mando, filho, com esse soccorro a Diu, que pelos avisos que tenho, hoje estará cercado de multidão de Turcos; pelo que toca a vossa pessoa, não fico com cuidado, porque por cada pedra daquella fortaleza arriscarei um filho. Encommendo-vos que tenhaes lembranças daquelles, de quem vindes, que para a linhagem são vossos avós, e para as obras são vossos exemplos; fazei por merecer o appellido que herdastes, acordando-vos que o nascimento em todos é igual, as obras fazem os homens differentes; e lembro-vos que o que víer mais honrado, esse será meu filho. Esta é a bençam que nos deixaram nossos maiores; morrer gloriosamente pela lei, pelo rei, e pela patria. Eu vos ponho no caminho da honra; em vós está agora oganhal-a.

(J. FREIRE — *Vida de D. João de Castro.*)

O *vehemente* — é o irrumpir de um vulcão, cujas materias incandescentes recalcara por tempo dilatado. Mil idéas atravessam ao mesmo tempo o cerebro do orador, dominam-lhe o sentimento, — a paixão, a ira, etc.; e d'ahi essas phrases desligadas, o apostrophe, a interrogação e exclamação, a prosopopéa, a repetição, a ellipse, a metaphora, etc...

Crescerá com a nossa paciencia o seu atrevimento. Depois de commettido o maior delicto, qual não terão por leve? Quem duvidará ser offensor onde se não vingam injurias? Acabemos pois de despertar d'este mortal lethargo; mettamos até aos cotovellos os braços no sangue d'estes crueis tyrannos; n'este veneno banhemos os alfanges; porque percam com as vidas a gloria de tão grandes insultos.

(J. FRIERE — *Vida de D. João de Castro.*)

No estylo *magnifico* ou *sublime* a pompa das imagens, a louçania das palavras, a elevação dos pensamentos, a pujança das figuras em criterioso dominio, a harmonia do tecido da phrase e da contextura do periodo, eis o que constitue este estylo, de que é excellente exemplo o trecho de Herculano citado a pgs. 495.

11 — « Todas estas classificações são boas debaixo do ponto de vista a que olham; mas insufficientes para cara-

cterisar todos os estylos. Dous ou mais escriptores escrevem, por exemplo, em estylo simples e conciso, e todavia não deixa cada um d'elles de ter um estylo tão individual como a sua physionomia. Serão simples e concisos; mas um será obscuro, outro claro; um profundo outro superficial; um original, outro vulgar, etc. Assim designar o estylo de cada um delles pelas qualificações de simples e conciso não é caracterisar-lhes o estylo; porque não é indicar a feição caracteristica, que distingue esse escriptor d'outro tambem simples e conciso.»

12 — Os estylos litterarios são pois muitos; mas no portuguez podemos perfeitamente distinguir tres categorias que bem espelham as transições.

1°. — O estylo *classico*, creado no sec. XVI artificialmente pela cultura latina.

2°.— O estylo *gongorico,* caracterisado pelas turgidas metaphoras, empolado da phrase, antitheses desvairadas, hyperboles disparatadas, pelo fraldoso arrastar da phrase, etc...

« Não o nascer se não o nascer sabiamente, é o que faz viver para todos: a sabedoria do nascimento dá universalidade á vida, bem é universal o que é sciente, que as sciencias tratão de universaes, e quem nasce entre sabios, por isso mesmo nasce sabiamente. »

. . . .

« Affonso e Beatriz gerão em Pedro sua imagem, e semelhança, Pedro o é de seus pais; este foi ditoso em que teve pais, de que mereceu ser filho, aquelles em ter um filho, de que mereceram ser pais: de um, e outro é a felicidade, e a sorte, dos pais, porque se representam em tão bom filho, do filho, porque é imagem de seus pais.»

(Fr. H. de Noronha *Exemplar Poetico*) 1623.

Donde começarei? Briareu eburno
De cem braços de plectros, de um custodio
Virrei te doto; abre em Dorio turno
As pestanas, vê o Sol deste episodio;
Vossa Excellencia é o Sol; pelo coturno
O abração tantos braços: eu neste odio
Rasgo para cantar, e as cordas plenas
Dizendo vão Menezes, e Mecenas.

F. J. da Costa (O *Imeneu dos Menezes e Castro*) 1740.

3.— O estylo *contemporaneo*, que influenciado pela escola romantica, afastou-se do classico no arrevesado da phrase, nos periodos estirados, nas inversões á latina, etc. Esta escola foi iniciada em Portugal por A. Herculano, Garrett, Castilhos, Rebello da Silva, Latino Coelho, Mendes Leal, Castello Branco,... e tem produzido em prosa e verso uma serie de escriptores de mui subido merito.

Entre nós são escriptores correctissimos J. M. Velho da Silva, Carlos de Laet, Aureliano Pimentel, B. de Paranapiacaba, Machado de Assis, Luiz de Castro, Muniz Barreto, José Banifacio, Bellegarde,......

13 — A estylistica teve pois a sua evolução.

No fim do Sec. XIV é que apparece pela primeira vez um exemplo concreto, na rude descripção da batalha do Salado; no XVI Sá de Miranda influencia no meio objectivo pela cópia de seus dizeres populares, ao passo que, ao envez, o objectivo influe em A. Ferreira pela tradição da autoridade classica.

No declinar desse seculo começa a prosa abstracta; mas o estylo affectado e campanudo dos seiscentistas afeia os escriptos.

No Sec. XVII nota-se a influencia hespanhola, do que nos dá prova sobeja o estylo de Rod. Lobo, sem individualidade, todo de convenção. D. Francisco M. de Mello subordina a sua individualidade ao que elle chama *resuscitar o grave estylo de nossos antepassados*; Fr. Luiz de Souza e Freire de Andrade escrevem adstrictos a uma rhetorica convencional: Bocage dá ao estylo mais harmonia pela *continuidade dos epithetos regularmente repetidos*— diz o Sr. Th. Braga—; Filinto Elysio— é o grande artista das riquezas da construcção portugueza.

« .... a velha querela de purismo
« e peregrinismo phraseologico deixa de ter razão de ser e
« se resolve numa verdadeira logomachia, que só apraz
« intelligencias ociosas e vasias de doutrina.

« Que um escriptor original contemporaneo, influenciado
« por um meio physico social particular, deva vasar seus
« pensamentos e suas emoções conforme os modelos de um
« convencionalismo classico e de certa bitola academica
« (sempre apoiada na rotina da imitação, e procurando
« mais o figurativo do que o expressivo), isto, affirmamol-o,

« é uma exigencia que só póde partir de uma critica er-
« ronea ou apaixonada.

« Neste caso estão os frequentes reparos que os criticos
« de Portugal fazem de certas differenciações do fallar e
« escrever brazileiro, onde o que mais se lamenta é a
« nossa indocilidade para com « a tyrannia de Lobato ».

« Mas é claro que, por exemplo, José de Alencar não
« poderia, sem maximo ridiculo, escrever a sua bellissima
« *Iracema* na feição pesada e grossa do quinhentismo clas-
« sico, que tão de perto trescala ao fragmento da *Cava* e
« á canção de *Guesto Ansures*.

« As pequenas modificações synthaxicas (que outras não
« são), com que variamos e originalisamos a lingua de
« nossos maiores, tem em seu favor, além das causas na-
« turaes que a sciencia descobre e aponta, a vantagem de
« uma suavidade maior em varios sentidos. » [1]

E' pelo estylo — diz Taine — que se julga um autor: o estylo representa o que no homem ha de verdadeiro e predominante.

---

[1] L. de Andrade — *These de concurso.*

INDICE

CORRIGENDA

PAGS.

4— linha 4ª— em vez de *sentido* lêa-se *estudo*.
7— 16 e 17— *lexycologia* — *lexicologia*.
11— 30 a 32— lêa-se... (que comprehende as cordas vocaes), as fossas nasaes, e finalmente a boca (lingua, labios, dentes).
15— 9 — *tachygrapho* — *tachygraphico*.
24— 6 — *exemolo* — *exemplo*.
26— 7 — *herametros* — *hexametros*.
59 L. 15 — em vez de AMAR, *porem, é o thema especial*, lêa-se AMAV....
62 » 15 — *spect*, lêa-se *spec*.
64 » 18 — *ás abstractos*, loa-se *aos abstractos*.
64 » 28 — *metonymico*, lêa-se *metonymia*.
64 » 28 — *metalefre*, lêa-se *metalepse*.
66 » 18 — *estabelecidos, no Rio de Janeiro*, — *estabelecidos no Rio de Janeiro*.
68 » 18 — *aluga*, lêa-se *alugavá*.
127 » 9 — *sanat Sé*, lêa-se *Santa Sé*.

185	25	entilha	lentilha
—	27	*colo*	*eolo*
188	36	invenior	iuvenior
203	8	idoisincracia	idiosyncracia
209	4	só conservou	não conservou
—	7	evitar	evitarem
216	23	*faredes*	*facedes*

PAGS.			
217	5	*daces*	*daaes*
—	10	*ão, om on*	*aõ=om, on*
218	5	2ª p. do plural	2ªs p. do sing. e plural
—	9	*o*	*õ*
219	10	*tra-rei*	*trar-ei*
226	21	edudita	erudita
230	1	desvivação	desviação

Mais — Nas pags. 214 e 215 (tabella das flexões verbaes), 4ª observação, lêa-se *têm*-i em vez de *tem*-ei. Na etymologia explica-se esta formação No *perfeito*, 2ª conj. 2ª pess. sing.— *ou*, (por *an*), *u*, *u* em vez de *ou*, *eu*, *iu*. No pres. do Ind. 3ª conj. 2ª pess. plural a flexão e *is* tambem; mais o *i* da fllexão fundiu-se com o do radical, dando em resultado tornar-se tonica a syllaba final (*partis*=*parti*-is). Na 6ª observação em vez de — os da 3ª mudam o *e* em *i* — lêa-se— o *i* em *e*; mudança que teve por fim differenciar graphicamente as pessoas do Imperativo (*parte parti*)

Na pag. 245 supprimam-se as linhas 19 a 23, por excusadas.